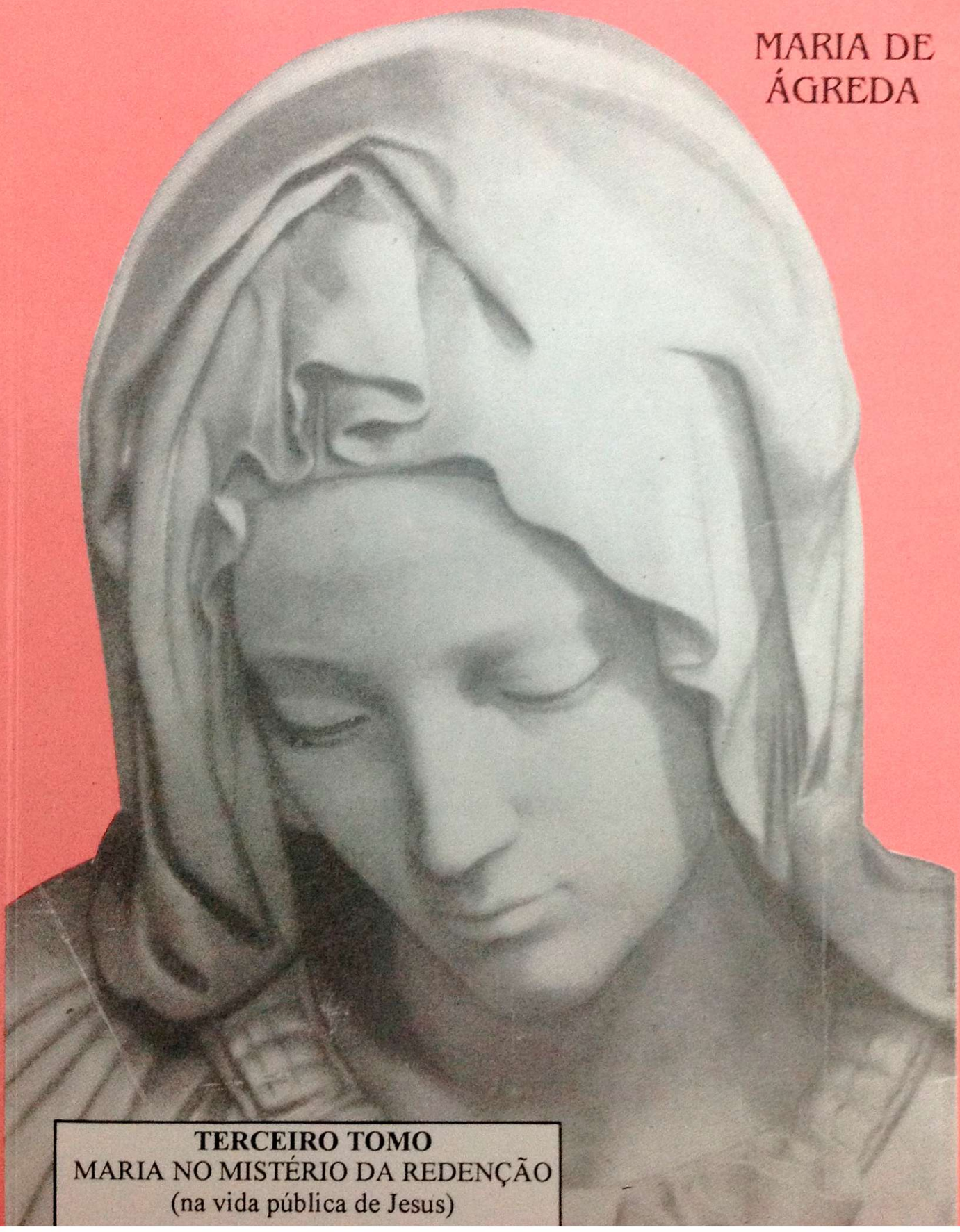
MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MARIA DE ÁGREDA



TERCEIRO TOMO
MARIA NO MISTÉRIO DA REDENÇÃO
(na vida pública de Jesus)

5º LIVRO
Maria, primeira discípula de Cristo

714. Determinou o Altíssimo que a divina Senhora fosse a primeira discípula de sua escola, a primogênita da nova lei da graça, o retrato fiel de sua idéia, a matéria dócil, a cera branda onde se imprimisse a marca de sua doutrina e santidade. Filho e Mãe seriam as duas tábuas **(Ex 31,18)** verdadeiras da nova lei que vinha ensinar ao mundo.

6º LIVRO
Últimas recomendações de Jesus

1505. Meus amados filhos, Eu subo para o Pai de cujo seio desci para salvar e redimir os homens. Por amparo, mãe, consoladora e advogada, vos deixo em meu lugar a minha Mãe, a quem deveis ouvir e obedecer em tudo. Assim como tenho dito que, quem vê a Mim vê a meu Pai **(Jo 14,9)**, e quem me conhece, conhecerá a Ele também; agora vos asseguro que, quem conhecer minha Mãe, conhecerá a Mim; ofender-me-á quem a Ela ofender, e me honrará, quem a Ela honrar. Todos vós, e vossos sucessores, a tereis por mãe, superior e chefe. Ela esclarecerá vossas dúvidas e resolverá vossas dificuldades; n`Ela me encontrareis sempre que me procurardes, porque n`Ela estarei até o fim do mundo.

Pedidos ao:
MOSTEIRO PORTACELI
Caixa Postal, 595
84001-970 - Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Impressão e Acabamento:
Gráfica Lagoa Dourada
Av. Monteiro Lobato, 1265 - Jardim Carvalho
e-mail: graficalagoa@uol.com.br - Fone/Fax: (42) 3223-8259
Ponta Grossa - Paraná

Registro: 284.420 Livro: 514 Folha: 80 da Fundação BIBLIOTECA NACIONAL/RJ
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central - UEPG/Pr.

A277 Ágreda, Soror Maria de
Mística cidade de Deus (Obra clássica do séc.XVII) : 1655-1660./Soror Maria de Ágreda; tradução de Irmã Edwiges Caleffi. 2.ed. Ponta Grossa, Mosteiro Portaceli, 2000.
4v. il.

Conteúdo : v. 1. Maria no Mistério da Criação. v. 2. Maria no Mistério de Cristo. v.3. Maria no Mistério da Redenção. v.4 Maria no Mistério da Igreja.

1- Religião. 2- Maria - mãe de Jesus. 3- Maria - Mistérios.

CDD : 232.91

Direitos reservados ao Mosteiro Portaceli

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

SOROR MARIA DE ÁGREDA

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

(Obra clássica do séc. XVII)
1655 - 1660

VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS

TERCEIRO TOMO
4ª Edição

Maria no Mistério da Redenção
(na vida pública de Jesus)

Edição brasileira em 4 Tomos

Tradução de Irmã Edwiges Caleffi
da Ordem da Imaculada Conceição

Mosteiro Portaceli
Ano 2012

MISTICA

Ciudad de Dios. Milagro de su Ommpotencia y abismo de la gracia

HISTORIA DIVINA,

y Vida de la Virgen Madre de Dios, Reyna, y Señora nuestra MARIA Santissima Restauradora, de la culpa de Eua, y medianera de la gracia

Dictada, y manifestada en estos vltimos Siglos por la misma Señora a su Esclaua Sor MARIA de IESVS, Abadesa indigna de este Conuento de la Immaculada Concepcion de la Villa de Agreda, para nueua luz del Mundo, alegria de la Yglesia Catolica y confianza de los mortales

Primera Parte

Primeira página do manuscrito original, até hoje conservado no Mosteiro Concepcionista de Ágreda - Espanha.

MÍSTICA CIDADE DE DEUS

MILAGRE DE SUA ONIPOTÊNCIA E ABISMO DA GRAÇA.

HISTÓRIA DIVINA E VIDA DA VIRGEM MÃE DE DEUS, RAINHA E SENHORA NOSSA **MARIA SANTÍSSIMA** RESTAURADORA DA CULPA DE EVA E MEDIANEIRA DA GRAÇA.

Ditada e manifestada nestes últimos séculos pela mesma Senhora à sua escrava **Soror Maria de Jesus**, humilde Abadessa deste Convento da Imaculada Conceição da Vila de Ágreda, para nova luz do mundo, alegria da Igreja Católica e confiança dos mortais.

Ilustrações:
desenhos das Irmãs Servas do Espírito Santo,
extraídas da edição alemã, 1954.
Outras gravuras e fotos.

Capa:
Nossa Senhora da Piedade
por Michelângelo.

Imprimatur.
13.05.94
+ Murilo Sr Krieger, sj
Bispo de Ponta Grossa

Agradecimentos da Tradutora:
- às minhas co-irmãs que colaboraram na impressão deste 3º Tomo,
com sua fraterna e dedicada laboriosidade.
- aos estimados amigos Paulo Schiniegoski e sua esposa Verônica
que transcreveram os originais em computador e forneceram
o disquete, e a todos quantos, de qualquer modo, colaboraram,
e cujos nomes estão escritos no livro de Deus.

Direitos reservados ao Mosteiro Portaceli
Av. Gal. Carlos Cavalcanti, s/nº - Caixa Postal 595
CEP 84001-970 - Ponta Grossa - PR - Brasil

Venerável Madre Maria de Jesus de Ágreda

QUINTO LIVRO

CONTÉM: A perfeição com que Maria Santíssima copiava e imitava as operações da alma de seu Filho amantíssimo. Como Ele a informava sobre a lei da graça, artigos da fé, sacramentos e dez mandamentos. A prontidão e perfeição com que a Virgem tudo praticava. A morte de São José. A pregação de São João Batista. O jejum e batismo de nosso Redentor. A vocação dos primeiros discípulos e o batismo da Virgem Maria Senhora Nossa.

CAPÍTULO 1

EM NAZARÉ, O SENHOR PREPARA MARIA SANTÍSSIMA COM SOFRIMENTO ESPIRITUAL. OBJETIVO DESSAS PROVAÇÕES.

Convivência entre Jesus e Maria.

712. Estabelecidos em Nazaré, Jesus, Maria e José fizeram da humilde casa em que moravam um outro céu.

Para descrever os mistérios que se passaram entre o Menino Deus e sua Mãe puríssima, até Jesus completar doze anos, e depois ao começar sua pregação, seriam necessários muitos livros e capítulos. Ainda seria pouco, pela inefável grandeza do assunto e pela minha pequenez de mulher ignorante.Com a luz que me deu esta grande Senhora, direi um pouco, e sempre ficará oculto o mais que se poderia dizer. Nesta vida, não é possível nem conveniente conhecer tudo, ficando reservado para a futura que esperamos.

Maria, perfeita discípula de Cristo.

713. Após alguns dias da volta do Egito a Nazaré, determinou o Senhor exercitar sua Mãe Santíssima, do modo que o fez em sua infância [1], ainda que agora Ela estava mais forte no amor e na plenitude da sabedoria. Sendo infinito o poder de Deus, imensa a matéria de seu divino amor, e a capacidade da Rainha superior a todas as criaturas, ordenou o Senhor elevá-la a mais alto estado de méritos e santidade.

Verdadeiro mestre do espírito, quis formar uma discípula tão sábia e excelente, que depois fosse mestra consumada e vivo exemplar da doutrina de seu Mestre. Assim o foi Maria Santíssima depois da Ascensão de seu Filho e Senhor nosso ao céu, conforme se tratará na terceira parte [2]. Era também conveniente e necessário, para a honra de Cristo nosso Redentor, que a doutrina evangélica, com e na qual seria fundada a nova lei da graça, tão santa sem mácula e sem ruga **(Ef 5, 27)**, ficasse autorizada em sua eficácia e virtude.

Deveria existir alguma pura criatura, nela formada cabalmente, e em quem se encontrassem seus frutos de modo perfeito. Em seu gênero, seria o modelo para as demais criaturas seguir e imitar. Era razoável que esta criatura fosse a bem-aventurada Maria, por ser a mais próxima do Mestre e Senhor da santidade, sua própria Mãe.

Maria, primeira discípula de Cristo

714. Determinou o Altíssimo que a divina Senhora fosse a primeira discípula de sua escola, a primogênita da nova lei da graça, o retrato fiel de sua idéia, a matéria dócil, a cera branda onde se imprimisse a marca de sua doutrina e santidade. Filho e Mãe seriam as duas tábuas **(Ex 31, 18)** verdadeiras da nova lei que

1 - está descrito no 2º livro, capítulo 27.

2 - nº 106, 183, 209.

vinha ensinar ao mundo.

Para conseguir este altíssimo fim, previsto pela divina sabedoria, manifestou-lhe todos os mistérios da lei evangélica e sua doutrina. Tudo tratou e conferiu com Ela, desde que voltaram do Egito até que o Redentor do mundo começou sua pregação, como adiante veremos.

Nestes ocultos sacramentos, empregaram o Verbo humanado e sua Mãe Santíssima, os vinte três anos que passaram em Nazaré, antes da pregação. Como tudo isto referia-se à divina Mãe, cuja vida os Evangelistas não escreveram, também o passaram em silêncio. São Lucas narra apenas o que sucedeu quando Jesus, aos 12 anos, ficou em Jerusalém sem conhecimento dos pais **(Lc 2, 42),** e vou escrever adiante [3].

Durante todo este tempo, Maria Santíssima foi a única discípula de seu Filho Unigênito. Além dos inefáveis dons de santidade e graça que até aquela hora lhe havia comunicado, infundiu-lhe nova luz e a fez participante de sua divina ciência. N'Ela depositou, gravando em seu coração, toda a lei da graça e doutrina que até o fim do mundo seria ensinada em sua Igreja. Tudo se realizou por modo tão elevado, que não se pode explicar com raciocínios e palavras. Ficou a grande Senhora tão douta e sábia, que seu magistério bastaria para instruir muitos mundos, se os houvera.

Deus oculta-se ao interior de Maria.

715. Para levantar no coração puríssimo de sua Mãe Santíssima este edifício, cuja altura ultrapassava tudo o que não era Deus, o mesmo Senhor lançou-lhe os fundamentos, provando-a na fortaleza do amor e de todas as virtudes.

Para este fim, ausentou-se interiormente, retirando-lhe aquela visão de costume que lhe produzia contínuo júbilo e gozo espiritual. Não digo que o Senhor a deixou, porém, estando com Ela e n'Ela por inefável modo e graça, ocultou-se à sua vista interior e suspendeu os efeitos suavíssimos que essa visão lhe produzia, ignorando a Senhora o modo e a causa de tal mudança, pois Deus nada lhe manifestou.

Além disso, o Menino Deus, sem nada lhe explicar, mostrou-se mais sério do que costumava, e ficava menos em sua companhia. Retirava-se muitas vezes a sós e lhe dirigia poucas palavras, com grande sisudez e majestade.

O que mais a afligiu foi ver eclipsar-se aquele sol que se refletia no cristalino espelho da humanidade santíssima e no qual via as operações de sua alma. Agora, já não as podia ver, para ir copiando aquela viva imagem, como fazia antes.

Receios de Maria

716. Esta novidade, sem ser preparada por qualquer aviso, foi o crisol em que o ouro puríssimo do santo amor de nossa Rainha renovou-se e cresceu em quilates.

Admirada do que, sem ser prevenida, lhe acontecia, logo recorreu ao humilde conceito que tinha de Si, julgando-se indigna da visão que o Senhor lhe havia concedido. Tudo atribuiu à ingratidão e pouca correspondência que teria dado ao Altíssimo e Pai das misericórdias, em retribuição dos benefícios que recebera de sua generosidade.

Não sentia a prudentíssima Rainha que lhe faltassem os carinhos ordinários do Senhor, mas o receio de o ter desgostado, ou de haver cometido alguma falta em seu serviço e prazer, traspassava-lhe o candidíssimo coração com uma flecha de dor.

Não sabe pensar de outro modo o verdadeiro e nobre amor. Dedica-se todo

3 - nº 747.

ao gosto e bem do amado, e quando o imagina sem este gosto, ou receia que o descontentou, não sabe descansar fora do agrado e satisfação do amado.

Estas amorosas angústias da divina Mãe eram de suma complacência para seu Filho santíssimo que se enamorava sempre mais de sua única e dileta, cujos ternos afetos lhe feriam o coração **(Cant 4, 9)**. Não obstante com amoroso artifício, quando a doce Mãe o procurava **(Cant 3, 1)** e lhe queria falar, mostrava-se sempre severo e esquivo. Este misterioso retraimento fazia o incêndio do castíssimo coração da Mãe levantar a chama, como a labareda da fogueira reagindo ao frio do orvalho.

Virtudes de Maria

717. A cândida pomba fazia heróicos atos de todas as virtudes: humilhava-se mais que o pó; venerava seu Filho Santíssimo com profunda adoração; bendizia ao Pai e lhe dava graças por suas admiráveis obras e benefícios, conformando-se com sua divina disposição e beneplácito; procurava conhecer sua vontade santa e perfeita para cumpri-la em tudo; abrasava-se no amor, fé e esperança.

Em todos estes atos, aquele nardo fragantíssimo exalava suave perfume para o Rei dos reis **(Cant 1, 11)** que descansava no coração de Maria santíssima, como em seu tálamo florido e perfumado **(Cant 1,16)**. Ela persistia em contínuas súplicas, com gemidos e repetidos suspiros do íntimo do coração. Derramava sua oração na presença do Senhor, e expunha sua tribulação ante o divino acatamento **(Sl 141,3)**. Muitas vezes, vocalmente, lhe dizia palavras de incomparável meiguice e amorosa dor.

Desolação de Maria

718. Dizia: Criador de todo o universo, Deus eterno e poderoso, infinito em sabedoria e bondade, incompreensível no ser e perfeição: sei que meu gemido não se esconde à vossa sabedoria **(Sl 37,10)** e conheceis, bem meu, a ferida que traspassa meu coração.

Se, como inútil serva faltei a vosso serviço e gosto, porque, vida de minha alma, não me afligis e castigais com todas as dores e penas da vida mortal em que encontro, em vez de me mostrardes vossa face com a severidade merecida por quem vos ofendeu? Quaisquer outros sofrimentos seriam menos penosos para mim. Meu coração, porém, não pode suportar vervos contristado, porque só vós, Senhor, sois minha vida, meu bem, minha glória e meu tesouro.

De tudo o que criastes **(Sl 72, 25)**, meu coração estima e minha alma guarda a lembrança, só para enaltecer vossa grandeza e vos reconhecer por Senhor, e Criador de tudo. Que farei então, meu bem e meu Senhor, se me falta a luz de meus olhos **(Sl 37, 11)**, o alvo de meus desejos, o norte de minha peregrinação, a vida que me dá existência, e o ser que me alimenta e sustenta? Quem abrirá fontes em meus olhos **(Jer 9, 1)**, para chorarem o não me haver aproveitado de tantos bens recebidos, e de ter sido tão ingrata na retribuição que devia?

Senhor meu, minha luz, meu guia, meu caminho e meu mestre, que com vossas obras excelentes e perfeitíssimas governais as minhas, frágeis e tíbias: se me escondeis este modelo, como regularei minha vida a vosso gosto? Quem me conduzirá com segurança neste obscuro desterro? Que farei? A quem irei se me recusais vosso amparo?

Diálogo com os Anjos

719. Com este desabafo ainda não descansava a serva ferida, mas sedenta **(Sl 41, 2)** das fontes puríssimas da graça, dirigia-se também aos seus santos anjos, tendo com eles prolongados colóquios.

Dizia-lhes: Príncipes soberanos, íntimos cortesãos do supremo Rei, amigos seus e custódios meus, peço-vos pela vossa segura felicidade de estar sempre contemplando seu divino rosto **(Mt 18,10)** na luz inacessível **(Job 10, 9)**: dizei-me a razão de seu desgosto, caso a tenha. Clamai por mim em sua real presença, para que por vossos rogos me perdoe, se por ventura o ofendi.

Lembrai-vos, amigos, que sou pó **(Job 10, 9)**, ainda que formada por suas mãos e marcada por sua imagem: que Ele não se esqueça para sempre desta pobre **(Sl 73, 19)**, pois humildemente o confessa e enaltece. Pedi que dê alento a meu temor, e vida a quem não a tem fora de seu amor. Dizei-me de que modo, e com que lhe darei gosto e poderei merecer a alegria de sua face.

Responderam-lhe os anjos: Rainha e Senhora nossa, grande é vosso coração para não se deixar vencer pela tribulação **(Sl 4, 2)**, e ninguém como vós tem certeza de quão perto se encontra o Senhor do aflito que o chama **(Sl 90, 15)**. Sem dúvida, está atento a vosso afeto e não despreza vossos amorosos gemidos **(Sl 37, 10)**. Sempre o achareis como piedoso Pai, e a vosso Unigênito, como afetuoso filho aceitando vossas lágrimas.

Será, porventura, atrevimento - replicava a amorosa Mãe - ir à sua presença? Será muita ousadia pedir-lhe, prostrada, que me perdoe, se o desgostei com alguma falta? Que farei? Que remédio acharei para meus receios? Não desagrada a vosso Rei - respondiam os santos príncipes - o coração humilde **(Sl 50, 19)**; nele descansa seu olhar de amor **(Sl 101, 18)** e nunca se desgosta com os clamores de quem tudo faz com amor.

Deus se compraz no amor de sua Mãe

720. Os santos anjos entretinham e consolavam sua Rainha e Senhora com estas respostas de sentido vago, expressando o singular amor e agrado do Altíssimo por suas afetuosas tristezas. Não lhe davam maiores explicações, porque o mesmo Senhor queria nela ter suas delícias **(Prov 8, 31)**.

Sendo verdadeiro homem, seu Filho santíssimo, chegava a enternecer-se pela natural compaixão de a ver tão aflita e chorosa. Era o efeito do natural amor que lhe dedicava como a Mãe, unicamente, sem Pai. Apesar disso, escondia a compaixão sob a seriedade do semblante. Às vezes, quando a amantíssima Senhora o chamava para a refeição, demorava-se, ou ia sem a olhar nem lhe dizer palavras.

Nestas ocasiões, a grande Senhora derramava muitas lágrimas e representava a seu Filho santíssimo as amorosas angústias de seu coração. Procedia, porém, com tanta medida e peso, com atos de tanta prudência e sabedoria que, se Deus pudesse se admirar (como é certo que não pode), ficaria encantado por encontrar numa pura criatura tal plenitude de santidade e perfeição.

O infante Jesus, enquanto homem, recebia especial gozo e complacência, ao ver tão bem aproveitados em sua Virgem Mãe, os efeitos de seu divino amor e graça. Por sua vez, os santos anjos o glorificavam com cânticos de louvor, por este admirável e inaudito prodígio de virtude.

Exercícios de Maria, pela manhã e à noite

721. Para o infante Jesus repousar e dormir, sua amorosa Mãe pedira ao patriarca São José lhe fizesse uma tarima [4], sobre a qual havia apenas uma coberta grossa. Desde que o Menino Deus deixou o berço, quando ainda se encontravam no Egito, não quis outro leito, nem mais agasalho. Naquele tarima não se deitava,

4 - Tarima - estrado em forma de cama

nem sempre a usava. Às vezes, sentava-se naquele áspero leito e se recostava num travesseiro simples, de lã, que a Senhora lhe havia feito.

Quando Ela lhe quis preparar mais confortável cama, disse-lhe o Filho santíssimo que só na cruz se deitaria. Com seu exemplo, ensinaria ao mundo **(1 Ped)** que não se entrará no eterno descanso através dos deleites de Babilônia, e que na vida mortal, o padecer é alívio. Desde esta ocasião, a divina Senhora, com nova atenção, imitou-o neste modo de descansar.

Ao chegar a hora de se recolher, costumava a Mestra da humildade prostrar-se diante de seu Filho santíssimo sentado em sua tarima. Todas as noites pedia-lhe perdão, por não o ter servido naquele dia com mais cuidado, nem de ser tão agradecida a seus benefícios como devia. Agradecia-lhe novamente por tudo e, com muitas lágrimas, o confessava por verdadeiro Deus e Redentor do mundo. Não se levantava do solo, até, que seu Filho a mandasse e lhe desse a bênção.

O mesmo exercício fazia pela manhã, para que o divino Mestre lhe ordenasse o que devia fazer naquele dia em seu serviço. Com muito amor, Jesus a atendia.

Sofrimento e receios de Maria

722. Nesta ocasião em que provava sua Mãe, mudou o estilo e o semblante. Quando a inocente Mãe chegava para adorá-lo, conforme costumava, ainda que acrescentasse suas lágrimas e íntimos gemidos, Jesus não lhe respondia palavra e depois de ouvi-la, muito sério, mandava-a retirar-se.

Não há ponderação que chegue a manifestar o que sentia o puríssimo coração da amorosa Mãe ao ver seu Filho, Deus e homem verdadeiro, tão mudado no semblante, tão grave e parco nas palavras, tão diferente do que costumava se mostrar com Ela. Examinava a divina Senhora seu interior, esquadrinhava a ordem, condições e circunstâncias de seus atos; dava muitas voltas com a atenção e memória pela celestial oficina de sua alma e potências. Não podia encontrar nenhuma treva porque tudo era luz, santidade, pureza e graça. Não obstante, sabia que aos olhos de Deus nem os céus, nem as estrelas são puros como disse Job **(Job 15, 25: 4, 15, 5 e 18)** e encontram o que repreender ainda nos espíritos angélicos. Temia, portanto, a grande Rainha se, por acaso, ignorava algum defeito que a Deus era conhecido.

Com este receio sofria delíquios de amor, o qual sendo forte como a morte **(Cant 8, 6)**, nesta nobilíssima emulação causa dores de inextinguível pena. Durou muitos dias para nossa Rainha, este exercício, com que seu Filho santíssimo, com incomparável gozo, a provou e elevou ao estado de Mestra universal das criaturas. Remunerou a lealdade e fineza de seu amor com abundante e copiosa graça, além da muita que já possuía. Depois aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

Cristo é Mestre, sempre e para todos

723. Minha filha, vejo-te com desejo de ser discípula de meu Filho santíssimo, assim como eu o fui, segundo entendeste e escreveste. Para teu consolo, digo-te que o Senhor não exercitou seu ofício de Mestre só no tempo que, em forma humana, ensinou sua doutrina conservada nos Evangelhos **(Mt 28, 20)** e em sua Igreja. Desempenha o mesmo ofício com as almas sempre, até o fim do mundo, admoestando e inspirando o melhor e mais santo para o praticarem. Isto faz com todas, absolutamente, ainda

que conforme sua divina vontade e a atenção e disposição de cada uma, recebam maior ou menor ensinamento **(Mt 11, 15)**. Se desta verdade sempre te tivesses aproveitado, sabes por longa experiência que o Altíssimo Senhor não se dedigna ser mestre do pobre, e ensinar ao desprezado e pecador, se quiserem ouvir sua doutrina interior. Como agora desejas saber quais as disposições que Deus requer de tua parte, para fazer contigo o ofício de Mestre, no grau que teu coração ambiciona, em nome do mesmo Senhor quero dize-lo e te garantir: se te encontrar disposta, comunicará à tua alma, como verdadeiro e sábio artífice e mestre, sua sabedoria, luz e doutrina com grande plenitude.

Disposições para ser discípulo de Cristo

724. Em primeiro lugar, deves ter a consciência limpa e tranqüila, com incessante cuidado para não cair em culpa ou imperfeição, por sucesso algum deste mundo. Junto com isto, deves abstrair-te de todas as coisas terrenas, de modo que (como em outras vezes tenho admoestado) não fique em ti imagem e memória de coisa alguma visível, mas apenas o coração simples, sereno e claro.

Quando tiveres o interior assim despojado e livre de espécies terrenas, e das trevas que produzem, então ouvirás o Senhor. Quando inclinares o ouvido, **(Sl 44, 11)** como filha caríssima que esqueçe seu povo da vã Babilônia, e a casa de seu pai Adão, e de todos os vestígios de culpa, afirmo-te que então Deus te falará palavras de vida eterna **(Jo 6, 69)**. Importa que imediatamente o escutes com reverência e humilde gratidão, e ponhas sua palavra em prática, com exatidão e diligência. A este grande Senhor e Mestre das almas, nada se pode esconder **(Heb 4, 13)** e quando a criatura é ingrata e negligente em obedecer-lhe e ser reconhecida a tão alto favor, retira-se com desgosto. Não devem as almas pensar que, sempre que o Senhor delas se esquiva, lhes acontece o mesmo que aconteceu a mim. Comigo foi sem culpa de minha parte, e com excessivo amor, enquanto nas demais criaturas com tanto pecados, grosserias, ingratidões e negligências, costuma ser pena e merecido castigo.

Sinais da verdadeira doutrina

725. Atende, pois, minha filha, e adverte tuas omissões e faltas em fazer digna estimação da doutrina e luz que em particular, tens recebido do divino Mestre e de minhas admoestações. Modera teus infundados temores, e não duvides mais se é o Senhor quem te fala e instrui, pois a própria doutrina dá testemunho de sua verdade e te assegura quem é seu autor. Ela é santa, pura e perfeita; ensina o melhor e repreende qualquer defeito, por mínimo que seja. Além de tudo isto, é aprovada por teus mestres e pais espirituais.

Quero também que tenhas o cuidado imitando-me no que escreveste, de vir a mim todas as noites e manhãs, sem falta, já que sou tua mestra. Humildemente me dirás tuas culpas, reconhecendo-as, contrita, para que Eu seja tua intercessora junto ao Senhor, e como Mãe te alcance o seu perdão. Além disso, logo que cometes alguma falta ou imperfeição, reconhece-a prontamente, chora-a e pede perdão ao Senhor, com desejo de te emendares. Se fores atenta e fiel nisto que te mando, serás discípula do Altíssimo e minha, como desejas. A pureza da alma e a graça são a mais eminente e adequada disposição, para receber as influências da luz divina e ciência infusa que o Redentor do mundo comunica aos que são seus verdadeiros discípulos.

Maria, a primeira discípula de Jesus

CAPÍTULO 2

MARIA RECEBE NOVAMENTE A VISÃO DA ALMA DE SEU FILHO. ESTE COMEÇA INSTRUÍ-LA NA LEI DA GRAÇA.

O amor divino

726. Grandes e longas exposições têm sido feitas pela inteligência humana, sobre a natureza, os predicados do amor, suas causas e efeitos. Para eu explicar o santo e divino amor de Maria Santíssima Senhora nossa, seria necessário acrescentar muito a tudo o que já foi dito e escrito em matéria de amor.

Depois do amor que a alma santíssima de Cristo, nosso Senhor possui, nenhum houve tão nobre e excelente, quer nas criaturas humanas, quer nas angélicas, como aquele que teve e tem a divina Senhora, merecendo o título de Mãe do amor formoso **(Ecli 24, 24).** Para todos, o único objeto do amor santo é Deus, em si mesmo e nas demais coisas por Ele criadas. Em cada pessoa, porém, as causas que geram este amor e os efeitos que produzem, são muito diferentes.

Em nossa Rainha alcançou o supremo grau possível em pura criatura. Nela foram sem medida a pureza de coração, a fé, a esperança, o temor santo e filial, a ciência, a sabedoria, as graças, a memória e apreço delas, e todas as demais causas que pode ter o amor divino.

Esta chama não se ateia ao modo do amor tolo e cego que entra pela estultice dos sentidos e depois não encontra sua razão e sentido. O amor santo e puro, entra pelo conhecimento nobilíssimo, pela força de sua bondade infinita e inexplicável suavidade. Deus é sabedoria e bondade e quer ser amado não só com doçura, mas também com sabedoria e ciência do que se ama.

Causas e efeitos do amor

727. Estes amores têm alguma semelhança, mais nos efeitos do que nas causas. Se alguma vez vencem o coração e dele se apoderam, saem com dificuldade. Daqui nasce a dor que sente o coração humano quando encontra frieza, indiferença e fuga em quem ama, pois, tais atitudes obrigam-no a se despojar do amor. Como este se apodera tanto do coração, e não se conforma facilmente em o deixar, mesmo que se lhe proponha as razões, este duro conflito vem a lhe causar dores de morte.

No amor cego e mundano, isto é insânia e loucura. No amor divino, porém, é grande sabedoria. Onde não se podem encontrar motivos para deixar de amar, a maior prudência é procurá-los para mais intimamente amar e atrair o Amado. Como nesta busca a vontade emprega toda sua liberdade, quanto mais livremente ama ao sumo Bem, tanto menos livre fica para o deixar de amar. Nesta gloriosa porfia, sendo a vontade a senhora e rainha da alma, vem a se tornar feliz escrava de seu amor, sem querer, e sem quase poder fugir a esta livre sujeição.

Nesta voluntária e forte doação de si, quando vê o sumo Bem se esquivar,

sofre dores e delíquios de morte, como a quem lhe falta a fonte da vida, pois só vive de amar e saber-se amada.

O martírio de amor

728. Daqui se entenderá algo do muito que padeceu o ardente e puríssimo coração de nossa Rainha com a ausência do Senhor, velando-se o objeto de seu amor e deixando-a sofrer tantos dias com o receio de O haver desgostado.

Sendo Ela um compêndio quase imenso de humildade e amor divino, e não sabendo a causa daquela severidade e afastamento de seu Amado, veio a sofrer o martírio mais doce e mais doloroso, jamais compreendido por inteligência humana ou angélica. Só Maria santíssima, a Mãe do santo amor **(Ecli 24, 24),** chegou ao máximo que pode caber em pura criatura. Só Ela pôde sofrer este martírio que ultrapassou a todos os tormentos dos mártires e penitências dos confessores.

Nesta ocasião, Maria esqueceu e considerou como nada todas as coisas criadas e visíveis, até encontrar a graça e o amor de seu santíssimo Filho e Deus, que temia ter perdido, embora sempre o possuísse. Não se pode explicar com palavras o cuidado, solicitude, desvelo e diligências que empregou para comover seu querido Filho e o eterno Pai.

Oração de Maria

729. Passaram-se trinta dias nesta prova, e pareciam muitos séculos, para quem não podia viver um só momento sem a satisfação de seu amor e do seu Amado.

A nosso modo de entender, o coração do infante Jesus já não podia resistir à força do amor por sua querida Mãe, pois Ele também sofria suave violência em mantê-la tão aflita e suspensa.

Certo dia, entrou a humilde e soberana Rainha à presença do Menino Deus e lançando-se a seus pés, com íntimos suspiros e lágrimas, lhe disse: Dulcíssimo amor e bem meu, que valor tem a insignificância deste pó e cinza, comparada ao vosso imenso poder? Que representa toda a miséria da criatura para a vossa bondade sem fim? Em tudo, ultrapassais nossa baixeza, e no imenso pélago de vossa misericórdia afogam-se nossas imperfeições e defeitos. Se não acertei a vos servir como reconheço que devo, castigai minhas negligências e perdoai-as, porém, veja eu, Filho e Senhor meu, a alegria de vossa face que é minha salvação e aquela suspirada luz que me dava vida. Aqui está a pobre apegada ao pó, e não me levantarei de vossos pés até que veja o claro espelho em que minha alma se contemplava.

Fim da provação

730. Estas e outras razões cheias de sabedoria e de ardentíssimo amor, expôs nossa grande Rainha humilhada diante de seu Filho santíssimo.

Jesus que, mais do que a mesma Senhora, desejava restituí-la a suas delícias, com muito agrado, lhe disse: Minha Mãe, levantai-vos. Estas palavras, pronunciadas por quem é a Palavra do Eterno Pai, teve tanta eficácia que, instantaneamente, transformou e elevou a divina Mãe em altíssimo êxtase no qual viu a divindade abstrativamente.

Nesta visão, o Senhor a recebeu com dulcíssimos abraços e palavras de Pai e Esposo, transportando-a das lágrimas ao júbilo, do sofrimento ao gozo e da amargura à suavíssima doçura. Manifestou-lhe Deus grandes mistérios de seus altos desígnios sobre a nova lei evangélica. Para escreve-la toda em seu puríssimo coração, destinou-a a santíssima Trindade como primogênita e primeira discípula do Verbo humanado. Ela tornar-se-ia o pa-

drão por onde seriam modelados todos os santos: Apóstolos, Mártires, Doutores, Confessores, Virgens e os demais justos da nova Igreja e lei da graça que o Verbo estabeleceria pela redenção humana.

Maria descrita no livro Eclesiástico

731. A este mistério corresponde tudo o que a divina Senhora disse de Si mesma, como a santa Igreja lhe aplica, no capítulo 24 do Eclesiástico, sob o tipo da sabedoria divina.

Não me detenho em explicar este capítulo, pois conhecido o fato que vou descrevendo, pode-se compreender como se aplica à nossa grande Rainha, tudo quanto o Espírito Santo diz ali em nome d'Ela. Basta referir um pouco do texto, para que todos entendam parte de tão admirável mistério **(Ecli 24 desde o v. 5).** "Eu saí (diz esta Senhora), da boca do Altíssimo, a primogênita antes de todas as criaturas. Eu fiz com que nascesse nos céus uma luz inextinguível, e como uma névoa cobri toda a terra. Eu habitei nos lugares mais altos, e o meu trono é sobre uma coluna de nuvem. Eu sozinha fiz o giro do céu, e penetrei a profundidade do abismo, andei sobre as ondas do mar, e percorri toda a terra; e em todos os povos, e entre todas as nações tive a primazia. E sujeitei com o meu poder os corações de todos os grandes e pequenos; e entre todos estes povos busquei um lugar de repouso, e uma habitação na herança do Senhor. Então o Criador de tudo deu-me os seus preceitos, e falou-me; aquele que me criou descansou no meu tabernáculo, e disse-me: habita em Jacó, e possui a tua herança em Israel, e lança raízes entre os meus escolhidos.

Eu fui criada desde o princípio, e antes dos séculos, e não deixarei de existir em toda a sucessão das idades, e exerci diante dele o meu ministério na morada santa. Eu fui assim firmada em Sião, e repousei na cidade santa, e em Jerusalém está o meu poder. Tomei raízes no meio de um povo glorioso, e nesta porção do meu Deus, que é a sua herança, e na assembléia dos santos, estabeleci a minha assistência."

Maria, reservatório da sabedoria

732. Continua o Eclesiástico outras excelências de Maria santíssima, e volta a dizer **(Ecli 24, 22):** "Estendi os meus ramos como o terebinto, e os meus ramos são ramos de honra e de graça. Como a vide lancei flores dum agradável perfume e as minhas flores dão frutos de honra e de honestidade. Eu sou a Mãe do amor formoso, e do temor, e da ciência, e da santa esperança. Em mim há toda a graça do caminho e da verdade, em mim toda a esperança da vida e da virtude. Vinde a mim todos os que me desejais, e

enchei-vos dos meus frutos; porque o meu espírito é mais doce do que o mel, e a minha herança mais suave que o favo de mel. A minha memória durará por toda a

série dos séculos. Aqueles que me comem terão mais fome; e os que me bebem terão mais sede. Aquele que me ouve não será confundido; e os que se guiam por mim não pecarão. Aqueles que me tornam conhecida terão a vida eterna."

Até aqui, basta esta parte do capítulo do Eclesiástico. O coração piedoso sentirá logo tanta abundância de mistérios em Maria santíssima, que a força oculta deles atrairá seu coração para esta senhora e Mãe da graça. Descobrirá nessas palavras, a inexplicável grandeza e excelência a que a elevou a doutrina e magistério de seu Filho santíssimo, por decreto da beatíssima Trindade.

Esta Princesa foi a verdadeira arca do Novo Testamento **(Apoc 11, 19).** Da enchente de sua sabedoria e graça, como de um mar imenso, transbordou tudo quanto receberam e receberão os demais santos, até o fim do mundo.

Frutos da provação

733. Voltando de seu êxtase, a divina Mãe adorou novamente seu Filho santíssimo e lhe pediu a perdoasse se, no seu serviço, cometera alguma negligência. Jesus fê-la levantar-se donde se encontrava prostrada, e lhe disse: Minha Mãe, estou muito satisfeito com vosso coração e quero que o dilateis e prepareis novamente para receber meus testemunhos. Em cumprimento da vontade de meu Pai, escreverei em vosso peito a doutrina evangélica que vim ensinar ao mundo. E vós, Mãe a poreis em prática como eu desejo.

Respondeu a Rainha puríssima: Filho e Senhor meu, ache eu graça a vossos olhos; dirigi minhas potências pelos retos caminhos **(Sl 26, 11)** de vosso beneplácito. Falai, Senhor meu, que vossa serva ouve **(1 Rs 3, 10)**, e vos seguirá até a morte. Nesta conferência entre o Menino Deus e sua Mãe santíssima, foi manifestado de novo à grande Senhora, todo o interior da alma santíssima de Cristo, com suas operações.

Desde esta ocasião, este favor cresceu, quer da parte do sujeito que era a divina discípula, como da parte do objeto que lhe comunicou mais clara e elevada luz. Em seu Filho santíssimo contemplou toda a nova lei evangélica, com seus mistérios, sacramentos e doutrina, conforme o divino arquiteto a tinha planejado na mente, e determinado em sua vontade de redentor e mestre dos homens.

Além deste magistério especial para Ela, acrescentou-lhe outro: através da palavra, ensinava-lhe o oculto de sua sabedoria **(Sl 50, 8)** e tudo quanto não conseguiram compreender os anjos e os homens. Esta sabedoria que Maria purís-sima aprendeu sem ficção **(Sab 7, 13)** comunicou sem ciúme, em toda a luz que espargiu antes da ascensão de Cristo nosso Senhor e ainda mais depois.

Conhecimento de Maria

734. Bem vejo que pertenceria a esta história, manifestar aqui os ocultíssi-

mos mistérios vividos entre Cristo Senhor nosso e sua Mãe, nestes anos de sua infância e juventude até a pregação, pois todas estas coisas se realizaram para a instrução da divina Mãe. Confesso, porém, de novo, como nos números acima **(712, 713)** a incapacidade minha e de todas as criaturas para tão elevado argumento. Além disso, tal exposição exigiria explicação de todos os mistérios e segredos da Sagrada Escritura, de toda a doutrina cristã, das virtudes, tradições da Santa Igreja, refutação dos erros e seitas falsas, e tudo o que sustenta a Igreja e a conservará até o fim do mundo. Dever-se-ia acrescentar ainda, grandes mistérios da vida e glória dos santos, porque tudo foi escrito no coração puríssimo de nossa grande Rainha.

As obras realizadas pelo Redentor e Mestre, a fim de que a redenção e a doutrina da Igreja fosse copiosa **(Sl 119, 7)**; quanto escreveram os Evangelistas e Apóstolos, os Profetas e Antigos Padres; o que depois fizeram todos os santos; a luz que receberam os doutores; o sofrimento dos mártires e das virgens; a graça que receberam. Tudo isso, e muito mais que não se pode explicar, Maria santíssima conheceu individualmente, com grande penetração e certeza. Quanto era possível à pura criatura, praticou concretamente, e agradeceu ao Eterno Pai, autor de tudo, e a seu Filho unigênito, cabeça da Igreja. A respeito de toda esta matéria, falarei adiante o que me for possível.

Maria e as obrigações do lar

735. Ocupada em atos tão importantes, atendendo a seu Filho e mestre, nem por isso faltava ao serviço de sua pessoa e ao de São José. A tudo acudia sem falta nem imperfeição, servindo-lhes as refeições. A seu Filho santíssimo servia de joelhos, com incomparável reverência. Cuidava também que o infante Jesus fosse o consolo de seu pai putativo, como se o fôra natural. O Menino Deus obedecia-lhe e passava muitos momentos com S. José durante seu trabalho que era contínuo, para poder sustentar, com o suor de seu rosto, ao Filho do Eterno Pai e à sua Mãe.

Quando o Menino Deus foi crescendo, ajudava S. José no que lhe permitia a idade. Outras vezes, fazia alguns milagres acima das leis naturais, para animar o santo esposo e lhe facilitar o trabalho, pois estes prodígios eram apenas para os três.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

Amor à palavra de Deus

736. Minha filha, chamo-te hoje novamente para minha discípula e companheira, na prática da doutrina celestial que meu Filho santíssimo ensinou à sua Igreja, através dos santos Evangelhos e Escrituras. Quero que prepares teu coração com nova diligência e atenção, e sejas terra escolhida para receber a semente viva e santa da palavra do Senhor, produzindo fruto cem por um **(Lc 8, 8)**. Mantém o coração atento a minhas palavras; ao mesmo tempo, lê assiduamente os Evangelhos e medita interiormente os mistérios que neles entenderes. Ouve a voz de teu Esposo e Mestre que a todos convida e chama, para ouvir suas palavras de vida eterna **(Jo 6, 69)**. Tão grande é a perigosa ilusão da vida mortal, que são poucas as almas que desejam ouvir e entender o caminho da luz **(Mt 7, 14)**.

Muitos seguem o deleitável oferecido pelo príncipe das trevas, e quem nestas caminha não sabe onde acabará **(Jo 12, 35)**. A ti, o Altíssimo chama para o caminho e as sendas da verdadeira luz; segue-as, imitando-me, e realizarás meu desejo. Renuncia a todo visível e terreno; não o conheças nem olhes; não o procures nem lhe prestes atenção; foge de ser co-

nhecida; não tenham as criaturas parte alguma contigo; protege teu segredo **(Is 24, 16)** e teu tesouro **(Mt 13,44)** da fascinação humana e diabólica. Tudo isto conseguirás se, como discípula do meu Filho santíssimo e minha, praticares com a perfeição que deves, a doutrina do Evangelho que te ensinamos.

Noviciados de perfeição

736.a. Para te incitares a tão alto desígnio, lembra o favor que te fez a disposição divina, chamando-te para noviça e professa da imitação de minha vida, doutrina e virtudes, no seguimento de meus passos. Deste estado passarás ao mais elevado do noviciado e profissão perfeita da religião católica. Ajustar-te-ás à doutrina evangélica do Redentor do mundo, correndo após seus perfumes, pelas sendas retas de sua vontade.

O primeiro estado de discípula minha será disposição para o ser de meu Filho santíssimo, e ambos para alcançar o último da união com o ser imutável de Deus. Os três são favores de incomparável valor, que te põem na obrigação de ser mais perfeita que os elevados serafins.

Finalidade das graças especiais, recebidas pela escritora

736.b. A destra divina te concedeu estas graças para te preparar e tornar idônea e capaz de receber o ensino, inteligência e luz de minha vida, obras, virtudes, mistérios, e escrevê-los. Dignou-se o Senhor altíssimo te conceder esta liberal misericórdia que não mereces, por meus rogos e intercessão. Assim o fiz em recompensa de teres submetido teu juízo tímido e covarde à vontade do Altíssimo, e à obediência de teus prelados que muitas vezes te ordenaram escrever minha História. O prêmio mais favorável e útil para tua alma, foram estes estados ou caminhos místicos, altíssimos e misteriosos, ocultos à prudência carnal **(Mt 11, 25)**, mas agradáveis à aceitação divina. Eles contêm copiosas doutrinas, como as que tens recebido e experimentado e te levam a alcançar sua finalidade. Escreve-as separado, num tratado, pois assim o quer meu Filho santíssimo. Seu título será como prometeste na introdução desta História: "Leis da Esposa, ápice de seu casto amor, fruto colhido da árvore da vida desta Obra."

CAPÍTULO 3

PEREGRINAÇÃO ANUAL DA SAGRADA FAMÍLIA A JERUSALÉM EM OBEDIÊNCIA À LEI DE MOISÉS.

Peregrinações anuais a Jerusalém

737. Alguns dias após a chegada de Jesus, Maria e José em Nazaré, chegou a época em que os israelitas deviam se apresentar ao Senhor, em Jerusalém, conforme o preceito da lei de Moisés. Esta obrigação era três vezes ao ano, segundo se lê no Êxodo **(34, 14)** e no Deuteronômio **(16, 1).** O preceito obrigava apenas aos homens e não às mulheres, mas tampouco proibia a estas. Deste modo, elas ficavam livres de ir por devoção, ou não ir.

A divina Senhora e seu Esposo pensaram como fazer nessas ocasiões. O Santo inclinava-se a levar consigo sua Esposa e o Filho santíssimo para oferecê-lo no templo ao eterno Pai, como sempre fazia. A Mãe puríssima era também atraída pela piedade e culto dó Senhor, mas como em coisas semelhantes não agia sem conselho de seu mestre, o Verbo humanado, consultou-o sobre o caso.

Resolveram que São José fosse nas duas primeiras vezes sozinho, e na terceira iriam os três juntos. Estas peregrinações a Jerusalém eram feitas nas solenidades dos Tabernáculos **(Dt 16, 13)**; na das semanas **(Dt 16, 9)** que é pelo Pentecostes; e na dos Ázimos **(Dt 16, 8)** que era a Páscoa de Parasceve. Nesta última, subiam Jesus, Maria e José juntos. Durava sete dias, e nela aconteceu o que direi no capítulo seguinte. Nas outras duas festas, subia apenas São José sem o Menino e a Mãe.

São José ia às vezes sozinho

738. Nas duas vezes em que o santo esposo José subia a Jerusalém sozinho, fazia a peregrinação por si e por sua Esposa, em nome do Verbo humanado. Com sua doutrina e favores, ia o Santo cheio de graça, devoção e dons celestiais, oferecer ao eterno Pai a oferta que deixava reservada para o tempo oportuno.

Neste ínterim, como representante do Filho e Mãe que ficavam orando por ele, fazia no templo de Jerusalém misteriosas orações, oferecendo o sacrifício de seu louvor. Apresentando como oferenda a Jesus e Maria, sua oblação era mais aceitável ao eterno Pai, do que todas quantas oferecia o resto do povo israelita.

Quando, porém, pela festa da Páscoa ia o Verbo humanado e a Virgem Mãe com São José, a viagem era mais admirável para ele e para os cortesãos do céu. Sempre se formava aquela procissão soleníssima de que já falei em outras ocasiões semelhantes[1]: os três caminhantes, Jesus, Maria e José e os dez mil anjos que os acompanhavam em forma visível. Refulgentes de beleza, iam com a profunda reverência que costumavam, servindo a seu Criador e à sua Rainha, como de outras viagens tenho escrito.

Esta era de quase trinta léguas, distância entre Nazaré e Jerusalém. Tanto na ida como na volta, os santos anjos observavam a mesma ordem em acompanhar e obsequiar o Verbo humanado, segundo sua vontade e precisão.

1 - nº 456, 589, 619.

O Menino Jesus viaja à pé

739. Relativamente às outras viagens, estas demoravam mais, porque desde que voltaram do Egito à Nazaré, o menino Jesus quis faze-las a pé. Deste modo, caminhavam os três mais devagar, porque o infante Jesus, começando a se cansar por amor de seu eterno Pai e de nossa salvação, não queria usar de seu poder para evitar o cansaço do caminho. Procedendo como homem passível, permitia às causas naturais produzirem seus efeitos próprios, como era a fadiga do caminhar.

No primeiro ano em que fizeram esta viagem, a divina Mãe e seu Esposo procuraram aliviar o Menino Deus carregando-o nos braços. Este repouso, porém, era breve, e daí em diante foi sempre andando. A carinhosa Mãe não lhe impedia este sacrifício, porque conhecia seu desejo de sofrer. Levava-o pela mão, e outras vezes era o Santo patriarca José quem o fazia. Ao ver o Menino cansado pelo andar e afogueado pelo calor, a amorosa Mãe enternecia-se de natural compaixão e chorava. Perguntava-lhe se estava cansado, e de joelhos, com incomparável reverência, enxugava-lhe o divino rosto mais belo que os céus e seus astros. O divino Menino lhe respondia, com afabilidade, e lhe manifestava o prazer que sentia por aqueles sacrifícios pela glória de seu eterno Pai e bem dos homens.

Nestas conversas e cânticos de louvor divino, preenchiam grande parte do tempo, como das outras viagens fica dito[2].

Maria contempla Jesus

740. A grande Rainha e Senhora ia contemplando tanto as ações interiores de seu Filho santíssimo, como a perfeição da humanidade deificada, sua beleza e operações pelas quais ia manifestando sua divina graça. Observava que, no ser e no agir, ia crescendo como verdadeiro homem. Tudo meditando em seu coração **(Lc 2, 19)**, fazia heróicos atos de todas as virtudes e se inflamava no divino amor. Olhava também o Menino como a Filho do eterno Pai, verdadeiro Deus, e sem faltar ao amor de mãe natural e verdadeira, não esquecia da reverência que lhe devia como a seu Deus e Criador. Tudo isto cabia juntamente naquele cândido coração.

Enquanto o Menino caminhava, o vento esvoaçava-lhe os cabelos. Estes iam-lhe crescendo normalmente e não perdeu um só fio, até quando os verdugos lhos arrancaram. Ao vê-lo, a afetuosa Mãe era possuída por afetos e efeitos de suavidade e sabedoria. E, em tudo que fazia, interior e exteriormente, era admiração para os anjos, e agradável a seu Filho e Criador.

Benefícios espirituais ao próximo

741. Todas as vezes que assim viajavam para o templo, Filho e Mãe operavam grandes prodígios em benefício das almas: convertiam muitas ao conhecimento do Senhor, tiravam-nas do pecado e as justificavam, introduzindo-as no caminho da vida eterna. Tudo era realizado invisivelmente, pois não era chegado o tempo do Mestre da verdade **(Jo 12, 49)** se manifestar.

Como a divina Mãe conhecia que essas obras faziam parte da missão que o eterno Pai encomendara a seu Filho santíssimo, mas por enquanto seriam feitas em segredo, também colaborava nelas como instrumento do Reparador do mundo, mas de igual modo, ocultamente.

Para em tudo se orientar com plenitude de sabedoria, a prudente Mestra sempre consultava o Menino Deus sobre tudo

2 - nº 627, 637.

o que deveriam fazer naquelas peregrinações, e em que lugares e pousadas iriam. Conhecia a celestial Princesa que nessas circunstâncias, seu Filho santíssimo dispunha os meios oportunos para as admiráveis obras que sua sabedoria tinha previstas e determinadas.

Maria reza com Jesus no Templo

742. Daqui procedia que passavam algumas noites nos pousos, outras permaneciam no campo. O Menino Deus e sua Mãe puríssima nunca se separavam. A grande Senhora sempre gozava de sua presença, atendendo a seus atos para em tudo imitá-los e seguilos.

O mesmo fazia no templo. Via e entendia as orações e pedidos que o Verbo humanado fazia ao eterno Pai e como, vendo-se inferior pela sua natureza humana, humilhava-se e reconhecia, com profunda reverência, os dons que recebia da divindade. Às vezes, a Mãe santíssima ouvia a voz do Pai dizendo: Este é meu diletíssimo Filho em quem me deleito e ponho minha complacência **(Mt 17, 5).**

Outras vezes, a grande Senhora via que seu Filho rezava por Ela ao eterno Pai e a oferecia como verdadeira Mãe. Isto lhe causava incomparável júbilo. Quando conhecia que Jesus rezava pela espécie humana, e por essa intenção oferecia seus trabalhos, ela o acompanhava nessas súplicas.

Atos de Jesus e Maria na peregrinação

743. Acontecia que, tanto durante o trajeto, como quando entravam no templo, os santos anjos entoavam cânticos com música suavíssima ao Verbo humanado. A feliz Mãe via-os, ouvia-os e entendia todos aqueles mistérios, enchendo-se de nova luz e sabedoria. Seu puríssimo coração abrasava-se no divino amor, e o Altíssimo lhe comunicava novos dons e favores, impossíveis de serem explicados com minhas inadequadas palavras. Estes dons tinham o fim de preveni-la e prepará-la para os sofrimentos que havia de passar.

Muitas vezes, depois de tão admiráveis graças, se lhe representavam como num mapa, todas as afrontas, ignomínias e dores que naquela cidade, Jerusalém, seu Filho santíssimo padeceria. E, para que, com maior dor, tudo visse n'Ele próprio, costumava Jesus vir orar na presença de sua doce Mãe. Contemplando-o na luz da divina sabedoria, amando-o juntamente como a seu Deus e seu Filho verdadeiro, sentia-se traspassada pelo penetrante gládio de que falara Simeão **(Lc 2, 35)**.

Derramava muitas lágrimas, prevendo as injúrias que seu dulcíssimo Filho receberia **(Is 53, 3 em diante)**, as penas e a morte ignominiosa que lhe dariam **(Sab 2, 20)**; que aquela formosura maior que a de todos os filhos dos homens **(Sl 44, 3)** seria desfeita e reduzida a aparência de um leproso **(Is 53, 4)**. e que tudo veria com seus olhos. Para mitigar um pouco sua dor, costumava o Menino Deus voltar-se para Ela, dizendo-lhe que dilatasse o coração com a caridade que tinha pelo gênero humano, e oferecesse ao eterno Pai aquelas penas de ambos pela salvação dos homens.

Filho e Mãe faziam juntos este oferecimento de grande agrado à Santíssima Trindade. Aplicavam-no especialmente aos fiéis, e mais particularmente pelos predestinados que haveriam de aproveitar os merecimentos e Redenção do Verbo encarnado. Estas eram as principais ocupações que preenchiam os dias que Jesus e Maria gastavam na peregrinação ao templo de Jerusalém.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA SANTÍSSIMA.

A lei de Deus é fardo leve

744. Minha filha, se com atenta e profunda consideração ponderas tuas obrigações, muito leve te parecerá o trabalho de que sempre te encarrego (**Mt 11, 30**): o cumprimento dos mandamentos do Senhor e de sua santa lei. Este há de ser o primeiro passo de tua peregrinação, princípio e fundamento de toda perfeição cristã.

Os preceitos do Senhor devem ser cumpridos, como muitas vezes te ensinei; não com tibieza e frouxidão, mas com todo fervor e devoção. Esta devoção te constrangerá a não te contentares apenas com a virtude comum, mas a progredires acrescentando, livremente, muitas obras, fazendo por amor o que Deus não te impõe por obrigação. É isto artifício de sua sabedoria, para mais se dar a seus verdadeiros servos e amigos, como Ele te quer.

Perigo da vida mortal

744.a. Considera, caríssima, que o caminho da vida mortal à eterna é longo (**3 Rs 19, 7**), penoso e perigoso (**Mt 7, 14**). Longo pela distância, penoso por causa da fragilidade humana e astúcia de seus inimigos. Além de tudo isto, o tempo é breve (**1 Cor 7, 29**), o fim incerto (**Ecle 11, 3**). Depois do pecado de Adão, a vida animal e terrena dos mortais escraviza quem a segue (**Jó 7, 20**); as cadeias das paixões são fortes, a guerra contínua (**Jó 5, 1**). O deleitável aos sentidos fascina facilmente (**Sab 4, 12**). A virtude é mais oculta em seus efeitos e conhecimento. Tudo isto torna a viagem incerta e cheia de perigos e dificuldades.

Armas espirituais

745. Entre estes perigos, o da carne não é o menor, por causa da fragilidade humana. Por esta razão, e por ser o mais frequente e doméstico, leva muitos a caírem e perderem a graça. O modo mais direto e seguro de vence-la, para ti e para todos, é envolver a vida em sacrifício e mortificação. Não procurar descanso, nem deleite dos sentidos. Fazer com eles inviolável pacto, para não se desordenarem nem exigirem mais do que a regra da razão permite. A este cuidado, acrescenta o de aspirar sempre ao maior agrado do Senhor e ao último fim onde queres chegar.

Para tudo isto, tem sempre em vista imitar-me como te convido com o desejo de que alcances a plenitude da virtude e santidade. Lembra da pontualidade e fervor com que Eu fazia tantas coisas, não por que o Senhor as ordenava, mas porque eu conhecia serem de seu maior agrado. Multiplica tu os atos fervorosos, as devoções, os exercícios espirituais, e neles as súplicas e ofertas ao Eterno Pai pela salvação dos mortais.

Ajuda-os também, com o exemplo e admoestações que puderes. Consola aos tristes, anima os fracos, auxilia os caídos, e por todos oferece, se for necessário, tua própria vida e sangue. Agradece a meu Filho santíssimo a benignidade com que suporta a grosseira ingratidão dos homens, sem lhes recusar benefícios e a conservação da vida. Observa o invicto amor que lhes teve e tem, e como eu o acompanhei e ainda o acompanho nesta caridade. Quero que também tu sigas a teu doce Esposo, e a mim. tua mestra, em tão excelente virtude.

CAPÍTULO 4

VIAGEM DE JESUS, AOS DOZE ANOS, COM SEUS PAIS A JERUSALÉM. FICA NO TEMPLO, SEM ELES SABEREM.

Jesus aos doze anos

746. Continuavam, como fica dito, Jesus, Maria e José a fazer todos os anos a peregrinação ao templo, pela festa da Páscoa dos Ázimos **(Lc 23, 6).**

Chegando o Menino Deus aos doze anos de idade, quando convinha começar a raiar os esplendores de sua inacessível luz divina, subiram a Jerusalém, segundo costumavam **(Lc 2, 42).**

A solenidade dos Ázimos durava sete dias **(Dt 16, 8)**, conforme determinava a lei, sendo o primeiro e o último os mais festivos. Por este motivo, nossos divinos peregrinos permaneciam aquele septenário em Jerusalém, celebrando a festa com o culto do Senhor e orações como costumavam os demais israelitas, se bem que, no mistério que os envolvia, fossem tão singulares e diferentes dos demais. Nestes dias, a feliz Mãe e seu santo Esposo, respectivamente, recebiam do Senhor dons e favores que ultrapassam todo pensamento humano.

Jesus separa-se de seus pais

747. Passado o sétimo dia da solenidade, voltaram para Nazaré **(Lc 2, 43).** Ao sair da cidade de Jerusalém, o Menino Deus separou-se de seus pais, sem que eles o advertissem. Escondeu-se, enquanto eles prosseguiram a viagem, ignorando o que estava a acontecer. Para agir assim, valeu-se o Senhor do costume e da aglomeração dos peregrinos nessas solenidades. Sendo muita gente, agrupavam-se separadamente os homens e as mulheres, para maior recato. Os meninos acompanhavam a mãe ou o pai, indiferentemente, pois nisso não havia inconveniência.

Isto levou São José a pensar que o Menino Jesus ia na companhia de sua Mãe santíssima **(Lc 2, 44)**, com quem ordinariamente sempre ficava. Não pôde imaginar que Ela estaria sem Ele, pois a divina Rainha amava e conhecia seu Filho, mais do que toda criatura humana e angélica.

A grande Senhora não teve tantas razões para julgar que Jesus ia com o patriarca São José, porém, foi o próprio Senhor que a distraiu com outros divinos e santos pensamentos. Isto impediu-a que, a princípio, percebesse sua ausência, e depois quando a notou, pensou que se encontrasse com o glorioso São José, a quem o Senhor das alturas queria consolar com sua presença.

A perda do Menino Jesus

748. Nesta suposição, caminharam Maria e José um dia inteiro, como refere São Lucas **(44).**

Como, ao sair da cidade, os forasteiros partiam de pontos diversos, depois iam se reunindo as famílias, Maria santíssima e seu Esposo encontraram-se

no lugar onde passariam a primeira noite, depois que partiram de Jerusalém. Vendo a grande Senhora que o Menino Deus não vinha com São José, como pensava, e este que tampouco estava com a Mãe, ficaram mudos de susto e admiração sem poder falar por alguns momentos.

Seguindo o juízo de sua profundíssima humildade, cada qual atribuía ao próprio descuido haver perdido de vista ao Filho santíssimo. Ignoravam o mistério e o modo como o Senhor procedera. Cobrando algum alento, os divinos Esposos, na maior aflição, indagaram-se o que fazer **(Lc 2, 45)**.

Disse a amorosa Mãe a São José: Esposo e Senhor meu, meu coração não sossegará se não voltarmos com toda a diligência à procura de meu Filho santíssimo. Assim o fizeram, começando a pesquisa entre parentes e conhecidos. Ninguém lhes pôde dar qualquer notícia d'Ele, nem aliviar-lhes a dor. Pelo contrário, aumentaram-na dizendo que não o tinham visto desde a saída de Jerusalém.

Maria põe-se a procurá-lo

749. Dirigiu-se a aflita Mãe a seus santos anjos. Os que levavam os dísticos do santíssimo nome de Jesus **(referidos ao se falar da Circuncisão, nº 523)** haviam ficado com o Menino, e os outros acompanhavam sua Mãe puríssima, como costumava acontecer quando se separavam. A estes, que eram dez mil, disse a Rainha: Amigos e companheiros meus, bem conheceis a justa causa de minha dor. Peço-vos que em tão amarga aflição sejais meu consolo, dando-me notícia de meu Amado para que eu O procure e encontre **(Cant 3, 2 e 3)**. Dai algum alento a meu angustiado coração que longe de seu bem e sua vida, arranca-se donde está para procurá-lo.

Os santos anjos sabiam ser vontade do Senhor dar à sua Mãe santíssima aquela ocasião tão meritória, e que não era tempo de lhe manifestar o mistério. Ainda que não perdiam a visão de seu Criador e nosso Redentor, responderam-lhe consolando-a com outras razões, mas não lhe disseram onde se encontrava seu Filho santíssimo e o que fazia.

Esta resposta que criou novas dúvidas à prudentíssima Senhora, aumentou sua dor e cuidado, lágrimas e suspiros para procurar deligentemente, não a dracma perdida como a mulher do Evangelho **(Lc 15, 8)**, mas a todo o tesouro do céu e da terra.

Angústias de Maria

750. Cogitava a Mãe da sabedoria consigo mesma, e no coração lhe nasciam diversas suposições. O primeiro pensamento que lhe ocorria era que Arquelau, imitando a crueldade de seu pai Heródes, teria tido notícia do infante Jesus e o prendera. Sabia pela sagrada escritura[1] pelas revelações e pelo ensinamento de seu Filho e mestre divino, que não era chegado o tempo da paixão e morte do Redentor. Temeu, contudo, que o tivessem aprisionado e o maltratassem.

Com profundíssima humildade, suspeitava também que talvez Ela o tivesse desgostado no seu serviço e assistência, e Ele se retirara ao deserto com seu futuro precursor João. Outras vezes, falando com seu Bem ausente, dizia-lhe: Doce amor e glória de minha alma, com o desejo que tendes de padecer pelos homens **(Heb 10, 5)**, nenhum trabalho e penalidade evitareis na vossa imensa caridade. Antes, receio, Senhor meu que as buscareis de propósito **(Is 53, 7)**. Onde irei? Onde vos acharei, luz de meus olhos? **(Tob 10, 4)**. Quereis que perca minha vida pela espada que a separou de vossa presença? porém, não me admiro, bem meu, que castigueis com vossa ausência a quem não soube aproveitar o benefício de vossa

1 - Sab 2,13; Is 53,2; Jer 11,18; Dan 9,26; Jo 7,30.

companhia. Por que, Senhor meu, me enriquecestes com os doces carinhos de vossa amável presença e doutrina?

Ài de mim! Se não pude merecer ter-vos por Filho e gozar de vós este tempo, confesso que devo agradecer ao que vossa dignação me quis aceitar por escrava **(Lc 1, 48).** Se apesar de indigna Mãe vossa, posso valer-me desse título para vos procurar como meu Deus e meu bem, dai-me, Senhor, licença para isso e concedei-me o que me falta para ser digna de vos encontrar. Convosco viverei no deserto, no sofrimento, nos trabalhos, nas tribulações, e em qualquer parte. Senhor meu, minha alma deseja que, com dores e tormentos me façais merecer: ou morrer se não vos encontro, ou viver em vosso serviço e companhia.

Quando vosso ser divino se escondeu ao meu interior, ficou-me a presença de vossa amável humanidade. Ainda que se mostrasse severa e menos carinhosa do que costumava, eu encontrava vossos pés, ante os quais podia-me prostrar. Agora, entretanto, falta me essa felicidade, e completamente se escondeu o sol que me iluminava, só me restando angústias e gemidos. Oh! Vida de minha alma, que suspiros do fundo do coração vos posso dirigir! Mas, não são dignos de vossa grande clemência, pois não me chega notícia donde vos encontrarão meus olhos.

Assistência dos anjos

751. Persistiu a cândida pomba nas lágrimas e gemidos, sem descansar, sem sossegar, sem dormir nem comer, três dias contínuos.

Os dez mil anjos a acompanhavam corporalmente, em forma humana. Apesar de a verem tão aflita e dolorosa, não lhe manifestavam onde acharia o Menino perdido.

No terceiro dia, a grande Rainha resolveu ir procurá-lo no deserto onde São João estava. Inclinava-se a pensar que seu Filho santíssimo estaria com ele, já que não havia indícios de que Arquelau o tivesse aprisionado. Quando já queria pôr-se a caminho, os santos anjos a detiveram, dizendo-lhe que não fosse ao deserto porque o divino Verbo humanado não estava lá. Decidiu ir também a Belém, e ver se por acaso não estaria na gruta do nascimento, mas também desta resolução a fizeram desistir os anjos, dizendo que o Senhor não estava tão longe.

A divina Mãe ouvia essas advertências e sabia que os espíritos angélicos não ignoravam onde se encontrava o infante Jesus. Não obstante, foi tão advertida, humilde e reservada por sua rara prudência, que não lhes replicou nem lhes perguntou onde o acharia. Compreendeu que lho ocultavam por vontade do Senhor. Com tanta magnificência e veneração tratava a Rainha dos anjos os mistérios do Altíssimo e a seus ministros e embaixadores **(2 Mc 2, 9).** Esta circunstância foi uma das ocasiões em que teve oportunidade de revelar a grandeza de seu real e magnânimo coração.

Perfeição de Maria no sofrimento

752. A dor que Maria santíssima sofreu nesta ocasião ultrapassou a que todos os mártires padeceram. Sua paciência e conformidade não teve nem podem ter igual, porque a perda de seu Filho santíssimo era maior do que a perda de toda a criação. O conhecimento, o amor e estima, que tinha por Ele, supera qualquer imaginação. A incerteza e a possibilidade de encontrar a razão foram muito grandes, como se disse.

Além disto, naqueles três dias deixou-a o Senhor no estado comum em que costumava ficar, quando lhe faltavam os favores especiais, quase no estado ordinário da graça. Fora da visão e comunicação com os santos anjos, suspendeu

outras graças que freqüentemente comunicava à sua alma santíssima. Daqui se colige um pouco, qual seria a dor da divina e amorosa Mãe.

Mas, oh! prodígio de santidade, prudência, fortaleza e perfeição! Com tão inaudita tribulação e excessiva pena, não se pertubou, não perdeu a paz interior e exterior, não teve pensamento de ira ou despeito, nenhum movimento ou palavra descomposta, nem desordenada tristeza e irritação, como ordinariamente acontece às demais filhas de Adão. Nestas, as grandes provações e mesmo sem elas, facilmente se desordenam as paixões e potências.

A Senhora das virtudes, entretanto, praticou-as todas com celestial consonância. Ainda que tinha o coração ferido por uma dor sem medida, não alterou a harmonia de todas suas ações. Não faltou à reverência pelo Senhor, não cessou seus louvores, não interrompeu sua oração e súplicas pelo gênero humano e para alcançar a graça de encontrar seu santíssimo Filho.

Maria, a Esposa dos Cânticos

753. Com esta divina sabedoria e suma diligência, procurou-o três dias contínuos, indagando a diferentes pessoas, informando e dando os sinais de seu Amado às filhas de Jerusalém, percorrendo as ruas e praças da cidade. Cumpriu-se nesta ocasião, o que desta grande Senhora escreveu Salomão nos Cânticos **(Cant 3, 2; 5, 10 e 11)**. Perguntaram-lhe algumas mulheres quais eram os característicos de seu único e desaparecido Menino. Ela respondeu como dissera a esposa em nome d'Ela: Meu querido é alvo e rosado, e se distingue entre milhares.

Ouviu-a certa mulher e lhe disse: Esse Menino que descreveis, passou ontem por minha casa e pediu-me esmola. Dei-lha, e sua beleza e simpatia me ca-

tivou o coração **(Mc 5, 9)**. Quando lhe entreguei a oferta, senti em meu íntimo doce compaixão de ver uma criança, tão graciosa **(Mc 5, 10)**, assim pobre e desamparada.

Estas foram as primeiras notícias de seu Unigênito que a dolorosa Mãe recebeu em Jerusalém. Respirando um pouco, continuou nas pesquisas e algumas outras pessoas lhe disseram quase o mesmo. Com estes indícios, dirigiu-se ao hospital da cidade, julgando encontrar o Esposo e Artífice da pobreza **(Mt 25, 40)**, entre os pobres, seus legítimos irmãos e amigos. Perguntando por Ele, responderam-lhe que o Menino que Ela descrevia, tinha-os visitado naqueles três dias, levando-lhes algumas esmolas e deixando-os muito confortados em seus sofrimentos.

Maria e José vão ao templo

754. Estes indícios produziram na divina Senhora ternissimos afetos que, do

fundo do coração, enviava a seu Filho ausente. Logo supos que, já que não estava com os pobres, estaria sem dúvida no templo como na casa de Deus e da oração. A este pensamento, disseram-lhe os santos anjos: Rainha e Senhora nossa, vosso consolo se aproxima e logo vereis a luz de vossos olhos. Apressai o passo ide ao templo.

O glorioso São José encontrou-se neste momento com sua Esposa. Para duplicar as diligências, tomara outra direção à procura do Menino Deus, e fôra também avisado por outro anjo, que se dirigisse ao templo. Padeceu nesses três dias incomparável e excessiva aflição, indo de um lado para outro, às vezes com sua divina Esposa, outras sem Ela, mas com profunda pena. Teria chegado a perder a vida, se o poder do Senhor não o confortasse, e se a prudentíssima Senhora não o consolasse. Cuidava que tomasse algum alimento, e descansasse por momentos de sua grande fadiga. Seu verdadeiro e dedicado amor pelo Menino Deus, levava-o a procurá-lo com veemente ansiedade, sem se lembrar de alimentar a vida, nem sustentar a natureza.

Com o aviso dos santos anjos, foram Maria puríssima e São José ao templo, onde aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

O temor santo

755. Minha filha, sabem os mortais, por frequentes experiências, que não se perde sem dor, aquilo que se ama com deleite. Esta verdade tão conhecida e provada, devia ensinar e argüir os mundanos, do desamor que mostram por seu Deus e Criador. Sendo tantos os que o perdem, poucos são os que se afligem com esta perda, porque nunca mereceram amá-lo e possuí-lo pela graça. Como não lhes dói perder o bem que não amam e nem possuíram, depois de perdido não cuidam em recuperá-lo. Há, porém, grandes diferenças nestas perdas ou ausências do verdadeiro Bem.

Não é a mesma coisa Deus esconder-se da alma para provar seu amor e lhe aumentar as virtudes, ou afastar-se dela por castigo de suas culpas. O primeiro caso é artifício do amor divino, e meio para mais se dar à criatura que o deseja e merece. O segundo, é justo castigo da indignação divina. Na primeira ausência a alma se humilha pelo temor santo e filial e por não saber a causa. Ainda que a consciência não o acuse, o coração sensível e amoroso conhece o perigo, sente a perda e assim como diz o Sábio **(Prov 28, 14)**, será bem-aventurado. Vive sempre com temor dessa perda, porque o homem não sabe se é digno do amor ou do ódio de Deus **(Ecli 9, 1),** e tudo é reservado para o fim **(Ecli 9, 2)**. E, no decorrer desta vida mortal, comumente sucedem as coisas ao justo e ao pecador, sem diferença.

Perigosa indiferença

756. Diz o Sábio, que este perigo é o maior e péssimo entre todas as coisas que acontecem debaixo do sol **(Ecli 9, 3),** porque leva os ímpios e réprobos a se encherem de malícia e dureza de coração. Vivem em falsa e perigosa segurança, vendo que, sem diferença, sucedem as coisas a eles como aos demais **(Ecli 9, 12)** e que não se pode saber, com certeza, quem é escolhido ou reprovado, amigo ou inimigo de Deus, justo ou pecador, quem merece o ódio e quem o amor. Se os homens, porém, recorressem, sem paixão e falsidade, à consciência, ela responderia a cada um o que lhe convém saber **(Lc 12, 58)**. Quando ela acusa pecados cometidos, é estultíssima ignorância não atribuir-se os

males que padece, e não se reconhecer despojada da presença da graça, e privada do sumo Bem.

Se a razão estivesse livre, a maior prova seria sentir, com íntima dor, a perda do gozo espiritual e efeitos da graça. A falta desta sensibilidade numa alma criada para a eterna felicidade, é forte indício de que não a deseja nem ama. Daí não buscá-la com solicitude **(Lc 15, 8)** e não chegar a ter alguma certeza e segurança prudente, possíveis nesta vida mortal, de não ter perdido por sua culpa, o sumo Bem.

Só o pecado faz perder a Deus

757. Eu perdi meu Filho Santíssimo apenas quanto à presença corporal e com esperança de O encontrar. Todavia, o amor e a incerteza da causa de sua ausência não me deram repouso até tornar a achá-lo. Quero que me imites nisso, caríssima, seja que o percas por tua culpa ou por disposição dele. Para que não venha a acontecer isso por castigo, deves procurá-lo com tanta energia que nem a tribulação, nem a angústia, nem a necessidade, nem o perigo, nem a perseguição, nem a espada, nem o alto, nem o profundo, possam criar separação entre ti e teu Senhor **(Rom 8, 35).**

Se tu fores fiel como deves, e não O quiseres perder, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem outra qualquer criatura, serão capazes para fazer-te perdê-lo **(Rom 8, 38)**. Tão fortes são o vínculo e as cadeias de seu amor, que ninguém as pode quebrar, a não ser a própria vontade da criatura.

CAPÍTULO 5

DEPOIS DE TRÊS DIAS O MENINO JESUS É ENCONTRADO NO TEMPLO, DISCUTINDO COM OS DOUTORES.

Razões da perda do Menino Deus

758. No capítulo passado, fica em parte resolvida a dúvida que alguns poderiam ter, ao pensar como nossa divina Senhora, sendo tão cuidadosa e atenta no acompanhar e servir seu Filho santíssimo, poderia tê-lo perdido de vista, ficando Ele em Jerusalém.

Bastaria saber que assim o pode dispor o mesmo Senhor. Contudo, explicarei aqui melhor como aconteceu, sem descuido ou voluntária inadvertência da amorosa Mãe. Além de valer-se da aglomeração de gente, o Menino Deus usou outro meio sobrenatural, quase necessário para distrair a atenção da sua cuidadosa Mãe e companheira. Sem isto, não deixaria Ela de notar que se escondia o Sol que a guiava em todos os caminhos.

Aconteceu que ao se separarem os homens das mulheres, como ficou dito, o poderoso Senhor infundiu em sua divina Mãe uma visão intelectual da divindade. A força deste altíssimo objeto atraiu-a toda ao interior. Ficou tão abstraída, abrasada e alheia aos sentidos, que, por grande espaço, só pode usar deles para prosseguir o caminho. No mais, ficou toda inebriada na suavidade e divina consolação da vista do Senhor **(Cant 5, 1).**

São José teve o motivo que já disse [1], ainda que também foi arrebatado interiormente em altíssima contemplação, o que lhe tornou mais crível o misterioso equívoco de que o Menino ia com a sua Mãe. Deste modo ausentou-se deles, ficando em Jerusalém. Quando, depois de certo prazo, a Rainha se viu sozinha, supôs que Ele estivesse com o Pai adotivo **(Lc 2, 44).**

O Menino em Jerusalém

759. Isto aconteceu próximo às portas da cidade, donde o Menino Jesus voltou, pondo-se a andar pelas ruas. Vendo em sua ciência divina o que nelas lhe haveria de suceder, tudo ofereceu a seu eterno Pai pela salvação das almas.

Naqueles três dias pediu esmolas para, daí em diante, enobrecer a humilde mendicância como primogênita da santa pobreza. Visitou os hospitais dos pobres, e consolando a todos, repartiu com eles as esmolas que recebeu. Ocultamente deu saúde a alguns enfermos no corpo, e a muitos na alma, pondo-os no caminho da vida eterna.

A alguns dos benfeitores que lhe deram esmola, concedeu graças em maior abundância, cumprindo a promessa que depois faria à sua Igreja: quem recebe o justo ou o profeta, receberá recompensa de justo ou de profeta **(cf.Mt 10, 41).**

Jesus vai ao templo

760. Tendo-se ocupado nesta e noutras obras da vontade do eterno Pai, foi ao Templo. No dia, do qual fala o evan-

1 - acima, nº 747.

gelista São Lucas **(2, 46),** reuniram-se os rabinos que eram os doutores e mestres da lei, num lugar onde discutiam algumas dúvidas e passagens das Escrituras.

Naquela ocasião, disputavam sobre a vinda do Messias. Pelas novidades e prodígios que se tinham visto naqueles anos, desde o nascimento do Batista e a vinda dos Reis orientais, crescera o rumor entre os judeus, de que chegara o tempo do Messias e que já se encontrava no mundo, embora ainda não fosse conhecido.

Estavam todos assentados em seus lugares, com a autoridade que costumam assumir os mestres e os que se têm por doutos. Aproximou-se o infante Jesus da reunião daqueles magnatas. Rei dos Reis e Senhor dos senhores **(Tim 6, 15; Apoc 19,16),** Sabedoria infinita **(1 Cor 1, 24),** aquele que emenda os sábios **(Sab 7, 15),** apresentou-se ante os mestres da terra como discípulo humilde. Declarou que se aproximava para ouvir o que discutiam e se inteirar da matéria que tratavam: se o Messias prometido já viera, e se chegara o tempo de sua vinda ao mundo.

Erro dos rabinos

761. As opiniões dos letrados variavam muito sobre este ponto, afirmado por uns e negado por outros. Os do lado negativo alegavam algumas passagens e profecias das Escrituras, interpretadas errada e materialmente, como disse o Apóstolo: Entendida sem espírito, a letra mata **(2 Cor 3, 6).** Estes sábios enfatuados afirmavam que o Messias viria com majestade e grandeza de rei. Com seu grande poder libertaria seu povo da servidão temporal que os mantinha sujeitos aos gentios.

Ora, deste poder e libertação não havia indícios na atual condição dos hebreus, impossibilitados de sacudir do pescoço o jugo do império romano.

Esta opinião tinha grande influência sobre aquele povo cego e carnal. Entendiam ser só para eles a Redenção que o Messias viria operar para seu povo, com o poder divino de sua majestade e grandeza. Esta redenção seria temporal e terrena, como ainda hoje esperam os judeus obcecados pelo véu que obscurece seus corações **(Is 6, 10).**

Ainda não se convenceram que a glória, majestade e poder de nosso Redentor e a liberdade que veio trazer ao mundo, não é terrena e perecível mas sim celeste, espiritual e eterna. E, não só para os judeus - ainda que foi oferecida a eles em primeiro lugar - mas para toda a raça humana de Adão, sem exceção **(2 Cor 3, 15).**

O Menino no meio dos doutores

762. Viu o mestre da verdade, Jesus, que a disputa ia se encerrar com esse erro, pois os poucos que discordavam dessa opinião, eram vencidos pela autoridade e argumentos dos outros.

Como o Senhor viera ao mundo dar testemunho da verdade **(Jo 18, 37),**

que era Ele mesmo, não quis consentir nessa ocasião - quando importava tanto manifestá-la - que, pela autoridade dos sábios, ficasse estabelecido o erro contrário. Sua caridade imensa não tolerou ver aquela ignorância de suas obras e altíssimos fins, nos mestres que deviam ser idôneos ministros da verdadeira doutrina para instruir o povo no caminho da vida e de seu autor, nosso Redentor.

O Menino Deus aproximou-se mais do grupo em discussão, para manifestar a graça que se derramava de seus lábios **(Sl 44, 3)**. Com rara majestade e formosura, pôs-se no meio deles, como quem deseja expôr alguma dúvida. Seu aprazível semblante despertou naqueles sábios o desejo de ouvi-lo atentamente.

As profecias sobre o Messias

763. Disse o Menino Deus: ouvi e entendi perfeitamente vossa conferência sobre a vinda do Messias e a conclusão a que chegastes. Concordo que os Profetas dizem que sua vinda será com grande poder e majestade, como aqui se referiu citando seus testemunhos. Isaías diz que será nosso Legislador e Rei que salvará seu povo **(Is 33, 22).** Em outro lugar afirma que virá com grande cólera **(Is 30, 27).** David também assegurou que abrasará todos seus inimigos **(Sl 96, 3).** Daniel afirma que todas as tribos e nações o servirão **(Dan 7, 14)**. O Eclesiástico declara que com Ele virá grande multidão de Santos **(Ecli 24, 3).** Os Profetas e as Escrituras estão cheios de semelhantes promessas, para manifestar sua vinda com sinais muito claros e visíveis, se forem olhados com atenção e luz.

A dúvida, porém, se levanta, quando estas e outras passagens dos Profetas, parecem se contradizer. Uma vez que todos são igualmente verdadeiros, é forçoso que se lhe dê o verdadeiro sentido que permita concordarem mutuamente. Assim, como entenderemos o que diz o mesmo Isaías? Virá da terra dos viventes, e quem contará sua geração? **(Is 53, 8).** Foi saciado de oprobios **(Is 53, 11)**; será conduzido à morte como a ovelha ao matadouro, sem abrir a boca [2].

Jeremias afirma que os inimigos do Messias se unirão para persegui-lo, para por veneno em seu pão e apagar seu nome da terra **(Jer 11, 19),** ainda que não prevalecerão. David diz que será o opróbrio dos homens qual verme pisado e desprezado **(Sl 21, 7 e 8).** Zacarias anuncia que virá manso e singelo, montado num humilde animal **(Zac 9, 9).** E, todos os Profetas apresentam os mesmos sinais do Messias prometido.

As duas vindas do Messias

764. Pois, como será possível - acrescentou o Menino Deus - aceitar estas profecias, se supomos que o Messias virá com majestade e poder, armado para vencer todos os reis e monarcas, pela violência e derramamento de sangue alheio?

Não podemos negar que virá duas vezes: a primeira para remir o mundo e a segunda para julgá-lo. Sendo assim, as profecias devem ser aplicadas a estas duas vindas, dando a cada uma o que lhe compete. Como o fim destas duas vindas serão diferentes, também o serão suas circunstâncias, pois o papel desempenhado numa, será muito diferente do da outra. Na primeira vencerá o demônio, derrubando-o do poder que adquiriu sobre as almas com o primeiro pecado.

Para isto, em primeiro lugar, há de oferecer a Deus reparação por todo o gênero humano. Em seguida, ensinará aos homens, pela palavra e pelo exemplo, o caminho da vida eterna: como vencer os inimigos, como servir e adorar seu Criador e Redentor, como corresponder e bem usar dos benefícios e dons recebidos de sua mão.

2 - Idem v8.

A estes fins, o Messias ajustará sua vida e doutrina na primeira vinda. A segunda, será para pedir contas a todos no juízo universal, e dar a cada um a recompensa de suas obras, boas ou más, castigando a seus inimigos com furor e indignação. Isto é o que dizem os Profetas de sua segunda vinda.

Correta interpretação das profecias

765. De acordo com isto, se quisermos entender que a primeira vinda será com poder e majestade, e como disse David, que reinará de mar a mar **(Sl 71, 8)**: que seu reino será glorioso, como dizem outros Profetas **(Is 52, 6; Jer 30, 9; Ez 37, 22; Zac 9, 10)**: tudo isto não se pode interpretar materialmente, de um reino e aparato majestoso, sensível e corporal.

Deve-se entender do novo reino espiritual que fundará numa nova Igreja e se estenderá por sobre todo o orbe, com majestade, poder e riquezas da graça e das virtudes contra o demônio. Esta interpretação permite que as Escrituras concordem entre si, e não é possível dar-lhes outro sentido.

O fato do povo de Deus estar sob o império romano sem poder libertar-se, não constitui sinal para negar a chegada do Messias, mas, pelo contrário é prova infalível que já veio ao mundo. Nosso patriarca Jacó deixou este sinal para seus descendentes o saberem, ao ver a tribo de Judá sem o cetro e o governo de Israel **(Gn 49,10)**. E agora confessais que nem esta tribo nem qualquer outra, tem esperança de o recuperar. Tudo isto é provado também pelas semanas de Daniel **(Dan 9, 25)** que já se completaram.

Quem tiver memória há de se lembrar do que ouviu contar. Há poucos anos foi visto em Belém, à meia-noite, um grande resplendor **(Lc 2 a v. 9)**; e a alguns pobres pastores foi dito que o Redentor nascera. Dentro de pouco tempo vieram do Oriente alguns reis, guiados por uma estrela, a procura do Rei dos judeus para adorá-lo **(Mt 2 a v. 1)**. Tudo isso estava profetizado **(Miq 5 a v. 2; Sl 71, 10; Is 60, 6)**.

O rei Herodes, pai de Arquelau, acreditou sem duvidar, e mandou tirar a vida a tantos meninos **(Mt 2, 16)** para, entre eles, tirar a daquele rei recém-nascido, temendo que o sucedesse no reino de Israel.

Maria e José encontram Jesus

766. Outros argumentos apresentou o Menino Jesus, e sob forma de perguntas ensinava com poder divino. Os escribas e letrados ouviam-no mudos **(Lc 4, 32)**, e olhando uns para os outros, com grande admiração perguntaram: que maravilha é esta? Que rapazinho prodigioso! Donde e de quem é este Menino?

Não foram além desta admiração, e não conheceram, nem suspeitaram que era aquele que os instruía e iluminava sobre tão importante verdade.

Neste momento, antes que o Menino Deus terminasse sua explanação, chegaram sua Mãe e o castíssimo esposo São José, com tempo para ouvir as últimas frases. Terminada a preleção, levantaram-se todos os mestres da lei **(Lc 2, 47)** tomados de espanto e admiração. Arrebatada pela alegria, a divina Senhora aproximou-se de seu Filho amantíssimo, e em presença de todos os circunstantes disse o que refere São Lucas **(2,48)**: Filho, por que procedeste assim? Vede como vosso pai e Eu vos procurávamos cheios de aflição.

Esta amorosa queixa foi feita pela divina Mãe com tanta reverência quanto afeição, adorando-o como Deus, e representando-lhe sua aflição como a filho.

Respondeu Ele: Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo cuidar das coisas que se referem a meu Pai? **(Lc 2, 49)**.

Queixa de Maria

767. Diz o Evangelista que eles não entenderam o mistério destas palavras **(Lc 2, 50)**, porque então lhes foi oculto. Isto procedeu de duas causas: o gozo interior que colheram do que haviam semeado com tantas lágrimas, e a presença do seu rico tesouro encontrado os absorveu, tirando-lhes qualquer outra atenção. Também não tinham chegado a tempo de se inteirar do assunto tratado naquela disputa. Além de tudo isto, para nossa advertidíssima Rainha havia a razão de lhe estar encoberto o interior de seu Filho santíssimo, onde poderia tudo conhecer e que só depois lhe foi novamente descoberto.

Despediram-se os doutores, comentando o assombro de terem ouvido a Sabedoria eterna, embora ainda não a conhecessem. Ficando quase sozinhos, disse a Mãe santíssima a seu divino Filho, estendendo-lhe os braços com maternal afeto: Dai licença, meu Filho, a meu desfalecido coração para manifestar sua pena. Que nela não perca a vida, se for de proveito para vos servir; não me expulseis de vossa presença e aceitai-me como vossa escrava. Se foi descuido meu perder-vos de vista, perdoai-me, tornai-me digna de vós e não me castigueis com vossa ausência.

O Menino Deus recebeu-a com agrado e se ofereceu para ser seu mestre e companheiro até o tempo conveniente. Com isto, sossegou o inocente e abrasado coração da grande Senhora e partiram para Nazaré.

Maria goza de novo a visão da alma de Jesus

768. Afastando-se um pouco de Jerusalém, quando se encontraram a sós no caminho, a prudentíssima Senhora se

prostrou em terra, adorou seu Filho santíssimo, e lhe pediu a bênção. Não o havia feito, exteriormente, antes, por estarem no templo entre estranhos. Assim advertida e atenta era em não perder oportunidade de proceder com a plenitude de sua santidade.

O infante Jesus levantou-a do solo e lhe falou com aprazível semblante e carinhosas palavras. Ao mesmo tempo afastou o véu e lhe manifestou novamente sua alma santíssima com todas suas operações, com maior clareza e profundidade que antes. No interior de seu Filho Deus conheceu a divina Mãe todos os mistérios e atos que Ele realizara naqueles três dias de ausência. Entendeu tudo quanto se passara na discussão com os doutores: o que o Menino Jesus lhes disse, as razões que teve para não se revelar mais claramente como o Messias verdadeiro. Outros muitos segredos ocultos manifestou à sua Virgem Mãe, sendo Ela o arquivo onde se depositavam todos os tesouros do Verbo humanado para que em todos e por todos,

Ela lhe desse o tributo de glória e louvor divino, como ao Autor de tantas maravilhas. Assim o fez a Virgem Mãe, com satisfação do mesmo Senhor.

Depois, pediu ao divino Filho que descansasse um pouco no campo e tomassem algum sustento. Ele aceitou, recebendo-o da mão da grande Senhora que de tudo cuidava como Mãe da Sabedoria **(Ecli 24, 24).**

Durante a viagem fazem muitos milagres

769. No decurso do caminho, a divina Mãe ia falando com seu querido Filho sobre os mistérios que lhe manifestara no seu interior, a respeito da discussão com os doutores. O celestial mestre a instruiu vocalmente do que lhe mostrara intelectualmente.

Declarou-lhe, em particular, que aqueles letrados e escribas não chegaram a conhecê-lo por Messias, por causa da presunção e arrogância que tinham da própria ciência. Seus entendimentos encontravam-se obscurecidos pelas trevas da soberba, e não puderam perceber a luz, ainda que foi tão intensa a que o Menino Deus lhes propos.

Suas razões os teriam convencido suficientemente, se tivessem a vontade bem disposta pela humildade e desejo da verdade, mas o obstáculo que opuseram impediu-lhes de a encontrar, apesar de estar tão clara ante seus olhos.

Durante esta viagem, nosso Redentor converteu muitas almas ao caminho da salvação, servindo-se de sua Mãe santíssima como instrumento dessas maravilhas. Com palavras prudentíssimas e santas admoestações, esclarecia o coração de todos com quem a divina Senhora falava. Deram saúde a muitos enfermos; consolaram os tristes e aflitos, e por toda parte iam derramando graça e misericórdia, sem perder oportunidade para isso.

Noutras viagens que deixo escritas, já falei sobre alguns destes prodígios [3], e assim não me alongo a referir outros. Seriam necessários muitos capítulos e tempo para descrevê-los, quando outros fatos mais importantes desta História pedem a atenção.

Jesus submisso à Maria e José

770. Chegaram a Nazaré, e mais adiante falarei sobre sua vivência ali. O Evangelista São Lucas resumiu os mistérios desta época em poucas palavras, dizendo que o Menino Jesus era sujeito a seu Pai, a Maria santíssima e a São José, e que sua divina Mãe meditava em todas estas coisas guardando-as no coração: que Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos Homens **(Lc 2, 51-52).**

Adiante direi o que entendi sobre isto. Agora, refiro apenas que a humildade e obediência de nosso Deus e Mestre a seus Pais foi nova admiração para os anjos. Igualmente, a dignidade e excelência de sua Mãe santíssima a quem se entregou e submeteu o próprio Deus feito homem, para que sob o amparo de São José, O governasse e d'Ele dispusesse como sua propriedade.

Ainda que esta sujeição e obediência era conseqüente à maternidade natural, foi necessária especial graça para a Senhora usar do direito de Mãe no governar seu Filho, diferente da graça que tivera para O conceber e dar à luz. Estas graças convenientes teve Maria santíssima plenamente para todos estes ofícios. De sua plenitude transbordava-se em São José, para que também fosse digno pai adotivo de Jesus e chefe da sagrada família.

Vivência espiritual entre Mãe e Filho

771. A obediência e submissão do Filho santíssimo por sua Mãe, era por esta

3 - nº 624, 645, 669, 704

correspondida com virtudes heróicas. Entre outras excelências, teve uma quase incompreensível humildade e devotíssima gratidão de que Jesus se houvesse dignado voltar a permanecer com Ela. Julgava-se indigna de favor tão especial, e aumentou em seu fiel coração o amor e solicitude no serviço de seu Filho Deus. Era tão incessante em lho agradecer, tão pontual, atenta e cuidadosa em servi-lo, sempre de joelhos e apegada ao pó, que admirava aos supremos serafins.

Além de tudo, era oficiosíssima em imitar as ações do Filho, pondo toda a atenção em copiá-las e cuidado em praticá-las. Esta plenitude de santidade feria o coração de Cristo nosso Senhor **(Cant 4,9)** e a nosso modo de entender, prendia-o com cadeias de invencível amor **(Os 11, 4).**

Entre a divina Princesa e seu Deus e Filho verdadeiro, produzia-se uma circulação de amor e obras que excedem a qualquer entendimento criado. No oceano de Maria entravam todas as caudalosas correntes das graças do Verbo humanado, sem que esse mar transbordasse **(Ecli 1, 7),** porque tinha capacidade para contê-las. A feliz Mãe da Sabedoria fazia-as voltar a seu princípio, atribuindo-as a Ele, que as devolvia novamente para Ela. Assim, estes fluxos e refluxos da divindade pareciam existir apenas para Filho e Mãe.

Este é o mistério encerrado naquelas humildes e reconhecidas palavras da Esposa nos Cânticos **(2, 16 e 17):** Meu amado é para mim e eu para ele que se apascenta entre os lírios, enquanto se aproxima o dia e se afastam as sombras. E noutra passagem: Eu sou de meu Amado e ele é meu. Sou para meu dileto e ele se volta para mim **(Cânt 7, 10).**

Vivência exterior entre Filho e Mãe

772. Encontrando matéria tão próxima e bem disposta como o coração puríssimo de sua Mãe, era forçoso que o fogo do divino amor, que ardia no peito de nosso Redentor e que viera acender na terra **(Lc 12,49),** operasse com suma atividade, efeitos sem limites que só o Senhor que os produziu conheceu.

Advirto apenas uma coisa da qual recebi inteligência. As demostrações exteriores do amor por sua Mãe santíssima, o Verbo humanado media-as, não pela natural afeição e inclinação filial, mas sim pelo estado de viadora no qual a grande Rainha deveria conquistar merecimentos.

Reconheceu o Senhor que se, com tais demonstrações a acarinhasse tanto como lhe pedia a natural inclinação de Filho por tal Mãe, o contínuo gozo das doçuras de seu Amado a impediria de merecer quanto convinha. Por este motivo, o Senhor deteve parte desta natural propensão de sua humanidade. Deu oportunidade para que sua Mãe, ainda que tão santa, pudesse padecer e merecer, sem gozar o contínuo e doce prazer dos carinhos sensíveis de seu Filho santíssimo.

Por esta razão, no convívio ordinário, o Menino Deus guardava mais gravidade. Não obstante a diligentíssima Senhora ser tão cuidadosa em servi-lo e prevenir, com incomparável reverência, tudo o que necessitava, o Filho santíssimo não lhe fazia tantas demonstrações de agrado, quanto merecia a solicitude de sua Mãe.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Esperança e solicitude

773. Minha filha, todas as obras de meu Filho Santíssimo e as minhas estão cheias de misteriosa doutrina e ensinamento para os mortais que a considerem com atenta reverência. O Senhor ausentou-se de mim para que, procurando-o com aflição e lágrimas **(Sl 125, 5)** o encontrasse com alegria e fruto para meu espírito.

Quero que tu me imites neste mistério, buscando-o com amargura que te desperte incessante solicitude. Durante toda a vida não descanses em coisa alguma, até possui-lo para não mais perdê-lo **(Cant 3, 4).** Para entenderes o desígnio do Senhor, adverte que sua infinita sabedoria cria as criaturas com capacidade para a eterna felicidade. Coloca-as no caminho para alcançá-la, mas na ausência e incerteza **(Ecle 9, 2)** para que, enquanto não chega a possuí-la, vivam sempre solícitas e dolorosas.

Esta solicitude gera na criatura contínuo temor e aversão ao pecado, a única coisa que a pode fazer perder aquela felicidade eterna. Nesta disposição, não se deixa enredar pelas coisas visíveis e terrenas, no meio do bulício da convivência humana. O Criador vem ampará-la neste cuidado, acrescentando à razão natural as virtudes da fé e esperança, estímulos do amor que procura e encontra o destino final da criatura.

Além destas virtudes, e outras que infunde no batismo, envia inspirações e auxílios para despertar a alma a não esquecê-lo e a não se descuidar, enquanto carece de sua amável presença. Assim prossegue sua carreira até chegar ao almejado fim, onde encontrará a plena saciedade de sua aspiração e desejo **(Sl 16, 15).**

Engano das coisas visíveis

774. Daqui entenderás a torpe ignorância dos mortais. Poucos são os que se detêm a considerar a ordem misteriosa de sua criação e justificação, e o sublime desígnio das obras do Altíssimo.

Deste esquecimento seguem-se tantos males como os que sofrem as criaturas que se apoderam dos bens terrestres e se entregam aos falsos deleites, como se fossem sua felicidade e último destino.

Esta suma perversidade vai de encontro à ordem estabelecida pelo Criador; querem os mortais, na vida transitória e breve, gozar das coisas visíveis como se fossem seu destino, quando deveriam delas usar só para alcançar e não perder o sumo Bem. Adverte, pois, caríssima, este risco da estultícia humana, e tem por falso todo deleitável ao seu gozo e prazer **(Ecle 2, 2).** Diz à satisfação sensível que se engana, que é mãe da estultice, que embriaga o coração, que impede e destrói a verdadeira sabedoria. Vive sempre com temor santo de perder a vida eterna, e não te alegres fora do Senhor até possuí-la.

Teme os perigos das relações humanas. Se Deus, por meio da obediência, e para sua glória, te colocar nesta situação, ainda que deves confiar na sua proteção, nem por isso sejas remissa em te cuidares. Não te entregues à amizade e trato de criatura, o maior dos perigos para ti. O Senhor te deu temperamento reconhecido e afetivo, para que tivesses facilidade em corresponder-lhe, e empregasses no seu amor esse benefício.

Se, porém, deres entrada ao amor das criaturas, sem dúvida, te levarão longe do sumo Bem. Deste modo, perverterás a ordem e as obras de sua infinita sabedoria, e é indigno empregar o maior dom da natureza em objeto que não seja o mais nobre que nela existe. Eleva-te acima da criação e de ti mesma **(Tren 3, 38);** valoriza as operações de tuas potências. Apresenta-lhe o objeto nobilíssimo do Ser divino, o meu dileto Filho, teu esposo, o mais belo entre os filhos dos homens **(Sl 44, 3),** e ama-o de toda tua mente, alma e coração.

CAPÍTULO 6

JESUS CONTINUA FORMANDO EM MARIA A IMAGEM E DOUTRINA DA LEI EVANGÉLICA. VISÃO QUE MARIA RECEBEU.

Protesto da Escritora

775. Nos capítulos 1 e 2 deste livro, comecei a tratar do assunto que neste e nos seguintes continuarei. Faço-o com justo receio de minha balbuciante e pobre linguagem e ainda mais da tibieza de meu coração, para tratar dos ocultos mistérios que se realizaram entre o Verbo humanado e sua Mãe santíssima, durante os dezoito anos que estiveram em Nazaré. Foi o tempo desde a volta de Jerusalém, onde disputara com os doutores, até os trinta anos da idade do Senhor, quando começou sua pregação.

À margem deste pélago de mistérios, sinto-me confusa e tímida, suplicando ao excelso Senhor, com íntimo afeto da alma, envie um anjo tomar a pena, a fim de que o assunto não seja prejudicado. Ou então, que Deus, poderoso e sábio, fale por mim e me ilumine; encaminhe minhas potências, governando-as por sua divina luz; sejam elas instrumento só de sua vontade e verdade, e nelas não tenham parte a fragilidade humana e a limitação de uma ignorante mulher.

Maria obra-prima de Cristo

776. Já disse acima [1] nos citados capítulos, como nossa grande Senhora foi a singular e primeira discípula de seu Filho santíssimo. Foi escolhida, entre todas as criaturas, para imagem perfeita da nova lei do Evangelho e de seu Autor. Seria, em a nova Igreja, o padrão e único modelo por onde se formariam os demais Santos, frutos da redenção humana.

Nesta obra, o Verbo humanado procedeu como excelente artista que domina a pintura em todas suas técnicas e modalidades. Entre todas suas obras, procura aprimorar uma com toda habilidade, para servir de prova de seu mérito e capacidade, e ser o modelo de todas as que houver de executar. Não há dúvida que toda santidade e glória dos santos foi obra do amor de Cristo e de seus merecimentos **(Ef 1, 3; Jo 1, 16).** Todos foram obras perfeitíssimas de suas mãos, mas comparadas com a grandeza de Maria santíssima, parecem pequenas e borrões da arte, pois todos os santos tiveram alguns destes borrões **(Jo 1, 8).**

Só esta viva imagem de seu Unigênito não os teve. A primeira pincelada em sua formação, foi mais primorosa que os últimos retoques dos supremos anjos e santos. Ela é o padrão de toda a santidade e virtudes dos demais, e o máximo onde pôde chegar o amor de Cristo em pura criatura. A nenhum foi dada a graça e glória que Maria santíssima não pôde receber, e Ela recebeu toda a que às outras não foi possível dar. Seu bendito Filho deu-lhe toda a que Ela pôde receber e que Ele pôde lhe comunicar.

1 - nº 714.

A santidade da Virgem

777. A diversidade dos santos e os graus de sua santidade, em silêncio enaltecem ao Artífice da santidade **(Sl 18, 2).** Os menores realçam a grandeza dos maiores, e todos juntos glorificam Maria santíssima, ao serem imensamente superados pela incomparável santidade da Senhora. São bem-aventurados na medida em que a refletem e participam de sua perfeição.

Se Maria puríssima é a suprema criatura em que foi sublimada a categoria dos justos, pela mesma razão Ela veio a ser como o instrumento e o motivo da glória que, desta elevação, recebem todos os Santos. Compare-se o tempo que Cristo nosso Senhor empregou, entre formar sua Igreja e este retrato de sua santidade, cujo primor só de muito longe podemos vislumbrar. Para fundar e enriquecer a Igreja, chamar os apóstolos, pregar ao seu povo, estabelecer a nova lei do Evangelho, bastou a pregação de três anos. Nesse prazo cumpriu, superabundantemente, a obra que lhe encomendara o Pai eterno **(Jo 6 a v.38),** justificou e santificou todos os crentes.

Para gravar na Mãe santíssima a imagem de sua santidade, não só empregou três anos, mas três vezes dez. Em todo esse tempo trabalhou-a com o poder de seu divino amor, sem interrupção. Cada hora acrescentava-lhe graças a mais graças, favores a outros favores, benefícios a benefícios, santidade a santidade.

Passado esse tempo Ela ainda pôde ser retocada com o que recebeu depois da subida de seu Filho santíssimo ao céu, como direi na terceira parte.

Turba-se a razão, desfalece a inteligência à vista desta grande Senhora. Foi escolhida como o sol **(Cânt 6, 9)** e sua refulgência não pode ser captada por olhos terrenos, nem de outra criatura.

O livro dos sete selos

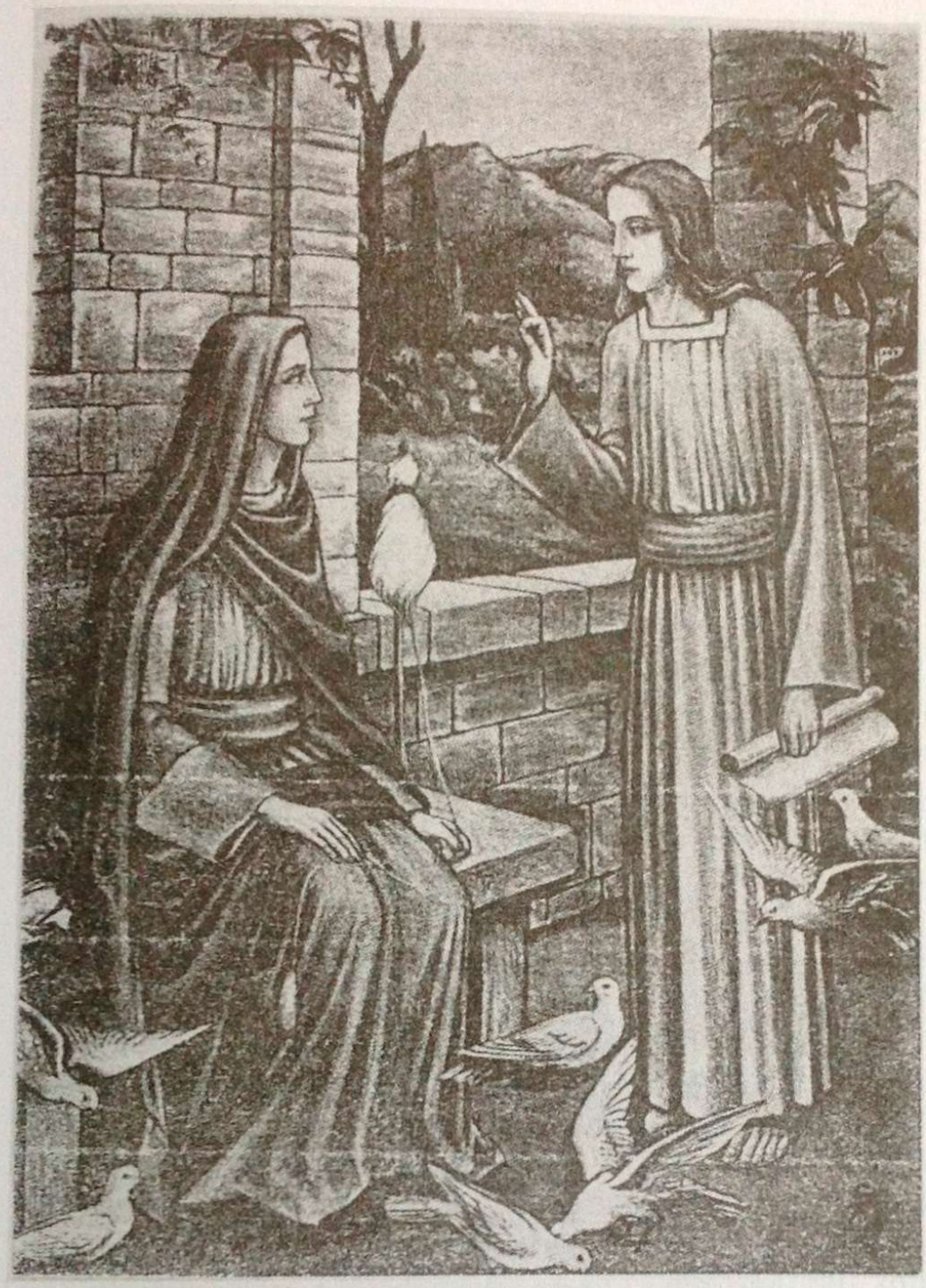
778. Cristo, nosso Redentor, começou a realizar esta doutrinação à sua divina Mãe, depois que voltaram do Egito a Nazaré, como fica dito **(nº 713).** Continuou sempre no ofício de mestre instruindo-a, e seu poder divino iluminava-a com novas inteligências sobre os mistérios da Encarnação e Redenção.

Depois que voltaram de Jerusalém, quando o Menino Deus tinha doze anos, recebeu a grande Rainha uma visão da divindade. Não foi visão intuitiva senão por espécies, mas muito elevada e cheia de novas influências da divindade e segredos do Altíssimo. Conheceu, em particular, os decretos da mente e vontade do Senhor, referentes à lei da graça que seria fundada pelo Verbo humanado **(Ef 2, 14 e 15; Mt 4, 17),** e o poder que para isto lhe era dado **(Mt 28, 18)** no consistório da beatíssima Trindade.

Viu que, para este fim, o eterno Pai entregava a seu Filho feito homem aquele livro a que se refere São João **(Ap 5, 1).** Fechado com sete selos, não havia no céu e na terra quem o abrisse soltando os selos, até que o Cordeiro o abriu com sua paixão, morte, doutrina e merecimentos. Assim descobriu aos homens o segredo daquele livro que consistia em toda a nova lei do Evangelho e na Igreja que Ele estabeleceria no mundo.

Maria, a primeira cristã

779. Conheceu a divina Senhora como a Santíssima Trindade decretava que, de toda raça humana, Ela fosse a primeira a ler e entender aquele livro. Seu Unigênito lho abriria e explicaria inteiramente, para Ela praticar quanto nele se continha. Acompanhando o Verbo, a quem dera a natureza, ocuparia o legítimo lugar imediato a Ele. Seria a



Jesus instrue sua Mãe Ssma.

primeira a palmilhar as sendas que, descendo do céu, seu Filho revelara naquele livro, sendas pelas quais os mortais deveriam subir da terra a Deus. N'Ela, sua verdadeira Mãe, seria depositado aquele Testamento.

Viu como o Filho do eterno Pai e seu, aceitava aquele decreto com grande beneplácito e agrado. A humanidade santíssima o acolheu, com indizível complacência, por se tratar de sua Mãe, enquanto o eterno Pai se dirigia à puríssima Senhora, dizendo-lhe:

Maria, a mais perfeita imagem de Cristo

780. Esposa e pomba minha, prepara teu coração para que, conforme nosso beneplácito, te façamos participante da plenitude de nossa ciência, e para que seja escrito em tua alma o Novo Testamento e lei santa de meu Unigênito.

Afervora teus desejos e aplica tua mente no conhecimento e execução de nossa doutrina e preceitos. Recebe os dons de nosso liberal poder e amor por ti.

Para nos oferecer digna retribuição adverte que, por disposição de nossa infinita sabedoria, determinamos que meu Unigênito, na humanidade que de Ti recebeu, tenha numa pura criatura a sua imagem e semelhança no mais perfeito grau possível. Seja como o fruto proporcionado de seus merecimentos e, neste fruto seu santo nome seja glorificado e exaltado com digna correspondência.

Atende, pois, filha e eleita minha, que se pede grande disposição de tua parte. Prepara-te para as obras e mistérios de nossa poderosa destra.

Oração de Maria

781. Respondeu a humilíssima Senhora: Senhor eterno e Deus imenso, em vossa divina e real presença estou prostrada, conhecendo na visão de vosso ser infinito, o meu ser que é o mesmo nada. Reconheço vossa grandeza e minha pequenez. Vejo-me indigna do nome de vossa escrava, e pela benignidade com que vossa clemência me olhou, ofereço o fruto de meu ventre, vosso Unigênito. Suplico-lhe que responda por sua indigna Mãe e serva.

Preparado está meu coração **(Sl 56, 8)** que desfalece de gratidão por vossas misericórdias e se desfaz em afetos **(Sl 72, 26)** por não poder satisfazer a veemência de seus anelos. Se achei graça a vossos olhos **(Est 7, 3)**, falarei, Senhor meu, em vossa presença só para pedir e suplicar à vossa real Majestade que realizeis em vossa escrava tudo o que pedis e ordenais, pois ninguém o pode fazer, senão vós mesmo, Senhor e Pai altíssimo. Se, de minha parte pedis o coração livre e submisso, Eu vô-lo ofereço para padecer e obedecer à vossa vontade até a morte.

A divina Princesa foi logo repleta de novas influências da divindade, iluminada, purificada, espiritualizada e preparada com maior plenitude do Espírito Santo, do que até aquele dia.

Este favor foi muito memorável para a Imperatriz das alturas. Todos eram elevados, sem semelhantes nas demais criaturas, parecendo que cada um atingia o insuperável. Não obstante, na participação das divinas perfeições não há limites, se não faltar capacidade na criatura. Como esta era tão grande na Rainha do céu, e crescia com os mesmos favores, cada um a dispunha para outro maior. Não encontrando óbice, o poder divino derramava todos seus tesouros para depositá-los no seguro e fidelíssimo arquivo de Maria Santíssima Senhoranossa.

Maria oferece-se como discípula e serva

782. Saindo toda renovada desta visão estática, dirigiu-se à presença de seu Filho santíssimo, e prostrada a seus pés, lhe disse: Senhor meu, minha luz e meu Mestre, eis aqui vossa indigna Mãe preparada para o cumprimento de vossa santa vontade. Recebei-me de novo por discípula e serva, e tomai em vossa poderosa mão o instrumento de vossa sabedoria e querer. Executai em Mim o beneplácito do eterno Pai e vosso.

Recebeu o Filho santíssimo a sua Mãe com majestade e autoridade de mestre fazendo-lhe uma admoestação altíssima. Com grande ponderação e sólidos argumentos, instruiu-a sobre o valor e profundidade que continham as misteriosas obras que o Pai eterno lhe encomendara sobre a redenção humana e a fundação da nova Igreja e lei evangélica que na divina mente estava determinada.

Declarou-lhe de novo como, na realização de tão altos e ocultos mistérios, Ela seria sua companheira e coadjutora, estreando as primícias da Igreja. Para isto, a puríssima Senhora deveria acompanhá-lo em seus trabalhos, até a morte de cruz, seguindo-o com ânimo preparado, corajoso, constante, invencível e generoso. Deu-lhe celestial doutrina preparatória para depois receber toda a lei evangélica, compreendê-la, penetrá-la, e praticar com altíssima perfeição todos seus preceitos e conselhos.

Outros grandes mistérios revelou o Infante Jesus, nesta ocasião, à sua Mãe santíssima, sobre as obras que realizaria no mundo. Para tudo se ofereceu a divina Senhora com profunda humildade, obediência, reverência, gratidão e veementíssimo amor.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA SENHORA.

Maria, síntese da perfeição

783. Minha filha, muitas vezes no decurso de tua vida, e ainda mais agora, enquanto escreves a minha, tenho te chamado e convidado para me seguires pela maior imitação que te for possível, com o auxílio da divina graça. Encarrego-te novamente desta obrigação, depois que a dignação do Altíssimo te concedeu tão clara luz e inteligência sobre o que seu poder operou em meu coração, nele gravando toda a lei da graça e doutrina de seu Evangelho.

Conheceste também o efeito que este benefício produziu em mim e o modo como agradeci e correspondi, na perfeitíssima imitação de meu Santíssimo Filho e Mestre. Deves considerar esta ciência como um dos maiores favores que o Senhor te concedeu. Nela encontrarás, como num claríssimo espelho, a síntese da maior santidade e elevada perfeição. Serão manifestas à tua mente as sendas da divina luz **(Prov 4, 18)** para caminhares com segurança, livre das trevas da ignorância **(Jo 12, 35)** que envolve os mortais.

Disposições para imitar Maria

784. Vem, pois, minha filha, vem em meu seguimento. Para me imitares conforme desejo, e seres iluminada no entendimento, elevada no espírito, preparada no coração, afervorada na vontade, dispõe-te com a liberdade que teu Esposo pede. Abstrai-te das coisas terrenas e visíveis, deixa todo gênero de criaturas, renuncia a ti mesma **(Mt 16, 24)**, fecha os sentidos às falsas fabulações do mundo e do demônio **(Sl 39, 5)**. Nas suas tentações advirto-te a não te embaraçares nem te afligires muito, porque se ele consegue fazer-te parar no caminho, já terá obtido grande vitória, e não chegarás a ser forte na perfeição. Atende, pois, ao Senhor, cobiçoso da beleza de tua alma **(Sl 44, 12)**. Ele é liberal para concedê-la, poderoso para te confiar os tesouros de sua sabedoria, e solícito para levar-te a recebê-los.

Deixa-o gravar em teu peito sua divina lei evangélica. Nela estuda continuamente, medita-a dia e noite **(Sl 1, 2)**, seja alimento para tua memória, vida de tua alma, néctar de teu gosto espiritual. Assim conseguirás o que o Altíssimo e eu queremos de ti, e que tu também desejas.

Jesus Menino entre os doutores.

CAPÍTULO 7

EXPLICAÇÃO MAIS EXPRESSA SOBRE O MODO E A FINALIDADE DO SENHOR AO INSTRUIR MARIA SANTÍSSIMA.

A ordem das obras de Deus

785. Qualquer causa que age com liberdade e conhecimento de seus atos, deve ter para eles algum fim, razão ou motivo. Ao conhecimento da finalidade segue-se a consulta e escolha dos meios para alcançá-la. Esta ordem não pode faltar nas obras de Deus **(Sl 103, 24),** suprema e primeira causa de infinita sabedoria, com a qual dispõe e executa todas as coisas, de uma extremidade a outra, com fortaleza e suavidade, como diz o Sábio **(Sl 8, 1).** Não criou nenhuma para a morte, mas para que todos tenham vida **(Sab 1, 13 e 14).**

Quanto mais admiráveis as obras do Altíssimo, tanto mais singulares e elevados são os fins que nelas pretende atingir **(Prov 16, 4).** Último fim de todas é a glória de Si mesmo e sua manifestação. Isto, porém, é ordenado, por sua infinita ciência, como por uma cadeia de inúmeros anéis que, sucedendo-se uns aos outros, chegam da ínfima criatura até à suprema e mais imediata a Deus, autor e fim universal de todas **(Apoc 22, 13).**

Maria, imagem de Cristo

786. Toda a excelência da santidade de nossa grande Senhora se encerra em tê-la Deus feito retrato ou imagem viva de seu Filho santíssimo. Era-lhe tão semelhante na graça e operações que, por comunicação e privilégio, parecia outro Cristo **(Gal 4, 4).**

Entre Filho e Mãe realizou-se divino e singular comércio: Ela lhe deu a forma e o ser da natureza, e o Senhor deu a Ela outro ser espiritual de graça, com semelhança ao de sua humanidade. Os fins que o Altíssimo teve em vista foram dignos de tão rara maravilha, a maior de suas obras em pura criatura.

Já falei [1] um pouco sobre a conveniência da grandeza de Maria para a honra de Cristo nosso Redentor e para o crédito da eficácia de sua doutrina e merecimentos. Era como necessário que em sua Mãe santíssima se visse a santidade e pureza da doutrina de Cristo nosso Senhor, seu autor e mestre; a eficácia de sua lei evangélica e do fruto da Redenção. E tudo devia reverter na suma glória, devida ao Senhor. Tudo isto achou-se em sua Mãe, com maior intensidade e perfeição do que em todo o resto da santa Igreja e seus predestinados.

Cristo novo Adão, Maria nova Eva

787. O segundo fim que o Senhor visou nesta obra, refere-se também aos seus mistérios de Redentor. Nossa reparação deveria corresponder à criação do mundo, e o remédio do pecado à origem deste.

O primeiro Adão **(1 Cor 15, 47)**

1 - Nos capítulos primeiro, segundo e sexto nº 713, 730, 782.

teve por companheira na culpa a nossa mãe Eva que o induziu e ajudou a cometê-la. Nele se perdeu todo o gênero humano do qual era a cabeça.

Convinha, portanto, que na reparação de tão grande ruína, o segundo e celestial Adão, Cristo nosso Senhor, tivesse por companheira e coadjutora na Redenção a sua Mãe puríssima. Ela iria concorrer e cooperar no remédio, ainda que só em Cristo, nossa cabeça **(Col 1, 18; 1 Tim 2, 5)** estivesse a virtude e a adequada causa da geral redenção.

Para que este mistério se realizasse com a dignidade e proporção que convinha, foi necessário que se cumprisse entre Cristo nosso Senhor e Maria santíssima, o que disse o Altíssimo na criação dos primeiros pais: Não é bom que o homem fique só; façamos-lhe alguém semelhante que o ajude **(Gn 2, 18).**

Assim o fez o Senhor com seu poder, de tal modo que falando já pelo segundo Adão, Cristo, pôde dizer: Eis o osso de meus ossos, e a carne de minha carne; chamar-se-á varonil porque foi formada do varão **(Gn 2, 23).** Não me detenho em dar maior explicação deste sacramento, pois salta aos olhos da razão iluminada com a luz divina da fé, a semelhança entre Cristo e sua Mãe santíssima.

Cristo e Maria, as duas tábuas da nova Lei

788. Houve ainda outro motivo para este mistério, e apesar de o citar aqui como terceiro foi o primeiro na intenção, porque se refere à eterna predestinação de Cristo, Senhor nosso, conforme foi dito na 1ª parte[2].

O Verbo eterno se encarnaria e viria ao mundo para ser modelo e mestre das criaturas. Este foi o primeiro fim do prodígio da encarnação, fim que deveria encontrar correspondência proporcionada à sua grandeza. Tal prodígio era o maior de todos, e o fim imediato ao qual todos os outros fatos deveriam se referir.

Para seguir esta ordem e proporção, era conveniente que a divina Sabedoria, entre todas as criaturas, encontrasse alguma adequada a preencher seu propósito de vir a ser nosso mestre e nos conferir a dignidade de filhos de sua doutrina e graça **(Gal 4, 5).**

Se Deus não houvesse criado Maria santíssima, predestinada entre todas as criaturas com a máxima santidade e semelhança da humanidade de seu Filho santíssimo, faltaria a Deus, no mundo, a justificativa para, a nosso grosseiro modo

de falar, dar razão à sua determinação de se fazer homem, pela ordem e modo que sua onipotência demonstrou.

Pode-se comparar este fato com o que aconteceu a Moisés e às tábuas da lei escritas pelo dedo de Deus **(Ex 31, 18).** Ao ver o povo idolatrar, quebrou-as **(Ex 32, 19)** julgando os desleais, indignos daquele benefício. Depois, porém, a lei foi escrita em outras tábuas fabricadas por mãos humanas **(Ex 34. 1),** e estas per-

2 - nº 39.

maneceram no mundo. Assim também, as primeiras tábuas formadas pela mão do Senhor (Adão e Eva), quebraram-se com o primeiro pecado. Não teríamos a lei evangélica se não houvesse outras tábuas, Cristo e Maria **(Lc 1, 38),** formadas por outro modo: Ela, pelo comum e ordinário, e Ele pela cooperação da vontade e substância de Maria. Se esta grande Senhora não tivesse cooperado com sua dignidade a preencher a finalidade desta lei, nós, os demais mortais, teríamos ficado sem ela.

Conhecimento de Maria sobre a Igreja

789. Todos estes sublimes fins, Cristo nosso bem, tinha presentes, na plenitude de sua divina ciência e graça, enquanto instruía sua Mãe beatíssima nos mistérios da lei evangélica.

Para que não só compreendesse a todos, mas também os diferentes modos de entender a lei, usava o Senhor diferentes modos de ensinar. Assim a discípula ficava tão sábia que poderia mais tarde, ser consumada mestra e mãe da sabedoria **(Ecli 24, 24).** Umas vezes instruía-a por meio de visão abstrativa da divindade que, nesta época, recebeu mais freqüentemente. Outras vezes, por visão intelectual, que lhe permanecia mais habitualmente, embora menos clara.

Tanto numa como noutra, conhecia expressamente toda Igreja militante, com a ordem e sucessão que teve, desde o princípio do mundo até a Encarnação. Depois, a que teria, desde esse tempo até o fim do mundo e na futura bem-aventurança. Nesta notícia tão clara, distinta e vasta conhecia todos os santos e justos; os que mais se distinguiam na Igreja: os Apóstolos, Mártires, Patriarcas dos institutos religiosos, Doutores, Confessores e Virgens. Nossa Rainha conhecia-os cada um em particular, com suas obras, seus méritos, a graça que alcançariam e a recompensa correspondente que receberiam.

Conhecimento de Maria sobre os Sacramentos, a doutrina e a Sagrada Escritura

790. Conheceu também os Sacramentos que seu Filho santíssimo queria instituir em sua santa Igreja; a eficácia que teriam, os efeitos que produziriam em quem os recebesse, segundo as diversas disposições de cada um **(Jo 1, 16),** e como tudo procedia da santidade e méritos de seu Filho santíssimo, nosso reparador.

Recebeu ainda, clara notícia de toda a doutrina que Cristo iria pregar e ensinar; das antigas e novas Escrituras com todos os mistérios que contém sob os quatro sentidos: literal, moral, alegórico e anagógico; de tudo quanto os expositores escreveriam, e ainda muito mais, entendeu a divina discípula.

Conheceu que esta ciência lhe era dada para que fosse mestra da santa Igreja, como realmente o foi na ausência de seu Filho santíssimo após sua ascensão aos céus. Aqueles fiéis, filhos recém-nascidos **(1 Ped 2, 2)** e regenerados na graça, teriam na divina Senhora mãe amorosa que os criaria com o leite suavíssimo de sua doutrina, alimento apropriado aos pequeninos.

Foi assim que a beatíssima Senhora, nestes dezoito anos que esteve com seu Filho, recebeu e como assimilou a substância evangélica, a doutrina de Cristo nosso Salvador, recebendo-a diretamente do próprio Senhor. Tendo-a saboreado e experimentado sua negociação **(Prov 31, 18),** dela extraiu o doce alimento com que criar a primitiva Igreja que era, em seus fiéis, recém-nascida e incapaz do manjar sólido e forte da doutrina, das Escrituras e da perfeita imitação de

seu Mestre e Redentor. Como sobre este ponto falarei mais na terceira parte [3], seu lugar próprio, não me alongo mais agora.

Imensa a sabedoria da Virgem

791. Além deste ensinamento através de visões, tinha a grande Senhora o de seu Filho santíssimo em sua humanidade, nos dois modos de que já tenho falado muitas vezes.

O primeiro era a visão do espelho de sua alma santíssima e de suas operações interiores, que vinha a ser de certo modo, a mesma ciência que Ele possuía de todas as coisas. Neste espelho era informada dos desígnios do Redentor, artífice da santidade, e dos decretos de quanto realizaria na Igreja, pessoalmente e por seus ministros.

O outro modo era pela instrução oral, pois o Senhor conferia com sua digna Mãe todas as coisas que n'Ele e na divindade lhe havia manifestado. Tudo quanto se referia à Igreja, desde o mais insignificante até o mais importante, comunicava a Ela. E não apenas isto, mas também os fatos que atingiriam a lei evangélica na sucessão dos tempos e no contato com a gentilidade e seitas falsas. De tudo tornou ciente a sua divina discípula e nossa mestra. Antes que o Senhor começasse sua pregação, Maria santíssima já estava treinada em sua doutrina, praticando-a com suma perfeição.

A plenitude das obras de nossa grande Rainha correspondia a de sua imensa sabedoria e ciência. Esta foi tão profunda e com espécies tão claras que, assim como nada ignorava, tão pouco se enganou nem nas espécies, nem nas palavras. Jamais lhe faltaram as expressões necessárias; não empregou uma só supérflua; não trocou uma por outra; nem teve necessidade de pensar e recordar, para falar e explicar os mistérios mais arcanos das Escrituras, nas ocasiões em que foi necessário fazê-lo na primitiva Igreja.

3 - nº 106 e seguintes.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA MÃE E SENHORA NOSSA.

Deus quer que todos se salvem

792. Minha filha, a bondade e clemência do Altíssimo que, por si mesma, deu e dá o ser a todas as criaturas, e a nenhuma nega sua grande providência, é fidelíssima em conceder sua luz a todas as almas **(Jo 1, 9).** Por ela podem chegar a conhecê-lo e se colocar no caminho da eterna vida, a não ser que a própria alma crie impedimento e obscureça esta luz por suas culpas, abandonando a conquista do reino dos céus **(Mt 11,12).**

Com as almas, porém, que por secretos desígnios chama à sua Igreja, mostra-se mais liberal. No batismo infunde-lhes a graça com outras virtudes chamadas essencialmente infusas e que a criatura não pode adquirir por si mesma. Outras são infusas acidentalmente, porque poderiam ser adquiridas com obras. O Senhor, porém, as antecipa para que a alma se encontre mais pronta e devota em guardar sua lei.

A outras almas, além desta luz da fé comum, acrescenta sua benignidade especiais dons sobrenaturais de maior inteligência e virtude, para conhecer e praticar os mistérios da lei evangélica. Neste favor Ele se mostrou contigo mais liberal que a muitas gerações, o que te obriga a te distinguires no devido amor e correspondência, permanecendo sempre humilhada e apegada ao pó.

O demônio quer a perdição do homem

793. Para que em tudo fiques instruída, quero te mostrar, com cuidado e amor de Mãe e mestra, a astúcia de Satanás para impedir esta ação do Senhor.

Desde a hora em que as criaturas começam a ter uso de razão, cada uma é

seguida por muitos demônios. Eles permanecem atentos e vigilantes, e no momento em que as almas deviam elevar sua mente ao conhecimento de Deus e começar a produzir os atos das virtudes infusas no batismo, os demônios, com incrível furor e astúcia, procuram arrancar-lhes esta divina semente. Se não o conseguem, procuram impedir que dê fruto, inclinando-as a atos viciosos, inúteis ou pueris. Com tal iniquidade, distraem as criaturas para não exercitarem a fé, esperança e outras virtudes. Não se lembrando que são cristãos, não cogitam de conhecer a Deus, os mistérios da redenção e a vida eterna.

Além disto, o mesmo inimigo inspira aos pais grosseira negligência, cego amor carnal pelos filhos, e incita os mestres a outros descuidos. Uns e outros não advertem na má educação que ministram a seus filhos e educandos. Deixam que se depravem com a aquisição de muitos hábitos viciosos, perdendo as virtudes e boas inclinações. Deste modo, vão trilhando o caminho da perdição.

Tal juventude, tal velhice

794. Todavia, o piedosíssimo Senhor não se esquece de acudir a este perigo. Renova a luz interior com novos auxílios e santas inspirações, com a doutrina da Santa Igreja, através de seus pregadores e ministros, com o uso e eficaz remédio dos Sacramentos. Com estes e outros meios, procura fazê-los voltar ao caminho da salvação.

Se, com tantos remédios, poucos voltam à saúde espiritual, a causa mais grave para não recuperá-la é a tirania dos vícios e depravados costumes adquiridos na infância. É o que afirma a verdadeira sentença do Deuteronômio **(33, 25):** "Conforme os dias da juventude, assim será a velhice."

O progresso da iniquidade

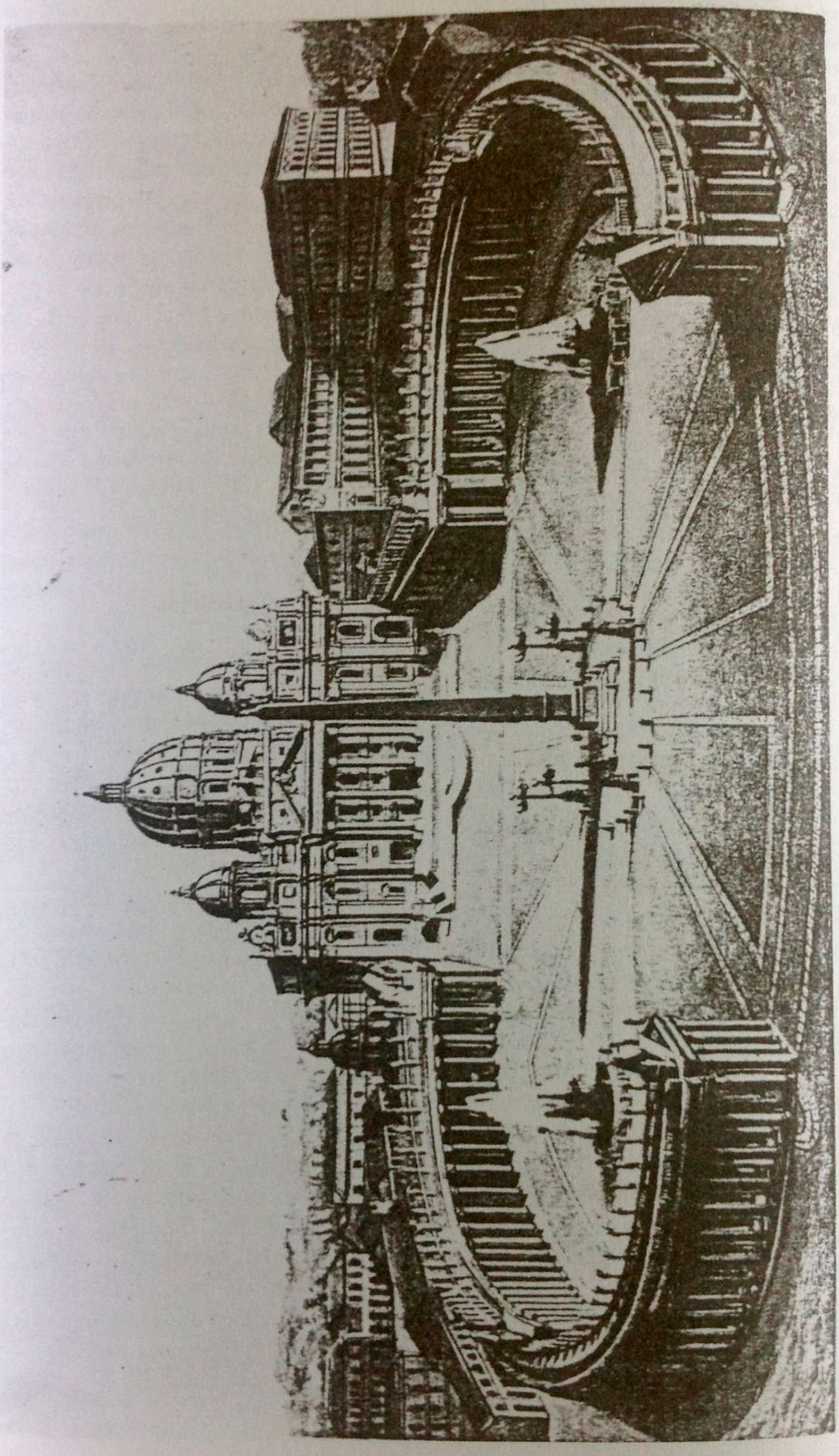
794.a. Com isto os demônios vão cobrando mais ânimo e tirânico domínio sobre a alma. Tendo-se ela sujeitado quando tinha menos e menores culpas, deduzem eles que o fará mais facilmente quando, sem temor, vai cometendo outras mais numerosas e mais graves. Incitam-na à louca ousadia de as cometer, porque cada pecado diminui as forças espirituais da criatura e a vai sujeitando ao demônio. Este a subjuga na maldade e miséria de tal modo, que acaba por oprimi-la sob os pés de sua iniquidade, e a leva onde quer, de precipícios a despenhadeiros, de abismo a abismo **(Sl 41, 8).** Merecido castigo de quem se lhe sujeitou pelo primeiro pecado. Por este sistema, Lúcifer tem derrubado inúmeras almas, e todos os dias as leva ao abismo, para ostentação de sua soberba contra Deus **(Sl 73, 23).**

Memória dos novíssimos

794.b. Pelo mesmo processo, o demônio estabeleceu no mundo sua tirania e o esquecimento dos novíssimos do homem: morte, juízo, inferno, paraíso. Precipitou tantos povos de abismo em abismo, até fazê-los cair nos erros tão cegos e bestiais, como os de tantas heresias e falsas seitas dos infiéis.

Cuidado, pois, minha filha, com tão formidável perigo, e nunca saiam de tua memória a lei de Deus **(Sl 118, 92),** seus preceitos e mandamentos, as verdades católicas e doutrinas evangélicas. Não passe dia algum sem neles meditares longamente, e aconselha o mesmo a tuas religiosas e a todos que te ouvirem.

Seu adversário, o demônio **(1 Ped 5, 8),** trabalha e se esforça por obscurecer o entendimento e fazê-lo esquecer a divina lei. Sem o concurso do entendimento, a vontade, potência cega, não produzirá os atos da justificação que é alcançada com o exercício de fé viva, esperança firme, amor fervoroso e coração contrito e humilhado **(Sl 50, 19).**



A santa Igreja Católica fundada por N. S. Jesus Cristo.

CAPÍTULO 8

EXPLICAÇÃO DO MODO COMO A GRANDE RAINHA PRATICAVA A DOUTRINA DO EVANGELHO ENSINADA POR SEU FILHO SANTÍSSIMO.

Atos de Jesus adolescente

795. Crescendo em anos e obras, nosso Salvador já ia transpondo a idade infantil, e sempre realizando o que o eterno Pai lhe encomendara em benefício dos homens. Não pregava publicamente, nem realizava, na Galiléia, tão claros milagres como faria depois, e como fizera antes no Egito. Todavia, oculta e dissimuladamente, sempre operava grandes influências na alma e no corpo de muitos. Visitava os pobres e enfermos; consolava os tristes e aflitos; a estes e a outros muitos, conduzia à salvação eterna de suas almas. Esclarecia-os com conselhos, movia-os com interiores inspirações e favores para que se convertessem a seu Criador, afastando-se do demônio e da morte.

Estes benefícios eram contínuos e para fazê-los saía muitas vezes de casa. Ainda que os favorecidos sentissem que eram renovados pela presença e palavras de Jesus, ignorando o mistério, calavam-se, não sabendo a que atribuir o fato, a não ser ao próprio Deus. A grande Senhora do mundo conhecia estes prodígios no espelho da alma santíssima de seu Filho, e por outros meios. Quando estavam juntos, prostrada a seus pés, adorava-o e lhe agradecia por tudo.

Conferências entre Jesus e Maria

796. O resto do tempo, o Menino santíssimo permanecia com sua Mãe. Preenchia-o com oração, em instruí-la e em conversar com Ela sobre a solicitude que, como bom pastor **(Jo 10, 14),** devotava a seu querido rebanho. Falava também dos méritos que desejava conquistar para salvá-lo e dos meios que determinara aplicar para isso.

A prudentíssima Senhora tudo ouvia e cooperava com sua divina sabedoria e amor. Acompanhava-o nos ofícios de pai, irmão, amigo, mestre, advogado, protetor e redentor do gênero humano. Entretinham estas conferências por meio da palavra ou pelos atos interiores, mediante os quais Filho e Mãe também se falavam e entendiam.

Dizia-lhe o Filho santíssimo: Minha Mãe, quero fundar a Igreja sobre o fruto de minha vida e obras. Este fruto será uma doutrina e ciência que, pela fé e a prática, se tornará vida e salvação para os homens. Será uma lei santa, fecunda, e poderosa para extinguir o mortal veneno que Lúcifer derramou no coração humano pelo primeiro pecado.

- Quero que, por meio de meus preceitos e conselhos, os homens se espiritualizem e se elevem à minha participação e semelhança; sejam depositários de meus tesouros enquanto viverem na terra, e depois cheguem à participação de minha eterna glória. Quero entregar ao mundo a lei que dei a Moisés, renovada e aperfeiçoada com nova luz e eficácia, constituída por preceitos e conselhos.

Maria, arquivo da graça

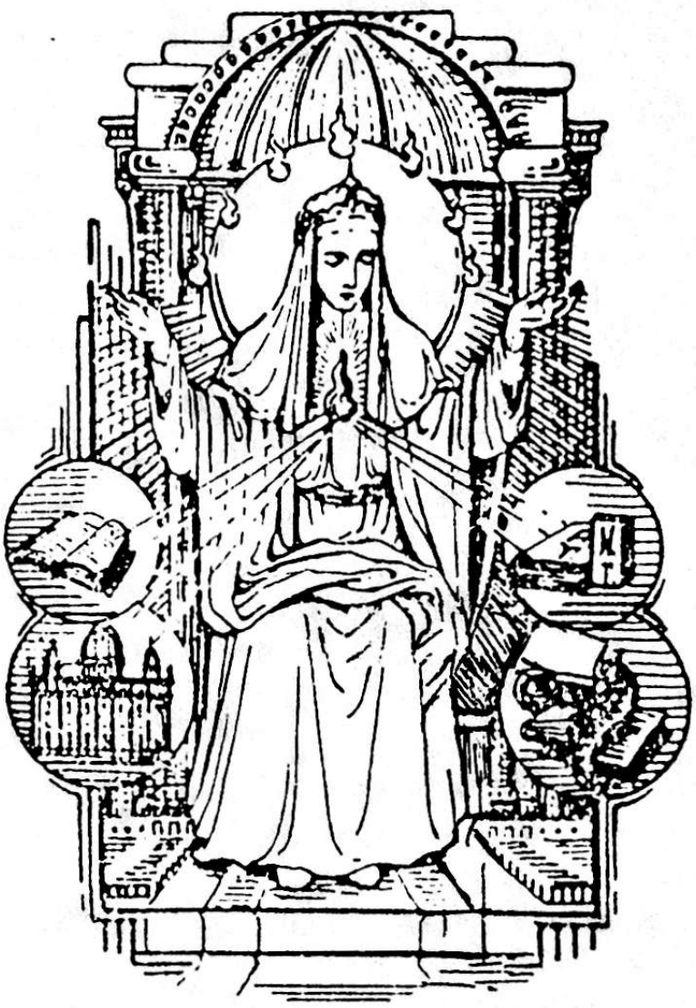
797. Todas estas intenções do Mestre da vida, sua divina Mãe conhecia com profundíssima ciência, e com igual amor as acolhia, venerava e agradecia em nome de toda a raça humana.

À medida que o Senhor ia manifestando cada um destes grandes sacramentos, a Virgem ia conhecendo a eficácia que Jesus daria a eles, à lei e à doutrina do Evangelho. Sabia os efeitos que produziriam nas almas que guardassem essa doutrina e o prêmio que lhes corresponderia. E, antecipadamente, agiu como se tudo praticasse no lugar de cada criatura.

Conheceu, expressamente, os quatro Evangelhos com as próprias palavras e mistérios com que os Evangelistas os escreveriam. Entendeu pessoalmente a doutrina de todos, porque sua ciência excedia a dos escritores. Poderia ser sua mestra expondo a mesma doutrina sem usar as palavras que eles empregaram.

Conheceu também que esta ciência era a cópia da ciência de Cristo pela qual os Evangelhos seriam escritos, e ficariam depositados em sua alma, como as tábuas da lei na arca do testamento **(Heb 9, 4).**

Seriam os legítimos originais para todos os santos e justos da lei da graça copiarem a santidade, e ficariam depositados no arquivo da graça, Maria santíssima.



A santidade da Virgem ultrapassou a de todos os santos

798. Seu divino Mestre fez-lhe compreender também que tão raros favores lhe acarretava a obrigação de praticar toda a doutrina com suma perfeição,

em vista dos altíssimos fins que Ele pretendia.

Se fôssemos aqui narrar quão adequada e plenamente assim o cumpriu nossa grande Rainha e Senhora, seria necessário contar neste capítulo toda sua vida, pois ela foi a suma do Evangelho, copiada de seu próprio Filho e Mestre.

Lembremo-nos de quanto esta doutrina produziu nos Apóstolos, Mártires, Confessores, Virgens e demais Santos e justos que existiram e existirão até o fim do mundo. A não ser Deus, ninguém o poderia descrever e muito menos compreender.

Consideremos, agora, que todos os santos e justos foram concebidos em pecado, apresentaram algum óbice à santidade. Não obstante terem crescido na virtude, santidade e graça, sempre tiveram alguma falha. Em nossa divina Senhora, porém, nunca houve estas lacunas e minguantes da santidade **(Rm 5, 12; 1Jo 1, 8).** Só Ela foi matéria plenamente adequada, sem resistência à atividade do poder divino e de seus dons. Sem impedimento nem oposição, recebeu a impetuosa torrente da divindade **(Sl 45, 5)** comunicada por seu próprio Filho e Deus verdadeiro.

Daqui entenderemos, que só na clara visão do Senhor na felicidade eterna, chegaremos a conhecer, o quanto nos for possível, a santidade e excelência desta maravilha de sua onipotência.

Incompreensível a ciência de Maria

799. E agora, ao querer explicar, mesmo em geral sem descer a pormenores, um pouco do que me foi manifestado, não encontro termos para o dizer. Nossa grande Rainha e Mestra guardava os preceitos e conselhos evangélicos de acordo com a profunda inteligência que deles recebera. Ora, nenhuma criatura é capaz de compreender até onde chegava a ciência e inteligência da Mãe da sabedoria, sobre a doutrina de Cristo. E o que se chega a compreender ultrapassa, os termos e palavras que usamos.

Dêmos o exemplo da doutrina daquele primeiro sermão que o Mestre da vida fez a seus discípulos, na montanha **(Mt 6, 1).** Nele encerrou a suma da perfeição evangélica na qual fundava sua Igreja, declarando bem-aventurados os que a seguirem.

Bem-aventurados os pobres

800. Bem-aventurados - disse o Mestre e Senhor **(Mt 4, 3)** - os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Este foi o primeiro e sólido fundamento de toda a vida evangélica. Os apóstolos e nosso Pai São Francisco a compreenderam altamente, mas só Maria santíssima chegou a penetrar e avaliar a grandeza da pobreza de espírito. E, assim como a entendeu, a praticou.

Não entrou em seu coração imagem de riquezas temporais, nem sentiu tal inclinação. Amando as coisas como obras de Deus, afastava-as quando serviam de embaraço ao amor divino. Usou-as parcamente e só enquanto a auxiliavam a glorificar o Criador. Sendo Rainha de toda a criação, admirável e perfeitíssima foi sua pobreza. Tudo isto é verdade, mas ainda é muito pouco para expressar o quanto compreendeu, apreciou, e praticou nossa grande Senhora a pobreza de espírito, primeira das bem-aventuranças.

Bem-aventurados os mansos, bem-aventurados os que choram

801. Segunda bem-aventurança: - Bem-aventurados os mansos, porque eles

possuirão a terra. Nesta doutrina e sua prática, com sua mansidão ameníssima, excedeu Maria santíssima não só a todos os mortais, como se diz de Moisés **(Nm 12,3)** em relação a seus contemporâneos, mas aos mesmos anjos e serafins. Na carne mortal, esta inocentíssima pomba, teve seu interior e potências mais invulneráveis à ira e perturbação, do que os espíritos que não têm sensibilidade como nós. Foi, em grau inexplicável, senhora de suas faculdades espirituais e corporais e também do coração de todos com quem tratava. De todos os modos, possuía a terra que se sujeitava à seu amável domínio.

Terceira bem-aventurança: **(Mt 5, 5)** - Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Entendeu Maria santíssima, mais do que qualquer língua possa explicar, a excelência das lágrimas, seu valor, como também a estultice e perigo do riso e alegria mundana **(Prov 14, 13).** Quando os filhos de Adão, concebidos no pecado original e depois manchados pelos pecados atuais, se entregam ao riso e deleite, esta divina Mãe, sem culpa alguma, sentiu que a vida mortal era para chorar a ausência do santíssimo Bem, e os pecados que contra Ele foram e são cometidos.

Sentidamente chorou por todos, e suas lágrimas inocentíssimas mereceram as consolações e favores que recebeu do Senhor. Seu puríssimo coração vivia contristado à vista das ofensas feitas a seu amado Senhor e Deus eterno. Seus olhos eram duas fontes **(Jer 9, 1),** e seu pão dia e noite era chorar **(Sl 41, 4)** as ingratidões dos pecadores a seu Criador e Redentor. Nenhuma pura criatura, nem todas juntas, choraram mais do que a Rainha dos Anjos, não obstante estar naquelas a culpa, causa do pranto e das lágrimas, enquanto em Maria santíssima se encontrava a graça, fonte do gozo e da alegria.

Bem-aventurados os que tem fome e sede de justiça. Bem-aventurados os misericordiosos.

802. Conheceu nossa divina Senhora o mistério da fome e da sede de justiça **(Mt 5, 6).** Sentiu-a mais intensamente do que o fastio que dela tiveram e terão todos os inimigos de Deus. Chegando ao cume da justiça e santidade, sempre esteve sedenta de fazer mais por ela. A esta sede correspondia a plenitude da graça com que a saciava o Senhor, dirigindo-lhe a torrente dos tesouros e suavidade da divindade.

A quinta bem-aventurança dos misericordiosos que alcançarão de Deus misericórdia **(Mt 5, 7),** teve-a em grau tão nobre e excelente, que só Ela pode merecer o nome de Mãe de misericórdia, assim como Deus é chamado Pai das misericórdias **(Cor 1, 3).** Sendo Ela inocentíssima, sem culpa alguma para suplicar misericórdia, teve-a em supremo grau por todo o gênero humano e com ela o socorreu **(Is 30,18).** Conhecendo, com altíssima ciência, a excelência desta virtude, jamais a negou nem negará a quem lha pedir. Nisto, imita perfeitissimamente a Deus, como também em se antecipar **(Sl 58, 11)** ao encontro dos pobres e necessitados para lhes oferecer amparo.

Bem-aventurados os puros de coração, os pacíficos, os perseguidos

803. A sexta bem-aventurança que se refere aos puros de coração para ver a Deus **(Mt 5, 8),** foi sem semelhante em Maria santíssima. Escolhida como o sol **(Cant 6,9),** imitava o verdadeiro Sol da justiça e ao astro material que nos ilumina e cuja luz não se mancha nas coisas inferiores e sórdidas. Jamais entrou no coração e potências de nossa puríssima Princesa espécie ou imagem de coisa impura. Eralhe isto impossível, pois sempre a ocu-

pavam puríssimos pensamentos, desde seu primeiro instante de existência. Decorriam da visão da divindade que então recebeu, e depois noutras muitas vezes, como se refere nesta História, ainda que, pelo seu estado de viadora, era de passagem e não permanente.

A sétima bem-aventurança dos pacíficos que serão chamados filhos de Deus **(Mt 5, 9),** foi concedida à nossa Rainha com admirável sabedoria, como iria necessitar. Deveria conservar a paz do coração e das potências entre os sobressaltos e tribulações da vida, paixão e morte de seu Filho santíssimo. Nestas ocasiões e em todas as demais, foi vivo retrato de sua pacificação. Nunca se perturbou desordenadamente e soube aceitar as maiores penas em suprema paz, como perfeita filha do Pai celestial, título que merecia especialmente por essa excelência.

A oitava-bem-aventurança dos perseguidos por causa da justiça **(Mt 5, 10),** alcançou em Maria santíssima os supremos cumes. Tirar a honra e a vida de seu Filho santíssimo, Senhor do mundo, por ter pregado e ensinado a justiça ao mundo, nas circunstâncias em que foi feita tal injuria, - só Maria e o próprio Deus a padeceram com certa igualdade, pois Ela era verdadeira Mãe, como o Senhor era Pai de seu Unigênito. Só esta Senhora imitou o Senhor no sofrer esta perseguição, e entendeu que até este ponto deveria praticar a doutrina que seu divino Mestre ensinaria no Evangelho.

Maria, perfeita observante da lei

804. Declarei um pouco do que entendi da ciência de nossa grande Senhora em compreender e praticar a doutrina do Evangelho. O que falei das bem-aventuranças, poderia dizer dos demais preceitos e conselhos do Evangelho e de suas parábolas, tais como: o preceito de amar os inimigos, de perdoar as ofensas, de fazer as boas obras ocultamente sem vanglória, de fugir da hipocrisia. Os conselhos de perfeição **(Mt 5, 44; Mt 6, 3 - 15)** contidos nas parábolas do tesouro, da pérola **(Mt 13, 44),** das virgens **(Mt 25, 1),** da semente e dos talentos **(Mt 5, 15; Lc 14, 13),** e quantas foram escritas pelos quatro Evangelistas.

Entendeu a todas, com a doutrina que continham, os fins altíssimos para os quais o divino Mestre as narrava. Todo o mais santo e de acordo com sua divina vontade, Ela entendeu como deveria praticar, e assim o fez sem omitir um só til ou letra **(Mt 5, 18; 17).** Desta Senhora, pode-se dizer o mesmo que disse Cristo, nosso bem; não vim abolir a lei, mas sim cumprí-la.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

Evangelho: vida de Cristo e Maria

805. Minha filha, convém que o verdadeiro mestre da virtude ensine o que pratica e pratique o que ensina **(Mt 5, 19).** O dizer e o fazer são duas partes do magistério, para que as palavras ensinem e o exemplo acredite e mova a ser aceito e executado o ensino.

Tudo isto fez meu Filho santíssimo **(Jo 12, 36)** e eu, à sua imitação. Como nem sempre estaríamos no mundo, quis Ele deixar os sagrados Evangelhos como cópias de nossa vida. Assim, os filhos da luz ajustariam suas vidas à de seu Mestre e à minha, pela observância da doutrina evangélica que lhes deixava e que ensinara para ser imitado.

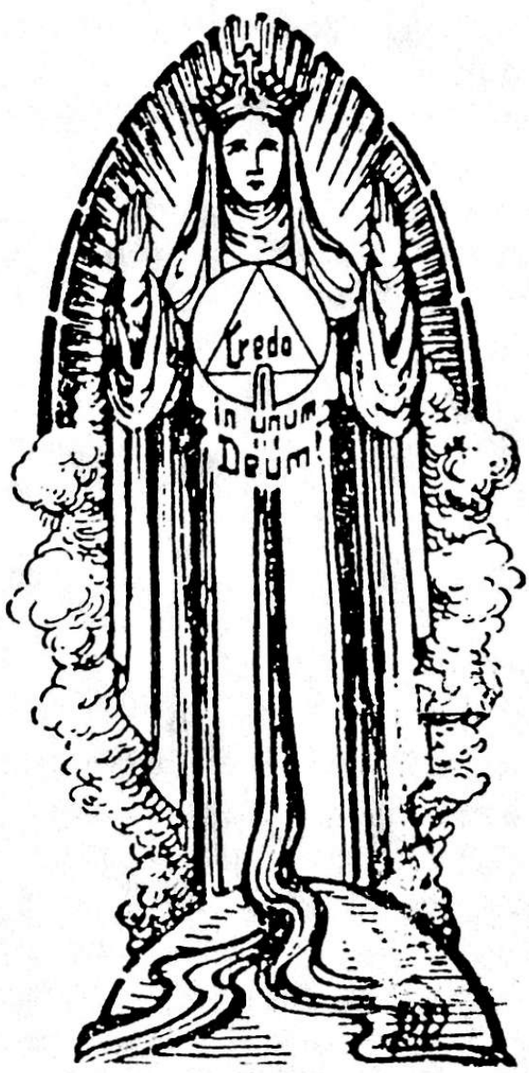
Tanto quanto isso valem os sagrados Evangelhos, e nessa medida deves estimá-los e os ter em extrema veneração. Advirto-te que, para meu Filho santíssimo e para mim, é grande glória e complacência ver que suas divinas palavras, e as que

narram sua vida, são respeitadas e dignamente estimadas pelos homens. Ao contrário, considera o Senhor grande injuria que os Evangelhos e sua doutrina sejam esquecidos pelos filhos da Igreja. Há muitos que não entendem, não advertem, não agradecem este benefício, nem fazem dele mais memória do que se fossem pagãos sem a luz da fé.

A palavra de Deus

806. Tua dívida neste ponto é grande. Recebeste conhecimento da veneração e apreço que tive pela doutrina evangélica, e de quanto trabalhei para pô-la em prática. Se não pudeste entender tudo quanto eu fazia e compreendia, por ser impossível à tua capacidade, pelo menos, neste favor, nunca mostrei tanta benignidade como contigo. Atende, pois, com grande cuidado, como lhe deves corresponder e não deixar ocioso o amor que concebeste pelas divinas Escrituras, principalmente pelos Evangelhos e sua altíssima doutrina. Esta há de ser a lâmpada acesa em teu coração **(Sl 118, 105),** e minha vida o retrato para modelares a tua.

Pondera quanto vale e te importa empregar nisso toda diligência, pelo prazer que darás a meu Filho e Senhor e pelo empenho que novamente sentirei de exercitar contigo o ofício de mãe e mestra. Teme o perigo de não responder aos divinos apelos, pois, por este esquecimento perdem-se inúmeras almas. Sendo tão frequentes e admiráveis os que recebes da liberal misericórdia do Todo poderoso, se não corresponderes a eles, mostrarás ingratidão muito censurável ao Senhor, a mim e aos seus santos.



CAPÍTULO 9

MARIA E OS ARTIGOS DE FÉ QUE A SANTA IGREJA IRIA CRER.

A fé, fundamento da Igreja

807. O fundamento imutável de nossa justificação e a raiz de toda santidade é a fé nas verdades que Deus revelou à sua santa Igreja. Fundou-a sobre esta firmeza, como arquiteto prudentíssimo que edifica sua casa sobre pedra inabalável, contra a qual nada podem os ímpetos das chuvas e enxurradas **(Lc 6,48).**

Esta é a estabilidade invencível da Igreja evangélica que é única, católica e romana. Una pela unidade da fé **(1Tim 3, 15)**, esperança e caridade que nela se fundam. Una sem divisões **(1Cor 1, 13)** nem contradições, como existem em todas as sinagogas de Satanás **(Apoc 2, 9).** Estas são as falsas seitas, erros, heresias tão tenebrosas que não só se contradizem umas às outras e todas à razão, mas ainda contradizem-se consigo mesmas, afirmando e crendo coisas contrárias entre si e que se anulam mutuamente.

Contra todas, permanece sempre invicta nossa santa fé, sem que as portas do inferno prevaleçam um ápice contra ela **(Mt 16, 18),** por mais que hajam pretendido atacá-la para peneirá-la como o trigo. Assim o disse o Mestre da vida, a seu vigário Pedro **(Lc 22, 31)** e a todos seus sucessores.

O dom da fé

808. Cabia à nossa divina Senhora receber adequada notícia de toda a doutrina Evangélica e lei da graça. Era necessário que do oceano destas maravilhas e graças, fizesse parte o conhecimento de todas as verdades católicas que no tempo do Evangelho seriam cridas pelos fiéis, em particular os Artigos que lhes servem de princípios e bases.

De tudo isto Maria santíssima era capaz e pôde ser confiado à sua admirável sabedoria, até os artigos e verdades católicas referentes a Ela e que deveriam ser ensinados na Igreja. Tudo conheceu, como direi adiante, com as circunstâncias dos tempos e lugares, meios e modos pelos quais, nos séculos futuros, tudo iria se desenvolvendo conforme a necessidade e oportunidade.

Para informar a Mãe beatíssima, principalmente nestes artigos, concedeu-lhe o Senhor uma visão da divindade, de modo abstrativo como falei noutras vezes. Nesta visão foram-lhe manifestados ocultíssimos mistérios sobre os imperscrutáveis desígnios do Altíssimo e de sua providência. Conheceu a clemência de sua infinita bondade em estabelecer a graça da santa fé infusa. Com esta, as criaturas ausentes da visão da divindade, poderiam conhecê-la breve e facilmente, sem diferença, sem esperar e procurar esta notícia pela ciência natural que é muito limitada e por poucos alcançada.

A fé católica, ao invés, desde o primeiro uso da razão, nos leva logo ao conhecimento, não só da divindade em três Pessoas, como também da humani-

dade de Cristo Senhor nosso, e dos meios para conseguir a vida eterna. Tudo isto não é descoberto pelas ciências humanas, estéreis se não as fecunda a força e a virtude da divina.

Maria e os 7 artigos da fé referentes à divindade

809. Naquela visão, conheceu profundamente nossa grande Rainha todos estes mistérios e quanto neles se contêm: que a santa Igreja teria, desde seu princípio, os catorze Artigos da fé católica; que depois, em épocas diversas, determinaria muitas proposições e verdades que estes artigos e as divinas Escrituras encerravam como raiz, cuja cultura produzia aqueles frutos.

Depois de conhecer tudo isto em Deus, na visão que referi, viu-o também na visão, que sempre gozava, da alma santíssima de Cristo, e conheceu como toda esta estrutura estava ideada na mente do divino Artífice. Em seguida, conferiu tudo com o Senhor, e este lhe revelou como seria realizada, sendo a divina Princesa a primeira a crer nos Artigos, distinta e perfeitamente.

Assim Ela o fez. O primeiro dos sete que se refere à divindade, conheceu e acreditou que o verdadeiro Deus é um só, independente, necessário, infinito, imenso em seus atributos e perfeições, imutável e eterno. E, quão devido, justo e necessário era, para as criaturas, crer e confessar esta verdade. Agradeceu pela revelação deste artigo e pediu a seu Filho santíssimo continuasse a conceder este favor aos homens, dando-lhes graça para que o aceitassem, recebendo o conhecimento da verdadeira divindade.

Nesta luz da fé, infalível e obscura, conheceu a culpa da idolatria que ignora esta verdade e a chorou com dor e amargura incomparável. Em sua oposição fez grandiosos atos de fé e reverência ao Deus único e verdadeiro, e outros muitos das virtudes exigidas por este conhecimento.

A Santíssima Trindade

810. Creu no segundo artigo, Deus é pai. Conheceu que assim era revelado aos mortais para que eles passassem, do conhecimento da Divindade ao da sua Trindade de Pessoas. Este conhecimento seria conexão para entenderem os outros artigos que explicam ou supõem a trindade das Pessoas. Chegariam, assim, a conhecer perfeitamente seu último fim, como o haveriam de gozar e os meios para consegui-lo.

Entendeu que a pessoa do Pai não podia nascer, nem proceder de outra. Era a origem de tudo, e por isto se lhe atribui a criação do céu, da terra e de todas suas criaturas. Sendo sem princípio, o é de tudo quanto existe. Por este artigo, nossa divina Senhora agradeceu, em nome de todo gênero humano, e fez todos os atos que esta verdade pedia.

O terceiro artigo, crer que é Filho, creu-o a Mãe da graça, com especialíssima luz e conhecimento das processões ad intra. Desta, a primeira, na ordem de origem, é a eterna geração do Filho. Por obra do entendimento é e sempre será gerado só do Pai, não lhe sendo posterior, mas igual na divindade, eternidade, infinidade e atributos.

O quarto artigo, crer que é Espírito Santo, creu-o e entendeu que a terceira pessoa, o Espírito Santo, procedia do Pai e do Filho como de um único princípio, por ato da vontade. Igual às outras duas Pessoas, sem outra diferença senão a distinção pessoal que resulta das processões do entendimento e da vontade infinitos.

Deste mistério recebera Maria santíssima notícias e visões noutras ocasiões

que já deixo descritas [2]. Desta vez se lhe acrescentaram as circunstâncias de virem a ser artigos de fé na futura Igreja, e a inteligência das heresias que, contra estes artigos Lúcifer semearia, como as tinha forjado em sua idéia desde que caíra do céu ao lhe ser revelada a Encarnação do Verbo. Contra todos estes erros, fez a beatíssima Senhora grandes atos no modo que já descrevi.

Deus criador, salvador e glorificador

811. No quinto artigo, o Senhor é criador, creu Maria santíssima, conhecendo como a criação de todas as coisas, ainda que se atribui ao Pai[3], é comum às três Pessoas, enquanto são um só Deus infinito e poderoso; que dele dependem a existência e conservação das criaturas e que nenhuma tem poder para criar outra produzindo-a do nada. Nem mesmo um anjo poderia criar um bichinho, porque só Deus que é independente em seu ser, pode agir sem dependência de outra causa, inferior ou superior. Maria santíssima entendeu como este artigo seria necessário à santa Igreja, para se apor aos erros de Lúcifer , e para Deus ser conhecido e respeitado como autor de todas as criaturas.

O sexto artigo, que é salvador, entendeu-o novamente, com todos os mistérios que encerra sobre a predestinação, vocação e justificação final. Compreendeu também a reprovação dos prescitos que, por não se aproveitarem dos meios oportunos que a misericórdia divina lhes oferecia, perderiam a felicidade eterna. Conheceu também a fidelíssima Senhora, como o atributo de Salvador convinha às três divinas Pessoas, e especialmente à do Verbo, enquanto homem. Ele se entregaria como preço de resgate, e Deus o aceitaria, dando-se por satisfeito com essa reparação do pecado original e dos atuais.

Contemplava esta grande Rainha todos os sacramentos e mistérios que a santa Igreja havia de receber e crer, e na inteligência de todos fazia heróicos atos de muitas virtudes.

No sétimo artigo, que é glorificador, entendeu a felicidade preparada para as criaturas mortais na fruição da visão beatífica. Compreendeu quanto lhes importa crer nesta verdade para se dispor a consegui-la, considerando-se peregrinos na terra e cidadãos do céu **(Ef 2, 19)**. Esta fé e esperança seriam seu consolo no desterro.

Os sete artigos referentes à humanidade de Cristo

812. Dos sete artigos que pertencem a humanidade, teve nossa grande Rainha igual conhecimento, com novos afetos de seu puríssimo e humilde coração.

O primeiro seria que seu Filho santíssimo fôra concebido, enquanto homem, por obra do Espírito Santo; que este mistério se realizara em seu virginal tálamo. Ao entender que estas verdades seriam artigo de fé na Igreja militante, foram inexplicáveis os sentimentos da prudentíssima Senhora. Humilhou-se até o ínfimo das criaturas da terra; aprofundou a consciência de que fôra criada do nada: cavou alicerces e colocou-lhes o cimento da humildade, para o elevado edifício de ciência infusa e excelente perfeição que a destra do Altíssimo ia nela edificando.

Louvou o Todo-poderoso e deu-lhe graças por Si e por toda a raça humana, por ter escolhido meio tão admirável e eficiente para atrair os corações, e mantê-los em sua lembrança mediante a fé cristã.

Fez o mesmo quanto ao segundo artigo: Cristo Senhor nosso nasceu de Maria, virgem antes e depois do parto. A divina Rainha estimava grandemente o mistério de sua intacta virgindade e de tê-la escolhido o Senhor por Mãe entre todas

2 - 1ª parte, nº 123, 229, 312. - 3 - nº 810.

as criaturas, em condições que emprestavam tanto decoro e dignidade a este privilégio, tanto para a glória do Senhor como para a dela. Tudo isto seria reconhecido e crido pela Igreja com a certeza da fé católica.

Ao conhecer estas disposições divinas, não é possível manifestar com palavras a elevação de seus atos, dando a cada um destes mistérios a plenitude de exaltação, culto, fé, louvor e agradecimento que pediam, enquanto Ela mais profundamente se humilhava. Na medida em que era exaltada, aniquilava-se apegando-se ao pó.

Maria, Mestra da fé

813. Terceiro artigo: Cristo nosso Senhor sofre paixão e morte.

Quarto: desceu à mansão dos mortos e de lá tirou os santos Pais que no limbo esperavam sua vinda.

Quinto: ressuscitou dos mortos.

Sexto: subiu aos céus e se assentou à direita do Pai eterno.

Sétimo: de lá virá julgar vivos e mortos no juízo universal, para dar a cada um a recompensa das obras que houver praticado.

Estes artigos, como todos os demais, Maria santíssima conheceu e creu, quanto à substância, ordem, conveniências, e a necessidade de sua fé para os mortais. Ela sozinha preencheu as falhas e supriu os defeitos de todos os que não creram nem crerão, e compensou a escassez de nossa tibieza em crer nas divinas verdades, em dar-lhes a importância, a veneração e o agradecimento que merecem.

Que toda a Igreja proclame nossa Rainha felicíssima e bem-aventurada porque acreditou **(Lc 1, 45)** não só no embaixador do céu, mas também nos Artigos que resultaram do fruto de seu tálamo virginal. Creu-os por Ela e por todos os filhos de Adão. Foi a Mestra da divina fé; foi quem, à vista dos cortesãos do céu, arvorou o estandarte dos crentes na terra. Foi a primeira Rainha católica do orbe, e não haverá outra que a iguale.

Os católicos a terão por verdadeira Mãe, se a Ela recorrerem, pois aquele título os faz filhos seus. Não há dúvida que esta piedosa Mãe e Capitã da fé católica olha com especial amor aos que a seguem nesta grande virtude, trabalhando por sua propagação e defesa.

Maria, depositária do Novo Testamento

814. Esta exposição tornar-se-ia muito prolixa, se eu quisesse manifestar tudo o que me foi declarado sobre a fé da nossa grande Senhora, seus predicados e as circunstâncias com que penetrava cada um dos catorze Artigos, com as verdades que eles encerram.

As conferências que, sobre este assunto, mantinha com seu divino mestre Jesus; as perguntas que lhe fazia com inaudita humildade e prudência; as respostas do seu querido Filho; os profundos segredos que amorosamente lhe revelava, e outros sacramentos compreendidos só por Filho e Mãe: não tenho palavras para explicar tão divinos mistérios.

Além disso, foi-me dado a entender, não ser conveniente que todos sejam manifestados nesta vida mortal. Todo este novo e divino testamento ficou depositado em Maria santíssima que o guardou fidelissimamente, para em tempo oportuno ir distribuindo aquele tesouro, conforme o pedissem as necessidades da Santa Igreja.

Feliz e bem-aventurada Mãe! Se o filho sábio é a alegria do pai **(Prov 10, 1)**, quem poderá explicar a que recebeu esta grande Rainha? Sua alegria era participação da glória que o Pai eterno recebera de seu Filho unigênito, de quem

Ela era Mãe. E essa glória resultava dos mistérios que o filho veio realizar, e que Ela conheceu nas verdades da fé da santa Igreja.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA SENHORA MARIA SANTÍSSIMA.

Defender a fé

815. Filha, o estado da vida mortal não tem capacidade para conhecer o que eu senti e minhas potências realizaram com a fé e conhecimento infuso dos seus artigos, segundo meu Filho santíssimo dispunha para a santa Igreja.

É forçoso que te faltem palavras para declarar o que entendeste, porque todas são insuficientes para abranger e exprimir o conceito deste mistério. Desejo e te ordeno o que, com o auxílio divino, podes fazer: guardar com toda reverência e cuidado, o tesouro **(Mt 13, 44)** que achaste na doutrina e na ciência de tão veneráveis sacramentos.

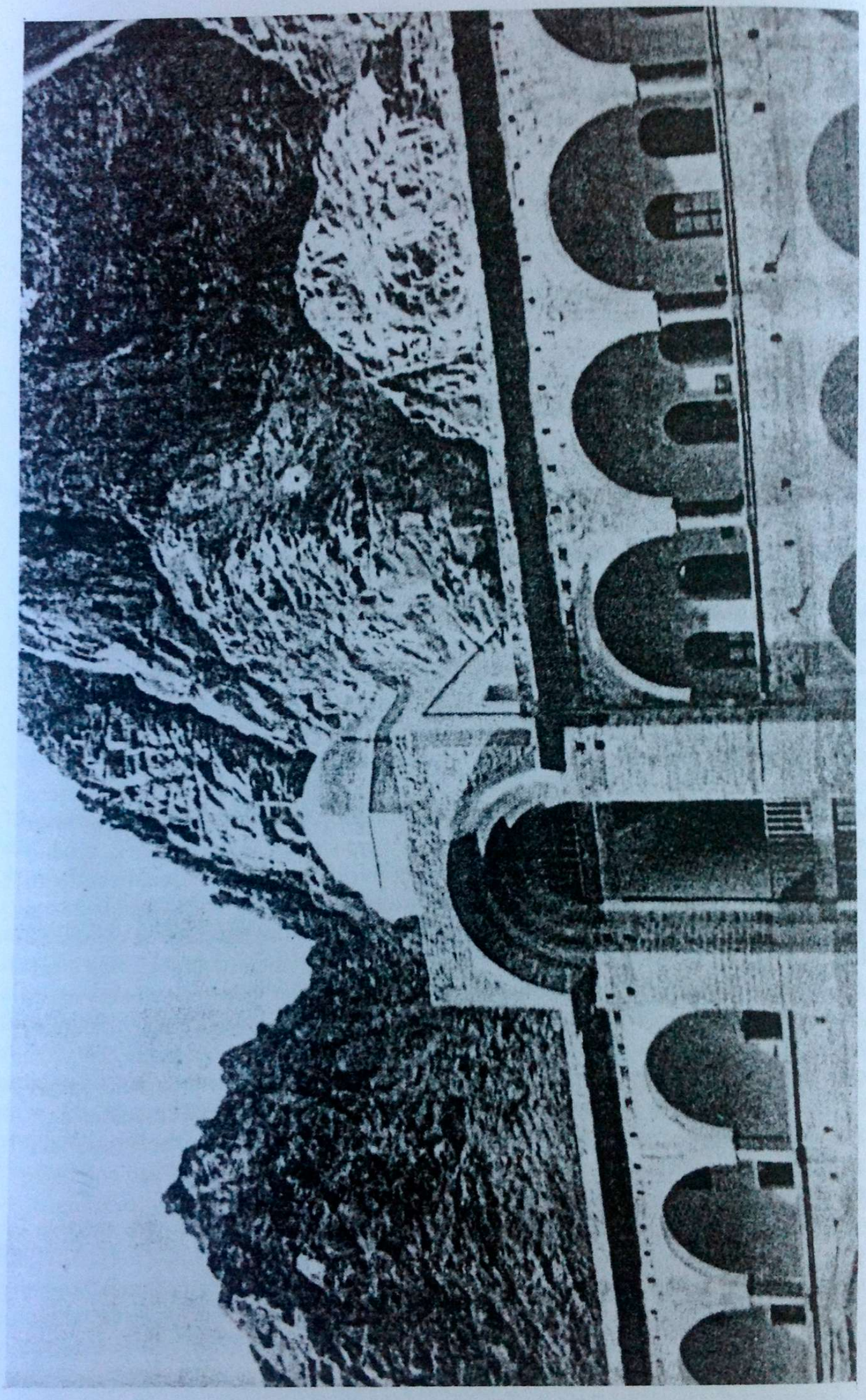
Aviso-te, maternalmente, da crueldade tão sagaz com que teus inimigos se desvelam para o roubar. Sê atenta e cuidadosa, para que te encontrem vestida de fortaleza **(Prov 31, 17)**, e teus domésticos - as faculdades e sentidos - com as vestes duplas **(idem, 31, 21)** da vigilância interior e exterior, a fim de poderes resistir ao ataque de suas tentações **(1 Ped 5, 9)**. Para vencer, porém, os que te fazem guerra, serão armas ofensivas e poderosas os Artigos da fé católica **(Rom 1, 17)**. Seu contínuo exercício e firme crença, sua meditação e lembrança, afastam os erros, descobrem os embustes de satanás e os dissipam como os raios do sol a inconsistentes nuvens. Além disso, constituem alimento e substância espiritual que torna as almas fortes para os combates do Senhor.

Fazer frutificar a fé

816. Se os fiéis não sentem estes e outros maiores efeitos da fé, não é porque lhe falte eficácia e virtude para isso. A falta encontra-se nos crentes: uns esquecidos e negligentes, outros cegamente entregues à vida carnal e animal **(1 Cor 2, 14)**. Assim malogram a graça da fé e lembram-se tão pouco de usá-la, quase como se não a houvessem recebido. Vêm a infelicidade dos infieis que não gozam da fé, mas são piores que estes, pela detestável ingratidão e desprezo que fazem por dom tão alto e soberano.

Quanto a ti, minha caríssima filha, quero que o agradeças, com profunda humildade e fervoroso afeto; que a exercites com incessantes atos heróicos; que medites sempre os mistérios que a fé te ensina e, sem embaraços terrenos, gozes os divinos e deliciosos frutos que produz. Eles serão tanto mais eficazes, quanto mais vivo e penetrante for o conhecimento que a fé te comunica. Colaborando de tua parte com o esforço que deves, crescerá a luz e a inteligência dos sublimes e admiráveis mistérios do ser de Deus uno e trino: da união hipostática das duas naturezas, divina e humana: da vida, morte e ressurreição de meu Filho santíssimo e de todos os mais que realizou.

Deste modo, saborearás sua suavidade **(Sl 33, 9)** e colherás fruto copioso e digno do descanso e felicidade eterna.



Monte Sinai com o Mosteiro ortodoxo Sta. Catarina.

CAPÍTULO 10

MARIA SANTÍSSIMA RECEBE NOVA LUZ SOBRE OS DEZ MANDAMENTOS.

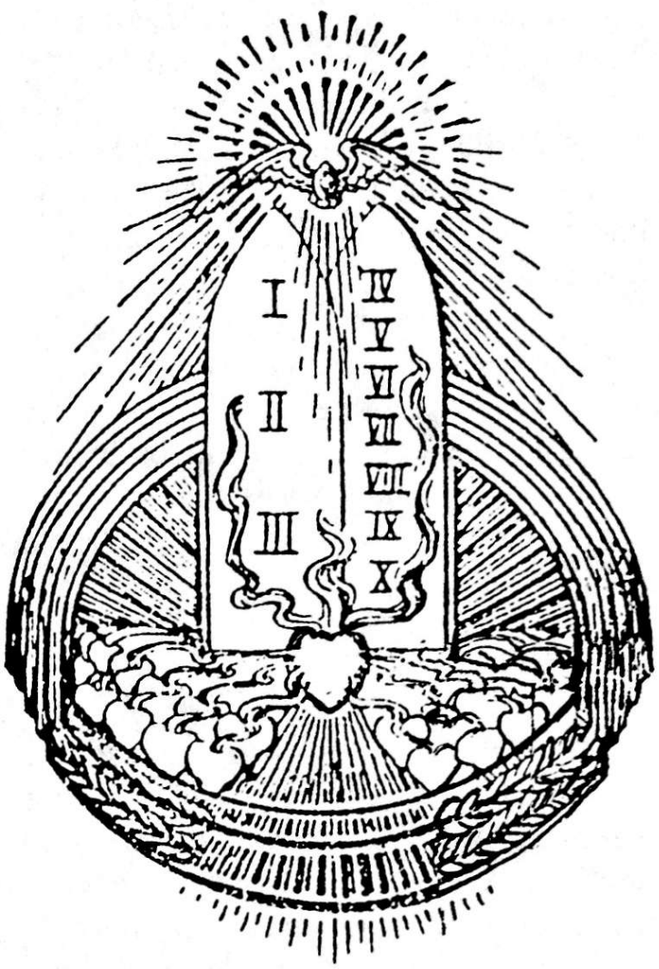
Os atos da fé

817. Os artigos da fé católica pertencem aos atos do entendimento dos quais são objeto, enquanto os mandamentos pertencem aos atos da vontade. Ainda que todos os atos livres dependem da vontade, quer nas virtudes infusas, quer nas adquiridas, nem todos dela partem igualmente. Os atos de fé livre nascem imediatamente do entendimento que o produz, e só dependem da vontade enquanto ela os autoriza com afeto puro, santo e reverencial. Os objetos e verdades obscuras não podem ser cridos pelo entendimento independente da vontade, e por isto ele aguarda o que a vontade lhe determina.

Nas demais virtudes, porém, a vontade age por si, e ao entendimento pede somente que lhe proponha o que deve fazer, como quem caminha com a luz que vai à frente. A vontade é tão livre e senhora que não admite coação do entendimento ou de qualquer outra coisa. Assim ordenou o Altíssimo para que ninguém o sirva contrariado e forçado, mas sim espontaneamente, com alegria, como ensina o Apóstolo **(2 Cor 9, 7)**.

Maria e o Decálogo

818. Estava Maria santíssima divinamente instruída nos Artigos e verdades da fé católica. Para se aperfeiçoar na ciência dos dez preceitos do Decálogo, teve outra visão da Divindade, pelo mesmo modo que disse no capítulo passado [1].



Nesta visão, foram-lhe manifestados com maior plenitude e clareza todos os mistérios dos divinos Mandamentos: como estavam decretados na mente divina para guiar os mortais à vida eterna; como tinham sido entregues a Moisés em duas tábuas **(Ex 31, 18; Dt 5, 22)**; na primeira, encontram-se os três que se referem à honra de Deus, e na segunda os que se praticam em relação ao próximo.

1 - Nº 808.

Compreendeu que o Redentor do mundo, seu Filho santíssimo, iria renová-los no coração dos homens **(2 Ped 1, 4)**, começando pela Rainha e Senhora a observância de todos e de quanto eles encerram. Conheceu sua ordem e necessidade, para os homens chegarem à participação da divindade. Teve clara inteligência da equidade, sabedoria e justiça com que estes mandamentos estavam ordenados pela vontade divina. Era lei santa **(Rom 7, 12)**, imaculada **(Sl 18, 8)**, leve, suave **(Mt 11, 30)**, pura, verdadeira **(Sl 118, 142)** e acrisolada para as criaturas **(Sl 118, 9)**. Era tão justa e conforme a natureza racional **(Jer 31, 33; Rom 7, 22)**, que podia ser abraçada com estima e prazer, além de que, seu Autor daria a graça para ajudar a observá-la.

Outros muitos e elevados segredos e mistérios conheceu, nesta visão, nossa grande Rainha, sobre o estado da santa Igreja, os que nela guardariam seus divinos preceitos, como também os que os desprezariam, transgredindo-os e não os aceitando.

A ciência imensa de Maria

819. Saiu desta visão a cândida pomba, abrasada e transformada no amor e zelo da lei divina e voltou-se a seu Filho santíssimo, em cujo interior a conheceu novamente, como também os decretos de sua sabedoria e vontade em aperfeiçoar essa lei pela da graça **(Mt 5, 17)**. Conheceu também, com abundante luz, o beneplácito e desejo do Senhor de que Ela fosse a estampa viva de todos os preceitos que a lei continha.

É verdade, que a grande Senhora - como repeti muitas vezes - possuía ciência habitual e perpétua de todos estes mistérios, para usar dela continuamente. Apesar disso, eram-lhe renovados esses hábitos, e cada dia recebia-os em maior intensidade. Como a extensão e profundidade da matéria era quase imensa, ficava sempre um campo quase infinito onde estender a vista de seu interior e conhecer novos segredos e mistérios.

Nesta ocasião, eram muitos os que lhe ensinava o divino Mestre, propondo-lhe sua santa lei e preceitos, com a ordem e modo convenientíssimo que teriam na igreja militante de seu Evangelho. De cada um, em particular, dava-lhe copiosa e singular compreensão com novas circunstâncias.

Nossa limitada capacidade não poderia alcançar tão elevados e soberanos mistérios, mas à divina Senhora nada se ocultou, nem sua profundíssima ciência deve ser medida pela de nosso curto entendimento.

Maria, viva imagem da lei divina

820. Ofereceu-se a seu Filho santíssimo humildemente e de coração disposto para obedecer-lhe na guarda dos seus mandamentos; pediu-lhe que a instruísse e lhe desse seu divino favor para executar tudo o que neles mandava.

Respondeu-lhe Jesus: Minha Mãe, eleita e predestinada por minha eterna vontade e sabedoria para o maior agrado e beneplácito de meu Pai que, quanto à divindade é igual a mim. Nosso amor eterno que nos obriga a comunicar nossa divindade às criaturas, elevando-as à participação de nossa glória e felicidade, ordenou esta lei santa e pura **(Ez 20, 11)**, mediante a qual os mortais chegassem a conseguir o fim para o qual foram criados por nossa clemência.

Nosso desejo será satisfeito em Ti, pomba e amiga minha, gravando nossa lei divina em teu coração, com tanta eficiência e clareza que, por toda a eternidade ela não possa ser obscurecida nem apagada de teu ser. Sua eficácia não será impedida **(Sl 18, 8)**, nem em coisa alguma ficará lesada, como acontece nos demais filhos de Adão.

Adverte, caríssima Sunamite, que esta lei é toda pura e imaculada. Queremos depositá-la em criatura imaculada e puríssima, em quem serão glorificados nossos pensamentos e obras.

O primeiro mandamento

821. Estas palavras, que na divina Mãe, operaram o que significavam, a renovaram e deificaram com a inteligência e a prática dos dez preceitos e de cada um de seus mistérios. Dirigiu sua atenção à luz celestial, e a vontade à obediência de seu divino Mestre.

O primeiro e maior dos preceitos **(Mt 22,37; Mc 20,29; Lc 10,27)**: Amarás a Deus sobre todas a coisas, de todo o teu coração, de toda tua mente e com todas tuas forças. Entendeu-o como o escreveriam os Evangelistas, e como antes, o havia escrito Moisés no Deuteronômio **(6, 5-6-7-8)**, com as condições que o Senhor lhe anexou: os pais deveriam ensiná-lo aos filhos; todos deveriam meditá-lo, em casa e fora dela, sentados ou caminhando, dormindo ou velando, e sempre deveriam tê-lo diante do olhar interior da alma.

Como o entendeu, nossa Rainha cumpriu este mandamento do amor de Deus, com todas as condições e eficácia que Deus ordenou. Se nenhum dos filhos dos homens, nesta vida, chegou a cumprí-lo plenamente, Maria, em carne mortal, o cumpriu mais perfeitamente que os supremos e ardentes serafins, santos e bem-aventurados do céu.

Aqui não me alongo mais nesse assunto, pois na primeira parte[2] falando das virtudes da grande Rainha, falei alguma coisa sobre sua caridade. Na ocasião de que falo, em particular, chorou com amargura os pecados que seriam cometidos no mundo contra este grande mandamento, e tomou por sua conta compensar, com seu amor, as falhas e defeitos que nele haviam de incorrer os mortais.

O segundo e terceiro mandamento

822. O segundo mandamento da lei de Deus - não desonrá-lo jurando em vão ; e o terceiro - honrá-lo guardando e santificando suas festas.

A Mãe da sabedoria os compreendeu profundamente, gravou-os no seu piedoso e humilde coração para dar a Deus, culto e veneração em supremo grau. Ponderou dignamente a injúria que a criatura comete contra o ser imutável de Deus e sua bondade infinita, jurando por Ele em vão ou falsamente, ou blasfemando contra a veneração devida a Deus, diretamente, ou nos seus Santos. Sentiu grande dor ao conhecer os pecados que, atrevidamente, cometeriam os homens contra este mandamento.

Pediu aos santos anjos que a serviam que, em nome d'Ela, encarregassem os demais custódios dos filhos da santa Igreja, impedir seus protegidos de cometerem este desacato a Deus. Que lhes dessem inspirações, luzes e por outros meios os transpassasse com o temor de Deus, **(Sl 118, 120)** para não jurarem nem blasfemarem seu santo nome. Por outro lado, pedissem ao Altíssimo muitas bênçãos para os que se abstivessem de jurar em vão e reverenciassem seu ser imutável. Com grande fervor, a puríssima Senhora também fazia esta mesma súplica.

Quanto ao terceiro mandamento, a santificação das festas, a grande Rainha dos anjos, nestas visões, teve conhecimento de todas as festividades que seriam de preceito na santa Igreja, e do modo como seriam celebradas e guardadas. Desde que estiveram no Egito, como disse em seu lugar[3], havia começado a celebrar as dos mistérios já realizados até então. Depois desta notícia, porém, celebrou outras festas, como a da Santíssima Trindade, as de seu Filho e a dos anjos. A estes convidava para estas solenidades e para as demais que a santa igreja ordenaria. Por todas fazia cânticos de louvor e agradecimento ao Senhor.

Estes dias, especialmente marcados para o culto divino, Ela os enchia inteiramente d'ele. Não quer dizer que as ocupações corporais embaraçassem ou

2 - nº 521 e seguintes.

3 - acima nº 687.

impedissem a atenção interior de seu espírito, mas desejava fazer o que entendia que seria praticado futuramente na lei da graça. Assim santificava as festas do Senhor, e com santa competição e pronta obediência, antecipava-se na prática de tudo o que continha essa lei, como primeira discípula do Redentor do mundo.

Quarto e quinto mandamento

823. Recebeu Maria santíssima a mesma ciência e compreensão dos outros sete mandamentos, respectivamente, os quais se referem aos nossos deveres para com o próximo.

No quarto mandamento, honrar aos pais, conheceu tudo quanto se subentendia pelo nome de pais; como se lhes deve respeito e ajuda, do mesmo modo como eles têm obrigações para com os filhos.

Sobre o quinto mandamento, não matar, conheceu a Mãe clementíssima a justiça deste preceito. O Senhor é o autor da vida do homem. Se não lhes quis dar direito de dispor da própria vida, muito menos direito tem de ofender ou tirar a do próximo.

Como a vida é o primeiro dos bens da natureza e fundamento da graça, nossa Rainha louvou ao Senhor por ordenar este mandamento ao bem dos mortais. Olhava a estes como obras de Deus **(Sab 2, 23; Ecli 15, 14)**, capazes de sua graça e glória, preço do sangue que seu Filho ofereceria por eles **(1 Pd 1, 19)**. Por esta razão, fez grandes súplicas, para que na Igreja fosse bem observado este preceito.

Sexto mandamento

824. Nossa puríssima Senhora entendeu a matéria do sexto mandamento, ao modo dos bem-aventurados que consideram o perigo da humana fraqueza não em si mesmos, mas nos mortais, sem serem por ela atingidos.

Colocada em mais elevado estado de graça, Maria santíssima via e conhecia essa matéria sem a perturbação do *fomes* que não contraíra por preservação. Foram tais os sentimentos desta grande amante da castidade, honrando-a e chorando os pecados dos mortais contra esta virtude, que novamente feriu o coração do Altíssimo **(Cant 4, 9)**. A nosso modo de entender, consolou seu Filho santíssimo das ofensas dos mortais contra este preceito.

Conheceu que na lei do Evangelho, sua observância levaria a instituir congregações de virgens e religiosos que prometeriam a guarda da castidade. Pediu ao Senhor que lhes vinculasse sua bênção, e a instâncias de sua Mãe puríssima, determinou especial recompensa à virgindade, porque nesta virtude imitariam a Virgem Mãe do Cordeiro **(Sl 44, 15)**. Como esta virtude, à sua imitação, seria abraçada por muitos na lei do Evangelho, ofereceu ao Senhor incomparáveis agradecimentos com afetuosa alegria.

Não me detenho mais em referir sua estima por esta virtude, porque já falei um pouco na primeira parte, e em outras ocasiões.

Sétimo, oitavo, nono e décimo mandamento

825. Os demais preceitos; sétimo, não furtar; oitavo, não levantar falso testemunho; nono, não cobiçar a mulher alheia; décimo, não desejar os bens e coisas alheias. De cada um teve Maria santíssima particular inteligência, como nos demais.

Para cada um fazia grandes atos, de acordo com o que ordenavam cumprir. Por todo o gênero humano louvava e agradecia ao Senhor, por lhe ter dado uma lei tão bem ordenada, para encaminhar os homens à eterna felicidade.

Observando-a, não só asseguravam a recompensa que se lhes prometia na eternidade, mas também na vida presente lhes permitiria gozar da paz e tranqüilidade que, de certo modo, já os faria bem-aventurados.

Se todas as criaturas racionais se ajustassem à equidade da lei divina e se re-

solvessem guardá-la observando seus mandamentos, gozariam de felicidade deliciosa e do agradável testemunho da boa consciência.

Todos os gostos humanos não se podem comparar à consolação de ser fiel no pouco e no muito da lei **(Mt 25, 21).** Este benefício devêmo-lo principalmente a Cristo, nosso Redentor, que ao reto proceder vinculou a satisfação, a paz, o consolo e muitas felicidades na vida presente. Se nem todos gozamos esses efeitos, é porque não guardamos seus mandamentos.

As tribulações, as calamidades e desgraças do povo são efeitos inevitáveis das desordens das pessoas. Se damos o motivo, somos insensatos que, em chegando o contratempo, logo vamos procurar a quem atribui-lo, esquecendo que a sua causa se encontra dentro de cada um de nós.

Transgressão da lei divina

826. Quem poderá medir os danos que, na vida presente, procedem de furtar o alheio, transgredindo o mandamento que o proíbe? Porque não se contenta cada qual com sua sorte, esperando o socorro do Senhor que não despreza as aves do céu **(Mt 6, 26),** nem se esquece dos mais pequenos bichinhos?

Que misérias e aflições não estão sofrendo os cristãos, por não se contentarem os príncipes com os reinos que lhes deu o sumo Rei? A ambição de aumentar o poder e seus domínios tiram ao mundo o sossego, a paz, as propriedades, as vidas, e ao Criador, as almas.

Os falsos testemunhos e mentiras que ofendam à suma Verdade e às relações humanas, não causam menos prejuízos e discórdias. Destroem a paz e tranqüilidade dos corações e os indispõem a serem habitação do Criador **(1Cor 3, 17),** única coisa que deles desejava.

Cobiçar a mulher do próximo, adulterar contra a justiça, violar a lei santa do matrimônio confirmado e santificado por Cristo nosso Senhor com um Sacramento **(Mt 19, 4),** tem produzido e produzem imensos males, ocultos ou públicos, entre os católicos.

Se pensamos que, muitos não aparecem aos olhos do mundo, aos olhos de Deus, justíssimo e reto juiz **(Sl 7, 12),** não ficam sem castigo já nesta vida. Na outra será ainda mais rigoroso, na medida em que Deus os suportou **(Rom 2, 5),** pois se fosse castigar agora, segundo merecem, destruiria o povo cristão.

Os dois preceitos do amor a Deus e ao próximo

827. Nossa grande Rainha via todas estas verdades comtemplando-as no Senhor. Conhecia a vileza dos homens que, tão levianamente, e por coisas insignificantes perdem o decoro e respeito a Deus que, tão benignamente, deu-lhes a proteção de suas leis e preceitos.

Apesar de tudo, a prudentíssima Senhora não se escandalizou da humana fragilidade, nem se espantou com nossas ingratidões. Como piedosa mãe se compadecia dos mortais. Amava-os com ardentíssimo amor, por eles, agradecia os benefícios do Altíssimo. Reparava as transgressões que cometeriam contra a lei evangélica e pedia para todos a perfeição de sua observância.

Profundamente, compreendeu Maria santíssima, que os dez preceitos se resumem nos dois de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo **(Mt 22, 40; Rom 13, 10).** Entendeu que nestes dois amores bem compreendidos e praticados, se encerra toda a sabedoria, e quem chega a executá-los não está longe do reino dos céus, como disse o Senhor no Evangelho **(Mc 12, 34).** E ainda, que a guarda destes preceitos se antepõe e vale mais que os sacrifícios e holocaustos **(Mc 12, 33).**

Na medida de sua ciência, nossa grande Mestra pôs em prática esta santa

lei, como se encontra nos Evangelhos, sem faltar à observância de todos seus preceitos e conselhos até o menor deles.

Esta divina Princesa, sozinha, realizou a melhor doutrina do Redentor do mundo, seu Filho santíssimo, do que todo o resto dos santos e fiéis da santa Igreja.

DOUTRINA QUE ME DEU A DIVINA SENHORA E RAINHA DO CÉU.

Felizes os que amam tua lei, Senhor

828. Minha filha, o Verbo baixou do seio do eterno Pai, e no meu assumiu a humanidade, para redimir a linhagem humana. A fim de iluminar os que estavam nas trevas e sombras da morte **(Lc 1, 79)** e levá-los à felicidade que tinham perdido, era necessário que o Salvador viesse, para ser sua luz, caminho, verdade e vida **(Jo 14, 5)**. Deveria dar-lhes uma lei tão santa que os justificasse; tão clara que os iluminasse; tão segura que lhes desse confiança; tão forte que os movesse; tão eficiente que os auxiliasse, e tão verdadeira que a todos que a observassem desse alegria e sabedoria.

Este, e outros efeitos tão admiráveis, são produzidos pela virtude da imaculada lei evangélica, em seus preceitos e conselhos. Ordena e conforma de tal modo as criaturas racionais, que sua observância é a única fonte de toda felicidade espiritual e corporal, temporal e eterna **(Prov 29, 18).**

Por aqui entenderás que a cega ignorância dos mortais os engana e faz cair na fascinação dos seus mortais inimigos **(Gal 3, 1)**. Desejando tanto a felicidade, são tão poucos os que atinam com ela porque não a procuram na lei divina **(Jer 31, 33)**, onde unicamente a podem encontrar.

Quem me ama, guarda meus preceitos

829. Prepara teu coração com esta ciência, para que o Senhor grave nele sua santa lei, assim como fez a mim. Afasta-te e esquece todo o visível, de tal modo que tuas potências fiquem livres e vazias de outras imagens, fora daquelas que o dedo do Senhor lhes imprimir: sua doutrina e beneplácito, contidos nas verdades do Evangelho.

Para que teus desejos não fiquem frustrados ou estéreis, pede continuamente, de dia e de noite, ao Senhor que te torne digna desta graça prometida por meu Filho santíssimo. Considera atentamente que teu descuido nisso seria mais repreensível que em todos os demais viventes. Nenhum foi chamado e atraído a seu amor com semelhante energia e graça, como a que recebeste.

Durante o dia desta abundância e durante a noite da tentação e tribulação, não te esqueças desta dívida e do zelo do Senhor, para que nem os favores te desvaneçam, nem as penas e aflições te deprimam. Conseguirás isso se, tanto em uma como em outra situação, atenderes à divina lei gravada em teu coração, para guardá-la fielmente, sem remissão e descuido, com toda perfeição e advertência.

Amor ao próximo

829.a. Quanto à prática do amor ao próximo, aplica-lhe sempre aquela primeira regra: faze aos outros o que desejas que te façam **(Mt 22, 39).**

Se tu desejas que pensem e falem bem de ti, isso também deverás fazer a teus irmãos. Se sentes quando te ofendem, ainda em ninharias, evita dar-lhes esse pesar. Se não achas certo quando os outros desgostam o próximo, não faças o mesmo, pois já sabes que contradiz à regra e medida da caridade ordenada pelo Altíssimo. Chora também tuas culpas e as de teu próximo, por serem ofensas a Deus e à sua santa lei. Este sentimento é boa caridade para com eles e o Senhor. Sofre com as dores alheias como com as tuas, imitando-me neste amor.

CAPÍTULO 11

DA INTELIGÊNCIA QUE TEVE MARIA SANTÍSSIMA, SOBRE OS SETE SACRAMENTOS QUE CRISTO IRIA INSTITUIR E OS CINCO PRECEITOS DA IGREJA.

Os Sacramentos da Igreja

830. Para complemento da formosura e riqueza da santa Igreja, foi conveniente que seu artífice, Cristo nosso Redentor, nela instituísse os sete Sacramentos que seriam como o erário dos tesouros infinitos de seus merecimentos. Ele próprio neles estaria, por inefável modo de presença, mas real e verdadeiramente. Seus filhos fiéis alimentar-se-iam com seus bens e se consolariam com sua presença, penhor da que esperam gozar eternamente, face a face.

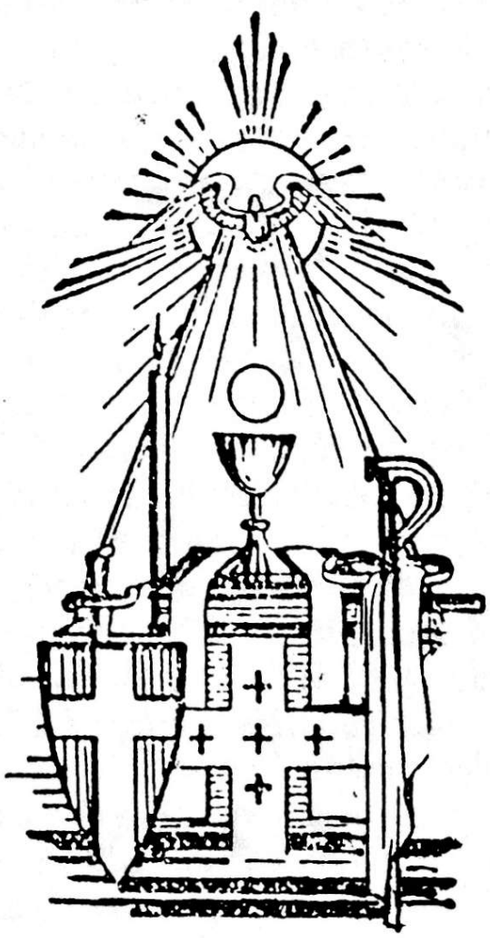
Era também necessário, para a plenitude da ciência e graça de Maria santíssima, que todos estes mistérios fossem copiados em seu ardente e vastíssimo coração, e no modo possível, nele ficasse gravada e depositada toda a lei da graça. como o estava em seu Filho santíssimo. Na ausência d'Ele, Ela iria ser a Mestra da Igreja e iria ensinar a seus primogênitos a fidelidade e exatidão com que estes Sacramentos deveriam ser recebidos e venerados.

O Batismo

831. Tudo isto foi manifestado à grande Senhora, no interior de seu Filho santíssimo, com nova e distinta luz para cada mistério.

Sobre o primeiro Sacramento, conheceu como a penosa lei da Circuncisão seria honrosamente cancelada, entrando em seu lugar o suavíssimo e admirável sacramento do Batismo.

Teve inteligência que a matéria deste sacramento seria água pura e natural; que em sua forma seriam nomeadas expressamente as três divinas Pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo, para que os fiéis professassem a fé explícita na santíssima Trindade.



Conheceu a virtude que Cristo comunicaria ao Batismo para, perfeitissimamente, perdoar todos os pecados e apagar suas penas. Viu os admiráveis efeitos que produzia em todos os que o recebessem, regenerando-os e recriando-os no ser de filhos adotivos, herdeiros do reino de seu Pai; infundindo-lhes as virtudes da fé, esperança, caridade e muitas outras; imprimindo-lhes o caráter sobrenatural e espiritual que, como selo real, ficaria impresso na alma dos filhos da santa Igreja.

Tudo mais que respeita a este sagrado Sacramento e seus efeitos, foi conhecido por Maria santíssima e, com ardente desejo, pediu a seu Filho santíssimo a graça de o receber. Jesus prometeu-lho e assim o fez, como direi em seu lugar [1].

A Confirmação

832. Sobre o segundo Sacramento, a Confirmação, teve a grande Senhora o mesmo conhecimento, e de como seria administrado pela Igreja, depois do Batismo. Este gera os filhos da graça, que depois a Confirmação robustece e torna aptos a testemunhar a fé recebida no Batismo. Além disso, aumenta a primeira graça e acrescenta a que lhe é própria.

Conheceu a matéria, forma e ministros deste Sacramento; os efeitos da graça, o caráter que imprime na alma. Entendeu que a unção do bálsamo e azeite, matéria deste Sacramento, representa a luz das boas obras e o odor de Cristo **(2 Cor 2, 15)** que os fiéis devem espalhar por seu testemunho, conforme indicam as palavras da forma deste Sacramento.

Ao receber estas inteligências, nossa grande Rainha, do fundo do coração, fazia heróicos atos de louvor, agradecimento e fervorosas súplicas. Almejava que todos os homens viessem tirar água destas fontes do Salvador **(Is 12, 3)**, e gozassem de tão incomparáveis tesouros, reconhecendo-o por seu verdadeiro Deus e Redentor.

Chorava amargamente a lamentável perda de tantos que, agraciados pelo Evangelho, seriam privados, por seus pecados, de tão eficazes medicações.

A Penitência

833. A respeito do terceiro Sacramento, a Penitência, conheceu a divina Senhora a conveniência e necessidade deste meio para devolver as almas à graça e amizade de Deus, suposta a fragilidade humana com que tantas vezes a perde. Entendeu as condições e ministros deste Sacramento e a felicidade que teriam os filhos da Igreja para recebê-lo com tão admiráveis efeitos.

Como verdadeira Mãe de misericórdia e dos fiéis, rendeu ao Senhor especial ação de graças, com imenso júbilo de ver tão fácil remédio para tão frequente enfermidade, como são as freqüentes culpas dos homens. Prostrada em terra, em nome da Igreja, acolheu e reverenciou o santo tribunal da confissão. Com inefável clemência, dispôs o Senhor que nele se decidisse o negócio de tanta importância para as almas, como é a justificação e vida eterna, ou a morte e condenação, remetendo ao árbitro dos sacerdotes absolver os pecados ou negar-lhes a absolvição **(Mt 18, 18)**.

O Sacramento da Eucaristia

834. Chegou a prudentíssima Senhora a particular inteligência do soberano mistério e sacramento da Eucaristia. Conheceu esta maravilha, mais profundamente que os supremos serafins. Foi-lhe revelado o modo sobrenatural com que estariam a humanidade e divindade de seu Filho santíssimo sob as espécies do pão e do vinho; a virtude das palavras para consagrar o corpo e sangue, convertendo uma

1 - nº 1030.

substância em outra e permanecendo os acidentes sem sujeito. Entendeu como estaria, ao mesmo tempo, em tantas e diversas partes; como se ordenaria o sacrossanto mistério da missa, para consagrá-lo e oferecê-lo em sacrifício ao eterno Pai até o fim dos séculos; como seria adorado e venerado nos numerosos templos da santa Igreja católica, em todo o mundo; os efeitos que sua recepção produzia, de acordo com as disposições de cada comungante, e as fatais conseqüências para os que o recebessem indignamente.

Teve inteligência da fé dos católicos neste Sacramento, e dos erros dos hereges contra este inefável benefício, e principalmente contra o amor imenso com que seu Filho santíssimo determinara dar-se em alimento de vida eterna a cada um dos mortais.

Maria pede a graça da comunhão

835. Ao receber estas e outras inteligências sobre este augustíssimo Sacramento, inflamou-se o coração de Maria santíssima em novos incêndios de amor, incompreensíveis ao entendimento humano. Ainda que para todos os Artigos da fé e sacramentos dedicou cânticos especiais, neste grande mistério desdobrou seu coração, e prostrada em terra fez novas demonstrações de amor, culto, louvor e agradecimento por tão alto benefício. Exprimiu dor e sentimento pelos que o haviam de usar mal e convertê-lo em sua própria condenação.

Abrasou-se em ardentes desejos de ver este Sacramento instituído, e se a força do Altíssimo não a confortasse, os seus afetos lhe teriam arrebatado a vida, apesar de se encontrar na presença de seu Filho santíssimo que, ao mesmo tempo lhe saciava e entretinha a sede, até chegar o tempo da instituição. Desde essa ocasião, porém, começou a se preparar, pedindo a Jesus a comunhão de seu corpo sacramentado quando chegasse a hora de se consagrar.

Disse-lhe a divina Rainha: Altíssimo Senhor meu, e vida Verdadeira de minha alma. Por ventura, merecerá este vil bichinho e opróbrio dos homens receber-vos em seu peito? Serei tão ditosa de voltar a receber-vos em meu corpo e em minha alma? Meu peito será vossa morada e tabernáculo onde descansareis? Possuir-vos-ei gozando de vossos abraços, e vós, meu amado, gozareis dos de vossa serva?

Maria começa a se preparar para a Comunhão

836. Respondeu-lhe o divino Mestre: Minha pomba e minha Mãe, muitas vezes me recebereis sacramentado, e depois de minha morte e subida aos céus, gozareis deste consolo. Minha contínua habitação será no vosso puríssimo e amoroso peito que Eu escolhi para morada de meu agrado e beneplácito.

Ao ouvir esta promessa do Senhor, humilhou-se novamente a grande Rainha e apegada ao pó lhe deu graças, admirando o céu. Desde aquela hora, dirigiu todos seus atos e afetos na intenção de se preparar para receber a sagrada comunhão de seu Filho sacramentado.

Durante todos os anos que se passaram depois desta ocasião, nunca se esqueceu, nem interrompeu os atos da vontade. Sua memória era firme e constante como de anjo [2], e sua ciência mais elevada que a de todos eles. Como sempre se lembrava deste mistério e de outros, sempre agia conforme a memória e ciência que possuía. Daí em diante, fez também grandes súplicas ao Senhor, para que desse luz aos mortais a fim de conhecerem e venerarem este altíssimo sacramento e o receberem dignamente.

Se, algumas vezes chegamos a recebê-lo com esta disposição (queira Deus que seja sempre), fora dos merecimentos

2 - 1ª parte, nº 537, 604.

do Senhor, devêmo-lo às lágrimas e orações desta divina Mãe que no-lo mereceu. Quando, ousadamente, alguém se atreve a recebê-lo em pecado, lembre-se que além da sacrílega injúria que comete contra seu Deus e Redentor, ofende também a sua Mãe santíssima, pois despreza e inutiliza seu amor, piedosos desejos, orações, lágrimas e suspiros. Esforcêmonos por fugir de tão horrendo delito.

A Extrema-unção [3]

837. Quanto ao quinto Sacramento, a Extrema-unção, teve Maria santíssima inteligência de sua admirável finalidade, matéria, forma e ministro. Conheceu que a matéria seria óleo bento de oliva, por simbolizar a misericórdia. A forma, as palavras deprecatórias, a unção dos sentidos com os quais pecamos, e o ministro, o sacerdote. Os efeitos deste Sacramento seriam confortar os fiéis enfermos, e em perigo de vida, contra as ciladas e tentações do inimigo que, naquela última hora, são muitas e terríveis.

Por este Sacramento se dá a quem o recebe dignamente, graça para recobrar as forças espirituais debilitadas pelos pecados cometidos. Se a melhora da saúde do corpo contribuir para a da alma, também será concedida. Desperta-se íntima devoção, desejos de ver a Deus, perdoam-se os pecados veniais e os restos e conseqüências dos mortais. O corpo do enfermo fica marcado, embora este Sacramento não confira caráter. Fica, porém, como assinalado para que o demônio tema chegar onde, por graça e sacramentalmente, esteve o Senhor como em seu tabernáculo.

Pelos privilégios do Sacramento da Extrema-unção arrebata-se a Lúcifer o direito que adquirira sobre nós pelo pecado original e pelos atuais. O corpo do justo que há de ressuscitar, assinalado e protegido por este Sacramento, voltará a unir-se à própria alma para gozar de Deus. Nossa fidelíssima Senhora e Mãe, conheceu tudo isto e, em nome dos fiéis, o agradeceu.

O Sacramento da Ordem

838. Sobre o Sacramento da Ordem sacerdotal, entendeu Maria santíssima como a providência de seu Filho santíssimo, prudente artífice da graça e da Igreja, criava-lhe ministros adequados aos Sacramentos que instituía. Administrando-os e consagrando o corpo e sangue do Senhor, santificariam o corpo místico dos fiéis.

Para conferir-lhes esta dignidade, que supera a tudo que é humano e até angélico, instituiu outro novo Sacramento de ordem e consagração. Este conhecimento suscitou em Maria tal reverência à dignidade dos sacerdotes que, desde esse momento, com profunda humildade, começou a respeitá-los e venerá-los. Pediu ao Altíssimo faze-los dignos e idôneos ministros para tal ofício, e que desse aos demais fiéis conhecimento para os venerarem. Chorou as ofensas que uns e outros cometeriam, transgredindo os próprios deveres relativos ao Sacramento.

Como em outros lugares já disse, e ainda direi mais sobre o grande respeito que nossa grande Rainha votava aos sacerdotes, não me detenho agora nisto[4]. Tudo o mais que pertence a matéria e forma deste Sacramento, Maria santíssima conheceu, como também seus efeitos e os ministros que o conferem.

O Matrimônio

839. Nossa divina Senhora foi também informada no que respeita ao último dos sacramentos, o Matrimônio. Entendeu os grandes fins que o Redentor

3 - atualmente "Unção dos Enfermos." (N.T.).

4 - 1ª parte nº 467; 2ª parte nº 532, 602, 1455; 3ª parte nº 92, 151, etc.

do mundo tinha em vista, ao instituir um Sacramento para abençoar e santificar a propagação dos fiéis na lei evangélica, e vir a significar o mistério do matrimônio espiritual de Cristo com a santa Igreja **(Ef 5, 32),** mais expressamente que antes dela.

Entendeu como seria continuado este Sacramento; sua forma e matéria, quão grandes bens dele proveriam aos filhos da santa Igreja e tudo o mais que pertence a seus efeitos, necessidade e virtude. Por tudo, fez cânticos de louvor e ação de graças em nome dos católicos que receberiam este benefício.

Em seguida, foram-lhe manifestadas as cerimonias e ritos que, nos tempos futuros, a Igreja usaria para o culto divino e os bons costumes. Conheceu as leis que estabeleceriam para isso, em particular seus cinco Mandamentos: ouvir missa nos dias santificados; os tempos para confessar e receber o santíssimo corpo de Cristo sacramentado; jejuar nos dias determinados; pagar ao Senhor os dízimos e primícias dos frutos da terra.

Os Mandamentos da Igreja

840. Nos preceitos da Igreja, conheceu Maria santíssima altíssimos mistérios referentes à justificação; sua razão de ser; os efeitos que produziriam nos fiéis e a necessidade que deles tinha a nova e santa Igreja.

Para guardar o primeiro, teriam dias marcados para encontros com Deus na assistência ao sagrado mistério e sacrifício da Missa, oferecidos por vivos e defuntos. Nele renovariam a profissão de fé e a memória da Paixão e Morte de Cristo com que foram redimidos. No modo possível, cooperariam na grandeza e na oferta de tão supremo sacrifício, e dele haveriam de haurir tantos frutos e bens como os que recebe a santa Igreja do sacrossanto mistério da Missa.

Conheceu também, quão necessário era coagir nossa deslealdade e descuido em não prorrogar muito o tempo para voltar à graça e amizade de Deus, por meio da confissão sacramental, e confirmá-la com a sagrada Comunhão. Além do perigo a que se arriscam os que esquecem e negligenciam o uso destes dois sacramentos, ofendem a seu Autor, frustrando seus desejos e o amor com que os instituiu para nossa salvação. Tudo isto procede de grande desprezo, tácito ou expresso, e vem a ser grave injúria para quem a comete.

Jejum e dízimos

841. Sobre os dois últimos preceitos, jejuar e pagar dízimos, teve Maria a mesma inteligência. Compreendeu a necessidade para os filhos da santa Igreja de procurar vencer os inimigos que lhes podem impedir a salvação. A muitos infelizes e negligentes isso acontece por não mortificarem e dominarem as paixões que, ordinariamente são fomentadas pelo vício carnal. Este é mortificado pelo jejum, do qual nos deu singular exemplo o Mestre da vida, apesar de não possuir, como nós, o *fomes pecati* para vencer.

Quanto a pagar dízimos, entendeu Maria santíssima ser especial ordem do Senhor que os filhos da santa Igreja lhe pagassem aquele tributo dos bens temporais. Deste modo, reconheciam-no como Senhor e Criador de tudo e lhe agradeciam aqueles frutos que sua providência lhes dava para a conservação da vida.

Oferecidos ao Senhor, estes dízimos seriam aplicados ao sustento dos sacerdotes e ministros da Igreja, os quais por sua vez seriam ainda mais agradecidos ao Senhor que, tão generosamente, os provia de sua própria mesa. Ao mesmo tempo, compreenderiam sua obrigação de cuidar sempre da saúde espiritual e das necessidades dos fiéis. O suor destes provia o

sustento dos ministros sagrados, para que eles empregassem toda a vida no culto divino e serviço da santa Igreja.

Maria, letra promissória de Deus

842. Fui muito breve na sucinta exposição de tão ocultos e grandiosos mistérios, como os que se passaram no inflamado e generoso coração de nossa divina Imperatriz, ao receber do Altíssimo a notícia da lei e nova Igreja do Evangelho. O temor de errar, constrangeu meu coração a não ser muito prolixo, em manifestar o que ele recebeu e conheceu através da inteligência.

A luz da santa fé que professamos, governada pela prudência e piedade cristã, esclarecerão o coração católico que atentamente se aplicar na veneração de tão elevados mistérios. Considere, com viva fé, a maravilhosa harmonia das leis e sacramentos, doutrinas e tantos mistérios como encerra a Igreja católica, pelos quais admiravelmente se regeu desde o princípio, e se regerá até o fim do mundo.

Tudo isto esteve reunido, por admirável modo, no íntimo de nossa Rainha e Senhora. N'ele, a nosso entender, ensaiou Cristo Redentor do mundo, a construção da santa Igreja. Antecipadamente, depositou-a toda em sua Mãe puríssima, para que fosse a primeira a gozar superabundantemente de seus tesouros. Quis que, gozando os praticasse, amasse, cresse, esperasse e agradecesse por todos os demais mortais; que chorasse também os pecados deles, para que não impedissem a torrente de tantas misericórdias para o gênero humano.

Maria santíssima foi a escritura pública onde se registrou tudo quanto Deus havia de operar pela redenção humana, ficando como que empenhado a cumprí-la. A virgem seria sua coadjutora e em seu coração deixava escrito o memorial das maravilhas que desejava realizar.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

Ingratidão humana

843. Minha filha, muitas vezes tenho te mostrado quão injurioso é ao Altíssimo, e perigoso aos mortais, o esquecimento e descuido com que desprezam as misteriosas e tão admiráveis obras que sua divina clemência ordenou para a salvação. O materno amor me solicita a renovar em ti algo desta lembrança e da dor por dano tão lastimável. Onde está o juízo dos homens, que tão perigosamente desprezam sua salvação eterna e a glória de seu Criador e Redentor?

As portas da graça e da glória estão abertas, e eles não só não querem entrar por elas, mas fecham as suas, quando a mesma vida e luz lhes vai ao encontro, recusando que entrem em seus corações cheios de trevas e de morte.

Ó pecador, que crueldade mais desumana a tua! Sendo tua enfermidade perigosa e mortal, não queres aceitar o remédio que te oferecem gratuitamente! Qual seria o defunto, que não sentiria grande reconhecimento por quem lhe restituísse a vida? Qual o enfermo, que não agradeceria o médico que o curasse de sua dolência?

Os filhos dos homens entendem isto e sabem ser agradecidos a quem lhes dá a vida e saúde que logo hão de perder, e só serve para devolvê-los a novos perigos e trabalhos. Porque, então, serem tão estultos e duros de coração para não reconhecer e agradecer a quem lhes dá a saúde, a vida do eterno descanso, e o resgate das penas que não terão fim nem podem ser suficientemente ponderados?

O sacramento da Penitência

844. Ó minha caríssima, como posso eu reconhecer por filhos e me considerar Mãe dos que assim desprezam meu único e amantíssimo Filho e Senhor, e sua liberal clemência? Os anjos e santos que no céu a vêem, admiram-se da grosseira ingratidão e perigo dos viventes, e reco-nhecem a retidão da justiça divina. Muito te dei a conhecer destes segredos nesta História.

Agora te explico mais, para me imitares e me acompanhares em chorar amargamente esta infeliz calamidade, na qual Deus tem sido e é muito ofendido. Chorando suas ofensas, procura de tua parte emendá-las. Quero que não deixes, um só dia, de render humildes ações de graças à sua grandeza que ordenou os santos sacramentos e suporta o indigno uso que deles fazem os maus fiéis. Recebe-os com profunda reverência, fé e esperança firme.

Pelo amor que tens ao santo sacramento da Penitência, deves procurar chegar a ele com as disposições que a santa Igreja e seus doutores ensinam, a fim de recebê-lo frutuosamente. Freqüenta-o todos os dias com humildade e agradecido coração, e sempre que caíres em culpa, não adies o remédio deste Sacramento. Lava e purifica tua alma, pois se é torpíssimo descuido saber-se manchada pelo pecado e ficar nessa fealdade um só instante, quanto não o será ficar assim muito tempo?

A recepção indigna dos sacramentos

845. Quero que entendas, em particular, a indignação do Onipotente Deus, ainda que não poderás conhecê-la inteira e dignamente, contra os que, com louca ousadia e atrevimento recebem indignamente os santos sacramentos, especialmente a augustíssima Eucaristia.

Ó alma, quão grave é esta culpa diante do Senhor e dos santos! E, não só recebê-lo indignamente, mas ainda as irreverências que se cometem nas Igrejas e em sua real presença! Como podem dizer os fiéis que têm fé nesta verdade e a respeitam? Estando Cristo sacramentado em tantos lugares, não só não o visitam e reverenciam, mas cometem em sua presença tais sacrilégios, que nem os pagãos, em suas falsas crenças, se atreveriam. Este mal pediria muitos avisos e livros.

Advirto-te, minha filha, que os homens do século atual desmerecem, pela equidade do Senhor, conhecer o que minha piedade deseja para seu remédio. O que agora hão de saber é, que seu juízo será tremendo e sem misericórdia, como o de servos maus e infiéis condenados por sua própria boca (**Lc 19, 22**). Isto poderás advertir a quantos quiserem te ouvir. Aconselha-os que, pelo menos, cheguem cada dia aos templos onde se encontra Deus sacramentado, para lhe darem culto de adoração e reverência. De igual modo, procurem assistir a missa, pois não sabem quanto perdem por essa negligência.

Jesus batiza sua Mãe Santíssima.

CAPÍTULO 12

ORAÇÃO DE CRISTO E MARIA PELOS HOMENS.

A vivência espiritual entre Jesus e Maria

846. Por mais que se procure aplicar nosso limitado entendimento, a fim de manifestar e glorificar as misteriosas obras de Cristo nosso Redentor e de sua Mãe santíssima, sempre se ficará vencido e muito longe de atingir a grandeza destes mistérios. São maiores, diz o Eclesiástico **(43, 33),** que todo nosso louvor. Nunca os vimos, nem os compreenderemos e sempre ficarão ocultas coisas maiores de quantas dissermos. São muito poucas as que alcançamos e nem destas merecemos entender ou explicar o que entendemos.

O entendimento do supremo Serafim é insuficiente para avaliar e penetrar os segredos que se passaram entre Jesus e Maria santíssima nos anos em que viveram juntos, estes de que vou falando. Ainda mais, quando o Mestre da luz a instruía de tudo o que havia de fazer na lei da graça, e quanto esta encerraria na sexta idade do mundo, a época do Evangelho que durará até os fins dos tempos.

O que aconteceu em mais de mil seiscentos e cinquenta e sete anos [1], e o que ignoramos que irá acontecer até o dia do juízo, nossa divina Senhora tudo conheceu na escola de seu Filho santíssimo. Revelou e conferiu com Ela tudo o que aconteceria nos tempos da Igreja em cada época, lugar, reinos e províncias.

Isto foi com tal clareza que, se esta Senhora continuasse a viver em carne mortal, conheceria todos os membros da santa Igreja, individualmente, por suas pessoas e nomes. Assim aconteceu com os que viu e tratou em sua vida. Quando chegavam à sua presença, começava a conhecê-los apenas por outro modo, correspondente à notícia interior de que já estava informada.

A visão de Maria era inferior a de Cristo

847. Quando a Mãe da sabedoria via e entendia estes mistérios no interior e nos atos das potências de seu Filho santíssimo, não os penetrava tanto como a alma de Cristo unida à divindade hipostática e beatificante. A grande Senhora era pura criatura e ainda não era bem-aventurada por visão contínua. Também não via sempre as espécies e luz beatífica daquela alma santíssima, a não ser nas ocasiões em que Ela também gozava da clara visão da divindade.

Nas demais visões, porém, dos mistérios da Igreja militante, conhecia as espécies imaginárias das potências interiores de Cristo Senhor nosso. Compreendia que tudo dependia de sua vontade santíssima que decretava e ordenava aquelas obras, para seus devidos tempos, lugares e ocasiões. Por outro modo, conhecia ainda, como a vontade humana do Salvador se conformava com a divina, e era por esta regida em tudo quanto determinava.

1 - 1657 - ano em que a Escritora se encontrava.

Esta harmonia agia sobre a vontade e potências da Senhora para que cooperasse com a vontade de seu Filho santíssimo, e por esta, com a divina. Deste modo, estabelecia-se inefável semelhança entre Cristo e Maria santíssima, cooperando Ela, como coadjutora, na edificação da lei evangélica e da santa Igreja.

O oratório de Maria

848. Estes ocultíssimos sacramentos passavam-se, ordinariamente, no humilde oratório da Rainha, onde celebrou o maior dos mistérios, a Encarnação do Verbo em seu virginal seio. Embora pobre e estreito, de paredes nuas e baixas, conteve a grandeza infinita de quem é imenso. Daí saiu quanto de majestoso e divino possuem hoje os ricos e inumeráveis santuários do mundo **(Lv 16, 12).**

Neste *sancta sanctorum* orava comumente o sumo sacerdote da nova lei, Cristo Senhor nosso. Sua contínua oração consistia em dirigir ao Pai fervorosas súplicas pelos homens e em conferir com sua Virgem Mãe as obras da redenção, os ricos dons e tesouros de graça que preparava para deixar em o novo testamento, para os filhos da luz e da santa Igreja, sua depositária.

Pedia, muitas vezes, ao eterno Pai que os pecados dos homens e sua duríssima ingratidão não fossem causa para impedir-lhes a Redenção. Em sua ciência conhecia as culpas, presentes e previstas, do gênero humano, e a condenação de tantas almas ingratas a este benefício. Saber que havia de morrer por elas, muitas vezes fê-lo agonizar e suar sangue. Os Evangelistas mencionam apenas uma vez **(Ec 22, 44),** antes da Paixão, porque não escreveram todos os sucessos de sua vida santíssima, mas é certo que muitas vezes sofreu igual sudação, sendo presenciada por sua Mãe santíssima [2]. Assim me tem sido manifestado em algumas inteligências.

Oração de Cristo

849. A posição em que orava nosso Mestre, às vezes era de joelhos, outras prostrado, em forma de cruz, outras elevado do solo, na mesma forma de cruz que muito estimava.

Na presença de sua Mãe, costumava dizer, orando; Oh! cruz felicíssima, quando estarei em teus braços e receberás os meus, para que em ti cravados, estejam abertos para receber todos os pecadores ? **(Mt 9, 13).** Se desci do céu para chamá-los ao caminho de minha imitação e participação, sempre estão abertas para abraçar e enriquecer a todos. Vinde, pois, cegos à claridade; vinde, pobres aos tesouros de minha graça; pequeninos, aos carinhos de vosso verdadeiro Pai; vinde, aflitos e fatigados que eu vos aliviarei e consolarei **(Mt 11, 23);** vinde, justos, minha propriedade e herança; vinde, todos filhos de Adão, que a todos chamo. **(1Tim 2, 4).** Eu sou o caminho, a verdade e a vida **(Jo 14, 6),** e para ninguém a recusarei se a quiser receber. Eterno Pai meu, não os desprezeis, pois são obras de vossas mãos **(Sl 137, 8).** Por eles me ofereço a morrer na cruz, a fim de os entregar justificados e libertos, se assim aceitarem, devolvendo-os ao grêmio de vossos eleitos no reino celestial, onde o vosso nome seja glorificado.

Sentimentos de Maria

850. A tudo se encontrava presente a piedosa Mãe e na pureza de sua alma como em cristal sem mácula, refletia-se a luz de seu Unigênito. Eco de suas palavras interiores e exteriores, as repetia e imitava em tudo, acompanhando-o nas orações e súplicas, nas mesmas posições em que as fazia o Salvador.

Quando a grande Senhora o viu, pela primeira vez, suar sangue, seu maternal e amoroso coração ficou traspassado

2 - nº 695.

de dor. Admirou-se do efeito que produziam em Cristo Senhor nosso os pecados e ingratidões dos homens, previstos pelo Senhor.

Oração de Cristo e Maria pelos homens.

Com dolorosa angústia, a divina Mãe dirigia-se aos mortais dizendo; Oh! filhos dos homens, quase não compreendeis quanto o Criador estimava em vós sua imagem e semelhança! Em preço de vosso resgate oferece seu próprio sangue, dando preferência à vossa salvação! Oh! como quisera ser dona de vossa vontade para converter-vos a seu amor e obediência! Sejam abençoados por sua destra, os justos e agradecidos que serão filhos de seu Pai! Sejam repletos de sua luz e dos tesouros de sua graça, os que hão de corresponder aos ardentes desejos de meu Senhor, em lhes dar eterna salvação.

Oh! quem fôra humilde escrava dos filhos de Adão, que por seus serviços, os obrigasse a por termo a suas culpas e à própria perdição! Senhor meu, vida e luz de minha alma, quem terá coração tão duro e vil, quem será tão inimigo de si mesmo que não se reconheça devedor empenhado de vossos benefícios?

Quem tão ingrato e indiferente, que ignore vosso amor ardentíssimo? Como suportará meu coração que os homens, tão beneficiados por vossas mãos, sejam tão rebeldes e grosseiros?

Oh! filhos de Adão, voltai contra Mim vossa desumana impiedade. Afligi-me, desprezai-me, contanto que deis a meu querido Senhor o amor e reverência que deveis a suas finezas.

Vós, Filho e Senhor meu, sois luz da luz, Filho do eterno Pai, figura de sua substância **(Heb 1,3)**, eterno e tão infinito quanto Ele, igual na essência e atributos, enquanto sois com Ele um só Deus e Majestade suprema **(Jo 10, 30).** Sois esco-

lhido entre milhares **(Cant 5, 10)**, mais formoso que todos os filhos dos homens, santo, inocente e sem defeito algum **(Heb 7,26)**. Como, Bem eterno, desconhecem os mortais o objeto nobilíssimo de seu amor, o princípio que lhes deu existência, o fim que consiste sua verdadeira felicidade? Oh! se me fôra possível dar a vida, para que todos saíssem de tal ignorância!

Participação de Maria

851. Outras muitas razões como estas, dizia a divina Senhora. Meu coração e minha língua são incapazes de explicar os ardentes afetos daquela inocentíssima pomba que, com este amor e profundíssima reverência, enxugava o sangue que seu Filho querido suava. Outras vezes, ao contrário o encontrava cheio de glória e resplendor, transfigurado, como mais tarde apareceria no Tabor **(Mt 17, 2)**.

Acompanhavam-no grande multidão de anjos, em forma humana, que o adoravam e com sonora e melodiosa voz cantavam hinos de louvor ao Unigênito do Pai feito homem. Ouvia nossa Senhora estas músicas celestiais, e outras vezes assistia a elas, embora não estivesse Cristo Senhor nosso transfigurado. A divina vontade ordenava, em algumas ocasiões, que a humanidade do Verbo recebesse aquele conforto. Em outras recebia-o quando transfigurado, pela redundância da glória da alma sobre o corpo. Isto, porém, foi poucas vezes.

Quando a divina Mãe o via naquela forma gloriosa, ou quando ouvia a música dos anjos, participava com tanta abundância daquele júbilo e deleite celeste que, se não fôra a fortaleza de seu espírito e o auxílio de seu Filho e Senhor, desfaleceria. Os santos anjos também a sustentavam nos delíquios corporais que em tais ocasiões costumava sentir.

Resposta do eterno Pai a seu Filho

852. Acontecia muitas vezes que, estando seu Filho santíssimo nestas disposições de sofrimento ou gozo, orando ao eterno Pai, conferindo os mistérios altíssimos da Redenção, respondia-lhe a pessoa do Pai, aprovando e concedendo o que lhe pedia o Filho para a salvação dos homens. Representava também a humanidade santíssima os decretos da predestinação ou reprovação de alguns.

Nossa grande Rainha e Senhora ouvia e entendia tudo isso. Humilhava-se até o solo, e com incomparável temor reverencial adorava o Todo-poderoso. Acompanhava seu Unigênito nas orações, súplicas e ações de graças que oferecia ao Pai por suas grandes obras e benignidade a favor dos homens, e no louvor de seus imperscrutáveis juízos.

Todos estes segredos e mistérios, a prudentíssima Virgem meditava no seu íntimo e guardava no arquivo de seu imenso coração. De tudo se servia como de matéria e alimento, para mais acender e conservar o fogo que ardia no santuário de seu interior. Nenhum destes favores permaneciam nela sem fruto.

A todos correspondia segundo o maior agrado e gosto do Senhor. A tudo dava a plena correspondência que convinha, para que se realizassem os planos do Altíssimo e todas suas obras se tornassem conhecidas e agradecidas, o quanto era possível numa pura criatura.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

Mãe de misericórdia

853. Minha filha, uma das razões por que os homens me dão o nome de Mãe de misericórdia, é o piedoso amor com que intimamente desejo que todos cheguem a se saciar nas torrentes da graça, e experi-

mentem a suavidade do Senhor **(Sl 33, 9)** como eu. A todos os que têm sede, chamo e convido para comigo chegarem as águas da divindade. Venham os mais pobres e aflitos que, se me responderem e seguirem, ofereço-lhes minha poderosa proteção e amparo, e intercederei junto a meu Filho, pedindo o maná escondido **(Apoc 2, 17)** que lhes dará alimento e vida. Vem tu, minha amiga. Vem e receberás o nome novo, conhecido só por quem o trás. Levanta-te do pó, sacode e rejeita todo o terrestre e transitório e aproxima-te do celestial. Nega a ti mesma e a todo o proceder da fragilidade humana. Contempla, na verdadeira luz que recebeste, as ações de meu Filho, as minhas que as imitaram, e sejam exemplar e espelho por onde compor a beleza que o sumo Rei deseja encontrar em ti **(Sl 44, 12).**

Reproduzir a vida de Cristo e Maria

854. O meio mais eficiente para conseguires a perfeição que desejas, e dar plena eficácia a tuas obras, é o seguinte: Regula todas tuas ações, gravando no teu coração esta advertência: antes de executar qualquer ato, interior ou exterior, pergunta a ti mesma, se meu Filho santíssimo e eu faríamos ou diríamos o mesmo que vais dizer ou fazer, e com que reta intenção o ordenaríamos à glória do Altíssimo e ao bem do próximo. Se achares que o diríamos e faríamos com esse fim, executa-o. Se, porém, entenderes o contrário, suspende e não o faças. Eu usava esta atenção com meu Senhor e Mestre, apesar de não ter contradição para o bem, como tu, mas porque desejava imitá-lo perfeitamente. Nesta imitação consiste a participação frutuosa de sua santidade, porque ensina e conduz ao mais perfeito e agradável a Deus.

Além disto, advirto-te que, de hoje em diante, nada faças, nem fales, nem penses, sem pedir-me licença antes, consultando-me como tua Mãe e mestra. Se eu te responder agradecerás ao Senhor, e se não te responder, mas perseverares nesta fidelidade, garanto e prometo da parte do Senhor, que Ele te dará luz do que for mais conforme à sua perfeitíssima vontade. Não obstante, faz tudo com a obediência de teu pai espiritual, sem nunca esquecer este exercício.

Virgem puríssima, perene beleza e juventude.

CAPÍTULO 13

MARIA AOS TRINTA E TRÊS ANOS DE IDADE. SUSTENTA A FAMÍLIA COM SEU TRABALHO.

A idade perfeita

855. Ocupava-se nossa grande Rainha e Senhora nos santos exercícios e mistérios que até agora mais balbuciei do que expliquei, principalmente depois que seu Filho santíssimo passou dos doze anos.

Correu o tempo, e ao completar nosso Salvador dezoito anos de sua adolescência, segundo o cômputo de sua Encarnação e nascimento acima citado [1], atingiu sua Mãe santíssima os trinta e três anos da idade perfeita e juvenil. Chamo-a assim porque, segundo a comum divisão da idade humana, seja em seis ou sete partes, a de trinta e três anos é o término de seu desenvolvimento natural. Segundo uns, pertence ao fim da juventude, ou ao princípio dela segundo a contagem de outros.

Seja qual for a divisão das idades, o término da perfeição natural é comum aos trinta e três anos. A permanência nesse estado é pequena, pois a natureza corruptível logo começa a declinar, como a lua depois de atingir sua plenitude. Neste declínio da idade mediana em diante, o corpo não cresce mais em altura. Se aumenta em espessura, isto não é perfeição, mas defeito da natureza.

Por esta razão, Cristo Senhor nosso morreu na idade de trinta e três anos. Seu amor ardentíssimo quis esperar que seu sagrado corpo chegasse ao término de sua natural perfeição e vigor, para oferecer por nós sua humanidade santíssima, com todos os dons da natureza e graça. Não que Ele crescesse na graça, mas para que a natureza fosse a ela correspondente, e nada ficasse por sacrificar e doar ao gênero humano.

Por esta mesma razão, dizem que o Altíssimo criou nossos primeiros pais, Adão e Eva, na perfeição dos trinta e três anos. Deve-se, porém, pensar que naquela primeira e segunda idade do mundo, a vida era muito mais longa. Dividindo a idade dos homens em mais ou menos seis ou sete partes, cada uma seria composta de muito mais anos do que agora, quando, depois de David a senetude chega aos setenta anos **(Sl 89, 10).**

Maria aos trinta e três anos

856. Ao completar trinta e três anos, o virginal corpo da Imperatriz do céu, chegou à completa perfeição natural. Tornou-se tão bem proporcionada e bela que era admiração, não só para a natureza humana, mas também para os próprios espíritos angélicos.

Na altura, nos membros e em todo o porte, desenvolvera-se tão harmonicamente que chegou à suma perfeição de uma criatura humana. Assemelhava-se à humanidade santíssima de seu Filho, quando Ele alcançou essa idade. Na cor e na fisionomia eram extremamente parecidos, embora permanecessem os traços

1 - nº 138, 475

característicos do sexo: Cristo, perfeitíssimo homem, e sua Mãe perfeitíssima mulher.

Para todos os outros mortais, nessa idade, geralmente, começa o declínio da perfeição física. Diminui a umidade radical e o calor inato; descontrolam-se os humores, prevalecendo os terrestres; o cabelo começa a branquear, as rugas surgem no rosto, o sangue esfria, as forças enfraquecem. Todo o organismo começa a declinar para a senetude e destruição, sem que indústria alguma consiga detê-la completamente.

Com Maria santíssima não aconteceu assim. Seu admirável organismo e vigor conservaram a perfeição que alcançaram aos trinta e três anos, sem enfraquecer e declinar. Quando atingiu os setenta anos, término de sua vida, como direi em seu lugar [2], possuía o mesmo físico que aos trinta e três, com as mesmas energias e aparências exteriores.

São José em seus últimos anos

857. A grande Senhora teve consciência deste benefício e privilégio que lhe concedeu o Altíssimo, e lho agradeceu. Entendeu que a razão dele era para nela sempre se conservar a semelhança com a humanidade de seu Filho santíssimo, mesmo na perfeição natural, não obstante a diferença da duração da existência terrestre de ambos: o Senhor daria a vida nessa idade, enquanto a divina Senhora viveria mais tempo.

Quando, pois, a Senhora do mundo chegou aos trinta e três anos, São José, embora não fosse muito velho, sentia-se já muito alquebrado fisicamente. Suas viagens, os cuidados e contínuo trabalho para sustentar a sua Esposa e ao Senhor do mundo, o haviam enfraquecido, mais do que a idade. O mesmo Senhor que o queria aperfeiçoar no exercício da paciência e de outras virtudes, permitiu que sofresse algumas enfermidades e dores, (como direi no capítulo seguinte), o que lhe dificultava muito o trabalho corporal. Notou-o a prudentíssima Esposa que sempre o havia estimado e servido mais que nenhuma outra do mundo a seu marido.

Disse-lhe: Meu esposo e senhor, sinto-me muito obrigada pela fidelidade, trabalho e desvelo que sempre tiveste. Até agora, com o suor de vosso rosto, alimentaste a vossa serva e a meu santíssimo Filho e Deus verdadeiro. Nesta solicitude gastaste vossas forças e o melhor de vossa vida e saúde para cuidar da minha. Da mão do Altíssimo recebereis a recompensa e as bênçãos que mereceis **(Sl 20, 4)**. Agora, suplico-vos, senhor meu, que descanseis do trabalho, pois está acima de vossas fracas forças. Quero ser agradecida, e trabalhar agora para vos servir no resto de vida que o Senhor nos conceder.

São José servido por Jesus e Maria

858. Ouviu o Santo as razões de sua amorosa Esposa, derramando muitas lágrimas de humilde gratidão e consolo. Fez alguma insistência pedindo-lhe que lhe permitisse continuar no trabalho, mas por fim cedeu aos rogos de sua Esposa e Senhora do mundo. Daí em diante deixou o trabalho manual com que ganhava o alimento para os três. As ferramentas de seu ofício de carpinteiro foram dadas como esmola, para que nada ficasse inútil e supérfluo naquela família.

Livre desta preocupação, José entregou-se inteiramente à contemplação dos mistérios de que era depositário e ao exercício das virtudes. Sendo nisso tão feliz e bem-aventurado, por gozar da presença e convívio com a divina Sabedoria humana e sua Mãe, chegou o homem de Deus a tão elevada santidade que, depois

2 - 3ª parte, nº 736.

de sua divina Esposa, excedeu a todos os outros santos.

A Senhora do céu e seu Filho santíssimo o assistiam nas suas enfermidades, o serviam, consolavam e animavam com a maior atenção. Não há palavras para traduzir a reverência, humildade e amor que estes favores produziam no singelo e agradecido coração de José. Seus sentimentos foram, sem dúvida, admiração e gozo para os espíritos angélicos, e de sumo agrado e beneplácito para o Altíssimo.

O trabalho de Maria

859. Desde essa ocasião, encarregou-se a Senhora do mundo de sustentar com seu trabalho ao Filho santíssimo e ao Esposo. Assim o dispôs a eterna Sabedoria para plenificá-la em todo gênero de virtudes e méritos e para exemplo e confusão das filhas de Adão e Eva. Apresentou-nos por modelo esta mulher forte **(Prov 31, 10 seg.)**, revestida de formosura e fortaleza, cingida com a energia que lhe tinha conferido naquela idade. Fortificou seu braço para estender as mãos aos pobres, comprar o campo e plantar a vinha com o fruto de suas mãos. Nela confiou, conforme diz o livro dos Provérbios, o coração de seu consorte, não apenas o de seu esposo José, mas ainda o de seu Filho, Deus e homem verdadeiro, mestre da pobreza, pobre dos pobres. Nessa confiança não foram decepcionados.

Começou a grande Rainha a trabalhar mais, fiando e tecendo linho e lã e realizando o que misteriosamente dela falou Salomão nos Provérbios, capítulo 31. Como expliquei este capítulo no fim da primeira parte, não o repito aqui, ainda que muitas das coisas que lá disse, referiam-se a esta ocasião, quando as praticou nossa Rainha em atos mais externos e materiais.

Laboriosidade da Virgem

860. Não faltavam ao Senhor meios para sustentar sua vida humana com a de sua Mãe santíssima e a de São José, pois não só de pão se sustenta e vive o

homem **(Mt 4, 4)**. Como Ele mesmo disse, poderia fazê-lo só com sua palavra; poderia também, milagrosamente, oferecer a alimentação de cada dia.

O mundo, porém, não teria visto o exemplo de sua Mãe santíssima e Senhora da criação, trabalhando para ganhar o sustento. A Virgem também ficava sem esse prêmio, se não houvesse adquirido aqueles merecimentos.

Tudo foi ordenado pelo Mestre de nossa salvação, com admirável providência, para glória da grande Rainha e nossa instrução.

Não se podem explicar com palavras a diligência e cuidado com que acudia a tudo. Trabalhava muito, e porque se conservava sempre recolhida em casa, acudia-lhe aquela feliz vizinha de quem

falei outras vezes [4]. Levava os trabalhos que a grande Rainha fazia, trazendo-lhe as coisas necessárias. Quando a Senhora lhe dizia o que devia fazer ou trazer, nunca era mandando, mas sim pedindo-lhe com suma humildade. Para reconhecer-lhe a disposição, perguntava se tinha gosto e desejo de o fazer.

Ela e seu Filho santíssimo não comiam carne. Sua alimentação consistia só em peixe, frutas e verduras, com admirável temperança e abstinência. Para São José preparava carne, procurando compensar a simplicidade e pobreza do cardápio, com o alinho e sabor que lhe emprestava, e o carinho e dedicação no servi-lo. Dormia pouco a diligente Senhora, ocupando grande parte da noite no trabalho. Permitia-lhe o Senhor, mais do que quando estavam no Egito, como descrevi então [5].

Acontecia, algumas vezes, que seu trabalho não bastava para comutar com tudo o que necessitavam, pois São José, agora, mais do que antes, precisava de melhor alimentação e roupa. Nestes casos, intervinha o poder de Cristo nosso Senhor, multiplicando o que tinham em casa, ou mandando aos anjos que o trouxessem. As mais das vezes, porém, fazia estes prodígios através de sua própria Mãe, dispondo que seu trabalho se multiplicasse em suas mãos.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Prudência, caridade e justiça

861. Minha filha, o que escreveste sobre meu trabalho, constitui altíssima doutrina para tua orientação e para me imitares. A fim de não a esqueceres, vou resumi-la em três pontos.

Quero que me imites nas três virtudes que me vistes praticar no que escreveste, e nas quais os mortais reparam pouco: a prudência, a caridade e a justiça. Com a prudência deves prevenir as necessidades do próximo e socorrê-las no modo possível a teu estado. A caridade te levará a remediá-las, amorosa e diligentemente. A justiça te ensinará que é obrigação proceder assim com os necessitados, como o desejarias para ti.

Teus olhos devem servir a quem não os tem **(Jo 24, 15);** a quem não tem ouvidos, deves ensinar; tuas mãos deverão trabalhar para aquele que não as pode usar. Ainda que sempre deves praticar esta doutrina espiritualmente, de acordo com teu estado, quero que a exercites também no temporal, e em tudo sejas fidelíssima em me imitar.

Quando vi meu Esposo em necessidade, dispus-me a servi-lo e sustentá-lo, como achei que era minha obrigação, e com ardente caridade assim o fiz por meu trabalho, até sua morte. O Senhor mo havia dado para que ele me sustentasse, como o fez com suma fidelidade, enquanto teve forças. Quando, porém, elas lhe faltaram e o Senhor mas dava, era minha aquela obrigação. Teria sido grande falta deixar de lhe retribuir com dedicação e fidelidade.

Injustiça social. Opressão aos pobres e humildes

862. Não seguem este exemplo os filhos da Igreja. Por isto introduziu-se entre eles uma ímpia perversidade, que constrange o justo Juiz a castigá-los severamente. Todos os mortais nasceram para trabalhar **(Jó 5, 7)** não só depois do pecado, como pena merecida, mas desde a criação do primeiro homem **(Gn 2, 15).**

Apesar disso, o trabalho não é repartido com todos, mas os mais poderosos e ricos, os que o mundo chama senhores e nobres, procuram eximir-se desta lei geral, e lançam todo o trabalho sobre os humildes e pobres da sociedade. O suor

4 - Acima nº 277, nº 423. - 5 - Acima nº 658.

destes sustentam o fausto e a soberba dos ricos, e o fraco e pequeno serve ao forte e poderoso. Em muitos soberbos, pode tanto esta perversidade, que chegam a pensar que lhes é devido este obséquio, e nessa convicção oprimem, humilham e desprezam os pobres (**Tg 2, 6**). Presumem que só têm que viver para si e para gozar do ócio e das delícias e bens do mundo, e aos que os servem nem sequer pagam o pequeno estipêndio de seu trabalho.

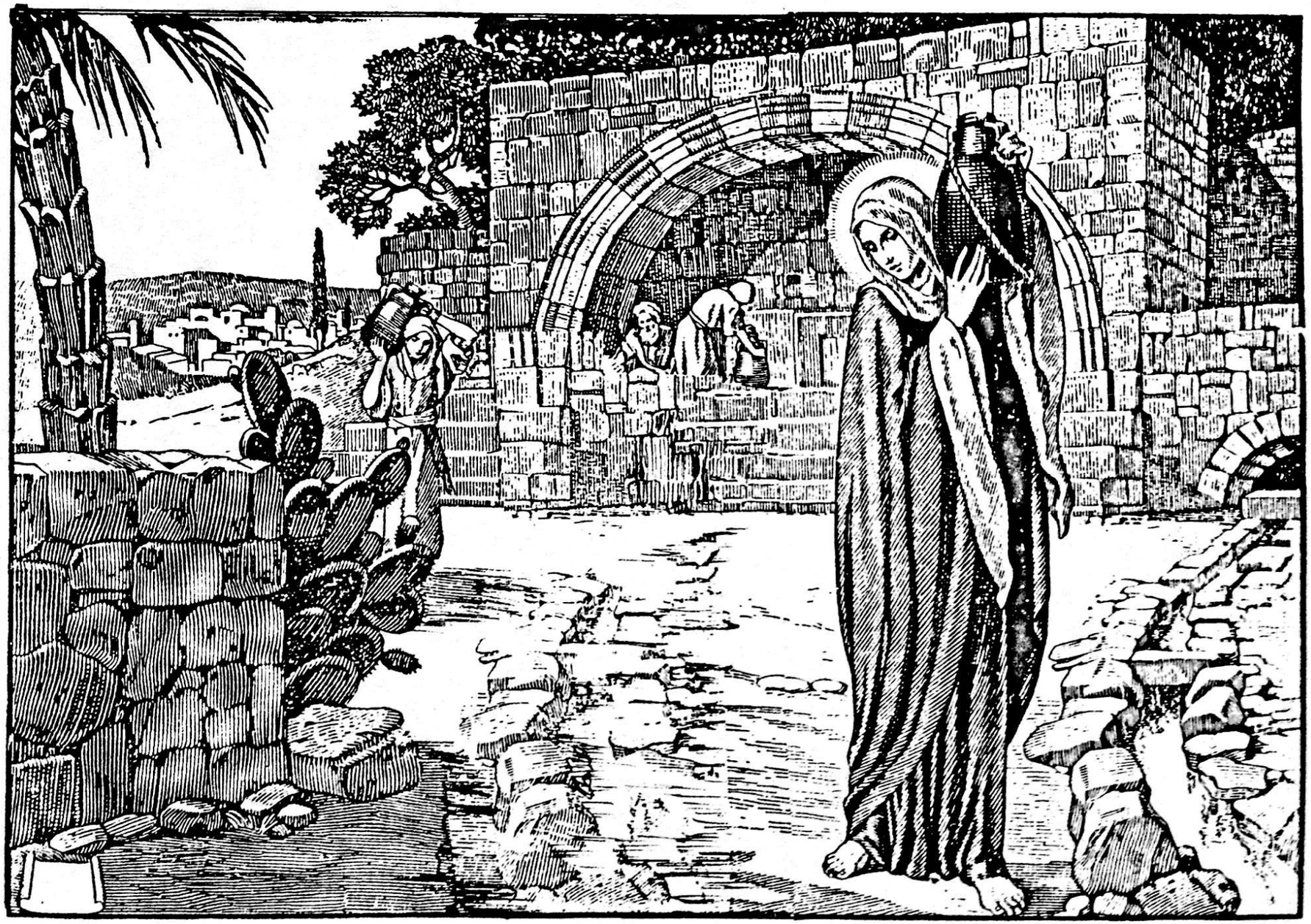
Sobre o ponto de não remunerar os pobres trabalhadores, e no mais que entendeste, poderias citar gravíssimas ofensas que se praticam contra a ordem e vontade do Altíssimo. Basta, porém, saber que assim como eles pervertem a justiça e a razão, e não querem participar do trabalho dos homens, assim também se inverterá para com eles a ordem da misericórdia concedida aos pequenos e desprezados (**Sab 6, 7**). Os que foram dominados pela soberba e sua malvada ociosidade, serão castigados com os demônios a quem imitaram.

O trabalho conventual

863. Tu, caríssima,atende em conheceres tal erro. O meu trabalho e exemplo estejam sempre diante de ti. Afasta-te dos filhos de Belial (**2 Par 13, 7**) que, na ociosidade, procuram o aplauso da vaidade (**Sl 4, 3**), e assim trabalham em vão. Não te consideres prelada e superiora, mas sim escrava de tuas súditas, a menor, a mais humilde e serva de todas, sem diferença. Socorre-as, se for preciso, trabalhando para alimentá-las, pois é teu dever não apenas por ser prelada, mas também porque são tuas irmãs, filhas de teu Pai celestial, obras do Senhor, teu Esposo. Havendo tu, sem merecer, recebido mais do que todas, também estás obrigada a trabalhar mais do que qualquer outra. Alivia as enfermas e fracas do trabalho corporal e faze-os por elas. Quero que não encarregues outra de fazer o trabalho que te pertence e podes desempenhar, mas ainda ponhas sobre teus ombros, quanto for possível, o das outras, sendo a serva e menor de todas, como desejo que entendas e te consideres.

Não podendo fazer tudo, convém distribuir os trabalhos corporais a tuas súditas. Nesta distribuição, adverte em guardar imparcialidade e ordem. Não sobrecarregues aquela que é mais humilde e disponível, ou a mais fraca fisicamente. Antes faço questão que humilhes a altiva e soberba que se aplica de má vontade ao trabalho. Faze isto, porém, sem irritá-las com muita aspereza, e com humilde mansidão e severidade obriga às tíbias e de caráter difícil a se porem sob o jugo da santa obediência. Nisto lhes fazes o maior benefício que podes, e de tua parte cumpres tua obrigação de consciência, o que também deves fazê-las compreender.

Conseguirás tudo isso, se não fizeres acepção de pessoas, e se a cada uma deres o trabalho segundo as próprias forças, e as demais coisas que necessitarem. Com esta justiça e igualdade, sendo a primeira em trabalhar e fazer o mais difícil, constrange-as a detestarem a ociosidade e frouxidão. Procedendo assim, terás humilde liberdade para mandá-las. O que, porém, podes fazer, não o mandes a nenhuma, para não perderes o fruto e recompensa do trabalho, e para me imitar e obedecer ao que te admoesto e ordeno.



Maria Ssma. trabalhando para a família.

CAPÍTULO 14

OS ÚLTIMOS ANOS DE SÃO JOSÉ. SEUS SOFRIMENTOS, ENFERMIDADES E COMO ERA SERVIDO PELA RAINHA DO CÉU, SUA ESPOSA.

Pela cruz à luz

864. Todos nós, chamados à luz e profissão da santa fé, à escola e seguimento de Cristo, nosso bem, incorremos nesta geral inadvertência: procurâmo-lo, como Redentor de nossas culpas, e quase nunca como Mestre do sofrimento **(Lc 24, 26)**. Queremos gozar do fruto da redenção humana, de nos ter aberto as portas da graça e da glória, mas não atendemos tanto em seguir a Cristo no caminho da cruz, por onde Ele chegou à sua glória e nos convida a procurar a nossa **(Mt 16, 24).**

Nós os católicos, procedemos assim, não por errar na fé como os hereges, pois confessamos que sem obras e sem trabalhos não há prêmios nem coroa **(2 Tim 2, 5)**. Concordamos que é sacrílega blasfêmia valer-nos dos méritos de Cristo nosso Senhor, para pecar sem freio e sem temor. Não obstante estas verdades, na prática das obras correspondentes à fé, alguns filhos da santa Igreja pouco se diferenciam dos que vivem nas trevas; fogem do sacrifício, como se acreditassem que, sem ele, podem seguir seu Mestre e chegar à participação de sua glória.

Seguir a Cristo sofredor

865. Deixemos este engano prático, e convençamo-nos que o padecer não foi só para Cristo nosso Senhor, mas também para nós. Se padeceu trabalhos e morte como Redentor do mundo, foi também, como Mestre, que nos ensinou e convidou a carregar a cruz. Dela fez participantes os seus amigos, de modo que o mais íntimo receberá parte maior, e nenhum deles entrou no céu sem o merecer por suas obras. Desde sua Mãe santíssima, os Apóstolos, Mártires, Confessores e Virgens, todos caminharam na estrada da cruz, e o que mais sofreu, mais copiosa recompensa e coroa possui.

O exemplo do Senhor é o mais vivo e admirável, mas poderemos ter a ousadia de dizer que, se Ele padeceu como homem, também era Deus poderoso, e a fraqueza humana só pode admirar, mas não imitar seu exemplo. A esta desculpa, o Senhor nos apresenta o exemplo de sua Mãe e nossa Rainha inocentíssima, o de seu esposo São José e o de tantos outros homens e mulheres. Fracos como nós, e com menos culpas do que nós, o imitaram e seguiram pelo caminho da cruz. Não foi só para nossa admiração que o Senhor sofreu, mas para ser exemplo admirável à nossa imitação. O fato de ser verdadeiro Deus, não impediu d'Ele sentir o sofrimento, antes, por ser impecável e inocente, foi maior sua dor e mais sensíveis foram suas penas.

Sofrimentos de São José.

866. Por este caminho real, o Senhor levou o esposo de sua Mãe santíssima, José, a quem amava mais do que a qualquer outro homem. Para aumentar seus méritos e enriquecer sua coroa, antes que terminasse o tempo de merecê-la, enviou-lhe nos últimos anos de vida algumas enfermidades: febres, veementes dores de cabeça e muito agudas nas articulações, as quais muito o afligiram e esgotaram.

Além destas enfermidades, teve outra espécie de sofrimento, ao mesmo tempo doce e doloroso, proveniente do seu ardentíssimo amor. Era este tão intenso, que muitas vezes o arrebatava em vôos ou êxtases extremamente impetuosos. Seu espírito puríssimo teria quebrado as cadeias do corpo, se o mesmo Senhor que os produzia não o assistisse, dando-lhe forças para não desfalecer de dor.

Deixava-o o Senhor nesta doce violência, até seu tempo. Pela fraqueza natural de um corpo tão extenuado e enfraquecido, este exercício vinha a ser de incomparável mérito para o feliz Santo. Isto, não só pelos efeitos de dor que padecia, mas também pelo amor donde procediam.

Virtudes de São José

867. Nossa grande Rainha, sua esposa, era testemunha de todos estes mistérios. Como em outros lugares já disse [1], Ela conhecia o interior de São José, para sentir o consolo de ter esposo tão santo e amado do Senhor. Via e penetrava a simplicidade daquela alma, seus inflamados afetos, seus elevados e divinos pensamentos; a paciência e mansidão columbina de seu coração, nas suas graves e dolorosas enfermidades, das quais nunca se queixava nem pedia alívio. O grande Patriarca tudo sofria, com incomparável resignação e grandeza de alma.

A prudentíssima Esposa que tudo via e estimava no seu justo valor, veio a sentir por São José uma veneração impossível de se explicar. Com grande satisfação trabalhava para sustentá-lo e lhe proporcionar prazer. O maior que lhe fazia era preparar e servir-lhe, com suas virginais mãos, a alimentação. Tudo parecia pouco à divina Senhora, para acudir as necessidades do Esposo que tanto amava.

1 - nº 368, 381, 394, 404

Por isto, costumava usar do seu poder de Senhora e Rainha da criação. Aos manjares que preparava para seu santo enfermo, ordenava que dessem especial virtude e força para o corpo e sabor para o gosto, pois era para conservar a vida do santo, justo e eleito do Altíssimo.

Maria, divina enfermeira

868. Obedeciam as criaturas, e assim como ordenava a grande Senhora acontecia. Quando São José comia esse alimento abençoado, costumava dizer à Rainha: Senhora, esposa minha, que alimento e manjar é este que assim me reanima, deleita o gosto, restaura minhas forças e enche de júbilo meu espírito?

A Imperatriz do céu servia-lhe as refeições de joelhos. Quando ele se encontrava mais tolhido e indisposto, descalçava-o na mesma posição, e o amparava pelo braço. O humilde Santo procurava reanimar-se para evitar à sua Esposa esses trabalhos, mas não conseguia impedi-los. Conhecendo Ela as dores e fraqueza do feliz doente, as horas e ocasiões para socorrê-lo, acudia prontamente a divina enfermeira, servindo-o no que precisava.

Dizia-lhe também muitas palavras de singular consolo, como Mestra da sabedoria e das virtudes. Nos últimos três anos da vida do Santo, quando suas enfermidades se agravaram, a Rainha assistia-o dia e noite, e só o deixava quando devia servir seu Filho santíssimo. O Senhor também a ajudava na assistência a São José, salvo quando era preciso cuidar de outra coisa.

Jamais houve, nem haverá outro enfermo tão bem tratado e servido como o homem de Deus, José. Só ele mereceu ter por Esposa Aquela que também o foi do Espírito Santo.

Caridade de Maria para com São José

869. A piedade da divina Senhora não ficava satisfeita servindo a São José como fica dito. Procurava ainda outros meios para seu alívio e conforto. Às vezes, com ardentíssima caridade, pedia ao Senhor que desse a Ela as dores que seu Esposo sofria, pois se considerava mere-

cedora de todos os padecimentos das criaturas, como a menor de todas. Assim o alegava na presença do Altíssimo, a Mãe e Mestra da santidade, representando-lhe que era mais devedora do que todos os nascidos e que não lhe dava a retribuição devida. Oferecia o coração para todo o gênero de aflições e dores.

Alegava também a santidade de São José, sua pureza e as delícias que o Senhor sentia naquele coração tão semelhante ao Seu. Pedia-lhe muitas bênçãos para o Santo, e dava-lhe reconhecidas ações de graças por ter criado um homem

tão digno de seus favores, cheio de santidade e retidão. Convidava aos anjos para louvarem e exaltarem a Deus por esse favor. Ponderava a glória e sabedoria do Altíssimo em suas obras e o bendizia com novos cânticos.

Por um lado, considerava as penas e dores de seu amado Esposo, compadecendo-se delas; por outro, conhecendo seus méritos, a complacência do Senhor por eles e pela paciência do Santo, alegrava-se e engrandecia o Senhor.

A respeito de todas estas obras, praticava a divina Senhora muitos atos das virtudes que se referiam àqueles fatos, em grau tão eminente que admirava os próprios anjos. Maior admiração ainda deveria causar à ignorância dos mortais, ver que uma criatura humana atendesse plenamente a tantas coisas ao mesmo tempo, sem que a solicitude de Marta estorvasse o lazer de Maria **(Lc 10, 41, 42).** Nisto assemelhava-se aos anjos que nos assistem e guardam, sem perder a visão do Altíssimo **(Mt 18, 10).**

Na atenção a Deus, Maria puríssima os excedia, além de, ao mesmo tempo, trabalhar com os sentidos corporais, que os anjos não têm. Sendo filha de Adão, terrestre, era também espírito celeste, estando com a parte superior da alma nas alturas do amor, e com a parte inferior exercitando a caridade com seu santo Esposo.

Os anjos consolam São José

870. Nas ocasiões em que a piedosa Rainha percebia a agudeza das acerbas dores de seu esposo São José, movida de terna compaixão, mandava às causas e acidentes dessas dores que suspendessem sua atividade e não afligissem tanto ao justo e amado Senhor. Obedecendo as criaturas à sua Senhora, aliviava-se o sofrimento do Santo. Por um, ou mais dias descansava, até que voltava a padecer, quando o Altíssimo assim ordenava.

Noutras ocasiões, mandava aos santos anjos, não com autoridade, mas pedindo, que consolassem e animassem São José em suas dores e sacrifícios, como necessitava a frágil condição da natureza. Por esta ordem, os anjos se manifestavam ao feliz enfermo, em forma humana visível. Cheios de beleza e refulgência, falavam-lhe da Divindade e de suas infinitas perfeições.

Às vezes, em coro de suave e celestial harmonia, cantavam-lhe hinos e cânticos divinos, com que lhe confortavam o corpo e inflamavam-lhe de amor a alma puríssima. Para cúmulo da santidade e gozo do felicíssimo Santo, recebia especial compreensão e luz, tanto destes favores divinos como da santidade de sua virginal Esposa, do amor que Ela lhe devotava, da íntima caridade com que o servia e de outras excelências e prerrogativas da grande Senhora do mundo.

Tudo isto reunido, produzia tais efeitos em São José e o colocava em tal grau de merecimentos, que nenhuma língua o pode explicar, nem entendimento humano compreender na vida mortal.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Caridade pelos enfermos

871. Minha filha, uma das virtudes mais agradáveis ao Senhor e de maior fruto para as almas, é o exercício da caridade com os enfermos. Nela se cumpre grande parte daquela lei natural que manda cada qual fazer a seu irmão o que deseja receber para si.

O Evangelho faz dela um dos argumentos que o Senhor alegará para dar o eterno prêmio aos justos **(Mt 25, 34 e**

seguintes), e da transgressão dessa lei uma das causas da condenação dos réprobos.

Ali mesmo é explicada a razão: como todos os homens são filhos do mesmo Pai celestial, Ele recebe por benefício ou ofensa, o que se faz a seus filhos que o representam, segundo acontece entre os próprios homens. Além deste vínculo de fraternidade, tens outros com as religiosas, por seres Madre, e elas também esposas de Cristo, meu Filho santíssimo, de quem não receberam tantos benefícios como tu. Deste modo, por maiores títulos, estás obrigada a cuidar delas e servi-las em suas enfermidades.

Em outra parte[2] já mandei que te consideres enfermeira de todas, como a menor e mais obrigada. Quero que sejas muito agradecida por este mandato, pois por ele te confiro um ofício muito estimável e grande na casa do Senhor. Para cumpri-lo, não encarregues outras do que podes pessoalmente fazer no serviço das enfermas. O que não puderes, por causa das outras ocupações de teu ofício de prelada, recomenda-o com instância às que, por obediência, receberam esse ministério.

Além do motivo da caridade comum, há outra razão para acudir as religiosas enfermas com todo cuidado e pontualidade possível. É para não acontecer que, entristecidas e necessitadas, voltem os olhos e o coração ao mundo e se lembrem da casa de seus pais. Acredita que, por este caminho, entram grandes prejuízos na vida religiosa. A natureza humana é tão impaciente quando achacada, que, se lhe falta o necessário, atira-se aos maiores perigos.

Exemplo da Virgem

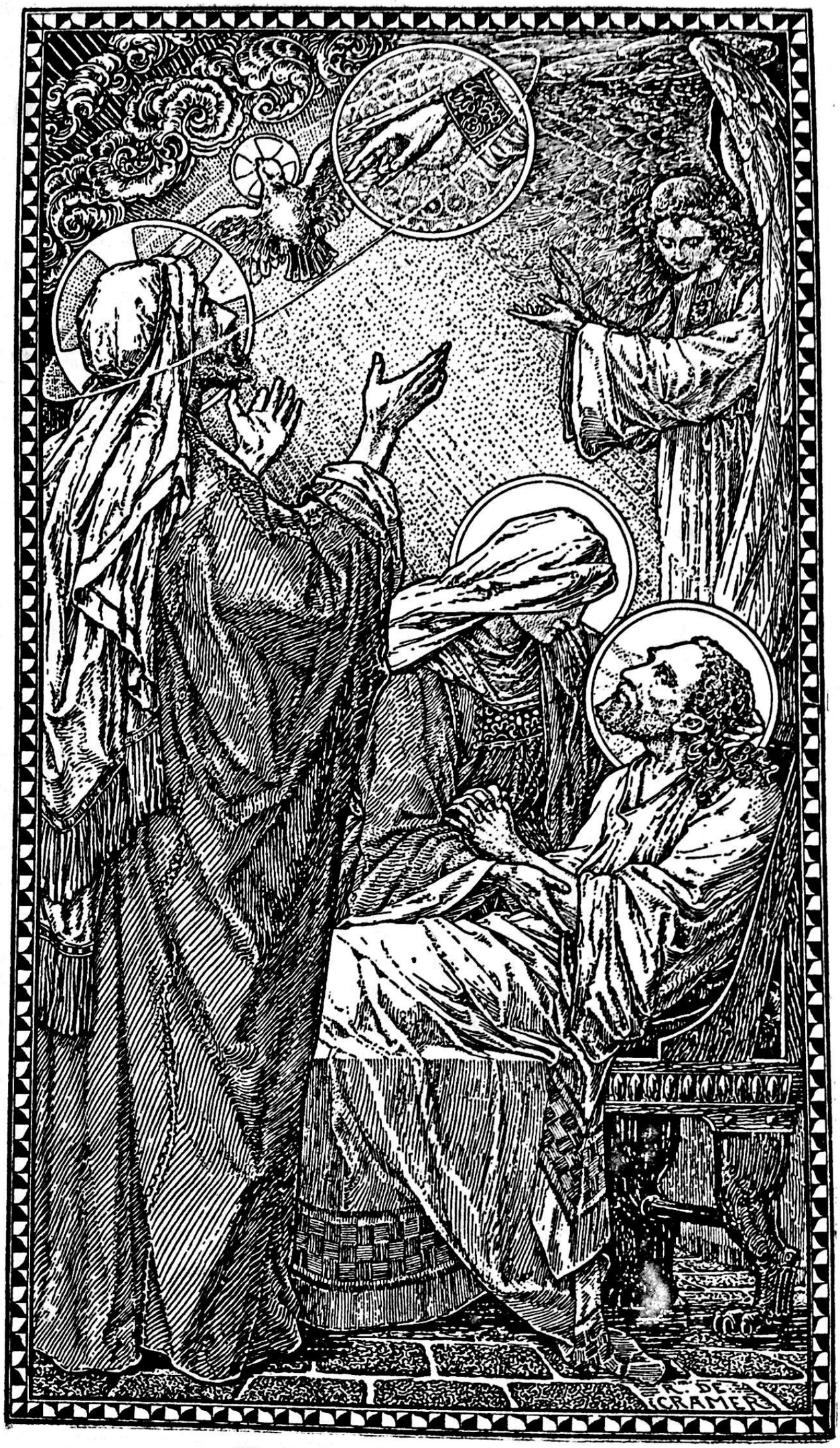
872. Por tudo isto, e para acertares na prática desta doutrina, servir-te-á de estímulo e modelo, a caridade que tive com meu Esposo José em suas enfermidades. Muito imperfeita é a caridade, a até a urbanidade, que espera o necessitado pedir o que lhe falta. Eu não esperava isso, porque acudia antes que ele precisasse me pedir.

Com meu afeto e conhecimento, antecipava sua petição e assim o consolava, não só com o benefício, mas também com a atenção amável e cuidadosa. Sentia suas dores e sofrimentos com íntima compaixão, mas ao mesmo tempo louvava o Altíssimo e dava-lhe graças pelo favor que concedia a seu servo. Se procurava aliviá-lo, não era para o privar da ocasião de padecer, senão para que se animasse a so-frer mais, para a glória do Autor de tudo o que é bom e santo. Exortava-o e animava-o a estas virtudes. Com semelhante delicadeza se há de exercitar a nobre virtude da caridade; prover, quanto possível, a necessidade do enfermo fraco e animá-lo com a compassiva exortação, desejando-lhe o bem da fortaleza, sem perder o maior, do padecer.

Não te perturbe a afeição sensível, quando tuas irmãs ficarem doentes, ainda que sejam as que mais necessitas e estimas. Nisto muitas almas perdem o mérito do sacrifício, tanto no mundo como na vida religiosa. Quando vêm enfermos os amigos e íntimos, o sentimento, com pretexto de compaixão, os descontrola e de algum modo querem desaprovar as disposições do Senhor, não se conformando com elas. Para tudo dei-lhes exemplo, e de ti quero que o imites perfeitamente, seguindo meus passos.

---

2 - nº 671.



São José, advogado da boa morte.

CAPÍTULO 15

O FELIZ TRÂNSITO DE SÃO JOSÉ ASSISTIDO POR JESUS E MARIA.

Maria reza por São José

873. Já fazia oito anos que as enfermidades vinham purificando, no crisol da paciência e do amor divino, o generoso espírito do feliz São José. Agravando-se com os anos, iam diminuindo suas forças, desfalecendo o corpo e aproximando-se o inevitável termo da vida, pagamento do estipêndio da morte, dívida comum de todos os filhos de Adão **(Heb 9, 27).** Aumentava também o cuidado e solicitude de sua divina Esposa, nossa Rainha, na sua assistência e pontualíssimo serviço.

Conhecendo a amantíssima Senhora, com sua rara sabedoria, que estava próximo o dia de seu castíssimo Esposo deixar este pesado desterro, foi à presença de seu Filho santíssimo e lhe disse: Senhor e Deus altíssimo, Filho do Eterno Pai e Salvador do mundo, em vossa divina luz vejo que está a chegar o tempo determinado por vossa vontade eterna, para a morte de vosso servo José. Suplico-vos, por vossas antigas misericórdias e infinita bondade, que o braço poderoso de vossa majestade o assista nesta hora. Que sua morte seja preciosa a vossos olhos **(Sl 115, 15),** como foi agradável a retidão de sua vida. Parta em paz, com a certeza de receber a eterna recompensa, no dia em que vossa dignação abrir as portas do céu para todos os crentes. Lembrai-vos, meu Filho, do amor e humildade de vosso servo, de seus grandes méritos e virtudes, de sua fidelidade e solicitude por mim, e de como alimentou a vós, Senhor, e a Mim vossa serva, com o suor de seu rosto.

Resposta de Jesus

874. Respondeu-lhe nosso Salvador: Minha Mãe, vossos pedidos me são agradáveis, e em minha presença se encontram os merecimentos de José. Eu o assistirei agora, e a seu tempo, lhe darei lugar entre os príncipes de meu povo **(Sl 115, 15).** Será tão eminente que admirará aos anjos e dará motivo de louvor para eles e os homens. Com nenhuma geração farei o mesmo que para vosso Esposo.

Agradeceu a grande Senhora esta promessa a seu querido Filho. Durante nove dias antes da morte de São José, Filho e Mãe santíssimos o assistiram dia e noite sem o deixarem só. Nestes nove dias, por ordem do Senhor, os anjos vinham três vezes por dia, cantar ao feliz enfermo, louvando ao Altíssimo e celebrando as graças do próprio José. Naquela humilde, porém riquíssima casa, sentia-se suavíssima fragrância de perfumes tão agradáveis, que confortava não só o santo homem, como a muitos que o sentiam de fora, até onde se difundia.

São José, precursor de Cristo no Limbo

875. Um dia antes da morte, todo inflamado no divino amor, teve um êxtase

altíssimo que lhe durou vinte e quatro horas. Milagrosamente conservou-lhe o Senhor as forças e a vida, e neste sublime arrebatamento viu claramente a divina essência. Nela lhe foram manifestados, sem véu, tudo quanto crera pela fé: a incompreensível Divindade, os mistérios da Encarnação e da Redenção e a Igreja militante com todos os sagrados bens que a ela pertencem.

A Santíssima Trindade nomeou-o precursor de Cristo, nosso Salvador, junto aos santos Pais e Profetas que se encontravam, no Limbo. Ordenou que lhes participasse novamente sua redenção e os preparasse para esperar a visita que o Senhor lhes faria, a fim de tirá-los do seio de Abraão e levá-los à eterna felicidade.

Maria santíssima conheceu estes fatos no interior da alma de seu Filho, na mesma forma de outros mistérios e como tinham sido concedidos a São José. Por tudo, a grande Princesa deu dignas graças ao Senhor.

São José despede-se de Maria

876. Saiu São José deste rapto, com o rosto banhado de admirável resplendor e beleza, e com a mente toda deificada pela visão do Ser divino. Pediu a bênção de sua Esposa santíssima, mas Ela pediu ao Filho que lha desse, o que Ele o fez. Em seguida, de joelhos, a mestra da humildade pediu a São José que também a abençoasse como seu esposo e superior. Por divino impulso, e para consolo da prudentíssima Esposa, o homem de Deus abençôou-a e d'Ela se despediu. Ela beijou-lhe a mão com que a abençôou, e pediu-lhe que, em nome dela, saudasse os santos Pais do limbo.

Para que o humilíssimo José cerrasse o testamento de sua vida com o selo desta virtude, pediu perdão à sua divina Esposa do que em seu serviço e estima havia faltado, como homem fraco e terreno. Suplicou-lhe que, naquela hora, não lhe faltasse a assistência e a intercessão de seus rogos. A seu Filho santíssimo o santo Esposo agradeceu também os benefícios que, durante toda a vida, recebera de sua liberalidade, em particular naquela enfermidade.

As últimas palavras que São José dirigiu à Maria, foram: Bendita sejais entre todas as mulheres, escolhida entre todas as criaturas. Os anjos, os homens e todas as gerações conheçam, exaltem e engradeçam vossa dignidade. Por vós, seja conhecido, adorado e exaltado o nome do Altíssimo em todos os futuros séculos. Seja eternamente louvado por vos ter criado tão agradável a seus olhos e dos de todos os espíritos bem-aventurados. Espero gozar de vossa vista na pátria celestial.

São José despede-se de Jesus e expira

877. Voltou-se o Homem de Deus para Cristo, Senhor nosso, e para lhe falar com profunda reverência, tentou por-se de joelhos no chão. O amoroso Jesus, porém, amparou-o nos braços. Com a cabeça neles reclinada, disse-lhe o Santo: Senhor meu e Deus altíssimo, Filho do eterno Pai, Criador e Redentor do mundo, abençoai a vosso escravo e obra de vossas mãos. Perdoai, Rei piedosíssimo, as faltas que, indigno, cometi em vosso serviço e companhia. Eu vos reconheço, exalto e com submisso coração vos dou eternas graças por terdes vos dignado escolher-me, entre todos os homens, para esposo de vossa verdadeira Mãe. Vossa própria grandeza e glória sejam meu agradecimento por toda a eternidade.

O Redentor do mundo lhe deu a bênção e disse: Meu pai, descansai em paz, na graça de meu Pai celeste e minha. Aos profetas e Santos que vos esperam no Limbo, dareis feliz notícia de que se aproxima sua redenção. A estas palavras

de Jesus, e nos seus braços, expirou o felicíssimo José, e o Senhor lhe cerrou os olhos.

A multidão dos anjos que assistiam com sua Rainha e Rei supremo, entoaram com voz celestial cânticos de louvor. A mandado de Jesus, levaram a alma santíssima de José ao limbo dos Pais e Profetas. Todos o reconheceram como Pai putativo do Redentor do mundo, cheio de resplendores de incomparável graça, íntimo do Senhor, digno de singular veneração.

Participando-lhes, conforme a ordem do Senhor, a proximidade de sua libertação, causou grande alegria àquela inumerável congregação de santos.

impedindo que fossem vencidas pela violência do amor. Faltando aquele apoio a natureza se rendeu, e soltou o laço que detinha aquela alma santíssima nas prisões da mortalidade do corpo, separação na qual consiste nossa morte. Deste modo, o amor foi a última enfermidade, a maior e mais feliz, pois a morte que ela produz é sono para o corpo e princípio de verdadeira vida.

Sepultamento de São José

879. Vendo que seu Esposo falecera, a grande Senhora dos céus preparou seu corpo para o sepultamento. Vestiu-o

Morte de São José.

São José morreu de amor

878. Não se deve passar em silêncio que a preciosa morte de São José, ainda que precedida por enfermidade e dores tão prolongadas, não foi conseqüência delas. Sua vida poderia, naturalmente, ter se prolongado, não fossem os efeitos do ardentíssimo fogo de amor que ardia em seu retíssimo coração. Para que esta morte felicíssima fosse mais triunfo do amor, do que pena de culpas, o Senhor suspendeu a ação especial e milagrosa com que conservava as forças naturais do seu servo, conforme o costume, sem que outras mãos o tocassem, a não ser os santos anjos que, em forma humana, a ajudaram. Em atenção ao honestíssimo recato da Virgem Mãe, o Senhor revestiu o corpo de São José com admirável resplendor, deixando à vista apenas o rosto. Assim, a puríssima Esposa não o viu, ainda que o vestiu para o enterro.

A fragrância que dele se desprendia atraiu algumas pessoas que, vendo-o tão belo e flexível como se fora vivo, encheram-se de grande admiração. Vieram os conhecidos, parentes e muitas outras pessoas. Reunindo-se ao Redentor

do mundo, à Mãe santíssima e à grande multidão de anjos, levaram o glorioso corpo de São José à sepultura.

Em todas estas ações, a prudentíssima Rainha conservava sua compostura e gravidade, sem se alterar com trejeitos mulheris. A dor não a impediu de providenciar a tudo o que era necessário, ao serviço de seu falecido Esposo e de seu Filho santíssimo. Tudo cabia no real e magnânimo coração da Senhora das gentes.

De novo a sós com seu Filho e Deus verdadeiro, agradeceu-lhe por todos os favores concedidos a seu santo Esposo. Em sublime ato de humildade, prostrada na presença de seu Filho, disse-lhe estas palavras: Senhor de todo meu ser, meu verdadeiro Filho e Mestre, a santidade de José, meu esposo, pôde deter-vos até agora; fazendo-nos merecer vossa desejável presença. Com a morte de vosso amado servo, posso recear perder o bem que não mereço. Obrigai-vos, Senhor, por vossa mesma bondade, a não me desamparar. Recebei-me de novo por vossa serva, aceitando os humildes desejos e ânsias do coração que vos ama. Aceitou o Salvador do mundo este novo oferecimento de sua Mãe santíssima, e prometeu-lhe que não a deixaria só, até chegar o tempo de começar a pregar, em obediência ao eterno Pai.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A hora da morte

880. Minha caríssima filha, não é sem motivo que teu coração sentiu particular compaixão pelos que se acham em perigo de morte, desejando ajudá-los nessa hora. Realmente, conforme entendeste, naqueles momentos sofrem as almas incríveis e perigosos trabalhos por parte das ciladas do demônio, da própria natureza e dos objetos visíveis. Aquele instante é o termo do processo da vida que receberá a última sentença: de morte ou de vida eterna, de pena ou glória perpétua.

O Altíssimo, que te inspirou aquele desejo, quer aceitá-lo para que o executes. De minha parte, te confirmo o mesmo e te admoesto a colaborares com todo esforço possível para nos obedecer. Adverte, pois, amiga: quando Lúcifer e seus ministros das trevas reconhecem, pelos acidentes e causas naturais, que a pessoa está com perigosa e mortal enfermidade, imediatamente preparam toda sua malícia e astúcia, para investir contra o pobre e ignorante enfermo, e tentar derrubá-lo com diversas tentações. Como a esses inimigos está a terminar o prazo de perseguir a alma, querem suprir a falta de tempo pela violência da ira e maldade.

Os últimos combates

881. Para isto, reunem-se como lobos carniceiros, e examinam de novo o estado do enfermo: seu temperamento natural ou adquirido, suas inclinações, hábitos e costumes, e qual seu lado fraco por onde atacá-lo mais. Aos que têm desordenado apego à vida, persuadem que o perigo não é tanto e impedem que outros o avisem. Aos que foram remissos e negligentes no uso dos sacramentos, reforçam-lhe a tibieza, sugerem-lhes maiores dificuldades e adiamentos, para que morram sem eles ou os recebam sem fruto e com más disposições. A outros, propõem sugestões de vergonha, para não abrirem suas consciências e declararem seus pecados. A estes, embaraçam e retardam, para não manifestarem seus compromissos e não desenredarem a consciência. Àqueles que amam a vaidade, lhes propõem ordenar, naquela última hora, muitas coisas vãs e soberbas, para serem cumpridas depois de sua morte.

Aos avarentos e sensuais inclinam com muita força ao que cegamente amaram.

De todos os maus hábitos e costumes, vale-se o cruel inimigo para arrastá-los atrás de objetos e assim lhes dificultar ou impossibilitar a salvação. Cada ato pecaminoso praticado durante a vida, e que contribui à aquisição de hábitos viciosos, constitui penhor e arma para o comum inimigo lhes fazer guerra naquela tremenda hora da morte. Cada apetite satisfeito, abre-lhe o caminho para penetrar na fortaleza da alma. Uma vez dentro dela, lança-lhe seu depravado hálito e levanta densas trevas que são seu efeito. Tudo isto para que não acolham as divinas inspirações, não tenham verdadeira contrição de seus pecados e não façam reparação de sua má vida.

Desprezo dos meios de salvação

882. Geralmente fazem estes inimigos grande estrago naquela hora, sugerindo a ilusória esperança de que os enfermos ainda viverão, e com o tempo poderão executar o que, no momento, Deus lhes inspira por seus anjos. Com esta ilusão se enganam e perdem. Grande é também, naquela hora, o perigo dos que durante a vida desprezam o socorro dos santos sacramentos.

Este desprezo, muito ofensivo ao Senhor e aos santos, a divina justiça costuma castigar abandonando estas almas ao próprio conselho, pois não quiseram se aproveitar do remédio no tempo oportuno. Tendo-o desprezado, merecem, por justos juízos, serem desprezados na última hora, para a qual prorrogaram com louca ousadia, a busca da salvação eterna. Poucos são os justos a quem no último combate, a antiga serpente não ataca com incrível sanha. Se aos grandes santos pretendem então derribar, que podem esperar os viciosos, negligentes e cheios de pecados? Estes, que empregam toda a vida para desmerecer a graça e favor divino e não possuem as obras que os possam defender contra o inimigo?

Meu santo esposo José foi um dos que gozaram o privilégio de não ver nem sentir o demônio naquele transe. Quando os malignos tentaram se aproximar, sentiram que uma força poderosa os mantinha distantes, e foram pelos santos anjos, repelidos e precipitados no abismo. Ao se sentirem tão oprimidos e aterrados - a teu modo de entender - ficaram confusos, sobressaltados e aturdidos. Isto deu motivo para Lúcifer reunir no inferno uma junta ou conciliábulo, investigando se, por acaso, nele já se encontrava o Messias.

Tal vida, tal morte

883. Daqui compreenderás o grande perigo da morte, e quantas almas perecem naquela hora, quando começam a frutificar os méritos e os pecados.

Não te declaro os muitos que se condenam, para não morreres de pena, se tens verdadeiro amor ao Senhor. A regra geral, porém, é que à virtuosa vida segue-se boa morte; o resto é duvidoso, raro e contingente. O remédio e segurança é prevenir-se muito antes. Por isto, advirto-te que, ao veres a luz no amanhecer de cada dia, penses ser aquele o último de tua vida. E, como se de fato fosse, pois não sabes se o será, ordenes tua alma de modo a receber alegremente a morte, se ela vier. Não demores um instante em te arrependeres dos pecados, com propósito de os confessar se os tiveres, e emendar até a mínima imperfeição.

Não deixes em tua consciência falta alguma repreensível, sem te doeres e te lavares com o sangue de Cristo, meu Filho santíssimo. Põe-te no estado em que possas aparecer na presença do justo Juiz, que te examinará e julgará até o mínimo pensamento e movimento de tuas potências.

Orar pelos agonizantes

884. Para ajudares, como desejas, aos que estão naquele perigoso fim, em primeiro lugar aconselha a todos o mesmo que te advirto: cuidem da alma durante a vida e assim terão feliz morte. Além disso, rezarás nessa intenção todos os dias, sem falta. Fervorosamente, suplica ao Todo-poderoso que aniquile os enganos do demônio, quebre os laços e ciladas que armam aos agonizantes, e sejam humilhados por sua destra divina. Sabes que eu fazia tal oração pelos mortais, e quero que me imites nisso. Do mesmo modo te ordeno que, para mais ajudá-los, mandes aos demônios que deles se afastem e não os oprimam. Bem podes usar deste poder, mesmo que não estejas presente, pois o está o Senhor em cujo nome hás de subjugá-los, para maior honra e glória de Deus.

A morte das religiosas

885. Às tuas religiosas, em tais ocasiões, esclarece no que devem fazer, sem perturbá-las. Admoesta-as para que recebam os santos sacramentos e sempre os freqüentem. Procura animá-las e consolá-las falando-lhes das coisas de Deus, de seus mistérios e Escrituras. Que seus bons desejos e afetos despertem e as disponham para receber a luz e influência do alto. Fortalece-lhes a esperança, encoraja-as contra as tentações e ensina-lhes como deverão resistir a elas e vencê-las. Procura conhecê-las, e mesmo que a paciente não as revelar, o Altíssimo te dará luz para as entenderes e aplicar a cada uma o conveniente remédio, porque as enfermidades espirituais são difíceis de se conhecer e curar.

Tudo o que te admoesto deverás praticar, como filha caríssima, em obséquio do Senhor, e eu alcançarei de sua grandeza alguns privilégios para ti e para os que desejares ajudar naquela temível hora. Não sejas escassa na caridade, pois não agirás pelo que és, mas sim pelo que o Altíssimo quiser fazer por meio de ti.

CAPÍTULO 16

PRIVILÉGIOS DE SÃO JOSÉ.

Idade de Maria, ao morrer São José

886. São José, o mais feliz dos homens, viveu sessentaanos e alguns dias. Aos trinta e três desposou Maria santíssima e em sua companhia viveu pouco mais de vinte e sete. Quando o Santo morreu, a grande Senhora contava quarenta e um anos e meio. Aos catorze desposou-se com São José[1], acrescentando-se os vinte e sete que viveram juntos, somam quarenta e um, mais o prazo que vai de 8 de setembro até a feliz morte do santo Esposo.

Nesta idade, continuava a Rainha do céu, na mesma perfeição natural que atingiu aos trinta e três anos. Não envelheceu, nem perdeu nada daquele perfeitíssimo estado que expliquei no capítulo 13 deste livro [2].

1 - 1ª parte - 2 - nº 856.

Experimentou, porém, natural sentimento pela morte de São José, pois o amava como esposo, como santo tão excelente na perfeição e como seu amparo e benfeitor. Esta dor da prudentíssima Senhora foi bem ordenada e perfeita, mas nem por isto foi pequena. Seu amor era grande, principalmente porque conhecia o grau de santidade de seu Esposo, colocado entre os maiores santos escritos no livro da vida e na mente do Altíssimo. Se, o que se ama não se perde sem dor, maior será a dor de se perder o que muito se ama.

As excelências de São José

887. Não pertence à finalidade desta História escrever, de propósito, as excelências da santidade de São José. Tampouco tenho ordem para isso a não ser de passagem, o quanto basta para mais realçar a dignidade de sua Esposa e nossa Rainha, a cujos merecimentos, depois dos de seu Filho santíssimo, devem-se atribuir os dons e graças concedidos pelo Altíssimo ao glorioso Patriarca.

Mesmo que a Senhora não tenha sido a causa meritória da santidade de seu Esposo, foi pelo menos o fim imediato para o qual essa santidade era ordenada. O cúmulo de virtudes e graças que o Senhor comunicou a São José, tinha a finalidade de o tornar digno esposo e guarda daquela que ele escolhera por Mãe. Por esta regra e pelo amor e apreço que Deus teve por sua Mãe santíssima, deve-se

medir a santidade de São José. Penso que, se no mundo existisse outro homem mais perfeito e de melhores qualidades, o Senhor tê-lo-ia dado por esposo à sua Mãe. Já que lhe deu o patriarca São José, é porque, fora de qualquer dúvida, era o melhor que havia na terra.

Tendo-o criado e preparado para tão elevada missão, é certo que seu poder o tornaria idôneo e proporcionado a ela. Esta proporção, segundo entendemos na luz divina, deveria consistir nas virtudes, dons, graças e inclinações infusas e naturais.

São José milagre de santidade

888. Entre este grande Patriarca e os demais Santos, noto diferença a respeito dos dons com que foram agraciados. A muitos Santos foram concedidos favores e privilégios que não visavam diretamente à sua santidade pessoal, mas lhes eram dados para outros fins a serviço do Altíssimo na pessoa do próximo. Eram dons ou graças grátis datas, remotas à santidade.

Em nosso abençoado Patriarca, porém, todos os dons visavam o crescimento de suas virtudes e santidade, pois o ministério para o qual se destinavam era expressar sua santidade e suas obras. Sendo mais santo e angélico, era mais idôneo para esposo de Maria santíssima e depositário do tesouro e sacramento do céu. Devia ser um milagre de santidade, como realmente foi.

Este prodígio começou com a formação de seu corpo no ventre materno. Deus teve por ele particular providência, e foi composto com proporcionados humores, excelentes qualidades, compleição e temperamento. Foi terra abençoada que mereceu uma boa alma **(Sab 8, 19)** e retidão de inclinações.

Aos sete meses de sua concepção foi santificado no ventre de sua mãe. Foi-lhe atado o *fomes pecati* para o resto da vida, e jamais sentiu movimento impuro ou desordenado. Nesta primeira santificação não lhe foi dado o uso da razão, mas só foi justificado do pecado original. Sua mãe, todavia, sentiu particular alegria do Espírito Santo, e mesmo sem entender todo o mistério, fez grandes atos de virtudes e julgou que seu filho seria admirável aos olhos de Deus e dos homens.

Nascimento e vida de São José até desposar Maria

889. O santo menino nasceu perfeitíssimo e muito belo, dando a seus pais extraordinária alegria, como a que houve ao nascer o Batista, embora o motivo daquela fosse mais oculto. Apressou-lhe o Senhor o uso da razão, dando-a perfeita aos três anos, dotada de ciência infusa e novo aumento de graça e virtudes. Desde esse momento começou o menino a conhecer a Deus, tanto pela fé como pela inteligência natural, como causa primeira e autor de todas as coisas. Compreendia perfeitamente tudo o que se dizia sobre Deus e suas obras, e desde aquela idade teve elevada oração, contemplação e admirável exercício das virtudes, o quanto permitia sua idade infantil.

Aos sete anos, quando os outros chegam ao uso da razão, São José já era homem perfeito, nela e na santidade. Possuía temperamento manso, caritativo, afável, sincero e em tudo manifestava inclinações, não apenas santas, mas angélicas. Crescendo em virtude e perfeição, levou vida irrepreensível até a idade em que desposou Maria santíssima.

A santidade de São José: por Maria e para Maria

890. Nesta ocasião, intervieram as súplicas da divina Senhora para o aumento

e confirmação dos seus dons de graça. Ela pediu ao Altíssimo que, se Ele lhe ordenava tomar estado de matrimônio, santificasse José para que este sintonizasse com seus castíssimos pensamentos e desejos. A divina Rainha compreendeu que o Senhor a atendia, e com seu poder agia copiosamente sobre o espírito e potências de São José. Infundiu-lhe perfeitíssimos hábitos de todas as virtudes e dons, cujos efeitos não se podem traduzir em palavras.

Retificou novamente suas potências, encheu-o de graça, confirmando-a nela por admirável modo. Na virtude e dom da castidade, ficou o santo mais elevado do que o supremo serafim, porque a pureza que eles possuem sem corpo, foi concedida a São José, em corpo terreno e carne mortal. Jamais entrou em suas potências imagens nem espécie de coisa impura da natureza animal e sensível.

Com esta abstração e com uma sinceridade columbina e angélica, ficou em condições de permanecer na presença e companhia da puríssima entre todas as criaturas. Sem tal privilégio, não seria idôneo para tão grande dignidade e rara excelência.

A caridade de São José

891. Nas demais virtudes foi admirável, e especialmente na caridade, pois se encontrava na fonte onde podia saciar-se daquela água que jorra para a vida eterna **(Jo 4, 14),** e junto ao fogo, como matéria propícia, para nele se inflamar sem resistência.

O maior encarecimento desta virtude do amante Esposo, foi o que disse no capítulo passado [3]: o amor de Deus foi a enfermidade e o instrumento que lhe cortou o fio da vida e o fez privilegiado na morte. As doces ânsias do amor ultrapassaram e como que absorveram as da natureza que agiram menos que aquelas. Tinha presente ao objeto do amor, Cristo Senhor nosso e sua Mãe, que lhe pertenciam mais do que qualquer outra criatura os pôde possuir. Era inevitável que aquele fiel e puríssimo coração se dissolvesse nos afetos e efeitos de tão peregrina caridade.

Bendito seja o Autor de tantos prodígios e bendito seja o mais feliz dos mortais, José que os recebeu. É digno de que todas as gerações e povos o conheçam e bendigam, pois com nenhum outro fez tais coisas o Senhor, nem manifestou tanto o seu amor.

Privilégios de São José

892. Das visões e revelações divinas com as quais foi favorecido São José, disse alguma coisa no decurso desta História [4], e muito mais se poderia dizer. O principal, porém, fica subentendido pelo fato do Santo ter conhecido os mistérios de Cristo Senhor nosso e de sua Mãe santíssima; de ter vivido na companhia de ambos tantos anos, como verdadeiro Esposo da Rainha e considerado pai do mesmo Senhor.

3 - nº 878.

4 - nº 433, 471, 875.

Tenho entendido que, por sua grande santidade, concedeu-lhe o Altíssimo certos privilégios em favor dos que, nas devidas condições, invocarem sua intercessão.

Primeiro: alcançar a virtude da castidade e vencer os perigos da sensualidade carnal.

Segundo: obter grandes auxílios para sair do pecado e voltar à amizade de Deus.

Terceiro: alcançar por seu intermédio, devoção a Maria santíssima.

Quarto: ter uma boa morte e proteção contra os demônios naquela hora.

Quinto: privilégio do nome São José para afugentar os demônios.

Sexto: alcançar saúde corporal e auxílio noutros sofrimentos.

Sétimo: para os casais terem filhos.

Estes, e outros muitos favores, são concedidos por Deus àqueles que, como convém, lhos pedem pela intercessão de São José. De minha parte, peço a todos os fiéis da santa Igreja que lhe tenham grande devoção, e farão a experiência, se se dispuserem como é preciso, para merecer alcançar seus favores.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Excelência de São José

893. Minha filha, escreveste que meu esposo São José é nobilíssimo entre os santos e príncipes da celestial Jerusalém. Não obstante, agora não podes manifestar completamente sua eminente santidade, nem os mortais são capazes de a conhecer, antes de chegarem à visão da Divindade. Ali, na admiração e louvor de Deus, poderão compreendê-la. No dia do juízo final, quando todos os homens forem julgados, os infelizes condenados chorarão amargamente por não terem, por causa de seus pecados, conhecido e aproveitado este meio tão poderoso e eficaz, para adquirir a amizade do justo Juiz e a salvação. Os mundanos têm se desinteressado muito pelos privilégios e prerrogativas que o Altíssimo Senhor concedeu a meu santo esposo, e de quanto pode sua intercessão junto ao Senhor e a mim. Asseguro-te, caríssima, que na presença da divina justiça, é um dos grandes validos para apaziguá-la a favor dos pecadores.

Devoção a São José

894. Por esta notícia e luz que recebeste, quero que sejas muito agradecida ao Senhor, assim como ao favor que nisto te faço.

De agora em diante, no que te resta de vida, procura progredir na devoção e cordial afeto por meu santo Esposo. Bendize ao Senhor por se ter mostrado tão liberal com ele, e pelo gozo que eu senti em conhecer sua santidade. Em todas tuas necessidades recorre à sua intercessão, incentiva sua devoção, e que tuas religiosas se distinguam muito nela. O que meu Esposo pede no céu, concede o Altíssimo na terra, e a suas petições tem vinculado grandes e extraordinárias graças para os homens, se não se fazem indignos de as receber. Estes privilégios correspondem à perfeição columbina e grandiosas virtudes deste admirável Santo. A divina clemência inclinou-se para elas e o olhou liberalissimamente para conceder admiráveis misericórdias para ele e para os que se valerem de sua intercessão.

CAPÍTULO 17

VIDA DE MARIA DEPOIS DA MORTE DE SÃO JOSÉ.

Vida ativa e vida contemplativa

895. Toda a perfeição da vida cristã se reduz às duas modalidades de vida, como a Igreja ensina: a vida ativa e a vida contemplativa.

À ativa pertencem as operações corporais e sensitivas, praticadas com o próximo em coisas humanas, as quais são muito diversas. Os atos da vida ativa procedem das virtudes morais e delas recebem a perfeição que lhes é própria.

À vida contemplativa pertencem as operações interiores do entendimento e da vontade, cujo objeto é nobilíssimo, espiritual e específico da criatura intelectual e racional. Por este motivo, a vida contemplativa é mais excelente que a vida ativa. Por si mesma é mais amável, por ser mais tranqüila, deleitável e bela; aproxima-se mais do fim último que é Deus, em cujo altíssimo conhecimento e amor consiste. Deste modo, participa mais da vida eterna que é totalmente contemplativa.

São as duas irmãs Marta e Maria **(Lc 10, 41 e 42);** uma tranqüila e acariciada, a outra solícita e agitada. Ou então, às outras duas irmãs e esposas, Lia e Raquel **(Gn 29, 17);** a primeira fecunda, porém feia e de olhos doentes; a segunda formosa, agraciada, mas a princípio estéril. A vida ativa, concretamente produz mais, ainda que se disperse e perturbe em muitas e diversas ocupações. Mas, daqui lhe vem olhos pouco claros para penetrar as coisas elevadas e divinas.

A vida contemplativa é belíssima, ainda que a princípio não se note sua fecundidade. Seu fruto é mais tardio, procede da oração e de méritos que supõem grande perfeição e amizade com Deus. Eles inclinam o Senhor a expandir sua liberalidade com outras almas, e por isto, seus frutos costumam ser de ricas e copiosas bênçãos.

União das duas vidas

896. A união destas duas vidas é o ápice da perfeição cristã. Contudo, realizá-la é tão difícil, como aconteceu com Marta e Maria, Lia e Raquel.

Estas, distintas uma da outra, cada qual representava uma só daquelas vidas. Em nenhuma dessas representantes, as duas vidas estavam reunidas, pela dificuldade de subsistirem num mesmo sujeito, ao mesmo tempo, em grau perfeito.

Os Santos esforçaram-se muito nesse ponto, e a doutrina dos mestres espirituais visa alcançar esta união. Diga-se o mesmo de tantas instruções de homens doutos e apostólicos; dos exemplos dos Apóstolos e fundadores dos institutos religiosos. Todos procuraram conciliar a contemplação com a ação, quanto lhes era concedido pela divina graça. Sempre, porém, verificaram que a vida ativa, pela multidão de suas ações em objetos inferiores, dissipa e perturba o coração, como o Senhor disse a Marta. Por mais que se esforce por se recolher à quietude e poder elevar-se aos altíssimos objetos da contemplação, não o pode conseguir na vida ativa, senão com grande dificuldade e por breve tempo, salvo especial privilégio do poder do Altíssimo.

Por esta razão, os Santos que se dedicaram à contemplação, procuraram, de propósito, os desertos e a solidão apropriados para cultivá-la. Os outros que também praticavam a vida ativa na salvação das almas pela pregação, reservaram parte do tempo para se retirarem das ocupações exteriores. Nos demais dias, repartiam as horas, dando umas à contemplação e outras às tarefas ativas. Fazendo tudo do melhor modo, alcançaram o mérito e recompensa de ambas as vidas, que têm um único fundamento e causa principal: o amor e a graça.

Só Maria uniu perfeitamente a ação à contemplação

897. Só Maria santíssima reuniu estas duas vidas, em supremo grau, sem que a altíssima contemplação e a ardentíssima atividade, se estorvassem mutuamente. N'Ela se encontrava a solicitude de Marta sem a sua perturbação, com o repouso e tranqüilidade de Maria sem se imobilizar na inatividade corporal. Possuiu a beleza de Raquel e a fecundidade de Lia. Só nossa prudentíssima e grande Rainha viveu, verdadeiramente, o que simbolizaram essas diferentes irmãs.

Deste modo, servindo seu Esposo enfermo, sustentando a ele e a seu Filho santíssimo com o trabalho, como se disse[1], estas ocupações não lhe interrompiam nem embaraçavam sua divina contemplação. Não necessitava procurar tempos de solidão e retiro para serenar seu coração repleto de paz, e se elevar acima dos supremos serafins.

Apesar disso, quando ficou só, sem a companhia do Esposo e do cuidado do seu tratamento, ordenou sua vida e exercícios para só se ocupar na vida interior. Conheceu no interior de seu Filho santíssimo que essa também, era vontade dele: que moderasse o trabalho corporal que havia tido em assistir, dia e noite, a seu santo enfermo, e passasse a assistir a Ele Jesus, acompanhando-o nas orações e em outros altíssimos atos.

Abstinência de Jesus e Maria

898. Manifestou-lhe também o Senhor que, para a frugal alimentação de ambos, bastava empregar pouco tempo cada dia. Daí em diante comeriam apenas uma vez, pela tarde. Até então, tinham seguido horário em atenção a São José, dando-lhe o consolo de o acompanharem nas horas das refeições. Depois de sua morte, Filho e Mãe comeram apenas uma

1 - nº 859.

vez, pela seis da tarde. Muitas vezes comiam apenas pão, em outras, a divina Senhora acrescentava frutas, ervas ou peixe, sendo este o mais lauto cardápio dos Reis do céu e terra.

A abstinência de ambos sempre fôra admirável, mas quando ficaram sós foi maior, reduzindo a qualidade e o número das refeições. Quando eram convidados, comiam sobriamente do que lhes serviam, sem recusar, começando a praticar o conselho que mais tarde Cristo daria a seus discípulos, para quando fossem pregar **(Lc 10, 8)**.

A grande Senhora servia seu Filho santíssimo de joelhos, pedindo-lhe permissão para o fazer. Às vezes preparava o alimento com a mesma reverência, pois se destinava ao Filho de Deus verdadeiro.

Reverência de Maria por Jesus

899. A presença de José não tinha sido impedimento para que a prudentíssima Senhora tratasse seu Filho santíssimo com toda a reverência, sem faltar o mínimo neste ponto. Contudo, depois que o Santo morreu, a grande Senhora fazia com mais frequência as prostrações e genuflexões que costumava[2]. Para tanto, sentia mais liberdade estando só na presença dos anjos, do que na de seu Esposo que era homem. Muitas vezes permanecia prostrada em terra, até que o Senhor a mandasse levantar. Com muita frequência beijava-lhe os pés, as mãos, com lágrimas de profundíssima humildade e reverência. Sempre permanecia na presença do Senhor em atitude de adoração e de ardentíssimo amor, suspensa ao seu divino beneplácito, atenta a seu interior para o imitar. Apesar de não ter culpa, nem a mínima negligência ou imperfeição no serviço e amor de seu divino Filho, estava sempre, melhor do que o disse o Profeta, salmo 112,2, como o servo e a escrava, de olhos atentos nas mãos de seus senhores, para alcançar deles e graça que deseja.

Não é possível a nenhum pensamento humano, compreender a ciência que teve nossa Rainha para entender e praticar tantas e tão divinas ações, como as que praticou em companhia do Verbo humanado, durante estes anos em que viveram a sós. Só os anjos que os acompanhavam e serviam, foram testemunhas oculares, admirados de se verem tão inferiores à sabedoria e pureza de uma criatura digna de tanta santidade. Só Ela correspondeu plenamente às obras da graça.

Competição com os anjos

900. Nesta época, teve a Rainha do céu encantadoras contendas e competições com os anjos, a respeito dos trabalhos caseiros, necessários ao serviço do Verbo humanado e do seu humilde lar. Não havia outra pessoa para desempenhá-los, senão a divina Senhora, e os angélicos e fiéis vassalos que, para isto, assistiam em forma humana, estavam prontos e solícitos para acudir a tudo.

A grande Rainha queria, com suas próprias mãos, desempenhar os humildes afazeres de varrer, por em ordem os singelos utensílios, lavar os pratos e panelas, dispor todo o necessário. Os cortesãos do Altíssimo, porém, verdadeiramente corteses e mais rápidos nas operações, ainda que não mais humildes, costumavam adiantar-se, fazendo esses trabalhos antes que a Rainha. Muitas vezes a Senhora os encontrava desempenhando o que Ela desejava fazer. Imediatamente obedeciam à sua palavra, e deixavam-na satisfazer sua humildade e amor.

Para não lhe impedirem os desejos, dizia aos santos anjos: Ministros do Altíssimo, espíritos puríssimos, em quem se reflete a luz com que sua Divindade me ilumina; estes humildes trabalhos servis não convêm à vossa natureza e estado, mas

2 - nº 180.

sim à minha que, além de ser da terra, sou a menor de todos os mortais e a mais obrigada escrava de meu Filho e Senhor. Deixai-me, amigos, desempenhar os deveres que me competem, pois Eu posso encontrá-los no serviço do Altíssimo, com o mérito que vossa dignidade e estado impedem de lucrardes. Conheço o valor destas obras servis que o mundo despreza, e o Altíssimo deu-me esta luz, para faze-las pessoalmente e não confiá-las a outros.

Diálogo entre Maria e os Anjos

901. Rainha e Senhora nossa - respondiam os anjos - é verdade que aos vossos olhos e na aceitação do Altíssimo estes atos são estimáveis, como vós sabeis. Mas, se ao faze-los conseguis o precioso fruto de vossa incomparável humildade, adverti também que nós faltaremos à obediência do Senhor, se não vos servirmos como Ele nos mandou. Sendo Vós nossa legítima Senhora, faltaríamos também à justiça, omitindo qualquer obséquio pelo qual nos fosse permitido assim vos reconhecer. O mérito que não alcançardes deixando de praticar estas obras servis, facilmente, Senhora, o compensareis com a mortificação de não satisfazerdes o ardentíssimo desejo de as fazer.

A estas razões, replicava a prudentíssima Mãe: Não, senhores, espíritos soberanos, se vós julgais grande obrigação servir a Mim como à Mãe do grande Senhor cujas mãos vos criaram, adverti que a Mim, do pó elevou a essa dignidade. Minha dívida vem a ser maior do que a vossa, pelo que deve ser maior a minha retribuição. Se vós quereis servir a meu Filho, por serdes obras de suas Mãos, Eu devo servi-lo por igual título, além do de Mãe sua, com o dever de servi-lo como a Filho. Sempre me vereis com maior direito que vós, para ser agradecida, humilde e apegada ao pó.

O mundo e a humildade

902. Estas e outras semelhantes, eram as comovedoras e admiráveis disputas entre Maria santíssima e seus anjos. A palma da humildade sempre ficava para sua Rainha e Mestra. Ignore o mundo tão ocultos sacramentos, pois sua vaidade e soberba deles o fazem indigno. Que a estulta arrogância tenha por insignificantes e desprezíveis estes trabalhos humildes e servis, enquanto são apreciados pelos cortesãos do céu que lhes conhecem o valor. Procurou-os a própria Rainha dos céus e terra que soube estimá-los.

Deixemos porém, o mundo com suas desculpas, ignorância, ou seja o que for. A humildade não é para os altivos de coração, nem o servir nos ofícios humildes se coaduna com a púrpura e as holandas [3]. O varrer e lavar pratos não se ajusta às custosas jóias e brocados. Não são para todos as preciosas pérolas destas virtudes.

Se na vida religiosa, porém, escola da humildade e desprendimento, pegasse a peste da soberba mundana; se considerasse rebaixamento e desonra esta humilhação, não podemos negar que seria vergonhosa e repreensível soberba. Se nós, religiosas ou religiosos, desprezamos estas ocupações servis, e temos por baixeza, de acordo com o mundo, o fazê-los: com que coragem estaremos na presença dos anjos e de sua e nossa Rainha, que tiveram por inestimável honra os trabalhos que nós julgamos desprezíveis, baixos e desonrosos?

Exortação às religiosas

903. Falo para vós, minhas irmãs, filhas desta grande Rainha, chamadas após Ela a serem conduzidas ao tálamo do Rei, com exultação e verdadeira alegria **(Sl 44, 16).**

Não queirais degenerar do título honorífico de tal Mãe. Ela, Rainha dos an-

3 - Holanda - linho finíssimo.

jos e dos homens, humilhava-se a estes trabalhos humildes, varria e servia. Que parecerá a seus olhos e aos de Deus, que a escrava seja altiva, soberba e presunçosa, desprezando a humildade?

Para fora de nossa comunidade este erro! Deixemo-lo para Babilônia e seus moradores. Honremo-nos com o que a divina Princesa teve por coroa, e seja vergonhosa confusão e severa repreensão para nós, não termos com os anjos as mesmas competições de humildade. Porfiemos em nos avantajar nestes trabalhos humildes e causemos aos santos anjos, nossos fiéis companheiros, esta inveja tão agradável à nossa grande Rainha e a seu Filho santíssimo, nosso Esposo.

Humildade, seguro fundamento da verdade

904. Entendamos que, sem humildade sólida e verdadeira, é temeridade satisfazermo-nos com consolações espirituais sensíveis e pouco garantidas, e ter a louca ousadia de apetece-las. Olhemos para nossa divina Mestra, exemplo consumado da vida santa e perfeita. Os favores e carícias do céu que Ela recebia, alternavam-se com os seus atos humildes e servis. Quando se retirava para orar com seu Filho santíssimo, os santos anjos cantavam com suave harmonia os hinos e cânticos que a divina Mãe compusera em louvor do ser de Deus, e do mistério da união hipostática da natureza humana com a pessoa divina do Verbo.

Costumava a Rainha pedir aos anjos que, alternando com Ela, compusessem outros novos cânticos. Obedeciam-lhe e se admiravam da profunda sabedoria com que sua grande Rainha improvisava as novas composições. Quando seu Filho santíssimo recolhia-se para repousar, ou enquanto comia, mandava-lhes como Mãe de seu Criador, que em seu nome, lhe tocassem música. O Senhor o permitia, quando a Mãe prudentíssima o ordenava, para satisfazer a ardentíssima caridade e veneração com que o servia nestes últimos anos.

Para explicar o quanto me foi manifestado sobre este assunto, seria necessário longo discurso e maior capacidade que a minha. Pelo que insinuei, pode-se conhecer um pouco de tão profundos sacramentos, e encontrar motivo para bendizer e exaltar esta grande Senhora e Rainha, a quem todas as nações conheçam e proclamem bendita entre todas as criaturas **(Lc 1, 48),** Mãe digníssima do Criador e Redentor do mundo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

A reta hierarquia

905. Minha filha, antes de prosseguir na exposição de outros mistérios,

quero que compreendas a razão de todas as coisas que o Altíssimo dispôs para mim, relativamente a meu santo esposo José.

Quando me desposei com ele, o Senhor me ordenou mudar o modo de me alimentar e de outras coisas exteriores, para acomodar-me ao seu proceder, pois ele era o chefe e eu, na ordem comum, inferior. O mesmo fez meu Filho santíssimo, apesar de ser verdadeiro Deus, por estar sujeito **(Lc 2, 51)** exteriormente a quem o mundo julgava por seu pai. Depois da morte de meu esposo, ficando sós, voltamos ao antigo costume no comer e em outras ações.

Não quis o Senhor que S. José se acomodasse a nós, mas nós a ele, como pedia a ordem comum de nosso estado. Tampouco fez Deus milagres para ele poder passar sem a alimentação que costumava tomar. O Senhor agia em tudo como mestre das virtudes, para a todos ensinar o mais perfeito: aos pais e aos filhos, aos superiores e superioras, e aos súditos e inferiores.

Aos pais ensinou que amem, ajudem, sustentem, admoestem e corrijam os filhos, encaminhando-os à salvação, sem negligência ou descuido. Aos filhos ensinou a amarem e honrarem os pais, como instrumentos, dos quais receberam a vida e o ser, e a obedecer-lhes com submissão. Assim, cumpre que todos guardem o que a lei natural e divina lhes ensina, pois violá-las é horrenda monstruosidade. Os prelados e superiores devem amar e governar aos súditos como a filhos. Estes devem obedecer-lhes sem oposição, ainda que possuam melhores dotes que os prelados. Pela dignidade de representantes de Deus, o prelado sempre é maior, ainda que a verdadeira caridade, de todos faça um só.

Vida comum

906. Para adquirires esta grande virtude, quero que te acomodes a tuas irmãs e súditas sem cerimônias e maneiras pretenciosas, mas trata a todas com lhaneza e sinceridade columbina. Reza quando elas rezarem. Come e trabalha quando elas o fazem, e acompanha-as na recreação.

A maior perfeição das religiosas está em seguir a vida comum, e se o fizeres serás dirigida pelo Espírito Santo que rege as comunidades bem ordenadas. Isto não impedirá que te adiantes na abstinência, comendo menos que todas, ainda que te sirvam o mesmo que às demais. Com jeito, sem te tornares singular, priva-te do que quiseres, pelo amor de teu Esposo e meu. Se não fores impedida por grave enfermidade, não faltes jamais às comunidades, a não ser quando, por obediência a teus prelados, estiveres ocupada noutra coisa. Assiste aos atos comuns com especial reverência, atenção e devoção, que neles o Senhor te visitará muitas vezes.

Atos só vistos por Deus

907. Quero também que deste capítulo aprendas a seguir meu exemplo, no cuidado em ocultar os atos que puderes fazer em segredo. Ainda que não havia reparo nem prejuízo, fazê-los todos na presença de meu santo esposo José, quis dar-lhes o retoque de perfeição e prudência, fazendo-os só na presença de Deus. Isto, porém, não é necessário nas coisas comuns e obrigatórias que devem difundir a luz do bom exemplo, e faltar nelas poderia ser escândalo digno de repreensão. Outros muitos atos que se podem ocultar aos olhos das criaturas, não devem ser levianamente expostos ao perigo da publicidade e ostentação.

Entre estes, podes fazer muitas genuflexões como eu as fazia. Prostrada e apegada ao pó, poder-te-ás humilhar, adorando a majestade suprema do Altíssimo, para que o corpo mortal, que agrava a alma **(Sab 9, 15)**, lhe seja oferecido

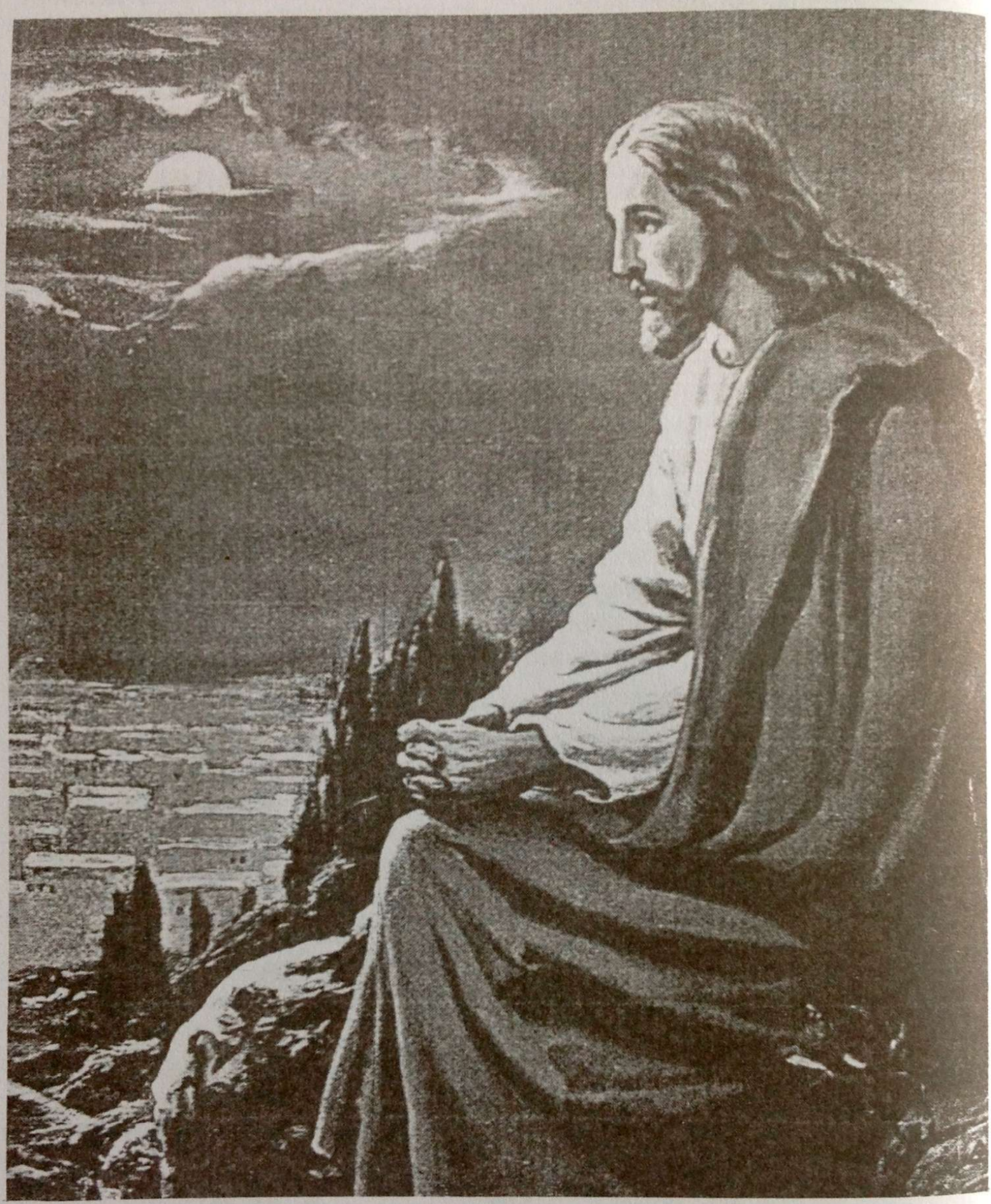
como sacrifício aceitável. Isto servirá de reparação pelos seus desordenados movimentos contra a razão e a justiça, e para que em ti não fique coisa alguma, sem ser oferecida e dedicada ao serviço de teu Criador e Esposo. Com estes exercícios o corpo compensará, de algum modo, o muito que estorva e faz a alma perder com suas paixões e terrenas imperfeições.

Humildade e mortificação

908. Para este fim, procura mantê-lo sempre muito submisso. Os benefícios que se lhe faz sirvam só para sustentá-lo no serviço da alma, e não para se deleitar em seus caprichos e apetites. Mortifica-o e domina-o, morrendo a tudo o que deleita os sentidos, até que os atos comuns necessários à vida, antes lhe causem pena do que gosto, e mais amargura do que perigosa deleitação. Não obstante, em outras ocasiões eu te haver mostrado o valor desta humildade e mortificação, agora, com meu exemplo, ficarás mais convencida do apreço que deves ter a qualquer ato destas virtudes.

Ordeno-te que não desprezes nenhum, nem o julgues sem importância, mas em tua estima considera-o inestimável tesouro, e procura conquistá-lo para ti. Nisto, mostra-te cobiçosa e avarenta. Adianta-te nos trabalhos manuais de varrer e limpar a casa, faze os mais humildes de toda ela e serve às doentes e necessitadas, como em outras ocasiões te mandei. Em tudo, olharás para meu exemplo: minha humilde solicitude servir-te-á de estímulo, de alegria a minha imitação e de confusão o descuido em praticares o que viste.

Para mim foi necessária esta fundamental virtude, afim de achar graça e agrado aos olhos do Senhor, apesar de nunca o haver desagradado e ofendido desde que tive o ser. Se para sua destra divina me elevar precisei me humilhar, muito mais necessitas tu de apegar-te com o pó e te aniquilar, já que foste concebida em pecado **(Sl 50, 7)** e o ofendeste tantas vezes. Humilha-te até o nada e reconhece que empregaste mal o ser que o Altíssimo te deu. O fato de existir, portanto, deve te servir para mais te humilhares, e assim encontrar o tesouro da graça.



Jesus em oração.

CAPÍTULO 18

VIVÊNCIA ENTRE JESUS E MARIA ANTES DA VIDA PÚBLICA.

Jesus e Maria a sós durante quatro anos

909. Muitos dos ocultos e veneráveis mistérios passados entre Jesus e Maria, sua Mãe santíssima, estão reservados para o gozo acidental dos predestinados na vida eterna, como outras vezes tenho dito. Os mais elevados e inefáveis realizaram-se durante os quatro anos que permaneceram a sós em casa, desde a feliz morte de São José até a pregação do Senhor. Impossível que alguma criatura mortal possa dignamente penetrar tão profundos segredos. Quanto menos poderei eu manifestar o que deles entendeu minha rudeza! Pelo que disser, se verá a prova disso.

Era a alma de Cristo, Senhor nosso, espelho claríssimo e sem manchas, onde, como já disse[1], sua Mãe santíssima via todos os mistérios e sacramentos que o mesmo Senhor dispunha. Cabeça e artífice da santa Igreja, reparador de toda a linhagem humana, mestre da salvação eterna, anjo do grande conselho, cumpria o que já estava predestinado no consistório da beatíssima Trindade.

Maria, coadjutora de Cristo

910. Para organizar e construir esta obra que seu eterno Pai lhe confiou, com a suma perfeição que lhe pôde dar como homem e Deus verdadeiro, ocupou-se Cristo, nosso bem, durante toda a vida que passou neste mundo. À medida em que se aproximava do seu fim e da realização de tão elevado sacramento, ia agindo com maior intensidade e eficácia de seu poder e sabedoria. De todos estes mistérios, era fiel arquivo e testemunha o coração de nossa grande Rainha e Senhora. Em tudo cooperava com seu Filho santíssimo, como sua coadjutora nas obras da redenção humana.

De acordo com isto, para se compreender perfeitamente a sabedoria da divina Mãe, e sua cooperação nos mistérios da redenção, seria necessário entender também quanto encerrava a ciência de Cristo, nosso Salvador, e as obras de seu amor e prudência, pelas quais ia encaminhando os meios oportunos e convenientes, para os altíssimos fins que tinha em vista. No pouco que eu disser sobre os atos de sua Mãe santíssima, sempre se há de subentender os de seu Filho santíssimo com quem Ela cooperava, imitando-o como seu modelo.

A redenção recusada

911. Encontrava-se o Salvador do mundo na idade de vinte e seis anos. Sua humanidade santíssima agia acompanhando a natural evolução dos tempos e dos fatos. Ao passo que se aproximava nossa redenção, ia realizando maiores obras, como quem se avizinhava do cumprimento final de sua missão.

1 - nº 809.

O evangelista São Lucas encerrou este mistério, naquelas breves palavras com que terminou o capítulo 2° de seu Evangelho: "e Jesus crescia em sabedoria, idade e graça diante de Deus e dos homens **(v. 52)**." Entre estes, estava sua Mãe santíssima. Ela conhecia e colaborava neste progresso de seu Filho santíssimo que nada lhe ocultava de tudo quanto, como a pura criatura, lhe pôde comunicar com seu poder de Homem-Deus.

Conheceu a grande Senhora, nestes anos, este divino e oculto mistério: via seu Filho e Deus verdadeiro, do trono de sua sabedoria, estender sua visão, tanto a da Divindade como também a de sua alma santíssima, sobre todos os mortais e que, para todos, a Redenção seria suficiente. Refletia sobre o valor de seu sacrifício, e sobre a estima e importância que lhe daria o eterno Pai. Viera para fechar as portas do inferno aos homens; e para chamá-los novamente à eterna vida, descera do céu para sofrer duríssima paixão e morte.

Apesar de tudo isto, a estultice e obstinação, dos que nasceriam depois de haver morrido na cruz por sua salvação, forcejariam para alargar as portas da morte, e tornar a abrir ainda mais o inferno, com a cega ignorância do que são aqueles infelicíssimos e horríveis tormentos.

Agonia de Cristo e sua Mãe

912. Nesta ciência e reflexão, a humanidade de Cristo Senhor nosso foi possuida de grande angústia e chegou a suar sangue, como outras vezes aconteceu [2]. Nesta agonia espiritual, não cessava o divino Mestre de orar por todos os que seriam redimidos. Para obedecer ao eterno Pai, com ardente amor desejava oferecer-se em sacrifício para o resgate dos homens. Se nem todos aproveitassem de seus méritos e de seu sangue, pelo menos ficaria satisfeita a justiça divina e reparada a ofensa à Divindade. A equidade e retidão da justiça divina ficaria justificada para o tempo do castigo preparado, desde a eternidade, para os incrédulos e ingratos.

Na visão de tão profundos segredos, a grande Senhora participava da angustiante meditação de seu Filho santíssimo, na medida de sua ciência e sabedoria. A estas acrescentava a dolorosa compaixão de mãe, vendo o fruto de seu virginal ventre em tão grande aflição. Quando o Salvador suavá sangue, a mansa pomba muitas vezes chegava a chorar lágrimas sanguíneas, traspassada de incomparável dor.

Só esta prudentíssima Senhora e seu Filho Deus e homem verdadeiro, chegaram a avaliar adequadamente o peso do santuário. Compreenderam o que significa num dos pratos da balança, a morte de um Deus para fechar o inferno, e no outro o duro e cego coração dos mortais forcejando por se precipitar na eterna morte.

Delíquios da Virgem

913. Nestas angústias, acontecia à amorosa Mãe chegar a padecer desfalecimentos quase mortais. Tê-lo-iam sido sem dúvida, se a virtude divina não a fortalecesse impedindo-lhe a morte.

O amável Filho e Senhor, em recompensa deste fidelíssimo amor e compaixão, mandava aos anjos que a sustentassem e consolassem. Às vezes, mandava-lhes cantar hinos de louvor que Ela mesma compusera à glória de sua Divindade e humanidade.

Muitas vezes, o próprio Senhor a amparava em seus braços e lhe dava novas inteligências de que Ela não estava incluída na lei do pecado e suas conseqüências. Em outras ocasiões, estando assim reclinada, ao canto dos anjos admirados, era arrebatada em divino êxtase, no qual

2 - n° 695, 848.

recebia grandes e novas influências da Divindade.

Aqui, a eleita, singular e perfeita, reclinava-se na esquerda da humanidade, enquanto era abraçada e acariciada pela direita da Divindade **(Cânt 2, 6)**. Aqui, seu amantíssimo Filho e Esposo conjurava às filhas de Jerusalém a não despertar sua amada **(Cânt 3, 5; 2, 7)**, enquanto ela não quisesse, daquele sono que lhe curava as mágoas e a enfermidade do amor. Ali, os espíritos angélicos admiravam-se ao vê-la elevar-se acima de todos eles, apoiada em seu diletíssimo Filho **(Cânt 8, 5)**; vestida com esta variedade à sua direita **(Sl 44, 10)**, a bendiziam e exaltavam entre todas as criaturas.

A milícia de Cristo

914. Nestas ocasiões, conhecia a grande Rainha altíssimos segredos sobre a predestinação dos escolhidos, pelos méritos da Redenção: como estavam gravados na memória eterna de seu Filho santíssimo, e de que modo Ele lhes aplicava seus méritos, orando por eles para que lhes fosse eficaz o valor de seu resgate. Entendia a divina Mãe, como o amor e a graça, de que os réprobos se faziam indignos, revertiam para os predestinados conforme as disposições de cada um.

Entre todos os escolhidos, via como o Senhor aplicava sua sabedoria e solicitude aos que chamaria a seu apostolado e seguimento; aos que ia alistando, por sua determinação e ciência impenetrável, sob o estandarte de sua cruz que deveriam conduzir através do mundo. Um bom general, que em sua mente planeja alguma conquista ou batalha muito difícil, distribui os cargos e ofícios militares aos soldados mais corajosos e idôneos, dando-lhes postos de acordo com as capacidades de cada um. Assim fez Cristo nosso Redentor, para operar a conquista do mundo e despojar o demônio de seu tirânico domínio.

Das alturas da pessoa do Verbo, organizava o novo exército que havia de mobilizar, destinando os ofícios, graus, dignidades e postos de seus valorosos chefes. Toda a preparação e armamento desta guerra era previsto em sua sabedoria e vontade santíssima.

Oração pelos discípulos e fiéis

915. Tudo era revelado claramente à mãe prudentíssima. Foram-lhe dadas espécies infusas de muitos predestinados, especialmente dos Apóstolos e discípulos, além de grande número dos fiéis chamados à primitiva Igreja, e no decurso de sua existência. Quando via os Apóstolos e os outros, já os conhecia sobrenaturalmente em Deus. E, assim como o divino Mestre, antes de os chamar, havia orado e pedido para eles a graça da vocação, também a grande Senhora fizera a mesma oração.

Deste modo, a Mãe da graça participava na obtenção dos auxílios e favores que os Apóstolos receberam antes de conhecer o divino Mestre, para estarem preparados a receber a graça da vocação ao apostolado. Como estes anos estavam próximos da pregação, nosso Salvador fazia preces por eles com mais instância, enviando-lhes maiores e mais fortes inspirações. As súplicas da divina Senhora também foram mais fervorosas e eficazes.

Quando depois chegavam à sua presença e se agregavam aos seguidores de seu Filho, costumava dizer-lhes: Filho e Senhor meu, eis os frutos de vossas orações e santa vontade. E, fazia cânticos de louvor e agradecimento, porque via cumpridos os desejos do Senhor, ao entrarem em sua escola os que Ele escolhera do mundo **(1Jo 15, 19)**.

Sentimentos de Maria

916. Na prudente consideração destas maravilhas, costumava nossa grande Rainha ficar absorta e admirada, cheia de incomparáveis louvores e júbilo espiritual. Fazia heróicos atos de amor, adorava os secretos juízos do Altíssimo, e toda inflamada naquele fogo que se irradiava da Divindade para se espalhar e acender no mundo, costumava dizer, às vezes intimamente, noutras em alta voz: Oh! amor infinito! Oh! vontade inefável e imensamente boa! Como não te conhecem os mortais? Como te desprezam e esquecem? por que tua fineza há de ser tão mal correspondida? Oh! trabalhos, penas, suspiros, clamores, desejos e súplicas de meu Amado, mais estimáveis que as pérolas, o ouro e todos os tesouros do mundo! Quem será tão ingrato e infeliz que os queira desprezar? Oh! filhos de Adão, quem pudera morrer muitas vezes para cada um de vós, a fim de esclarecer vossa ignorância, abrandar vossa dureza e impedir vossa infelicidade!

Depois de tão prudentes afetos e orações, a feliz Mãe falava de viva voz com seu Filho, sobre estes mistérios. O sumo Rei a consolava e lhe dilatava o coração, renovando-lhe a memória da estima que tinha aos olhos do Altíssimo, a glória dos predestinados com seus grandes merecimentos. Isto compensava a ingratidão e dureza dos réprobos. Informava-a, especialmente, do seu amor divino e do amor da Santíssima Trindade por Ela, e de quanto se comprazia na sua correspondência e pureza imaculada.

Quanto devemos a Jesus e à Maria

917. Outras vezes o Senhor a informava do que faria ao começar a pregação, e como a divina Mãe iria cooperar com Ele, ajudando-o nos trabalhos e direção da nova Igreja. Dizia-lhe como deveria desculpar as faltas dos Apóstolos, a negação de São Pedro, a incredulidade de Tomé, a perfídia de Judas e outros fatos futuros.

Desde esse momento, a dedicada Senhora propos esforçar-se ao máximo para converter o discípulo traidor, e assim o fez, como direi em seu lugar [3]. O fato de Judas ter desprezado estes favores, e haver concebido certa indevoção e desagrado pela Mãe da graça, foi o começo de sua perdição. Assim, foi a divina Senhora informada por seu Filho santíssimo de tantos mistérios e sacramentos que, para encarecer a grandeza e ciência que a Ela comunicou, todo o elogio é limitado. Ela excedeu a todos os serafins e querubins, sendo ultrapassada só pela ciência do próprio Deus.

Todos estes dons de ciência e graça, foram empregados por nosso Salvador e sua Mãe santíssima em benefício dos mortais. Um único suspiro de Cristo nosso Senhor era de inestimável valor para todas as criaturas. Os de sua digna Mãe, apesar de serem de pura criatura e não possuírem valor igual, eram mais aceitos pelo Senhor do que todo o resto da criação.

Calculemos agora o que Filho e Mãe fizeram por nós: nosso Salvador não só morreu numa cruz, depois de inauditos tormentos, mas antes disso, contemos suas orações, lágrimas e suor de sangue. E, em tudo isto, e no mais que ignoramos foi sua coadjutora a Mãe de misericórdia.

Tudo por nós! Oh! ingratidão humana, Oh! dureza mais do que granítica em coração de carne! Onde está nosso juízo? Onde a inteligência? Onde a compaixão e o agradecimento?

A natureza corrompida só se comove pelos objetos sensíveis, lastima-se de perder o que a precipita na morte eterna e esquece a maior de suas riquezas, a Redenção. Não sente nenhuma compaixão e dor pela Paixão do Senhor que lhe proporcionou a vida e o repouso que há de durar para sempre.

3 - abaixo, nº 1086, 1089, 1093, 1112.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Deus deseja comunicar sua felicidade

918. Minha filha, se tu e todos os mortais falassem com palavras de anjos, não chegariam a explicar os benefícios e favores que recebi da destra do Altíssimo, nos últimos anos que vivi com meu Filho santíssimo. Estas obras do Senhor tem uma espécie de incompreensibilidade indizível para ti e todos os mortais.

Quero que o conhecimento especial que recebeste, sobre tão ocultos sacramentos, te leve a louvar e bendizer o Todo-poderoso pelo que fez comigo, e por me ter elevado assim do pó à dignidade e favores tão inefáveis. Teu amor por meu Filho e Senhor deve ser livre, como de filha fidelíssima e amorosa esposa, e não de escrava forçada ou interesseira.

Apesar disso quero, para conforto da esperança e da humana fraqueza, que te lembres da suavidade do amor divino, e de quão doce é este Senhor **(1Ped 2, 3)** para os que o temem com filial amor. Oh! filha minha caríssima, se os pecados dos homens não impedissem e se opusessem à inclinação daquela infinita bondade, como gozariam sem medida de seus favores e delícias!

A teu modo de entender, deves imaginá-lo como constrangido e contristado pela resistência dos mortais a este desejo de sua imensa condescendência. De tal modo procedem, que não só se habituam a ser indignos de saborear o Senhor, como não crêem que outros possam participar desta suavidade de favores que ele desejaria comunicar a todos.

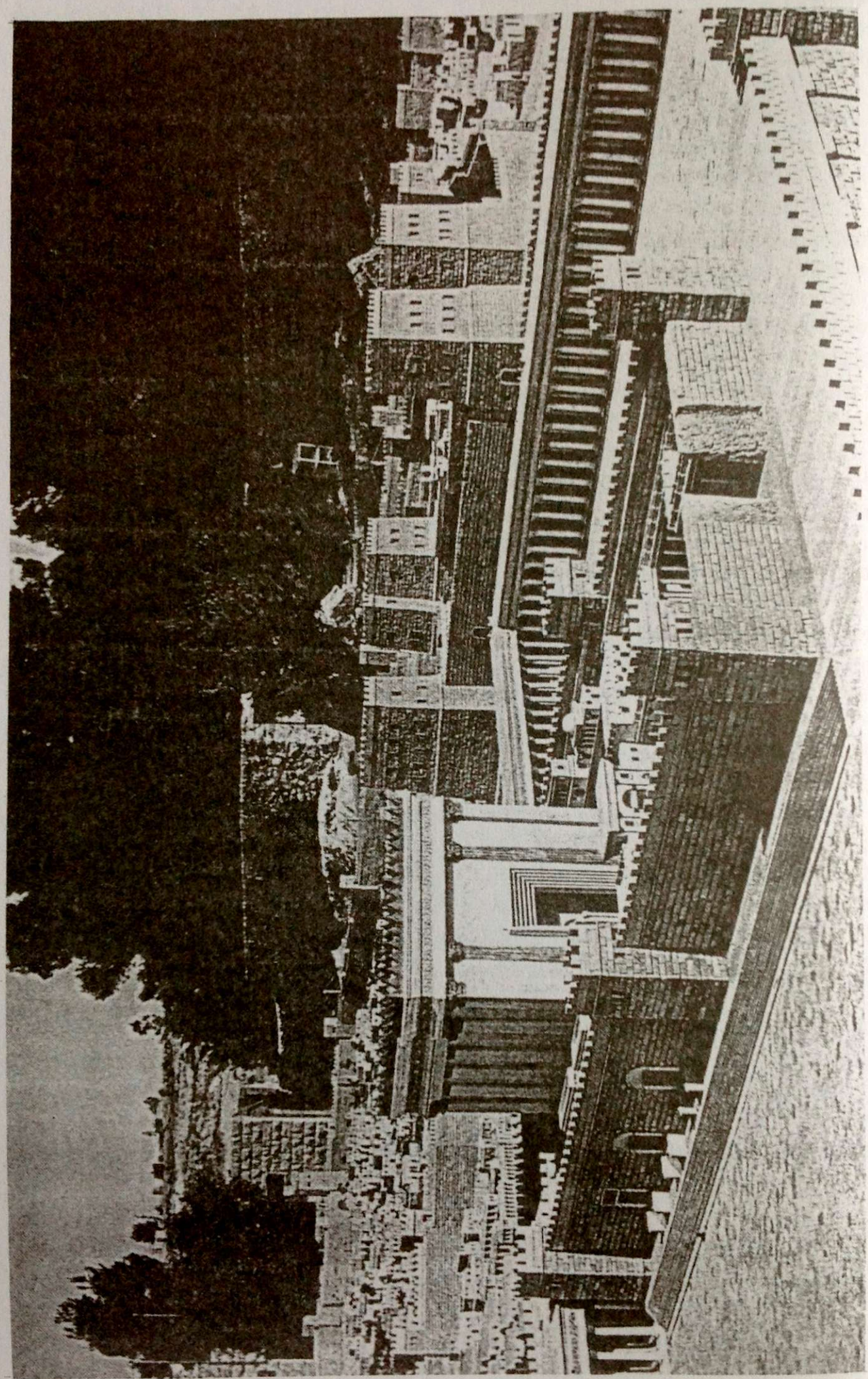
Esquecimento e ingratidão humana

919. Adverte também, em ser agradecida aos incessantes trabalhos de meu Filho pelos homens, e a colaboração que sempre lhe dei, como te foi mostrado.

De sua paixão e morte os católicos têm mais lembrança porque a santa Igreja sempre lhas recorda, ainda que poucos cuidem de as agradecer. São menos ainda os que consideram os outros atos de meu Filho e dos meus. O Senhor não deixou passar sequer uma hora ou instante, sem empregar sua graça e dons em benefício do gênero humano, para resgatar a todos da eterna condenação, e fazê-los participantes de sua glória. Estas obras de meu Senhor e Deus humanado serão testemunhas contra o esquecimento e dureza dos fiéis, principalmente no dia do juízo.

Se tu, que tens esta luz e doutrina do Altíssimo e de meu ensinamento, não fores agradecida, será maior tua confusão, pois mais grave terá sido tua culpa. Deves corresponder não só a tantos benefícios gerais, como também aos especiais e particulares que cada dia recebes. Evita desde já o perigo, sendo reconhecida como filha e discípula minha.

Não demores um momento em praticar o bem e o melhor quanto o podes fazer. Para tudo, atende à luz interior e à doutrina de teus prelados e ministros do Senhor. Se corresponderes a uns favores, fica certa que o Altíssimo alargará sua poderosa mão para te conceder outros maiores, e te encherá de suas riquezas e tesouros.



O Templo de Jerusalém.

CAPÍTULO 19

CRISTO COMEÇA A PREPARAR SUA PREGAÇÃO, DANDO ALGUMA NOTÍCIA DA VINDA DO MESSIAS. SUA MÃE SANTÍSSIMA O ASSISTE. PERTURBA-SE O INFERNO.

A caridade de Cristo

920. O incêndio da divina caridade que ardia no peito de nosso Redentor e Mestre, encontrava-se como aprisionado e coagido até o tempo marcado e oportuno para se manifestar. Quando este chegasse, seria revelado, ou quebrando o receptáculo de sua humanidade santíssima, ou ostentando seu amor por meio da pregação e milagres visíveis aos homens.

É verdade, como diz Salomão **(Prov 6, 27)**, que não se pode esconder fogo no peito sem queimar as vestes. Em todo tempo, nosso Salvador deixou entender o que trazia no coração, pelas centelhas e luzes que se refletiam em tudo o que fez desde a Encarnação. Contudo, em comparação do que, a seu tempo, iria realizar, e da imensa chama que ocultava, aquele fogo estava como que preso e escondido.

Chegara o Senhor à idade da perfeita adolescência e entrara nos vinte e sete anos. A nosso modo de entender, parece que já não podia esperar mais, nem deter o ímpeto de seu amor e o desejo de adiantar-se à obediência de seu eterno Pai, para santificar os homens. Afligia-se muito, orava, jejuava e percorria as povoações para se por em contato com os mortais. Muitas vezes, passava as noites em oração nos montes, e costumava permanecer dois ou três dias fora de casa.

Jesus começa a percorrer as aldeias

921. Com estas saídas e ausências de seu Filho santíssimo, a prudentíssima Senhora já começava a sentir os trabalhos e penas que se iam aproximando. Sua alma e coração eram traspassados pelo gládio previsto por sua devota piedade, transformando-a toda em divino incêndio de ternura por seu Amado. Nestas ausências do Filho, assistiam-na, em forma visível, seus vassalos e santos anjos. A grande Senhora lhes confiava sua dor e lhes pedia trazer notícias de seu Filho e Senhor, de suas ocupações e exercícios. Obedeciam-lhe os anjos como à sua Rainha, e com as frequentes notícias que lhe davam, do seu retiro Ela acompanhava ao sumo Rei, Cristo, nas orações, suplicas e demais atos que realizava.

Quando Jesus voltava, recebia-o prostrada em terra, adorava-o e lhe agradecia os benefícios que havia prodigalizado aos pecadores.

Servia-o, e como amorosa mãe, procurava repousá-lo e dar-lhe algum modesto repasto necessário à sua humanidade verdadeira e passível, pois acontecia passar dois ou três dias sem descansar, sem dormir e sem comer.

A divina Mãe conhecia as solicitudes do Salvador, pelo modo que já disse[1]. Além disto, o Senhor a informava sobre tudo o que fazia e sobre os ocultos favores que comunicara a muitas almas,

1 - nº 911, 914, 915.

dando-lhes conhecimento e luz da divindade e da redenção humana.

Ardentes desejos de Maria

922. Disse então a grande Rainha a seu Filho santíssimo: Senhor meu, verdadeiro e sumo bem das almas, luz de meus olhos, vejo que o ardentíssimo amor que tendes aos homens não descansa nem sossega sem lhes procurar a eterna salvação, pois esse é ofício próprio de vossa caridade e a obra que vos confiou vosso eterno Pai. Vossas palavras e obras de inestimável valor, forçosamente deveriam atrair os corações de muitos. Porém, dulcíssimo amor meu, eu quisera que todos os mortais correspondessem à vossa solícita e terna caridade! Aqui está, Senhor, vossa escrava de coração preparado para se empregar toda ao vosso maior agrado, e oferecer a vida, se for necessário, para que todas as criaturas correspondam aos desejos de vosso ardentíssimo amor que tanto se desdobra para atraí-las à vossa graça e amizade.

Este oferecimento da Mãe de misericórdia a seu Filho santíssimo, procedia da inflamada caridade que a constrangia a desejar e procurar o fruto das obras e doutrinas de nosso verdadeiro Reparador e Mestre. Como a prudentíssima Senhora conhecia dignamente seu valor, quereria que nenhuma alma os perdesse, e que também não faltasse ao Senhor o agradecimento que seus benefícios mereciam. Com esta inefável caridade, desejava ajudar o Senhor, ou para melhor dizer, aos homens que ouviriam suas divinas palavras e seriam testemunhas de suas obras, para que correspondessem a este favor e não perdessem a oportunidade de se salvarem.

Desejava também, e de fato o fazia, render dignas graças e louvor ao Senhor pelos maravilhosos dons que distribuía aos homens. Queria que todos aqueles dons fossem agradecidos, tanto os que eram aceitos, como os que eram recusados pelos homens.

Ocultos e admiráveis foram os merecimentos que nossa grande Senhora adquiriu nesse ponto. Em tudo quanto realizou Cristo Senhor nosso, Ela teve uma espécie de participação altíssima. Não só cooperava na caridade de seus atos, como também nos efeitos que produziam. A grande Senhora procedia para cada uma das almas, como se o benefício fosse para Ela. Sobre isto falarei mais na terceira parte [2].

Maria missionária

923. Ao oferecimento da amorosa Mãe, respondeu seu Filho santíssimo: Mãe e amiga, já está no tempo em que, conforme a vontade de meu eterno Pai,

2 - nº 111, 163, etc

convém que eu comece a preparar alguns corações para receber a luz de minha doutrina e a notícia de haver chegado o tempo marcado e oportuno para a salvação humana.

Quero que me acompanheis nesta obra. Pedi a meu Pai dirija com sua divina luz o coração dos mortais e os desperte interiormente para que, com reta intenção, acolham o conhecimento que agora lhes darei sobre a vinda ao mundo de seu Redentor e Mestre.

Com esta exortação de Cristo, nosso Senhor, dispos-se a divina Mãe para acompanhá-lo em suas viagens, como desejava. Desde aquele dia, em quase todas as vezes que o divino Mestre saiu de Nazaré, foi acompanhado pela Mãe.

Jesus anuncia a chegada do Messias

924. O Senhor começou este apostolado mais frequente, três anos antes de começar a pregação e receber o batismo. Em companhia de nossa grande Rainha, percorria os lugares da comarca de Nazaré, indo para os lados da tribo de Néftali, conforme a profecia de Isaías **(Is 9, 2)**, e em outras partes. Comunicando-se com os homens, começou a dar-lhes notícia da vinda do Messias, afirmando-lhes que já se encontrava no mundo e no reino de Israel. Não se apresentava, porém, como Aquele a quem esperavam, porque o primeiro testemunho de ser Filho de Deus, seria dado pelo eterno Pai quando, publicamente, foi ouvido às margens do rio Jordão: Este é meu Filho amado, de quem e em quem tenho minhas complacências **(Mt 3, 17)**.

Sem manifestar sua dignidade, começou o Unigênito feito homem a dar notícia dela em geral, ao modo de anunciar ou narrar o que sabia com certeza. Não fazia milagres públicos nem outras demonstrações, mas ocultamente acompanhava seus ensinamentos e declarações, com interiores inspirações e auxílios ao coração dos que o ouviam. Deste modo os preparava, por meio da fé comum, para que depois, com mais facilidade, a recebessem em particular.

Pregação preparatória de Jesus

925. Começava com os homens que, em sua divina sabedoria, conhecia mais idôneos para aceitar a semente da verdade. Aos mais ignorantes despertava com lhes chamar a atenção para os sinais de que todos tinham tido notícia: a vinda do Messias pela chegada dos Reis orientais **(Mt 2, 1)**; a morte dos meninos inocentes **(Mt 2, 16)** e outros fatos semelhantes. Aos mais sábios, acrescentava o testemunho das profecias que já se haviam cumprido, explicando-lhes esta verdade com sua capacidade de singular e inigualável Mestre. De quanto dizia, tirava e afirmava a conclusão de que o Messias já se encontrava em Israel, para lhes revelar o reino de Deus e o caminho para a ele chegar.

A graça e beleza de sua divina pessoa, a mansidão e suavidade de suas palavras tão vivas e eficazes, apesar de veladas; a força de seu auxílio secreto, faziam o seu ensinamento produzir grande fruto. Muitas almas deixavam o pecado, outras melhoravam, e todas se instruíam em grandes mistérios, especialmente de que já estava em seu meio o Messias que esperavam.

Obras de misericórdia

926. A estas obras de grande misericórdia, o divino Mestre acrescentava outras muitas. Consolava os tristes, aliviava os oprimidos, visitava os enfermos e aflitos, animava os abatidos, dava conselhos de vida aos ignorantes, assistia aos agonizantes. A muitos dava saúde corpo-

ral e a todos guiava pelas sendas da vida e da verdadeira paz. Quantos dele se aproximavam e o ouviam com piedosa atenção, sem prevenções, eram cheios de luz e dons do poder de sua divindade. Não é possível enumerar, nem dignamente avaliar, as admiráveis obras que o Redentor realizou nestes três anos antes de seu batismo e pregação pública. Fazia-os ocultamente, de modo que, sem se revelar como o Autor da salvação, comunicou-a a grande número de almas.

Em quase todos estes prodígios encontrava-se presente a grande Senhora, Maria santíssima, como testemunha e coadjutora fidelíssima do Mestre da vida. A tudo cooperava, e lhe agradecia em nome dos beneficiados pela divina misericórdia.

Fazia cânticos de louvor ao Todopoderoso, pedia pelas almas, como quem conhecia o interior e a necessidade de todas, e com suas orações lhes obtinha estes favores. Pessoalmente, também exortava, aconselhava e atraia muitos à doutrina de seu Filho, dando-lhes notícia da vinda do Messias. Tratava mais com as mulheres, e por elas fazia as mesmas obras de misericórdia que seu Filho santíssimo dispensava aos homens.

Jesus e Maria pregadores ambulantes

927. Poucas pessoas acompanhavam o Salvador e sua Mãe santíssima nestes primeiros anos, porque não chegara o tempo de chamá-los ao seu seguimento. Assim, ficavam em suas casas, instruídas e melhoradas pela divina luz.

Os acompanhantes assíduos de Jesus e Maria eram os santos anjos que os serviam como fidelíssimos vassalos e diligentes ministros, principalmente nos dias em que o Senhor e sua Mãe não voltavam para sua casa em Nazaré. Quando passavam a noite no campo em contínua oração, os anjos lhes serviam de abrigo e tenda para os proteger das inclemências do tempo. Às vezes lhes traziam algum alimento. Se isto não acontecia, o Senhor e sua Mãe santíssima o pediam de esmola, e aceitavam apenas comida, e não dinheiro ou outras dádivas.

Em certas ocasiões, separavam-se por algum tempo. Enquanto o Senhor ia visitar os hospitais, a Rainha visitava outras enfermas. Era então acompanhada por inumeráveis anjos, em forma visível; por meio deles realizava algumas obras de caridade, e eles sempre a mantinham ao par do que fazia seu Filho santíssimo. Não me alongo a referir, em particular, as maravilhas que realizavam, os trabalhos e descomodidades que sofriam nos caminhos, nas pousadas e na oposição do comum inimigo que procurava impedir o bem que faziam. Basta saber que o Mestre da vida e sua Mãe santíssima eram pobres, peregrinos e escolheram o caminho do sacrifício, sem recusar trabalho algum pela nossa salvação.

Pregação aos pobres

928. O divino Mestre e sua Mãe santíssima transmitiam a toda espécie de pessoas a luz de sua vinda ao mundo, de modo encoberto, como fica dito. Os pobres, porém, foram mais privilegiados por este favor, porque, em geral, são mais bem dispostos. Têm menos pecados, e a mente mais livre de preocupações para receber a luz e aceitar a doutrina. São também mais humildes e prontos para submeter a vontade e o parecer, e mais aplicados a outras obras honestas e virtuosas.

Como nestes três anos, Cristo nosso Senhor não desempenhava um magistério publicamente oficial, nem ensinava com manifesto poder confirmando-o por milagres, dirigia-se mais aos humildes e pobres que, com menos argumentos aceitam a verdade.

A antiga serpente observava atentamente muitas das obras de Jesus e Maria, pois nem todas lhe foram ocultas, embora o fosse o poder que nelas empregavam. Reconheceu que, com suas palavras e exortações, muitos pecadores abraçavam a penitência, emendavam a vida e se libertavam de seu tirânico domínio. Outros progrediam muito na virtude, e em todos quantos ouviam ao Mestre da vida, o inimigo notava grande mudança.

Desconfiança e raiva do demônio

929. O que mais surpreendeu o demônio foi ver o que sucedia com muitos moribundos que ele tencionava derrubar na hora da morte, quando, besta cruel e sagaz, ataca as almas com maior sanha. Muitas vezes, se o dragão se aproximava do enfermo e depois entravam Jesus e sua Mãe santíssima, sentia o demônio uma força poderosa que o lançava, com todos seus ministros, até o fundo dos calabouços eternos. Se antes deles, haviam chegado os reis do céu Jesus e Maria, os demônios não podiam se aproximar do enfermo, nem tinham parte em quem morria assim protegido. Como o dragão sentia a virtude e ignorava a causa, concebeu furiosa raiva e procurou remediar este dano.

Sobre isto, aconteceu o que direi no capítulo seguinte para não prolongar mais este.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA

Desprezo pelas graças da salvação

930. Minha filha, a inteligência que te dou das misteriosas obras de meu Filho santíssimo e minhas, deixou-te admirada de terem ficado, muitas delas, até agora ocultas, apesar de serem tão enérgicas para conquistar o coração dos mortais. Deves-te admirar, porém, não de que os homens tenham ignorado estes mistérios, e sim de que, tendo conhecido tantos da vida e obras do Senhor, os esqueçam e desprezem.

Se não fossem de coração tão duro, se atendessem afetuosamente às verdades divinas, no que sabem da vida de meu Filho e minha, teriam fortes motivos para serem agradecidos. Pelos artigos da santa fé católica, e por tantas verdades divinas ensinadas pela santa Igreja, poder-se-iam converter muitos mundos. Por ela, conhecem que o Unigênito do eterno Pai se revestiu da forma de servo em carne mortal **(Fil 2, 7)** para nos redimir. Com a ignominiosa morte de cruz libertou-os da morte do inferno e lhes adquiriu a vida eterna, pelo preço de sua vida temporal.

Se esta graça fosse tomada a sério, e os mortais não fossem tão ingratos a seu Deus e Redentor, e tão cruéis para consigo mesmos, nenhum perderia a oportunidade de se salvar, nem se entregaria à eterna condenação. Admira-te, pois, caríssima, e chora amargamente a tremenda perdição de tantos néscios, ingratos e esquecidos do que devem a Deus e a si mesmos.

Origem das desgraças sociais

931. Outras vezes te falei que o número destes infelizes prescitos é tão grande e dos que se salvam tão pequeno, que não convém te explicar melhor.

Se és verdadeira filha da Igreja e esposa de Cristo, meu Filho e Senhor, poderias morrer de dor, ao entender tal desgraça. Dir-te-ei o que podes saber. Toda esta perdição e os males que padece o povo cristão, no governo e em outras coisas que afligem assim os chefes como os membros deste corpo místico, tanto eclesiásticos como leigos, tudo se origina e é conseqüência do esquecimento e descaso que fazem da vida de Cristo e das obras da redenção humana. Se fosse empregado algum meio para despertar sua memória e gratidão, se procedessem como filhos fiéis e reconhecidos a seu Criador e Redentor, e a mim sua intercessora, aplacar-se-ia a indignação do justo Juiz. A geral ruína e açoite para os católicos teria algum remédio, e aplacar-se-ia o eterno Pai que justamente zela pela honra de seu Filho, e castiga com mais rigor aos servos que conhecem a vontade de seu Senhor e não a cumprem.

Responsabilidade dos cristãos

932. Os fiéis da santa Igreja reprovam muito o pecado dos incrédulos judeus em tirar a vida a seu Deus e Mestre. Realmente, foi gravíssimo e mereceu os castigos recebidos por aquele ingrato povo. Os católicos, porém, não advertem que seus pecados têm circunstâncias que os tornam mais graves que o dos judeus. A ignorância destes, embora culpável, era real. Voluntariamente, o Senhor se entregou a eles, permitindo a ação do poder das trevas (**Lc 22, 53**) que dominava os judeus em conseqüência de suas culpas.

Hoje, porém, os católicos não podem alegar esta ignorância, porque estão envolvidos pela luz, e nela conhecem e penetram os divinos mistérios da Encarnação e Redenção. A santa Igreja encontra-se estabelecida, propagada, ilustrada com prodígios, com santos, com as Escrituras, conhecendo e professando verdades que os outros não alcançaram. Com todo este cúmulo de favores, benefícios, ciência e luz, muitos vivem como infieis, ou como se não tivessem diante dos olhos tantos motivos para os despertar e tantos castigos para os atemorizar.

Em tais condições, como podem imaginar que outros pecados foram maiores e mais graves que os seus? E, como não temem que seu castigo será mais terrível? Oh! minha filha, pondera muito esta doutrina, e teme com santo temor. Humilha-te até o pó, e diante do Altíssimo considera-te a menor das criaturas. Contempla as obras de teu Redentor e Mestre, aproveita-as e aplica-as à tua justificação, na contrição e penitência de tuas culpas. Imita-me e segue meus caminhos, como na divina luz os conheces. Quero que trabalhes não só para ti, mas também para teus irmãos.

Farás isto rezando e sofrendo por eles, admoestando com caridade aos que puderes, e fazendo-lhes, por esta virtude, o que não estarias obrigada. Sê mais solícita ainda em procurar o bem de quem te ofender, suportando a todos e humilhando-te até aos menores. Aos necessitados na hora da morte, como tens ordem de o fazer, sê diligente em auxiliá-los com fervorosa caridade e firme confiança.

CAPÍTULO 20

CONCILIÁBULO NO INFERNO CONTRA CRISTO E SUA MÃE SANTÍSSIMA.

Temores do demônio

933. Desde que se operou a Encarnação do Verbo, o tirânico império de Lúcifer no mundo já não se sentia tão seguro, como estivera nos séculos anteriores. Desde a hora em que o Filho do eterno Pai desceu do céu e tomou carne no tálamo virginal de Maria santíssima, aquele forte armado sentiu outra força maior **(Lc 11,21)** que o oprimia e aterrava, como já ficou dito. Sentira-a quando o Menino Jesus e sua Mãe entraram no Egito, conforme referimos, e nas muitas ocasiões, em que este dragão se viu dominado e vencido pela virtude divina, através de nossa grande Rainha.

Acrescentando-se a estes fatos, a novidade que sentiu com a atividade que nosso Salvador começou a desenvolver, descrita no capítulo passado, tudo isto produziu na antiga serpente, grandes suspeitas e receios de haver no mundo alguma outra importante causa para tais alterações.

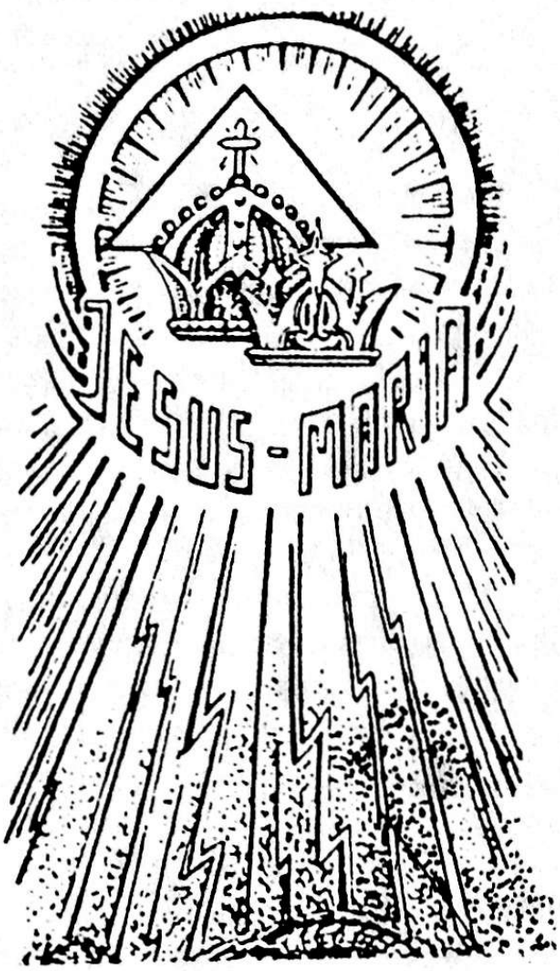
Como, porém, o mistério da redenção humana era-lhe oculto, andava alucinado em seu furor. Não atinava com a verdade, embora, desde sua queda do céu, andasse sempre sobressaltado e vigilante, espreitando e investigando para saber quando e como o Verbo desceria para assumir carne humana. Esta prodigiosa obra era a que sua arrogância e soberba mais temia. Este medo obrigou-o a fazer conciliábulos, como já referi nesta História e para a frente ainda descreverei.

Lúcifer convoca o conciliábulo

934. Estando, pois, este inimigo desorientado com o que a ele e a seus ministros produzia a presença de Jesus e Maria, começou a inquirir consigo: por qual virtude o expulsavam, quando tencionava perverter os agonizantes? Donde procediam os demais efeitos da presença da Rainha do céu?

Não conseguindo descobrir o segredo, resolveu consultar os seus primeiros ministros, os mais eminentes na astúcia e malícia. Fez ecoar no inferno tremendo rugido, no modo em que se entendem os demônios, e convocou-os todos pela sujeição que eles lhe têm.

Estando reunidos, fez-lhes este arrazoado: Ministros e companheiros meus, que sempre tomastes meu justo partido: bem sabeis que no primeiro estado em que nos colocou o Criador de todas as coisas, reconhecêmo-lo pela causa universal de nossa existência, e assim o respeitamos. Não demorou, porém, que ofendendo nossa formosura e eminência de tanta deidade, nos apresentou o preceito de adorar e servir a pessoa do Verbo na forma humana que desejava assumir. Resistimos à sua vontade porque, não obstante eu conhecer que lhe devia esta reverência como a Deus, sendo juntamente homem de natureza vil e tão inferior à minha, não pude aceitar sujeição a ele, e que não coubesse a mim o que determinava fazer com aquele Homem. Não sendo bastante



adorá-lo, mandou-nos ainda reconhecer por superior a nós a Mãe sua, uma mulher, criatura pura e terrena.

Eu, e vós comigo, nos opusemos a tão injuriosos agravos e nos recusamos obedecer, sendo castigados com o infeliz estado e penas que sofremos. Estas verdades que conhecemos, e com terror as confessamos aqui entre nós **(Tgo 2, 19),** não convém fazê-lo diante dos homens, assim vos ordeno, para que não venham a conhecer nossa ignorância e fraqueza.

Reflexões de Lúcifer

935. Se este homem-Deus e sua Mãe causarem nossa ruína, claro está que sua vinda ao mundo há de ser o nosso maior tormento e despeito. Por isto, hei de trabalhar com todo meu poder para o impedir e destruí-los, ainda que seja preciso perverter e convulsionar todo o orbe da terra.

Até agora tendes visto quão invencível foi meu poder, pois quase o mundo inteiro obedece a meu império e o mantenho sujeito à minha vontade e astúcia. De alguns anos para cá, entretanto, em muitas ocasiões, vos tenho visto oprimidos, repelidos e um tanto enfraquecidos. Quanto a mim, sinto uma força superior que parece me amarra e me amedronta. Percorri o mundo todo, muitas vezes convosco, procurando alguma novidade a que atribuir este dano e opressão que sentimos.

Por acaso, já se encontraria nele este Messias prometido ao povo escolhido de Deus? Não o encontramos, nem descobrimos indícios certos de sua vinda e da ostentação e ruído que fará entre os homens. Apesar disso, receio que esteja próximo o tempo dele vir do céu à terra, pelo que convém que todos nos esforcemos, com grande sanha, para destruir a Ele e à Mulher que escolher para sua Mãe. A quem nisto mais trabalhar, darei maior prêmio.

Até agora, em todos os homens encontro culpas e seus efeitos. Nenhum ostenta a majestade e grandeza que o Verbo humanado mostrará para se manifestar aos mortais, a fim de que todos o adorem, lhe ofereçam sacrifícios e reverência. Nisto consistirá o sinal infalível de sua vinda ao mundo. Reconheceremos sua pessoa por este sinal e por não ser atingido pela culpa e pelos efeitos que produzem os pecados nos mortais filhos de Adão.

Lúcifer ignora a identidade de Jesus e Maria

936. Por estas razões, prosseguiu Lúcifer, maior é a minha confusão. Se o eterno Verbo não desceu ao mundo, não posso atinar com a causa destas novidades que sentimos, nem saber donde procede esta virtude e força que nos enfraquece.

Quem nos expulsou de todo o Egito? Quem derribou aqueles templos e destruiu os ídolos daquela terra, cujos

habitantes nos adoravam? Quem agora nos oprime na terra da Galiléia e seus arredores, impedindo-nos de perverter muitos homens na hora da morte? Quem ergue do pecado a tantos que escapam de nosso domínio, melhoram sua vida e cuidam do reino de Deus?

Se este mal continuar para nós, grande ruína e tormento nos pode advir desta causa que ignoramos. É necessário extirpá-la e investigar, novamente, se há no mundo algum grande Profeta ou Santo que nos começa a destruir. Entretanto, não descobri algum ao qual atribuir tal virtude, senão apenas aquela mulher, nossa inimiga, a quem tenho ódio mortal, principalmente depois que a perseguimos no templo e em sua casa de Nazaré. Ficamos sempre vencidos e aterrados pela força que a guarnece, e pela qual sempre nos resistiu, invencível e superior à nossa malícia. Jamais pude sondar seu íntimo, nem tocá-la em sua pessoa.

Ela tem um filho; ambos assistiram à morte do pai e nenhum de nós pôde chegar onde estavam. É gente pobre e desprezada, uma mulherzinha escondida e desamparada, mas, sem dúvida, presumo que filho e mãe são justos. Sempre me esforcei por incliná-los aos vícios comuns dos homens, e jamais consegui neles a menor desordem nem movimento vicioso, tão naturais e ordinários nos demais.

Conheço que o Deus poderoso me oculta o estado destas duas almas, e o fato de me impedir saber se são justas ou pecadoras, contém algum mistério contra nós. Ainda que, em outras ocasiões, aconteceu não podermos penetrar nas disposições de outras almas, foram elas muito raras e não tanto como agora.

Mesmo que este homem não seja o Messias, ao menos serão justos, inimigos nossos, e isto basta para os perseguirmos, procurando derrubá-los e descobrir quem são. Segui-me todos nesta empresa com grande esforço, e eu serei o primeiro a combatê-los.

Jesus e Maria impenetráveis ao demônio

937. Com esta recomendação, Lúcifer rematou seu longo arrazoado, no qual propôs outros muitos conselhos de maldade, que não é necessário referir aqui. Nesta História tratarei ainda destes segredos, além de tudo o que já tenho dito, para se conhecer a astúcia da venenosa serpente.

Saiu do inferno este príncipe das trevas, seguido por inumeráveis legiões de demônios. Espalharam-se por todo o mundo, percorreram-no muitas vezes investigando, com sua malícia e astúcia, os justos que encontravam. Tentavam a eles e a outros às maldades forjadas pela malícia desses inimigos.

Entretanto, a sabedoria de Cristo Senhor nosso, ocultou, durante muitos dias, à soberba de Lúcifer, sua pessoa e a de sua Mãe santíssima. Não os viu até a ocasião em que Jesus foi ao deserto, onde permitiu ser tentado depois de seu longo jejum, como aconteceu e descreverei em seu lugar [1].

Oração de Jesus e Maria por nós, contra o demônio

938. Ao se reunir no inferno este conciliábulo, fez Cristo, nosso divino Mestre, especial oração ao Pai eterno, contra a malícia do dragão. Entre outras rogativas suplicou: Eterno Deus altíssimo e Pai meu, adoro e enalteço teu ser infinito e imutável; confesso que és imenso e sumo bem, a cuja divina vontade me ofereço em sacrifício, para vencer e destruir as forças infernais, e seus planos de maldade, contra minhas criaturas. Pelejarei por elas contra meus inimigos e seus, e com minhas obras e vitórias sobre o dragão, lhes deixarei força e exemplo para o combater. Sua malícia ficará muito enfraquecida contra os que me servirem de coração.

1 - abaixo, nº 995.

Defende, Pai meu, as almas dos enganos e crueldades da serpente e seus sequazes, e concede aos justos a virtude poderosa de tua destra para que, por minha intercessão e morte, alcancem vitória de suas tentações e perigos.

Nossa grande Rainha e Senhora teve, na mesma ocasião, conhecimento da maldade e dos projetos de Lúcifer, e viu

em seu Filho santíssimo tudo quanto se passava. Como coadjutora de seus triunfos, acompanhou-o na oração que fez ao eterno Pai. Recebeu-a o Altíssimo, e nesta ocasião, alcançaram Jesus e Maria grandes auxílios e recompensas para os que lutarem contra o demônio, invocando seus sagrados Nomes. Quem os pronunciar com fé e reverência, oprimirá os inimigos infernais, afugenta-los-á e os afastará de si, em virtude da oração e das vitórias alcançadas por Jesus, nosso Salvador, e sua Mãe santíssima.

Por esta proteção contra o soberbo gigante infernal, e por outros tantos auxílios que o Senhor nos deixou em sua santa Igreja, não temos nenhuma desculpa se não pelejamos legítima e corajosamente para vencer o demônio, inimigo do Deus eterno e nosso, a fim de seguir nosso Salvador e imitar seu exemplo.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

O amor de Deus e o ódio do demônio

939. Minha filha, chora amargamente a dura obstinação e cegueira dos mortais, para entenderem a amorosa proteção que podem encontrar em meu Filho e em mim, para todas suas dificuldades e necessidades, Não deixou meu Senhor diligência alguma, nem perdeu oportunidade de lhes conquistar inestimáveis tesouros. Depositou na santa Igreja o valor infinito de seus merecimentos, frutos de suas dores e morte. Deixou-lhes seguros penhores de seu amor e glória, fáceis e eficacíssimos meios para gozarem de todos estes bens, aplicando-os para seu bem e salvação eterna. A mais de tudo isto, ofereceu-lhes sua proteção e minha, ama-os como a filhos e afaga-os com benefícios e verdadeiras riquezas. Espera-os como pai piedosíssimo, procura-os como pastor, ajuda-os com sua onipotência. Recompensa-os com infinitas riquezas, governa-os como poderoso rei. Todos estes e outros inumeráveis favores são-lhes ensinados pela fé, propostos pela Igreja, e os têm diante dos olhos. Apesar de tudo, os esquecem e desprezam. Cegos, amam as trevas, e se entregam ao furor e ódio de tão cruéis inimigos, os demônios. Dão ouvidos a suas mentiras, obedecem à sua maldade, dão crédito a seus erros. Confiam e se entregam à insaciável e furiosa indignação, com que estes maus espíritos os odeiam, procurando sua eterna morte, por serem obras do Altíssimo que venceu e subjugou a este crudelíssimo dragão.

Cristo e Belial

940. Atende, pois, caríssima, a este lamentável erro dos filhos dos homens, e aplica tuas potências para considerar a diferença entre Cristo e Belial. Ela é maior que a distância entre o céu e a terra. Cristo é luz, verdade, caminho e vida eterna **(Jo 14, 6)**. Ama aos seus seguidores com amor indestrutível e lhes oferece sua visão e companhia no eterno descanso que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem pode passar pelo coração humano **(Is 44, 4)**. Lúcifer é a própria treva, erro, mentira, infelicidade e morte. Odeia seus seguidores, impele-os quanto pode a todo mal, para acabarem no fogo sempiterno e penas cruéis.

Digam agora os mortais, se ignoram estas verdades que todos os dias a santa Igreja lhes recorda e ensina? Se nelas acreditam, onde está seu juízo? Quem os transtornou? Quem lhes faz esquecer o amor que devem ter a si próprios? Quem os transforma em tão cruéis inimigos de si mesmos? Oh! insânia dos filhos de Adão, nunca suficientemente ponderada e chorada! Que assim trabalhem e se afanem toda a vida, para se enredar nas paixões, e se afundar no engano!

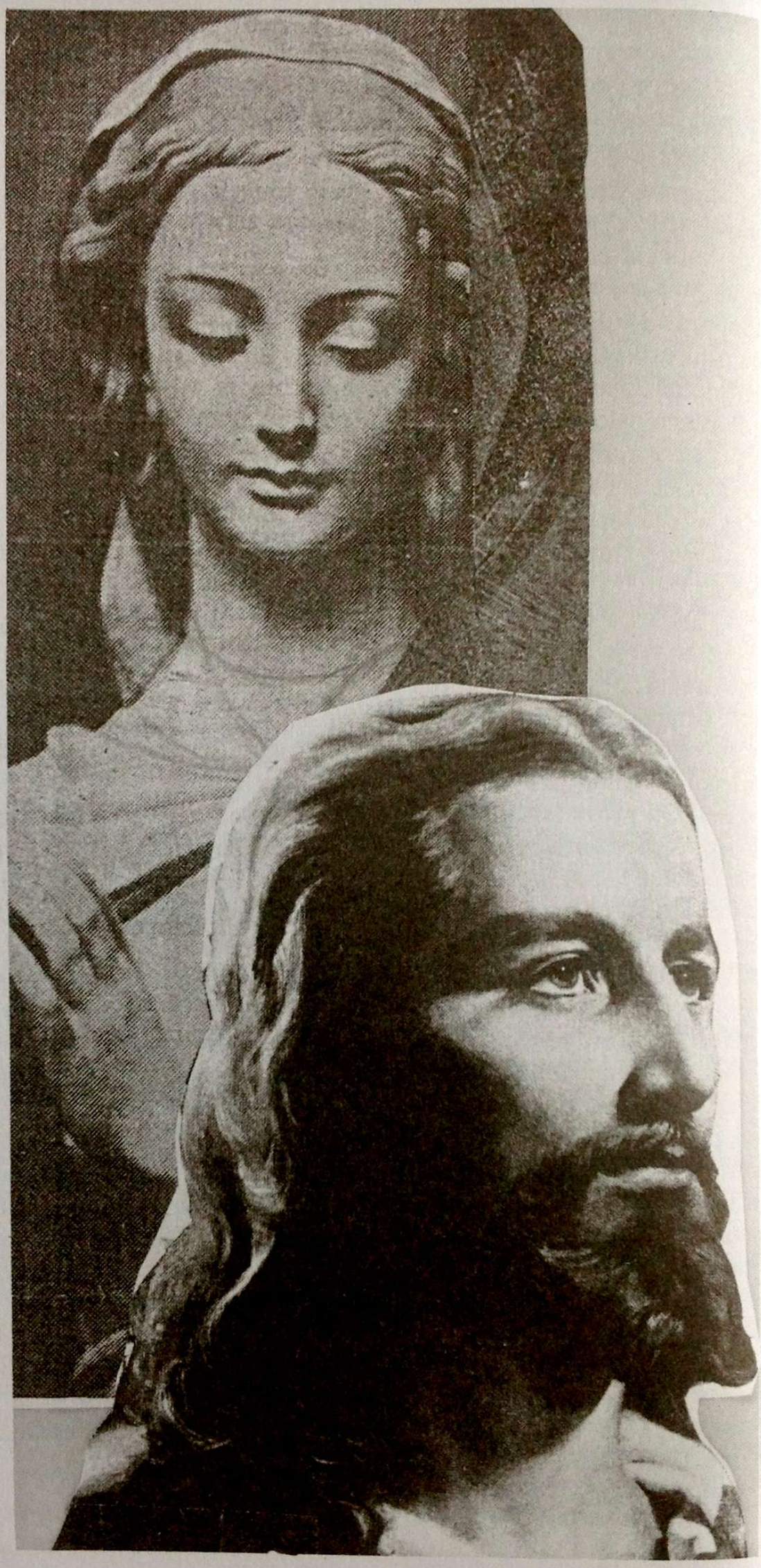
Assim se entregam ao fogo inextinguível, à morte e perdição eterna, como se fossem imaginárias; como se não tivesse descido do céu meu Filho santíssimo, para morrer na cruz e lhes merecer a salvação! Considerem o preço, e compreenderão o valor e estima do que tanto custou ao mesmo Deus que perfeitamente o conhece.

Os cristãos são indesculpáveis

941. Este infelicíssimo erro é menos culpável nos idólatras e gentios. A indignação do Altíssimo não se volta tanto contra eles, como contra os fiéis da santa Igreja que receberam a luz desta verdade. Se, no presente século, esta luz se encontra tão fraca e esquecida, saibam que é por culpa sua. Entregam-se a Lúcifer, que com infatigável malícia, não procura outra coisa senão arrancar-lhes o freio, para esquecerem os novíssimos e os tormentos eternos que os aguardam. Deste modo leva-os a se entregarem como irracionais aos deleites sensíveis. Esquecidos de si mesmos, gastam a vida nos bens aparentes e de repente caem no inferno, como diz Jó **(21, 13)**.

Assim realmente acontece a inumeráveis néscios que desprezam esta ciência e disciplina. Tu, porém, minha filha, deixa-te instruir por minha doutrina, e afasta-te de tão pernicioso engano, e do comum esquecimento dos mundanos. Sôe sempre a teus ouvidos aquele triste despeito dos condenados no fim de sua vida, princípio de sua eterna morte: "Oh! loucos que fomos, julgando insensatez a vida dos justos! Nós é que erramos o caminho da verdade e da justiça **(Sab 5, 4-6)**. O sol não nasceu para nós.

Cansamo-nos no caminho da maldade e perdição e procuramos sendas difíceis, ignorando, por nossa culpa, os caminhos do Senhor. De que nos aproveitou a soberba? De que nos valeu a jatância das riquezas? Tudo se acabou para nós como uma sombra! Oxalá nunca houvéramos nascido!" Tudo isto hás de temer, minha filha, e meditar intimamente, antes que vás e não voltes daquela terra tenebrosa, como diz Jó **(10, 21)**, das cavernas eternas. Cuida em fugir do mal e praticar o bem. Enquanto és viadora, faz por amor o que os condenados confessam forçados pelo castigo e despeito.



CAPÍTULO 21

POR ORDEM DO ESPÍRITO SANTO, SÃO JOÃO COMEÇA A PREGAR E ENVIA À DIVINA SENHORA UMA CRUZ QUE POSSUÍA.

São João Batista

942. Nesta segunda parte[1], comecei a descrever alguns grandes favores que Maria santíssima prodigalizou à sua prima Santa Isabel e a São João, tanto na ocasião em que Herodes tirou a vida dos meninos inocentes, como depois, estando a Rainha no Egito. O futuro precursor de Cristo, falecida sua mãe, permaneceu na solidão do deserto, sem sair dela, até o tempo determinado pela divina sabedoria. Sua vida foi mais angélica do que humana, mais de serafim do que homem terreno. Sua conversação era com os anjos e com o Senhor da criação.

Sendo esta sua única ocupação, jamais esteve ocioso, prosseguindo o amor e o exercício das virtudes heróicas que começara no seio de sua mãe. Nunca recebeu a graça em vão, mas preencheu-a com a máxima perfeição que pôde comunicar aos seus atos. Estando afastado das coisas terrenas, não sentiu o estorvo dos sentidos que costumam ser as janelas por onde entra na alma a morte, encoberta nas imagens da beleza enganadora das criaturas.

Neste feliz Santo a luz divina se antecipou a do sol material, e com a primeira relegou ao esquecimento tudo quanto a segunda lhe oferecia, fixando sua vista interior no objeto nobilíssimo do ser divino e de suas infinitas perfeições.

1 - nº 676

Santidade do Batista

943. Os favores que, em sua solidão e retiro, São João recebeu da divina destra excedem ao humano pensamento. Só quando se chegar à visão do Senhor, conhecer-se-á sua excelente santidade, merecimentos e a recompensa que alcançou.

Não pertence a esta História falar sobre os mistérios que a esse respeito conheci, sem repetir o que os santos doutores e outros autores escreveram sobre as grandes prerrogativas do santo Precursor. Só direi o que é forçoso para meu assunto, e tiver relação com a divina Senhora, por cuja intercessão o solitário João recebeu grandiosos favores. Destes, não foi o menor enviar-lhe alimentação por mãos dos anjos, até o menino João chegar à idade de sete anos, conforme disse acima[2]

Desta idade até os nove anos, enviou-lhe apenas pão, e daí em diante a Rainha cessou este favor, porque conheceu que era vontade do Senhor e desejo do mesmo Santo, alimentar-se só de raízes, mel silvestre e gafanhotos, **(Mt 34)** como aconteceu até começar sua pregação. Não obstante faltar-lhe o alimento das mãos da Senhora, Ela continuou a enviar seus anjos para visitá-lo, cada oito dias. Iam consolá-lo com a notícia dos trabalhos e mistérios que o Verbo humanado realizava.

2 - nº 676

Comunicações entre Jesus, Maria e São João

944. Uma das finalidades desta graça, era tornar suportável a solidão de São João. Não quer dizer que seu peso e austeridade lhe causasse fastio. Bastava para torná-la desejável e muito doce, sua admirável graça e santidade.

Foi conveniente, entretanto, pelo amor ardentíssimo que tinha a Cristo, nosso Senhor, e a sua Mãe santíssima, a fim de sentir menos a ausência do convívio e presença de ambos que, como santo e agradecido, muito desejava.

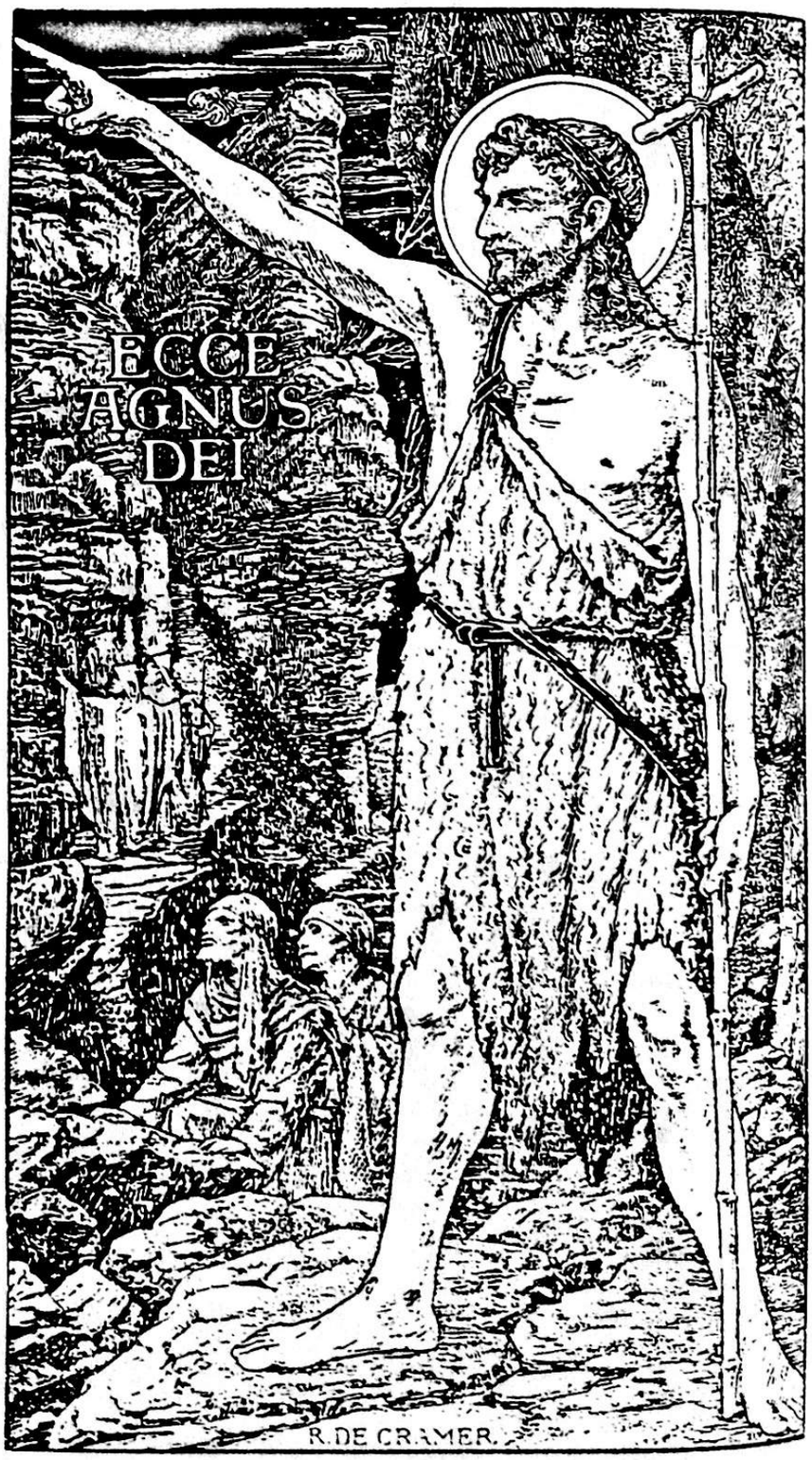
Não há dúvida que a insatisfação deste desejo, lhe seria de maior mortificação do que sofrer as intempéries, os jejuns, as penitências e a solidão dos montes, se a divina Senhora, sua amorosa tia, não lhe compensasse esta privação, com o frequente consolo de lhe enviar os anjos com notícias de seu Amado.

Com as amorosas ânsias da esposa **(Cânt 1, 6),** o grande solitário interrogava-os sobre o Filho e Mãe. De seu coração ferido por seu amor e ausência enviava-lhes lembranças e saudades. Por meio dos angélicos embaixadores, pedia à divina Princesa, que por ele, suplicasse a bênção de Jesus e o adorasse humildemente em seu nome; enquanto isso, o mesmo João o adorava, em espírito e verdade, da solidão em que vivia. Fazia o mesmo pedido aos santos Anjos que o visitavam e aos demais que o assistiam.

Nestas ocupações, passou o grande Precursor até a idade perfeita de trinta anos, sendo assim preparado pelo poder divino, para o ministério para o qual fora escolhido.

Deus envia São João Batista

945. Chegou o tempo marcado pela eterna Sabedoria, para que a voz do Verbo humanado, o Batista, fosse ouvida a clamar no deserto, como diz Isaías **(40, 3)** e o referem os Evangelistas **(Mt 3, 3).**



No décimo quinto ano do império de Tibério César, sendo príncipes dos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus sobre João, filho de Zacarias, no deserto **(Lc 3)**. Dirigiu-se para a margem do Jordão, pregando o batismo de penitência para alcançar a remissão dos pecados, e dispor os corações a receberem o Messias prometido por tantos séculos. Mostrá-lo-ia com o dedo, para que todos pudessem conhecê-lo. Esta palavra e ordem do Senhor foi entendida por São João num êxtase onde, por especial influência do poder divino, foi iluminado e preparado com plenitude de novos dons de luz, graça e ciência do Espírito Santo.

Neste rapto conheceu, com mais copiosa sabedoria, os mistérios da Redenção, e teve uma visão abstrativa da Divindade, tão admirável que o transformou em novo ser de santidade e graça. Nesta visão, mandou-lhe o Senhor que deixasse a solidão, para preparar os caminhos da própria pregação e da do Verbo humanado; que exercitasse o ofício de precursor em tudo quanto lhe competia, conforme fôra instruído, e para o qual recebeu abundantíssima graça.

Os judeus no tempo do Batista

946. O novo pregador saiu da solidão. Vestia-se de pele de camelo, com um cinto de couro; pés descalços, rosto macerado, mas de expressão grave e admirável, com incomparável modéstia e severa humildade, ânimo invencível e generoso, o coração inflamado na caridade por Deus e pelos homens. Suas palavras eram vivas, fortes e ardentes como centelhas de um raio lançado pelo poder do imutável ser divino.

Aprazível com os mansos, amável com os humildes, terrível para os soberbos. Era admirável espetáculo para os anjos e os homens, temível aos pecadores, horripilante para os demônios. Pregador digno de ser instrumento do Verbo humanado, e como necessitava aquele povo hebreu duro, ingrato e pertinaz, com governadores idólatras, com sacerdotes avarentos e soberbos; sem luz, sem profetas, sem piedade, sem temor de Deus, depois de tantos castigos e calamidades atraídas pelos seus pecados.

Em tão miserável estado, o Precursor lhe deveria abrir os olhos e o coração para receber seu Reparador e Mestre.

Devoção de São João à cruz

947. Muitos anos antes, o santo anacoreta fizera uma grande cruz que conservava em sua cabeceira. Nela fazia alguns exercícios de penitência, e freqüentemente rezava na posição de crucificado. Não quis deixar este tesouro naquele êrmo, e antes de sair dele, enviou-o à Rainha do céu pelos mesmos anjos que, em nome d'Ela, o visitavam. Mandou-lhe dizer que aquela cruz lhe fôra a companhia mais amável e querida em sua prolongada solidão; que lhe enviava como rica jóia pelo que nela iria se realizar.

Por esta mesma razão a fizera, pois os anjos lhe haviam dito que também seu Filho santíssimo orava muitas vezes numa cruz que possuía em seu oratório. Esta cruz de São João tinha sido feita, a seu pedido, pelos anjos, de uma árvore daquele deserto, pois o Santo não tinha para esse trabalho nem força nem instrumento, enquanto os anjos nada disso precisavam, pelo poder que possuem sobre as coisas corporais.

Com este presente e mensagem, voltaram os santos príncipes à sua Rainha e Senhora. Ela o recebeu com grande emoção e amorosa dor de seu castíssimo coração, considerando os mistérios que logo seriam operados naquele durissimo madeiro. Conversando carinhosamente com ele, guardou-o durante toda a vida, com a outra cruz que o Salvador possuía.

Mais tarde, a prudentíssima Senhora deixou estas prendas, e outras, aos Apóstolos como preciosa herança, e eles as levaram para as regiões onde pregaram o Evangelho.

Dúvida da Escritora

948. Sobre este misterioso acontecimento, veio-me uma dúvida que propus à Mãe da sabedoria, dizendo-lhe: santíssima entre os santos e escolhida entre todas as criaturas para Mãe de Deus. No que terminei de escrever, se me oferece uma dificuldade, como à mulher ignorante e rude. Se me derdes licença, desejo propô-la a vós, Senhora, mestra da sabedoria, que vos dignastes fazer comigo ofício de esclarecer minhas trevas e ensinar-me doutrina de vida eterna.

Minha dúvida é a seguinte: entendi que, não apenas São João, mas também vós, Rainha minha, tínheis reverência à cruz, ainda antes que vosso Filho santíssimo nela morresse. Sempre acreditei que até a hora de nossa redenção no sagrado madeiro, este servia de patíbulo para castigar criminosos, e por esta causa a cruz era consi-derada ignominiosa e maldita (Ofício da Sta Cruz). A santa Igreja nos ensina que todo seu valor e dignidade, procedeu do contacto com nosso Redentor e do mistério da redenção humana que nela realizou.

RESPOSTA E DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Razão do culto à cruz

949. Minha filha, com gosto satisfarei teu desejo e responderei à tua dúvida.

É verdade o que disseste: a cruz era ignominiosa **(Deut 21, 23)**, antes que meu Filho e Senhor a tivesse honrado e santificado por sua Paixão e morte. Por este motivo é que, agora, se lhe deve adoração e reverência altíssima, como pratica a Igreja. Se alguém, desconhecendo os mistérios e razões que eu e São João sabíamos, pretendesse dar culto e reverência à cruz, antes de redenção humana, teria cometido idolatria e erro, porque adorava o que não sabia ser digno de adoração verdadeira.

Em nós, porém, havia motivos diferentes: tínhamos infalível certeza do que nosso Redentor realizaria na cruz; sabíamos que, antes disso, já começara a santificar aquele sagrado sinal com seu contacto, pondo-se nela a orar e oferecendo-se livremente; e que o eterno Pai aceitara, por imutável decreto, estas obras e morte de meu Filho santíssimo.

Qualquer ação e contacto do Verbo humanado era de infinito valor, e com ele santificou e tornou digno de reverência aquele sagrado madeiro.

Quando eu e São João o venerávamos, tínhamos presente este mistério. Não adorávamos a cruz por si mesma e por sua matéria, pois não lhe era devido culto de adoração até que nela se operasse a Redenção. Atendíamos e respeitávamos a representação formal do que nela faria o Verbo humanado, a quem se dirigia a reverência e adoração que dávamos à cruz. A mesma intenção a Igreja tem agora em vista, quando cultua a cruz.

Devoção à cruz

950. De acordo com esta verdade, deves agora ponderar a tua obrigação, e a de todos os mortais, em reverenciar e estimar a santa Cruz. Antes de nela morrer meu Filho santíssimo, eu e o Precursor O imitamos, tanto no amor e reverência, como nos exercícios que fazíamos naquele santo sinal. Que devem fazer então, os fiéis filhos da Igreja, depois que, pela fé, nela vê crucificado seu Criador e

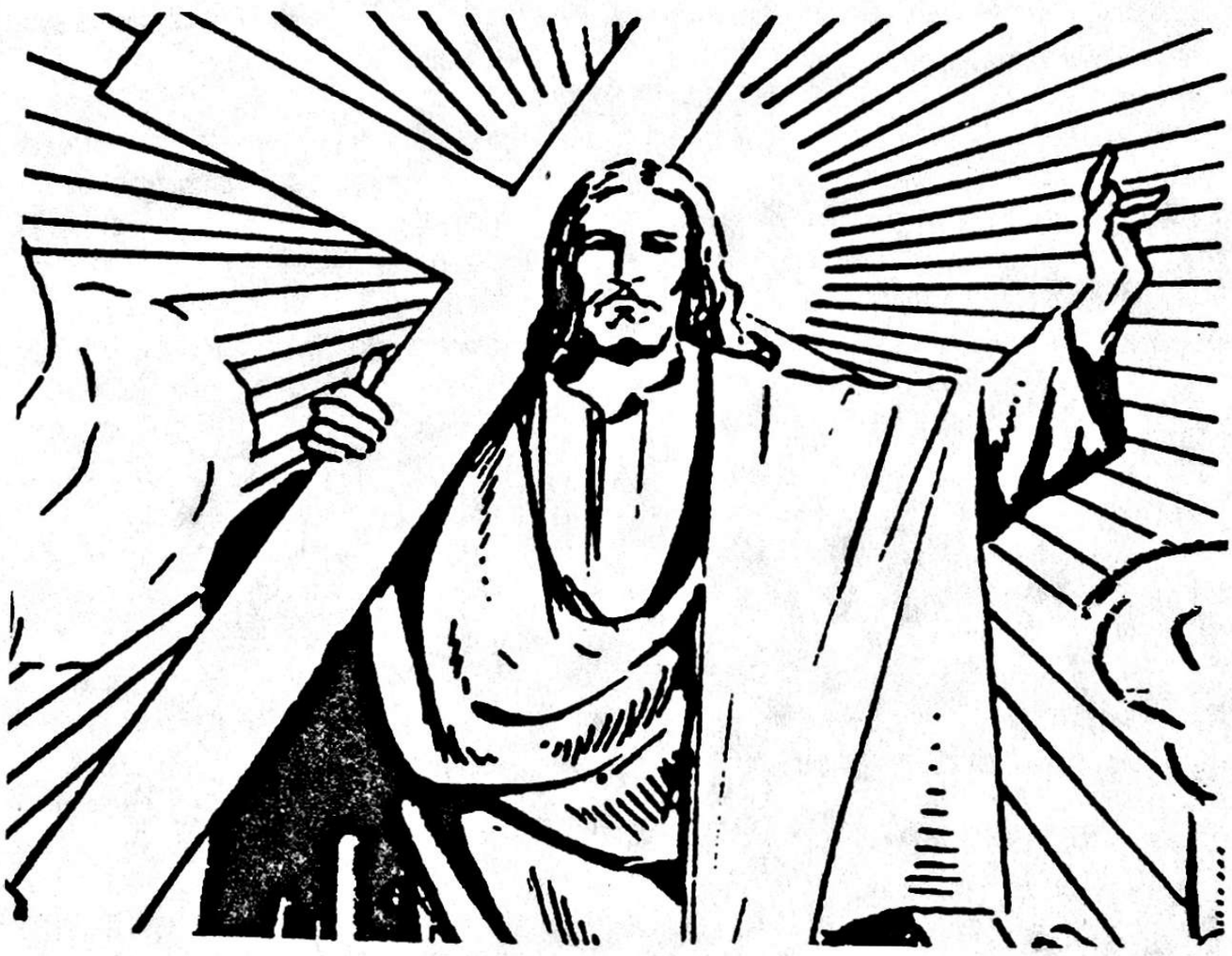
Redentor, e diante dos olhos corporais tem suas imagens?

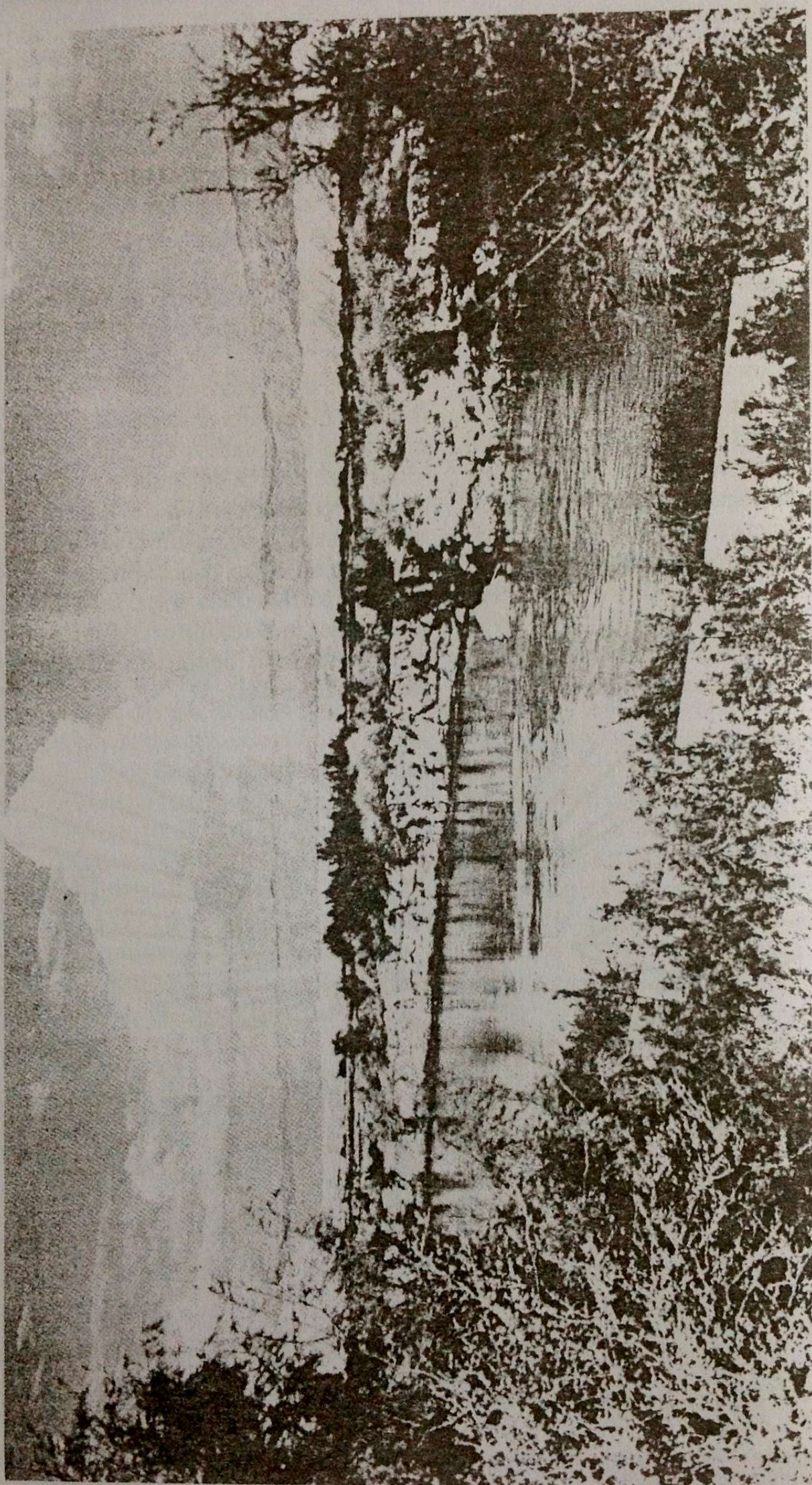
Quero, pois, minha filha, que abraces a cruz com incomparável estima, e a consideres preciosíssima jóia de teu Esposo. Acostuma-te aos exercícios que nela fazes, sem jamais, voluntariamente os deixares e esqueceres, a não ser que a obediência te impeça.

Quando fores praticar estas veneráveis devoções, faze-as com profunda reverência e meditação da paixão e morte de teu amado Senhor. Procura introduzir esta devoção entre tuas religiosas, porque nenhuma é mais legítima para as esposas de Cristo, e feita com digna reverência lhe será de sumo agrado. Além disto, quero que, à semelhança do Batista, prepares teu coração para o que o Espírito Santo nele quiser fazer para sua glória e bem de outros.

Quanto puderes, ama a solidão e retira tuas potências da confusão das criaturas. Quando o Senhor te der obrigação de tratar com elas, procura sempre teu próprio mérito, e a edificação do próximo. De tuas conversações transpire o zelo e o espírito que vive em teu coração. As eminentíssimas virtudes que conheces, sirvam-te de estímulo e exemplo a imitar. Delas e de outras que souberes pela vida dos santos, procura, qual diligente abelha, fabricar o favo dulcíssimo da santidade e pureza que de ti quer meu Filho santíssimo.

Vê a diferença entre este inseto e a aranha: a primeira transforma seu alimento em suavidade e utilidade para os vivos e até para os defuntos, e a segunda em veneno maléfico. Colhe as flores e virtudes dos santos, no jardim da santa Igreja, e procura imitá-las, quanto puderem tuas forças, auxiliadas pela graça. Industriosa, procura que tudo resulte em benefício dos vivos e defuntos e foge do veneno da culpa prejudicial a todos.





Rio Jordão, onde São João Batista batizava.

CAPÍTULO 22

MARIA SANTÍSSIMA OFERECE AO ETERNO PAI SEU FILHO PARA A REDENÇÃO HUMANA. RECEBE UMA VISÃO CLARA DA DIVINDADE. JESUS D'ELA SE DESPEDE PARA IR AO DESERTO.

Amor de Maria por Jesus

951. O amor de nossa grande Rainha e Senhora por seu Filho santíssimo era a razão e a medida das outras operações da divina Mãe, inclusive dos efeitos da paixão do gozo e da dor, segundo as diferentes causas e motivos que os produziam.

Para avaliar, porém, este ardente amor, nossa capacidade não encontra medida, e os anjos só a conhecem na clara visão do ser divino. Fora disto, tudo quanto se pode dizer por circunlóquios e comparações, é muito menos do que este divino incêndio encerra.

Amava-o como a Filho do eterno Pai, igual a Ele na natureza divina e em suas infinitas perfeições e atributos. Amava-o como filho natural, somente seu na natureza humana, formado de sua própria carne e sangue. Amava-o porque, neste ser humano, era o Santo dos Santos **(Dan 9, 24)**, causa meritória de toda santidade.

Era o mais belo entre os filhos dos homens **(Sl 44, 3)**. O mais obediente **(Lc 2, 51)** filho para sua Mãe, o que mais a honrou e beneficiou, pois fazendo-se seu Filho elevou-a à suprema dignidade entre as criaturas; sublimou-a entre todas e acima de todas, com os tesouros da Divindade, com o senhorio de toda a criação, com favores, benefícios e graças que nenhuma outra poderia dignamente receber.

Os cumes do amor

952. Estas razões e estímulos de amor, com outros muitos que só sua altíssima ciência penetrava, encontravam-se depositados e como que incluídos na sabedoria da divina Senhora. Em seu coração não havia impedimento, pois era inocente e puríssimo. Não era ingrata, mas prudentíssima na humildade e fidelíssima em corresponder. Não era remissa, mas veemente em colaborar com a graça em toda sua eficácia. Não era lenta, mas deligentíssima. Não era descuidada, mas atentíssima e solícita. Não era esquecida, porque de memória constante e fixa em guardar os benefícios, razões e leis do amor.

Encontrava-se mergulhada no próprio fogo, em presença do divino objeto e na escola do verdadeiro Deus de amor; na companhia de seu Filho santíssimo, contemplando seus atos e operações, copiando aquele vivo modelo. Nada faltava a esta excelente amante, para chegar àquele modo de amor que consiste em amar sem medida e modo.

Achava-se, pois, esta formosa lua em sua plenitude, depois de contemplar o sol da justiça, face a face, durante quase trinta anos. Levantara-se como divina aurora à suprema claridade, ao ardente e amoroso incêndio do luminoso dia da graça. Abstraída de todo o visível, trans-

formada em seu querido Filho, era por Ele correspondida na dileção, favores e carinhos.

Nesta culminante época, ouviu a voz do Pai eterno que a chamava, como chamara o patriarca Abraão, para lhe pedir em sacrifício o seu querido Isaac, penhor de seu amor e esperança **(Gn 22, 1).**

O Pai eterno pede a Maria o sacrifício de seu Filho

953. Não ignorava a Mãe prudentíssima que o tempo ia passando. Seu amado Filho entrara nos trinta anos e se aproximava o fim do prazo para o pagamento da dívida contraída pelos homens. Contudo, a posse da felicidade que a fazia tão bem-aventurada, fazia-lhe parecer distante a privação ainda não experimentada.

A hora, porém, chegou. Estando, certo dia, em altíssimo êxtase, sentiu que era chamada à presença do trono real da santíssima Trindade, e do qual saiu uma voz que, com admirável força, lhe disse: Maria, Filha e Esposa minha, oferece-me teu Unigênito em sacrifício. Juntamente com a voz, recebeu luz e inteligência da vontade do Altíssimo. Nela conheceu o decreto da redenção humana, por meio da paixão e morte de seu Filho santíssimo, e tudo o que deveria precedê-la com a pregação e magistério do mesmo Senhor.

A renovação deste conhecimento na amorosa Mãe, produziu diversos efeitos em seu espírito: aceitação, humildade, caridade para com Deus e os homens; compaixão, ternura e natural sentimento pelo que seu Filho santíssimo teria de padecer.

Resposta de Maria

954. Não obstante, sem perturbação e com magnânimo coração, respondeu ao Altíssimo: rei eterno e Deus onipotente, de sabedoria e bondade infinita, tudo o que tem ser fora de vós, recebeu-o de vossa liberal misericórdia e grandeza, e de tudo sois Dono e Senhor absoluto. Como, a Mim, vil bichinho, da terra, mandais que sacrifique e entregue à vossa disposição divina o Filho que de vossa inefável dignação recebi? Ele vos pertence, eterno Deus e Pai, pois em vossa eternidade o gerastes antes da aurora, **(Sl 109, 3; 2, 7)** e o continuais a gerar sempre e por todos os séculos.

Se Eu o revesti com a forma de servo **(Filip 2, 7)** em minhas entranhas, com meu próprio sangue; se O alimentei e servi como Mãe, aquela santíssima humanidade é toda vossa, pois de vós recebi tudo o que sou e lhe pude dar. Que me resta senão oferecer-vos quem é mais vosso do que meu?

Confesso, entretanto, Rei altíssimo, que ao enriquecerdes as criaturas com vossos infinitos tesouros, usais tão liberal grandeza e benignidade que, ainda ao vosso próprio Unigênito, engendrado de vossa substância, a própria luz de vossa divindade, o pedis como livre oferenda, para vos considerardes devedor por ela.

Com Ele me vieram todos os bens, e de sua mão recebi imensos dons e honestidade **(Sab 7, 11).** É virtude de minha virtude, substância de meu espírito, vida de minha alma e alma de minha vida, toda a alegria de meu coração. Agradável oferenda seria entregá-lo só a Vós que conheceis quanto é estimável.

Entregá-lo, porém, à disposição de vossa justiça para ser executada pela mão de seus cruéis inimigos, à custa de sua vida mais valiosa que toda a criação! Grande é, altíssimo Senhor, a oferta que pedis, para o amor de Mãe! Não se faça, contudo a minha vontade, mas a vossa; opere-se a libertação da linhagem humana; fique satisfeita vossa equidade e justiça; manifeste-se vosso infinito amor; seja conhe-

cido e exaltado vosso nome por todas as criaturas.

Entrego meu querido Isaac para ser realmente imolado; ofereço o Filho de minhas entranhas para que, segundo o imutável decreto de vossa vontade, pague a dívida contraída, não por Ele, mas pelos filhos de Adão. Que n'Ele seja cumprido tudo o que vossos Profetas escreveram e disseram por vossa inspiração.

Sublimidade do sacrifício de Maria

955. Este sacrifício de Maria santíssima, com as condições que o acompanharam, foi o maior e mais aceitável ao eterno Pai, de quantos haviam sido feitos desde o princípio do mundo, e que se farão até o fim. Excedeu-o somente o sacrifício de seu Filho, nosso Salvador, que afinal foi o mesmo da Mãe, na medida e forma possível a ela.

Se a suprema caridade se manifesta em dar a vida por quem se ama **(Jo 15, 13),** Maria santíssima ultrapassou, sem dúvida, esta fronteira do amor pelos homens, tanto mais, quanto amava a vida de seu Filho santíssimo sem medida e mais do que a sua própria vida. Para conservar a vida do Filho, teria morrido tantas vezes quantos são os homens e ainda muitas mais.

Não existe, entre as criaturas, padrão algum por onde medir o amor desta divina Senhora pelos homens. Só pode ser comparado ao amor do Pai eterno, pois como disse Cristo, Senhor nosso, a Nicodemos **(Jo 3, 16):** de tal maneira Deus amou o mundo que deu seu Filho unigênito, para que todos que n'Ele cressem não perecessem.

Parece que, na devida proporção, fez o mesmo nossa Mãe de misericórdia, a quem, na mesma proporção, devemos nosso resgate. Tanto nos amou que deu seu Unigênito para nossa salvação. Se não o desse, nesta ocasião em que o Pai eterno lhe pediu, não se teria realizado a redenção humana por aquele decreto, cuja execução dependia do consentimento da Mãe à vontade do Pai eterno. Assim devedores nos tornamos a Maria santíssima, nós os filhos de Adão.

Maria é fortalecida por Deus

956. Aceita a oferenda desta grande Senhora pela beatíssima Trindade, foi conveniente que Deus remunerasse à vista, com algum favor que a confortasse em sua dor. Seria também fortalecida para as outras dores que a aguardavam, e conheceria com maior clareza a vontade do Pai e as razões do que lhe havia sido ordenado.

Estando a divina Senhora no mesmo êxtase, foi elevada a outro estado superior, preparada pelas iluminações e disposições que noutras ocasiões tenho explicado[1]. A divindade manifestou-se lhe com a visão clara e intuitiva. Na serena luz do Ser divino, conheceu de novo a inclinação do sumo Bem em comunicar seus infinitos tesouros às criaturas racionais, por meio da Redenção que o Verbo humanado realizaria, e a glória que deste prodígio resultaria, entre as mesmas criaturas, para o nome do Altíssimo.

Com esta nova ciência de ocultos mistérios, a divina Mãe, alegremente, tornou a oferecer ao Pai o sacrifício de seu Filho unigênito. O poder infinito do Senhor fortaleceu-a com aquele verdadeiro pão da vida e entendimento, para com invencível fortaleza acompanhar o Verbo humanado nas obras da Redenção. Seria sua coadjutora na forma que dispunha a infinita sabedoria, como o fez a grande Senhora, em tudo o que adiante direi.

Jesus pede licença à Maria para partir

957. Cessou este rapto e visão, e não me detenho mais a explicar seu modo

1 - 1ª parte, nº 626 e seg.

e condições, pois foi semelhante a outras visões intuitivas que descrevi. Com a virtude e efeitos desta, ficou Maria santíssima preparada, para se despedir de seu Filho santíssimo que determinara ir logo receber o batismo, e retirar-se ao deserto para o jejum.

Chamou-a Jesus, e falou-lhe como filho amantíssimo, cheio de carinho e compaixão. Disse-lhe: Minha Mãe, o ser de verdadeiro homem, recebi-o só de vossa substância e sangue, e destes tomei a forma de servo **(Filip 2, 7)** em vosso virginal seio. Criastes-me a vossos peitos,

alimentando-me com vosso trabalho e suor. Por estas razões, reconheço-me por vosso filho, mais do que qualquer outro o foi, ou será, de sua mãe.

Dai-me licença para ir cumprir a vontade de meu eterno Pai. Chegou a hora de me separar de vossa carinhosa e doce companhia e dar princípio à obra da redenção humana. Termina o descanso e começa a hora de sofrer pelo resgate de meus irmãos, os filhos de Adão.

Esta missão que meu Pai me confiou quero, porém, realizá-la com vossa assistência. Nela sereis minha companheira e coadjutora, participante de minha paixão e cruz. Ainda que agora é forçoso vos deixar só, ficará convosco minha eterna bênção, minha solícita, amorosa e invicta proteção. Depois voltarei para me acompanhardes e ajudardes em meus trabalhos, pois vou padece-los na forma humana que me deste.

Jesus e Maria se despedem

958. Com estas palavras, Jesus abraçou sua Mãe temíssima, e ambos derramaram abundantes lágrimas, sem perderem a admirável majestade e doce gravidade como mestres na ciência do padecer.

Ajoelhou-se a divina Mãe e, com indizível dor e reverência, respondeu a seu Filho santíssimo: Senhor meu e Deus eterno, sois meu verdadeiro Filho e a Vós dedicarei todas as forças e amor que de vós recebi. O íntimo de minha alma é conhecido à vossa sabedoria, e minha vida nada seria se pudesse dá-la em lugar da vossa; estaria pronta, se fosse conveniente, a morrer muitas vezes para isso. A vontade do Pai, porém, e a vossa se hão de cumprir, e para isto sacrifico a minha. Recebei-a, meu Filho e Senhor, como aceitável oferenda, e não me falte vossa divina proteção. Maior tormento seria para mim, ver-vos sofrer sem vos acompanhar no sofrimento e na cruz. Mereça eu, Filho, este favor, que como verdadeira mãe vos peço, em retribuição da forma humana que vos dei e na qual ides sofrer.

Pediu-lhe também a divina Mãe que levasse algum alimento de casa, ou que lhe permitisse enviá-lo para onde se encontrasse. Por então, nada aceitou o Salvador, fazendo-lhe compreender que assim convinha. Foram juntos até a porta da pobre morada, onde pela segunda vez, de joelhos Ela lhe pediu a bênção e lhe beijou os pés. Deu-lha o divino Mestre e partiu. Dirigiu-se para o Jordão, como o bom pastor que sai em busca da ovelha perdida, para a trazer de volta sobre os ombros **(Lc 15, 5)**, ao caminho da eterna vida, do qual se havia desgarrado **(Sl 118, 176)**.

Dor da separação

959. No começo do ano em que nosso Redentor saiu de casa para ser batizado por São João, já havia entrado nos trinta anos de idade. Dirigiu-se diretamente para as margens do Jordão, onde João batizava **(Mt 3, 13)**. Dele recebeu o batismo, treze dias depois de haver cumprido vinte e nove anos, o mesmo dia em que a Igreja celebra seu batismo.

Sou incapaz de ponderar adequadamente a dor de Maria santíssima nesta despedida, e a compaixão do Salvador. Todo encarecimento e razões são muito insuficientes e inadequadas para dizer o que se passou no coração de Mãe e Filho. E, como esta ocorrência fazia parte de suas penas, não foi conveniente moderar os efeitos do recíproco amor natural entre os Senhores do mundo.

Permitiu o Altíssimo que eles o sentissem na maior medida possível e compatível com a suma e respectiva santidade de cada um. Nem serviu de conforto para esta dor a pressa de nosso divino Mestre em procurar nossa salvação, levado por sua imensa caridade; nem para sua amorosa Mãe conhecer este motivo.

Tudo isto, só tornava maior a certeza dos tormentos que os esperavam.

Oh! meu doce amor! Como não vos detém a ingratidão e dureza de nossos corações? Como não vos impede o fato dos homens serem inúteis para vós, além de grosseiros em vos corresponder? Oh! eterno bem, e vida minha! Sem nós, serieis tão bem-aventurado como conosco: infinito em perfeições, santidade e glória, pois nada podemos acrescentar a esta glória que tendes em vós mesmo, sem dependência e necessidade de criaturas.

Pois, porque, amor meu, nos procurais com tanta solicitude? Porque, à custa de tantas dores e da cruz, desejais o bem dos outros? Sem dúvida, vosso incomparável amor e bondade considera-o como próprio, e só nós o tratamos como estranho para vós e para nós mesmos.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Sofrimento, prova de amor

960. Minha filha, quero que ponderes e penetres mais os mistérios que descreveste e os faças crescer em tua estima, para o bem de tua alma e para me imitares em alguma coisa. Adverte, pois, que na visão da divindade que eu recebi nesta ocasião, conheci no Senhor a estimação que sua vontade santíssima fazia dos sofrimentos, paixão e morte de meu Filho, e de todos aqueles que o imitarem em seguir o caminho da cruz. Nesta ciência, não só o ofereci, de boa vontade, para entregá-lo à paixão e morte, como também supliquei ao Altíssimo me fizesse companheira e participante de todas suas dores, penas e paixão, o que me foi concedido pelo eterno Pai. Depois pedi a meu Filho e Senhor que me privasse de suas doçuras interiores, para começar a seguir seus passos no caminho da amargura. Esta petição me foi inspirada pelo amor, e pelo Senhor que assim o queria.

Estas ânsias de padecer, e o amor que Ele me tinha como Filho e como Deus, me inclinavam a desejar o sofrimento. Porque me amou com ternura mo concedeu, pois aos que ama corrige a aflige **(Prov 3, 12)**. Quis que a mim, sua Mãe, não faltasse a excelência da perfeita semelhança com Ele, naquilo que mais estimava na vida humana. Logo se cumpriu em mim esta vontade do Altíssimo e minha, e me vi sem os favores e consolações que costumava gozar. Desde essa ocasião, não me tratou com tanto carinho.

Foi esta uma das razões por que não me chamou de Mãe e sim mulher, nas bodas de Caná, aos pés da Cruz **(Jo 2,4; 19, 26)** e ainda em outras ocasiões em que me tratou com igual gravidade, deixando de usar palavras afetuosas. Muito longe estava isso de ser desamor. Pelo contrário, era a maior delicadeza tornar-me sua semelhante, nas penas que escolhia para Si como inestimável tesouro e herança.

A ciência da cruz

961. Daqui entenderás a ignorância e erro dos mortais, e quão longe andam do caminho da luz, quando geralmente quase todos trabalham por não trabalhar, padecem por não padecer, e detestam o caminho real e seguro da cruz e mortificação. Com este perigoso engano, aborrecem a semelhança de Cristo, seu modelo, e a minha, e dela se privam, sendo esta semelhança o verdadeiro e sumo bem da vida humana.

Além disso se indispõem para o remédio, pois estando todos enfermos de muitas culpas, a medicação é o sofrimento. O pecado que as comete com torpe deleite, repara-se com a dor da punição, e na tribulação o justo Juiz o perdoa. O padecimento de amarguras e aflições refreia o *fomes* do pecado, en-

fraquece os desordenados brios das paixões irascível e concupiscível; humilha a soberba e altivez; submete a carne, desvia do prazer do mal e das coisas sensíveis e terrenas; esclarece o julgamento; modera a vontade, todas as potências da criatura se ajustam à razão, e os excessos e desequilíbrios das paixões se ordenam. Acima de tudo, inclina o amor divino à compaixão do aflito que abraça os trabalhos com paciência, e ainda os procura com desejo de imitar meu Filho santíssimo.

Nesta ciência está resumida toda a felicidade da criatura. Os que fogem desta verdade são loucos, e os que a desconhecem estultos.

Tropeços espirituais

962. Trabalha, pois, minha filha caríssima, para nela progredir, sê fervorosa para ir ao encontro da cruz, e renuncia às consolações humanas. Para que nas espirituais não tropeces e cáias, advirto-te que nelas também o demônio esconde um laço que não deves ignorar. Doce e apetecível é o gosto da contemplação e presença do Senhor. De seus carinhos, pode redundar tanto deleite e consolo para a alma, e talvez para os sentidos, que algumas pessoas costumam apegar-se a esse gosto de tal modo, que ficam inábeis para outras ocupações necessárias à vida humana, até às de caridade e conveniente trato com as criaturas.

Quando têm obrigação de acudir a elas, afligem-se desordenadamente. Alteram-se com impaciência, perdem a paz e gozo interior, ficam tristes, intratáveis, cheias de fastio pelo próximo, sem verdadeira humildade e caridade. Quando chegam a perceber a própria inquietação e faltas, logo põem a culpa nas ocupações exteriores de que o próprio Senhor as encarregou, por obediência ou caridade. Não querem confessar e reconhecer que a culpa consiste em sua pouca mortificação e conformidade ao que Deus ordena, por estarem apegadas à própria satisfação. O demônio lhes esconde todo este engano, sob a aparência do bom desejo da própria quietude, retiro e convivência com o Senhor na solidão. Parece-lhes que nisto não há o que temer, que tudo é bom e santo, e o mal está em estorvá-las no que desejam.

Deixar Deus por Deus

963. Algumas vezes incorreste nesta culpa, e desde hoje quero que fiques advertida. Para tudo há tempo, como diz o Sábio **(Ecle 3, 5)**: para gozar dos abraços e para deles se abster. Determinar tempos para o trato íntimo do Senhor, segundo o gosto da criatura, sentir muito, quando lhe faltam os afagos divinos, é ignorância de imperfeitos e principiantes na virtude. Não te digo com isto que procures, voluntariamente, as distrações e ocupações, e nelas ponhas complacência, pois isto é perigoso. Digo, sim, que quando os superiores te ordenarem, obedeças com serenidade e deixes o Senhor onde sentias satisfação, para o encontrares no trabalho e no bem de teu próximo. Isto deves antepor à tua soledade e às consolações que nela recebes, e não quero que a ames tanto, só por causa disso.

Na solicitude conveniente de prelada, deves saber crer, esperar e amar com fidelidade. Por este meio encontrarás o Senhor em todo tempo, lugar e ocupações, como tens experimentado. Quero que nunca te julgues ausente de sua doce presença e suavíssima conversação, e não esqueças, infantilmente, que fora do retiro também podes achar e gozar o Senhor. Tudo está cheio de sua glória **(Ecli 42, 16),** sem existir espaço vazio. No Senhor tens a vida, o ser e o

movimento **(At 17, 28).** Quando Ele não te der ocupações, então gozarás de tua desejada solidão.

A suma perfeição e santidade

964. Tudo entenderás melhor na consideração da nobreza do amor que de ti quero, à imitação de meu Filho santíssimo, e minha. Umas vezes te recrearás com Ele em sua infância, noutras acompanhando-o em procurar a salvação eterna dos homens ou imitando-o no retiro de sua solidão. Ora, transfigurando-te com Ele em nova criatura, ora abraçando as tribulações e a cruz e seguindo seus caminhos e a doutrina que, como divino Mestre, nela ensinou. Numa palavra, quero que entendas que o meu mais elevado exercício e propósito foi imitá-lo sempre, em todas as suas obras.

Nisto consistiu a minha maior perfeição e santidade, e nisto quero que me sigas, segundo puderem tuas fracas forças, auxiliadas pela graça. Para fazê-lo, deves primeiro morrer a todas as inclinações de filha de Adão, sem dizer quero ou não quero, aceito ou recuso, por este ou aquele motivo. Tu ignoras o que te convém, e teu Senhor e Esposo que o sabe e te ama mais do que tu a ti mesma, quer cuidar disso, se te entregas toda à sua vontade. Só para ama-lo e imitá-lo no padecer te dou licença, pois no mais arriscas a te separares do seu e meu gosto.

Isto acontecerá, quando seguires tua vontade e as inclinações de teus desejos e apetites. Degola-os e sacrifica-os todos, eleva-te acima de ti mesma, para habitar com teu Senhor. Atende à luz de suas influências e à verdade de suas palavras de vida eterna **(Jo 6, 69).** Para o conseguires, toma tua cruz **(Mt 16, 24)** e segue seus passos, após a fragrância de seus perfumes **(Cânt 1, 3).** Esforça-te em procurá-lo e achando-o não o deixes mais **(Cânt 3, 4).**

CAPÍTULO 23

MARIA NA AUSÊNCIA DE SEU FILHO. SUAS OCUPAÇÕES COM OS SANTOS ANJOS.

Solidão de Maria

965. Com a falta da presença corporal do Redentor do mundo, ficaram os sentidos de sua amorosa Mãe como imersos em obscura sombra, por se haver eclipsado o claro sol de justiça que os iluminava e enchia de alegria. Não perdeu porém a visão interior de sua alma santíssima, nem um só grau da divina luz que a envolvia toda, elevando-a acima do supremo amor dos mais abrasados serafins.

Na ausência da humanidade santíssima, suas potências aplicar-se-iam unicamente no incomparável objeto da divindade. Por isto, organizou suas tarefas de modo que, retirada em sua casa, sem contato com as criaturas, pudesse entregar-se ao lazer da contemplação e louvor do Senhor.

Completamente entregue a este exercício, oferecia orações e súplicas para que a doutrina e semente da palavra que o Mestre da vida ia semear nos corações humanos, não se perdesse pela dureza da ingratidão, mas produzisse copioso fruto de vida eterna e salvação das almas.

Pela ciência que possuía das intenções do Verbo humanado, a prudentíssima Senhora abstraiu-se de tratar com qualquer criatura humana, para o imitar no jejum e solidão do deserto, conforme direi adiante[1]. Em tudo, foi vivo retrato de suas obras, tanto estando Ele presente como ausente.

1 - nº 990

Atos de Maria

966. Nestes exercícios ocupou-se a divina Senhora, sozinha em sua casa, durante os dias em que seu Filho santíssimo permaneceu fora.

Suas orações eram tão ardentes que derramava lágrimas de sangue chorando os pecados dos homens. Fazia todos os dias mais de duzentas genuflexões e prostrações em terra. Estimava muito este exercício, e o praticou durante toda a vida, como expressão de humildade, caridade e de incomparável reverência e culto a Deus. Sobre isto falarei muitas vezes no decurso desta História.

Com estes atos, ajudava seu Filho santíssimo e nosso Redentor, quando Ele estava ausente.

Tiveram estas súplicas tanta força e eficácia junto ao eterno Pai, que pelos méritos desta piedosa Mãe, e por estar Ela no mundo - a nosso modo de entender - o Senhor esqueceu os pecados de todos os mortais que então não mereciam a pregação e doutrina de seu Filho santíssimo. Este obstáculo foi removido pelos ardentes clamores e fervorosa caridade de Maria santíssima. Foi a medianeira que nos mereceu a graça de sermos instruídos por nosso Salvador e Mestre, e que nos fosse dada a lei do Evangelho pela própria boca do Redentor.

Maria e a saudade de Jesus

967. O tempo que sobrava à grande Rainha, depois que saía da mais eminente

contemplação e súplica, Ela o preenchia em palestras e colóquios com seus santos anjos. O Salvador lhes havia ordenado a assistirem em forma corporal, todo o tempo em que Ele estivesse ausente. Deste modo, deveriam servir seu tabernáculo e guardar a cidade santa de sua habitação. Obedientes em tudo, os diligentes ministros do Senhor serviam à sua Rainha, com admirável e digna reverência.

Sendo o amor tão ativo e pouco paciente na ausência do objeto que o atrai, não tem maior alívio do que falar de sua dor e justas razões, relembrar o amado, suas qualidades e excelências. Com estas palestras entretém suas penas, distrai sua dor, substituindo o original do bem-amado pelas imagens que lhe ficam na memória.

O mesmo acontecia à Mãe amantíssima do sumo e verdadeiro Bem, seu Filho santíssimo. Enquanto suas potências estavam mergulhadas no imenso oceano da Divindade, não sentia a falta corporal de seu Filho e Senhor. Voltando, porém, ao uso dos sentidos acostumados a tão amável presença, sua falta despertava imediatamente a força impaciente do amor mais intenso, casto e verdadeiro que nenhuma criatura pode calcular. Se não fosse divinamente fortalecida, a natureza não teria podido conservar a vida em tão violenta saudade.

Amorosas queixas de Maria

968. Para dar algum desafogo ao natural sentimento do coração, dirigia-se aos santos anjos, dizendo-lhes: Diligentes ministros do Altíssimo, obras das mãos de meu Amado, amigos e companheiros meus, dai-me notícias de meu querido Filho e Senhor. Dizei-me onde se encontra e dizei-lhe também que morro com a ausência de quem é minha vida. Oh! doce bem e amor de minha alma, onde está vossa formosura que ultrapassa a de todos os filhos dos homens **(Sl 44, 3)**? Onde descansareis vossa cabeça? Onde repousará de suas fadigas vossa delicadíssima e santa humanidade? Quem vos serve agora, luz de meus olhos? E, como cessarão minhas lágrimas, sem o claro sol que os iluminava? Onde, meu Filho, tomareis algum repouso? Onde o encontrará esta pobre e solitária avezinha? Que porto escolherá este barquinho combatido na solidão pelas vagas do amor? Onde encontrarei tranqüilidade? Oh! Amado de meus desejos, esquecer vossa presença que me dava a vida, não é possível! Pois, como o será viver com sua memória, mas sem sua posse? Que farei? Oh! quem me consolará e me fará companhia em minha amarga soledade? Que procuro, porém, entre as criaturas, e que acharei entre elas, se somente Vós me faltais, o único e o tudo que meu coração ama? Espíritos soberanos, dizei-me o que faz meu Senhor e meu Amado. Contai-me suas ocupações exteriores, e das interiores não me oculteis nada do que vos for revelado no divino espelho de sua face. Referi-me todos seus passos para que eu os siga e imite.

É consolada pelos anjos

969. Obedeceram os santos anjos à sua Rainha e Senhora e a consolaram na dor de suas amorosas queixas, falando-lhe do Altíssimo e tecendo grandiosos louvores da santíssima humanidade de seu Filho e suas perfeições.

Em seguida, davam-lhe notícias de todos os seus atos e dos lugares onde se encontrava. Faziam isso iluminando-lhe o entendimento, do modo como faz um anjo superior a outro inferior.

Esta era a forma espiritual com que Ela se comunicava interiormente com os anjos, sem embaraço do corpo e sem uso dos sentidos.

Desta maneira, informavam-na os divinos espíritos quando o Verbo humanado orava sozinho, quando ensinava aos homens, quando visitava os pobres e hospitais, e outras ações que a divina Senhora reproduzia na forma que lhe era possível. Assim, praticava magníficas e excelentes obras, como direi adiante(2), e com isto consolava-se um pouco de sua pena.

Maria envia seus anjos ao Senhor

970. Alguma vezes enviava os mesmos anjos para, em seu nome, visitarem seu dulcíssimo Filho. Dizia-lhes prudentíssimas palavras de grande peso e reverencial amor, e costumava dar-lhes alguma toalha, preparada por suas mãos, para enxugarem o venerável rosto do Salvador quando, na oração, o viam cansado a suar sangue. Sabia a divina Mãe que esta agonia lhe ia sendo mais frequente, na medida em que mais se ia dedicando às obras da Redenção.

Os anjos obedeciam sua Rainha com incrível reverência, porque entendiam que o Senhor aceitava o amoroso desejo de sua Mãe santíssima.

Outras vezes, por aviso dos mesmos anjos, ou por especial visão e revelação do Senhor, conhecia que Jesus orava nos montes, fazendo súplicas pelos homens. Em sua casa, acompanhava-o a misericordiosa Senhora, orando na mesma posição e pelas mesmas intenções.

Em algumas ocasiões mandava-lhe, pelos anjos, algum alimento, quando sabia que não havia quem o desse ao Senhor da criação.

Isto foi poucas vezes, porque como disse no capítulo passado(3), Jesus não quis que sua Mãe lho mandasse, tanto quanto Ela o desejava. Nos quarenta dias de jejum nada mandou, porque assim era vontade do mesmo Senhor.

2 - 971 - 3 - 958

Maria, coadjutora na redenção

971. Ocupava-se, outras vezes, a grande Senhora em fazer cânticos de louvor ao Altíssimo. Fazia-os sozinha na oração, ou em companhia dos santos anjos, alternando com eles. Estes cânticos eram todos sublimes no estilo e profundíssimos no sentido. Outras vezes, acudia às necessidades do próximo, à imitação de seu Filho. Visitava os enfermos, consolava os tristes e aflitos, esclarecia os ignorantes e a todos aperfeiçoava enchendo de graça e bens divinos.

Só durante os dias de jejum do Senhor, esteve encerrada sem se comunicar com ninguém, como direi adiante(4). Neste retiro e solidão, em que nossa divina Rainha e Mestra não tinha companhia de criatura humana, foram seus êxtases mais frequentes e contínuos. Neles recebeu incomparáveis dons e favores da divindade. A mão do Senhor n'Ela gravava, como em tela bem preparada, admiráveis cópias de suas infinitas perfeições.

Com estes dons e graça, Ela trabalhava pela salvação dos mortais, e tudo aplicava na mais perfeita imitação de seu Filho santíssimo, ajudando-o como coadjutora nas obras da Redenção.

Ainda que estes benefícios e comunicações íntimas com o Senhor não podiam ser desacompanhados de grande júbilo do Espírito Santo, na parte sensitiva Ela padecia, conforme havia pedido(5), para imitar Cristo, nosso Senhor, e participar de seus sofrimentos.

Neste desejo de o seguir no padecer era insaciável e, com incessante e ardentíssimo amor, o suplicava ao Pai eterno, renovando o sacrifício tão agradável que lhe fizera da vida de seu Filho e da sua, conforme a vontade do mesmo Senhor.

Vivia abrasada pelo incessante desejo e ânsias de sofrer pelo amado, de modo que padecia por não padecer.

4 - 990 - 5 - 960

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Sabedoria carnal

972. Minha filha caríssima, a sabedoria carnal tornou os homens ignorantes, estultos e inimigos de Deus, porque é diabólica, enganadora, terrena **(Tg 3, 15)** e não se sujeita à divina lei **(Rom 8, 7)**. Quanto mais estudam e trabalham os filhos de Adão por penetrar os maus fins de suas paixões carnais e animais, e os meios para consegui-los, tanto mais ignoram as coisas divinas para chegarem a seu verdadeiro e último destino. Nos filhos da Igreja, esta ignorância e prudência carnal é mais odiosa aos olhos do Altíssimo.

Com que direito, os filhos deste século querem chamar-se filhos de Deus, irmãos de Cristo e herdeiros de seus bens? O filho adotivo tem que ser, em todo o possível, semelhante ao natural. Um irmão não é de linhagem, nem de qualidades opostas às do outro. O herdeiro não tem este nome por receber uma parte qualquer dos bens do pai, mas sim quando goza dos bens e herança principal.

De acordo com isto, como serão herdeiros com Cristo os que só amam, desejam e procuram os bens terrenos e neles se comprazem? Como serão seus irmãos os que degeneram tanto de sua índole, doutrina e santa lei? Como serão semelhantes e conformes à sua imagem os que a apagam tantas vezes, e se deixam marcar outras tantas com a figura da besta infernal? **(Apoc 13, 4)**

Sabedoria espiritual

973. Na divina luz conheces, minha filha, estas verdades e quanto trabalhei para me assemelhar à imagem do Altíssimo, meu Filho e meu Senhor. Não penses que este tão alto conhecimento de minhas obras te foi dado sem finalidade. O meu desejo é que esta lembrança fique gravada em teu coração e esteja sempre diante de teus olhos, e por ela regules tua vida e tuas obras durante o resto de tua vida, que não pode ser muito longa.

O convívio com as criaturas não te embarace, nem te retarde no meu seguimento. Deixa-as, afasta-as, despreza-as quando te forem impedimento. Para progredires em minha escola quero-te pobre, humilde, desprezada, e em tudo de cara e coração alegre. Não acolhas a recompensa dos aplausos e afetos de ninguém, nem sigas querer humano. Não quer o Altíssimo que te ocupes com atenções tão inúteis e preocupações tão baixas e incompatíveis com o estado a que te chama.

Considera, com humilde atenção, as demonstrações de amor que dele recebeste, e o grande tesouro dos dons com que te enriqueceu. Não ignora isto Lúcifer e seus ministros, e armam-se de indignação e astúcia contra ti, não deixando pedra sem mover, para te destruir. Seu maior ataque será ao teu interior, alvo de sua astúcia e sagacidade.

Vive prevenida e vigilante, fecha as portas dos sentidos, guarda tua vontade sem fazer-lhe concessões em coisa humana, por boa e honesta que pareça. Se tirares qualquer coisa do amor que deves a Deus, no modo como Ele o deseja, esta falha abrirá a porta a teus inimigos. Todo o reino de Deus está dentro de ti **(Lc 17, 21)** e aí acharás o bem que desejas.

Não esqueças o meu ensinamento, guarda-o no coração, e adverte que é grande o perigo e prejuízo que te quero evitar. Participar de minha semelhança e imitação é o maior bem que podes desejar. Com grande clemência, inclino-me a concedê-lo se te dispões com pensamentos elevados, palavras santas e ações perfeitas, que te conduzem ao estado no qual o Todopoderoso e eu te queremos estabelecer.

CAPÍTULO 24

JESUS É BATIZADO POR SÃO JOÃO NAS MARGENS DO JORDÃO. SÃO JOÃO PEDE SER BATIZADO PELO SENHOR.

Jesus dirige-se ao rio Jordão

974. Deixando nosso Redentor sua amorosa Mãe na pobre casa de Nazaré, sem companhia de criaturas humanas, mas ocupada nos exercícios de ardente caridade, conforme referi[1], prosseguiu o Senhor em direção ao Jordão. João, o seu precursor, ali estava pregando **(Mt 3, 1 e seg.)** próximo a Betânia na outra margem do rio, também chamada Betabara.

Saindo de casa, aos primeiros passos, nosso divino Redentor elevou os olhos ao eterno Pai, e com sua ardentíssima caridade lhe ofereceu tudo o que novamente empreendia a favor dos homens: os trabalhos, dores, paixão e morte de cruz que por eles queria sofrer, em obediência à vontade eterna do mesmo Pai; a natural dor que sentiu, como verdadeiro e obediente Filho, em deixar sua Mãe, privando-se da sua doce companhia que gozara por vinte anos.

Caminhava o Senhor das criaturas sozinho, sem aparato, nem comitiva. O supremo Rei dos reis e Senhor dos senhores **(Apoc 19, 16)** ia desconhecido, sem a estima dos vassalos, tão seus, que só por sua vontade tinham recebido a existência e a conservação **(Apoc 4, 11)**. Por equipagem levava extrema e suma pobreza.

Consideração da Escritora

975. Os sagrados Evangelistas passaram em silêncio estes atos do Salvador e suas circunstâncias tão dignas de atenção. Não obstante, sucederam realmente. Nosso grosseiro esquecimento, tão mal acostumado a não agradecer os que nos deixaram escritos, menos ainda nos leva a meditarmos na imensidade dos favores que recebemos e naquele amor, sem falha e sem medida, com que tão copiosamente nos enriqueceu e que, com tantos vínculos de oficiosa caridade nos quis atrair a Si. **(Os 11. 4)**.

Oh! amor eterno do Unigênito do Pai! Oh! bem meu e vida de minha alma! Quão mal conhecida e menos agradecida esta vossa ardentíssima caridade! Porque, Senhor, meu doce amor, tanta fineza, desvelo e sacrifício por quem não vos faz falta e ainda não há de corresponder nem atender a favores, como se fossem imaginários ou de comédia? Oh! coração humano, mais rude e cruel que o das feras! Quem te endurece tanto? Quem te impede, tiraniza e te faz tão pesado e inerte para não caminhar ao agradecimento de teu Benfeitor?

Oh! triste cegueira do entendimento dos homens! Que letargo mortal sofreis! Quem apagou de vossa memória verdades tão infalíveis, benefícios tão memoráveis e vossa verdadeira felicidade? Se somos de carne, e tão sensíveis, quem nos tornou mais insensíveis e duros que as pedras inanimadas? Como não despertamos e não recuperamos algum sentido, com os clamores dos benefícios de nossa Redenção? À palavra de um Profeta

1 - 971

(Ez 37, 10), ossos ressequidos reviveram e se movimentaram, enquanto nós resistimos às palavras e às obras d'Aquele que a tudo dá vida e existência. Tanto pode o amor às coisas da terra, e o nosso esquecimento.

Afetos da Escritora

976. Recebei, pois, agora, Senhor meu e luz de minha alma, a este vil bichinho que, se arrastando pela terra, sai ao encontro dos formosos passos que dais em sua procura. Eles são a esperança certa de achar em vós a verdade, o caminho, a benignidade e a vida eterna. Nada tenho, meu amado, para vos oferecer como agradecimento, senão vossa própria bondade e amor e o ser que de vós recebi, pois só vós podeis ser a paga do infinito que por mim fizeste.

Sedenta de vosso amor, saio ao caminho. Não queirais, Senhor, vos desviar nem afastar os olhos de vossa real clemência desta pobre que buscais com solícita e amorosa diligência. Vida de minha alma e alma de minha vida, já que não tive a grande felicidade de merecer gozar de vossa presença corporal naqueles ditosíssimos dias, pelo menos sou filha de vossa santa Igreja, parte deste corpo místico e desta santa congregação de fiéis.

Nesta perigosa existência, de natureza frágil, vivendo em tempos de calamidade e tribulações, clamo do fundo do coração por vossos infinitos merecimentos. Para ter parte neles, a santa fé mos garante, a esperança mos assegura e a caridade me dá direito a eles. Olhai, pois a esta humilde escrava para me fazer agradecida a tantos benefícios, sensível de coração, perseverante no amor e toda do vosso agrado e maior beneplácito.

São João Batista aguarda o Salvador

977. Prosseguiu nosso Salvador em direção ao Jordão, derramando suas antigas misericórdias, em graças para o corpo e alma, de muitos necessitados. Fazia-o porém, de modo oculto, porque até o Batismo não fôra dado testemunho público de seu poder divino e grande excelência.

Antes de chegar à presença do Batista, enviou ao coração do Santo nova luz e júbilo que elevou seu espírito. Sentindo São João estes efeitos, admirado, perguntava-se: Que mistério é este? Será presságio feliz? Pois desde que, no seio de minha mãe, senti a presença do meu Senhor, não mais experimentei tais efeitos como agora. Será que, por felicidade, o Salvador do mundo vem a meu encontro?

A esta ilustração, seguiu-se para o Batista uma visão intelectual, na qual conheceu, com maior clareza, o mistério da união hipostática na pessoa do Verbo, e outros da redenção humana. Em virtude desta nova luz é que deu os testemunhos referidos pelo evangelista São João, enquanto Cristo estava no deserto, e depois que dele saiu e voltou ao Jordão. Um deles foi como resposta às perguntas dos judeus, e o outro quando declarou: Eis o Cordeiro de Deus, etc **(Jo 1, 13)**, como adiante direi[2].

O Batista já conhecera estes mistérios ao receber do Senhor a ordem para pregar e batizar, mas nesta visão, este conhecimento foi renovado com maior clareza e profundidade, ficando ciente de que o Salvador do mundo vinha lhe pedir o batismo.

Testemunho de João Batista

978. Chegou, pois, Jesus entre os demais, e pediu a São João que o batizasse como aos outros. Conheceu-o o Batista e prostrando-se a seus pés, lhe disse: Eu é que devo ser por vós batizado, e vindes pedir-me o batismo? Como refere o evangelista S. Mateus **(3, 14)**.

2 - nºs 1010 - 1017

Respondeu o Salvador: Deixa-me agora fazer o que desejo, pois assim convém cumprir toda a justiça **(Mt 3, 15)**. A atitude do Batista, recusando-se a batizar Cristo nosso Senhor, e pedindo-lhe o batismo, deu a entender que o reconheceu por verdadeiro Messias.

Isto não contradiz as palavras que São João evangelista **(Jo 1,33)** refere do Batista, quando disse aos Judeus: Eu não o conhecia; O que porém, me enviou a batizar em água, me disse: Aquele sobre quem vires descer o Espírito Santo, esse é que batiza no Espírito Santo. Eu o vi e dei testemunho de que este é o Filho de Deus.

A razão de não haver contradição nestas palavras de João com as de Mateus, é porque o testemunho do céu, a que o Batista se refere, foi na visão e conhecimento que fica dito[3], e até então ele não vira a Cristo ocularmente. Era este conhecimento ocular que o Batista declarou não ter tido, até que viu Jesus corporalmente. Ao vê-lo, e instruído pela luz da revelação, prostrou-se aos pés do Redentor, pedindo-lhe o batismo.

Revelação da Santíssima Trindade

979. Acabando São João de batizar Cristo nosso Senhor, abriu-se o céu e desceu o Espírito Santo visivelmente na forma de pomba sobre sua cabeça. Ao mesmo tempo, ouviu-se a voz do Pai que disse **(Mt 3, 17)**: Este é meu Filho amado em quem tenho meu agrado e complacência.

Esta voz do céu foi ouvida por muitos dos circunstantes que não desmereceram tão admirável favor, e viram também o Espírito Santo na forma que veio sobre o Salvador. Este foi o maior testemunho da divindade de nosso Redentor, que poderia ser dado, tanto por parte do Pai que o declarava seu Filho, como por parte das demais circunstâncias. Em tudo se manifestava que Cristo era Deus verdadeiro, igual a seu eterno Pai na substância e perfeição infinitas.

Quis o Pai ser o primeiro a testificar, do céu, a divindade de Cristo, para que em virtude de seu testemunho, ficassem autorizados todos quantos depois seriam dados no mundo.

Teve ainda outro mistério esta voz do Pai. Foi como defesa do crédito de seu Filho, recompensando-lhe a humilhação de receber o batismo que servia para remédio do pecado que o Verbo humanado não tinha, pois era impecável **(Heb 7, 26)**.

Os méritos da humildade de Cristo

980. O ato de humilhar-se na forma de pecador, recebendo o batismo com os que eram pecadores, Cristo ofereceu ao Pai, por obediência, e para se reconhecer inferior quanto à sua natureza humana, comum aos demais filhos de Adão. Quis, por este modo, instituir o sacramento do

3 - nº 977

Batismo que, em virtude de seus méritos, havia de tirar os pecados do mundo.

Humilhando-se a receber, antes de todos, o Batismo das culpas, pediu e alcançou do eterno Pai, o perdão total para todos os que o recebessem **(1 Ped 3, 21)**. Seriam libertados da tirania do demônio e do pecado, sendo regenerados em novo ser espiritual e sobrenatural, como filhos adotivos do Altíssimo e irmãos de seu Redentor, Cristo Senhor nosso.

Os pecados dos homens, passados, presentes e futuros, todos conhecidos pela sabedoria do eterno Pai, desmereciam este remédio tão suave e fácil, mas Cristo nosso Senhor o mereceu por justiça, para que a equidade do Pai o aceitasse e se desse por satisfeito. Isto, não obstante, saber que muitos dos mortais não se aproveitariam do Batismo recebido, e outros inumeráveis não o aceitariam.

Todos estes impedimentos e óbices dos que iam desmerecer tal sacramento, Cristo nosso Senhor removeu e satisfez pelo mérito de se humilhar a receber o Batismo na aparência de pecador, **(Rom 8, 3)** sendo inocente.

Todos estes mistérios estavam encerrados naquelas palavras que disse ao Batista **(Mt 3, 15)**: Deixa agora, pois assim convém cumprir toda a justiça.

Para acreditar o Verbo humanado, recompensar sua humildade e aprovar o Batismo e seus efeitos, desceu a voz do Pai, e a pessoa do Espírito Santo **(Mt 16, 17)**, e Cristo foi declarado Filho de Deus verdadeiro. Assim se manifestaram as três Pessoas em cujo nome seria conferido o Batismo.

Cristo batiza o Precursor

981. O grande João Batista foi o mais agraciado por esses prodígios e seus efeitos. Batizou seu Redentor e Mestre; viu o Espírito Santo; o globo da luz celeste que desceu sobre Jesus com inumerável multidão de anjos que assistiam seu batismo; ouviu e entendeu a voz do Pai, e conheceu outros mistérios dessa visão e revelação.

Além de tudo isto, foi batizado pelo Redentor. O Evangelho só diz que o Batista o pediu **(Mt 3, 14)**, mas não nega que o recebeu.

Cristo, nosso Senhor, depois de ter recebido o batismo, conferiu-o a seu Precursor. Ainda que o tivesse instituído nesta ocasião, só promulgou e ordenou seu uso geral mais tarde, após sua ressurreição **(Mt 28, 19; Mc 16, 15)**.

Como adiante direi[4] batizou também sua Mãe santíssima antes dessa promulgação, na qual ordenou a forma desse Sacramento.

Assim, entendi que São João foi o primogênito do Batismo de Cristo nosso Senhor e da nova Igreja que fundava sob este Sacramento. Por ele, o Batista recebeu o caráter de cristão e grande graça, ainda que não tivesse pecado original a ser perdoado, pois dele já fora justificado pelo Redentor antes de nascer, como fica dito em seu lugar[5].

Por aquelas palavras que lhe disse o Senhor - deixa agora, que convém cumprir toda a justiça - não lhe negou o batismo, mas adiou-o para depois que o próprio Redentor fosse batizado em primeiro lugar e assim se cumprisse toda a justiça. Depois que o batizou, Jesus deu-lhe a bênção, e em seguida retirou-se ao deserto.

Atos de Maria na ocasião do Batismo de Cristo

982. Volto agora a falar de nossa grande Rainha e Senhora. Logo que seu Filho santíssimo foi batizado, ainda que tinha luz divina de suas ações, foi informada pelos santos anjos que assistiam o Senhor, de tudo quanto acontecera no Jordão. Estes anjos eram daqueles que levavam os distintivos da paixão do Salvador, conforme disse na primeira parte[6]

4 - nº 1030 e seg. - 5 - nº 218, visitação - 6 - 1ª p. nº 373

Por estes mistérios do Batismo que Ele havia recebido e ordenado, e pelo testemunho de sua divindade, fez a prudente Mãe novos hinos e cânticos de louvor e incomparável agradecimento ao Altíssimo e ao Verbo humanado. Imitou os atos de humildade e súplica do divino Mestre, fazendo outros muitos e acompanhando-o em todos. Com fervorosíssima caridade, pediu para que todos os homens se aproveitassem do sacramento do Batismo e que ele fosse propagado em todo o mundo. Além dos atos que fez pessoalmente, a Senhora convidou os cortesãos celestiais para a ajudarem a enaltecer seu Filho santíssimo, por se haver humilhado a receber o batismo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Gratidão

983. Minha filha, mostrando-te repetidas vezes as obras que meu Filho realizou pelos homens, e quanto eu as agradecia e estimava, entenderás como é agradável ao Altíssimo esta fiel atenção e correspondência, e os ocultos e grandes bens que nela se encerram. Na casa do Senhor és pobre, pecadora, pequena e sem valor como o pó. Apesar disso, quero que tomes por tua conta dar incessantes graças ao Verbo humanado pelo amor que teve aos filhos de Adão e pela lei santa, imaculada, eficiente e perfeita que lhes deu para se salvarem.

Em particular, agradece a instituição do santo Batismo, pelo qual são libertos do demônio, recriados como filhos do Senhor **(Jo 3, 5)**, com graça que justifica e auxilia a não pecarem. Esta obrigação é de todos, mas quando muitos a esquecem, imponho-a a ti para que à minha imitação procures agradecer por todos, como se fosses a única devedora. De fato o és em outros benefícios do Senhor, porque com ninguém Ele se mostrou mais liberal do que contigo.

Estiveste presente em sua memória, quando Ele fundou a lei evangélica e os sacramentos, e no amor com que te escolheu e chamou para filha de sua Igreja, onde te alimenta com o fruto de seu sangue.

Humildade

984. O autor da graça, meu Filho santíssimo, para fundar, como prudente e sábio artífice, sua Igreja evangélica e assentar a primeira base deste edifício com o sacramento do Batismo, humilhou-se, rezou, procurou e cumpriu toda a justiça. Reconheceu a inferioridade de sua humanidade santíssima, e sendo Deus, não se dedignou, enquanto homem, humilhar-se até o nada de que foi criada sua alma puríssima e formado seu ser humano. Como não deverás te humilhar, tu que cometeste culpas e és menos que o pó e a cinza desprezível? Confessa que, por justiça, só mereces o castigo e a aversão de todas as criaturas.

Nenhum dos mortais que ofenderam seu Criador e Redentor pode dizer que se lhes faz agravo e injustiça quando sofrem aflições, ainda que fossem todas as tribulações que houve desde o princípio até o fim do mundo. Já que, em Adão, todos pecaram **(1 Cor 15, 22)**, devem humilhar-se e se conformar quando os tocar a mão do Senhor **(Jó 19, 21)**. Se tu padecesses todas as penas do mundo com humilde coração, e ainda praticasses perfeitamente tudo quanto te admoesto, ensino e ordeno, sempre te deves considerar serva inútil **(Lc 17, 10)**.

Quanto, então, não te deves humilhar de todo o coração, pois que faltas em cumprir o que deves e correspondes tão pouco ao muito que recebes? Se eu quero que retribuas por ti e pelos outros, considera bem tua obrigação e prepara teu ânimo humilhando-te até o pó. Assim não serás remissa e não te sentirás satisfeita, senão quando o Altíssimo te receber por filha na sua presença e na visão eterna da celestial e triunfante Jerusalém.

São João Batista batiza Jesus.

CAPÍTULO 25

DEPOIS DO BATISMO, CRISTO DIRIGE-SE AO DESERTO, ONDE VENCE NOSSOS VÍCIOS COM SUAS VIRTUDES. SUA MÃE SSMA. O IMITA PERFEITAMENTE.

Cristo combate para nos obter vitória

985. Com o testemunho que a suma Verdade apresentara no Jordão, sobre a divindade de Cristo, nosso Senhor e Mestre, ficou tão credenciada sua pessoa e a doutrina que havia de pregar, que logo pôde começar a ensiná-la e a se dar a conhecer. Confirmada pelos seus milagres, obras e vida, todos poderiam reconhece-lo como Filho, por natureza, do eterno Pai, pelo Messias de Israel e Salvador do mundo.

Com tudo isso, não quis o Mestre da santidade começar a pregação, nem ser reconhecido por nosso Redentor, sem antes triunfar de nossos inimigos - mundo, carne, demônio - a fim de que pudéssemos vencer os enganos por eles sempre forjados. Com suas heróicas virtudes, Jesus nos daria as primeiras lições da vida cristã e espiritual, enviando-nos a combater e a vencer por suas vitórias. Com estas, foi o primeiro a quebrantar a força destes comuns inimigos, a fim de que nossa fraqueza os encontrasse debilitados, a não ser que por nossa própria vontade quiséssemos restituir-lhes a força.

Enquanto Deus, Jesus era infinitamente superior ao demônio. Enquanto homem, não tinha pecado **(1 Ped 2, 22)**, mas suma santidade e domínio sobre todas as criaturas. Não obstante, quis como homem santo e justo, vencer os vícios e seu autor, expondo sua humanidade santíssima ao combate da tentação e dissimulando, para isto, a superioridade que possuía sobre os inimigos invisíveis.

Cristo vence o mundo, a carne e o demônio

986. Pelo seu retiro, Cristo nosso Senhor venceu e nos ensinou a vencer o mundo. É verdade, que este costuma ignorar aos que não necessita para fins terrenos, e se não o procuram, também não vai atrás deles. Contudo, aquele que verdadeiramente despreza o mundo há de demonstrar, afastando-se dele, o quanto for possível, pelos afetos e pelos atos.

Cristo venceu também a carne, e ensinou-nos a vencê-la pela penitência de tão prolongado jejum, com que afligiu seu corpo inocentíssimo que não oferecia oposição ao bem, nem tinha paixões inclinadas ao mal.

Ao demônio venceu com a doutrina da verdade, como direi adiante[1], pois todas as tentações deste pai da mentira, costumam vir disfarçadas e encobertas com falsidades.

Em começar a pregação e se dar a conhecer ao mundo, não antes e sim depois destas vitórias, nosso Redentor nos ofereceu outro ensinamento: alertou-nos do perigo que corre nossa fragilidade, em acolher as honras do mundo, ainda que seja por favores recebidos do céu, quando

1 - nº 997

ainda não estamos mortos às paixões e não vencemos ainda nossos comuns inimigos. Se o aplauso dos homens nos encontra imortificados, vivos, abrigando no íntimo os inimigos domésticos, pouca segurança terão os favores e benefícios do Senhor. Até os mais pesados montes podem ser abalados pela vanglória do mundo.

A nós compete convencer-nos de que levamos o tesouro em recipientes quebradiços **(2 Cor 4, 7)**. Quando Deus quiser exaltar a força de sua graça em nossa fraqueza, Ele saberá com que meios há de assegurar e ostentar suas obras. A nós incumbe e pertence unicamente a sombra e o apagamento.

Cristo chega ao deserto

987. Depois que se despediu do Batista no Jordão, Cristo prosseguiu em direção ao deserto sem deter-se no caminho. Ia acompanhado apenas pelos anjos que o serviam como a Rei e Senhor, louvando-o com cânticos, pelo que ia realizando a favor da salvação da natureza humana.

Chegou ao lugar que havia escolhido **(Lc 4, 1)**. Era uma região desabitada entre penhascos áridos. Entre estes havia uma gruta escondida que Ele escolheu para pousar, nos dias de seu santo jejum. Prostrou-se em terra e apegou-se a ela com prudentíssima humildade. Era sempre esta a introdução que Ele e sua Mãe santíssima usavam para começar a orar.

Adorou o eterno Pai; deu-lhe graças pelas obras de seu poder, e por lhe ter proporcionado aquele lugar e solidão apropriada para seu retiro. Ao deserto agradeceu por recebe-lo e escondê-lo do mundo, durante o tempo que convinha estar assim.

Continuou Jesus sua oração em posição de cruz, e esta foi a sua mais frequente ocupação no deserto, pedindo ao eterno Pai pela salvação humana. Algumas vezes, nestas súplicas suava sangue, pela razão que direi quando falar de sua oração no jardim das oliveiras.

Saudação dos animais

988. Muitos animais silvestres vinham ao encontro de seu Criador, quando andava por aqueles campos. Com admirável instinto o reconheciam e como que o saudavam com seus bramidos e movimentos. Muito mais expansivas foram as aves que vieram em grandes bandos. Com belos gorjeios o festejavam e, a seu modo, agradeciam-lhe por te-las favorecido com sua companhia, santificando aquele êrmo com sua real e divina presença.

Começou Jesus o jejum, sem comer coisa alguma nos quarenta dias que ali esteve. Ofereceu-o ao Pai em reparação dos vícios e desordens que os homens cometem pela gula, vício tão baixo mas tão aceito e até exaltado no mundo, sem nenhum acanhamento. Do mesmo modo, Cristo nosso Senhor venceu todos os outros vícios e compensou as injúrias feitas ao supremo Legislador e Juiz dos homens.

Segundo compreendi, nosso Salvador assumiu o ofício de pregador e mestre, tornou-se redentor e mediador junto ao Pai, venceu todos os vícios dos mortais e reparou suas ofensas, com o exercício das virtudes opostas ao mundo. Pelo jejum reparou nossa gula, e ainda que o praticou durante toda sua vida santíssima com ardente caridade, destinou para este fim, especialmente, os atos de infinito valor deste jejum no deserto.

Pelas virtudes, Cristo reparou nossos vícios

989. Semelhante a bondoso pai de muitos filhos delinqüentes, merecedores de horrendos castigos, que vai oferecendo

seus bens para satisfazer por todos e livrá-los das penas que deveriam sofrer, assim, nosso amoroso Pai e Irmão Jesus, pagava nossas dívidas: em desagravo de nossa soberba, ofereceu sua profundíssima humildade; para compensar nossa avareza, a pobreza voluntária e o despojamento de qualquer propriedade; pelos torpes prazeres humanos, ofereceu sua penitência e austeridade; pela ira e vingança, sua mansidão e caridade com os inimigos; por nossa preguiça e lentidão, sua diligentíssima solicitude; e pelas falsidades e invejas dos homens, oferecia sua leal e cândida sinceridade, veracidade, doçura e amor no trato com o próximo.

Deste modo, ia aplacando o justo Juiz e solicitando o perdão para os filhos desnaturados e desobedientes. Não só alcançou-lhes perdão, mas ainda mereceu-lhes nova graça, dons e auxílios para nos conquistar sua eterna companhia, a visão do Pai e a participação na herança de sua glória por toda a eternidade.

Teria podido conseguir tudo isto com o menor de seus atos, como nós teríamos feito em seu lugar. Ele, porém, transbordou seu amor em tantas provas, para que nossa ingratidão e dureza não tivessem desculpa nenhuma.

O jejum de Maria santíssima

990. Para ter notícia de tudo o que o Salvador fazia, poderia bastar à sua divina Mãe, as contínuas visões e revelações que recebia. Mas, além destas, sua maternal solicitude enviava a seu Filho santíssimo mensagens pelos santos anjos.

Assim dispunha o Senhor para, por meio de tão fiéis embaixadores, os sentidos recebessem as mesmas impressões formadas em seus corações. Os anjos as comunicavam nas mesmas palavras que saiam da boca de Jesus para Maria e desta para Jesus, embora ambos já as houvessem conhecido por outro modo.

Logo que a grande Senhora soube que nosso amado Salvador dirigia-se para o deserto e a intenção que o levava, fechou-se em casa. Foi tal o seu retiro, que até os vizinhos pensaram que se havia ausentado como seu Filho santíssimo. Recolheu-se ao seu oratório e ali permaneceu quarenta dias e quarenta noites, sem sair e sem comer coisa alguma, como sabia estar fazendo seu Filho santíssimo. Ambos guardaram o jejum na mesma forma e rigor.

Acompanhou o Senhor nos demais atos, sem deixar nenhum: orações, súplicas, prostrações, genuflexões. Fazia-os ao mesmo tempo que Ele, pois para tanto deixara qualquer outra ocupação.

Fora dos avisos que lhes davam os anjos, usava ainda aquele privilégio de que falei outras vezes: o de conhecer todas as operações da alma de seu Filho santíssimo, quer estivesse Ele presente, quer ausente. Suas orações corporais que antes conhecia pelos sentidos, quando estavam

juntos, depois conhecia por visão intelectual ou por informação dos santos anjos.

Maria, corredentora e medianeira

991. Enquanto esteve no deserto, nosso Salvador fazia trezentas genuflexões e prostrações por dia, e em seu oratório a Rainha Mãe as repetia. O tempo que lhe sobrava, preenchia-o ordinariamente em fazer cânticos com os anjos, como disse no capítulo passado[2].

Nesta imitação de Cristo, nosso Senhor, a divina Rainha cooperou em todas as orações do Salvador. Alcançou as mesmas vitórias sobre os vícios e, na respectiva medida, os reparou com suas heróicas virtudes.

Visto isso, se Cristo, como nosso Redentor nos mereceu tantos bens e pagou nossas dívidas condignissimamente, Maria santíssima, sua coadjutora e Mãe nossa, interpos sua misericordiosa intercessão junto a ele, e foi medianeira, na medida possível a uma pura criatura.

DOUTRINA QUE ME DEU A MESMA RAINHA E SENHORA NOSSA.

Pecado e reparação

992. Minha filha, as obras de mortificação corporal são próprias e legítimas das criaturas mortais. A ignorância desta verdade, o esquecimento e desprezo da obrigação de abraçar a cruz, têm perdido a muitas almas, e a outras põem no mesmo perigo. O primeiro motivo que obriga os homens a afligir e mortificar a carne, é terem sido concebidos em pecado **(Sl 50, 7)**.

Por este, toda a natureza humana ficou depravada, as paixões rebeldes à razão, inclinadas ao mal e opostas ao espírito **(Rom 7, 23)**. Deixadas à sua propensão, arrastam a alma de um vício para outro. Se, porém, refreia-se esta fera com o freio da mortificação e penalidades, tira-se-lhe a tirania, enquanto a razão e a luz da verdade passam a ser superiores.

O segundo motivo é porque nenhum dos mortais deixou de pecar contra Deus. A culpa, necessariamente, exige a pena e castigo, nesta ou na outra vida. Visto que corpo e alma pecam juntos, por reta justiça ambos devem ser punidos. Não basta a dor íntima, se a carne foge de padecer a pena que lhe compete. Como a dívida é grande, e limitada é a satisfação do réu, ainda que faça muito durante toda a vida, não deve descansar até o fim dela, pois não sabe se já terá satisfeito o juiz.

Exemplo de Cristo e Maria

993. Imensamente liberal é a divina clemência com os homens. Se se prontificam a reparar seus pecados com a pouca penitência que podem, o Senhor se dá por satisfeito das ofensas recebidas, e ainda obriga-se, por sua palavra, a lhes dar novos dons e recompensas.

Apesar disto, os servos prudentes e fiéis que verdadeiramente amam a seu Senhor, devem procurar acrescentar livremente outras obras. O devedor que só cuida em saldar as dívidas, ficará pobre e sem bens, se nada sobrar e se não tratar de fazer novas aquisições. Assim sendo, que deverão esperar os que nem pagam, nem fazem nada para isso?

O terceiro motivo que deveria estimular mais as almas, é a imitação e seguimento de seu divino Mestre e Senhor. Sem termos culpas e paixões, Ele e eu nos sacrificamos ao trabalho, e toda nossa vida foi contínua mortificação da carne. Convinha que, por este caminho, o Senhor entrasse na glória **(Lc 24, 26)** de seu corpo e de seu nome, e que eu o seguisse em tudo. Se houve razão para agirmos assim, qual é a dos homens em

2 - nº 982

procurar outro caminho, em vida suave, cômoda, de prazer e deleite? Porque detestam e fogem de todas as penas, afrontas, ignomínias, jejuns e mortificações? Foram elas só para Cristo e para mim, enquanto os réus, devedores e merecedores das penas ficam no descanso, entregues às feias inclinações da carne? As capacidades que receberam para empregar no serviço de Cristo, meu Senhor, deverão ser aplicadas no obséquio de seus deleites e do demônio que as suscita? Este absurdo, tão comum entre os filhos de Adão, irritam muito a indignação do justo Juiz.

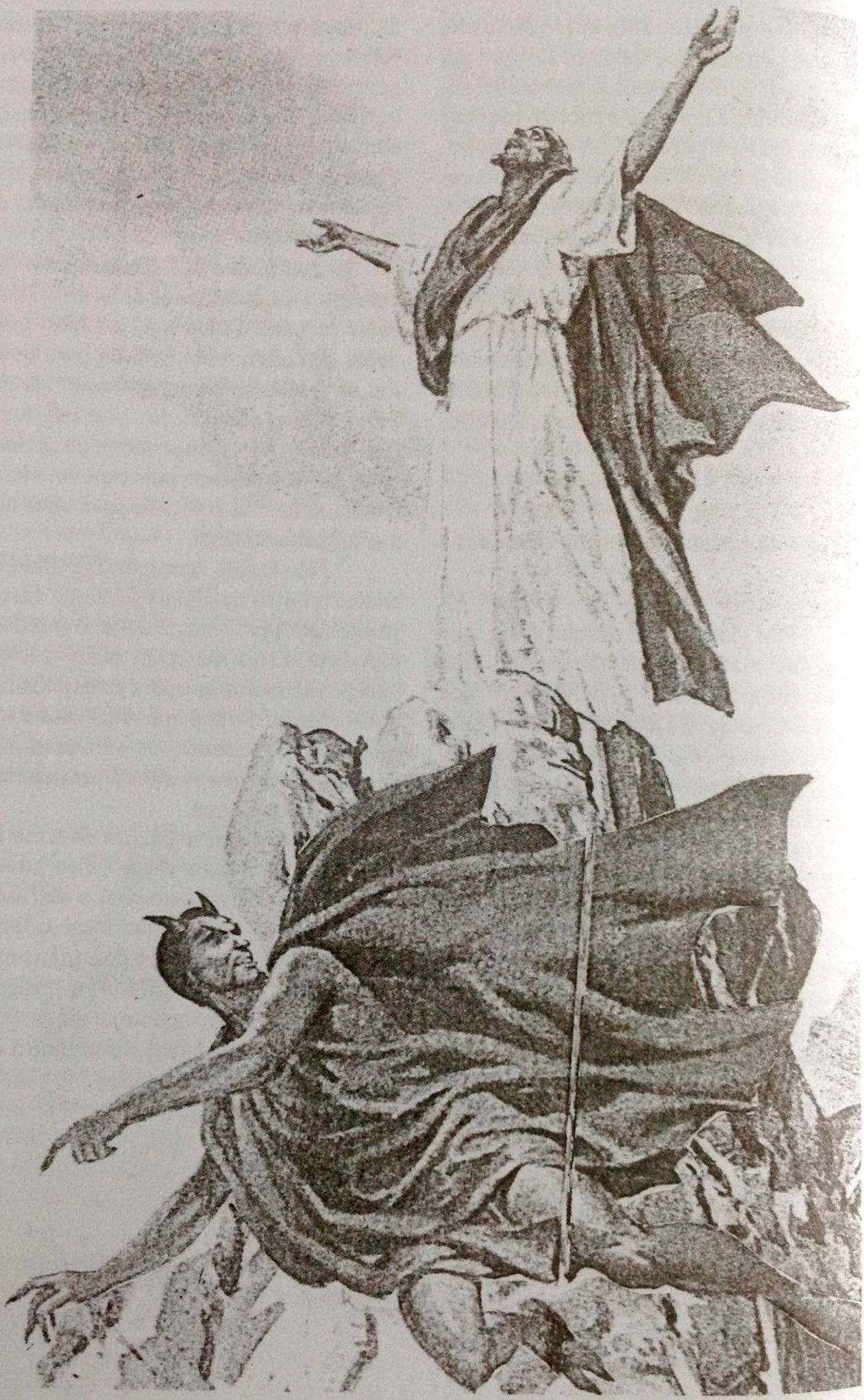
Os atos de Cristo conferem valor aos nossos

994. Verdade é, minha filha, que as penas e aflições de meu santíssimo Filho compensaram a deficiência dos méritos humanos. De minha parte, como pura criatura e como que substituindo todas as demais, também cooperei com Ele, pela imitação perfeita em suas penas e exercícios. Isto, porém, não teve a finalidade de dispensar os homens da penitência, antes foi para encorajá-los a ela. Não seria necessário padecer tanto, só para satisfazer por eles. Como verdadeiro pai e irmão, quis também meu Filho santíssimo conferir valor às obras e penitências dos que o seguissem, pois as ações das criaturas seriam de pouco valor aos olhos de Deus, se não o recebessem das de meu Filho santíssimo. Se isto é verdade a respeito das obras inteiramente virtuosas e perfeitas, que será das que levam consigo tantas falhas e imperfeições? Mesmo em matéria de virtude, os mais espirituais e justos têm muito que suprir e emendar em suas obras.

Que se dirá das demais que levam consigo tantas falhas e defeitos? Todas estas lacunas foram preenchidas pelas ações de Cristo, meu Senhor, para que o Pai as recebesse como se fossem de seu Filho. Quem não procura fazer algumas, mas vive ocioso, tampouco pode aplicar-se as de seu Redentor, pois estas não terão o que completar e aperfeiçoar, mas sim muito para condenar.

Não te falo agora, minha filha, do execrável erro de alguns fiéis que fazem penitência por sensualidade e vaidade mundana. Estes merecem maior castigo pela penitência do que por outros pecados, pois ligam às obras penais fins vãos e imperfeitos, esquecendo os sobrenaturais, que são os que dão méritos à penitência e vida da graça à alma.

Noutra ocasião, se for necessário, falar-te-ei sobre isto. Agora, fica advertida para chorar tal cegueira, e instruída para trabalhar, mesmo que fosse o tanto que trabalharam os Apóstolos, mártires e confessores. Castiga teu corpo, progredindo sempre, e achando que ainda falta muito, pois a vida é breve e tu muito incapaz de pagar o que deves.



Jesus vence o tentador.

CAPÍTULO 26

CRISTO PERMITE SER TENTADO POR LÚCIFER, DEPOIS DO JEJUM. O SENHOR O VENCE, E SUA MÃE SSMA. TEM NOTÍCIA DO QUE SE PASSOU.

Lúcifer aproxima-se de Cristo

995. No capítulo 20 deste livro[1], foi dito como Lúcifer saiu das cavernas infernais à procura de nosso divino Mestre para tentá-lo, e que o Senhor dele se ocultou até ir ao deserto onde, pelo fim do jejum de quarenta dias, permitiu que o tentador se aproximasse, como diz o Evangelho **(Mt 4, 2).**

Chegou ao deserto o Maligno e vendo sozinho a quem procurava, alvoroçou-se muito ao verificar que estava sem sua Mãe santíssima, a quem Ele e seus ministros das trevas, chamavam "inimiga" pelas derrotas que d'Ela haviam sofrido. Como não haviam entrado em combate com nosso Salvador, presumia a soberba do dragão que, ausente a Mãe santíssima, a vitória sobre o Filho seria certa.

Chegando, porém, a conhecer de perto o combatente, sentiram grande temor e covardia. Não o reconheceram como Deus verdadeiro, nem disso suspeitavam, vendo-o tão só e humilde. Também não tinham ainda medido forças com Ele, mas só com a divina Senhora. Apesar de tudo, ao vê-lo tão tranqüilo, com semblante tão cheio de majestade, praticando atos tão perfeitos e heróicos, foram tomados de grande medo.

Aquele proceder e virtude não eram como os dos outros homens a quem tentavam e venciam tão facilmente. Conferindo a situação com seus ministros, disse Lúcifer: Que homem é este, tão severo para com os vícios dos quais nos valemos para tentar os outros? Se está tão alheio ao mundo, tão mortificado e senhor de sua carne, por onde entraremos a tentá-lo? Como esperar vitória, se nos privou das armas com que fazemos guerra aos homens? Desconfio muito desta batalha.

Tanto assim vale e tanta força tem o desprezo das coisas terrenas e o domínio da carne, que aterroriza ao demônio e a todo o inferno. Sua soberba não cresceria tanto, se antes de chegar a tentá-los não encontrasse os homens já sujeitos a estes infelizes tiranos.

Oração de Cristo

996. Cristo, nosso Salvador, quis deixar Lúcifer no engano de O julgar puro homem, ainda que justo e muito santo, para que reforçasse sua astúcia e malícia para a batalha, como costuma fazer quando reconhece tais vantagens nos que deseja tentar.

Encorajando-se o dragão com a própria arrogância, começou o mais forte duelo que jamais se vira nem será visto no mundo, entre homens e demônio. Enfurecidos pela virtude superior que reconheciam em Cristo, nosso Senhor, Lúcifer e seus aliados empregaram todo seu poder e malícia, não obstante Jesus ter moderado seus atos com suma sabedoria, ocultando

1 - nº 937

a origem de seu poder infinito. Só manifestou a santidade humana, bastante para vencer seus inimigos.

Para entrar, como homem, no combate, orou ao Pai na parte superior do espírito onde não chega o conhecimento do demônio. Disse: Meu Pai e Deus eterno, entro em luta com meu inimigo para abater sua força e soberba contra vós e contra minhas queridas almas. Para a vossa glória e o bem delas, quero sujeitar-me a sofrer a ousadia de Lúcifer e esmagar a cabeça de sua arrogância.

Assim, os mortais o encontrarão vencido, quando esta serpente os tentar, a menos que eles se entreguem por própria culpa. Suplico-vos, meu Pai, que vos lembreis de minha peleja e vitória, quando os mortais forem afligidos pelo inimigo. Confortai sua fraqueza para que, em virtude de meu triunfo, eles vençam, animem-se com meu exemplo e aprendam o modo de resistir e vencer seus inimigos.

Primeira tentação: gula

997. Os espíritos celestes presenciavam a luta, mas, por disposição divina, ocultos a Lúcifer, para este não suspeitar o poder divino de Cristo, Senhor nosso. Os anjos louvavam e glorificavam o Pai e o Espírito Santo que se compraziam nas admiráveis obras do Verbo humanado. De seu oratório, também Maria, Senhora nossa, tudo assistia, como logo direi[2].

A tentação começou no trigésimo quinto dia do jejum de nosso Salvador, e durou até terminarem os quarenta dias que o Evangelho refere. Mostrou-se Lúcifer, tomando a aparência de forma humana muito refulgente, como anjo de luz, como se Cristo não o conhecesse.

Julgando que o Senhor, depois de tão longo jejum estivesse com fome, lhe disse **(Mt 4,3)**: Se és o Filho de Deus, transforma, com tua palavra, estas pedras em pão.

Fez a proposta sob a condição de ser Filho de Deus, porque isto era o que mais o preocupava, desejando algum indício para se certificar. O Salvador do Mundo, porém, só lhe respondeu **(Mt 4, 4)**; Não só de pão vive o homem, mas também da palavra que procede da boca de Deus. - Verso 3 do capítulo 8 do Deuteronômio.

O demônio não penetrou o sentido em que as disse o Senhor. Entendeu apenas que, sem pão ou qualquer alimento corporal, poderia Deus sustentar a vida do homem. Ainda que isto seja verdade e seja

um dos sentidos daquelas palavras, o divino Mestre quis dizer muito mais: Este homem com quem falas, vive na Palavra de Deus, o Verbo divino a quem está hipostaticamente unido.

Sendo exatamente o que o demônio desejava saber, não mereceu compreender por se ter recusado a adorá-lo.

Segunda tentação: vanglória

998. Repelido pela força e virtude desta resposta, Lúcifer não quis ainda mostrar fraqueza nem desistir do combate.

2 - nº 1001

Permitiu-lhe o Senhor que prosseguisse e o levasse a Jerusalém, onde o colocou sobre o pináculo do templo, donde se avistava grande número de pessoas, sem ser visto por elas.

Propôs-lhe Lúcifer que se o vissem cair de tão alto, sem sofrer lesão alguma, o teriam por extraordinário e santo. E, valendo-se também da Escritura, disse: Se és o Filho de Deus, lança-te daqui para baixo, pois está escrito **(Sl 90, 11)**: os anjos te levarão nas mãos, como lhes ordenou Deus, para nada sofreres.

Acompanhavam seu Rei os santos anjos, admirados da permissão divina em se deixar levar corporalmente por Lúcifer, só pelo bem que disso resultaria para os homens. Com o príncipe das trevas foram inúmeros demônios, e nesse dia o inferno ficou quase sem nenhum.

Respondeu o Autor da sabedoria **(Mt 4, 7)**: Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus **(Dt 6, 16)**. O Redentor do mundo dava essas respostas com incomparável mansidão, profundíssima humildade e inalterável majestade. Esta grandeza e serenidade perturbou a feroz soberba de Lúcifer e lhe serviu de novo tormento e opressão.

Terceira tentação: ambição

999. Apesar disso, forjou outro novo expediente para atacar o Senhor do mundo pela ambição, oferecendo-lhe alguma parte do seu domínio. Levou-o a um alto monte donde se avistavam muitas terras, e com pérfido atrevimento, lhe disse: Todas estas coisas te darei, se prostrado em terra me adorares **(Mt 4, 9)**.

Exorbitante arrogância, mentirosa insânia e traidora proposta! Ofereceu o que não possuía e não podia dar a ninguém. A terra, as orbes, os reinos, principados, tesouros e riquezas, tudo é do Senhor que os dá e os tira a quem e quando quer e convém.

Lúcifer nunca pôde oferecer bem algum que lhe pertencesse, ainda dos bens terrenos e temporais, pelo que são falsas todas as suas promessas.

A esta que fez a nosso Rei, respondeu o Senhor com império e força: Retira-te, Satanás, pois está escrito: A teu Deus e Senhor adorarás e só a Ele servirás **(Dt 6, 31)**.

Ao dizer, retira-te Satanás, Cristo nosso Redentor tirou ao demônio a permissão que lhe dera para o tentar, e com seu poder precipitou Lúcifer e suas quadrilhas no mais profundo do inferno. Ali ficaram como que colados e amarrados nas mais profundas cavernas, por espaço de três dias, sem se poderem mover.

Quando lhes foi permitido se levantar, sentiram-se tão abatidos que começaram a suspeitar se Aquele que os vencera não seria o Filho de Deus feito homem. Continuaram com estes receios e dúvidas, sem atinar com a verdade, até a morte do Salvador. Despeitado com o mau êxito da demanda, Lúcifer se consumia no próprio furor.

Jesus volta ao deserto e é servido pelos anjos

1000. Nosso divino triunfador, Cristo, enalteceu o eterno Pai com cânticos de louvores e ação de graças, pela vitória que lhe havia concedido sobre o comum inimigo do gênero humano.

Grande multidão de espíritos celestes cantaram-lhe a vitória e foi trazido de volta ao deserto, nas mãos deles, ainda que seu poder não tinha necessidade disso. Era-lhe, porém, devido aquele obséquio angélico, em reparação da audácia de Lúcifer, em levar ao pináculo do templo e ao monte, aquela humanidade santíssima à qual estava unida a divindade, substancial e verdadeiramente.

Se o Evangelho não o dissera, não poderia vir ao pensamento humano que Cristo nosso Senhor tivesse dado tal permissão a Satanás. Entretanto, não sei qual seja a causa de maior admiração para nós: ser levado de um lugar para outro por Lúcifer, ou ser vendido por Judas, ou deixar-se receber sacramentado por aquele mau discípulo e por tantos cristãos pecadores que, conhecendo-o por Deus e Senhor, o recebem tão injuriosamente.

O que certamente nos deve admirar é que tenha permitido, e continue a permitir, tanto uma como outra coisa, tudo por amor de nosso bem, a fim de atrair-nos a Si pela mansidão e paciência de seu amor.

Oh! dulcíssimo Senhor! Que suave, benigno e misericordioso sois para as almas **(Joel 2, 13)**! Descestes do céu à terra por amor a elas, pela sua salvação sofrestes e destes a vida. Com misericórdia as esperais; tolerando-as as chamais, procurais e recebeis; entrais em seu peito, sois todo para elas e as desejais para Vós. O que me traspassa o coração é que, atraindo-nos com verdadeiro afeto, fugimos de vós e a tão grande fineza, correspondemos com ingratidões!

Oh! imenso amor de meu suave Senhor, tão mal pago e agradecido! Dai, Senhor, lágrimas a meus olhos para chorar coisa tão merecedora de ser lamentada, e nisto ajudem-me todos os justos da terra.

Jesus, voltando ao deserto, diz o Evangelho **(Mt 4, 11)**, foi servido pelos anjos.

Terminado o jejum e as tentações, serviram-lhe um manjar celestial, e tendo comido este milagroso alimento, recobrou as forças naturais de seu sagrado corpo. Não só os anjos assistiram esta refeição, felicitando-o, mas também as aves daquele deserto vieram recrear os sentidos de seu Criador humanado, com harmoniosos cânticos e graciosos vôos. O mesmo fizeram, a seu modo, os animais do monte, depondo sua ferocidade e fazendo amistosos movimentos e bramidos em homenagem a seu Senhor.

Participação de Maria no jejum de Cristo

1001. Voltemos à Nazaré, ao oratório da Princesa dos Anjos. Ali estivera atenta às lutas de seu Filho santíssimo, vendo-as por divina luz, como tenho dito, e recebendo ao mesmo tempo contínuas embaixadas pelos seus anjos que iam e voltavam de seu oratório ao seu Filho no deserto.

Fez a divina Senhora as mesmas orações, e no mesmo tempo que o seu Filho santíssimo, antes de entrar no combate da tentação. Pelejou também com o dragão, ainda que invisivelmente. Do seu retiro anatimatizou Lúcifer e seus sequazes, abateu-os e cooperou em tudo com os atos de Cristo Senhor a nosso favor.

Quando viu que o demônio levava o Senhor de um lugar para outro, chorou amargamente por causa da malícia do pecado, que obrigava ao Rei dos reis e Senhor dos senhores a permitir tal coisa. A todas as vitórias que ele obtinha sobre o demônio, fazia novos cânticos de louvor à divindade e humanidade santíssima.

Foram estes cânticos que os Anjos cantaram ao Senhor. Pelos mesmos anjos, a grande Rainha enviou parabéns ao Filho, pelo triunfo obtido e pelo benefício que fazia a todo gênero humano. Por meio dos celestes embaixadores, Jesus também a consolou e felicitou por haver participado em suas lutas com Lúcifer.

Recompensa da Virgem

1002. Como fôra companheira fiel no sacrifício e no jejum, era justo que o fosse na recompensa. Enviou-lhe o amantíssimo Filho, da comida que os Anjos lhe

trouxeram, ordenando-lhes que lhe servissem.

Coisa admirável: grande número das aves que festejavam o Senhor, seguiram os Anjos a Nazaré. embora com vôo menos rápido que o deles, chegaram e entraram na casa da grande Rainha e Senhora do céu e da terra. Quando estava comendo a refeição que o Filho lhe enviara pelos anjos, apresentaram-se com os mesmos gorjeios que haviam feito na presença do Salvador.

Comeu a divina Senhora aquele manjar celeste, ainda melhorado por ter passado pelas mãos de Cristo, e abençoado por Ele. Com este alimento recuperou-se do longo jejum, e agradeceu ao Todopoderoso humilhando-se até a terra.

Foram tais e tão numerosos os heróicos atos de virtude que praticou esta grande Rainha, durante o jejum e as tentações de Cristo, que não é possível reduzir a palavras o que excede nossa capacidade. Vê-lo-emos no Senhor quando O gozarmos, e então lhe daremos a glória e louvor que a linhagem humana lhe deve por favores tão inefáveis.

PERGUNTA QUE FIZ À RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Pergunta da Escritora

1003. Rainha dos céus e Senhora do universo, a dignação de vossa clemência inspira-me confiança para, como a Mãe e mestra, vos propor uma dúvida que me ocorreu, ao escrever este e outros capítulos.

Por vossa divina luz e ensinamento, conheci o manjar celestial que os santos anjos serviram a nosso Salvador no deserto. Penso que seria igual a outros que, conforme entendi e escrevi, foram servidos ao Senhor e a vós em algumas ocasiões em que, por permissão do mesmo Senhor, vos faltava o comum alimento terrestre.

Chamei-o manjar celestial, porque não achei outros termos para me explicar, e não sei se estes são apropriados, pois não conheço a origem e espécie dessa comida. Julgo que no céu não existem manjares para alimentar os corpos, pois lá não será necessário este modo terreno de se sustentar. Ainda que os bem-aventurados tenham, pelos sentidos, o gozo de algum objeto deleitável e sensível, e também o gosto sinta algum sabor, não será através de comida, mas da redundância da glória da alma no corpo e seus sentidos. Por admirável modo, cada um gozará segundo sua capacidade sensitiva, sem a imperfeição e grosseria que tem agora nas operações e objetos da vida mortal.

Em tudo isto, desejo, como ignorante, ser instruída por vossa piedosa e maternal dignação.

Resposta de Maria

1004. Minha filha, tua dúvida é justa. É verdade, conforme disseste, que no céu não há manjares materiais. O manjar que os anjos serviram a meu Filho santíssimo e a mim, na ocasião que descreveste, corretamente o chamas celestial. Eu é que te inspirei esta expressão, porque as propriedades daquele alimento eram do céu e não da terra, onde tudo é grosseiro, muito material e limitado. Vou explicar-te a natureza daquele manjar e o modo como o formava a divina Providência.

Quando sua dignação dispunha alimentar-nos com esta comida, para suprir a falta de outra, nô-la enviava milagrosamente pelos santos anjos. Para formá-la, usava de alguma coisa material, mais comumente de água, por sua claridade e simplicidade, e porque para estes milagres o Senhor não quer coisas muito complexas. Outras vezes, mandava-nos pão e algumas frutas. A

qualquer destas coisas dava o poder divino tal virtude e sabor que excedia, como o céu da terra, a todos os manjares, regalos e sabores da terra. Nesta, nada se encontra que sirva de comparação, pois tudo é sem virtude e insípido, ao lado deste manjar do céu.

Para entenderes melhor, ajudarão os exemplos seguintes: Primeiro, o pão subcinerício **(3 Rs 19, 6)** dado a Elias, e que possuía tal virtude que o fortaleceu para caminhar até o monte Horeb. Segundo, o maná, chamado pão dos anjos **(Sl 77, 25)**, porque estes o preparavam do vapor da terra **(Ex 16, 14; Num 11, 7; Sab 16, 20, 21)**. Condensado, caía sob a forma de grãos, tinha toda a diversidade dos sabores e extraordinária propriedade para alimentar o corpo. O terceiro exemplo, é o milagre que meu Filho santíssimo realizou nas bodas de Caná: converteu a água em vinho, dando-lhe tão excelente sabor que provocou a admiração dos que o provaram **(Jo 2, 10)**.

Alimentos miraculosos

1005. Deste modo, o poder divino dava virtude sobrenatural à água, ou a transformava em licor suavíssimo; o mesmo fazia ao pão ou fruta, deixando-os mais espiritualizados. Esta comida alimentava o corpo e deleitava os sentidos, deixando a fraca natureza humana fortalecida, ágil e pronta para os trabalhos penosos, e isto sem fastio nem gravame do corpo. Desta espécie foi a comida que os anjos serviram a meu Filho santíssimo depois do jejum, e que em outras ocasiões recebemos, e da qual participava também meu esposo José.

A alguns outros seus servos e amigos o Senhor mostrou esta liberalidade, deliciando-os com semelhantes manjares, ainda que não tão frequentes, nem com tantas circunstâncias miraculosas como sucedia conosco.

Acabo de esclarecer tua dúvida. Agora presta atenção à doutrina pertencente a este capítulo.

Cristo vence o demônio e o pecado

1006. Para melhor se entender o que nele escreveste, quero que advirtas os três motivos que, entre outros, levaram meu Filho santíssimo a travar combate com Lúcifer e seus ministros infernais. Esta compreensão te dará maior luz e força contra eles. O primeiro motivo foi destruir o pecado e sua semente que, pela queda de Adão, o inimigo semeou na natureza humana. Esta semente consiste nos sete vícios capitais - soberba, avareza, luxúria e os outros - que são como as sete cabeças do dragão.

Como disseste na primeira parte[3], Lúcifer destinou, para cada um destes pecados, um esquadrão de demônios com seu respectivo chefe. Assim, nesta perversa ordem e com as armas desses pecados, tentam e fazem guerra aos homens. Em oposição, meu Filho santíssimo, com o poder de suas virtudes, entrou em combate, venceu e deixou enfraquecidos todos os príncipes das trevas. Ainda que o Evangelho mencione apenas três tentações, por terem sido as mais visíveis, a batalha e o triunfo foram muito mais longe. Cristo, meu Senhor, derrotou a todos esses chefes diabólicos e seus vícios.

Venceu a soberba com sua humildade, a ira com sua mansidão, a avareza com o desprezo das riquezas, e por este modo, os outros vícios e pecados capitais. Maior ainda foi a derrota e desalento desses inimigos quando, ao pé da cruz, conheceram que era o Verbo humanado que os tinha vencido. Por isto, como dirás adiante, duvidaram muito poder entrar em combate com os homens, se estes soubessem aproveitar-se da força e vitórias de meu Filho santíssimo.

3 - nº 103

Outras razões que levaram Cristo a combater com o demônio

1007. O segundo motivo de tal peleja foi a obediência ao eterno Pai que, não só o mandou morrer pelos homens e redimi-los por sua paixão e morte, mas também combater os demônios e vencê-los, com a força espiritual de suas incomparáveis virtudes.

O terceiro motivo, conseqüência dos dois primeiros, foi deixar aos homens exemplo e instrução para triunfarem de seus inimigos, e que nenhum dos mortais estranhasse ser tentado e perseguido por eles. Em suas tentações e combates, todos teriam o consolo de que seu Redentor e Mestre foi o primeiro a sofre-las, **(Heb 4, 15)**.

Ainda que, no modo, as tentações foram diferentes, na substância foram as mesmas e com muito mais violência e malícia de satanás.

Permitiu Cristo, meu Senhor, que Lúcifer estreasse n'Ele o furor de suas forças, para as quebrantar com seu poder divino. Deste modo, ficaram mais fracas para a guerra que fariam aos homens, e estes os venceriam com mais facilidade, se aproveitassem da graça que o Redentor lhes proporcionou.

Meios para vencer as tentações

1008. Todos os mortais precisam deste ensinamento para vencerem o demô-nio. Tu, porém, minha filha, mais do que ninguém, porque grande é a raiva deste dragão contra ti, e tua natureza fraca para resistir, se não te valeres de minha doutrina e do exemplo de meu filho. Em primeiro lugar deves manter vencidos o mundo e a carne, esta mortificando-a com prudente rigor, e ao mundo fugindo das criaturas para o segredo de teu interior. A ambos vencerás não saindo dele, não perdendo de vista o bem e a luz que aí recebes, e não amando coisa alguma visível mais do que permite a caridade bem ordenada. Neste ponto, relembro-te o rigoroso preceito que muitas vezes te impus.

O Senhor te deu temperamento para amar muito, e queremos que consagres esta capacidade, toda e plenamente, a nosso amor. Voluntariamente, não deverás consentir em nenhum movimento do apetite, por mais leve que pareça, se não for para a exaltação do Altíssimo e para fazer ou padecer algo por amor dele e pelo bem do próximo. Se, em tudo, me obedeceres, farei que sejas armada e fortalecida contra este cruel dragão. Travarás as guerras do Senhor **(1 RS 25, 28)** e de ti penderão mil escudos **(Cânt 4, 4)** para te defenderes. Fica sempre advertida em te valeres das palavras sagradas da divina Escritura, não apresentando razões, nem muitas palavras com tão astuto inimigo.

As criaturas fracas não devem discutir com seu mortal inimigo e mestre da mentira, pois meu Filho santíssimo, poderoso e de infinita sabedoria, não o fez. Por este exemplo, as almas devem aprender a discrição e modo de proceder contra o demônio. Arma-te com fé viva, esperança firme, caridade fervorosa e profunda humildade. Estas virtudes aniquilam este dragão que não ousa enfrentá-las e foge delas, porque são armas poderosas contra sua arrogância e soberba.

Monte da Quarentena, local do jejum do Salvador.
Atual mosteiro greco-ortodoxo.

CAPÍTULO 27

JESUS DEIXA O DESERTO, VOLTA ONDE ESTAVA SÃO JOÃO, TRABALHA NA JUDÉIA ATÉ CHAMAR OS PRIMEIROS DISCÍPULOS. MARIA SSMA. O IMITA EM TUDO.

Cristo deixa o deserto

1009. Cristo nosso Redentor preenchera perfeitamente os ocultos e altos fins de seu jejum e retiro no deserto: o triunfo sobre o demônio e sobre todos os vícios.

Deixou, então, o deserto para prosseguir a missão que seu eterno Pai lhe encomendara, a redenção humana. Para se despedir daquele êrmo, prostrou-se em terra, adorando e dando graças a seu eterno Pai, por tudo o que ali realizara em sua humanidade santíssima, para a glória da divindade e bem da linhagem humana.

Fez fervorosa oração e súplica por todos aqueles que, imitando-o se retirassem por algum tempo ou por toda a vida à solidão, para seguir seus passos, dedicando-se à contemplação e exercícios de devoção, afastados do mundo e de seus embaraços.

O altíssimo Senhor prometeu favorece-los, falar-lhes ao coração **(Os 2, 14)** e conceder-lhes especiais graças e bênçãos de doçura **(Sl 20, 4)** se eles, de sua parte, se dispusessem para recebelas e a elas correspondessem. Feita esta oração, como verdadeiro homem, pediu licença ao Senhor, para deixar aquele deserto e partir acompanhado pelos anjos.

Testemunho de São João Batista

1010. O divino Mestre dirigiu seus formosos passos para o Jordão, onde seu grande precursor João continuava a batizar e pregar, a fim de que, em sua presença, o Batista desse novo testemunho de sua divindade e de seu ministério de Redentor.

Jesus quis também satisfazer o desejo de São João em vê-lo e falar-lhe no-

vamente. Da primeira vez que o vira e batizara, o coração do santo Precursor ficara inflamado e cativo daquela oculta e divina força que atraia a si todas as coisas.

Num coração tão bem disposto como o de São João, este fogo de amor se ateava com maior força e intensidade.

Chegou o Salvador à presença de São João, sendo a segunda vez que se viram. Antes de qualquer palavra, vendo que o Senhor se aproximava, o Batista disse o que refere o Evangelista **(Jo 1, 29)**: Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Deu este testemunho apontando para Cristo nosso Senhor, fazendo-se ouvir por toda a gente que o cercava, vinda para ser batizada e assistir sua pregação. Acrescentou ainda **(Jo 1, 30)**: Este é aquele de quem eu falei, que depois de mim viria um homem maior que eu, porque existia antes do que eu. Eu não o conhecia e vim batizar em água para dar testemunho dele.

Concordância entre os Evangelhos

1011. O Batista disse estas palavras porque não tinha visto Jesus antes de o batizar, nem tinha recebido a revelação de sua vinda, como fica explicado no capítulo 24 deste livro, nº 978.

Em seguida, acrescentou o Batista, que vira o Espírito Santo descer sobre Cristo no batismo **(Jo 1, 32)**, e que dera testemunho da verdade, de que Cristo era o Filho de Deus.

Enquanto Jesus esteve no deserto, enviaram os judeus de Jerusalém a embaixada que refere São João evangelista no capítulo 1º, perguntando-lhe quem era, e o mais que diz o Evangelho. Respondeu o Batista que ele batizava na água, e que no meio deles tinha estado quem não conheciam, pois Jesus estivera entre o povo no Jordão. Deste, que vinha depois dele, não era digno de desatar as correias do calçado.

Em vista de tudo isto, quando nosso Salvador voltou do deserto e, pela segunda vez, se encontrou com o Batista, este o chamou Cordeiro de Deus. Referiu o testemunho que pouco antes dera aos judeus, acrescentando que vira o Espírito Santo sobre sua cabeça, como lhe fôra revelado que veria.

São Mateus **(3, 17)** e São Lucas **(3, 22)** acrescentaram o que disse a voz do Pai vinda do céu. São João **(Jo 1, 32)** só refere o Espírito Santo na forma de pomba, porque foi só o que o Batista disse aos judeus.

Exaltação do Batista

1012. A fidelidade do Precursor em confessar que não era o Cristo e em dar os testemunhos de sua divindade, conforme dissemos, foi conhecido pela Rainha do céu em seu retiro. Pediu ao Senhor que recompensasse a seu fidelíssimo servo João. Assim o fez liberalmente o Todo-poderoso e, em sua divina aceitação o Batista elevou-se acima de todos os nascidos de mulher. Por não ter aceitado a honra de Messias que lhe ofereciam, o Senhor lhe deu toda a que, fora desta, era capaz de receber entre os homens.

Nesta ocasião, em que nosso Redentor e São João se reencontraram, o grande Precursor foi repleto de novos dons e graças do Espírito Santo.

Alguns dos circunstantes, quando o ouviram dizer, "Eis o Cordeiro de Deus", deram muita atenção às suas palavras, e lhe perguntaram quem era aquele de quem assim falava. Deixando-o a instruir os ouvintes da verdade, com as razões acima referidas, o Salvador se afastou, dirigindo-se à Jerusalém.

Estivera muito pouco em presença do Batista. Não foi, porém, diretamente para a cidade santa. Durante muitos dias, andou percorrendo pequenas povoações e, sem se identificar, ensinava os habitantes, participando-lhes que o Messias já estava no mundo. Com sua doutrina en-

caminhava-os à vida eterna, e muitos ao batismo de São João, para se prepararem pela penitência a receber a Redenção.

Atos de Jesus depois do jejum no deserto

1013. Não dizem os Evangelistas onde esteve e o que fez nosso Salvador depois do jejum, nem quanto durou este prazo. O que me foi declarado é que Jesus esteve quase dez meses na Judéia, sem voltar à Nazaré para ver sua Mãe santíssima, nem entrar na Galiléia. No fim desses meses, voltou a se encontrar com o Batista que disse, pela segunda vez, Eis o Cordeiro de Deus **(Jo 1,36)**. Foi então seguido por Santo André e os primeiros discípulos que ouviram essas palavras do Batista. Depois deles, Jesus chamou São Filipe, como refere o Evangelho **(Jo 1, 43).**

O Senhor empregou estes meses em instruir as almas e prepará-las com auxílios, doutrina e outros admiráveis favores, procurando despertá-las da indiferença em que jaziam. Quando, depois, começasse a pregar e fazer milagres, estariam mais dispostas a receber a fé e seguir o Redentor, como aconteceu a muitos que instruiu e catequisou.

É verdade que, nesse tempo, não falou com os fariseus e doutores da lei, porque estes não estavam tão dispostos para dar crédito à notícia da vinda do Messias. Mesmo depois, não a aceitaram, apesar de confirmada com a pregação, milagres e testemunhos tão claros de Cristo, nosso Senhor **(Mt 11, 5)**.

Os pobres e humildes, porém, mereceram ser os primeiros evangelizados **(Lc 4, 18)** e instruídos pelo Salvador, naqueles dez meses. Prodigalizou-lhes liberais misericórdias na Judéia, não só com seu ensino e ocultas graças, mas também com alguns discretos milagres. Consideravam-no grande profeta e homem santo.

Com esta chamada, despertou o coração de inumeráveis pessoas. Deviam sair do pecado e procurar o reino de Deus que já se aproximava, pela pregação e redenção que o Salvador ia realizar.

Maria, missionária

1014. Nossa grande Rainha e Senhora continuava em Nazaré, onde tinha conhecimento de quanto fazia seu Filho santíssimo. Esta ciência lhe vinha, tanto através da divina luz que tenho referido, como pelas notícias que lhes traziam os seus mil anjos que sempre a assistiam, em forma visível, quando ausente o Redentor.

Para imitá-lo com toda a perfeição, deixou seu retiro, ao mesmo tempo em que Cristo saiu do deserto. Ainda que não podia crescer no amor, nosso Salvador o manifestou com maior fervor, depois que venceu o demônio com o jejum e todas as virtudes.

De igual modo, a divina Mãe, com a nova graça que adquiriu, saiu mais ardente e solícita para imitar as obras de seu Filho santíssimo, em benefício da salvação humana. Retomou o ofício de precursora da manifestação do Salvador.

Saiu a divina Mestra de sua casa em Nazaré para os lugares circunvizinhos, acompanhada por seus anjos. Com a plenitude de sua sabedoria, com o poder de Rainha e Senhora das criaturas, fez grandes maravilhas, ainda que de modo encoberto, como fazia o Verbo humanado na Judéia.

Deu notícia da vinda do Messias, mas sem revelar quem era ele. Ensinou a muitos o caminho da vida, tirando-os do pecado. Expulsava os demônios, esclarecia as trevas dos ignorantes e dos que andavam no erro, preparando-os para aceitarem a Redenção crendo no Salvador.

Além destes benefícios espirituais, fazia muitos corporais, curando enfermos, consolando os aflitos, visitando os pobres. Estes favores eram mais para as mulheres, mas fez muitos também para os homens.

Sendo pobres e desprezados, receberam o privilégio de ser visitados e so-

corridos pela Senhora dos anjos e de toda a criação.

Maria imita Jesus

1015. Nestas saídas, preencheu a divina Rainha o tempo em que seu Filho santíssimo andava na Judéia, e sempre o imitou em todas as suas obras, até em andar a pé como Jesus. Às vezes voltava à Nazaré, mas logo continuava suas peregrinações.

Nestes dez meses comeu muito pouco. Aquele manjar celeste que no deserto lhe enviou seu Filho santíssimo, como disse no capítulo passado, deixou-a tão fortalecida que, não só teve força para percorrer à pé muitos lugares e caminhos, como também para não sentir tanto a necessidade de outro alimento.

Tinha também a beatíssima Senhora notícia de que São João ia pregando e batizando nas margens do Jordão. Enviou-lhe, algumas vezes, muitos de seus anjos para o consolar e agradecer a lealdade que mostrava a seu Deus e Senhor.

Em meio a tudo isto, sofria a amorosa Mãe grandes delíquios de amor pelas saudades de seu Filho santíssimo, cujo coração era ferido por aqueles divinos e castíssimos anseios. Antes de Jesus voltar a vê-la, consolá-la e dar princípio a seus milagres e pregação pública, aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Solidão

1016. Minha filha, dar-te-ei a doutrina deste capítulo em duas importantes recomendações: primeiro, procura amar e praticar a soledade com singular apreço, para mereceres as bênçãos e graças que meu Filho mereceu e prometeu aos que nisto o imitarem. Procura sempre estar só quando não fores obrigada, pela obediência, a conversar com as criaturas. Neste caso, saindo de tua soledade e recolhimento leva-o em teu coração, de modo que os sentidos exteriores não te afastem dele.

Tua presença nos negócios materiais seja transitória, enquanto no retiro e deserto interior deve ser permanente. Para que ali tenhas verdadeira solidão, não dês entrada a imagens e lembranças de criaturas que, às vezes, ocupam mais do que elas próprias, e sempre embaraçam e tiram a liberdade do coração. Seria indigno que o pusesses em alguma criatura, ou que alguma nela entrasse. Meu Filho o deseja vazio e eu quero o mesmo.

Apostolado

1016.a. A segunda recomendação é que, em primeiro lugar, atendas ao apreço de tua alma, para conservá-la em toda pureza. A isto acrescenta o zelo pela salvação de todas as outras como é minha vontade. Em particular, quero que imites a meu Filho santíssimo e a mim, no que fizemos com os mais pobres e desprezados pelo mundo.

Estes pequeninos pedem, muitas vezes, o pão do conselho e doutrina **(Trenos 4, 4)** e não encontram quem lhos distribua, como os ricos e estimados do mundo que dispõem de muitos ministros para os aconselhar.

Muitos destes pobres e desprezados recorrem a ti. Recebe-os compassivamente, consola-os com carinho para que, em sua simplicidade, aceitem a luz e conselho, pois aos mais argutos pode-se tratar de outro modo.

Procura conquistar essas almas que, apesar de sua miséria material, são preciosas aos olhos de Deus. Para que elas e os demais não percam o fruto da redenção, quero que trabalhes sem cessar, e não te dês por satisfeita até morrer nessa causa, se for necessário.

CAPÍTULO 28

JESUS CHAMA OS PRIMEIROS DISCÍPULOS NA PRESENÇA DO BATISTA E COMEÇA A PREGAÇÃO. O ALTÍSSIMO ORDENA QUE A DIVINA MÃE O ACOMPANHE.

Último testemunho de São João Batista

1017. Completados dez meses depois do jejum de nosso Salvador, durante os quais Ele percorria as povoações da Judéia operando, em segredo, grandes prodígios, determinou revelar-se ao mundo. Não pregara ocultamente, mas não se declarara Messias e Mestre. Agora chegara o tempo determinado pela Sabedoria infinita para essa revelação.

Para isto, voltou o Salvador para onde se achava o Batista. Mediante o testemunho que este, por missão devia dar ao mundo, começaria a brilhar a luz nas trevas **(Jo 1, 5)**.

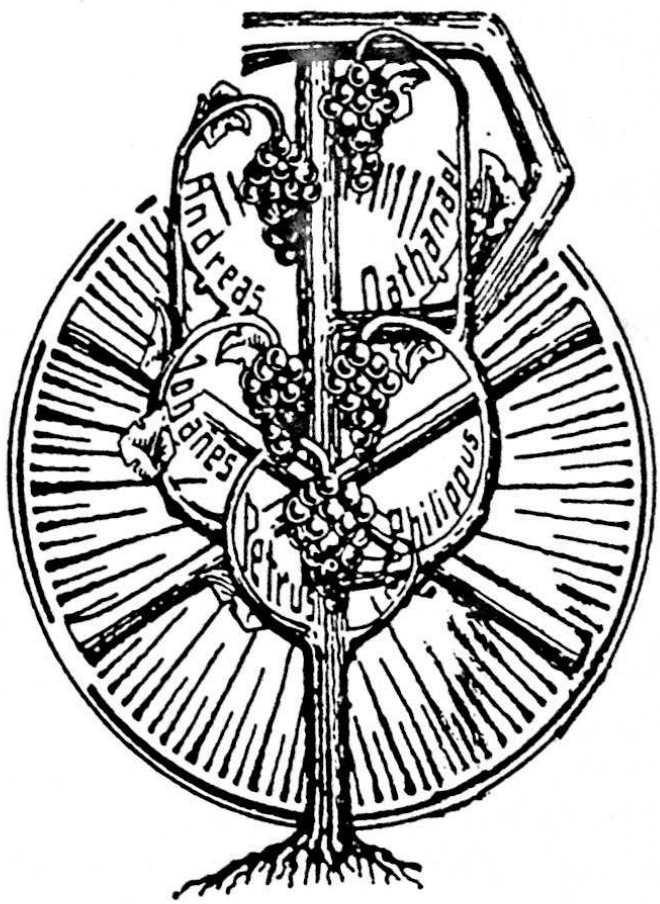
Por revelação divina, recebeu o Batista conhecimento da vinda de Jesus e que chegara o momento d'Ele se dar a conhecer como Redentor do mundo e verdadeiro Filho do eterno Pai. Preparado por esta ilustração, vendo o Salvador que vinha ao seu encontro, exclamou com admirável júbilo espiritual, na presença de seus discípulos **(Jo 29, 36)**. Eis o Cordeiro de Deus, é este.

Este testemunho concordava com os outros que já havia dado com as mesmas palavras, e também com a doutrina que, mais em particular, dera aos discípulos mais assíduos ao seu ensinamento. Foi como se lhes dissesse: Vede aí o Cordeiro de Deus de quem vos tenho falado e que veio redimir o mundo e abrir o caminho do céu.

Esta foi a última vez que o Batista viu nosso Salvador pela ordem natural, pois que, de outro modo, viu-o e gozou de sua presença na hora da morte, como direi em seu lugar.

Os cinco primeiros discípulos de Jesus Cristo

1018. Ouviram o Batista dois dos primeiros discípulos que se achavam com ele. Em virtude de sua declaração, com a luz e graça que interiormente receberam de Cristo, foram-no seguindo.



Voltou-se Jesus para eles e, amavelmente, perguntou o que procuravam **(Jo 1, 38)**. Responderam que desejavam saber onde o Mestre morava. Jesus os levou consigo, e ficaram com Ele aquele dia, como refere o evangelista São João **(1, 39)**. Diz que um dos discípulos era André, irmão de São Pedro, e não declara o nome do outro. Compreendi, porém, que era o mesmo São João evangelista que, por grande modéstia, não quis se nomear.

Ele e Santo André foram as primícias da vocação ao apostolado. Foram os primeiros a seguir o Salvador, só pelo testemunho exterior do Batista, de quem eram discípulos, sem outro chamado expresso do Senhor.

Logo Santo André procurou seu irmão Simão **(Jo 1, 14)**, contou-lhe como havia encontrado o Messias, chamado Cristo, e o levou ao Mestre. Olhando-o, disse Jesus: Simão, filho de Jonas, teu nome será Cefas, que quer dizer Pedro.

Aconteceu tudo isto nas fronteiras da Judéia, e no dia seguinte o Senhor resolveu entrar na Galiléia. Ali encontrou São Filipe e o chamou, dizendo-lhe que o seguisse. Em seguida, Filipe narrou a Natanael o que sucedera e como haviam encontrado o Messias, Jesus de Nazaré, levando-o à presença do Salvador.

No capítulo primeiro de seu Evangelho, narra São João o diálogo de Filipe com Natanael, o quinto discípulo chamado por Cristo nosso Senhor.

Cristo, mestre das almas

1019. Com estes cinco discípulos, os primeiros fundamentos do edifício da nova Igreja, entrou Cristo nosso Salvador, pregando e batizando publicamente na Galiléia. Este foi o primeiro chamado destes Apóstolos em cujos corações, desde que se aproximaram de seu verdadeiro Mestre, acendeu-se nova luz e fogo de amor divino, enchendo-os de bênçãos singulares **(Sl 20, 4)**.

Não é possível encarecer dignamente, o muito que custou a nosso divino Mestre a vocação e formação destes e dos demais discípulos para fundar a Igreja. Procurou-os com solicitude e grandes diligências; chamou-os com fortes, frequentes e eficazes auxílios de sua graça; esclareceu seus corações com dons e favores incomparáveis; acolheu-os com admirável bondade; criou-os com o amenísimo leite de sua doutrina; suportou-os com incansável paciência; afagou-os como pai amantíssimo a seus ternos filhinhos.

A natureza é rude para as coisas elevadas e delicadas do espírito. Como nelas deveriam ser, não só perfeitos, mas consumados mestres do mundo e da Igreja, tornava-se urgente o trabalho de transformá-los, do estado terreno ao celestial e divino, onde os elevava com sua doutrina e exemplo de Mestre.

Altíssimo exemplo de paciência, mansidão e caridade para os prelados, príncipes e chefes que governam súditos, e de como devem proceder com eles.

Nem foi menor a confiança que inspira a nós, pecadores; sua paternal clemência não se esgotou com os apóstolos e discípulos, suportando suas faltas, imperfeições, inclinações e paixões naturais. Estreou-se neles com tão admirável generosidade, para confortar nosso coração e não nos desanimarmos com as inumeráveis imperfeições de nossa condição terrena e frágil.

Maria, cooperadora de Cristo

1020. Tudo quanto nosso Salvador fazia na pregação e na vocação dos Apóstolos e discípulos, era conhecido pela Rainha do céu, pelos modos de que já falei diversas vezes[1]. Agradecia ao eterno Pai pelos primeiros discípulos; em, espírito os conhecia e aceitava por filhos espirituais, como o eram de Cristo nosso Senhor. Com cânticos de louvor e alegria espiritual os oferecia novamente a Deus.

Nesta ocasião do chamado dos primeiros discípulos, teve uma visão particular. O Altíssimo lhe manifestou novamente a determinação de sua vontade, eterna e santa, sobre a redenção humana e como seria começada pela pregação de seu Filho santíssimo.

Disse-lhe o Senhor: Minha filha, pomba escolhida entre milhares, é necessário que acompanhes meu Unigênito e teu, nos trabalhos da redenção humana. Aproxima-se o tempo de seu sofrimento e de Eu abrir, por este meio, os tesouros de minha sabedoria e bondade para enriquecer os homens.

Por meio de seu Redentor e Mestre, quero redimi-los da servidão do pecado e do demônio; derramando a abundância de minha graça e dons no coração dos mortais que se dispuserem para conhecer meu Filho humanado e segui-lo como cabeça e guia, nos caminhos para a eterna felicidade que lhes tenho preparado.

Quero levantar do pó e enriquecer os pobres, derrubar os soberbos e exaltar os humildes, iluminar os cegos que jazem nas trevas da morte **(Is 9, 2)**; quero enaltecer meus amigos e escolhidos, e dar a conhecer meu grande e santo nome.

Na execução desta minha vontade, santa e eterna, quero que tu, minha querida eleita, cooperes com teu amado Filho, o acompanhes e imites. Eu estarei contigo em tudo o que fizeres.

Oração de Maria

1021. Supremo Rei de todo o universo - respondeu Maria santíssima - de cuja mão todas as criaturas receberam a existência e a conservação. Ainda que este vil bichinho seja pó e cinza, por vossa dignação, falarei em vossa real presença **(Gn 18, 27)**.

Recebei, pois, ó altíssimo Senhor e Deus eterno, o coração de vossa serva que ofereço preparado para o cumprimento de vosso beneplácito. Recebei o sacrifício e holocausto, não só de meus lábios, mas do íntimo de minha alma, para obedecer à eterna sabedoria que manifestais à vossa escrava. Aqui estou prostrada ante vossa presença e majestade suprema. Faça-se em Mim, inteiramente, vossa vontade e prazer.

Mas, se fosse possível, ó poder infinito, eu quisera sofrer e morrer, ou com vosso Filho e meu, ou no lugar dele. Esta seria a satisfação de todos os meus desejos, a plenitude de meu gozo: que a espada de vossa justiça ferisse a Mim, pois fui mais próxima da culpa, enquanto meu Filho santíssimo é impecável por natureza e pelos dons de sua divindade.

Compreendo, Rei justíssimo, que sendo vós o ofendido pela injúria da culpa,

1 - nº 990

vossa equidade exige satisfação de pessoa que vos iguale, e todas as criaturas se distanciam infinitamente desta dignidade. Entretanto, é também verdade que qualquer uma das obras de vosso Unigênito humanado é super-abundante para a Redenção, e Ele já fez muitas. Se além delas, é possível que eu morra para poupar sua vida de inestimável preço, estou pronta para morrer.

Mas, se vosso decreto é irrevogável, concedei-me Pai e Deus altíssimo, que eu empregue minha vida como a sua. Nisto aceitarei vossas ordens, como obedeço em acompanhá-lo e participar de seus trabalhos. Assista-me o vosso poder, para eu acertar em imitá-lo e cumprir vosso beneplácito e meu desejo.

Semelhança de Maria com Cristo

1022. Não é possível explicar mais sobre o que entendi dos atos admiráveis e heróicos que nossa Rainha e Senhora fez nesta ocasião, e o fervor ardentíssimo com que desejou morrer e sofrer, ou para evitar a paixão e morte de seu Filho santíssimo, ou para morrer com Ele.

Os atos de amor afetivo desejando coisas até impossíveis, agradam tanto a Deus, que os aceita e os recompensa como realizados, quando nascem de um sincero coração. Que teria merecido a Mãe da graça e do amor, nestes oferecimentos de sua vida? Nem, o pensamento angélico, nem o humano chegam a compreender tão alto mistério de amor. Ter-lhe-ia sido suave sofrer e morrer, enquanto lhe foi muito mais doloroso ver seu Filho padecer e morrer, ficando Ela com vida, como direi em seu lugar[2].

Daqui, se depreende a semelhança que a glória de Maria santíssima tem com a de Cristo, e a que teve a graça e a santidade desta grande Senhora com as de seu modelo. Tudo era na medida do máximo amor que numa pura criatura se pode imaginar.

Nestas disposições, saiu nossa Rainha da visão descrita. O Altíssimo ordenou novamente aos anjos que a assistiam, para a servirem e guiarem em tudo o que iria fazer. Assim o executaram, como fidelíssimos ministros do Senhor, acompanhando-a e servindo-a por toda a parte, comummente em forma visível.

DOUTRINA QUE ME DEU A MESMA RAINHA E SENHORA.

Amor divino e amor humano

1023. Minha filha todas as obras de meu Filho santíssimo manifestam seu amor divino pelas criaturas, e quão diferente é do amor que elas têm entre si! Sendo tão limitadas, estreitas, avarentas e ineficazes, em geral não se inclinam ao amor, a menos que sejam atraídas por algum bem naquilo que amam. Deste modo, o amor da criatura nasce do bem que encontra em seu objeto.

O amor divino, porém, como se origina em si mesmo, e é eficaz para fazer o que quer, não procura a criatura por supô-la digna, mas sim torna-a digna amando-a. Por esta razão, nenhuma alma deve desconfiar da bondade divina.

Por outro lado, esta verdade não deve levar a confiar vã e temerariamente, esperando que o amor divino realize efeitos de graça que se desmerece.

Neste amor e dons, guarda o Altíssimo uma ordem de justiça imperscrutável às criaturas. Ainda que a todas ama e quer salvar **(1 Tim 2, 4)**, os dons e efeitos de seu amor, que a ninguém recusa, distribui com certa medida e peso. Visto não poder a criatura investigar e conhecer este segredo, deve procurar não perder a primeira graça e vocação. Ela não sabe se, por esta ingratidão, desmerecerá a segunda graça, enquanto pode ter certeza que não lhe será negada, se não se fizer indigna.

2 - nº 1376

Estes efeitos do amor divino começam na alma, por uma luz interior que censura os pecados e manifesta seu mau estado e perigo de morte eterna. A soberba humana, porém, torna os homens tão insipientes e duros de coração (**Sl 4, 3**), que muitos resistem à esta luz. Outros são lentos e nunca acabam por se resolver. Com isto, perdem o fruto da primeira influência do amor de Deus, e se indispõem para outros efeitos. E, como sem o socorro da graça, a criatura não pode evitar o mal nem fazer o bem, nem conhece-lo, daqui procede ir se despenhando de um abismo em outro (**Sl 41, 8**).

Não aproveitando a graça, afasta-a, desmerece outros auxílios, e a ruína vem a ser inevitável, pelas sucessivas quedas em abomináveis pecados.

A quem muito se deu, muito será pedido

1024. Atende, pois, caríssima, à luz que em tua alma o Altíssimo infundiu.

Quando não tiveras outra, a que recebeste com a notícia de minha vida te acarreta tal responsabilidade que, se não correspondes, serás aos olhos de Deus, dos meus, e na presença dos anjos e dos homens, mais repreensível do que qualquer dos nascidos.

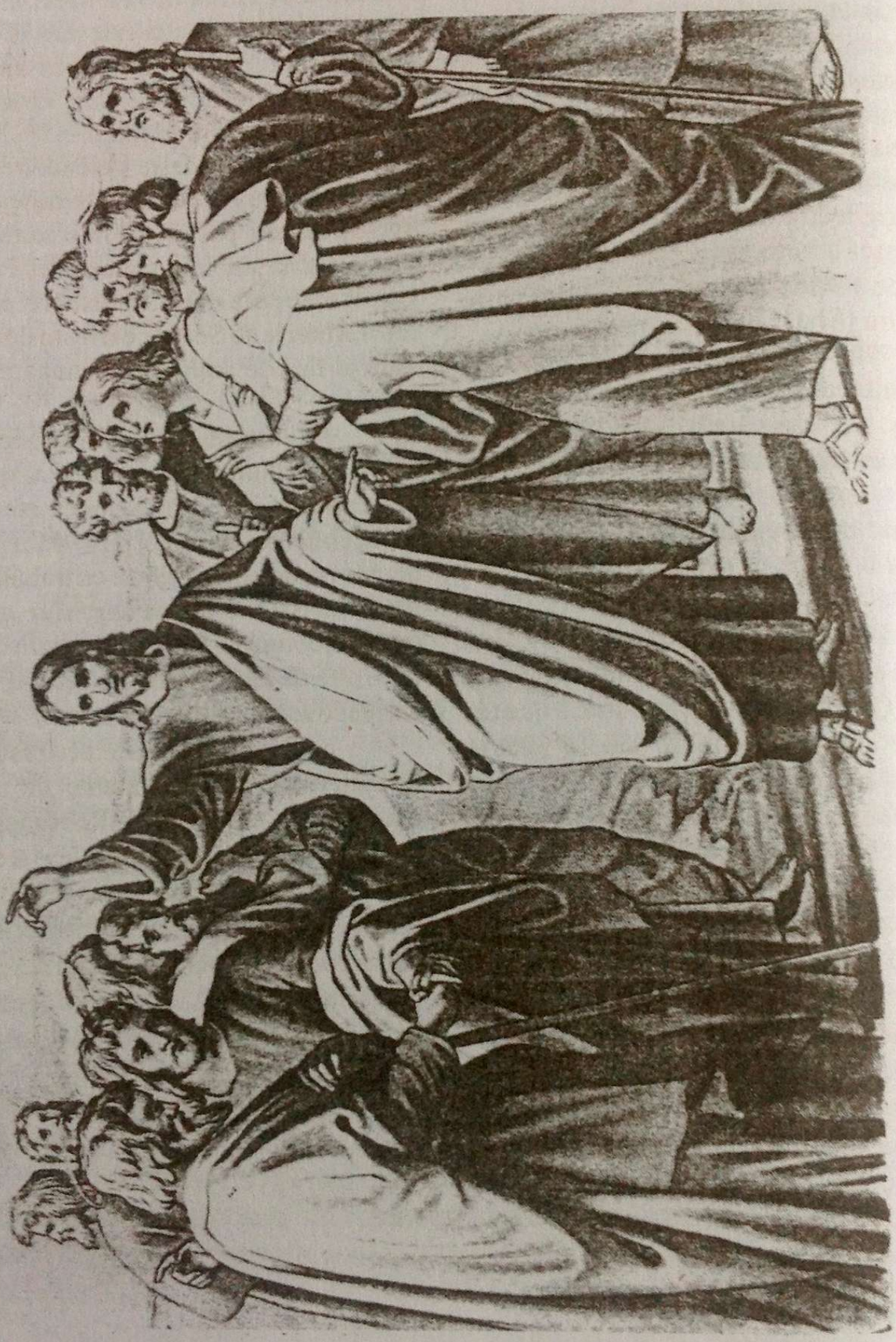
Sirva-te também de exemplo o que fizeram os primeiros discípulos de meu Filho santíssimo, e a prontidão com que o seguiram e imitaram.

Ainda que foi especialíssima graça terem sido formados, com a paciência e constância como o Senhor o fez, eles também corresponderam e praticaram a doutrina de seu Mestre. Apesar de frágeis por natureza, não se indispunham para receber maiores auxílios divinos, e estendiam seus desejos a muito mais do que podiam.

Na prática deste verdadeiro e fiel amor, quero que me imites nos desejos que tive de morrer por meu Filho santíssimo e com ele, se me fora concedido. Prepara teu coração para o que te mostrarei adiante sobre a morte do Senhor e o resto de minha vida, a fim de realizares o mais santo e perfeito.

Advirto-te, minha filha, que tenho da espécie humana uma queixa, que em outras vezes já referi: a pouca atenção e esquecimento dos mortais, para considerar o quanto meu Filho e eu trabalhamos por eles. Consolam-se em crer que foi muito e, como ingratos, não pesam o benefício que de cada ato nosso recebe, nem a correspondência que lhe devem.

Não me dês tu este desgosto, pois te faço capaz e participante de tão veneráveis segredos e magníficos sacramentos, nos quais encontrarás a luz, o ensinamento e a prática da mais sublime perfeição. Eleva-te acima de ti mesma, trabalha com diligência, para que te seja dada graça sobre graça e, correspondendo a ela, entesoures muitos merecimentos para a eternidade.



Jesus chama os discípulos.

CAPÍTULO 29

VOLTA DE CRISTO A NAZARÉ COM OS CINCO PRIMEIROS DISCÍPULOS. BATISMO DE MARIA SANTÍSSIMA.

Jesus fala de sua Mãe aos primeiros discípulos

1025. O místico edifício da Igreja militante que se eleva até as misteriosas alturas da divindade, tem por fundamento a inabalável firmeza da santa fé católica, sobre a qual assentou-a nosso Redentor e Mestre, prudente e sábio arquiteto.

Para estabelecer nesta firmeza as primeiras pedras fundamentais, os primeiros discípulos que chamou, desde logo começou a instrui-los nas verdades e mistérios relacionados com sua divindade e humanidade santíssima. Para se dar a conhecer por verdadeiro Messias e Redentor do mundo, por nossa salvação descido do seio do Pai assumindo a natureza humana, era como necessário e conseqüente declarar-lhes o modo de sua Encarnação no seio virginal de sua Mãe santíssima. Convinha que a conhecessem e venerassem por verdadeira Mãe e Virgem e, assim, instruiu-os sobre este mistério e os demais que dizem respeito à união hipostática e à redenção.

Com esta doutrina celestial foram alimentados estes novos filhos primogênitos do Salvador. Antes de chegarem à presença da grande Rainha e Senhora, já tinham concebido alto conceito de suas excelências, sabendo que era virgem antes do parto, no parto e depois do parto. Infundiu-lhes Cristo, nosso Senhor, profundíssima reverência e amor por Ela, de modo que ansiavam por vê-la e conhecer tão divina criatura.

Assim procedeu o Senhor pelo grande zelo da honra de sua Mãe, e pelo interesse dos próprios discípulos, em ter por Ela conceito e veneração. Ainda que todos ficaram divinamente instruídos, quem mais se distinguiu neste amor foi São João. Desde que ouviu o divino Mestre falar da dignidade e excelência de sua Mãe puríssima, foi crescendo no apreço e estima de sua santidade, como quem estava destinado a gozar dos maiores privilégios no serviço de sua Rainha, como adiante direi e consta de seu Evangelho.

Os discípulos desejam conhecer Maria

1026. Estes cinco primeiros discípulos pediram ao Senhor dar-lhes a satisfação de ver e venerar sua Mãe. Concordou o Mestre e depois que entraram na Galiléia, encaminharam-se diretamente à Nazaré. Ia pregando e ensinando publicamente, apresentando-se como Mestre da verdade e da vida eterna.

Muitos começaram a ouvi-lo e a acompanhá-lo, atraídos pela força de sua doutrina e pela luz da graça que derramava nos corações que a acolhiam. Mas, por então, não chamou outros, além dos cinco discípulos que levava.

É digno de reparo que, tendo sido tão ardente a devoção que eles conceberam pela divina Senhora, e tão evidente para eles sua dignidade entre todas as criaturas, não divulgaram sua admiração.

Pareciam ignorar estes mistérios e ficar mudos para deles falar. Assim dispos a Sabedoria do céu, porque não convinha, que no princípio da pregação de Cristo, fosse publicado entre os homens. Estava a nascer o Sol de justiça para as almas **(Mal 4, 2)**, e era necessário que seu esplendor se estendesse por todas as nações.

Ainda que a lua, sua Mãe santíssima, estava no plenilúnio da santidade, era conveniente que se conservasse oculta. Brilharia em a noite que desceria sobre a Igreja, quando aquele Sol se retirasse subindo ao Pai.

Assim aconteceu, e então refulgiu a grande Senhora, como direi na terceira parte. Por enquanto, sua excelência e santidade foi revelada só aos apóstolos, para que a conhecessem, a venerassem e a ouvissem, como digna Mãe do Redentor do mundo e Mestra de toda virtude e santidade.

Jesus e os discípulos dirigem-se para Nazaré

1027. Prosseguiu seu caminho nosso Salvador para Nazaré, instruindo seus novos filhos e discípulos, não só nos mistérios da fé como em todas as virtudes, com palavras e exemplos, como o fez durante todo o tempo de sua pregação evangélica.

Visitava os pobres e aflitos, consolava os tristes e enfermos nos hospitais e nos cárceres, e por todos fazia admiráveis obras de misericórdia corporal e espiritual. Só não manifestou seu poder de fazer milagres, até as bodas de Caná, como direi no capítulo seguinte.

Enquanto nosso Salvador fazia esta viagem, sua Mãe santíssima preparava-se para recebê-lo com os discípulos que trazia. De tudo tinha notícia a grande Senhora e preparou a hospedagem. Arrumou sua pobre casinha e, solícita, aprontou a refeição necessária, pois em tudo era prudentíssima e atenciosa.

Maria recebe Jesus e os discípulos

1028. Quando o Salvador do mundo chegou em casa, a divina Mãe estava à porta esperando-o. Prostrou-se adorando-o, beijou-lhe os pés e depois as mãos pedindo-lhe a bênção. Fez uma confissão altíssima e admirável à santíssima Trindade e à humanidade de seu Filho, tudo em presença dos novos discípulos. Este procedimento não era sem razão. A soberana Rainha, além de prestar a seu Filho santíssimo o culto e adoração que lhe era devido como verdadeiro Homem-Deus, quis também retribuir a honra com que Ele a exaltara ante os discípulos.

O Filho ausente os instruíra sobre a dignidade de sua Mãe, e da veneração com que deviam tratá-la e respeitá-la. Agora, em sua presença, a prudente e fiel Mãe quis ensinar aos discípulos o modo e veneração com que deviam tratar seu divino Mestre que era seu Deus e Redentor.

Os atos de tão profunda humildade e culto com que a grande Senhora recebeu e tratou Cristo Salvador, realmente infundiu nos discípulos nova admiração, devoção e reverencial temor pelo divino Mestre. Daí em diante serviu-lhes de modelo na virtude da religião.

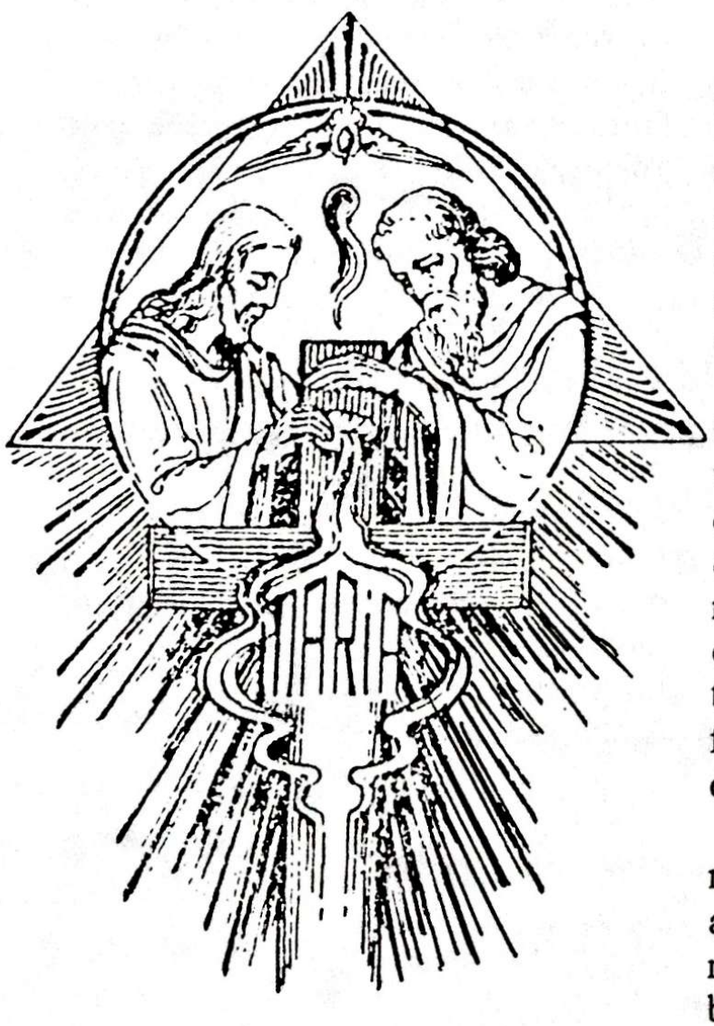
Desde esse momento, Maria santíssima começou a ser Mestra e Mãe espiritual dos discípulos de Cristo, no importante exercício da intimidade com seu Deus e Redentor. Essa atitude aumentou a devoção dos discípulos por sua Rainha, e de joelhos diante dela, pediram-lhe que os recebesse por filhos e escravos. O primeiro a fazer esta reverência e ofere-

cimento foi São João que sempre se avantajou aos outros apóstolos, na estima e veneração de Maria santíssima. Por sua vez, a divina Senhora lhe devotou especial afeição, pois além de ser virgem, era afável, manso e humilde.

Humildade de Maria

1029. A grande Senhora hospedou os discípulo, serviu-lhes a refeição, sempre atenta a todas as coisas, com a solicitude de Mãe e majestade de Rainha que unia em sua incomparável sabedoria, com admiração dos próprios anjos. A seu Filho santíssimo servia de joelhos com profunda reverência.

Além destes atos de veneração, dizia aos apóstolos palavras de grande peso sobre a majestade de seu Mestre e Redentor, para catequizá-los na doutrina verdadeiramente cristã.



Naquela noite, após se terem recolhido os hóspedes, o Salvador foi ao oratório de sua Mãe puríssima, como costumava, e a humilíssima entre os humildes prostrou-se a seus pés, como sempre fazia.

Ainda que não tinha culpa de que se acusar, pediu ao Senhor perdoá-la de O servir tão pouco e não corresponder melhor a seus imensos benefícios. Em sua humildade, tudo parecia pouco à grande Rainha, em comparação do que devia ao amor infinito e aos dons que d'Ele recebera. Confessava-se por inútil quanto o pó da terra.

O Senhor levantou-a do solo e lhe falou palavras de vida eterna, porém, com serena majestade. Nesta época tratava-a com mais gravidade para lhe dar ocasião de padecer, como adverti acima[1] na despedida do Salvador, quando este se dirigiu ao deserto.

Maria é batizada por Jesus

1030. A beatíssima Senhora pediu a seu Filho santíssimo o sacramento do Batismo que havia instituído, como já lhe tinha prometido[2]. Para celebrá-lo com solenidade digna do Filho e da Mãe puríssima, por divina ordem desceu do céu inumerável multidão de anjos em forma visível.

Com esta assistência, o próprio Cristo batizou sua Mãe puríssima, ouvindo-se então a voz do eterno Pai dizendo: Esta é minha filha querida em quem eu me comprazo. - O Verbo humanado disse: Esta é minha Mãe amadà que eu escolhi e que me acompanhará em todas minhas obras. - O Espírito Santo se fez também ouvir com estas palavras: Esta é minha Esposa escolhida entre milhares.

Sentiu e recebeu a puríssima Senhora tantos e tão divinos efeitos em sua alma que não cabem em palavras humanas. Foi realçada na graça, retocada a beleza de sua alma puríssima, e toda ele-

1 - nº 960 - 2 - nº 831

vada a mais altos graus de santidade.

Recebeu a iluminação do caráter que este Sacramento produz, o sinal que marca os filhos de Cristo em sua Igreja e todos os demais efeitos, fora da remissão do pecado que ela não tinha e nunca teve. Pela humildade em receber este Sacramento ordenado para a purificação da culpa, Ela mereceu altíssimos graus de graça.

O batismo da Senhora assemelhou-se ao de Cristo no mérito, ainda que só Ela recebeu aumento de graça, porque Cristo não o podia receber. Com os santos anjos, entoou a humilde Mãe um cântico de louvor pelo Batismo que recebera, e prostrada ante seu Filho, lhe deu afetuosíssimas graças.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

Mãe piedosíssima

1031. Minha filha, vejo-te com muita inveja da grande felicidade dos discípulos de meu Filho santíssimo, em particular de São João, meu servo predileto. É certo que eu lhe tive amor especial, porque era puríssimo e cândido como singela pomba. Por estas virtudes, e pelo amor que me dedicava, era muito agradável aos olhos do Senhor.

Quero que este exemplo te sirva de estímulo no modo de procederes comigo e com o Senhor. Não ignores, caríssima, que sou Mãe piedosíssima, e que acolho com maternal coração a todos que, com fervor e devoto afeto, querem ser meus fi-lhos e servos de meu Senhor.

Com a caridade que Deus me comunicou, recebo-os de braços abertos e serei sua intercessora e advogada. Tu que és a mais inútil, pobre e desvalida, servirás de exemplo para mais se manifestar minha liberalíssima piedade, e por isso te chamo e convido para minha caríssima, destinguida na Igreja por minha especial devota.

O exemplo de São João

1032. Esta promessa, todavia, se cumprirá com uma condição de tua parte. Se tens, verdadeiramente, santa inveja do amor que tive a meu filho João, e da afeição santa com que ele me correspondeu, então deves imitá-lo com toda perfeição, conforme tuas forças. Isto me deves prometer e cumprir, sem faltar ao que te ordeno.

Antes, porém, quero que te esforces em morrer ao amor próprio e a todos os efeitos do primeiro pecado, e em extinguir as inclinações terrenas que dele procedem. Deves voltar ao estado de pureza e simplicidade que destrói toda malícia e duplicidade. Em todas tuas operações deves ser anjo, pois a dignação do Altíssimo foi tão liberal contigo, que te deu luz e inteligência mais de anjo do que de criatura humana.

Sou eu que te obtenho estes grandes benefícios, e é razão que lhes correspondas no pensar e no agir. Deverás ter incessante afeto e amoroso cuidado em servir-me e dar-me gosto, estando sempre atenta a meus conselhos, com os olhos fitos em minhas mãos, para saber o que te ordeno e prontamente executá-lo. Deste modo, serás minha verdadeira filha, e eu tua protetora e amorosa Mãe.

FIM DO 5º LIVRO

LIVRO SEXTO E QUARTO DA SEGUNDA PARTE

CONTÉM: as bodas de Caná na Galiléia; como a Mãe do Redentor do mundo acompanhou-o na pregação; humildade da divina Rainha por ocasião dos milagres de seu Filho santíssimo; transfiguração de Cristo; sua entrada em Jerusalém; sua paixão e morte; o triunfo que obteve na cruz sobre Lúcifer e seus sequazes; a santíssima Ressurreição do Salvador e sua admirável Ascensão ao céu.

Bodas de Caná

CAPÍTULO 1

INÍCIO DA MANIFESTAÇÃO DO SALVADOR PELO MILAGRE NAS BODAS DE CANÁ A PEDIDO DE SUA MÃE SANTÍSSIMA.

Jesus e seus discípulos são convidados para as bodas de Caná

1033. O evangelista São João que, no fim do capítulo 1 refere a vocação de Natanael, quinto discípulo de Cristo, começa o segundo capítulo da narração evangélica, dizendo: Ao terceiro dia, realizaram-se umas bodas em Caná da Galiléia, e a Mãe de Jesus ali se encontrava. Jesus e seus discípulos também foram convidados para a festa. **(Jo 2, 1).**

Daqui parece que a divina Senhora já estava em Caná, antes de seu Filho ser convidado. Para concordar esta passagem com o que deixo dito no capítulo passado, e saber qual seria este "terceiro dia" fiz algumas perguntas por ordem da obediência.

Foi-me respondido que, não obstante, as diversas opiniões dos expositores, a História da Rainha concorda com o Evangelho, e o fato foi nesta forma: Cristo, nosso Senhor, com seus cinco Apóstolos, ao entrar na Galiléia foi direto a Nazaré, pregando e ensinando.

Nesta viagem levou alguns dias, mais que três. Chegando a Nazaré, batizou sua Mãe santíssima como fica dito,[1] e saiu pelos lugares vizinhos a pregar com seus discípulos. Neste interim, a Divina Senhora foi convidada para a festa de casamento, da qual fala o Evangelista. Era de uns primos seus, em quarto grau, pelo lado de Sant'Ana. Estando a grande Rainha em Caná, os noivos tiveram notícia da vinda de Jesus com os discípulos. Por intermédio de sua Mãe santíssima e vontade do mesmo Senhor, que assim dispunha para seus altos fins, Ele foi convidado com seus discípulos para a festa.

Concordância da narração da Escritora com o Evangelho

1034. O terceiro dia referido pelo Evangelista, foi o terceiro dia da semana dos hebreus. Ainda que não o diga expressamente, tampouco diz que foi o terceiro depois da vocação dos discípulos e da entrada na Galiléia. Se se referisse a isto telo-ia dito. Era, porém, naturalmente impossível que estas bodas fossem ao terceiro dia depois da vocação dos discípulos e da entrada na Galiléia, pois Caná está situada nas fronteiras da tribo de Zabulom com a Fenícia, ao norte onde se encontrava a tribo de Aser em relação à Judéia.

Distancia-se muito do ponto da fronteira que Jesus transpos para passar da Judéia para a Galiléia. Se o terceiro dia tivesse sido o das bodas, só teriam dois dias para vir da Judéia à Caná, cuja distância leva três dias de viagem. Estaria, então próximo de Caná, antes de ser convidado, e para isto era necessário mais tempo.

1 - nº 1030.

Além disto, para ir da Judéia à Caná da Galiléia teria que passar por Nazaré, porque Caná está situada mais para a frente na direção do Mar Mediterrâneo, vizinha da tribo de Aser, conforme falei.

O Salvador do mundo teria ido primeiro visitar sua Mãe Santíssima que o esperava em sua casa, pois não ignorava sua vinda.

Se o Evangelista não narrou esta visita nem o batismo da divina Senhora, não foi por não terem acontecido, mas porque falou só o que interessava à sua intenção. O mesmo São João confessa que muitos milagres operados pelo divino Mestre não foram escritos **(Jo 20, 30)**, por não ser necessário, referi-los todos.

Com esta explicação, fica entendido o Evangelho e a concordância dele com este ponto da História de sua Mãe santíssima.

Cristo santifica o matrimônio

1035. Estando, pois, a Rainha do mundo em Caná, seu Filho santíssimo com os primeiros discípulos foram convidados para as bodas.

Sua benignidade, que tudo dispunha, aceitou o convite. Foi com o fim de santificar e honrar o matrimônio, e para começar a confirmar sua doutrina com um milagre público.

Apresentando-se como Mestre, recrutando discípulos, era necessário confirmá-los na vocação, autorizando a credibilidade e aceitação de sua doutrina. Já operara o Senhor muitos prodígios, mas ocultamente, sem se revelar por autor deles como nesta ocasião. Por isto, o Evangelista chama este milagre **(Jo 2, 11)**, primeiro dos sinais que fez Jesus em Caná da Galiléia. O mesmo Senhor disse a sua Mãe santíssima que até então não chegara sua hora. **(Jo 2, 4)**.

Sucedeu esta maravilha no dia em que se completava um ano do batismo de Cristo nosso Salvador, e ocorria no mesmo dia da adoração dos Magos, como o comemora a Santa Igreja, celebrando estes três mistérios a seis de Janeiro.

Contava Cristo, nosso Senhor, trinta anos de idade completos, mais os treze dias que há do Natal à Epifania.

O matrimônio é elevado a sacramento

1036. Entrou o Mestre da vida na casa dos noivos e saudou seus moradores, dizendo: A paz do Senhor e a luz esteja convosco. Estava, realmente, na sua divina pessoa.

Em seguida, fez uma exortação de vida eterna ao noivo, instruindo-o nas obrigações de seu estado, para nele ser santo e perfeito. O mesmo fez a Rainha do céu com a neo-esposa, a quem, com pala-vras ameníssimas e eficazes, admoestou ao cumprimento de seus deveres. Ambos corresponderam a esta graça e viveram com perfeição o estado que tiveram a felicidade de abraçar na presença dos Reis do céu e da terra.

Não vou demorar a explicar que este noivo não era São João Evangelista. Basta saber que, como disse no capítulo passado, ele vinha como discípulo do Salvador, e nesta ocasião o Senhor não pretendeu dissolver o matrimônio. Se veio assistir às bodas, foi para autorizá-lo e santificá-lo elevando-o a Sacramento. Seria, pois, uma contradição, dissolvê-lo nesse próprio momento. O Evangelista, tampouco, jamais teve intenção de se casar.

Havendo exortado aos desposados, fez nosso Salvador fervorosa oração ao Pai eterno, suplicando-lhe que, na lei da graça, abençoasse a propagação humana e, daí em diante, desse ao ma-

trimônio graça para santificar aos que o abraçassem na Santa Igreja, e fosse um de seus sacramentos.

Sociabilidade de Jesus e Maria

1037. A virgem santíssima, ciente da vontade e da oração de seu Filho santíssimo, acompanhou-o, cooperando nesta, como em todas as outras obras, que Ele realizava a favor da linhagem humana. Como tomara por sua conta o agradecimento que os homens deviam por estes benefícios, fez um cântico de louvor ao Senhor, convidando os anjos para nele participarem. Tudo isto era manifesto apenas ao Senhor e Salvador nosso que se comprazia na sabedoria e nos atos de sua Mãe puríssima, do mesmo modo que ela nos de seu Filho.

No mais, conversavam e se entretinham com os demais convidados, porém, com sabedoria e gravidade dignas de suas pessoas, e com a finalidade de tocar os corações dos circunstantes.

A prudentíssima Senhora falava muito pouco, só por necessidade ou quando interrogada. Tinha a atenção sempre fixa nas palavras e atos de Jesus, para guardá-los e meditá-los em seu santíssimo coração. Raro exemplo de prudência e modéstia foram as palavras e todo o proceder desta grande Rainha no decurso de sua vida.

Nesta ocasião, foi exemplo não só para as religiosas, mas especialmente para as mulheres do século. Se dele se lembrassem, em circunstâncias seme-lhantes às daquela festa de casamento, aprenderiam a calar, a se moderar, e a compor-se interior e exteriormente sem leviandade e desenvoltura. A tempe-rança nunca é tão necessária como quando há maior perigo. Nas mulheres sempre é maior adorno, beleza e atrativo, o silêncio, a moderação, e o retraimento que fecha a entrada de muitos vícios e servem de coroa à mulher casta e honesta.

Maria percebe a falta de vinho

1038. À mesa, o Senhor e sua Mãe santíssima comeram alguns manjares servidos, com grande temperança, mas sem que esta abstinência chamasse a atenção.

Quando estavam a sós, não comiam tais alimentos, como antes tenho dito[2]. Sendo contudo mestres da perfeição que não pretendiam reprovar a vida comum dos homens, mas sim aperfeiçoá-la com seus exemplos, acomodavam-se aos outros, sem exageros e singularidades, no que não era reprovável e se podia fazer com perfeição.

Assim como ensinou pelo exemplo, o Senhor deixou também como doutrina aos apóstolos, ordenando-lhes que quando fossem pregar, comessem o que lhes fosse apresentado **(Mt 10, 10; Lc 10, 8).** Não deveriam se fazer singulares, imperfeitos e pouco sábios no caminho da virtude, porque o verdadeiro pobre e humilde não faz escolha de manjares.

Permitiu Deus que faltasse o vinho para dar motivo ao milagre, e a piedosa Rainha disse ao Salvador **(Jo 2, 3-4)**: Senhor, não há mais vinho para o banquete. Respondeu-lhe Jesus: Mulher, que importa a mim e a Ti? Ainda não chegou minha hora.

Esta resposta de Cristo não foi de repreensão, mas de mistério. A prudentíssima Senhora não pediu o milagre casualmente. Com luz divina, conheceu que já era tempo oportuno para o poder de seu Filho santíssimo se manifestar. Não podia ignorar isso, quem estava repleta de sabedoria e da ciência das obras da Redenção, com a respectiva ordem dos tempos e

2 - nº 898.

ocasiões em que o Salvador iria executá-las.

É ainda para se advertir, que Jesus não pronunciou estas palavras com semblante de censura, mas com liberal e afável serenidade. Não deu à Virgem o nome de Mãe, mas de mulher, porque então não a tratava com palavras de muito carinho, como acima disse[3].

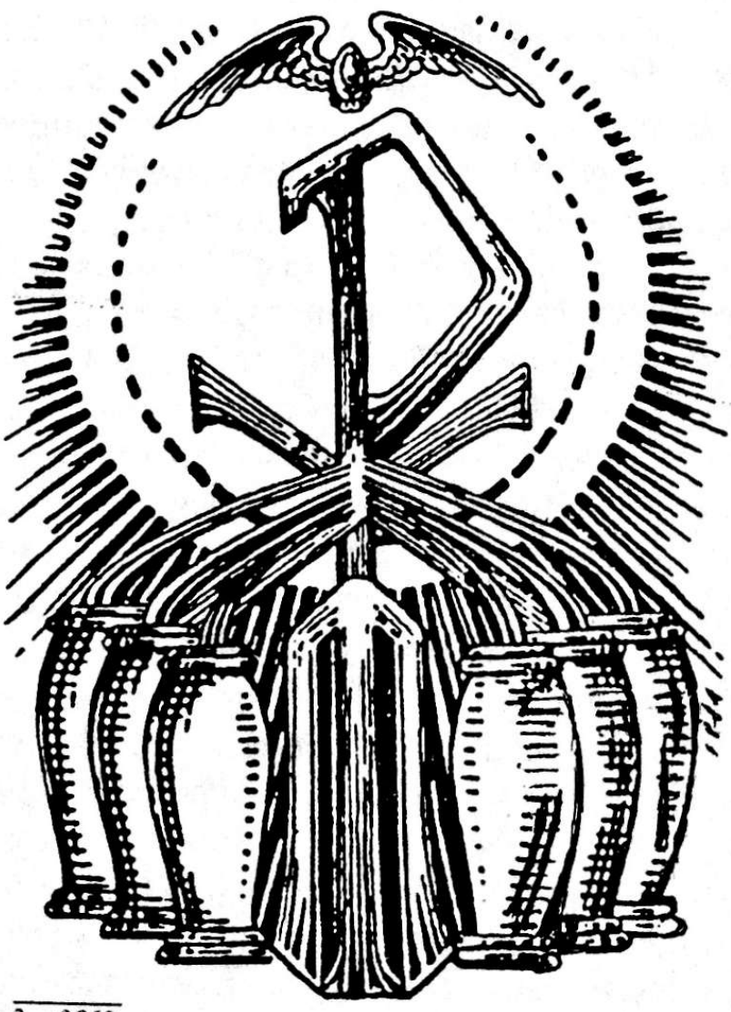
Interpretação da resposta de Cristo

1039. O mistério da resposta de Cristo nosso Senhor, consistiu em confirmar os discípulos na fé da sua Divindade, e começar a manifestá-la aos demais, mostrando-se Deus verdadeiro, independente de sua mãe no ser divino e no poder de operar milagres.

Por este motivo chamou-a mulher em vez de Mãe. Que te importa, ou que temos a ver, Tu e Eu, com isto? Foi o mesmo que dizer: o poder de fazer milagres não recebi de ti, apesar de me teres dado a natureza humana com a qual os farei. Só à minha divindade compete fazê-los, e para ela não chegou a minha hora.

Nesta palavra deu a entender que, determinar prodígios não pertencia à sua Mãe santíssima, mas sim à vontade de Deus, ainda que a prudentíssima Senhora os pedisse em tempo oportuno. Que n'Ele havia além da humana, outra vontade, a divina, superior à de sua Mãe. A vontade divina não estava subordinada à da Mãe. Pelo contrário, a da Mãe é que estava sujeita à divina que Ele possuía como verdadeiro Deus.

Para efeito de tudo isto, infundiu o Senhor, no interior de seus discípulos, nova luz para conhecerem a união hipostática das duas naturezas na pessoa de Cristo: a humana que recebera de sua Mãe, e a divina por geração eterna de seu Pai.



Cristo transforma água em vinho

1040. Conheceu a grande Senhora todo o mistério das palavras de seu Filho, e com afável gravidade, disse aos criados que serviam à mesa **(Jo 2, 5)**: Fazei tudo o que meu Filho ordenar.

Estas palavras supõem que a prudente Mãe conhecia a vontade de Cristo. Mestra de toda a linhagem humana, ensinou os mortais que, para remediar todas nossa precisões e misérias, é necessário e suficiente de nossa parte, fazer tudo o que manda o Senhor e os que estão em seu lugar.

Tal doutrina só poderia vir desta Mãe advogada, desejosa de nosso bem e conhecedora da causa que impede o poder divino de fazer muitos e grandes prodígios. Quis nos ensinar o remédio de nossa misérias e enfermidades, levando-nos ao cumprimento da vontade do Altíssimo, na qual consiste todo o nosso bem.

3 - nº 960.

O Redentor do mundo ordenou aos serventes que enchessem de água as hídrias **(Jo 2, 7)** ou talhas que os hebreus usavam para suas abluções. Tendo-as enchido, o Senhor mandou que tirassem delas o vinho e o levassem ao arquitriclínio que presidia a mesa e era um dos sacerdotes da lei.

Tendo experimentado o milagroso vinho, admirado, chamou o noivo e disse: **(Jo 2, 10)** Qualquer homem bem avisado, serve primeiro o melhor vinho, e quando os convidados já estão satisfeitos, então dá o pior. Tu, porém, fizeste o contrário, pois guardaste o mais generoso para o fim da refeição.

Efeitos do milagre

1041. Não sabia o arquitriclínio do milagre, quando provou o vinho, porque estava na cabeceira da mesa, enquanto Cristo Senhor nosso com sua Mãe santíssima e os discípulos estavam mais para baixo. Praticavam o que depois ensinariam com a doutrina **(Lc 14, 8, 10):** que nos banquetes não se cobice o melhor lugar, mas voluntariamente escolha-se o último.

A maravilha de nosso Salvador ter convertido água em vinho, rapidamente se propagou; manifestou-se sua glória e seus discípulos creram n'Ele, como diz o Evangelho **(Jo 2, 11)**, confirmando-se a fé inicial que já tinham. Não só eles, mas outros muitos presentes, creram que era o verdadeiro Messias e o seguiram, acompa-nhando-o até a cidade de Cafarnaum **(Mt 4, 13)**, para onde se dirigiu com sua Mãe e os discípulos. Conforme diz o Evange-lista S. Mateus, nesta cidade começou a pregar, apresentando-se como mestre.

Dizendo São João que, com este milagre o Senhor manifestou sua glória, não negou que fez outros antes, de modo oculto, mas o subentendeu como se dissesse; neste milagre manifestou sua glória que não tinha manifestado em outros anteriores, por não ser o tempo oportuno determinado pela divina Sabedoria. Só no Egito fizera muitos e admiráveis, como a ruína dos templos e seus ídolos, conforme fica dito[4].

Nestas ocasiões, Maria santíssima fazia atos de insigne virtude em louvor do Altíssimo, e em ação de graças pela manifestação de seu santo nome. Atendia ao consolo dos novos crentes e ao serviço de seu Filho santíssimo e a tudo acudia com incomparável sabedoria e prestimosa caridade. Espiritualmente, exercitava-a fervorosíssima, suplicando ao eterno Pai dispusesse o ânimo e o coração dos homens a serem iluminados pela luz das palavras do Verbo Humanado, e arrancados das trevas da ignorância.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA DO CÉU.

A falta de zelo

1042. Minha filha, não tem desculpa o esquecimento e descaso dos filhos da Igreja, em procurar que o santo nome de Deus seja conhecido por todas as criaturas racionais, para manifestação e aumento de sua glória.

Esta negligência é ainda mais culpável, depois que o eterno Verbo se encarnou em meu seio, instruiu e redimiu o mundo para o mesmo fim.

Para isso estabeleceu a Santa Igreja, enriqueceu-a de bens e tesouros espirituais, de ministros e outros bens temporais. Tudo isto não deve servir apenas para conservação da Igreja e dos seus filhos atuais, mas ainda para propagá-la e

4 - nº 643, 646, 665.

lhe trazer outros novos na regeneração da fé católica. Todos devem colaborar nisso para que se aproveite mais o fruto da morte de seu Redentor.

Uns podem fazê-lo com orações, súplicas e fervorosos desejos pela dilatação do santo nome de Deus. Outros com esmolas, estes com exortações, aqueles com trabalho e solicitude. A negligência nisto será menos culpável nos ignorantes e pobres que talvez não encontram quem lhes recorde essa obrigação.

Mais repreensíveis são os ricos e poderosos, e principalmente os ministros e prelados da Igreja, a quem incumbe esta grave obrigação. Esquecidos da terrível justiça que os espera, muitos convertem a verdadeira glória de Cristo em própria vanglória. Gastam o patrimônio do sangue do Redentor em coisas e fins indignos de serem nomeados. Por culpa deles perecem inúmeras almas que, com oportunos meios poderiam entrar na santa Igreja. Pelo menos, teriam eles esse mérito, e o Senhor a glória de possuir fiéis ministros em sua Igreja.

As mesmas contas serão pedidas aos príncipes e poderosos do mundo que receberam de Deus honra, riqueza e outros bens temporais, para empregá-los em sua glória, mas em nada advertem menos do que nesta obrigação.

Pedir operários para a messe

1043. Quero que sintas todos estes males e trabalhos quanto puderes, para que se manifeste a glória do Altíssimo; que Ele se torne conhecido por todas as nações, e das pedras faça filhos de Abraão **(Mt 3, 8)** pois para tudo é poderoso.

Para trazê-las ao suave jugo do Evangelho **(Mt 11, 30)** pede-lhe que envie operários **(Lc 10, 2)** ministros idôneos à sua Igreja, pois grande é a messe e poucos os fiéis e zelosos trabalhadores para conquistá-la. Seja para ti exemplo vivo o que te mostrei sobre a solicitude e maternal amor com que Eu trabalhava com meu Filho e Senhor para lhe conquistar almas, e ajudá-las a perseverar em sua doutrina e seguimento. Que em teu coração nunca se apague a chama deste caridoso zelo. Também quero que o silêncio e modéstia que pratiquei naquela festa, seja padrão rigoroso para ti e tuas religiosas medirem o recato, moderação e poucas palavras, principalmente quando estiverdes na presença de homens. Estas virtudes, são as galas que adornam a esposa de Cristo, para encontrarem graça a seus divinos olhos.

Caná da Galiléia (Kefar Kana) a 8 km de Nazaré. Provavelmente esta é a aldeia onde Jesus começou sua vida pública operando o primeiro milagre.

CAPÍTULO 2

MARIA SANTÍSSIMA ACOMPANHA E COLABORA COM O SALVADOR EM SUA PREGAÇÃO. CUIDA DAS MULHERES QUE O SEGUIAM, E EM TUDO PROCEDE COM SUMA PERFEIÇÃO.

Impossível escrever tudo quanto Cristo realizou

1044. Não estaria fora do contexto desta História, nela escrever as heróicas obras de Cristo, nosso Redentor e Mestre, porque em quase todas sua Mãe santíssima tomou alguma parte.

Não posso, contudo, empreender tão árduo trabalho que excede as forças e capacidades humanas. O evangelista São João, depois de haver escrito tantas maravilhas de seu Mestre divino, diz no fim de seu Evangelho, que Jesus fez muitas outras, e que se fossem todas escritas, os livros não poderiam caber em todo o mundo. O que pareceu impossível ao Evangelista, como poderá presumir uma ignorante mulher, mais inútil que o pó da terra?

O necessário e conveniente, o suficiente e superabundante para fundar e conservar a Igreja, foi escrito pelos quatro evangelistas e não é preciso repetir nesta História. Todavia, para compô-la e não deixar em silêncio muitos dos atos da grande Rainha que eles não escreveram, será forçoso referir algumas particularidades. Escrevê-las e guardá-las na memória, servirá de consolo e utilidade para meu aproveitamento.

O mais, que não foi escrito pelos Evangelistas nos Evangelhos e nem eu tenho ordem para escrever, fica reservado para a visão beatifica onde, com especial gozo para os Santos, será contemplado no Senhor, e ali O louvarão eternamente por obras tão magníficas.

Maria acompanha Jesus

1045. De Caná da Galiléia, nosso Redentor se encaminhou para Cafarnaum, grande cidade, muito povoada, próxima ao mar de Tiberíades. Ali esteve alguns dias, como diz o Evangelista São João **(Jo 2, 12)**, mas não muitos, porque chegando o tempo da Páscoa, foi se aproximando de Jerusalém para celebrá-la no dia catorze da lua de Março.

Tendo deixado sua casa de Nazaré, sua Mãe santíssima acompanhava-o, para segui-lo na pregação até a cruz. Só em algumas ocasiões se separavam por alguns dias, como quando o Senhor foi ao Tabor **(Mt 17, 1)**, ou para cuidar de alguma conversão em particular, como a da Samaritana, ou porque a divina Senhora ficava terminando de instruir e catequizar algumas pessoas. Logo, porém, voltava para a companhia de seu Filho e Mestre, seguindo o Sol de justiça até o ocaso de sua morte.

Nestas peregrinações, tanto a Rainha do céu como seu Filho santíssimo, caminhavam a pé. Se Jesus se cansou nestas caminhadas, como consta do Evangelho **(Jo 4, 6)** qual seria o sacrifício da puríssima Senhora, e quantas fadigas sentiria em tantas viagens? Com este rigor tratou a Mãe de misericórdia o seu delicadíssimo corpo, e só neste ponto foi tanto o que trabalhou por nós, que todos os mortais jamais lhe poderão pagar o quanto lhe devem.

Algumas vezes, permitiu o Senhor que chegasse a ter tantas dores e falta de forças, que era necessário sustentá-la milagrosamente. Nestas ocasiões, mandava-a descansar em algum lugar durante alguns dias. Outras vezes tirava-lhe o peso do corpo, de modo que andava com tanta facilidade como se voasse.

Estima de Maria pela palavra de Cristo

1046. A divina Mestra levava gravada em seu coração toda a doutrina e lei evangélica, como acima expliquei[1]. Apesar disso, era tão solícita e atenta em ouvir a pregação de seu Filho santíssimo, como se fora uma discípula novata. Tinha ordenado a seus anjos que a ajudassem, e se fosse preciso a avisassem, para não perder a pregação do divino Mestre, a menos que estivesse ausente.

Sempre que Jesus pregava, a grande Senhora o ouvia de joelhos e, no máximo de sua capacidade, só Ela dava o culto e reverência devidos à sua pessoa e doutrina.

Como tenho dito muitas vezes, Ela sempre conhecia as operações da alma santíssima de seu Filho. Via que, ao mesmo tempo que Ele pregava, orava interiormente ao Pai para que, a semente de sua santa doutrina caísse em corações bem dispostos e produzisse fruto de vida eterna. Fazia, então, a piedosa Mãe a mesma oração pelos ouvintes do divino Mestre, e lhes augurava os mesmos bens, com ardentíssima caridade e lágrimas. Sua profunda reverência e atenção era ensinamento para todos aprenderem o apreço que deviam fazer das palavras do Salvador do mundo.

Conheceu também o íntimo dos que assistiam à pregação de seu Filho santíssimo, o estado de graça ou de pecado de suas almas, os vícios ou virtudes que possuíam. A diversidade destas disposições, ocultos à comum capacidade humana, produzia na divina Mãe diferentes e admiráveis efeitos, todos de altíssima caridade e de outras virtudes. Inflamava-se de zelo pela honra do Senhor, e para que o fruto de suas obras redentoras não se perdesse nas almas.

O perigo em que o pecado as colocava, movia-a a pedir sua salvação com incomparável fervor. Sentia íntima e profunda dor de que Deus não fosse conhecido, adorado e servido por todas as criaturas; esta pena era proporcionada ao conhecimento das razões que para isso havia, e que Ela compreendia mais do que qualquer criatura.

Pelas almas que não aceitavam a graça divina, sentia tanta amargura que chegava a chorar sangue. Nestas penas e solicitudes, nossa grande Rainha ultrapassou, sem medida, os tormentos de todos os Mártires do mundo.

Maria e os discípulos

1047. A grande Senhora tratava com incomparável sabedoria e prudência a todos os discípulos que seguiam ao Senhor, e aos escolhidos para apóstolos tinha maior veneração e apreço. De todos, porém, velava como Mãe e socorria como

1 - nº 714, 776.

poderosa Rainha, cuidando por sua alimentação e outras coisas necessárias à vida corporal.

Quando não havia outro recurso, ordenava aos anjos que trouxessem alimento para eles e para algumas mulheres que os acompanhavam, mas destes prodígios só lhes dava a entender o que convinha, para confirmar-lhes a fé no Senhor.

Para ajudá-los a progredir na vida espiritual, trabalhou a grande Senhora, mais do que se pode compreender, não só com orações contínuas e fervorosas súplicas por eles, mas também com o exemplo, conselho e advertências. Deste modo, os nutriu e criou como Mãe e Mestra prudentíssima.

Quando os apóstolos e discípulos se encontravam com alguma dúvida - e tiveram muitas no começo - ou sentiam alguma oculta tentação, recorriam logo à grande Senhora para serem esclarecidos e aliviados pela incomparável luz e caridade que n'Ela resplandecia. Assim dispunha o Senhor que ficassem inteiramente satisfeitos e consolados, com a doçura das palavras de sua Mãe; instruídos , por sua sabedoria; submissos, por sua humildade; moderados, por sua modéstia. Naquele receptáculo do Espírito Santo encontraram reunidos todos os seus dons e graças.

Por todos estes benefícios, pela vocação dos discípulos, pela conversão de qualquer alma, pela perseverança dos justos e por qualquer ato de virtude e graça, a divina Senhora agradecia com novos cânticos, e era para Ela como dia festivo.

As mulheres que seguiam Jesus

1048. Como dizem os Evangelistas, algumas mulheres seguiam a Jesus, durante sua pregação, desde a Galiléia.

São Mateus **(27, 55)**, São Marcos **(15, 40)** e São Lucas **(8, 2)** dizem que o acompanhavam algumas mulheres, a quem o Senhor havia curado de possessão diabólica e de outras enfermidades.

O Mestre da vida não excluiu o sexo feminino de seu seguimento, imitação e doutrina. Desde o princípio de sua pregação, foi seguido e servido por algumas mulheres. Assim dispos sua divina sabedoria para que, entre outros fins, também sua Mãe santíssima tivesse companheiras e andasse com maior decoro.

Destas santas e piedosas mulheres tinha especial cuidado nossa Rainha. Depois de as reunir, instruir e catequizar encaminhava-as aos sermões de seu Filho santíssimo. Ainda que estivesse tão ilustrada na sabedoria e doutrina do Evangelho, escondia parte de seu grande privilégio, e para instruí-las se valia sempre do que todos tinham ouvido seu Filho pregar. A partir de suas palavras fazia as exortações e práticas para estas mulheres e para outras muitas que, em diferentes lugares, a Ela se dirigiam, quer antes, quer depois de ouvir o Salvador do mundo.

Nem todas a seguiam, mas a divina Mãe deixava-as instruídas na fé e nos mistérios que era necessário conhecerem. Foram inumeráveis as mulheres que Ela trouxe ao conhecimento de Cristo, ao caminho da eterna salvação e da perfeição evangélica.

Os Evangelistas falam apenas que algumas seguiam a Cristo, nosso Senhor, porque os outros pormenores não eram necessários a seu intento.

A grande Senhora instruía estas mulheres na fé e virtudes não só por palavras mas também com o exemplo. Ensinava-lhes a praticar a misericórdia visitando enfermos, pobres, hospitais, encarcerados e aflitos, tratando com as próprias mãos os chagados, consolando os tristes, socorrendo os necessitados. Se fôssemos referir todos estes trabalhos da Mãe de Deus, teríamos que alongar muito esta História.

Os milagres de Maria santíssima

1049. Também não foram escritos nos Evangelhos e noutras obras eclesiásticas, os inumeráveis e grandiosos milagres que nossa grande Rainha realizou no tempo da pregação de Cristo, nosso Senhor.

Só descreveram os de Jesus, que convinham para a fé da Igreja e eram necessários para sua fundação e confirmação. Só mais tarde seriam manifestadas as grandezas pessoais de sua Mãe santíssima.

Entretanto, segundo me foi dado a entender, é certo que, não só fez muitas conversões milagrosas, como ressuscitou mortos, curou cegos e deu saúde a muitos. Isto era conveniente por muitas razões: primeira, porque foi coadjutora da maior obra para a qual o Verbo do eterno Pai se encarnou e veio ao mundo, a saber, a pregação e redenção; por essa obra, abriu os tesouros de sua onipotência e bondade infinita manifestadas através do Verbo feito homem e de sua digna Mãe.

A segunda razão é porque, nestes prodígios foi glória para ambos haver semelhança entre Mãe e Filho, devendo Ela atingir o máximo das graças e méritos correspondentes à sua dignidade e recompensa.

Seu poder taumaturgo servia também de confirmação à doutrina e missão de seu Filho santíssimo, e assim auxiliava seu ministério, do modo mais excelente e eficaz.

O fato de terem ficado ocultas estas maravilhas de Maria santíssima, foi disposição do Senhor e desejo da prudente Mãe, que as realizava com tanta discrição e sabedoria, que toda a glória era dirigida ao Redentor em cujo nome e poder eram feitas.

No ensinar, seguia igual método: não pregava publicamente, em lugares próprios dos mestres e ministros da palavra divina, pois não ignorava a Senhora que tal ofício não pertencia às mulheres **(Cor 14, 34).** Em palestras e conversações privadas, transmitia seus ensinamentos com celestial sabedoria, prudência e êxito. Por este modo, e mais suas orações, fez mais conversões do que todos os pregadores do mundo.

Maria, coadjutora de Cristo

1050. Isto se entenderá melhor sabendo que, além da virtude divina que possuíam suas palavras, conhecia o temperamento, as inclinações e costumes de todos; o tempo, disposições e momento mais oportuno para reduzi-los ao caminho da luz. A tudo isto, ainda acrescentava suas orações, súplicas e a doçura de suas prudentíssimas admoestações.

Todos estes dons, governados pela ardentíssima caridade com que desejava levar todas as almas ao Senhor e ao caminho da salvação, logicamente pro-

duziam atos grandiosos para iluminar, atrair e resgatar inumeráveis almas. Nada do que pedia ao Senhor lhe era negado, e nenhum de seus atos era inútil e com menor santidade do que lhe competia.

Sendo a Redenção a principal de todas as obras, sem dúvida cooperou nela mais do que, na vida mortal, podemos compreender.

Procedia a divina Senhora com rara mansidão, qual pomba singelíssima, com extrema paciência e tolerância. Sobrelevava as imperfeições e rudeza dos novos fiéis, esclarecendo suas ignorâncias, pois era grande a multidão dos que a Ela recorriam, quando decidiam abraçar a fé do Redentor.

Mantinha sempre a serena grandeza de Rainha, mas aliada a tão suave humildade, que só Ela foi capaz de unir estas perfeições, em sumo grau, à semelhança do mesmo Senhor. Ambos tratavam a todos com tanta humanidade e simplicidade de perfeitíssima caridade, que ninguém pôde ter desculpa de não ter sido ensinado por tais mestres. Falavam, conviviam e comiam com os discípulos e as mulheres que os seguiam, **(Mt 9, 10; Jo 12, 2; Lc 5, 29; 7, 36)** com a moderação conveniente, para que ninguém pudesse pensar que o Senhor não era verdadeiro homem, realmente Filho de Maria santíssima. Pela mesma razão, aceitava o Senhor participar em outros banquetes, com tanta afabilidade, como consta dos santos Evangelhos.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Reverência à palavra de Deus

1051. Minha filha, acompanhando meu filho até a cruz, eu trabalhei realmente, mais do que pensam e sabem os mortais. E, depois de sua morte não foram menores meus cuidados, como entenderás ao escrever a terceira parte de minha vida. Entre a fadiga de meus trabalhos, porém, era de incomparável gozo para meu espírito, ver o Verbo encarnado operando a salvação dos homens. Ia abrindo o livro **(Apoc 5, 8)** fechado com os sete selos, dos mistérios ocultos de sua divindade e humanidade santíssima.

O gênero humano não me deve menos pela alegria que eu sentia pelo bem de cada um, como pelo cuidado com que lhes procurava esse bem, pois tudo procedia de um mesmo amor. Neste amor quero que me imites, como freqüentemente te admoesto.

Ainda que não ouves corporalmente a voz, pregação e doutrina de meu Filho santíssimo, podes imitar-me na reverência com que eu o ouvia. Ele te fala ao coração a mesma verdade e doutrina, e assim te ordeno que, ao reconheceres a voz de teu Esposo e Pastor, te ajoelhes com reverência para ouvi-la. Adora-o com ação de graças e grava suas palavras em teu peito. Se estiveres entre outras pessoas, onde não possas fazer atos externos, fá-lo-as interiormente, e obedece a tudo que ouvires, como se estivesse presente à sua pregação.

Assim como não terias sido feliz, se a tivesses ouvido corporalmente sem a praticar, agora o serás se praticares o que ouves espiritualmente. Grande é tua obrigação, porque grande é contigo a liberalíssima piedade e misericórdia do Altíssimo e minha. Não sejas de coração moroso e não permaneças indigente entre tantas riquezas da divina luz.

Naturalidade na virtude

1052. Ouvirás com reverência não apenas a voz interior do Senhor, mas

também a seus ministros, sacerdotes e pregadores. A voz deles é o eco da do Altíssimo Deus e canais por onde corre a sã doutrina de vida, brotada da fonte pere-ne da verdade divina. Neles Deus fala e faz ressoar a voz de sua divina lei. Ouve-os com reverência, sem jamais julgá-los e reparar em seus defeitos. Para ti sejam todos sábios e eloqüentes e em cada um ouvirás a Cristo, meu Filho e Senhor.

Com isto ficarás advertida para não cair na louca ousadia dos mundanos que, com vaidade e soberba odiosa aos olhos de Deus, desprezam seus ministros e pregadores, porque não os acham conformes à sua satisfação e depravado gosto. Como não vão ouvir a verdade divina, só consideram as expressões e o estilo, como se a palavra de Deus não fosse simples e eficaz, **(Heb 4, 12)** sem o adorno e argumentos apreciados pelo ouvido enfermo dos que a escutam.

Não faças pouco caso deste aviso, e atende a todos quantos eu te der nesta História. Sendo tua Mestra, quero instruir-te no pouco e no muito, no grande e no pequeno, pois agir em tudo com perfeição sempre é coisa grande. Igualmente advirto a te mostrares igual com pobres e ricos, sem fazer diferença e acepção de pessoas. Esta é outra falta comum entre os filhos de Adão, e meu filho e Eu a condenamos e reprovamos quando nos mostramos a todos igualmente afáveis, dando preferência aos desprezados, aflitos e necessitados **(Tg 2, 2).**

A sabedoria humana considera a pessoa, a ostentação mundana, e não ao ser das almas e de suas virtudes. A prudência celeste, porém, olha em todas a imagem de Deus. Tampouco deves estranhar de que teu próximo perceba que sofres as imperfeições da natureza, pena do primeiro pecado, como são as enfermidades, o cansaço, a fome e outras necessidades. Ocultar estas fragilidades, às vezes pode ser hipocrisia e pouca humildade. Os amigos de Deus só devem temer o pecado e desejam antes morrer do que o cometer. Todas as outras deficiências não mancham a consciência, nem é necessário escondê-las.

Paisagem da Galiléia. Ao fundo, Daburieh.

CAPÍTULO 3

HUMILDADE DE MARIA SANTÍSSIMA NOS MILAGRES DE CRISTO. ENSINOU-A AOS APÓSTOLOS.

A humildade de Maria vence Deus e os homens

1053. O principal argumento de toda a História de Maria santíssima, se bem se considera, é uma demonstração claríssima da humildade desta grande Rainha e Senhora dos humildes. Esta virtude foi n'Ela tão inefável, que não pode ser dignamente louvada, nem adequadamente avaliada. Sua impenetrável profundidade não foi suficientemente compreendida, nem pelos homens, nem pelos anjos.

Assim como em todos os medicamentos entra a suavidade e a doçura, e a todos dá o seu sabor, ainda que seja de composição muito diversa, assim em todos os atos das virtudes de Maria santíssima entra a humildade, aperfeiçoando-as e adaptando-as ao gosto de Deus e dos homens. Por causa de sua humildade, o altíssimo a olhou e escolheu, e pela mesma virtude, todas as nações a proclamam bem-aventurada **(Lc 1, 48).**

Não perdeu a prudentíssima Senhora, em toda sua vida, um só instante, lugar ou ocasião, de praticar as virtudes que podia. Maior prodígio, porém, foi unir a todas elas sua rara humildade.

Esta virtude elevou-a acima de tudo quanto existiu, exceto Deus. E, assim como, na humildade, venceu a todas as criaturas, por esta virtude venceu até o próprio Deus. Achou tanta graça a seus olhos **(Ecli 3, 20-21)** que nenhuma graça lhe negou o Senhor, tanto para si como para os outros, se ela a pedisse.

Na humildade, a humilíssima Senhora venceu a todas as criaturas. Em sua casa - como fica dito na primeira parte - venceu sua Mãe Sant'Ana e os domésticos para lhe permitirem praticar a humildade; no templo, venceu a todas suas colegas; no matrimônio venceu São José; nos trabalhos humildes, aos anjos; nos próprios louvores, aos apóstolos e evangelistas para que não os escrevessem; ao Pai e ao Espírito Santo, venceu para que assim o ordenassem; e a seu Filho santíssimo, para que a tratasse de modo a não dar motivo para os homens a louvarem por seus milagres e ensinamentos.

A natureza humana e a humildade

1054. Esta espécie de humildade, tão generosa, foi apanágio da humilíssima entre os humildes. Nem os homens, nem os anjos podem atingi-la, quer pelas circunstâncias pessoais diferentes, quer por sermos tão fracos nesta virtude.

Entenderemos esta verdade, advertindo que a mordedura da antiga serpente deixou nos demais mortais o verme da soberba. Para expeli-lo, ordenou a

divina sabedoria que os efeitos do próprio pecado servissem de remédio. O conhecimento dos defeitos pessoais nos fariam conhecer a baixeza que pretenderíamos ignorar.

É verdade que temos alma espiritual, mas nesta ordem ocupamos o mais baixo degrau, sendo que o supremo é de Deus e o médio o dos anjos.

Quanto ao corpo, não somos apenas do ínfimo elemento, a terra, mas de terra suja, o barro **(Gn 2,7)**. Tudo isto não foi ordenado pela sabedoria e poder divino sem finalidade, mas com grande coerência. Deveria o barro conhecer sua baixeza, procurar o último lugar e ali permanecer, ainda que se visse bem moldado e adornado de graças; saberia que estas se encontravam em recipiente frágil e de pó **(2, Cor 4, 7).**

Contudo, todos nós perdemos o juízo e desatinamos desta verdade e humildade tão própria do ser humano. Para restituir-nos a ela é necessário que a concupiscência, suas paixões e nossos erros nos façam experimentar quanto somos vis e desprezíveis . Esta experiencia de todos os dias, ainda não basta para nos devolver o juízo e confessarmos que é iníqua perversidade cobiçar honra e excelência humana, quem, por natureza é pó , e por suas obras indigno até do seu tão baixo e terreno ser.

A humildade de Maria ultrapassou a dos homens e dos anjos

1055. Só Maria santíssima, sem ser tocada pelo pecado de Adão, sem experimentar seus perigosos e feios efeitos, conheceu a arte da maior humildade e sublimou-a ao máximo.

Apenas por conhecer sua natureza de criatura, humilhou-se mais do que todos os filhos de Adão que, além da natureza terrena, têm os pecados pessoais. A humildade destes foi a conseqüência de antes terem sido humilhados, e pela humilhação entraram, como que à força, na humildade, e tiveram que confessar com David **(Sl 118, 67. 71)**: Antes de me humilhar, errei, E outro verso: Foi bom, Senhor, me terdes humilhado, para chegar a conhecer as vossas justificações.

A Mãe da humildade, porém, não entrou nela pela humilhação e antes foi humilde do que humilhada. Nunca humilhada por culpas e paixões, mas sempre generosamente humilde.

Não se pode medir os homens pelos anjos, porque estes são superiores, de natureza sem paixões e culpas. Apesar disto, não puderam estes soberanos espíritos alcançar a humildade de Maria santíssima, apesar deles também se terem humilhado ante o Criador, reconhecendo-se criaturas d'Ele.

Valeu-se Maria santíssima do fato de pertencer á natureza terrena e humana, para avantajar-se aos anjos nesta virtude. À natureza espiritual deles faltou aquela condição, para poderem se abater como a divina Senhora.

Acrescente-se a dignidade de Mãe de Deus e Senhora das criaturas e dos mesmos anjos, excelência que nenhum anjo possuiu e que sublimou tanto a virtude da humildade em nossa divina Mestra.

A Virgem humilíssima

1056. Em tal prerrogativa foi singular e única. Era Mãe de Deus, Rainha da criação; não ignorava esta verdade, nem os dons de graça que recebera para ser digna Mãe de Deus; conhecia os prodígios que, por meio destes dons, operava e que todos os tesouros do céu, o Senhor depositava em suas mãos e à sua disposição. Com tudo isso, nem por

ser mãe nem por ser inocente, poderosa e agraciada , nem por seus milagres e pelos de seu Filho santíssimo, jamais seu coração se levantou do lugar em que se colocara, abaixo de todas as criaturas.

Oh! humildade rara! Oh! fidelidade nunca vista entre os mortais! Oh! sabedoria que nem os anjos puderam alcançar! Quem há que sendo de todos conhecido como o maior, só ele se desconheça e se considere o menor? Quem soube esconder a si mesmo, o que todos os outros dele publicam? Quem se estimou por desprezível, quando admirado por todos? Quem, na suma excelência e grandeza, não perdeu de vista a pequenez, e convidado para o supremo lugar, escolheu o ínfimo **(Lc 14, 8)**? E isto, não por necessidade, com impaciência e coagido, mas livremente, de todo o coração, sincera e fielmente?

Oh! filhos de Adão, que tardos e ignorantes somos nesta ciência divina! É necessário que o Senhor, muitas vezes, nos oculte nossos bens, ou lhes acrescente algum contrapeso, para que não extraviemos seus benefícios e não tramemos ocultamente alguma rapina da glória que lhe pertence como autor de tudo.

Entendamos, pois, como é falsa e insegura nossa humildade, ainda quando acontece que a pratiquemos, pois o Senhor - digamo-lo a nosso modo - precisa usar de tantas cautelas ao nos confiar algum favor ou virtude. É tão frágil nossa humildade que, poucas vezes recebemos seus dons sem os contaminar com nossa ignorância, ou pelo menos com auto-complacência e vaidosa satisfação.

Os anjos admiram a humildade da Virgem

1057. Para os anjos de Maria santíssima foi admiração ver o procedimento da grande Senhora, nas ocasiões em que Cristo nosso Senhor operava milagres. Não estavam acostumados a ver nos filhos de Adão, e nem entre os anjos, aquele modo de se abater, entre tanta grandeza e fatos tão gloriosos. Os divinos espíritos admiravam-se, menos pelas maravilhas do Senhor cuja onipotência já conheciam e tinham experimentado, do que pela incomparável fidelidade da beatíssima Senhora. Todas aquelas obras eram por Ela dirigidas à glória de nosso Senhor, enquanto se reputava tão indigna, como se sua presença no mundo fora obstáculo para as obras de seu Filho santíssimo, e que ele as fazia só por favor de sua misericórdia.

Ao contrário, por suas orações, Ela era o instrumento que inclinava o Salvador a fazê-las. Além disso, como outras vezes já disse,[1] se Maria santíssima não interferisse entre os homens e Cristo, o mundo não teria merecido receber a doutrina do Evangelho.

1 - nº 788.

Maria pede a Cristo que afaste d'Ela o louvor dos homens

1058. As obras e milagres de Cristo, nosso Senhor, eram tão surpreendentes para o mundo que, logicamente atraiam grande glória e admiração por sua Mãe santíssima. Tornava-se conhecida, não só pelos discípulos e Apóstolos, mas também pelos novos fiéis. Quase todos se dirigiam a Ela confessando-a por Mãe do verdadeiro Messias, e dando-lhe muitas felicitações pelas maravilhas operadas por seu Filho santíssimo.

Estes sucessos eram novo crisol para sua humildade. Apegava-se ao pó e se aniquilava em sua própria estima, mais do que qualquer pensamento criado possa imaginar. Por se abater deste modo, não negligenciava a gratidão. Ao mesmo tempo que se humilhava, dava ao eterno Pai dignas graças por todas e cada uma das admiráveis obras de Cristo, suprindo assim a humana ingratidão.

Através da invisível comunicação que sua alma puríssima tinha com a do Salvador pedia-lhe que desviasse a glória que os ouvintes de sua divina palavra queriam dar a Ela.

Assim acontecia, e os Evangelistas se referem a algumas destas ocasiões, por exemplo, Lucas **(9, 27)**: Quando Jesus curou o endemoninhado e os judeus quiseram atribuir a cura ao próprio demônio, o Senhor inspirou a uma fiel mulher a exclamar em alta voz: bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos que te amamentaram.

Ouvindo estes elogios a humilde e prudente Mãe pediu, interiormente, a Cristo nosso Senhor que desviasse dele aquele louvor. Condescendeu Jesus, mas de tal modo que lhe aumentou o louvor, ainda que ocultamente. Respondeu: Antes, bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. **(Mt 12, 5; Lc 11, 28)**

Com estas palavras, à margem da honra que davam a Maria puríssima na qualidade de Mãe, deu-lhe a honra da santidade. De passagem, ensinou aos ouvintes o essencial da virtude, comum a todos, no que sua Mãe era singular e admirável, embora na ocasião não o tivessem compreendido.

Esclarecimento sobre passagens evangélicas

1059. A outra passagem é referida por São Lucas, **(8, 21)**: estando o Salvador pregando, disseram-lhe que sua Mãe e seus irmãos o procuravam e não podiam se aproximar por causa da multidão. A prudentíssima Virgem, prevendo algum aplauso por parte dos que a conheciam, pediu ao Salvador que o dissimulasse. Ele assim o fez, respondendo: Minha Mãe, meus irmãos são os que fazem a vontade de meu Pai, ouvem sua palavra e a cumprem.

Nestas expressões, o Senhor não excluiu sua Mãe da honra que merecia por sua santidade, antes a subentendeu mais que a todos. Deu-lha, porém, de modo a não ser aplaudida pelos circunstantes, satisfazendo o desejo d'Ela para que só o Se-nhor fosse conhecido e louvado por suas obras.

Advirto que descrevo estas passagens como sendo distintas, tendo-se verificado em lugares e ocasiões diferentes, como entendi e como refere São Lucas no capítulo VIII e IX. São Mateus, **(12, 45 - 46)** refere o milagre da cura do endemoninhado mudo e logo em seguida, diz que avisaram o Salvador que sua Mãe e seus irmãos estavam fora e lhe desejavam falar, e o mais que acabo de referir. Foi por este

motivo que alguns expositores julgaram que os dois fatos sucederam na mesma ocasião.

Tendo eu, por ordem da obediência, perguntado outra vez, foi-me respondido terem sido casos distintos, conforme se pode coligir dos outros capítulos de São Lucas, anteriores a essa narração.

As palavras "Bem-aventurado o ventre que te trouxe etc.", foram ditas depois do milagre a favor do endemoninhado. O outro sucesso da Mãe e dos irmãos do Senhor, São Lucas refere no capítulo VIII, depois que o Senhor pregou a parábola da semente. Foi esta a seqüência dos fatos.

Explicação das passagens evangélicas

1060. Para melhor se entender que os Evangelistas não discordam entre si, e qual a razão que levou a santíssima Rainha a procurar seu Filho nas ocasiões descritas, advirto que para duas finalidades a divina Mãe ia ordinariamente onde Cristo nosso Senhor pregava.

Primeiro, para ouvi-lo, como disse acima[2]. Segundo, para pedir-lhe graças para as almas, conversão de algumas, saúde para os enfermos e necessitados. A piedosíssima Senhora tomava por sua conta estas necessidades, como aconteceu nas bodas de Caná.

Por estes e outros justos motivos ia procurar Jesus, quer avisada pelos santos anjos, quer inspirada pela luz interior. Esta foi a razão de ter ido onde se encontrava o divino Mestre, nas ocasiões referidas pelos Evangelistas. Como isto acontecia muitas vezes, e o número de pessoas que seguiam a pregação do Salvador era tão grande, os Evangelistas referem só duas vezes, e outras muitas passaram em silêncio. O mestre teve que ser avisado de que sua Mãe e seus irmãos o procuravam, e nestas ocasiões disse as palavras referidas por São Mateus e São Lucas. Não se deve admirar que os repetisse em diferentes lugares e tempos, pois há exemplos dessas repetições, como a daquela sentença: O que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado. É citada por São Lucas na parábola do publicano e do fariseu **(Lc 18, 9 - 14)**; na parábola dos convidados às bodas **(Lc 14, 7 - 11)**; por São Mateus em outra ocasião **(Mt 23, 12)**.

Maria, mestra da humildade

1061. Maria santíssima foi humilde não só para Si, mas nesta virtude tornou-se a grande Mestra dos Apóstolos e discípulos. Era necessário que eles se fundassem na humildade, pelos dons que haviam de receber e os prodígios que, mediante os mesmos, iriam realizar. E isto, não só futuramente na fundação da Igreja, mas desde já, na pregação **(Mc 3, 14)**.

Os evangelistas contam que nosso divino Mestre enviou à sua frente, primeiro os Apóstolos **(Mt 10, 1 - 2; Lc. 9, 10)**, e depois os setenta e dois discípulos, dando-lhes poder de fazer milagres, expulsar demônios e curar os enfermos. A grande Mestra dos humildes exortou-os com o exemplo e palavras de vida, como haviam de proceder na realização dessas maravilhas.

Com seu ensino e orações, despertou nos Apóstolos novo espírito de profunda humildade e sabedoria, para conhecerem, com mais clareza, que aqueles milagres se faziam em virtude do Senhor. Somente a seu poder e bondade se devia toda a glória daquelas obras, das quais eles eram apenas instrumentos. Como ao pincel não se deve a glória da pintura, nem à espada a da vitória, mas tudo é atribuído ao pintor e ao soldado que os moveu e dirigiu; assim, a honra e o louvor dos

2 - nº 1046.

portentos que fariam, deveriam remeter a seu Senhor e Mestre de quem procede todo o bem.

É para se advertir que, nos Evangelhos, não se vê que o Senhor dissesse algo desta doutrina aos Apóstolos quando os enviou à pregar, porque já os instruíra a divina Mestra.

Apesar disso, quando os discípulos voltaram à presença de Cristo nosso Senhor, e muito alegres lhe disseram que, em seu nome, os demônios lhes haviam obedecido **(Lc. 10, 17)**; então o Senhor lhes advertiu que não se alegrassem por aquele poder que lhes dera; mas sim porque seus nomes estavam escritos no céu **(Lc 10, 20).**

Tão frágil é nossa humildade, que até nos discípulos precisou de tantos avisos e preservativos da parte do Senhor.

Maria, cooperadora na fundação da lei da graça

1062. Mais tarde, na fundação da igreja, foi ainda mais importante esta ciência da humildade que Cristo, nosso Mestre, e sua Mãe santíssima ensinaram aos Apóstolos. Para confirmar a fé e autorizar a pregação do Evangelho, iriam operar grandes prodígios em virtude do Senhor. Os gentios, acostumados a cegamente atribuir a divindade a qualquer coisa grandiosa e insólita, vendo os milagres que os Apóstolos fa-ziam, queriam adorá-los como a deuses. Assim aconteceu a São Paulo e a São Barnabé na Licaônia, ao curarem um entrevado de nascença. (At 14, 6); a São Paulo chamavam Mercúrio e a São Barnabé Júpiter. Depois, na ilha de Malta, quando São Paulo sobreviveu à picadura de uma víbora, tomaram-no por um Deus **(At 28, 6).**

Com a plenitude de sua ciência, Maria santíssima previa todos estes mistérios, e como coadjutora de seu Filho santíssimo cooperava na obra da fundação da lei da graça.

Nos três anos de sua pregação, Cristo nosso Senhor subiu três vezes a Jerusalém para celebrar a Páscoa, sendo sempre acompanhado por sua Mãe santíssima. Ela se achou presente na primeira vez em que Jesus, com um açoite, expulsou do templo os que vendiam ovelhas, pombas e bois **(Jo 2, 15).**

Nestes atos e no mais que fez o Salvador, oferecendo-se ao Pai naquela cidade e lugares onde havia de padecer, sempre o acompanhou a grande Senhora. Seguia-o fazendo atos de heróicas virtudes e admiráveis afetos de sublime amor, de acordo com as ocasiões, sem perder nenhuma. A todos seus atos dava a plenitude de perfeição que cada qual pedia, exercitando principalmente a ardentíssima caridade que recebia da Divindade **(1 Jo 4, 16)**. Estando Ela em Deus e Deus n'Ela, era a caridade do próprio Senhor que lhe ardia no peito e a impelia a solicitar, com todas as suas forças e desejos, o bem do próximo.

DOUTRINA QUE ME DEU A MESMA RAINHA DO CÉU.

Origem da humildade e da soberba

1063. Minha filha, a antiga serpente estreou toda sua maldade e astúcia em apagar do coração humano a ciência da humildade, sempre santa, nele semeada pela clemência de seu Criador. No lugar dela espalhou o inimigo a ímpia cizânia da soberba **(Mt 13, 25)**. Para esta ser arrancada e se restituir a alma o bem da humildade perdida, é necessário que consinta e queira ser humilhada por outras criaturas, e que, com incessantes desejos e sincero coração, peça ao Senhor esta vir-

tude e os meios para alcançá-la. Raras são as almas que se aplicam a esta sabedoria e conseguem a humildade perfeita. Esta requer um vencimento pleno e total, a que chegam muito poucos, mesmo entre os que professam a virtude. O contágio da soberba penetrou tanto as potências humanas que se reflete em quase todos os seus atos. Quase nenhum deles fica isento de algum ressaibo de soberba, tal como a rosa com espinhos e o grão com a palha.

Por esta razão, o Altíssimo estima tanto os verdadeiros humildes. Aos que obtêm inteiro triunfo sobre a soberba, eleva-os e coloca-os entre os príncipes de seu povo **(Sl 112, 8)**; tem-nos por filhos prediletos e os exime, de certo modo, dos ataques do demônio. Este os teme, não se atreve tanto a atacá-los, porque as derrotas que sofre dos humildes o atormentam mais do que as chamas do fogo que padece.

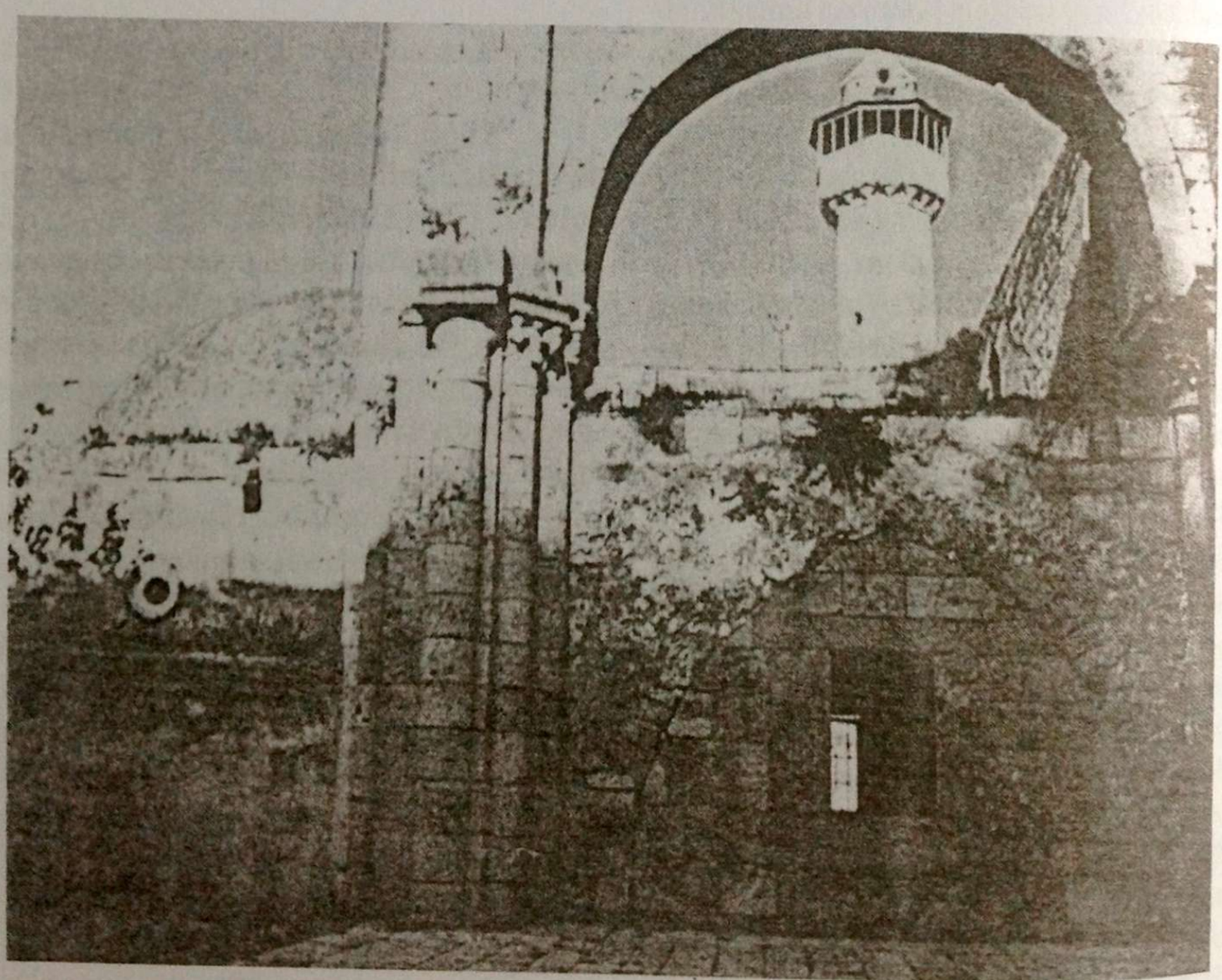
Justiça e humildade

1064. Desejo, caríssima, que chegues as possuir com plenitude o tesouro inestimável desta virtude. Entrega ao Altíssimo todo o teu coração, com docilidade e brandura, para nele imprimir, como em cera flexível e sem resistência, a imagem de meu proceder humilde. Tendo-te sido manifestados tantos segredos deste mistério, é grande tua obrigação de cumprir minha vontade. Não percas oportunidades em que possas te humilhar e progredir nesta virtude, como entendes que eu fiz, sendo Mãe de Deus toda cheia de pureza e graça. Quanto maiores eram os dons que eu recebia, mais me humilhava, porque em minha estima excediam mais aos meus méritos e faziam crescer minha dívida por eles. Vós todos, filhos de Adão, sois concebidos em pecado **(Sl 50, 7)**, e nenhum há que não peque pessoalmente. Se ninguém pode negar esta miséria de sua natureza, que razão há para não se humilhar diante de Deus e dos homens? Abater-se até a terra e colocar-se no último lugar, não é grande humildade para quem pecou, porque sempre lhe resta mais honrado que merece. O verdadeiro humilde deve descer abaixo do que lhe toca. Ser desprezado e ofendido por todas as criaturas; considerar-se digno do inferno; tudo isto será mais justiça do que humildade, porque é o que merece. A humildade profunda, porém, vai até desejar maior humilhação do que lhe cabe por justiça. Por este motivo, nenhum dos mortais pode chegar ao gênero de humildade que eu tive, conforme entendeste e escreveste. Não obstante, o Altíssimo se dá por satisfeito que se humilhem no que, por justiça, podem e devem.

Monstruosidade da soberba

1065. Vejam agora os soberbos sua fealdade, e saibam que são monstros do inferno, imitadores da soberba de Lúcifer. Quando este vício o acometeu, encontrou-o formoso e com grandes dons de graça e natureza. Se desvaneceu com os bens recebidos possuía-os realmente como coisa sua. O homem, porém, que além de ser de barro, peca e está cheio de fealdade e abominações, torna-se monstro quando quer se exaltar e ensoberbecer. Neste desatino excede ao próprio demônio, pois não tem a nobre natureza, nem a graça e formosura que Lúcifer possuía. Este inimigo e seus sequazes desprezam e fazem caçoada dos homens que, com tão baixas qualidades se ensoberbecem, pois entendem sua loucura desprezível e estulta. Atende, pois filha a este esclarecimento, e humilha-te mais do que a terra, sem mostrar mais sentimento do que ela, quando o Senhor, por si, ou pelas

criaturas, te humilhar. Não te julgues agravada ou ofendida por qualquer delas. Se detestas o fingimento e mentira, adverte que o maior deles é apetecer honra e alto conceito, aquele que por qualquer pecado, ainda leve, merece estar abaixo de todas as coisas do mundo, ainda a mais ínfima. Não atribuas às criaturas as aflições e tribulações que Deus permite para humilhar a ti e a elas. Isto vem a ser queixar-se dos instrumentos e da ordem que a divina misericórdia estabelece, afligindo com castigos os homens que deseja levar à humildade. Assim o faz atualmente com estas nações, como finalmente deveriam compreender. Humilha-te na divina presença para lhe aplacar a indignação, por ti e por todos teus irmãos, como se tu só fosses culpada e devedora pois, durante a vida, ninguém pode saber se já pagou o que devia. Pelos dons e favores que recebeste e recebes, mostra-te agradecida como quem menos merece e mais deve. Assim estimulada, humilha-te mais que todas e trabalha sem cessar para satisfazer, ao menos em parte, a divina piedade que tão liberal se mostrou contigo.



Sebastes. Túmulo de S. João Batista, transformado hoje em mesquita. Os mussulmanos têm uma grande veneração por aquele que Jesus definiu como "o maior dos profetas."

CAPÍTULO 4

PERTURBAÇÃO DO DEMÔNIO ANTE OS MILAGRES DE CRISTO. HERODES PRENDE E MANDA DEGOLAR SÃO JOÃO BATISTA.

O batismo de João e o de Cristo

1066. Prosseguindo sua pregação e milagres, o Redentor do mundo saiu de Jerusalém e permaneceu na Judéia algum tempo. O Evangelista São João **(3, 22)** diz, simplesmente, que batizava, mas adiante **(4, 2)** explica que batizava por mão de seus discípulos, na mesma ocasião em que seu precursor João batizava em Enón, às margens do Jordão, nas proximidades da cidade de Salim.

Seus batismos não eram iguais. O do Precursor era apenas com água e batismo de penitência. O do Salvador era seu próprio Batismo, a justificação mediante o eficaz perdão dos pecados, com infusão da graça e virtude, como acontece agora.

Além, destes invisíveis efeitos e eficácia do Batismo de Cristo, acrescentava-se a eficácia de suas palavras, de sua pregação e a força da confirmação por seus milagres. Por estes motivos, acorreram a Ele mais discípulos e seguidores que ao Batista, cumprindo-se o que o Santo dissera: convinha que Cristo crescesse e que ele fosse diminuído **(João 3, 30).**

Ordinariamente, Maria santíssima assistia à administração do batismo de Cristo, nosso Senhor, conhecendo os divinos efeitos que produzia nas almas aquela nova regeneração. Como se fôra Ela que os estivesse recebendo, agradecia a seu autor com cânticos de louvor e grandes atos de virtudes. Com estas maravilhas, adquiria novos e incomparáveis merecimentos.

Conciliábulo de Lúcifer

1067. Quando a vontade divina permitiu que Lúcifer e seus ministros se erguessem da derrota que sofreram pelo triunfo de Cristo no deserto, voltou o dragão a investigar as obras daquela humanidade santíssima. Assim o permitiu sua providência divina para que, permanecendo sempre oculto a este inimigo o principal mistério, conhecesse alguma coisa do que convinha para ser inteiramente vencido através de sua própria malícia.

Conheceu o grande fruto da pregação, milagres e batismo de Cristo Senhor nosso, e que por este meio inumeráveis almas se libertavam de sua tirania, saindo do pecado e reformando suas vidas. O mesmo conheceu a respeito da pregação e batismo de São João, embora sempre ignorasse a diferença entre ambos os mestres e seus respectivos batismos. Destes fatos, porém, conjecturou a ruína de seu império, se os novos pregadores, Cristo e São João, continuassem suas atividades.

Esta novidade deixou Lúcifer perturbado e perplexo. Reconhecia a fraqueza de seu poder, para resistir à força celeste que emanava daqueles novos homens e sua doutrina. Inquieto, em sua soberba, por estes receios, reuniu outro conciliábulo com os demais ministros das trevas, e lhes disse: Nestes últimos anos temos encontrado, pelo mundo, grandes novidades. Cada dia vão aumentando, e com elas os meus receios, de que o Verbo divino já tenha vindo, conforme prometeu. Mas, ainda que eu tenha examinado todo o orbe, não acabei por descobri-lo.

Contudo, estes dois homens que pregam e todos os dias me tiram tantas almas, me põem em suspeitas e preocupação. A um, nunca pude vencer no deserto. O outro, nos venceu e arrasou quando lá esteve, e deixando-nos amedrontados e enfraquecidos. Se continuam como começaram, todos nossos triunfos se converterão em derrotas.

Ambos não podem ser o Messias; tampouco entendo se algum deles o é. Todavia, arrancar tantas almas de pecado é façanha tão árdua, que ninguém até agora a conseguiu como eles. Isto supõe especial poder que precisamos investigar e saber donde procede, para acabarmos com estes dois homens. Para este fim, seguime, ajudai-me com vossas forças, astúcia e sagacidade. Do contrário, virão a se aniquilar os nossos projetos.

Novas perseguições de Lúcifer

1068. Com este arrazoado, decidiram aqueles ministros de maldade, perseguir novamente a Cristo, Salvador nosso, e a seu grande precursor João. Como, porém, não penetravam os mistérios escondidos na Sabedoria incriada, ainda que apresentassem muitos argumentos e tirassem grandes conclusões, eram todas absurdas e sem base. Estavam alucinados e confusos por ver, de um lado tantos prodígios, e de outro indícios completamente diferentes dos que eles supunham para a vinda do Verbo Encarnado.

Lúcifer reuniu os demônios para instruí-los melhor em seus maliciosos planos. Deveriam inquirir e descobrir a causa do abatimento que sentia, oferecendo-lhes grandes prêmios de domínios em sua república de maldade.

Para que a malícia destes infernais ministros mais se enredasse em sua confusa indignação, permitiu o Mestre da vida que tivessem maior conhecimento da santidade do Batista.

Ainda que não fazia milagres como Cristo nosso Redentor, os sinais de sua santidade eram grandiosos e mui admirável nas virtudes exteriores. Por sua vez, o Salvador lhe ocultou muitos dos prodígios que operava, e deste modo, pelo que chegara a saber, o dragão via grande semelhança entre Cristo e João. Neste engano, não sabia ao qual atribuir o ofício e dignidade de Messias.

Ambos, dizia consigo, são grandes santos e profetas. A vida de um deles, embora sem coisas maravilhosas, é extraordinária e singular. O outro faz muitos milagres. A doutrina que pregam é quase a mesma. Ambos não podem ser o Messias, mas sejam o que for, são santos, grandes inimigos para mim. Hei de persegui-los até liquidar com eles.

O Batista é interrogado pelos judeus

1069. Estes receios do demônio começaram desde que viu São João no deserto. Tão prodigioso modo de viver, desde a infância, pareceu-lhe superior às forças de um puro homem.

Por outro lado, conhecendo algumas obras e virtudes de Cristo nosso Se-

nhor, não menos admiráveis, punha-se a comparar um com o outro. Como, porém, o Senhor vivia de modo mais comum, não separado dos homens, Lúcifer se ocupava mais em descobrir quem seria São João.

Para este fim, incitou os judeus e fariseus de Jerusalém a enviarem sacerdotes e levitas para interrogar o Batista **(Jo 1, 19)**, se era o Cristo, como eles pensavam por sugestão do inimigo. Esta sujeição foi muito forte, pois, sendo o Batista da tribo de Levi, logicamente não podia ser o Messias. As Escrituras declaravam ser da tribo de Judá, e os sacerdotes, sábios na lei, não ignoravam estas verdades.

O demônio os obscureceu e os obrigou a fazerem aquela pergunta que encerrava uma dupla malícia de Lúcifer: se João respondesse que era o Messias, o demônio alcançaria o que desejava saber; se respondesse que não era, restaria a possibilidade do Batista se envaidecer no conceito que dele faziam, comprazer-se na estima dos homens e usurpar, de todo ou em parte, a honra que lhe atribuíam, Com esta malícia, Lúcifer esperou com grande atenção, a resposta de São João.

Resposta do Batista

1070. O santo precursor, com admirável sabedoria, respondeu confessando a verdade, mas de tal modo que, deixou o inimigo vencido e mais atrapalhado que antes.

Respondeu que não era o Cristo. Tornaram os judeus a lhe perguntar se era Elias. Estava escrito que Elias viria antes do Messias, e como os judeus não sabiam discernir entre sua primeira e segunda vinda, fizeram essa pergunta ao Batista.

Ele respondeu **(Jo 1, 20, 21)** que não era Elias, mas a voz que clamava no deserto, como disse Isaias **(Is 40, 3)**, para que preparassem os caminhos do Senhor.

Todas as insistências destes embaixadores foram sugeridas pelo inimigo, pois lhe parecia que se São João era justo diria a verdade, e se não, descobriria claramente quem era. Quando, porém, ouviu-o dar-se o nome de "voz" ficou perturbado, suspeitando se, com tal denominação queria dizer que era o Verbo eterno.

Cresceu-lhe a dúvida, advertindo que São João não quisera revelar, com clareza, aos judeus, quem era. Concebeu suspeitas de que o chamar-se "voz" havia sido dissimulação. Se dissesse que era palavra de Deus, manifestava que era o "Verbo; para ocultar essa identidade, não se chamava "palavra" e sim "voz".

Assim confuso andava Lúcifer, a respeito do mistério da Encarnação. Pensando que os judeus tinham ficado enganados, ele o ficou muito mais, com toda a sua depravada teologia.

Herodes e Herodíades

1071. Aquele fracasso enfureceu ainda mais o demônio contra o Batista. Lembrou-se quão mal havia saído das batalhas que travara a sós com o Senhor, e que também a São João não conseguira derribar em culpa de alguma gravidade. Resolveu fazer-lhe guerra por outro caminho, e logo o encontrou, muito a propósito.

O Santo repreendia Herodes pelo escandaloso adultério em que vivia com Herodíades, mulher de seu irmão Felipe, de quem a tinha tirado, como dizem os Evangelistas **(Mt 14, 3, Mc 6, 17, Lc 3, 19)**.

Conhecia Herodes a santidade e bom senso de São João, tinha-lhe respeito, temor e o ouvia de boa vontade. Esta boa influência que a luz e a razão produziam no mau rei, era pervertida pela execrável e desmedida ira da torpíssima Herodíades

e de sua filha, semelhante à mãe nos costumes.

Fascinada pela paixão e sensualidade, a adúltera estava bem disposta para ser instrumento do demônio, em qualquer maldade. Incitou o Rei para degolar o Batista, sendo primeiro instigada pelo inimigo a conseguir tal intento, por qualquer meio.

Havendo aprisionado **(Mc 6, 17)** quem era a voz de Deus, o maior entre os nascidos, chegou o dia em que Herodes celebrava seus malfadados anos. Fez um banquete e sarau aos magistrados e grandes da Galiléia **(Mc 6, 21)**, de onde era rei. A desonesta Herodíades introduziu na festa sua filha, para bailar diante dos convidados. Agradou tanto ao adúltero e cego rei, que este se obrigou, com juramento, a dar à dançarina tudo quanto ela desejasse, ainda que fosse a metade de seu reino.

Manejada pela mãe, e ambas pela astúcia da serpente, pediu mais do que muitos reinos: a cabeça do Batista num prato. O rei acedeu por ter jurado e por se ter sujeitado a uma desonesta e vil mulher.

Os homens reputam ignomínia e insulto serem chamados mulher, porque este nome os priva da superioridade e nobreza de seu sexo. Maior baixeza, porém, é ser menos que mulher, deixando-se governar por seus caprichos, porque menor e inferior é o que obedece e maior o que manda. Apesar disso, há muitos que se sujeitam a esta vileza, sem considerá-la rebaixamento, tanto maior e mais indigno quanto é mais vil e execrável uma desonesta mulher. Perdida esta virtude, nada lhe fica que não seja muito desprezível e detestável aos olhos de Deus e dos homens.

O Batista na prisão

1072. Por instigação de Herodíades, o Batista já tinha sido encarcerado por Herodes. Na prisão, foi muito favorecido por nosso Salvador e por sua divina Mãe. A grande Senhora mandou seus santos anjos visitá-lo muitas vezes, e em algumas ordenou-lhes que lhe levassem alimento por eles preparado. Por sua vez, o Senhor da graça lhe concedeu grandes favores espirituais.

O demônio, porém, que desejava acabar com São João, não deixava o coração de Herodíades em paz até vê-lo morto. Aproveitou-se da oportunidade do sarau e inspirou ao rei Herodes aquele estulto juramento e promessa à filha de Herodíades. Em seguida, mais o obscureceu, para que impiamente julgasse desonra não cumprir o iníquo juramento com que confirmara a promessa. O resultado foi mandar cortar a cabeça do precursor São João, como consta do Evangelho **(Mc 6, 27)**

Neste momento, Maria santíssima conheceu no interior de seu Filho santíssimo, pelo modo que costumava, que se aproximava a hora do Batista morrer por causa da verdade que pregara.

Prostrou-se a Mãe puríssima aos pés de Cristo nosso Senhor, e entre lágrimas, pediu-lhe assistisse naquela hora seu servo e precursor João. Que o amparasse e consolasse, para que, a seus olhos, fosse mais preciosa a morte que sofreria por sua glória e em defesa da verdade.

Jesus e Maria visitam o Batista

1073. Respondeu-lhe o Senhor que se agradava de seu pedido e iria cumprí-lo plenamente, junto com Ela. Logo, por divina virtude, Cristo nosso Senhor e Maria santíssima foram transportados milagrosa e invisivelmente ao cárcere, onde se encontrava o Batista, preso com cadeias e maltratado com muita feridas.

A impuríssima adúltera, desejando liquidá-lo, havia mandado seis criados açoitá-lo, o que fizeram em três ocasiões, para comprazer a patroa. Por este meio, pretendeu aquele tigre tirar a vida do Batista antes da festa de Herodes. O demônio incitou aqueles cruéis servos para que, com grande raiva o maltratassem com palavras e atos.

Arremessaram grandes insultos e blasfêmias contra sua pessoa e contra a doutrina que pregava, pois eram homens extremamente perversos, dignos criados e confidentes de tão infeliz mulher, adúltera e escandalosa.

A presença corporal de Cristo e de sua Mãe santíssima encheu de luz e santificou o cárcere do Batista. Acompanhavam aos Reis do céu grande multidão de anjos, enquanto os palácios do adúltero Herodes eram habitados por imundos demônios e ministros mais criminosos, do que quantos estavam encarcerados pela justiça.

Palavras de Cristo ao Batista

1074. O santo Precursor viu o Redentor do mundo e sua Mãe santíssima cheios de esplendor e acompanhados pelos coros de anjos. No mesmo instante caíram-lhe as cadeias, cicatrizaram-se suas chagas, e cheio de incomparável alegria prostrou-se em terra, com profunda humildade e admirável devoção.

Pediu e recebeu a bênção do Verbo encarnado e de sua Mãe santíssima que passaram com ele alguns momentos em divino colóquio. Não me detenho a referir tudo, mas só o que mais tocou meu tíbio coração.

Com amável semblante e bondade, disse o Senhor ao Batista: João, meu servo, como vos antecipais ao vosso Mestre, em ser açoitado, preso, maltratado, e em oferecer a vida pela glória de meu Pai, antes de Mim? Muito se adiantaram vossos desejos, pois gozais tão depressa a recompensa de padecer tribulações, tais como as reservo para minha humanidade. Com isto meu eterno Pai remunera o zelo com que desempenhastes o ofício de meu precursor. Cumpram-se vossas afetuosas ânsias, e apresentai o pescoço ao cutelo, pois assim o quero para que recebais minha bênção e a bem-aventurança de padecer e morrer por meu nome. Ofereço a meu Pai a vossa morte, enquanto se espera a minha.

Resposta de São João

1075. A virtude e suavidade desta palavras encheram o coração do Batista com tanta doçura de amor divino que, por alguns momentos, não pode pronunciar palavra. Fortalecido, porém, pela graça divina, entre muitas lágrimas, respondeu a seu Senhor e Mestre, agradecendo aquele inefável favor, incomparável entre os maiores que recebera de sua liberalidade.

Disse-lhe do íntimo da alma: Eterno bem e Senhor meu, minhas penas e tribulações jamais podiam merecer tal favor e consolo, como gozar da real presença vossa e de vossa digna Mãe, minha Senhora. Sou indigno deste benefício. Para que fique mais exaltado vossa imensa misericórdia, dai-me, Senhor, licença de morrer antes que Vós e para que vosso santo nome seja mais conhecido.

Recebei o meu desejo de que por vosso amor minha morte fosse mais penosa e demorada. Triunfem de minha vida Herodes, os pecados e o mesmo inferno, que eu a entrego com alegria por Vós, meu amado; recebei-a, Deus meu, com agradável sacrifício. E, vós, Mãe de meu Salvador e Senhora minha, volvei a

vosso servo os clementíssimos olhos de vossa amável piedade, e guardai-me sempre em vossa graça, como Mãe e causa de todo nosso bem. Em toda minha vida desprezei a vaidade, amei a cruz que meu Redentor há de santificar e desejai semear nas lágrimas **(Sl 125, 5).** Apesar disso, jamais mereci esta alegria que me tornaram doces os tormentos, suaves minhas prisões e a própria morte apetecível e mais amável que a vida.

Degolação do Batista

1076. Estava a dizer estas palavras, quando entraram no cárcere três criados de Herodes e um carrasco, pois a implacável ira da tão cruel quanto adúltera mulher, tudo providenciara sem perda de tempo.

Executaram a ímpia ordem de Herodes e degolaram o santo Precursor. No momento em que deram o golpe, o sumo sacerdote Cristo, que assistia ao sacrifício, recebeu em seus braços o corpo do maior entre os nascidos, e sua Mãe santíssima sustentou em suas mãos a cabeça. Ambos ofereceram ao eterno Pai aquela hóstia no sagrado altar de suas divinas mãos.

Isto foi possível, não só por estarem os Reis supremos invisíveis para os circunstantes, como por haver surgido entre os criados de Herodes, a discussão sobre qual deles havia de lisonjear à infame dançarina e à sua ímpia mãe, levando-lhes a cabeça de São João. Nesta competição se embaraçaram tanto que, sem notar, um deles pegou a cabeça que a Rainha tinha nas Mãos, e seguido pelos outros foram entregá-la, num prato, à filha de Herodíades.

A santíssima alma do Batista foi enviada por nosso Redentor ao limbo, conduzida por grande multidão de anjos. A sua chegada renovou a alegria dos santos pais que ali se achavam. Os Reis do céu, Jesus e Maria, voltaram ao lugar em que estavam antes de ir visitar São João.

Sobre a santidade e excelência deste grande Precursor, muito se escreveu na santa Igreja. Ainda que faltem algumas coisas das que entendi, não posso determe a escrevê-las, para não me desviar de minha finalidade nem alongar mais esta divina História.

Digo apenas que o feliz Precursor recebeu muitos e grandes favores de Cristo, nosso Senhor e sua Mãe santíssima, durante toda sua vida: em seu ditoso nascimento, no deserto, na pregação e em sua santa morte. A nação alguma o poder divino concedeu tantos benefícios.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

O santo e o ímpio

1077. Minha filha, resumiste muito os mistérios deste capítulo, mas ne-

les se encerra grande ensinamento para ti e para todos os filhos da luz, conforme entendeste. Grava-o em teu coração e repara atentamente a grande distância que havia entre a santidade e pureza do Batista e a fealdade abominável de Herodes. Um, pobre, despojado, maltratado, perseguido e encarcerado. O outro, rei poderoso, regalado, servido e entregue a delícias e torpezas. Ambos tinham a mesma natureza, mas em condições tão diferentes por um haver usado bem o outro mal da própria liberdade e vontade, e das coisas visíveis. A penitência e pobreza de São João, sua humildade, despojamento, tribulações e zelo pela glória de meu Filho santíssimo, alcançaram-lhe a graça de morrer em suas mãos e nas minhas, benefícios tão singular que ultrapassa qualquer ponderação humana.

Ao contrário, o fausto e soberba de Herodes, sua vaidade, tiranias e torpezas, levaram-no à infeliz morte executada por um ministro do Senhor (anjo), e depois aos castigos das penas eternas. O mesmo acontece no mundo agora e sempre, ainda que os homens não o advirtam nem o temem. Assim, enquanto uns amam, outros temem a vaidade, o poderio e a glória do mundo, que se acaba e desvanece mais que a sombra e é mais corruptível do que a erva.

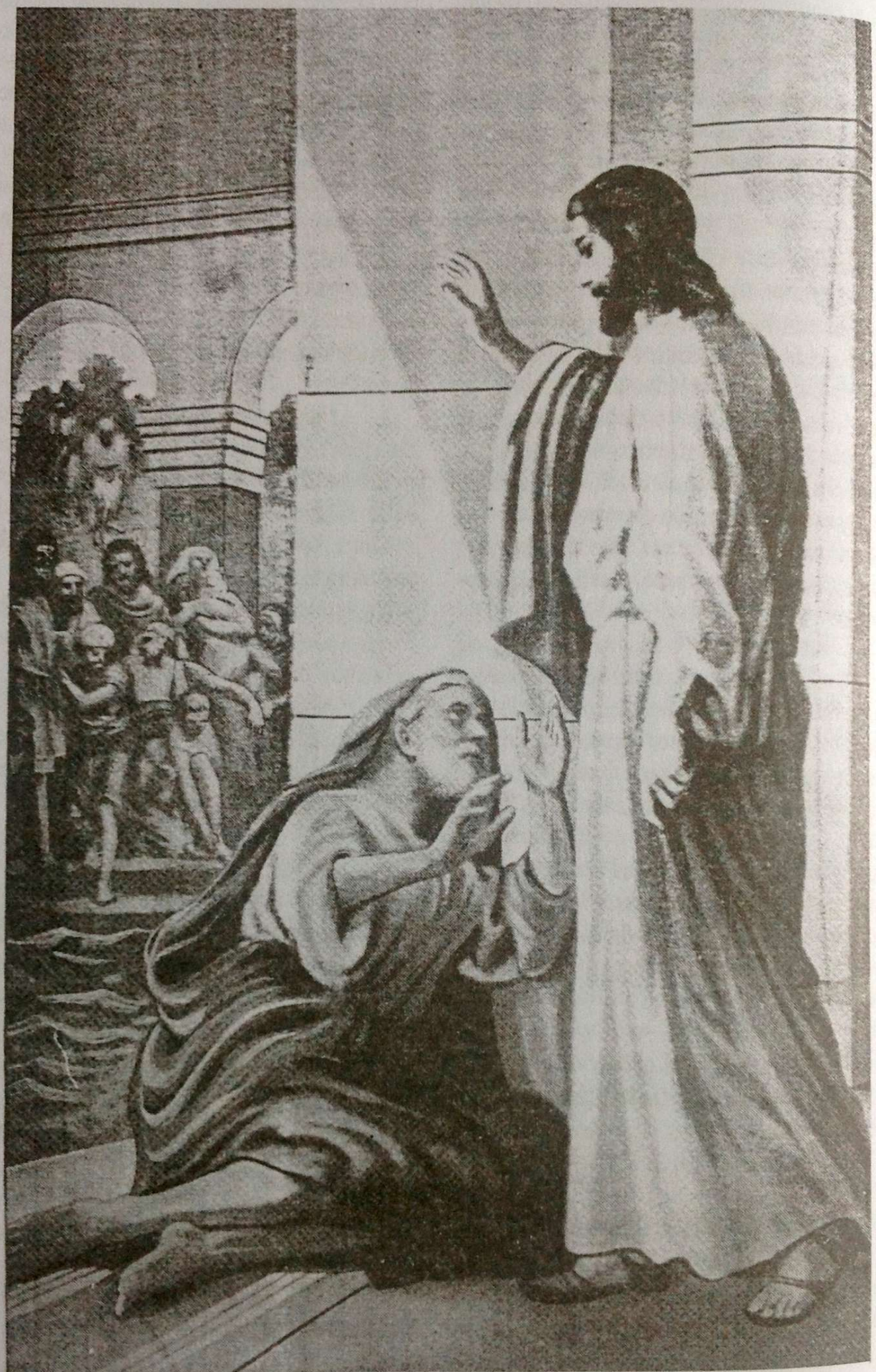
Os caminhos da perdição e os da santidade

1078. Não se lembram os homens do seu principal fim, e do abismo em que os lançam os vícios, ainda na vida presente. Não pode o demônio tirar-lhes a liberdade, nem tem poder imediato sobre ela, contra a vontade do homem. Quando, porém, este lha entrega por repetidos e graves pecados, chega a dominá-la de tal modo, que a transforma num instrumento que se sujeita a quantas maldades lhe propõe.

Vendo tantos e tão lamentáveis exemplos, não acabam os homens de se convencer deste tremendo perigo. Não ponderam até onde podem chegar os justos juízos do Senhor, como aconteceu a Herodes e à sua adúltera, por causa de seus pecados.

Para levar as almas a este abismo de maldade, Lúcifer conduz os mortais pela vaidade, soberba, glória do mundo e seus torpes deleites. Apenas isto lhes oferece e apresenta como grande e apetecível. Os ignorantes filhos da perdição soltam o freio da razão, seguem as inclinações e torpezas da carne e se fazem escravos de seu mortal inimigo.

Minha filha, o caminho da humildade, do abatimento e das aflições é o que ensinamos, Cristo meu Filho santíssimo e Eu. Esta é a estrada real da vida que fomos os primeiros a trilhar, e nos constituímos por especiais mestres e protetores dos aflitos e atribulados. Quando nos chamam em suas necessidades os assistimos de modo maravilhoso com especiais favores. Deste amparo se privam os seguidores do mundo e de seus vãos deleites, desprezadores do caminho da cruz. Para este foste chamada e atraída com a suavidade de meu amor e doutrina. Segue-me e trabalha por imitar-me, pois achaste o tesouro escondido **(Mt 13, 44, 45)** e a pérola preciosa, por cuja posse te deves privar de todas as coisas terrenas e de tua mesma vontade, no que for contrária à do Altíssimo Senhor.



Jesus cura o paralítico no sábado.

CAPÍTULO 5

OS FAVORES QUE OS APÓSTOLOS DE CRISTO RECEBERAM PELA DEVOÇÃO POR SUA MÃE SANTÍSSIMA. POR NÃO A TER, JUDAS SE PERDEU.

Convívio de Maria santíssima

1079. Milagre dos milagres da Onipotência divina e maravilha de prodígios era o procedimento da prudentíssima Senhora nossa, no colégio dos

Apóstolos e discípulos de Cristo, nosso Senhor e seu Filho santíssimo. Esta sabedoria é indizível e se tentasse dizer tudo quanto entendi sobre ela, ser-me-ia necessário escrever um grande volume só sobre este assunto. Direi alguma coisa neste capítulo, e nos demais, conforme surgirem as oportunidades. Tudo será muito pouco, mas suficiente para nossa instrução.

A todos os discípulos que recebia em sua divina escola, o Senhor infundia-lhes no coração a devoção e reverência por sua Mãe santíssima. Assim convinha, pois iriam tratar com Ela e viver familiarmente em sua companhia. Esta semente de luz divina não era igual para todos, porque o Senhor distribuía estes dons de acordo com as disposições das pessoas e os ministérios e ofícios a que eram destinados.

O trato e convívio amabilíssimo e admirável da grande Rainha e Senhora desenvolvia essa graça inicial, e iam crescendo em seu reverencial amor e veneração. A todos Ela falava, amava, consolava, ensinava e socorria em todas as necessidades, de modo que, de sua presença e conversação, jamais alguem se retirava, sem estar cheio de alegria interior e de maior conforto do que tinha desejado. O bom fruto, maior ou menor destes favores, dependia das disposições do coração que recebia esta semente do céu.

Admiração dos Apóstolos por Maria

1080. Todos ficavam cheios de admiração e com altíssimo conceito desta grande Senhora, de sua prudência e sabe-

doria, de sua santidade e pureza, de sua alta majestade unida à suavidade tão aprazível e humilde, que ninguém encontrava palavras para exprimir.

Assim o dispunha o Altíssimo, pois como disse no livro 5°, capítulo 28, não era tempo para ser manifestada ao mundo esta mística arca do Novo Testamento. E, como o que deseja muito falar e não pode manifestar seu conceito, mais o concentra no coração; assim os santos Apóstolos, docemente constrangidos pelo próprio silêncio, transformavam seus ardores de amor por Maria santíssima em louvores de seu Criador.

Em sua incomparável ciência, conhecia a grande Senhora as capacidades de cada um, sua graça, disposição e ministério a que estava destinado. De acordo com esta inteligência, em seus pedidos ao Senhor, em seu ensinamento, palavras e favores, procedia com cada um deles, segundo convinha à vocação que tinham recebido.

Este modo de proceder, numa pura criatura, tão à medida do agrado do Senhor, foi nova e grande admiração para os santos anjos. Através de oculta providência, o Todo-poderoso inclinava os Apóstolos a corresponderem aos benefícios e favores recebidos de sua Mãe. Tudo isto formava divina harmonia oculta aos homens, e só dos espíritos celestiais conhecida.

São Pedro e São João

1081. Nestes favores, foram privilegiados os dois Apóstolos São Pedro e São João. O primeiro porque seria vigário de Cristo e cabeça da Igreja militante. Por causa desta excelência a que o Senhor o elevaria, Maria santíssima tinha para com São Pedro especial reverência, amor e respeito.

São João ficaria no lugar do próprio Jesus, como filho da puríssima Senhora, para a acompanhar e assistir na terra.

Ao governo e guarda destes dois Apóstolos seriam confiadas as duas igrejas: a Igreja mística Maria santíssima e a Igreja militante dos fiéis. Por esta razão, foram particularmente agraciados pela grande Rainha do mundo.

Não obstante, como São João era o escolhido para servi-la e chegar à dignidade de seu filho adotivo, recebeu dons particulares na devoção a Maria santíssima e logo se distinguiu nisso. Ainda que, em tal matéria, todos os Apóstolos excederam nossa capacidade de compreensão, o Evangelista João penetrou mais nos ocultos mistérios desta mística cidade do Senhor, e por Ela recebeu tanta luz sobre a divindade que excedeu todos os Apóstolos, como prova seu Evangelho (**Jo 21, 20**). Toda aquela sabedoria lhe foi concedida por meio da Rainha do céu e a prerrogativa de chamar-se apóstolo amado de Jesus, também a alcançou pelo amor que devotou à sua Mãe santíssima.

Pela mesma razão, foi também correspondido pela divina Senhora, vindo a ser por excelência, o discípulo amado de Jesus e de Maria.

O Apóstolo predileto

1082. Além da castidade e virginal pureza, o santo Evangelista possuía algumas virtudes prediletas da Rainha. Entre elas, sinceridade columbina que transparece também em seus escritos; humildade e serena mansidão que o tornava de trato aprazível.

A divina Mãe chamava retratos de seu Filho santíssimo, a todos os pacíficos e humildes de coração.

Distinguindo-se, entre todos os Apóstolos, nestas virtudes, mereceu a predileção da Rainha e possuiu as disposições para se imprimir em seu coração, reverencial amor e desejo de servi-la.

Desde sua primeira vocação como acima disse[1], São João começou a distinguir-se entre todos, na veneração a Maria santíssima, dedicando-lhe reverente obediência de humilíssimo escravo. Mais freqüentemente, quanto lhe era possível, ficava com Ela e procurava ajudá-la em trabalhos que a Senhora do mundo fazia por suas mãos. Algumas vezes, o feliz Apóstolo desempenhava estes serviços humildes, em santa porfia com os anjos da Rainha, a qual vencia a todos, pois na humildade jamais alguém pode superá-la ou igualá-la, ainda no menor de seus atos.

O discípulo amado era também muito diligente em referir à grande Senhora todas as obras e maravilhas do Salvador, quando Ela não se achava presente, como também das pessoas que se convertiam e abraçavam a sua doutrina. Cuidava, sempre atento, em saber no que mais a podia agradar e servir, e como o entendia, assim o praticava.

Veneração de São João por Maria

1083. Distinguiu-se também São João na reverência com que nomeava Maria santíssima. Em sua presença tratava-a por Senhora, ou minha Senhora, e na ausência chamava-a Mãe de nosso Mestre Jesus. Depois da Ascensão, foi o primeiro a lhe dar o título de Mãe de Deus e do Redentor do mundo, e na sua presença, Mãe e Senhora. Dava-lhe também outros títulos; Restauradora do pecado, Senhora dos povos, e foi ele que primeiro a chamou Maria de Jesus, como muitas vezes foi nomeada na primitiva Igreja. Deu-lhe este nome, porque compreendeu que na alma santíssima de nossa grande Senhora, ele produzia agradabilíssima harmonia. Na minha, desejo louvar com júbilo ao Senhor, por que sem o merecer, sob este mesmo nome chamou-me à luz e fé da santa Igreja e ao instituto religioso que professo.

Os demais Apóstolos e discípulos conheciam a graça que São João gozava junto a Maria santíssima, e muitas vezes recorriam a ele para que lhes servisse de intercessor nas coisas que desejavam pedir. Acedia o amável Apóstolo e intervinha com seus rogos junto à doce Mãe, cuja amorosa piedade conhecia.

A respeito deste assunto falarei mais, principalmente na terceira parte e poder-se-ia escrever uma extensa História, só dos favores que São João Evangelista recebeu da Rainha e Senhora do mundo.

São Tiago, Santo André, as santas mulheres e demais discípulos

1084. Depois de São Pedro e São João, foi muito amado pela Mãe santíssima o apóstolo São Tiago, irmão do Evangelista. Recebeu admiráveis favores da grande Senhora, como veremos na terceira parte.

Santo André foi também caríssimo à Rainha, porque sabia que este grande apóstolo seria especial devoto da Paixão e Cruz de seu Mestre e como este, nela morreria.

Não me detenho a falar dos demais, mas a todos eles, pelas virtudes de cada um, e por amor de seu Filho santíssimo, amava e respeitava com rara prudência, caridade e humildade.

Deste grupo, fazia parte a Madalena a quem nossa Rainha olhava afetuosamente, por causa do amor que ela tinha a seu Filho santíssimo, e porque viu que

1 - nº 1.028.

o coração desta grande penitente era idôneo para o Todo-poderoso ser nela glorificado. Tratou-a Maria santíssima muito familiarmente entre as demais mulheres, e a instruiu sobre altíssimos mistérios, com que a enamorou ainda mais de seu Mestre e da mesma Senhora.

A santa confiou à nossa Rainha seus desejos de se retirar à solidão para viver só para o Senhor, em contínua penitência e contemplação. A amorosa Mestra lhe deu importantes instruções para a vida que a Santa levou no êrmo, onde a visitou pessoalmente, uma vez, e muitas outras por meio dos anjos que enviava para animá-la e consolá-la naquela austeríssima solidão.

As outras mulheres que seguiam o divino Mestre foram também muito favorecidas por sua Mãe santíssima. A elas e a todos os discípulos prodigalizou incomparáveis benefícios, e todos foram intensamente afeiçoados e devotos desta grande Senhora e Mãe da graça. Nela e por Ela, todos encontraram copiosamente esta graça, pois a Senhora era como que a sua fonte e o reservatório, onde Deus a depositava para o bem de todo o gênero humano.

Não me estendo mais sobre este assunto. Além de não ser necessário, pelo conhecimento que existe na santa Igreja, seria mister muito tempo para tratar desta matéria.

Judas o apóstolo infiel

1085. Somente do mau apóstolo Judas direi algo do que compreendi, por ser menos conhecido. É exigido para esta História, a fim de servir de lição aos pecadores, desengano aos obstinados e aviso aos pouco devotos de Maria santíssima. Haverá alguém que o seja pouco, de criatura tão amável que o mesmo Deus amou com seu amor infinito, sem reservas nem medida? Os anjos amam-na com todas suas forças espirituais. Os Apóstolos e Santos com íntimo e cordial afeto. Se todas as criaturas a amarem com entusiasta porfia, ainda será menos do que Ela merece.

A infelicidade de Judas começou por não se colocar neste caminho real, para chegar ao amor divino e seus dons. A inteligência que disso me foi dada para o escrever, é como segue.

História de Judas

1086. Judas entrou na escola de Cristo, nosso Mestre, atraído exteriormente pela força de sua doutrina, e interiormente, pelo bom espírito que movia a outros.

Conduzido por estas graças, pediu ao Salvador que o aceitasse entre seus discípulos, e o Senhor o recebeu com sentimentos de amoroso pai que não despreza ninguém que o procure sinceramente.

A princípio, Judas recebeu outros favores da divina destra, de modo que se distinguiu entre outros discípulos e foi nomeado um dos doze apóstolos. O Senhor o amava realmente, conforme o estado de sua alma e boas obras que então fazia.

A Mãe da graça também o olhou com misericórdia, ainda que, por sua ciência infusa, logo conheceu a traição infame que ele cometeria no fim de sua carreira. Todavia, nem por isto lhe negou sua intercessão e caridade maternal. Pelo contrário, a divina Senhora tomou por sua conta justificar, quanto lhe era possível, a causa de seu Filho santíssimo com o infeliz Apóstolo. A maldade do traidor não devéria encontrar nenhuma desculpa, mesmo aparente e humana.

Conhecendo que, com rigor, aquele temperamento não se dobraria, mas seria levado mais depressa à obstinação, cuidava a prudentíssima Senhora que nada faltasse a Judas. Providenciava-lhe todo o necessário e conveniente, e o tratava com maior demonstração de carinho e suavidade do que aos outros, sendo isso muito notório.

Quando os discípulos entravam em competições para saber quem seria o preferido pela Rainha puríssima, - assim como diz o Evangelho a respeito de Jesus **(Lc 22, 24)**, - Judas não precisou se preocupar com estes ciúmes, porque a Senhora sempre o favoreceu muito nos princípios, e ele também se mostrava agradecido.

Primeiras falhas de Judas

1087. O caráter de Judas, porém, o ajudava pouco. Entre os discípulos e Apóstolos havia imperfeições de homens, ainda não de todo conformados na perfeição da graça. Começou o imprudente discípulo a se preferir aos outros, tropeçando nos defeitos de seus irmãos, reparando mais nos alheios do que nos próprios **(Lc 22, 41)**. Consentindo neste erro, sem reparo nem emenda, a viga em seus olhos foi crescendo, na medida em que, com indiscreta presunção, reparava no argueiro dos de seus irmãos. Criticava-os e pretendia, com mais presunção do que zelo, emendar em seus irmãos faltas muito menores do que as que ele cometia.

Entre os demais Apóstolos, implicou-se com São João, julgando-o presumido e intrometido junto de seu Mestre e da Mãe santíssima, apesar dele ser também tão favorecido por ambos.

Até aqui, as desordens de Judas não passavam de culpas veniais, sem ter perdido a graça justificante. Tais faltas, porém, eram de má espécie e muito voluntárias. Com plena advertência deixou entrar a primeira, que foi a vã complacência; esta chamou a segunda, que foi de alguma inveja; daqui resultou a terceira, que foi condenar e julgar com pouca caridade as ações de seus irmãos. Estas abriram a porta para outras maiores, e em conseqüência se lhe foi esfriando o fervor da devoção e a caridade para com Deus e o próximo. A luz interior foi-se enfraquecendo e apagando, e começou a sentir pelos Apóstolos e pela Mãe santíssima certo aborrecimento com fastio de seu convívio e atos santíssimos.

Judas perde a graça

1088. A prudentíssima Senhora observava este extravio de Judas e procurava curá-lo antes que se entregasse à morte do pecado, falando-lhe e admoestando-o como a filho caríssimo, com extrema suavidade e enérgicas razões.

A tempestade que começava a se levantar no inquieto coração de Judas, as vezes se acalmava. A tranqüilidade, porém, não durava muito, e logo se agitava novamente. Dando entrada ao demônio, chegou a irritar-se contra a mansíssima pomba e com afetada hipocrisia procurava esconder, negar ou desculpar suas faltas, como se pudera enganar seus divinos Mestres e ocultar-lhes o segredo de seu íntimo.

Com isto, perdeu a reverência interior à Mãe de misericórdia, desprezando suas admoestações e atirando-lhe em rosto a doçura de suas palavras e conselhos. Este ingrato atrevimento arrebatou-lhe a graça. O Senhor se indignou gravemente e deixou-o entregue a seu próprio arbítrio **(Ecli 15, 14)**, por culpa de seus desmedidos desacatos. Desviando-se da graça e intercessão de Maria santíssima, ele mesmo fechou as portas da misericórdia e de sua salvação. Depois desta

má vontade pela amorosa Mãe, começou a aborrecer-se de seu Mestre, a desgostar-se de sua doutrina e a achar pesada a vida dos Apóstolos e a convivência com eles.

Judas não aceita correção

1089. Apesar de tudo, a divina Providência não o abandonou logo, e sempre lhe enviava auxílios interiores. Ainda que fossem menos especiais dos que recebia antes, eram suficientes, se ele os aproveitasse.

Além destas graças, não cessou a clementíssima Senhora de exortá-lo carinhosamente para que se humilhasse, e pedisse perdão a seu divino Mestre e verdadeiro Deus. Em nome do Senhor, ofereceu-lhe misericórdia, e de sua parte o acompanharia, rogaria por ele e faria penitência por seus pecados. D'ele só desejava que se arrependesse e se emendasse.

Todas estas oportunidades ofereceu-lhe a Mãe da graça para remediar, no princípio a queda de Judas. Sabia que o maior mal não era cair, mas permanecer no pecado sem se levantar.

O soberbo discípulo não podia negar o testemunho que sua consciência dava de seu mau estado. Não obstante, foi se obstinando. Temendo a vergonha do que lhe podia conquistar glória, caiu na confusão que aumentou seu pecado. Com tal soberba, não aceitou os salutares conselhos da Mãe de Cristo, negou sua culpa, protestando com fingidas palavras que amava seu Mestre. E, quanto ao mais, nada tinha do que se emendar.

Caridade e paciência de Jesus e Maria

1090. Foi admirável o exemplo de caridade e paciência que nos deixaram Cristo nosso Salvador e sua Mãe santíssima, a respeito de Judas, depois de sua queda em pecado. De tal modo o toleraram em sua companhia, que jamais lhe mostraram semblante carregado, nem deixaram de o tratar com a mesma bondade como aos demais.

Esta foi a causa dos outros Apóstolos nada suspeitarem do mal íntimo de Judas, ainda que seu procedimento dava grandes indícios de sua má consciência. Não é fácil, e quase impossível, forçar sempre as inclinações para as dissimular. Não se estando muito prevenido, sempre agimos conforme nossas tendências e costumes, e então, elas se revelam aos que convivem conosco.

O mesmo sucedia com Judas entre os Apóstolos, mas como todos viam a afabilidade e amor com que Cristo, nosso Redentor, e sua Mãe santíssima sempre o tratavam, julgavam enganar-se nas suspeitas e maus indícios da queda do infiel Apóstolo.

Por esta mesma razão, quando na última ceia legal lhes disse o Senhor que um deles O havia de entregar (**Mt 26, 21; Mc 14, 18; Lc 22, 21; Jo 13, 18**), sentiram-se todos assustados e duvidosos, e cada um perguntava se iria ser o traidor.

Gozando São João de maior intimidade com o Mestre, chegou a ter alguma luz sobre as maldades de Judas, e com isso se preocupava. Por este motivo revelou-lhe o Senhor, por sinais, conforme narra o Evangelho (**Jo 13, 26**). Até aquela hora, porém, o divino Mestre nunca dera a perceber o que se passava em Judas.

Esta paciência é ainda mais admirável em Maria santíssima que, sendo Mãe e pura criatura, via que já se aproximava a traição que aquele desleal discípulo cometeria contra seu Filho santíssimo, a quem amava como Mãe e não como serva.

A caridade

1091. Quanto somos ignorantes e estultos! Que diferente proceder o nosso, filhos dos homens, se recebemos alguma pequena injúria, apesar de merecer tantas! Como somos impacientes para sofrer as fraquezas alheias, querendo que todos tolerem as nossas! Como achamos difícil perdoar uma ofensa, pedindo cada dia e a cada hora que o Senhor perdoe as nossas **(Mt 6, 12)**! Como somos prontos e desapiedados em publicar as culpas de nossos irmãos, e que ressentidos e irados, se alguém fala das nossas!

A ninguém medimos com a medida com que desejamos ser medidos, e não queremos ser julgados com o juízo que fazemos dos outros **(Lc 6, 37)**. Tudo isto é perversidade, trevas e sopro da boca do dragão infernal que quer se opor à excelentíssima virtude da caridade, e perverter a ordem da razão humana e divina.

Como Deus é caridade **(1Jo 4, 16)** e quem a exercita perfeitamente está em Deus e Deus nele, assim Lúcifer é ira e vingança. Quem a pratica está nele e ele o maneja em todos os vícios que se opõem ao bem do próximo.

Confesso que a beleza da virtude da caridade sempre me suscitou grandes desejos de a ter por amiga, mas também vejo, no claro espelho desta maravilhosa caridade com o ingratíssimo Apóstolo, que ainda não cheguei sequer ao princípio desta nobilíssima virtude.

Judas cobiça o cargo de tesoureiro

1092. Para que o Senhor não me repreenda por haver calado, ao que ficou dito, falarei sobre mais outra causa da ruína de Judas.

Desde que começou a crescer o número de Apóstolos e discípulos, determinou o divino Mestre que algum deles se encarregasse de receber e distribuir as esmolas, como síndico e administrador para as necessidades comuns e pagamento dos tributos imperiais. Sem indicar ninguém, Cristo nosso Senhor propôs a todos. Temendo este ofício ninguém se ofereceu, enquanto Judas imediatamente o cobiçou. Para consegui-lo, o ambicioso discípulo se humilhou a pedir a São João falasse à Rainha santíssima, para que Ela o obtivesse do Senhor.

São João assim o fez, mas a prudentíssima Senhora, conhecendo que o pedido não era justo nem conveniente, procedente de cobiça, não quis propô-lo ao divino Mestre.

A mesma diligência fez Judas por meio de São Pedro e outros Apóstolos, mas tampouco o conseguia, porque a clemência do Altíssimo lho queria impedir, para justificar sua causa quando o permitisse. Esta resistência, em vez de sossegar o coração de Judas, e de abrandar a avareza que já o dominava, mais inflamou a infeliz chama que o abrasava. Atiçava-a satanás com pensamentos ambiciosos, feios até para qualquer pessoa de outro estado.

Se para outros seriam indecorosos e culpáveis, muito mais o eram para Judas, discípulo da escola da maior perfeição, onde gozava da luz do sol da justiça Cristo, e da lua Maria. No dia da abundância e da graça, iluminado pelo sol de seu divino Mestre, não podia deixar de conhecer o delito de consentir em tais sugestões. Em a noite da tentação tinha a influência da lua Maria para livrar-se do veneno da serpente.

Como, porém, fugia da luz e se entregava às trevas, corria para o precipício. Atreveu-se a pedir, pessoalmente, a Maria santíssima o cargo que pretendia, perdendo o medo e encobrindo sua cobiça com a côr da virtude. Dirigiu-se a Ela e lhe disse que o pedido que Pedro e João, seus irmãos, lhe haviam feito em seu

nome, procedia do desejo que ele tinha de servir a ela e a seu Filho, com toda a dedicação, pois nem todos tinham nisso o cuidado que era justo. Portanto, suplicava-lhe que o alcançasse de seu Mestre.

Maria procura dissuadi-lo

1093. Com grande mansidão, respondeu-lhe a Senhora do mundo: Considera bem, caríssimo, o que pedes, e examina se é reta a intenção com que o desejas. Reflete se te convém apetecer o que teus irmãos, os discípulos, temem e só aceitariam obrigados pela obediência a seu Mestre e Senhor. Ele te ama mais do que tu a ti mesmo, e sabe, sem se enganar, o que te convém. Entrega-te à sua santíssima vontade, muda teus planos e procura entesourar humildade e pobreza. Levanta-te donde caíste que eu te darei a mão, e meu Filho usará contigo de sua amorosa misericórdia.

A quem não dobrariam estas doces palavras e enérgicas razões, ouvidas de tão divina e amável criatura como Maria santíssima? Todavia, não se abrandou nem comoveu aquele feroz coração, duro como diamante. Pelo contrário, irritou-se interiormente, dando-se por ofendido pela divina Senhora que lhe oferecia o remédio de sua mortal doença.

Um ímpeto desenfreado de ambição e cobiça da paixão concupiscível, irrita à irascível contra quem a estorva, e reputa os bons conselhos por agravos. A amantíssima e amável pomba, porém, deixou passar e, por então, não falou mais com o obstinado Judas.

Os pecados de Judas

1094. Nada alcançando de Maria santíssima, não sossegava Judas em sua avareza. Despindo-se do natural pejo, e interiormente da fé, resolveu dirigir-se pessoalmente a Cristo, seu divino Mestre e Salvador.

Como arguto pretendente, vestiu sua maldade com pele de ovelha, aproximou-se de Jesus e lhe disse: Mestre, desejo fazer vossa vontade e vos servir, sendo administrador das esmolas que recebemos. Acudirei aos pobres, praticando vossa doutrina de fazer com o próximo o mesmo que desejamos seja feito a nós. Procurarei distribuir com ordem e conveniência, de acordo com vossa vontade, melhor do que se fez até agora.

Estas e outras razões disse o hipócrita a seu Deus e Mestre, cometendo de uma vez, muitos e enormes pecados. Em primeiro lugar, mentia, porque tinha outra intenção. Além disto, fingia o que não era: ambicioso da honra que não merecia, não queria parecer o que era, nem ser o que desejava parecer. Murmurou de seus irmãos desacreditando-os e louvando a si mesmo. Caminhos estes muito batidos pelos ambiciosos.

O mais grave é que perdeu a fé infusa, pretendendo enganar Cristo, seu celestial Mestre, com fingimento e hipocrisia. Se cresse firmemente que Cristo era verdadeiro Deus como verdadeiro homem, não poderia pensar em enganá-lo, pois como Deus, conhecia o íntimo de seu coração **(Jo 6, 65)**.

Não só com sua ciência infinita, mas ainda como homem, pela ciência infusa e beatíssima, o conhecia. Se Judas assim cresse, teria desistido de seu projeto. A todos os outros pecados, portanto, acrescentou o da heresia.

Avareza de Judas

1095. Cumpriu-se neste desleal discípulo, à letra, o que mais tarde diria o Apóstolo **(1 Tim 6, 9)**: Os que desejam

enriquecer vêm a cair na tentação e se enredam nos laços do demônio, e em desejos inúteis e vãos que lançam os homens na perdição e eterna morte; porque a cobiça é a raiz de todos os males, e muitos por segui-la, erraram na fé e se puseram em muitas aflições.

Tudo isto sucedeu ao avarento e pérfido apóstolo, cuja cobiça foi tanto mais vil e culpada, quanto era mais vivo e admirável o exemplo da alta pobreza de Cristo nosso Senhor, de sua Mãe santíssima e de todo o grupo dos apóstolos, que possuía apenas algumas modestas esmolas.

Imaginou, porém, o mau discípulo que, com os grandes milagres de seu Mestre, e com tantas pessoas que o seguiam e procuravam, aumentariam as ofertas que ele saberia desviar para si. Como não o conseguia, os próprios donativos lhe serviam de tormento, como demonstrou na ocasião em que Madalena gastou os preciosos aromas para ungir o Salvador **(Mt 26, 6; Mc 14, 4; Jo 12, 1).**

A cobiça de os apanhar transformou-o em negociante: disse que valiam mais de trezentos dinheiros e que eram subtraidos aos pobres, a quem poderiam ser repartidos. Dizia isto, porque lhe doía muito não os ter tomado para si, pois com os pobres não se incomodava. Pelo contrário, indignava-se com a Mãe de misericórdia porque dava tantas esmolas; com o Senhor porque não aceitava mais; com os apóstolos e discípulos porque não pediam. Com todos se enfadava e mostrava-se ofendido.

Alguns meses antes da morte do Salvador, começou a se afastar muitas vezes dos demais apóstolos e do Senhor. Desgostava-lhe sua companhia e só vinha recolher as esmolas que podia. Nestas ausências, pôs-lhe o demônio no coração acabar de todo com seu Mestre, entregando-o aos judeus, como aconteceu.

Endurecimento de Judas

1096. Voltemos, porém, à resposta que o Mestre da vida deu a Judas, quando este lhe pediu o ofício de ecônomo, para que se veja quão ocultos e grandiosos são os juízos do Altíssimo.

Desejava o Salvador do mundo afastá-lo do perigo que encerrava sua pretensão, e onde o cobiçoso apóstolo encontraria sua final perdição.

Para que não alegasse ignorância, disse-lhe o Senhor: Sabes, ó Judas, o que desejas e pedes? Não sejas tão cruel contra ti mesmo, procurando e pedindo o veneno e as armas que podem te causar a morte.

Replicou Judas: Eu, Mestre, desejo servi-vos, empregando minhas forças ao bem de vossa congregação. Por este meio poderei fazê-lo melhor do que por outro qualquer, e para isso me ofereço.

Com esta porfia de Judas em procurar e amar o perigo, Deus justificou sua causa para nele deixá-lo cair e perecer. O infeliz resistiu à luz e se endureceu. Sendo-lhe mostrado a água e o fogo **(Ecli 15, 17)**, a vida e a morte, escolheu a perdição.

Ficou demonstrada a justiça e engrandecida a misericórdia do Altíssimo que tantas vezes se ofereceu para entrar em seu coração, donde Judas o expulsou para acolher o demônio. Mais adiante, direi outras coisas das maldades de Judas, para exemplo dos mortais. Aqui não quero alongar mais este capítulo, e porque os fatos pertencem a outros lugares desta História.

Que homem, sujeito a pecar, não temerá com grande pavor? Alguém de sua mesma natureza; na escola de Cristo e de sua Mãe santíssima; formado por sua doutrina, testemunha de seus milagres; em tão pouco tempo, do estado de apóstolo santo, justo, que fazia os mesmos milagres e prodígios que os outros, passou ao estado

de demônio! De singela ovelha, converteu-se em lobo sanguinário e carniceiro.

Judas começou por pecados veniais, e deles caiu nos mais graves e horrendos. Entregou-se ao demônio que já suspeitava que Cristo era Deus. A ira que nutria contra Ele, descarregou no infeliz apóstolo que se isolou do pequeno rebanho.

Agora, é maior ainda o furor de Lúcifer, depois que, a seu pesar, conheceu Cristo por verdadeiro Deus e Redentor. Que poderá esperar a alma que se entrega a tão cruel inimigo, sedento de nossa condenação eterna?

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Devoção à Virgem

1097. Minha filha, tudo o que escreveste neste capítulo é um dos mais importantes avisos para todos os que vivem em carne mortal, com perigo de perder o bem eterno. Solicitar a intercessão de meus rogos e clemência; temer com discreção os juízos do Altíssimo **(Sl 118, 120)**, são as condições para se salvar e aumentar a recompensa.

Quero que novamente entendas: entre os divinos segredos que meu Filho santíssimo revelou ao nosso predileto João, em a noite da ceia, um deles foi de que essa predileção era fruto do amor que o Apóstolo me devotava, enquanto a queda de Judas fôra conseqüência de haver desprezado a piedade que Eu lhe demonstrei. Então, compreendeu o Evangelista grandes sacramentos que a divina destra realizara em mim, e os trabalhos e sofrimentos que me pediria em sua Paixão. Ao mesmo tempo, ordenou-lhe o Senhor que tivesse especial cuidado por mim.

Caríssima, a pureza que de ti desejo deve ser mais do que angélica. Se te dispuseres para alcançá-la, conseguirás também ser minha filha caríssima como João, e esposa querida e acariciada por meu Filho e Senhor. Este exemplo, e a ruína de Judas, sempre devem te servir de escarmento e estímulo para solicitares meu amor e agradeceres o que, sem o mereceres, eu te manifesto.

Devoção aos amigos de Deus

1098. Quero também que entendas outro segredo ignorado no mundo: um dos pecados mais feios e detestados pelo Senhor, é a pouca estima devotada aos justos e amigos da Igreja, especialmente a mim que fui escolhida para Mãe sua e protetora universal de todos. Se desprezar e não amar os inimigos é tão odioso ao Senhor, **(Mt 18, 35)** e aos santos do céu, como suportará que se faça isto com seus amigos caríssimos, nos quais repousa seu olhar e seu amor? **(Sl 33, 16)**.

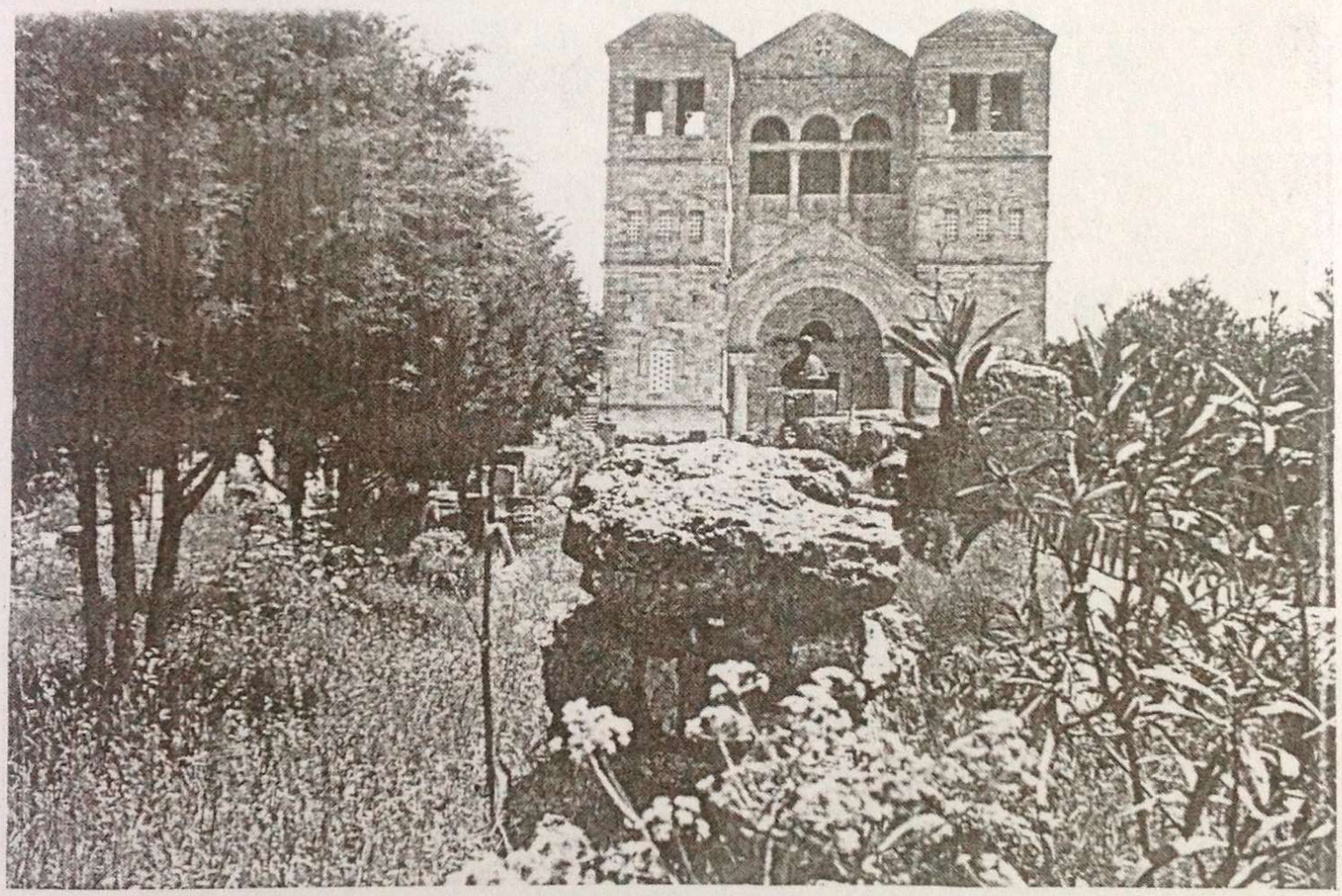
Esta advertência é muito mais importante do que podes calcular na vida mortal, e o desamor pelos justos é um dos sinais de reprovação. Guarda-te deste perigo, e não julgues a ninguém **(Mt 7, 1)**, ainda menos aos que te repreendem e ensinam. Não te deixes inclinar a coisa alguma terrena, e ainda menos aos ofícios de governo, onde o sensível e humano arrasta aos que só pensam nisso, perturba-lhes o julgamento e obscurece a razão.

A ninguém invejes a honra, nem outras coisas aparentes, nem apeteças ou peças ao Senhor, senão seu amor e santa amizade. A criatura é cheia de inclinações cegas, e se não as refreia, costuma desejar e pedir o que virá a ser sua perdição. Por castigo de outros pecados, e por ocultos juízos, às vezes, Deus lhes concede o que tanto cobiçam, como aconteceu a Judas.

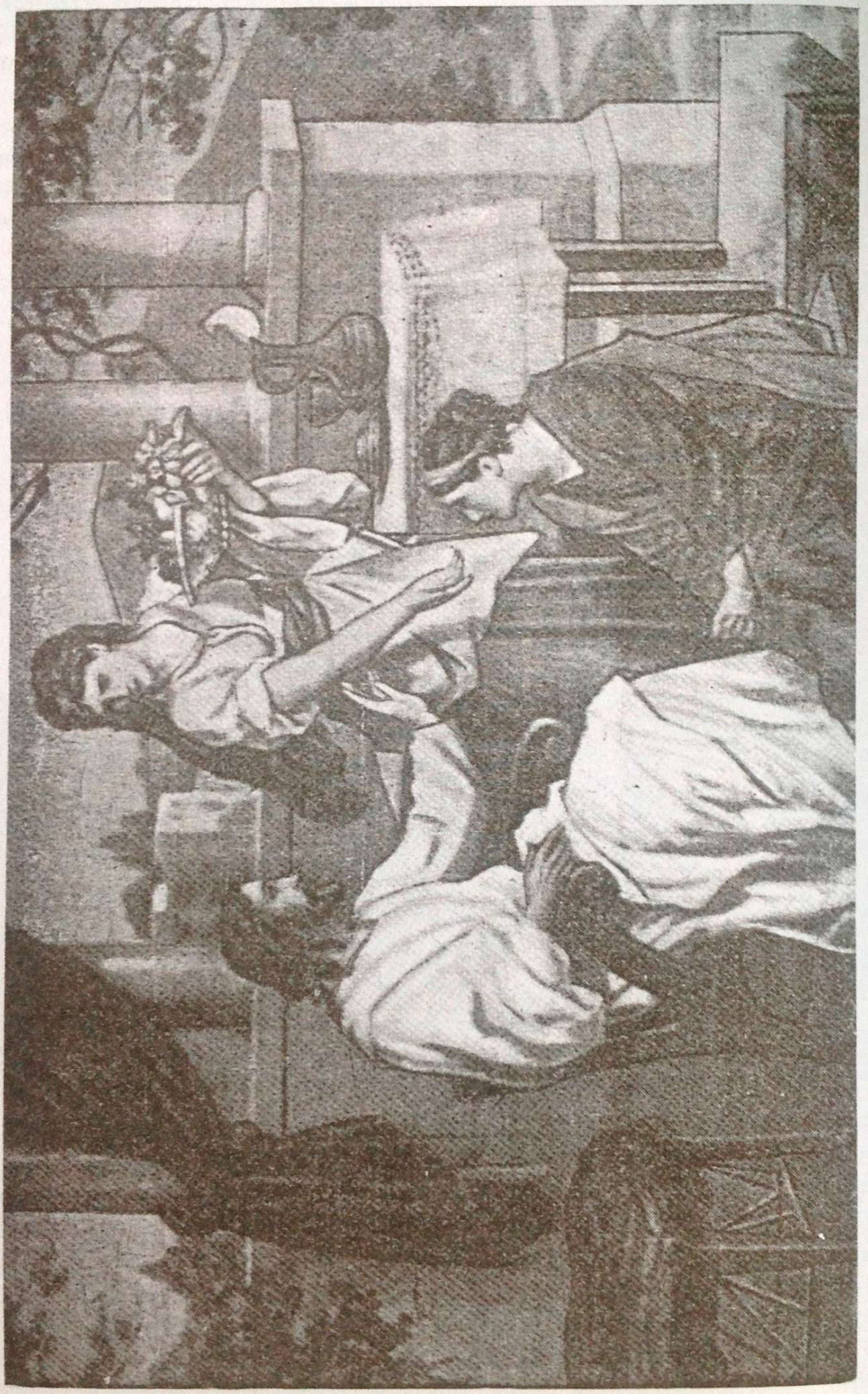
Nestes bens temporais que tanto cobiçam já recebem a recompensa de algum bem que hajam feito. Nisto entenderás a ilusão de muitos seguidores do mundo que se julgam ditosos e felizes, quando conseguem tudo o que desejam para satisfazer suas terrenas inclinações. Esta é a sua maior infelicidade, porque nada lhes fica para ser premiado na vida eterna.

Os justos, ao contrário, desprezaram o mundo, nele sofreram adversidades, e o Senhor, muitas vezes, recusa satisfazer seus desejos em coisas temporais, para afastá-los do perigo. Para que não caias nele, te admoesto e mando que jamais apeteças, nem te inclines a coisa humana.

Afasta tua vontade de tudo; conserva-a livre e senhora; liberta-a do cativeiro e escravidão a que conduzem as inclinações. Nada queiras fora da vontade do Altíssimo, pois que o Senhor tem cuidado **(Mt 6, 30)** dos que se entregam à sua divina Providência.



De uma das estradas que levam de Nazaré à Judéia está bem à vista o monte Tabor, em cujo vértice é levantado este Santuário.



Jesus em Casa de Maria e Marta.

CAPÍTULO 6

TRANSFIGURAÇÃO DE CRISTO NO TABOR, COM A PRESENÇA DE SUA MÃE SANTÍSSIMA. SOBEM DA GALILÉIA PARA JERUSALÉM. A UNÇÃO FEITA POR MADALENA EM BETÂNIA.

A transfiguração

1099. Decorrera mais de dois anos e meio da pregação e milagres de nosso Redentor e Mestre Jesus. Aproximava-se o tempo marcado pela eterna sabedoria para voltar ao Pai, por meio de sua paixão e morte, e com ela deixar satisfeita a divina justiça e redimido o gênero humano.

Como todas as suas obras eram ordenadas à nossa salvação e ensinamento, cheias de divina sabedoria, determinou o Senhor, preparar alguns de seus apóstolos para o sobressalto que sua morte lhes iria produzir **(Mt 26, 31)**. Quis, antes, lhes mostrar glorioso, aquele corpo passível que depois veriam açoitado a crucificado. Vê-lo-iam transfigurado pela glória, antes de o ver desfigurado pelas dores.

Pouco antes ele fizera esta promessa diante de todos, embora apenas para alguns, como refere o evangelista São Mateus **(Mt 16, 28)**.

Para isto escolheu um alto monte, o Tabor, situado no centro da Galiléia, a duas léguas de Nazaré para o oriente, subindo até seu cume. Com os três Apóstolos, Pedro, Tiago e seu irmão João, transfigurou-se diante deles, como narram três evangelistas: Mateus **(17, 1-4)**; Marcos **(9, 1)**; Lucas **(9, 28)**. Acharam-se também presentes na transfiguração de Cristo, nosso Senhor, os dois profetas Moisés e Elias com ele falando sobre sua Paixão. Enquanto se achava transfigurado veio uma voz do céu que, em nome do eterno Pai, disse: Este é meu Filho muito amado em quem me comprazo; a Ele deveis ouvir.

A transfiguração e Maria

1100. Não dizem os Evangelistas que Maria santíssima estivesse presente ao prodígio da transfiguração, mas tampouco o negam. Isto não pertencia à sua finalidade, nem convinha manifestar nos Evangelhos o oculto milagre com que se realizou.

Para escrever esta história, a mim foi dado a compreender o seguinte: ao mesmo tempo que alguns anjos trouxeram a alma de Moisés e Elias, a divina Senhora foi levada por seus santos anjos ao monte Tabor, para ver seu Filho santíssimo transfigurado, e realmente o viu.

Ainda que não fosse necessário fortalecer a fé da Mãe santíssima como a dos apóstolos, pois nela estava confirmada e seguríssima, teve o Senhor muitos fins no prodígio da Transfiguração.

Além disso, para sua Mãe santíssima havia outras razões particulares, para

Cristo nosso Redentor celebrar tão grande mistério em sua presença. O que para os apóstolos era favor, para a Rainha e Mãe era como devido, sendo ela sua companheira e coadjutora da Redenção até a cruz. Convinha, por esta graça, confortar sua alma santíssima para os tormentos que iria padecer. Ficando depois, por Mestra da santa Igreja, daria testemunho deste mistério. Seu Filho santíssimo não lhe iria ocultar o que, tão facilmente, lhe podia manifestar, pois lhe mostrava todas as operações de sua alma santíssima.

Seu amor filial pela Mãe não lhe negaria este favor, quando não deixou de lhe fazer quantos lhe provavam seu ternissimo afeto. Pessoalmente, para a grande Rainha, resultava em maior excelência e dignidade. Por estas razões e outras muitas, que não é necessário referir agora, foi-me dado a entender que Maria santíssima assistiu a Transfiguração de seu Filho santíssimo e Redentor nosso.

Visão da Virgem

1101. Durante o tempo em que se realizou este mistério, a Virgem viu, não apenas a humanidade de Cristo transfigurada e gloriosa, mas também a divindade, clara e intuitivamente. A graça feita aos Apóstolos, foi para ela muito maior e mais perfeita.

Mesmo na visão da glória do corpo, a todos manifesta, houve grande diferença entre a divina Senhora e os apóstolos. Eles, a princípio, quando o Senhor se retirou a orar, ficaram sonolentos, como diz São Lucas **(9, 32)**. Depois, ao ouvir a voz do céu, com grande temor caíram com o rosto por terra, até que o Senhor lhes falou e os levantou, como narra São Mateus **(17, 6)**.

A divina Mãe, porém, em tudo conservou-se inalterável, pois além de estar habituada a tantas e tão grandes graças, fôra repleta de novas disposições, iluminação e fortaleza para ver a divindade. Assim, pôde ver o corpo transfigurado sem se ofuscar e sem sofrer o temor e desfalecimento que os apóstolos sofreram na parte sensitiva.

A Mãe santíssima já vira outras vezes o corpo de seu Filho santíssimo transfigurado, como acima disse[1]. Nesta ocasião, porém, foi com novas circunstâncias que lhe produziram maior admiração, inteligência e outros singulares favores. Em igual proporção, foram os efeitos produzidos em sua alma puríssima, tendo saído desta visão, toda renovada, inflamada e deificada.

Enquanto viveu em carne mortal, nunca perdeu as espécies desta visão da humanidade gloriosa de Cristo nosso Senhor. Serviu-lhe de grande consolo na ausência de seu Filho, enquanto não lhe foi renovada sua imagem gloriosa em outras visões, como veremos na terceira parte. Não obstante, foi também motivo para sentir mais as afrontas de sua Paixão, tendo-o visto como Senhor da glória.

Explicação da Transfiguração

1102. Os efeitos que em sua alma santíssima produziu esta visão de Cristo glorioso, não se podem explicar humanamente. Ver, com tanto esplendor, aquela substância que o Verbo tomara de seu próprio sangue, que trouxera em seu virginal seio e alimentara com seu leite; ouvir a voz do Pai reconhecendo por Filho aquele que também era seu, dando-o por Mestre aos homens; a prudentíssima Mãe penetrava, agradecia e louvava dignamente ao Todo-poderoso por todos estes mistérios. Fez novos cânticos com seus anjos, celebrando aquele dia tão festivo

1 - nº 695, 851.

para sua alma e para a humanidade de seu Filho santíssimo.

Não me detenho em explicar outras coisas deste mistério, e em que consistiu a transfiguração do sagrado corpo de Jesus. Basta saber, que seu rosto resplandeceu como o sol e suas vestes ficaram mais brancas que a neve **(Mt 17, 2)**. Esta glória no corpo resultou da que o Salvador sempre possuiu em sua alma divinizada e gloriosa.

Na Encarnação, fez o milagre de suspender os efeitos de glória que ela, permanentemente, devia refletir sobre o corpo. Agora, na transfiguração, cessou, de passagem, aquele milagre, e o corpo puríssimo participou da glória da alma, sendo isso o esplendor e claridade vistos pelos que a assistiam. Terminada a Transfiguração, continuou o milagre de se suspender os efeitos da alma gloriosa. Visto que esta era sempre beatificada, foi também prodígio que o corpo recebesse apenas de passagem, o que, normalmente, sempre deveria ter.

Última viagem de Jesus

1103. Celebrada a Transfiguração, a Mãe santíssima foi trazida de volta à sua casa em Nazaré. Seu Filho santíssimo desceu do monte e veio encontrá-la, para se despedir de sua terra, e dirigir-se a Jerusalém onde deveria padecer na Páscoa, a última para o Senhor.

Passados alguns dias saiu de Nazaré acompanhado de sua Mãe santíssima, dos apóstolos, discípulos e outras santas mulheres, percorrendo o centro da Galiléia e Samaria até chegar em Jerusalém na Judéia.

O evangelista São Lucas descreve esta viagem dizendo que o Senhor, resolutamente, encaminhou-se para Jerusalém **(Lc 9, 51)**. Partiu com alegre semblante e fervoroso desejo de sofrer, e voluntariamente oferecer-se pelo gênero humano. Não voltaria mais à Galiléia onde realizara tantos prodígios.

Ao sair de Nazaré, adorou ao eterno Pai agradecendo-lhe, enquanto homem, por ter, naquela casa e lugar, recebido a forma e ser humano que, pela salvação dos homens, ofereceria à paixão e morte. Nesta oração que não posso explicar com palavras, entre outras muitas, Cristo nosso Redentor disse estas:

Oração de Cristo

1104. Meu eterno Pai, para vos obedecer vou, com alegria e boa vontade, satisfazer vossa justiça e padecer até morrer para reconciliar convosco todos os filhos de Adão **(Rom 5, 10)**. Pagarei a dívida de seus pecados, e abrir-lhes-ei as portas do céu que estes tinham fechado.

Vou à procura das almas que, deixando-me se perderam **(Lc 19, 10)**, e se hão de salvar pela força de meu amor. Vou reunir os dispersos da casa de Jacó **(Is 56, 8)**, erguer os caídos, enriquecer os pobres, refrigerar os sedentos, derrubar os soberbos e exaltar os humildes.

Quero vencer o inferno e enaltecer o triunfo de vossa glória contra Lúcifer **(1Jo 3, 8)** e os vícios que semeou no mundo. Quero arvorar o estandarte da cruz, sob a qual hão de militar todas as virtudes e quantos a seguirem **(Mt 16, 24)**. Quero saciar a sede de meu coração pelos opróbrios **(Tren 3, 30)** e afrontas, a vossos olhos tão estimáveis. Quero humilhar-me até receber a morte da mão de meus inimigos, para que vossos amigos e escolhidos sejam honrados e consolados em suas tribulações, exaltados com eminente e copiosa recompensa, quando a meu exemplo se humilharem a padecê-las **(Flip 28)**.

Oh! cruz suspirada, quando me receberás em teus braços? Oh! doces opróbrios e dolorosas afrontas, quando me levareis à morte para deixá-la vencida em minha carne **(Heb 2, 17)** que em tudo foi inocente? Dores, opróbrios, ignomínias, açoites, espinhos, paixão, morte, vinde a mim que estou à vossa procura; deixai-vos logo encontrar por quem vos ama e conhece vosso valor.

Se o mundo vos aborrece eu vos cobiço. Se ele, ignorante, vos despreza, Eu que sou a verdade e sabedoria, vos procuro porque vos amo. Vinde, pois, a Mim, receber-vos-ei como homem, e como Deus vos darei a honra que vos tirou o pecado e quem o comete.

Vinde a Mim e não frustreis meus desejos. Se não vos aproximais porque sou todo-poderoso, dou-vos licença para que em minha humanidade empregueis toda vossa ação. Não sereis por Mim repelidos, como fazem os mortais. Acabe-se o engano e ilusão dos filhos de Adão que servem à vaidade e à mentira **(Sl 4, 3)**, julgando infelizes os pobres, aflitos e injuriados pelo mundo. Quando virem o seu verdadeiro Deus, Criador, Mestre e Pai padecer opróbrios, açoites, ignomínias, tormentos, desnudez e morte de cruz, acabará o erro e terão por grande honra seguir seu Deus crucificado.

Incoerência dos homens

1105. Estas são algumas das razões que me foi dado a entender brotavam do coração do Mestre da vida, nosso Salvador. A realidade dos fatos manifestaram o que minhas palavras não conseguem exprimir: o valor que via nos sofrimentos, na paixão, na morte e na cruz e o amor com que as desejou.

Mesmo assim, nós, criaturas terrenas, não abrandamos o coração e não deixamos a vaidade **(Sl 4, 3)**. Tendo diante dos olhos a vida e a verdade, sempre somos arrastados pelo deleite, avessos ao que é penoso.

Oh! lamentável erro! Trabalhar tanto para fugir de pequeno trabalho, cansar-se demasiado por não aceitar pequeno incômodo, preferir estultamente sofrer uma ignomínia e vergonha eterna, a padecer uma insignificante, e mesmo por não se privar de uma honra vã e aparente!

Quem dirá, se tiver são juízo, que isto é amar-se a si mesmo? Ofendendo a Deus, nos prejudicamos mais, do que nos poderiam lesar as perseguições do inimigo.

Consideramos inimigo aquele que, debaixo de lisonjas e carícias, nos arma traição, e louco seria quem, sabendo, se entregasse a esta, por causa do pequeno deleite daqueles. Se isto é verdade, onde está o juízo dos seguidores do mundo? Quem lho roubou? Quem lhes estorva o uso da razão? Oh! quão grande é o número dos néscios **(Ecle 1, 15)**!

Oração de Maria

1106. Somente Maria santíssima, imagem viva de seu Unigênito, foi a única entre os filhos de Adão que se ajustou perfeitamente à sua vontade e vida, sem discordar um ponto de todas suas obras e doutrina. Ela foi a prudentíssima, plena de ciência e sabedoria, que pode compensar as falhas de nossa ignorância ou estultice, alcançando-nos a luz da verdade, para iluminar nossas densas trevas.

Na ocasião de que vamos falando, aconteceu que a divina Senhora viu no espelho da alma santíssima de seu Filho, todos os atos e afetos interiores que ele fazia. Como essa visão era a norma de suas ações, acompanhou-o naquela oração ao eterno Pai, dizendo interiormente: Deus

altíssimo e Pai das misericórdias, adoro teu ser infinito e imutável. Louvo-te e glorifico-te eternamente porque neste lugar, depois de me haver criado, tua benignidade se dignou elevar-me à Mãe de teu Unigênito, com a plenitude de teu espírito.

Comigo, tua humilde escrava, enalteceste tuas antigas misericórdias. Sem Eu o merecer, teu unigênito e meu na humanidade que recebeu de minha substância, dignou-se conservar-me em sua companhia, tão desejável, por trinta e três anos. Durante este tempo gozei das influências de sua graça e magistério e de sua doutrina que iluminou o coração de tua serva.

Hoje, Senhor e Pai eterno, deixo minha terra e acompanho meu Filho e meu Mestre para cumprir tua vontade e assistir ao sacrifício de sua vida pelo gênero humano. Não há dor que se iguale a minha dor **(Tre 1, 12)**, pois hei de ver entregue aos lobos sanguinários o Cordeiro que tira os pecados do mundo **(Jer 11, 19)**; aquele que é a viva imagem de tua substância **(Sab 7, 26; Heb 1, 3)** gerado ab aeterno e por todas as eternidades igual a ela; aquele, a quem Eu dei o ser humano em meu seio, verei entregue aos opróbrios da morte de cruz, e desfigurada pelos tormentos a beleza daquele rosto **(Is 53, 2)** que é a luz de meus olhos e a alegria dos anjos.

Oh! se fora possível eu sofrer as penas e dores que o esperam, e me entregar à morte para poupar sua vida! Recebe, Pai altíssimo, o sacrifício que com teu amado te oferece meu doloroso sentimento, a fim de que se cumpra tua santíssima vontade e beneplácito. Oh! que rápidos correm os dias e as horas, aproximando a noite de minha dor e amargura! Para a linhagem humana será dia feliz, mas noite de aflição para meu coração tão contristado com a ausência do sol que o iluminava.

Oh! filhos de Adão, tão enganados e esquecidos de vós mesmos! Despertai de tão pesado sono e conhecei o peso de vossas culpas, pelo que custaram ao vosso mesmo Deus e Criador. Olhai meu delíquio, dor e amargura. Acabai de vos convencer do mal que é o pecado.

Partida de Nazaré para Jerusalém

1107. Não posso dignamente manifestar todos os atos e conceitos que a grande Senhora do mundo fez nesta última despedida de Nazaré: suas súplicas e orações ao eterno Pai, os doces e dolorosos diálogos com seu Filho santíssimo, a grandeza de sua amargura, os incomparáveis méritos que adquiriu.

Entre o amor santo e maternal de verdadeira mãe com que desejava a vida de Jesus e evitar-lhe os tormentos que havia de padecer, e conformidade com a vontade dele e a do eterno Pai - seu coração era traspassado pela dor, daquela espada penetrante que lhe profetizou Simeão **(Lc 2, 35)**.

Nesta aflição, dizia a seu Filho palavras prudentíssimas, cheias de sabedoria, meigas e dolorosas, por não poder lhe evitar a Paixão, nem acompanhá-lo morrendo com Ele. Nestas penas ultrapassou, sem comparação, a todos os Mártires que existiram e existirão até o fim do mundo.

Nestas disposições e sentimento, ignorados pelos homens, prosseguiram os Reis do céu e terra, a viagem de Nazaré a Jerusalém, através da Galiléia, onde não mais voltou o Salvador do mundo, em sua vida mortal.

Como estava a terminar o tempo de trabalhar pela salvação dos homens, foram maiores os prodígios que fez nestes últimos meses, antes de sua paixão e morte, conforme é narrado pelos Evange-

listas (**Mt 13; Mc 10; Lc 9; Jo 7**), desde a partida da Galiléia até o dia de sua entrada triunfante em Jerusalém, como direi adiante[2].

Até esta ocasião, depois da festa dos Tabernáculos, o Salvador esteve percorrendo a Judéia, aguardando o tempo marcado para se oferecer em sacrifício, quando e como Ele mesmo queria.

Amor entre Filho e Mãe

1108. Nesta viagem, a Mãe santíssima acompanhou-o sempre, salvo o tempo em que se separavam para acudir a diferentes obras em benefício das almas. Nestas ocasiões, era acompanhada e servida por São João. Desde esse tempo, o santo Evangelista percebia grandes mistérios e segredos da puríssima Virgem Mãe, sendo ilustrado com altíssima luz para entendê-los.

Entre as maravilhas que a prudentíssima e poderosa Rainha operava, as principais e de maior caridade, consistiam em dirigir seus anseios e súplicas para a justificação das almas. Também Ela, como seu Filho santíssimo, fez maiores favores aos homens, trazendo muitos ao bom caminho, curando enfermos, visitando pobres, necessitados e desamparados. Ajudava-os a bem morrer, servia-os pessoalmente, principalmente aos mais abandonados, doentes e chagados.

De tudo era testemunha o Discípulo amado que se encarregara de servila.

A força do amor de Maria puríssima por seu Filho e Deus eterno crescera imensamente. Vendo-o agora prestes a se despedir para voltar ao Pai, sofria a Mãe beatíssima tão contínuos ímpetos do coração no desejo de o ver, que chegava a sentir amorosos desfalecimentos quando dele se ausentava ou quando Ele se demorava a voltar.

O Senhor, como Deus e Filho, via o que acontecia à sua Mãe queridíssima. Correspondia-lhe com a mesma fidelidade, dizendo-lhe interiormente as palavras dos Cânticos que aqui se realizaram literalmente: Feriste meu coração, minha irmã, feriste-o com um dos teus olhos (**Cânt 4, 9**). Ferido e vencido por seu amor ia logo a seu encontro.

Conforme entendi, Cristo, nosso Senhor, enquanto homem, não poderia ficar longe da presença de sua Mãe, se atendesse à intensidade da afeição que lhe dedicava, como Mãe que tanto o amava. Sua vista e presença O consolava; a beleza daquela alma puríssima dava-lhe prazer e tornava-lhe suaves os trabalhos e penalidades, dos quais Ela era o fruto, entre todos, único e singular. Sua amabilíssima presença era de grande alívio para as penas sensíveis do Senhor.

Volta de Cristo à Betânia

1109. Continuava nosso Salvador a realizar maravilhas na Judéia, entre elas a ressurreição de Lázaro na Betânia (**Jo 11, 17**), onde veio a chamado das irmãs Marta e Maria. Muito próximo de Jerusalém, logo se divulgou ali o milagre, e os pontífices e fariseus, irritados com o prodígio, fizeram uma reunião para decretar a morte do Salvador (**Jo 11, 47**). Ordenaram que, se alguém tivesse notícia d'Ele, o denunciasse, porque depois da ressurreição de Lázaro, Jesus retirara-se à cidade de Efren (**Jo 11, 54**) até a festa da páscoa que não estava longe.

Ao chegar o tempo de voltar a celebrá-la com a sua morte, abriu-se mais com os Apóstolos, dizendo-lhes que subiam a Jerusalém, onde o Filho do Homem seria entregue aos príncipes dos fariseus, para ser preso, açoitado e velipendiado até a

2 - n° 1121.

morte de cruz **(Mt 20, 17; Mc 10, 32; Lc 18, 31; Jo 11, 12).**

Neste interim, andavam os fariseus atentos, à espreita de o ver subir a Jerusalém para celebrar a Páscoa. Seis dias antes voltou a Betânia **(Jo 12, 1)** onde ressuscitara Lázaro. Foi hospedado por suas duas irmãs que prepararam lauta ceia para Jesus e sua Mãe santíssima e todos os que os acompanhavam para a festividade da Páscoa. Um dos presentes à ceia foi Lázaro, ressuscitado poucos dias antes.

A unção por Madalena

1110. Estando o Salvador reclinado à mesa, conforme o costume dos judeus, entrou Maria Madalena **(Jo 12, 3)** repleta de luz divina e de elevados e nobilíssimos pensamentos. Com ardentíssimo amor por seu divino Mestre, derramou-lhe sobre a cabeça e os pés um frasco de alabastro, cheio de precioso e fragrantíssimo perfume feito de nardo e outras substâncias aromáticas. Limpou-lhe os pés com os cabelos, como fizera em sua conversão, na casa do fariseu, conforme conta São Lucas **(Lc 7, 38)**.

Os outros três Evangelistas **(Mt 26, 6; Mc 14, 3; Jo 12, 3)** descrevem esta segunda unção, feita por Madalena, com alguma diferença. Todavia, não entendi que fossem duas unções, nem duas mulheres, mas só a Madalena, inspirada pelo divino Espírito e por seu inflamado amor por Cristo nosso Salvador.

A casa toda rescendeu com a fragrância desse unguento. Era bastante, muito precioso e a liberal e amorosa discípula quebrou o frasco para derramá-lo totalmente em honra de seu Mestre.

O avarento apóstolo, Judas, que desejava tê-lo vendido para ficar com o dinheiro, começou a criticar a misteriosa unção. **(Jo 12, 5)**, contagiando alguns dos outros apóstolos, sob o pretexto de caridade para com os pobres.

Dizia que se lesavam as esmolas, gastando tão prodigamente e sem proveito coisa de tanto valor. Na realidade, aquele ato fôra inspirado por vontade divina, enquanto ele não passava de hipócrita, avarento e insolente.

Revolta de Judas

1111. O Mestre da verdade defendeu Madalena a quem Judas repreendia de pródiga e irrefletida. Disse o Senhor, a ele e aos demais, que não a incomodassem **(Mt 26, 10)** porque aquele ato não era feito sem justa razão. Os pobres, por causa disso, não seriam privados das esmolas que lhes quisessem dar todos os dias, mas à sua pessoa nem sempre poderiam fazer aquele obséquio. Era a sua sepultura que a generosa e enamorada Madalena, inspi-

rada pelo céu, estava prevenindo com aquela misteriosa unção. Testemunhava, assim, que o Senhor iria se sacrificar pelo gênero humano, e sua morte e sepultura estavam muito próximas.

Nada disso, porém, entendeu o pérfido discípulo, encolerizando-se contra seu Mestre por ter justificado o ato de Madalena. Vendo Lúcifer a disposição daquele depravado coração, lançou-lhe novas setas de cobiça, raiva e mortal ódio contra o Autor da vida. Desde esse momento, Judas decidiu maquinar a morte do Mestre desacreditando-o, junto aos fariseus de Jerusalém como realmente e com audácia o fez.

Às ocultas, procurou-os e lhes disse que seu Mestre ensinava leis novas, contrárias às leis de Moisés e dos imperadores; que era amigo de banquetes, de gente perdida e mundana; que acolhia muitos homens e mulheres de má vida e andava em sua companhia. Que os fariseus tratassem de ver isso, não viesse acontecer alguma tragédia que depois não pudessem remediar.

Como os fariseus pensavam de igual modo, manejados, tanto eles como Judas, pelo príncipe das trevas, aceitaram o conselho, e combinaram a venda de Cristo nosso Salvador.

Obstinação de Judas

1112. Todos os pensamentos de Judas eram conhecidos, não só do divino Mestre, mas também de sua Mãe santíssima. Nem por isto, o Senhor deixou de lhe falar como amoroso pai, e de lhe enviar ao obstinado coração santas inspirações. A estas, a Mãe de clemência acrescentou novas exortações e diligências para impedir o discípulo de cair no precipício.

Naquela noite da ceia, que foi no sábado antes do domingo de Ramos, chamou-o em particular e com palavras de grande doçura, entre copiosas lágrimas, lhe mostrou o tremendo perigo que corria. Pediu-lhe que mudasse de resolução, e se nutria rancor por seu Mestre, que se vingasse n'Ela, pois seria menor mal, sendo Ela pura criatura, e Ele seu Mestre e verdadeiro Deus.

Para saciar a cobiça daquele avarento coração, ofereceu-lhe algumas coisas que para isso a divina Mãe recebera de Madalena. Nenhuma destas deligências, entretanto, foram capazes de abrandar o ânimo endurecido de Judas, nem tão vivas e suaves razões puderam impressionar seu coração mais duro que o diamante.

Pelo contrário, não achando o que responder às justas palavras da prudentíssima Rainha, calou e se irritou ainda mais, mostrando-se ofendido. Mas, nem por isso, se envergonhou de aceitar o que Ela lhe deu, pois era tão ambicioso quanto desleal.

Deixando-o, Maria santíssima dirigiu-se a seu Filho e Mestre, e cheia de amargura e lágrimas atirou-se a seus pés. Procurou consolá-lo com grande compaixão, pois via que sua humanidade santíssima se entristecia pelas mesmas razões que depois o fez dizer aos discípulos: minha alma está triste até a morte (**Mt 26, 38**). Estas penas eram produzidas pelos pecados dos homens que haviam de perder o fruto de sua paixão e morte, como adiante direi[3].

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Pela cruz à glória

1113. Minha filha, continuando a escrever a história de minha vida, cada dia vais compreendendo melhor o ardentíssimo amor com que meu Senhor e Eu,

3 - nº 1210, 1215, 1395.

abraçamos o caminho da cruz e do sofrimento, o único que escolheu na vida mortal. Já que recebes esta ciência que Eu sempre te repito, é razão que trabalhes por imitá-la. Esta dívida vai crescendo para ti, desde o dia que te escolheu por Esposa. Aumentando sempre, não a podes solver se não abraçares os trabalhos, e se não os amares com tal afeto, que para ti a maior pena seja o não padecê-los. Cada dia, renova em teu coração esta ciência ignorada e detestada pelo mundo.

Ao mesmo tempo, adverte, porém, que Deus não quer provar a criatura apenas para a afligir, mas sim para torná-la capaz e digna dos benefícios e tesouros que, por este meio, lhe prepara e ultrapassam todo humano pensamento **(1Cor 2, 9)**.

Em fé da referida verdade e como penhor dessa promessa, quis se transfigurar no Tabor, na presença minha e de alguns discípulos. Na oração que ali fez ao Pai, e que só Eu conheci e entendi, adorou-o por verdadeiro Deus, infinito em perfeições e atributos, conforme costumava fazer quando queria lhe dirigir algum pedido.

Em seguida, suplicou que os corpos mortais, que por seu amor e à sua imitação se mortificassem e sofressem, na nova lei da graça, participassem depois da glória de seu corpo; e, para dela gozar no grau que cada qual merecesse, fosse ressuscitado no dia do juízo final e unido à própria alma.

Concedeu o eterno Pai este pedido. Confirmou-o como por um contrato entre Ele e os homens, mediante a glória do corpo de seu Mestre e Salvador, penhor da que pedia para todos seus seguidores. Tanto valor como este adquire o momentâneo trabalho **(Cor 4, 17)** dos mortais ao se privarem dos deleites terrenos, mortificando sua carne e padecendo por Cristo, meu Filho e Senhor.

Paciência com as almas

1114. Em virtude dos méritos infinitos que Ele interpôs nesta petição, esta glória é coroa de justiça para a criatura. Tem direito a ela como membro da cabeça que lha mereceu, Cristo **(2Tim 4, 8)**. A união a Ele, porém, é efetuada pela graça e pela imitação no padecer ao qual corresponde o prêmio. Se qualquer sofrimento corporal terá sua coroa, muito maior será o de sofrer e perdoar as injúrias, retribuindo-as com benefícios, como nós fizemos com Judas. O Senhor não o excluiu do apostolado, não se mostrou indignado contra ele, e o esperou até o fim. Finalmente, pela própria malícia o infeliz acabou por se entregar ao demônio e se impossibilitar para o bem.

Na vida mortal o Senhor é muito lento para se vingar, mas depois compensará a tardança com o rigor do castigo. Pois, se Deus suporta e espera tanto, quanto não deve um vil bichinho tolerar a outro de sua mesma natureza e condição? Por esta verdade, e com o zelo da caridade de teu Senhor e Esposo, deves regular tua paciência, tolerância e solicitude pela salvação das almas. Não te digo para tolerar o que for contra a honra de Deus, pois isto não seria verdadeiro zelo pelo bem do próximo.

Quero que aborreças o pecado, mas ames as criaturas do Senhor; que sofras e dissimules o que se referir a ti, e trabalhes para, o quanto for possível, todas se salvarem. Não percas logo a confiança quando não vires o resultado, mas apresenta ao eterno Pai os méritos de meu Filho Santíssimo, a minha intercessão, a dos anjos e santos. Deus é caridade, e estando nele, os bem-aventurados a exercitam a favor dos peregrinos na terra **(1Jo 4, 16)**.

Entrada de Jesus na cidade de Jerusalém.

CAPÍTULO 7

OCULTO SACRAMENTO QUE PRECEDEU A ENTRADA TRIUNFANTE DE JESUS EM JERUSALÉM E COMO FOI RECEBIDO POR SEUS HABITANTES.

Os mistérios e sua revelação

1115. Entre as obras de Deus chamadas ad extra, porque as fez fora de Si mesmo, a maior foi assumir carne humana, padecer e morrer pela salvação dos homens.

Este mistério não poderia ter sido cogitado pela sabedoria humana (**Mt 16, 17**), se o seu Autor não o revelara por tantos argumentos e testemunhos. Apesar de tudo, a muitos sábios segundo a carne, foi difícil acreditar no seu próprio bem e remédio. Outros acreditaram, mas sem as condições e as autênticas implicações do fato.

Quanto aos católicos, crêem, confessam e conhecem este mistério no grau da luz que dele recebeu a santa Igreja. Na fé explícita dos mistérios revelados, confessamos implicitamente os outros que em si encerram, e que não foram manifestados ao mundo.

Deus não os revelou, ou por não serem necessários, ou por não haver chegado o momento oportuno. Outros, Ele os reserva para o último dia, quando os corações forem desvendados na presença do justo juiz. A intenção do Senhor mandando-me escrever esta História - como outras vezes disse, e em muitas o entendi - é manifestar alguns destes ocultos mistérios, despidos de opiniões e conjecturas humanas. Assim, escrevo os que me são declarados, entendendo que ainda ficam ocultos outros muitos, veneráveis e admiráveis.

Quero prevenir a piedade e a fé católica dos fiéis: tudo o que escrevi sobre esta matéria, principalmente a respeito da Paixão de nosso Redentor, são complementos colocados sobre a base e fundamento das verdades católicas. Crendo nestas, os fiéis não acharão dificuldade em admitir aqueles complementos.

Jesus e Maria em oração

1116. No sábado em que Madalena ungiu o Salvador em Betânia, terminada a ceia, como disse no capítulo passado, nosso divino Mestre retirou-se a sós. Sua Mãe santíssima, depois de falar com o obstinado Judas, foi à presença de seu Filho amantíssimo acompanhando-o, como costumava, em sua oração.

Estava o Senhor para entrar no maior combate do itinerário que, como diz David no salmo 18, 7, percorrera do supremo céu à terra, onde venceu o demônio, o pecado e a morte, para voltar novamente ao céu.

Ia livremente ao encontro da Paixão e da Cruz, mas como Filho obedientíssimo, ofereceu-se de novo ao eterno

Pai. Prostrado com a face em terra adorou-o, louvou-o e fez profunda oração da altíssima conformidade com que aceitava as ignomínias de sua Paixão, as penas, injúrias e morte de cruz, pela glória de Deus e resgate da linhagem humana.

Estava sua Mãe santíssima um pouco afastada, a um lado do feliz oratório, acompanhando seu querido Filho e Senhor na oração que ambos faziam, do íntimo de suas almas santíssimas e entre muitas lágrimas.

O eterno Pai aceita o sacrifício de Cristo e Maria

1117. Antes da meia-noite apareceu o eterno Pai em forma humana visível, com o Espírito Santo e multidão de anjos que assistiam ao ato. O Pai aceitou o sacrifício de Cristo, seu amantíssimo Filho, e que n'Ele se executasse o rigor de sua justiça, e o mundo fosse perdoado.

Disse o Pai eterno à Mãe beatíssima: Maria, filha e esposa nossa, quero que mais uma vez entregues teu Filho para que me seja sacrificado, pois eu o entrego pela redenção humana.

Respondeu a humilde e cândida pomba: Aqui está, Senhor, o pó e a cinza, indigna de que vosso Unigênito e Redentor do mundo seja meu. Submissa, porém, à vossa inefável dignação que lhe deu forma humana em meu seio, ofereço-o e, com Ele, a mim mesma para cumprir vosso divino beneplácito. Suplico-vos, Senhor e Pai eterno, me aceiteis para sofrer juntamente com vosso e meu Filho.

Recebeu o eterno Pai a oblação de Maria santíssima, aceitou-a como agradável sacrifício e levantando do solo a Filho e Mãe, disse: este é o bendito fruto da terra, que minha vontade deseja.

Logo elevou o Verbo humanado ao trono em que estava, e colocou-o à sua direita com a sua mesma supremacia e poder.

O Salmo 109

1118. Permaneceu Maria santíssima em seu lugar, mas toda elevada e transformada em admirável júbilo e resplendor. Vendo seu Unigênito sentado à destra de seu Pai pronunciou as primeiras palavras do Salmo 109, no qual David profetizou este oculto mistério: "Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te à minha direita." (V.1)

Comentando estas palavras, fez a divina Rainha misterioso cântico em louvor do eterno Pai e do Verbo humanado. Cessando ela de falar, prosseguiu o eterno Pai o resto do salmo, como executando em seu imutável decreto, tudo o que contêm aquelas misteriosas e profundas palavras.

Muito difícil é traduzir, em meus limitados termos, a inteligência que tenho de tão alto mistério. Direi alguma coisa, como o Senhor me conceder, para que se entenda parte de tão oculto sacramento do Todo-poderoso, e o que o Pai eterno quis dizer a Maria santíssima e aos espíritos angélicos que ali assistiam.

Interpretação do Salmo 109

1119. Prosseguiu o Eterno Pai: "Até que eu ponha teus inimigos por escabelo de teu pés." **(Sl 109,1)**

Como te humilhaste obedecendo à minha eterna vontade **(Filp 2, 8-9)**, mereceste a exaltação que te dou sobre as criaturas. Em a natureza humana que recebeste, reinarás eternamente à minha direita. Para sempre, colocarei teus inimigos sob teus pés e sob o domínio que possuis

como Deus e Redentor dos homens. Aqueles que não te obedeceram nem aceitaram, verão tua humanidade que são os teus pés, elevada e exaltada.

Enquanto não o executo, pois é necessário que se complete a redenção humana, quero que meus cortesãos vejam agora, o que depois os demônios e os homens conhecerão: a posse de minha destra, em troca de te haveres humilhado à morte ignominiosa de cruz. Se te entrego a ela e ao capricho da malícia deles, é para minha glória, e para que depois, cheios de confusão, sejam postos debaixo de teus pés.

- Para isto, "o Senhor estenderá o cetro de teu poder desde Sião: dominarás no meio de teus inimigos" **(Sl 109, 2)**.

Eu, Deus onipotente, sou o que sou, verdadeira e realmente **(Ex 3, 14)**. Estenderei e governarei o cetro de teu invencível poder, não só depois que tenhas triunfado da morte consumada pela redenção humana, quando te reconhecerem por seu Redentor, guia, Cabeça e Senhor de tudo. Quero que desde hoje, antes de padecer a morte, obtenhas admiravelmente este triunfo, enquanto os homens te desprezam e tramam tua ruína. Quero que triunfes de sua maldade e da morte; que na força de teu poder sejam compelidos a honrar-te, te confessem e te adorem, dando-te culto e veneração. Os demônios sejam vencidos e confundidos pelo cetro de teu poder, e os Profetas e justos que te esperam no Limbo, reconheçam com meus anjos, esta maravilhosa exaltação que mereceste em minha aceitação e beneplácito.

- "Contigo está o princípio, no dia de teu poder; nos resplendores dos Santos eu te gerei antes do luzeiro de minha fecundidade" **(Sl 109, 3).**

No dia desta virtude e poder que tens para vencer teus inimigos, estou em Ti e contigo, como princípio de quem procedes, por eterna geração, de meu fecundo entendimento.

Esta geração precedeu o luzeiro da graça. o decreto de nos manifestarmos às criaturas, formado nos resplendores que gozarão os Santos, quando forem beatificados com nossa glória.

Também está contigo teu princípio, aquele que tiveste enquanto homem gerado no dia de teu poder. Desde o instante em que recebeste o ser humano pela geração temporal em tua Mãe, começaste a adquirir o mérito que agora está contigo e te faz digno da honra e glória que hão de coroar tua virtude, neste dia e no de minha eternidade.

- "O Senhor jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque" **(Sl 109, 4)** Eu que sou o Senhor Todo-poderoso para cumprir o que prometo, determinei firmemente, com imutável juramento, que tu fosses o sumo sacerdote da nova Igreja e lei do Evangelho, segundo a antiga ordem do sacerdote Melquisedeque. Serás o verdadeiro sacerdote que oferecerá pão e vinho, figurado na oblação de Melquisedeque **(Gn 14, 18)**. Não me arrependerei deste decreto, porque essa oblação será pura, aceitável, sacrifício de louvor para mim.

- "O Senhor está á tua direita e esmagará os reis no dia de sua ira" **(Sl 109, 5).** Pelas obras de tua humanidade, cuja destra é a divindade a ela unida, e em cuja virtude as realizarás: com o instrumento de tua humanidade, Eu que sou um Contigo **(Jo 10, 30),** esmagarei a tirania e poder dos chefes e príncipes das trevas e do mundo, tanto anjos apóstatas como homens rebeldes que se recusaram adorar-te, reconhecer-te e servir-te, como a seu Deus, Superior e Cabeça.

Executei esta punição, quando Lúcifer e seus sequazes não te reconheceram. Para eles, esse foi o dia de minha

ira. Depois chegará aquele em que farei o mesmo aos homens que não te houverem recebido e aceito tua santa lei. A todos humilharei e esmagarei com minha justa indignação.

- "Julgará as nações, restaurará as ruínas, e na terra esmagará a cabeça de muitos." **(Sl 109, 6).**

Justificada tua causa contra todos os filhos de Adão que não se aproveitaram da misericórdia que usas com eles, redimindo-os gratuitamente do pecado e da eterna morte; Eu, o Senhor, julgarei com equidade e justiça a todas as nações. Separando os justos e escolhidos, dos pecadores e réprobos, encherei as vagas das ruínas deixadas pelos anjos apóstatas que não conservaram sua graça e lugar. Com isto, esmagarei na terra a cabeça dos soberbos, que serão muitos, por sua depravada e obstinada vontade.

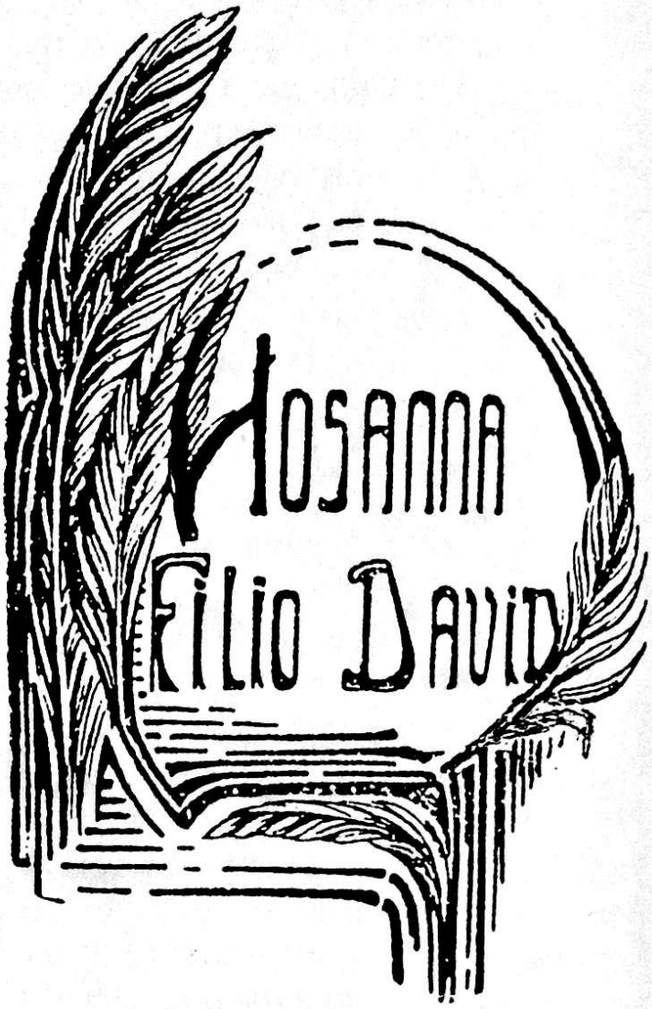
- "Beberá da torrente no caminho; por isso levantará a cabeça" **(Sl 109, 7)**.

O Senhor, Deus das vinganças, a levantará para julgar a terra e retribuir aos soberbos. Bebendo a torrente de sua indignação, embeberá suas flexas no sangue de seus inimigos **(Dt 32, 42),** e com a espada de seu castigo os confundirá no caminho por onde deveriam ter chegado à sua felicidade. Deste modo, levantará tua cabeça e a exaltará sobre teus inimigos, desobedientes à tua lei, infieis à tua verdade e doutrina.

Isto será justificado pelo fato de teres bebido a torrente dos opróbrios e afrontas, até a morte de cruz pela sua redenção.

Exaltação universal de Cristo

1120. Estas e outras muitas ocultas e altíssimas inteligências, teve Maria santíssima das misteriosas palavras deste salmo pronunciado pelo eterno Pai. Ainda que algumas são ditas em terceira pessoa, dizia-as de Si e do Verbo humanado.



Todos estes mistérios se referiam principalmente a dois pontos: primeiro, as ameaças contra os pecadores, infiéis e maus cristãos, que não aceitaram o Redentor, ou não guardaram sua divina lei.

Segundo, as promessas que o eterno Pai fez a seu Filho humanado de glorificar seu santo nome vingando seus inimigos.

Como penhor e garantia desta exaltação universal de Cristo depois da Ascensão, e ainda mais no juízo final, ordenou o Pai que recebesse ao entrar em Jerusalém, aquele aplauso e glória de seus habitantes, no dia seguinte ao desta misteriosa visão.

Terminada, desapareceu o Pai e o Espírito Santo, com os anjos que admirados, presenciaram este oculto sacramento.

Cristo, nosso Redentor, e sua Mãe beatíssima permaneceram em divinos colóquios o resto daquela felicíssima noite.

Entrada de Jesus em Jerusalém

1121. Chegado o dia correspondente ao domingo de Ramos, partiu Jesus para Jerusalém em companhia de seus discípulos e de muitos anjos que o louvavam, por vê-lo tão enamorado pelos homens e tão solícito por sua eterna salvação.

Tendo caminhado duas léguas, mais ou menos, chegando a Betfagé, enviou dois discípulos á casa próxima de um homem abastado, para dali lhe trazerem dois jumentinhos (**Mt 21, 2**), um dos quais ainda não havia sido montado por ninguém.

Os discípulos estenderam suas capas sobre os dois animais, e Nosso Senhor dirigiu-se para Jerusalém, servindo-se de ambos no seu triunfo, conforme as profecias de Isaias (**62, 11**) e Zacarias (**9, 9**). Muitos séculos antes as deixaram escritas, para que os sacerdotes e sábios da lei não alegassem ignorância.

Os quatro Evangelistas escreveram este maravilhoso triunfo de Cristo: (**Mt 21, 4 Mc 11, 1; Lc 19, 30; Jo 12, 13**). Narraram o que foi presenciado por todos os circunstantes. Durante o caminho, eles e todo o povo, pequenos e grandes, aclamaram o Redentor como verdadeiro Rei.

Uns diziam: Paz no céu, glória nas alturas, bendito O que vem como Rei em nome do Senhor. Outros exclamavam: Hosana ao Filho de David; salvai-nos, Filho de David, bendito seja o reino de nosso Pai David que está para vir.

Uns e outros cortavam palmas e ramos de árvores, em sinal de triunfo e alegria, e com suas vestes forravam o caminho por onde passava o vencedor das batalhas, Cristo nosso Senhor.

Cristo aclamado

1122. Todas estas nobres demonstrações de culto e adoração que os homens prestavam ao Verbo divino humanado, manifestavam o poder de sua divindade, principalmente pelo momento em que sucederam. Era a ocasião em que os sacerdotes e os fariseus o esperavam, para tirar-lhe a vida nessa mesma cidade.

Se não fossem movidos interiormente por sua virtude divina, superior a seus outros milagres, não seria possível

que tantos homens, muitos deles gentios, outros inimigos declarados, ao mesmo tempo, o aclamassem por verdadeiro Rei, Salvador e Messias.

Além disto, inclinavam-se a um homem pobre, humilde e perseguido, apresentando-se sem o aparato de armas e poder humano: nem riquezas, nem carros de triunfo, nem soberbos cavalos.

Com exceção de seu semblante grave, sereno e cheio de majestade, correspondente á sua oculta dignidade, tudo lhe faltava. Chegava num humilde jumentinho, desprezível para o fausto e vaidade mundana, e em tudo o mais, nada tinha do que o mundo aplaude e exalta.

Deste modo, eram manifestos os efeitos da força divina que movia a vontade e o coração dos homens a se renderem a seu Criador e Redentor.

Repercussão do triunfo no Limbo e noutras partes do mundo

1123. Além do movimento geral produzido em Jerusalém, pela inspiração que o Senhor enviou aos corações a fim de que todos reconhecessem nosso Salvador, o triunfo se estendeu a todas, ou a muitas criaturas racionais. Assim se cumpria o que o Pai eterno havia prometido a seu Unigênito, como fica dito[1].

Quando Cristo, nosso Salvador, entrou em Jerusalém, o anjo São Miguel foi enviado para anunciar este mistério aos santos Pais e Profetas do Limbo, que, ao mesmo tempo, tiveram particular visão da entrada do Senhor e do mais que então aconteceu. Daquela prisão onde se encontravam, reconheceram e adoraram Cristo, nosso Mestre e Senhor, como verdadeiro Deus e Redentor do mundo. Fizeram-lhe novos cânticos de glória e louvor, pelo seu admirável triunfo sobre a morte, o pecado e o inferno.

O poder divino moveu o coração de outros muitos viventes em todo o mundo. Os que tinham fé ou notícia de Cristo, Senhor nosso, não só na Palestina e seus limites, como também no Egito e outros reinos, foram inspirados para, naquela hora, adorarem, em espírito, a seu e nosso Redentor. Assim o fizeram, com a especial consolação que lhes produziu a visita e influência da divina luz, embora não conhecessem expressamente, nem a causa nem a finalidade daquela inspiração. Não foi, porém, sem proveito para suas almas, pois seus efeitos as fizeram progredir muito na fé e na prática do bem.

Para que o triunfo, que nessa ocasião, nosso Salvador obtinha sobre a morte, fosse mais glorioso, ordenou o Altíssimo que naquele dia, ela não atingisse nenhum dos mortais. Por isto, nesse dia não morreu ninguém no mundo, ainda que, naturalmente, deviam ter morrido muitos. Impediu-o o poder divino, para que em tudo fosse admirável a vitória de Cristo.

Triunfo sobre o inferno

1124. A esta vitória sobre a morte, seguiu-se a vitória sobre o inferno, ainda mais gloriosa, embora oculta. No momento em que os homens começaram a aclamar Cristo, por Salvador e Rei que vinha em nome do Senhor, sentiram os demônios a força de sua destra. Todos quantos estavam pelo mundo, foram derrubados de seus lugares e precipitados ao fundo dos calabouços do inferno, e enquanto durou aquela recepção, não ficou nenhum demônio sobre a terra, mas todos caíram nos abismos com grande raiva e terror.

Desde essa hora, suspeitaram com maior probabilidade, que o Messias já se encontrava no mundo, e logo conferiram entre si este receio, como direi no capítulo seguinte.

1 - nº 1119.

Prosseguiu o Salvador do mundo sua triunfal caminhada, até entrar em Jerusalém. Os santos anjos que o acompanhavam, cantaram-lhe novos hinos de louvores divinos, com admirável harmonia.

Entrando na cidade, no meio da alegria geral, apeou do jumentinho e dirigiu seus formosos passos para o templo, onde, com espanto de todos, aconteceu o que referem os Evangelistas **(Mt 21, 12; Lc 19, 45)**. Derrubou as mesas dos que vendiam e compravam no templo, zelando pela honra da casa de seu Pai. Expulsou dali os que a transformavam em casa de comércio e covil de ladrões.

No momento, porém, em que cessou o triunfo, a destra do Senhor suspendeu a sua influência sobre os corações dos moradores de Jerusalém. Os justos ficaram melhores e muitos se justificaram; outros voltaram a seus vícios, maus hábitos e ações imperfeitas, porque não se aproveitaram da luz e inspirações divinas. Em conseqüência, ainda que tantos haviam aclamado e reconhecido a Cristo, nosso Senhor, por Rei de Israel, não houve quem o hospedasse em sua casa **(Mc 11, 11)**

Maria, em visão, assiste ao triunfo de seu Filho

1125. Ficou Jesus no templo ensinando e pregando até a tarde. Para testemunhar a veneração e culto que se devia àquele lugar santo e casa de oração, não consentiu que lhe trouxessem nem um copo d'água sequer. Sem este, nem outro qualquer refrigério, voltou à tarde para Betânia **(Mt 21, 17 e 18)**, e nos dias seguintes até sua Paixão, vinha a Jerusalém.

A divina Mãe e Senhora Maria santíssima, esteve naquele dia retirada a sós em Betânia. Dali, por especial visão, assistiu tudo o que se passou no admirável triunfo de seu Filho e Mestre. Viu o que faziam os anjos no céu, os homens na terra e o que aconteceu aos demônios no inferno; que em todas estas maravilhas, o eterno Pai cumpria as promessas que fizera a seu Unigênito, dando-lhe o império e domínio sobre todos os seus inimigos.

Viu também quanto fez nosso Salvador no templo e entendeu aquela voz do Pai que veio do céu e foi ouvida por todos os circunstantes, em resposta ao que dissera Cristo nosso Salvador **(Jo 12, 28)**: Eu te glorifiquei, e tornarei a glorificar. Nestas palavras deu a entender que, além do triunfo e glória que o Pai dera ao Verbo naquele dia, e nos outros referidos, o glorificaria e exaltaria no futuro, depois de sua morte. Assim o entendeu e penetrou sua Mãe santíssima, com admirável gozo de seu puríssimo espírito.

DOUTRINA DA RAINHA E SENHORA MARIA SANTÍSSIMA.

A verdadeira e falsa glória

1126. Minha filha, escreveste um pouco do que entendeste, sobre os ocultos mistérios do triunfo de meu Filho santíssimo, no dia que entrou em Jerusalém. Muito mais conhecerás no Senhor, porque na vida mortal é impossível aos viadores penetrá-los mais. Não obstante, do que manifestaste, podem tirar suficiente doutrina, para saberem quão elevados são os desígnios do Senhor e quão diferentes dos pensamentos dos homens **(Is 55, 9)**. O Altíssimo vê o coração das criaturas **(1Rs 16, 7)**, e seu íntimo, onde se encontra a beleza da filha do rei **(Sl 44, 14)**, enquanto os homens vêem o aparente e sensível. Por isto, aos olhos de sua sabedoria, os justos e escolhidos, quando se humilham, são estimados e elevados, ao passo que os so-

berbos, quando se enaltecem, são humilhados e detestados. Esta ciência, minha filha, por poucos é compreendida, pelo que os filhos das trevas não sabem apetecer e procurar outra honra e exaltação, além daquela que o mundo lhes dá.

Os filhos da santa Igreja sabem e confessam que essa glória é vã, sem consistência e que não dura mais do que a flor e o feno, mas não vivem essa verdade. Como a consciência não lhes dá testemunho das virtudes e graça que não possuem, procuram o crédito dos homens, suas honras e aplausos, ainda que tudo seja falso e cheio de mentira. Só Deus é que, sem engano, honra e exalta quem merece. O mundo, ordinariamente, faz o contrário, dando suas honras a quem menos as merece, ou a quem, mais sagaz e ambicioso, as procura e solicita.

Fugir dos louvores

1127. Foge, minha filha, deste erro, não te afeiçoes ao gosto dos homens, nem aceites suas lisonjas e afagos. Dá a cada coisa o nome e estima que merece, pois nisto andam muito às cegas os filhos deste século. Nenhum dos mortais pôde merecer a honra e aplauso das criaturas quanto meu Filho santíssimo. Apesar disso, Ele não deu importância para a que lhe tributaram na entrada de Jerusalém, pois sua finalidade era de só manifestar seu poder divino, e assim tornar depois mais ignominiosa sua Paixão.

Quis ensinar aos homens, que ninguém deve aceitar as honras visíveis do mundo por si mesmas, se não puderem ser dirigidas ao fim mais elevado da glória e exaltação do Altíssimo. Sem isto, são vãs, inúteis, sem fruto nem proveito, porque nelas não se encontra a verdadeira felicidade das criaturas feitas para a eterna.

Como estás querendo saber a razão por que Eu não estive presente ao triunfo de meu Filho santíssimo, vou satisfazer o teu desejo. Deves lembrar-te do que muitas vezes escreveste nesta história: no espelho puríssimo do interior de meu amado Filho eu gozava da visão de todos os seus atos. Por esta visão, eu conhecia sua vontade, quando e para que se ausentaria de mim. Prostrada a seus pés, suplicava-lhe, então, me declarasse o que eu deveria fazer para cumprir sua vontade e prazer. Algumas vezes, Ele me dizia expressamente, e noutras deixava à minha escolha, para eu fazer uso da divina luz e prudência que me dera.

Isto fez na ocasião em que determinou entrar em Jerusalém triunfando de seus inimigos; deixou à minha escolha acompanhá-lo ou permanecer em Betânia. Pedi-lhe licença para não me achar presente naquele acontecimento e lhe supliquei me levasse depois, consigo, quando fosse sofrer e morrer. Julguei mais acertado e agradável a seus olhos, oferecer-me a padecer as ignomínias de suas dores e paixão, do que participar da honra visível que lhe davam os homens, e da qual eu receberia parte como sua Mãe.

Este aplauso, além de não me ser apetecível, eu compreendia que era ordenado para demonstração de sua divindade e poder infinito. Isto não se referia a Mim, e a honra que me tivessem dado então, não aumentaria a que lhe era devida como Salvador único do gênero humano. Para gozar a sós deste mistério e glorificar o Altíssimo em suas maravilhas tive, em meu retiro, a inteligência e visão de tudo o que escreveste. Isto servirá para ti de ensinamento para me imitares: segue meus passos humildes, abstrai tua afeição de todas as coisas da terra, eleva-te às alturas e assim fugirás das honras humanas, e as desprezarás, conhecendo na luz divina, que são vaidades e aflição de espírito **(Ecle 1, 17)**.

CAPÍTULO 8

JUNTA DOS DEMÔNIOS NO INFERNO. REUNIÃO DOS PONTÍFICES E FARISEUS EM JERUSALÉM.

O triunfo de Cristo abala o inferno

1128. Todos os mistérios compreendidos no triunfo de nosso Salvador foram grandes e admiráveis, como fica dito. Não menos admirável, em seu gênero, foi o invisível efeito produzido no inferno, oprimido pelo poder divino, quando nele foram lançados os demônios, ao entrar o Senhor em Jerusalém.

Desde o domingo, em que isto aconteceu, até a terça-feira, estiveram dois dias inteiros prostrados, cheios de penoso e aturdido furor. Com rugidos pavorosos, que todos os condenados ouviam, aquele amotinado reino foi sacudido com maior susto e tormento do que de costume.

Lúcifer, o príncipe daquelas trevas, mais confuso que todos, reuniu em sua presença todos os demônios que lá se encontravam, e tomando o seu lugar de chefe, dise-lhes:

Temores do demônio

1129. Impossível não ser mais do que profeta este homem que assim nos persegue, arruína nosso poder e destrói minhas forças. Moisés, Elias, Eliseu e outros nossos antigos inimigos, nunca nos venceram com tanta violência, ainda que operassem muitos prodígios. Não eram tão misteriosos como este, de quem me escondem tantas coisas e principalmente de seu interior que consigo perscrutar pouquíssimo.

Se fosse apenas homem, como poderia fazer isto e ostentar tão absoluto poder sobre todas as coisas, como geralmente publicam? E, sem se alterar nem envaidecer, receber os louvores e a glória que lhe dão os homens?

Neste triunfo que recebeu, ao entrar em Jerusalém, demonstrou novo poder contra nós e o mundo, pois me sinto com forças insuficientes para destruí-lo e apagar seu nome da terra dos viventes (**Jer 11, 19**).

Nessa ocasião, foi aclamado bendito, não só pelos de seu partido, mas ainda por outros muitos que eu mantinha sob meu domínio, dando-lhe o título de Messias, o prometido em sua lei. Todos lhe renderam culto e adoração.

É muita coisa para um puro homem. Se este não for mais do que isso, nenhum outro teve tanto a seu favor o poder de Deus, com que nos faz e fará grandes danos. Desde que fomos expulsos do céu, nunca sofremos tantas derrotas, nem vimos tal poder, como depois deste homem ter vindo ao mundo.

Se por acaso, é o Verbo feito homem, como suspeitamos, este negócio exige grande cuidado. Se consentimos que viva, com seu exemplo e doutrina levará após Si todos os homens. Pelo ódio que

lhe tenho, procurei, algumas vezes, tirar-lhe a vida, e não o consegui. Na sua pátria, esforcei-me para que o precipitassem num despenhadeiro, mas Ele, com seu poder, zombou dos que iam executá-lo (**Lc 4, 30; Jo 10, 39**). Outra vez, em Jerusalém, procurei que os fariseus o apedrejassem, mas Ele desapareceu.

Arrazoado de Lúcifer.

1130. A questão agora está melhor encaminhada por causa de seu discípulo, nosso amigo Judas, a quem sugeri vender e entregar seu Mestre aos fariseus. A estes preparei com furiosa inveja, e sem dúvida, lhe darão morte cruel como desejam. Estão apenas aguardando ocasião oportuna que vou dispondo com toda minha diligência e astúcia, pois Judas, os escribas e os fariseus farão tudo quanto eu lhes propuser.

Apesar de tudo, encontro um grande tropeço que exige muita atenção: se este homem é o Messias esperado por seu povo, oferecerá os sofrimentos e a morte pela redenção dos homens. Satisfará e merecerá, por todos e para todos, infinitamente. Abrirá o céu e os mortais subirão para gozar dos prêmios que Deus nos tirou, e isto será novo e duro tormento para nós, se não o impedirmos.

Além do mais, este homem, padecendo e morrendo, deixará no mundo singular exemplo de paciência. É mansíssimo e humilde de coração e jamais o vimos impaciente e alterado. Assim ensinará a todos, o que me será odioso, pois estas virtudes ofendem grandemente a mim e a todos os que seguem meu ditame e pensamento.

Por estas razões, convém que discutamos o que devemos fazer para perseguir este homem novo, Cristo, e todos exponham suas idéias a respeito desta empresa.

O inferno quer impedir a morte de Cristo

1131. Sobre esta proposta de Lúcifer, tiveram longas conferências aqueles príncipes das trevas, enfurecendo-se, com incrível sanha, contra nosso Salvador. Retratavam-se do engano em que, já suspeitavam, tinham incorrido, pretendendo sua morte com tanta astúcia. Reduplicando a malícia pretenderam desde esse momento, impedir que morresse, pois já se iam confirmando na suspeita de que era o Messias, ainda que não acabavam de o saber com certeza.

Este receio foi para Lúcifer de tanto susto e tormento que, aprovando o novo decreto de impedir a morte do Salvador, encerrou o conciliábulo, dizendo: Crede-me, amigos, se este homem é também Deus verdadeiro, com seu sofrimento e sua morte salvará todos os homens. Nosso império ficará destruído e os mortais serão elevados a nova felicidade e maior poder contra nós. Andamos muito errados em lhe procurar a morte. Vamos depressa acudir a este nosso perigo.

Lúcifer e Judas

1132. Com este acordo, Lúcifer e todos seus ministros dirigiram-se á cidade de Jerusalém. De sua ação resultaram aquelas diligências que Pilatos e sua mulher fizeram para evitar a morte do Senhor, como consta dos Evangelhos (**Mt 27, 19; Lc 23, 4; Jo 18, 38**), e muitas outras que eles não referem, mas sucederam.

Antes de tudo, os demônio procuraram, com novas sugestões, dissuadir Judas da venda do divino Mestre, negócio que já havia fechado. Como o discípulo não se impressionasse, nem pretendesse revogar seu propósito, o demônio apareceu-lhe em forma corporal

visível. Dirigiu-lhe a palavra procurando, com muitos argumentos, induzi-lo a não tirar a vida de Cristo por meio dos fariseus. Conhecendo a desmedida cobiça do avarento discípulo, ofereceu-lhe muito dinheiro, para não entregar o Mestre a seus inimigos.

Lúcifer empregou nestas diligências, muito mais empenho do que antes para induzi-lo a vender seu mansíssimo e divino Mestre.

Sem a graça divina ninguém se arrepende

1133. Oh! lástima da miséria humana! Tendo Judas se entregado ao demônio para lhe obedecer no mal, não pôde fazer outro tanto para se retratar! Qual a razão? Porque a ação do inimigo não possuía a força da graça divina, e sem esta são inúteis todas as persuasões e diligências para deixar o pecado e seguir o verdadeiro bem.

Não era impossível para Deus reduzir à virtude o coração daquele traidor discípulo. Todavia, para este fim não eram meios convenientes a exortação do demônio que o derrubara do estado de graça.

Para o Senhor não lhe dar outros auxílios, havia a razão de sua inefável equidade. Judas chegara á sua dura obstinação, resistindo á doutrina do divino Mestre, a inúmeras inspirações e imensos benefícios, em sua própria escola. Desprezou, com tremenda temeridade, seus conselhos, os de sua Mãe santíssima e dulcíssima Senhora, o exemplo vivo de sua presença e o de todos os demais apóstolos.

A tudo resistira o ímpio discípulo, com pertinácia mais de demônio do que de homem, dono de liberdade para fazer o bem. Tendo caminhado tão longe no mal, e chegado ao estado de ódio contra o Salvador e a Mãe da misericórdia, tornou-se incapaz de a procurar. Indigno da luz para enxergá-la, insensível à própria razão e lei natural que lhe teria podido impedir ofender o Inocente, de cujas mãos recebera tão liberais favores.

Terrível exemplo e lição para a fragilidade e insânia dos homens que não temem cair e perecer em semelhantes perigos, acabando em tão infeliz e lamentável ruína!

Novas tentativas dos demônios

1134. Desanimados de conseguir algo de Judas, foram os demônios para os fariseus pretendendo conseguir o mesmo, por meio de muitas sugestões e pensamentos que os fizessem desistir de perseguir a Cristo, nosso Bem e Mestre. Aconteceu, porém, o mesmo que a Judas, por iguais razões, e não puderam conseguir que os judeus retratassem a maldade que tinham decidido.

Alguns escribas, por motivo humano, puseram reparo se estaria bem o que pretendiam. Mas, não tendo a assistência da graça, logo voltou a vencê-los o ódio e a inveja que tinham concebido contra o Senhor.

Daqui resultaram as diligência que fez Lúcifer com a mulher de Pilatos e com o próprio governador. A ela incitaram, como consta do Evangelho **(Mt 27, 19)**, para, com piedade feminina, escrever a Pilatos não se envolver na condenação daquele homem justo.

Com esta admoestação, e outras que os demônios representaram a Pilatos, obrigaram-no a tantos expedientes como fez, para evitar a sentença de morte contra o inocente Senhor, do que adiante falarei.

Como nenhuma destas diligências obteve êxito, Lúcifer e seus ministros, desenganados, mudaram a tática. Enfureceram-se de novo contra o Salvador da vida. Instigaram aos fariseus e verdugos para que, não podendo impedir sua morte, lha dessem violenta, e o atormentassem com a ímpia crueldade como fizeram, para irritar sua invencível paciência.

Tudo permitiu o Senhor, para os altos fins da redenção humana. Apenas impediu que os carrascos cometessem algumas atrocidades, menos decentes, que os demônios lhes inspiravam contra a venerável pessoa e humanidade do Salvador, como direi adiante.

Judas vende o Mestre

1135. Na terça-feira, depois da entrada em Jerusalém **(Mt 22, 17)**, Cristo nosso Senhor permaneceu em Betânia, sem voltar ao templo.

Nesse dia, reuniram-se novamente em casa de Caifás, os escribas e fariseus **(Mt 26, 3-4; Mc 14, 1)**, para tramar a morte do Redentor do mundo.

O aplauso que Jesus recebera de todos os moradores de Jerusalém quando lá entrou, os irritou e aumentou a inveja, sem falar no milagre da ressurreição de Lázaro e dos outros que, naqueles dias, Cristo Senhor nosso havia feito no templo.

Resolveram que convinha tirar-lhe a vida, dissimulando esta ímpia crueldade com o pretexto do bem público, como disse Caifás **(Jo 11, 49)**, profetizando o contrário do que pretendia.

Vendo-os decididos, o demônio pôs na imaginação de alguns que não executassem esse propósito na festa da Páscoa, para não alvoroçar o povo que venerava Cristo nosso Senhor como Messias ou grande profeta. Fez essa tentativa, para ver se, adiando a morte do Senhor, conseguiria impedi-la.

Judas, porém, entregue completamente à própria cobiça e maldade, destituído da graça que seria necessária para revogar sua decisão, muito sobressaltado e inquieto, dirigiu-se ao concílio dos pontífices. Combinou com eles a entrega de seu Mestre, mediante o pagamento de trinta dinheiros **(Mt 26, 15)**, contentando-se em dar esse preço, por quem encerra em si todos os tesouros do céu e da terra.

Os pontífices, para não perder a oportunidade, passaram por cima do inconveniente de ser a festa da Páscoa. Assim estava disposto pela infinita sabedoria cuja providência ia dispondo os fatos.

Maria chora com os anjos.

1136. Neste interim, passou-se o que narra São Mateus **(26, 2)**, dizendo nosso Redentor aos discípulos: Sabei que, daqui a dois dias, o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

Judas não se encontrava presente. Depois de sua traição voltou entre os apóstolos e perfidamente, andava investigando e perguntando a seus companheiros e ao próprio Senhor e à sua Mãe santíssima, para onde iriam quando saíssem de Betânia, e o que o Mestre pretendia fazer naqueles dias.

O infiel discípulo fazia estas pesquisas para melhor preparar a entrega de seu Mestre, contratada com os pontífices e fariseus.

Com estes fingimentos e dissimulações, pretendia Judas encobrir a sua traição hipócrita, mas em vão, porque não só o Salvador como também sua prudentíssima Mãe conheciam sua dúplice e depravada intenção. Os anjos haviam logo referido à Senhora o contrato de Judas com os pontífices, entregando Jesus por trinta dinheiros.

Naquele dia, o traidor atreveu-se a perguntar à grande Senhora, onde seu Filho santíssimo determinara ir na páscoa. Com incrível mansidão, Ela lhe respondeu: Quem poderá entender, ó Judas, os juízos e segredos do Altíssimo?

Desde esse momento, deixou de o admoestar e exortar a que se convertesse de seu pecado. Não obstante, o Senhor e sua Mãe continuaram a tolerá-lo, até que ele mesmo desesperou da eterna salvação.

A mansíssima pomba, conhecendo a irremediável perdição de Judas, e que seu Filho santíssimo seria logo entregue a seus inimigos, chorou sentidamente em companhia dos anjos, porque não podia confiar sua íntima dor com nenhuma outra criatura. Com os espíritos celestes derramava o mar de sua amargura, dizendo palavras de grande peso, sabedoria e sentimento. Admiravam-se os anjos, vendo uma criatura humana agir de modo tão novo, com tão elevada perfeição, no meio daquela tribulação e dor tão profunda.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA DO CÉU, MARIA SANTÍSSIMA.

Nem tudo é conhecido pelo demônio

1137. Minha filha, tudo o que entendeste e escreveste neste capítulo contém grandes mistérios e ensinamentos para o bem dos mortais, se atentamente os consideram. Em primeiro lugar, deves compreender que meu Filho santíssimo veio vencer o demônio e enfraquecer-lhe a influência nefasta que exercia **(1 Jo 3, 8)** sobre os homens.

Para este fim, não lhe alterou a natureza e ciência habitual de anjo, mas ocultou-lhe muitas coisas, como em outros lugares escreveste. Não chegando a conhecê-las, seria reprimida a malícia deste dragão pelo modo mais adequado à suave e forte providência **(Tob 8, 1)** do Altíssimo. Por este motivo se lhe ocultou a união hipostática das duas naturezas divina e humana.

Ignorante deste mistério, enganou-se e andou flutuando em suspeitas e suposições falaciosas até que, a seu tempo, meu Filho santíssimo permitiu-lhe conhecer que sua alma divinizada havia sido gloriosa desde o instante de sua concepção.

De igual modo, ocultava-lhe alguns milagres de sua vida santíssima, e deixava que visse outros. O mesmo acontece agora com algumas almas: não consente meu Filho santíssimo que o inimigo conheça todas as suas obras, ainda que, naturalmente, as poderia conhecer. O Senhor lhas esconde, para conseguir seus altos fins em benefício das almas. Depois de realizadas, deixa que o demônio as veja para sua maior confusão. Assim aconteceu nos fatos da Redenção quando, para seu tormento e maior opressão, o Senhor

consentiu que os conhecesse. É por esta razão, que a serpente infernal anda sondando as almas para rastrear seus atos, não só interiores, mas também exteriores.

As moções divinas e as diabólicas

1138. Assim intenso é o amor de meu Filho santíssimo pelas almas, depois que nasceu e morreu por elas. Este favor seria mais geral e contínuo com muitas almas se elas não o impedissem, desmerecendo-o e entregando-se ao inimigo, por dar ouvido a suas falsas sugestões e conselhos cheios de malícia e mentira.

Os justos que se distinguem na santidade vêm a ser, nas mãos do Senhor, instrumentos que Ele dirige e governa por Si, e não consente que outros os movam, porque se entregam totalmente à sua divina disposição. O contrário sucede a muitos réprobos, esquecidos de seu Criador e Redentor: por repetidos pecados, entregam-se nas mãos do demônio que os arrasta e induz a toda maldade. Serve-se deles para os fins de sua depravada malícia, como sucedeu ao pérfido discípulo (Judas) e aos fariseus homicidas de seu próprio Redentor.

Nenhum mortal tem desculpa de assim proceder. Judas e os pontífices não aceitaram o conselho do demônio para deixarem de perseguir a Cristo nosso Senhor. Muito melhor poderiam não ter consentido na sua persuasão de O perseguir. Para resistir a esta tentação teriam o auxílio da graça, se quisessem cooperar com ela, enquanto para não retroceder no pecado só se valeram de sua livre vontade e maus hábitos. Se, neste caso, lhes faltou a graça e a moção do Espírito Santo, foi por ser justo lhas negar. Tinham se entregado ao demônio para lhe obedecer em toda maldade. Deixaram-se governar por sua perversa vontade, sem considerações pela bondade e poder de seu Criador.

O estado de pecado

1139. Daqui entenderás como esta serpente infernal nada pode para incitar ao bem, enquanto tem grande força para induzir ao pecado, se as almas não advertem e evitam este perigoso estado. Na verdade, te digo, minha filha, que se os mortais conhecessem sua gravidade, seriam tomados de pânico.

Encontrando-se uma alma entregue ao pecado, não existe força criada que a possa fazer retroceder, ou parar de se ir despenhando de um abismo a outro. O pendor da natureza humana, depois do pecado de Adão, arrasta pelas paixões concupiscível e irascível, inclina-se para o mal como a pedra é atraida pela gravidade. Acrescente-se a isto as inclinações dos maus hábitos adquiridos, o poder que adquire o demônio sobre quem peca e a tirania com que o exerce.

Quem haverá, portanto, tão inimigo de si mesmo, que não tema este perigo? Somente o poder de Deus o poderá libertar e só à sua destra está reservado o remédio.

Apesar de realmente ser assim, vivem os mortais tão seguros e descuidados em sua perdição, como se estivesse em seu poder, dela sair e se reabilitar quando bem quiserem. Muitos confessam e fazem experiência de que não podem se levantar de sua ruína sem o auxílio do Senhor. Tal conhecimento, porém, geral e remisso, em lugar de lhes atrair a ajuda de Deus, mais o afasta e irrita. Querem que Deus os espere com sua graça, para quando eles se cansarem de pecar, ou não puderem prolongar mais sua malícia e insensatez cheia de ingratidão.

Amor dos inimigos

1140. Teme, caríssima, este tremendo perigo. Guarda-te do primeiro pecado, porque depois dele resistirás menos

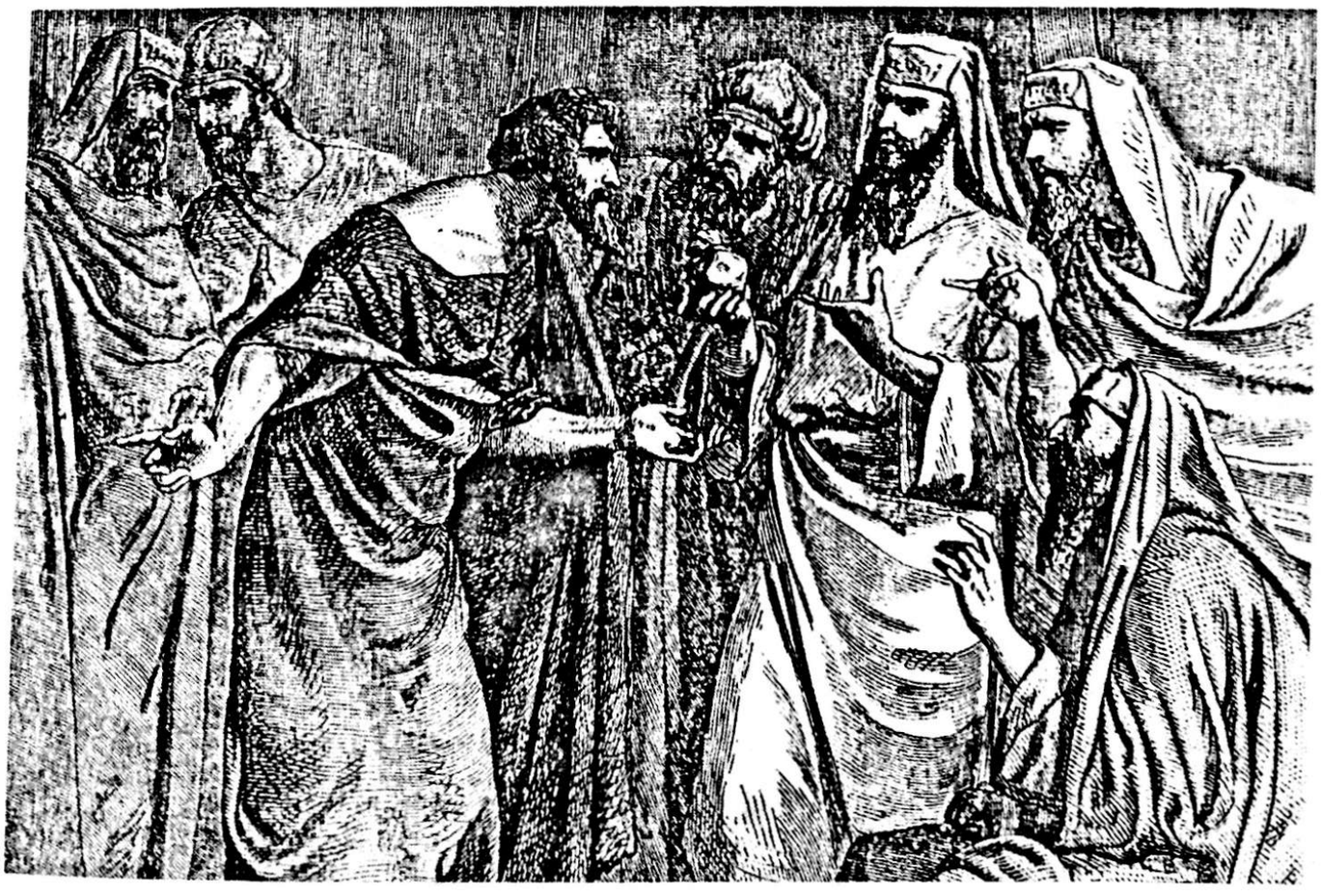
ao segundo e teu inimigo irá conquistando poder sobre ti. Adverte que levas grande tesouro em vaso frágil (**2 Cor 4, 7**) e com uma queda podes perder tudo. A arguta sagacidade da serpente é grande contra ti, e tu és menos astuta.

Por este motivo, convém recolheres teus sentidos e fechá-los a todo visível. Recolhe teu coração ao castelo fortificado da proteção e refúgio do Altíssimo, onde poderás resistir ao desumano bombardeio com que o inimigo te persegue. Para o temeres, como é de razão, basta te lembrares do abismo onde chegou Judas, conforme entendeste.

No mais, imita-me em perdoar aos que te perseguem e contrariam. Ama-os, suporta-os com caridade e paciência, e pede por eles ao Senhor, com verdadeiro zelo de sua salvação, como Eu fiz com o traidor Judas. Já foste avisada, muitas vezes, que nesta virtude te quero muito exercitada e cuidadosa. Ensina-a e pratica-a com tuas religiosas e com todos que tratares. Com o exemplo da paciência e mansidão de meu Filho santíssimo e minha, será intolerável vexame para os maus, e para todos os mortais, que não se perdoem uns aos outros com fraternal caridade.

Os pecados de ódio e vingança serão punidos, no juízo, com o maior rigor. E, na vida presente são os que mais afastam dos homens a infinita misericórdia; assim vão caminhando à perdição eterna, se não se emendam pelo arrependimento. Os que são mansos e suaves com os que os ofendem e perseguem; os que esquecem os agravos recebidos, têm uma particular semelhança com o Verbo feito Homem que sempre anda procurando, perdoando e beneficiando os pecadores.

Imitando-o nesta caridade e mansidão de cordeiro, adquire a alma uma como qualidade gerada na caridade e amor de Deus e do próximo. Esta disposição torna-a matéria preparada para receber as influências da graça e favores da divina destra.



Judas vende seu Senhor e Salvador por trinta moedas de prata.

Jesus despede-se de sua Mãe.

CAPÍTULO 9

JESUS DESPEDE-SE DE SUA MÃE PARA IR MORRER. A SENHORA PEDE-LHE PARTICIPAR DA EUCARISTIA. ACOMPANHA-O A JERUSALÉM COM MADALENA E OUTRAS PIEDOSAS MULHERES.

Domingo de ramos à quinta-feira santa

1141. Continuemos nossa história. Deixamos o Salvador do mundo em Betânia, depois de ter voltado do triunfo em Jerusalém, acompanhado pelos apóstolos.

No capítulo precedente, antecipei a narração do que fizeram os demônios antes da entrega de Cristo, e outras coisas resultantes de seu infernal propósito, assim como da traição de Judas e do concílio dos fariseus.

Voltemos agora ao que aconteceu em Betânia, onde a grande Rainha acompanhou e serviu seu Filho santíssimo naqueles três dias, do domingo de ramos à quinta-feira. Todo este tempo, esteve o Senhor com sua divina Mãe, salvo o que levou para voltar a Jerusalém e ensinar no templo, na segunda e terça-feira, pois na quarta não subiu a Jerusalém, como já disse.

Nestas últimas viagens, instruiu seus discípulos, mais copiosa e claramente, sobre os mistérios de sua paixão e da redenção humana. Apesar disso, embora todos ouvissem a doutrina e avisos de seu Deus e Mestre, cada qual reagia conforme a própria disposição, e sempre um tanto remissos, Deste modo, não tiveram, durante a paixão, a fortaleza de cumprir o que antes prometeram, como os fatos mostram, e adiante veremos[1].

Jesus e Maria antes da paixão

1142. Naqueles dias imediatos à sua paixão, nosso Salvador tratou com sua Mãe santíssima tão elevados mistérios sobre a redenção humana e a nova lei da graça, que muitos deles estarão ocultos até a visão do Senhor na pátria celestial.

Dos que eu conheci, posso manifestar muito pouco, mas no prudentíssimo coração de nossa grande Rainha, seu Filho santíssimo depositou tudo o que David chamou o incerto e oculto de sua sabedoria **(Sl 50, 8)**. Referia-se ao maior dos negócios que Deus tomara por sua conta, em suas obras ad extra: nossa reparação, a glorificação dos predestinados e nela a exaltação de seu santo nome.

Ordenou Jesus tudo o que a prudente Mãe deveria fazer durante a paixão e morte que por nós ia sofrer, e a preparou com nova luz e ensinamento. Nestas conferências, falou-lhe o Filho santíssimo com grandiosa majestade e serenidade real de acordo com a importância do que tratavam, pois então haviam cessado completamente os carinhos de Filho e Esposo.

1 - nº 1240.

O amor natural da afetuosa Mãe e a inflamada caridade de sua alma puríssima, haviam chegado a um grau que ultrapassa qualquer ponderação criada. Aproximava-se o fim do convívio e trato que havia tido com seu Deus e seu Filho. Não há língua que possa descrever os ternos e dolorosos sentimentos daquele cândido coração de Mãe, e os gemidos que subiam do seu íntimo.

Misteriosa rola, já começava a sentir a soledade que o céu e a terra, com todas suas criaturas, não poderiam compensar.

Jesus pede licença a Maria para morrer

1143. Chegou a quinta-feira, véspera da paixão e morte do Salvador. Antes do amanhecer, o Senhor chamou sua Mãe santíssima que se prostrou a seus pés, como costumava, dizendo-lhe: Falai meu Senhor, que vossa serva ouve.

Levantou-a seu Filho santíssimo do solo onde se prostrara, e com grande amor e serenidade, lhe disse: Minha Mãe, chegou a hora marcada pela eterna sabedoria de meu Pai, para realizar a salvação e redenção humana que sua vontade santa e agradável me confiou, É justo que se faça o sacrifício da nossa, que tantas vezes lhe oferecemos.

Dai-me licença para ir padecer e morrer pelos homens, e tende por bem, como verdadeira mãe, que Eu me entregue a meus inimigos para cumprir a obediência de meu eterno Pai. Por esta mesma obediência, cooperai comigo na obra da salvação eterna, pois de vosso virginal seio recebi a forma de homem passível e mortal, na qual hei de redimir o mundo e satisfazer a divina justiça. Assim como destes o fiat **(Lc 1, 38)** para minha encarnação, quero o deis agora para minha paixão e morte na cruz. Consentindo livremente no meu sacrifício ao eterno Pai, retribuireis o privilégio d'Ele vos ter feito minha Mãe. Ele me enviou para, através da passibilidade de minha carne, recobrar as ovelhas perdidas de sua casa, os filhos de Adão **(Mt 18, 11)**.

Dor de Maria

1144. Estas e outras razões, expressas por nosso Salvador, transpassaram o amantíssimo coração da Mãe da vida, comprimindo-o na mais apertada prensa de dor que até então sofrera. Chegou a hora, e sua dolorosa pena não podia apelar, nem para o tempo, nem para outro superior tribunal, pois o decreto infalível do eterno Pai destinara aquele tempo para a morte de seu Filho.

A prudentíssima Mãe via-O Deus infinito em atributos e perfeições, e verdadeiro homem; contemplava sua humanidade unida à pessoa do Verbo, e por Ela santificada. À luz desta inefável dignidade, recordava a obediência que lhe havia prestado quando O criava como Mãe, e os favores que d'Ele recebera em tão prolongado convívio.

Logo seria privada deste, da formosura de seu rosto e da doçura eficaz de suas palavras. Não só lhe faltaria tudo ao mesmo tempo, mas deveria entregá-lo aos tormentos e ignomínias de sua paixão, ao cruento sacrifício da morte na cruz, nas mãos de tão ímpios inimigos.

Estas considerações, que então se tornaram mais vivas na prudente Mãe penetraram seu amoroso e terno coração, com dor verdadeiramente inexplicável. Com magnanimidade de Rainha, porém, superando sua invencível pena, voltou a prostrar-se aos pés de seu Filho e Mestre divino. Beijou-os com suma reverência e lhe respondeu:

Resposta de Maria

1145. Senhor e Deus altíssimo, criador de tudo o que existe, sou vossa escrava, ainda que sois filho de minhas entranhas, porque vossa dignação de inefável amor me elevou do pó à dignidade de Mãe vossa. É razão que este pobre bichinho seja reconhecido à vossa liberal clemência e obedeça à vontade vossa e do eterno Pai.

Ofereço-me resignada a seu divino beneplácito, para que em Mim e em Vós, meu Filho e Senhor, seja cumprida sua eterna e agradável vontade. O maior sacrifício que posso oferecer será não morrer convosco e em vosso lugar, pois sofrer à vossa imitação e, em vossa companhia será grande alívio para minhas penas que, à vista das vossas, se tornarão todas agradáveis. Para eu sofrer, bastaria não vos poder aliviar nos tormentos que, pela salvação humana, haveis de padecer.

Recebei, ó Bem meu o sacrifício de meus desejos e que ficando viva, veja morrer Vós, o cordeiro inocentíssimo, figura da substância de vosso eterno Pai **(Heb 1, 3)**. Recebei também a dor de Eu ver a desumana crueldade do pecado caindo sobre vossa digníssima pessoa pela mão de vossos cruéis inimigos.

Ó céus e elementos, com todas suas criaturas: espíritos angélicos, santos patriarcas e profetas, ajudai-me a chorar a morte de meu Amado que vos deu o ser! Chorai comigo a infeliz miséria dos homens que, sendo á causa desta morte, perderão depois a eterna vida que ela lhes mereceu, porque não se aproveitaram de tão grande benefício!

Oh! infelizes precitos! Oh! ditosos predestinados que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro **(Apoc 7, 14)**! Vós que soubestes aproveitar deste bem, louvai ao Todo-poderoso!

Oh! Meu Filho, bem infinito de minha alma, dai forças à vossa aflita Mãe, e aceitai-a por vossa discípula e companheira, para participar de vossa paixão e cruz. Com vosso sacrifício receba o eterno Pai, o meu como Mãe vossa.

Maria pede a comunhão eucarística

1146. Com estas e outras razões que não posso explicar com palavras, a Rainha do céu ofereceu-se a seu Filho santíssimo para participar de sua paixão, como sua cooperadora e coadjutora em nossa redenção.

Em seguida, pediu permissão para lhe manifestar outro desejo. Vinha-o alimentando desde há muito tempo, pela ciência que tinha de todos os mistérios que o Mestre realizaria no fim da vida.

Dando-lhe o Senhor licença, acrescentou a Mãe puríssima: Amado de minha alma e luz de meus olhos, não sou digna, meu Filho, do que meu coração deseja vos pedir. Mas, como Vós, Senhor, sois o alento de minha esperança, suplico-vos, se for de vossa vontade, fazer-me participante de vosso sagrado corpo e sangue conforme tendes determinado instituí-lo como penhor de vossa glória. Que, voltando a vos receber no meu peito, me sejam comunicados os efeitos de tão admirável sacramento. Bem vejo Senhor meu, que nenhuma das criaturas pode merecer dignamente tão excessivo benefício, acrescentado a todas as vossas obras unicamente por vossa magnificência. Para empenhá-la agora só tenho para vos oferecer a Vós mesmo com vossos infinitos merecimentos.

Se a humanidade santíssima à qual vinculais este Sacramento, recebido de meu seio, me confira algum direito, não seja tanto para serdes meu neste Sacramento, mas para que Eu seja vossa. Rece-

bendo-vos, quero me entregar novamente à vossa doce companhia.

Todas minhas obras e desejos dediquei a esta divina e digníssima Comunhão, desde a hora que vossa bondade me deu conhecimento dela e de vossa vontade e decreto de permanecer em vossa santa Igreja, nas espécies de pão e vinho consagrados. Voltai, pois, Senhor e Bem meu, à primeira e antiga morada de vossa Mãe, vossa amiga e escrava que, para vos receber em seu seio, fizestes livre do comum contágio. Em meu peito receberei agora a humanidade que de meu sangue vos comuniquei. Nele estaremos unidos com estreito e novo abraço que revigore meu coração, abrase meus afetos, para não ficar jamais ausente de Vós, infinito bem e amor de minha alma.

Jesus promete-lhe a comunhão

1147. Muitas palavras de incomparável amor e reverência, disse a grande Senhora, pedindo a seu Filho santíssimo a participação de seu sagrado corpo e sangue.

O Senhor também lhe respondeu com mais carinho, concedendo-lhe o que pedia. Prometeu-lhe dar a Comunhão, ao chegar o momento de sua instituição.

Desde já, a Mãe puríssima pôs-se a fazer grandiosos atos de humildade, agradecimento, reverência e fé viva, para se preparar à desejada recepção da Eucaristia, sucedendo o que adiante direi.

Os anjos e as santas mulheres

1148. Ordenou Cristo, nosso Salvador, aos santos anjos de sua Mãe santíssima assisti-la, desde esse momento, em forma visível para Ela. Que a servissem e consolassem em sua dor e soledade, como efetivamente fizeram.

Ordenou também à grande Senhora que, ao partir para Jerusalém com seus discípulos, Ela o seguisse um pouco depois, com as santas mulheres que os vinham acompanhando desde a Galiléia. Que as prevenisse e animasse, para não desfalecerem com o escândalo de o verem padecer tantas afrontas e ignominiosa morte de cruz.

Terminada esta conferência, o Filho do eterno Pai abençôou sua Mãe amantíssima, despedindo-se para a última viagem que terminaria por sua paixão e morte. A dor que esta despedida produziu para o coração de Filho e Mãe, excede a todo humano pensamento, pois foi na medida do recíproco amor entre ambos, sendo este proporcionado à dignidade das pessoas. Ainda que dele podemos falar tão pouco, nem por isto ficamos dispensados

de o ponderar em nossa consi-deração e de acompanhá-los com suma compaixão, conforme nossas forças e capacidade. De outro modo, seremos acusados de ingratos e sem coração.

Jesus parte de Betânia para Jerusalém

1149. Havendo-se despedido de sua amorosa Mãe e dolorosa Esposa, nosso Salvador saiu de Betânia na quinta-feira santa, para a última viagem a Jerusalém, pouco antes do meio-dia, acompanhado dos Apóstolos.

Aos primeiros passos desta viagem, a última de sua peregrinação, Jesus elevou os olhos ao eterno Pai. Com louvores e ação de graças, ofereceu-se novamente com ardentíssimo amor e obediência, para sofrer e morrer por toda a linhagem humana.

Esta oração e oferta foi feita por nosso Mestre e Salvador com tão inefável fervor de espírito que, sendo impossível explicar, tudo o que eu digo parece que discorda da verdade e de meu desejo.

- Eterno Pai e Deus meu, disse Cristo, nosso Senhor, por vossa vontade vou padecer e morrer pela libertação dos homens, meus irmãos e obras de vossas mãos. Vou entregar-me por sua salvação e para reunir os que estão dispersos e separados pela culpa de Adão, **(Jo 11, 52).**

Vou preparar os tesouros com que as almas, criadas á vossa imagem e semelhança, hão de ser adornadas, enriquecidas e restituídas á dignidade de vossa amizade e felicidade eterna, e para que vosso santo nome seja conhecido e exaltado por todas as criaturas.

Quanto depende de Vós e de mim, a nenhuma alma faltará abundantíssimo remédio, e vossa inviolável equidade ficará justificada nos que desprezarem esta copiosa redenção.

Maria e as santas mulheres

1150. Logo após ao Autor da vida, partiu de Betânia a divina Mãe acompanhada por Madalena e as outras santas mulheres que, desde a Galiléia, serviam e seguiam a Cristo nosso Senhor.

Ia o divino Mestre informando e preparando os Apóstolos com a doutrina e fé de sua paixão, para que não desfalecessem ao verem as ignomínias que ia sofrer, ou pelas ocultas tentações de satanás.

De igual modo, a Rainha e Senhora das virtudes, ia consolando e prevenindo a seu devoto grupo de discípulas, para que não se perturbassem quando vissem seu Mestre afrontosamente açoitado e morto.

Ainda que pelo seu sexo, estas santas mulheres eram de natureza mais frágil que os Apóstolos, foram mais fortes do que alguns deles, em guardar a doutrina e ensinamento de sua grande Mestra e senhora.

Quem mais se distinguiu em tudo, foi santa Maria Madalena, como contam os Evangelistas **(Mt 27, 56; Mc 15, 40; Lc 24, 10; Jo 19, 25)**. Vivia abrasada pela chama de seu amor, e por temperamento era magnânima, enérgica, varonil, leal e briosa. Tomou por sua conta acompanhar e assistir a Mãe de Jesus, e assim o fez com amorosa fidelidade.

Maria e seus anjos

1151. Na oração e oferecimento que, nessa ocasião, fez nosso Salvador, foi seguido e imitado por sua Mãe santíssima, pois no claro espelho da luz divina, ela via todos os atos de seu Filho, para os reproduzir, como já disse muitas vezes.

Conforme o Senhor ordenara, os anjos custódios da grande Senhora, a iam acompanhando e servindo em forma visível. Com estes soberanos espíritos Ela

conferia o grande mistério de seu Filho santíssimo, mistério que suas companheiras e todas as criaturas humanas não podiam compreender. Eles conheciam e apreciavam dignamente, o incêndio de amor que, sem medida, ardia no coração puríssimo da Mãe e a força com que era atraído pelos perfumes **(Cânt 1, 3)** do amor de Cristo, seu Filho, Esposo e Redentor.

Apresentavam ao eterno Pai o sacrifício de louvor e expiação que lhe oferecia sua Filha única, a primogênita entre as criaturas. E, porque os mortais ignoravam este benefício e a dívida que contraiam com o amor de Cristo e de sua Mãe santíssima, a Rainha mandava aos santos anjos que dessem glória, louvor e honra ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Assim o cumpriam, obedientes à vontade de sua grande Princesa e Senhora.

Amor de Deus, ingratidão dos homens.

1152. Faltam-me adequadas palavras e digno sentimento e dor, para dizer o que entendi, nesta ocasião, sobre a admiração dos santos anjos. De um lado, contemplavam o Verbo e sua Mãe santíssima dirigindo os passos á obra da redenção humana, com a força do ardentíssimo amor que tinham e têm pelos homens. Por outro lado, os espíritos angélicos viam a rudeza, ingratidão, negligência e dureza dos homens em reconhecer esta dívida e em corresponder ao benefício que os próprios demônios teriam correspondido, se fossem capazes de o receber.

Esta admiração dos anjos não procedia de ignorância, mas de nossa intolerável ingratidão. Sou fraca mulher, menos que um vermezino da terra, mas nesta luz que me foi dada, quisera elevar a voz para ser ouvida em todo o orbe. Quisera despertar aos filhos da vaidade e amadores da mentira **(Sl 4, 3)**, e lembrar-lhes esta dívida a Cristo nosso Senhor e a sua Mãe santíssima. Prostrada com a face em terra, quisera pedir a todos que não sejamos tão duros de coração e tão cruéis inimigos de nós mesmos; que sacudamos esta sonolência tão esquecediça que nos sepulta no perigo da eterna morte e nos separa da vida celestial e bem-aventurada que Cristo, nosso Redentor e Senhor, nos mereceu com a morte amaríssima de cruz

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA MARIA SANTÍSSIMA.

Cristo sacrificou-se por mim

1153. Minha filha, ilustrada como estás, com especiais dons da divina luz, convido-te novamente, para entrares no profundo pélago da paixão e morte de meu Filho santíssimo.

Prepara tuas potências e emprega todas as forças de tua alma e coração, para de algum modo seres digna de conhecer, ponderar e sentir as ignomínias e dores que o Filho do Eterno Pai dignou-se padecer, humilhando-se a morrer numa cruz pela redenção dos homens. Verás também quanto Eu fiz e padeci acompanhando-o em sua acerbíssima paixão.

Quero que tu, minha filha, estudes e aprendas esta ciência tão esquecida pelos mortais, para seguir teu Esposo e imitar a Mim, tua Mãe e Mestra. Escrevendo, ao mesmo tempo sentindo, o que Eu te ensinar sobre estes mistérios, quero que totalmente te despojes de ti mesma e de todo humano e terreno afeto. Assim afastada das coisas visíveis, pobre e desamparada sigas nossos passos.

Por especial graça, chamo-te agora, a ti só para o cumprimento da vontade

de meu Filho santíssimo e minha, e por ti queremos ensinar aos outros. É necessário, pois, que de tal modo te mostres agradecida a esta copiosa redenção, como se ela fôra unicamente para ti, e que seria perdida se apenas tu não aproveitasses dela.

Assim a deves apreciar, pois meu Filho santíssimo sofreu e morreu, com tanto amor e afeto por ti **(Gl 2,20)** como se fôras a única a necessitar de sua paixão e morte para se salvar.

Agradecer e participar na paixão.

1154. Por esta regra deves medir tua obrigação e agradecimento. Conhece o grosseiro e perigoso esquecimento dos homens, por benefício tão excessivo como haver morrido por eles, seu mesmo Deus e Criador feito homem. Procura compensar esta injúria amando-o por todos, como se a retribuição desta dívida coubesse toda a teu agradecimento e fidelidade. Aflige-te pela cega estultice dos homens em desprezar sua eterna felicidade, e entesourar a ira do Senhor contra si próprios, frustrando os maiores afetos de seu infinito amor pelo mundo. Para este fim, te faço ciente de tantos segredos e da indizível dor que sofri, desde a hora que meu Filho santíssimo se despediu de Mim, para se entregar ao sacrifício de sua sagrada paixão e morte.

Não há termos para explicar a amargura de minha alma naquela ocasião. Considerando-a, nenhum trabalho te parecerá grande, não poderás apetecer descanso e deleite da terra, e só cobiçarás padecer e morrer com Cristo. Toma parte em minha dor, pois deves esta correspondência por todos os favores que te prodigalizo.

Estima pela Eucaristia

1155. Quero também que advirtas, quão aborrecível é, aos olhos de Deus, aos meus e aos dos bem-aventurados, o desprezo e esquecimento dos homens em freqüentar a sagrada comunhão, e não se aproximar dela com devoção e fervor. Para entenderes este aviso, te manifestei o que Eu fiz, preparando-me durante tantos anos, para o dia em que chegasse a receber meu santíssimo Filho sacramentado.

Isto, e o mais que escreverás adiante, servirá de ensinamento e confusão para todos. Eu era inocente, sem impedimento de culpa alguma, com plenitude de todas as graças. Não obstante, procurei acrescentar nova disposição de fervoroso amor, humildade e gratidão. Tu e os demais filhos da Igreja, que todos os dias, a cada hora incorrem em novas culpas e fealdades, que deverão fazer para chegar a receber a formosura da mesma divindade e humanidade de meu Senhor e Filho santíssimo? Que desculpa alegarão os homens no juízo? Tiveram consigo o próprio Deus sacramentado na Igreja esperando, com a plenitude de seus dons, que o fossem recebê-lo. Em vez disso, desprezaram este inefável amor e benefício, para se ocuparem nos divertimentos, deleites mundanos, ao serviço da vaidade aparente e enganadora. Admira-te de tal insânia, como o fazem os anjos e santos, e guarda-te de nela incorrer.

Ave, verdadeiro Corpo nascido da Virgem Maria!

CAPÍTULO 10

A ÚLTIMA CEIA LEGAL DE CRISTO. O LAVA-PÉS. MARIA TEVE CONHECIMENTO DE TODOS ESSES MISTÉRIOS.

O incansável amor de Cristo

1156. Conforme fica dito, encaminhou-se nosso Redentor para Jerusalém na tarde da quinta-feira que precedeu sua paixão e morte. Nas conversas que mantinha com seus discípulos, sobre os mistérios que lhes ia ensinando, eles lhe expunham suas dúvidas que o Mestre da sabedoria, como amoroso Pai, esclarecia com palavras cheias de afetuosa luz que lhes penetrava o coração. Tendo-os sempre amado, naquelas últimas horas de sua vida, qual cisne divino, expandia mais intensamente a suavidade de sua voz e a ternura de seu amor.

A proximidade de sua paixão, com a presciência de tantos suplícios, não era estorvo para seu amor. Pelo contrário, como o calor concentrado pela oposição do frio, volta a se expandir com mais força, assim era o incêndio do divino amor que ardia no coração de nosso amante Jesus. Manifestava-se em maiores delicadezas e atividade para inflamar os mesmos que o queriam extinguir, começando por atingir com as labaredas de seu incêndio, aos que lhes estavam mais próximos.

Com exceção de Cristo e de sua Mãe santíssima, aos demais filhos de Adão acontece, geralmente, que a perseguição impacienta, as injúrias irritam, as penas descontrolam. Qualquer adversidade nos perturba, desanima, nos indispõe contra quem nos ofende, e julgamos ter feito grande façanha em não tirar imediata vingança.

O amor de nosso divino Mestre, porém, não se alterou com as injúrias que previa. Não se cansou com a ignorância de seus discípulos, nem com a deslealdade que logo experimentaria da parte deles.

Pedro e João preparam a ceia

1157. Perguntaram-lhe onde queria celebrar a Páscoa do cordeiro **(Mt 26, 17; Mc 14, 12; Lc 22, 9)** . Esta páscoa dos judeus era por eles celebrada na ceia daquela noite. Festa muito célebre e solene, era, na sua lei, a figura mais expressa do Senhor e dos mistérios que n'Ele e por Ele se iriam realizar, mas que os apóstolos ainda não eram capazes de compreender.

Respondeu-lhes o divino Mestre, enviando na frente São Pedro e São João para preparar a ceia do cordeiro pascal. Seria na casa de um homem, na qual vissem entrar um criado com um cântaro de água. Falariam com o dono da casa, pedindo-lhe que preparassem um aposento para o Mestre cear com seus discípulos.

Este homem residia em Jerusalém, pessoa rica, distinta e devota do Salvador. Acreditara em sua doutrina e mi-

lagres e, por sua piedosa devoção, mereceu que o Autor da vida escolhesse sua casa para santificá-la com os mistérios que ali realizou, deixando-a consagrada como protótipo dos templos que lhe sucederam.

Foram logo os dois apóstolos e, com as indicações que levavam, pediram ao dono da casa hospedar ao divino Mestre, para nela celebrar a grande solenidade dos Ázimos, conforme chamavam aquela Páscoa.

Jesus e Maria chegam ao cenáculo.

1158. Movido por especial graça, aquele chefe de família, liberalmente, ofereceu sua casa e todo o necessário para a ceia legal. Pôs a disposição sala muito grande **(Lc 22, 12)** alta e adornada, como convinha aos mistérios tão veneráveis que o Salvador iria realizar, embora os apóstolos o ignorassem.

Estando tudo preparado, chegou o Senhor com os demais discípulos. Um pouco depois, chegou também Maria santíssima com o grupo das santas mulheres. A humilde Rainha, prostrada em terra, adorou seu Filho santíssimo, como costumava, pedindo-lhe a bênção e que lhe ordenasse o que devia fazer.

Ordenou-lhe Jesus que permanecesse noutro aposento e dali presenciasse o que a divina Providência determinara fazer naquela noite; que animasse e instruísse as mulheres que a acompanhavam, sobre o que fosse preciso adverti-las. Obedeceu a grande Senhora e se retirou com suas companheiras, ordenando-lhes que perseverassem na fé e na oração. Quanto a Ela, continuou os fervorosos atos para a hora da Comunhão que sabia estar próxima, atendendo sempre com a visão interior, a tudo o que seu Filho santíssimo ia fazendo.

Encerramento da antiga lei

1159. Deixando sua Mãe puríssima, nosso Salvador entrou no aposento preparado para a ceia. Com os doze apóstolos e outros discípulos, celebrou a ceia do cordeiro, observando todas as cerimônias da lei **(ex 12, 3)**, sem deixar coisa alguma dos ritos que Ele mesmo havia ordenado por meio de Moisés.

Nesta ceia, deu aos apóstolos a compreensão de todas as cerimônias da lei figurativa, como tinham sido inspiradas aos antigos Pais e Profetas, para significarem a realidade que o mesmo Senhor ia fazendo e faria como Redentor do mundo.

Deu-lhes a saber que, a antiga lei de Moisés e suas figuras, ficariam abolidas e substituídas pela realidade do que simbolizavam. Não poderiam continuar as sombras, desde que chegava a luz e princípio da nova lei da graça. Nesta, só permaneceriam os preceitos da lei natural que é perpétua, ainda que aperfeiçoados com outros preceitos divinos e conselhos que Ele ensinava.

Com a eficácia que daria aos novos Sacramentos de sua nova lei, cessariam os antigos que eram apenas figurativos.

Para tudo isto, estava a celebrar aquela ceia em sua companhia, como encerramento dos ritos e obrigações da lei, pois sua finalidade era preparar e representar o que agora Ele estava fazendo. Conseguido o fim, cessavam os meios.

Jesus suporta Judas

1160. Por esta nova instrução, os apóstolos entenderam grandes segredos dos profundos mistérios que o divino Mestre ia operando.

Os demais discípulos entenderam menos que os apóstolos, e Judas quase nada. Estava possuído pela avareza, só

pensava na infame traição que havia tramado, procurando levá-la a cabo secretamente.

O Senhor também mantinha reserva, porque assim convinha à sua equidade e à disposição de seus altíssimos desígnios. Não quis exclui-lo da ceia, nem de outros mistérios, até que ele mesmo se excluiu por má vontade. O divino Mestre, porém, sempre o tratou como seu discípulo, apóstolo e ministro, respeitando-lhe a honra.

Com este exemplo, ensinou aos filhos da Igreja, quanta veneração devem ter aos seus ministros e sacerdotes, e quanto devem zelar por sua honra, não publicando os pecados e fraquezas que neles notarem, pois também são homens de frágil natureza. Nenhum será pior que Judas, podemos supor.

Ninguém será como Cristo nosso Senhor, nem terá igual autoridade e poder, pois isto o ensina a fé. Logo, se todos os homens são infinitamente menos que nosso Salvador, não devem fazer com os ministros do Senhor, melhores que Judas, ainda que sejam maus, o que o mesmo Senhor não fez com aquele péssimo discípulo e apóstolo. Nem importa que sejam superiores e prelados, pois também o era Cristo nosso Senhor, e no entanto suportou Judas e respeitou sua honra.

A humanidade de Cristo humilha-se ante a sua divindade

1161. Nesta ocasião, nosso Redentor compôs misterioso cântico de louvor ao eterno Pai, por se terem cumprido n'Ele as figuras da antiga lei, e pela exaltação que dela resultava ao seu nome.

Prostrado em terra, humilhando-se em sua humanidade santíssima, confessou, adorou e louvou a Divindade como infinitamente superior.

Dirigindo-se ao eterno Pai, fez interiormente esta fervorosa e altíssima oração:

Oração de Cristo

1162. Meu eterno Pai e Deus imenso, vossa divina e eterna vontade determinou criar minha verdadeira humanidade, para ser cabeça de todos os predestinados **(Rom 8, 29)** à vossa glória e interminável felicidade. Por minhas obras, eles vão adquirir as disposições para conseguir a verdadeira bem-aventurança.

Para este fim, e para redimir os filhos de Adão de sua queda, vivi com eles trinta e três anos. Já chegou, Senhor e Pai meu, a hora oportuna e aceita à vossa eterna vontade, para que vosso santo nome se manifeste aos homens. Em todas as nações seja conhecido e glorificado, através da santa fé que revelará a todos vossa incompreensível divindade.

Já é tempo de se abrir o livro fechado com sete selos **(Apoc 5, 7)** que vossa sabedoria me entregou, e sejam felizmente cumpridas as antigas figuras **(Heb 10, 1)** e sacrifício de animais. Significavam aquele sacrifício de mim mesmo que, voluntariamente, quero oferecer por meus irmãos, os filhos de Adão, membros deste corpo de quem sou cabeça, ovelhas de vossa grei, para os quais suplico que olheis com misericórdia.

Se os antigos sacrifícios e figuras que vou substituindo pela realidade, aplacavam vossa ira, só pelo que simbolizavam, é justo meu Pai, que vossa indignação se acabe, pois Eu me ofereço em sacrifício, disposto a morrer na cruz pelos homens, sacrificando-me em holocausto, no fogo de meu próprio amor **(Ef 5, 2)**.

Senhor, modere-se o rigor de vossa justiça e olhai com clemência ao gênero humano. Concedamos-lhe anistia e lhe se-

jam abertas as portas do céu, até agora fechadas por sua desobediência.

Encontrem o caminho certo e entrada franca para entrar Comigo á visão de vossa divindade, se quiserem seguir minha lei e imitar meus passos.

Atos de Maria santíssima

1163. Esta oração de nosso Salvador Jesus foi aceita pelo eterno Pai. Logo enviou das alturas inumeráveis exércitos angélicos para assistirem, no Cenáculo, as maravilhosas obras que o Verbo humanado estava para realizar.

Enquanto tudo isto acontecia no cenáculo, Maria santíssima estava em seu retiro, elevada em altíssima contemplação.

Com distinção e clareza via, como se estivesse presente, todos os atos de seu Filho nosso Salvador, e cooperava na forma que sua admirável sabedoria lhe ditava, como coadjutora em todos eles.

Fazia atos heróicos e divinos de todas as virtudes, correspondentes às de Cristo nosso Salvador. Todas ressoavam no castíssimo coração da Mãe, como divino e misterioso eco, repetindo a doce Senhora as mesmas orações e súplicas. Além de tudo, fazia novos cânticos de admirável louvor pelo que a humanidade santíssima, na pessoa do Verbo, ia operando, em cumprimento da divina vontade e preenchendo as antigas figuras da lei escrita.

Alegria da Virgem

1164. Grande maravilha e admiração seria para nós, como o foi para os anjos, e para todos será no céu, se conhecêssemos agora aquela divina harmonia das obras e virtudes no coração de nossa grande Rainha. Estavam ordenadas como em coro, sem confundir-se nem se opôr umas ás outras, e nesta ocasião, operavam, todas e cada uma, na maior intensidade.

Estava a Senhora repleta das inteligências de que falei, e ao mesmo tempo conhecia como em seu Filho santíssimo iam se realizando e terminando as cerimônias e figuras legais, substituídas pela nova lei e sacramentos, mais nobres e eficazes.

Via o fruto tão abundante da Redenção nos predestinados; a ruína dos réprobos, a exaltação do nome de Deus e da santíssima humanidade de seu Filho Jesus; a fé universal na Divindade que seria pregada em todo o mundo; via abrir-se o céu fechado por tantos séculos, para nele entrarem os filhos de Adão, graças à nova Igreja do evangelho com todos seus mistérios.

Conhecia que de tudo isto, era artífice admirável e prudentíssimo o seu Filho, com louvor e admiração de todos os cortesãos do céu. Por estas magnificas obras, sem omitir um ponto, bendizia ao eterno Pai, dava-lhe singulares graças, e em tudo se alegrava e consolava com admirável júbilo, a grande Senhora.

Dor de Maria

1165. Ao mesmo tempo, entretanto, via que todas estas inefáveis realizações, custariam a seu Filho as dores, ignominias, afrontas e tormentos de sua paixão e finalmente a morte de cruz, tão dura e amarga. Tudo Ele padecia na humanidade que d'Ela recebera, e grande número dos filhos de Adão, lhe seriam ingratos e perderiam o copioso fruto da Redenção.

Esta ciência enchia de dolorosa amargura o cândido coração da piedosa Mãe, mas sendo vivo retrato de seu Filho

santíssimo, todos estes sentimentos e operações cabiam, ao mesmo tempo, em seu magnânimo e grande coração. Não se perturbou, não se alterou, não deixou de consolar e instruir as santas mulheres que a acompanhavam, sem perder as alturas das inteligências, com salutares conselhos e palavras de vida eterna.

Oh! Mestra admirável e exemplo mais do que humano para imitarmos! Verdade é que nosso arroio, em comparação daquele oceano de graça e de luz, é imperceptível. Mas, é também verdade que nossas penalidades e dores, em comparação daquelas, são quase aparentes e nada, pois Ela sozinha padeceu mais do que todos os filhos de Adão juntos.

Apesar disso, nem por sua imitação e amor, nem pelo nosso bem eterno, sabemos sofrer com paciência a menor adversidade que nos sucede. Todas nos conturbam, alteram, e as recebemos de má vontade. Soltamos as paixões, reagimos com ira, nos impacientamos com desgosto; abandonamos a razão, todos os movimentos maus se descontrolam e ficam prontos para o precipício.

Por outro lado, o próspero nos deleita e derrama. Nada se pode fiar de nossa natureza infecta e manchada.

Nestas ocasiões, lembremo-nos de nossa divina Mestra para ordenar nossos desequilíbrios.

Oração de Cristo antes do lava-pés

1166. Terminada a ceia legal e estando os apóstolos bem instruídos, levantou-se Cristo nosso Senhor, como diz São João **(13,14)**, para lavar-lhes os pés.

Começou com outra oração ao Pai, prostrado em sua presença, como fizera antes da ceia, conforme fica dito. Esta oração não a fez vocal, mas mentalmente.

Disse: Meu eterno Pai, Criador de todo o universo, sou vossa imagem, gerado por vosso entendimento, e figura de vossa substância **(Heb 1, 3)**. Havendo me oferecido, por disposição de vossa santa vontade, para redimir o mundo com minha paixão e morte, quero, Senhor, com vosso beneplácito entrar nestes mistérios por meio de minha humilhação até o pó, a fim de que a altiva soberba de Lúcifer seja confundida pela humildade do vosso Unigênito.

Para deixar exemplo desta virtude aos meus apóstolos e à minha Igreja que deverá ser fundada sobre este seguro alicerce da humildade, quero, meu Pai, lavar os pés de meus discípulos. Lavarei até os de Judas, o último de todos, por causa da maldade que cometeu. Prostrando-me diante dele, com profunda e verdadeira humildade, oferecer-lhe-ei minha amizade e sua salvação. Sendo o maior inimigo que tenho entre os mortais, não lhe recusarei minha misericórdia e o perdão de sua traição. Se ele não o aceitar, céu e terra saberão que Eu lhe abri os braços de minha clemência, mas ele a desprezou com obstinação.

Amor e humildade de Cristo

1167. Para dar alguma idéia do ímpeto de amor divino com que o Salvador realizou estes atos, não existem palavras nem comparação adequadas. A atividade do fogo é fraca, lenta a correnteza do mar ou o movimento da pedra atraída ao seu centro, e débil qualquer força que quisermos imaginar nos elementos, dentro e fora de sua esfera.

Não podemos, porém, ignorar que somente seu amor e sabedoria poderiam inventar tal espécie de humildade: o supremo da divindade e da humanidade humilhar-se até o mais ínfimo do homem, os

pés, e estes os do pior dos nascidos, Judas. Não bastando isso, no mais imundo e desprezível colocaria sua boca, aquele que era a palavra do eterno Pai, o Santo dos Santos, a mesma bondade por essência. O Senhor dos senhores, o Rei dos reis, prostrando-se diante do pior dos homens para justificá-lo, se compreendesse e aceitasse este favor, jamais suficientemente ponderado e estimado.

O lava-pés

1168. Levantou-se nosso divino Mestre da oração, e de pé, com formoso, sereno e aprazível semblante, mandou seus discípulos sentar, por ordem, como se eles fossem senhores, e o Senhor, servo.

Tirou o manto que trazia sobre a túnica inconsútil que lhe chegava até os pés. Nessa ocasião, calçava sandálias, pois às vezes as tirava para andar descalço em suas pregações. Eram as que sua Mãe santíssima lhe calçara no Egito, e foram crescendo na medida que cresciam seus pés, como fica dito em seu lugar.

Tirado o manto que o Evangelista **(13, 4)** designa por "vestes", recebeu uma toalha ou amplo avental que prendeu à cintura. Derramou água numa bacia **(Jo 13, 5)** para lavar os pés dos apóstolos que, admirados, observavam o que o divino Mestre ia fazendo.

Resistência de São Pedro

1169. Chegou-se ao chefe dos apóstolos, São Pedro, para começar o lava-pés. O fervoroso apóstolo viu, prostrado a seus pés, o Senhor que havia conhecido e confessado por Filho de Deus vivo. Renovando interiormente esta fé com nova luz que o esclarecia, conhecendo com profunda humildade a própria baixeza, entre perturbação e espanto, lhe diz **(Jo 13, 6)**: Tu, Senhor, vais me lavar os pés?

Respondeu Jesus, nosso bem, com incomparável mansidão: O que faço agora não compreendes, depois entenderás. Queria dizer: obedece agora à minha vontade e não anteponhas teu próprio parecer, invertendo a ordem das virtudes. Primeiro tens de suspender teu juízo, crendo que é conveniente o que Eu faço e, depois de ter crido e obedecido, entenderás os ocultos mistérios de meus atos, a cuja compreensão deves entrar pela porta da obediência. Sem esta, o entendimento não pode ser verdadeiramente humilde, mas sim presunçoso.

Tua humildade não se pode antepor à minha. Eu me humilhei até à morte **(Filp 2, 8)**, e para humilhar-me tanto, obedeci. Tu que és meu discípulo, não estás seguindo minha doutrina, e sob pretesto de humildade estás desobedecendo. Pervertendo a ordem, te privas, ao mesmo tempo, da humildade e da obediência, por seguir a presunção de teu próprio juízo.

Ameaça de Jesus

1170. Não entendeu São Pedro esta doutrina encerrada na primeira resposta de seu Senhor e Mestre, pois embora estivesse em sua escola, não chegara a experimentar os divinos efeitos de seu contato naquele lavabo.

Confuso, no indiscreto sentimento de sua humildade, replicou ao Senhor **(Jo 13, 8)**: Jamais, Senhor, permitirei que me laves os pés.

Respondeu-lhe com mais severidade o Autor da vida: Se Eu não te lavar, não terás parte comigo.

Com esta resposta e ameaça, o Senhor canonizou a segurança da obediência. Ao juízo humano, parece que São

Pedro tinha alguma desculpa em resistir a um fato tão inaudito. Não cabia em capacidade humana que um homem, terreno e pecador, tivesse a seus pés, prostrado, o próprio Deus que conhecia e adorava.

Tal desculpa, porém, não foi aceita, porque o divino Mestre não podia errar no que estava fazendo, e quando não se conhece, com certeza, que existe engano em quem manda, a obediência deve ser cega, sem procurar razões para dela se eximir.

Neste mistério, queria nosso Salvador reparar a desobediência de nossos primeiros pais Adão e Eva, pela qual o pecado entrara no mundo **(Rom 5, 19)**. Pela semelhança e participação que a obediência de São Pedro tinha com ela, Cristo Senhor nosso o ameaçou com um castigo semelhante na essência: se não obedecesse não teria parte com Ele. Isto significava excluí-lo dos méritos e frutos de sua redenção, pelos quais nos tornamos aptos à participação de sua amizade e de sua glória.

Ameaçou também de lhe recusar a participação de seu corpo e sangue, que logo iria sacramentar nas espécies de pão e vinho. Aqui desejava o Senhor dar-se, não em parte mas totalmente, e ardentemente queria comunicar-se por este misterioso modo. Apesar de tudo, a desobediência poderia privar o apóstolo deste amoroso favor, se nela se obstinasse.

Submissão de São Pedro e dos outros Apóstolos

1171. A ameaça de Cristo, nosso bem, deixou São Pedro tão assustado e instruído que, com excelente submissão, respondeu prontamente **(Jo 13, 9)**: Senhor, não somente dou os pés, mas ainda as mãos e a cabeça para que me laveis inteiramente.

Quis dizer: ofereço meus pés para correr á obediência, minhas mãos para executá-la e minha cabeça para não seguir meu próprio juízo em desacordo com ela:

Aceitou o Senhor esta sujeição de São Pedro e lhe disse **(Jo 13, 10)**: Vós estais limpos, ainda que nem todos - por estar entre eles o imundíssimo Judas - e quem está limpo, só precisa lavar os pés.

Isto disse Cristo, Senhor nosso, porque os discípulos, com exceção de Judas, estavam justificados e limpos do pecado, por sua doutrina; só necessitavam purificar-se das imperfeições das culpas leves ou das veniais, para se aproximarem da comunhão com maior pureza e disposição. Assim é necessário para se receber seus divinos efeitos com maior plenitude e eficácia, o que muito impedem os pecados veniais, distrações e tibieza.

Jesus lavou os pés de São Pedro e, em seguida, aos dos demais que obedeceram cheios de assombro e emoção, recebendo nesse lavabo novas luzes e dons da graça.

Judas no lava-pés

1172. Chegou o divino Mestre a Judas, cuja traição e perfídia não lhe puderam extinguir a caridade, nem impedir de a manifestar com maiores demonstrações do que aos outros apóstolos. Com afável semblante e carinho, se pôs a seus pés, lavou-os , beijou-os e apertou-os ao peito. Interiormente, enviou ao coração de Judas grandes inspirações, de acordo com o estado e a necessidade daquela depravada consciência.

Estas graças foram maiores para Judas do que para os outros Apóstolos. Sua disposição, porém, era péssima. Contraíra hábitos viciosos intensos, chegara voluntariamente a dura obstinação, e se encontrava com as potências da alma e o entendimento perturbados e enfraquecidos. Afastara-se completamente de Deus, entregando-se ao demônio que se instalara em seu coração, como num trono de maldade. Em tal estado, resistiu a todos os favores e inspirações que recebeu durante o lava-pés, contribuindo para isso também o medo dos escribas e fariseus, se faltasse ao contrato feito com eles.

A presença exterior de Cristo e a força interior de seus auxílios, parecia agir de modo irresistível sobre seu entendimento, desencadeando em sua tenebrosa consciência violenta borrasca. Encheu-se de confusão e azedume, inflamou-se de raiva e despeito que o separaram do Mestre e Médico que lhe queria proporcionar salutar remédio. Converteu a medicação em veneno mortal e fel amaríssimo de maldade, na qual estava mergulhado.

Obstinação do traidor

1173. A maldade de Judas resistiu à virtude do contato daquelas divinas mãos, nas quais o eterno Pai havia depositado todos os tesouros (**Jo 13,3**), o poder de fazer prodígios e de enriquecer todas as criaturas.

Ainda que a consciência de Judas não tivesse recebido outros auxílios, resistir aos que realizava nas almas a presença da santíssima pessoa do Senhor da vida, supunha no infeliz discípulo, malícia que ultrapassa qualquer ponderação.

Era a pessoa de Cristo, nosso bem, fisicamente perfeitíssima e cativante; o semblante grave, sereno, de beleza aprazível e afável; os cabelos à moda dos nazarenos, castanhos dourado; os olhos grandes com suma doçura e majestade; a boca, o nariz, todo o rosto extremamente proporcionado, de expressão suave e encantadora. Todos os que o olhavam, com sincero coração, eram atraídos à sua veneração e amor.

A isto se acrescentava gozo interior e admirável iluminação que gerava na alma divinos pensamentos e afetos.

Esta pessoa de Cristo tão amável e venerável, Judas viu a seus pés, prodigalizando-lhe novas demonstrações de agrado e maiores impulsos que os ordinários. Sua perversidade, porém, foi tanta, que nada pôde dobrar nem abrandar seu endurecido coração. Pelo contrário, irritou-se com a suavidade do Senhor, não quis encará-lo nem lhe dar atenção. Desde que perdera a fé e a graça, começou a odiar Jesus e sua Mãe santíssima e nunca os olhava de frente.

De certo modo, maior foi o terror que sentiu Lúcifer na presença de Cristo, nosso Salvador. Conforme disse, este inimigo instalara-se no coração de Judas, e não podendo suportar a humildade que o divino Mestre estava a praticar com os apóstolos, pretendeu fugir de Judas e do Cenáculo.

O Senhor, todavia, com seu poder não consentiu que Lúcifer se retirasse, mas constrangeu-o a ficar ali e ver esmagada sua

soberba. Depois foi expulso, como direi adiante[1], e saiu cheio de furor e suspeitas de que Cristo seria verdadeiro Deus.

Últimos ensinamentos de Cristo

1174. Terminado o lava-pés, nosso Salvador tornou a vestir o manto, assentou-se no meio de seus discípulos e fez aquele grande sermão referido pelo evangelista São João.

Começou dizendo: Sabeis o que Eu fiz convosco? Chamais-me Senhor e Mestre, e dizeis bem porque o sou **(Jo 13, 13)**. Pois se Eu, que sou vosso Mestre e Senhor, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Dei-vos este exemplo para que façais como acabo de fazer. O discípulo não deve ser mais do que o Mestre, o servo mais do que o Senhor, nem o apóstolo maior de quem o envia.

Continuou Jesus ensinando, admoestando e preparando os apóstolos com doutrina que não me detenho a repetir, remetendo-me aos Evangelistas.

Este sermão esclareceu novamente os apóstolos sobre os mistérios da Santíssima Trindade, da Encarnação, e os preparou para o da Eucaristia, confirmando a compreensão que haviam recebido da grandeza e profundidade de sua pregação e milagres.

Os mais iluminados foram Pedro e João, pois cada apóstolo recebeu conhecimento, na medida da própria disposição e da vontade divina.

São João refere as perguntas que, a instância de Pedro, fez a Cristo nosso Senhor, sobre quem seria o traidor que o entregaria, conforme Jesus mesmo dera a entender. Fez estas perguntas, enquanto estava reclinado no peito de seu divino Mestre **(Jo 13, 23)**. São Pedro desejou saber, para vingar ou impedir, com o fervor do amor por Cristo que ardia em se coração e costumava demonstrar mais do que os outros. São João, porém, não lho revelou, ainda que o conheceu pelo sinal do bocado que Jesus deu a Judas. Guardou segredo, praticando a caridade que aprendera na escola de seu divino Mestre.

Privilégios de São João

1175. São João foi o privilegiado com este favor e outros muitos, quando esteve reclinado sobre o peito de Jesus. Conheceu altíssimos mistérios de sua divindade e humanidade, e da Rainha do céu, sua Mãe santíssima. Foi nesta ocasião que Jesus a confiou aos seus cuidados, pois na cruz não lhe disse, Ela será tua Mãe nem, Ele será teu filho, mas sim: eis aí tua Mãe, manifestando, em público, o que já lhe havia ordenado antes.

De todos estes mistérios que se passaram durante o lava-pés, e das palavras do divino Mestre, tinha sua Mãe puríssima clara visão, como noutras vezes tenho dito, e por tudo oferecia cânticos de louvor e glória ao Altíssimo. Ao se realizarem estas maravilhas do Senhor, ela as contemplava não como quem as ignorava, mas sim como quem vê realizar-se o que já sabia e tinha gravado no coração, como nas tábuas de Moisés estava impressa a lei **(Deut 5, 22)**.

Informava e esclarecia as santas discípulas que a acompanhavam, de quanto convinha, reservando o que ainda não eram capazes de compreender.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA DO MUNDO MARIA SANTÍSSIMA.

A suprema caridade.

1176. Minha filha, como esposa e discípula caríssima, quero que imites ao

1 - nº 1189.

máximo as três principais virtudes que meu Filho e Senhor praticou, na ocasião que descrevestes neste capítulo. São: a caridade, a humildade e a obediência, nas quais Ele quis se distinguir mais, no fim de sua vida santíssima.

É certo que, a partir do momento em foi concebido em meu seio pelo Espírito Santo, manifestou seu amor pelos homens e para eles realizou tão admiráveis obras. No fim de sua vida, entretanto, quando estabeleceu a lei evangélica e Novo Testamento, irrompeu com mais força a chama da inflamada caridade e amoroso fogo que ardia em seu coração. Nesta ocasião, a caridade de Cristo, nosso Senhor, pelos filhos de Adão, se revelou e agiu com toda sua eficácia.

Da parte do Senhor, concorreram as dores da morte que o cercavam(**Sl 114, 3**), e da parte dos homens a aversão ao sofrimento, a recusa do bem, a suma ingratidão e perversidade. Tratavam de tirar a honra e a vida, a quem lhes estava dando a sua, a fim de os salvar. Nesta contradição, elevou-se ao máximo o amor que não podia se extinguir (**Cânt 8, 7**), e encontrou ainda mais engenhosos meios, para permanecer entre os homens, apesar de os ter que deixar. Ensinou-lhes com o exemplo, doutrina e obras, os meios seguros e eficazes para participarem dos efeitos de seu divino amor.

A verdadeira caridade

1177. Nesta arte de amar por Deus ao teu próximo, quero que sejas muito sábia e industriosa. Farás isto, quando as mesmas injúrias e penalidades que te fizerem, te despertarem a força da caridade. Terás certeza que ela é verdadeira, quando da parte da criatura, não te inclinarem nem os benefícios nem as lisonjas. Amar a quem te faz bem, ainda que seja dever, não sabes se o amas por Deus ou pela utilidade que recebes. Neste caso, seria amar por interesse, mais a ti mesma, do que ao próximo por Deus.

Quem ama por outros fins ou motivos de lisonja, nem conhece o amor de caridade, porque está possuído pelo cego amor próprio de seu deleite. Se amares a quem não te solicita por tais meios, terás então por principal motivo e objeto o mesmo Senhor, a quem amarás em sua criatura, seja ela quem for. Conforme tuas forças e as ocasiões que se apresentarem, deves praticar a caridade tanto corporal como espiritual.

Como tens menos possibilidade de praticar a corporal, exercita-te sempre generosamente na espiritual, como o Senhor o quer. Com orações, súplicas, devoções, e também com prudentes e santas exortações, procura o bem espiritual das almas. Lembra-te que meu Filho e Senhor nunca fez um benefício temporal, sem o acompanhar de um espiritual, pois suas divinas obras teriam sido menos perfeitas, se lhes faltasse essa plenitude.

Daqui entenderás a preferência que se deve dar aos benefícios para a alma, os quais devem ser pedidos sempre em primeiro lugar. Os homens terrenos ordinariamente pedem, às cegas, os bens temporais, esquecendo os eternos e os que se referem à verdadeira amizade e graça do Altíssimo.

Humildade

1178. A humildade e a obediência foram engrandecidas por meu Filho santíssimo no ato do lava-pés. Com a luz interior que tens deste raro exemplo, será muito duro teu coração e indócil à ciência do Senhor, se não te humilhares mais que o pó.

Fica pois, convencida, desde já: nunca digas, nem imagines que te humi-

lhaste suficientemente, ainda que sejas desprezada e posta aos pés de todas as criaturas, por pecadores que sejam, pois nenhum será pior que Judas, nem tu podes ser como teu Mestre e Senhor. Se mereceres que te favoreça e honre com esta virtude da humildade, será dando-te um gênero de perfeição que te tornará digna do título de esposa sua e participante de certa igualdade com Ele. Sem esta humildade, nenhuma alma pode ser elevada a tal excelência e participação.

O alto deve antes se abaixar, e o humilhado é o que se pode e deve exaltar **(Mt 23, 12)**. Sempre a alma é elevada, na medida em que se humilha e aniquila.

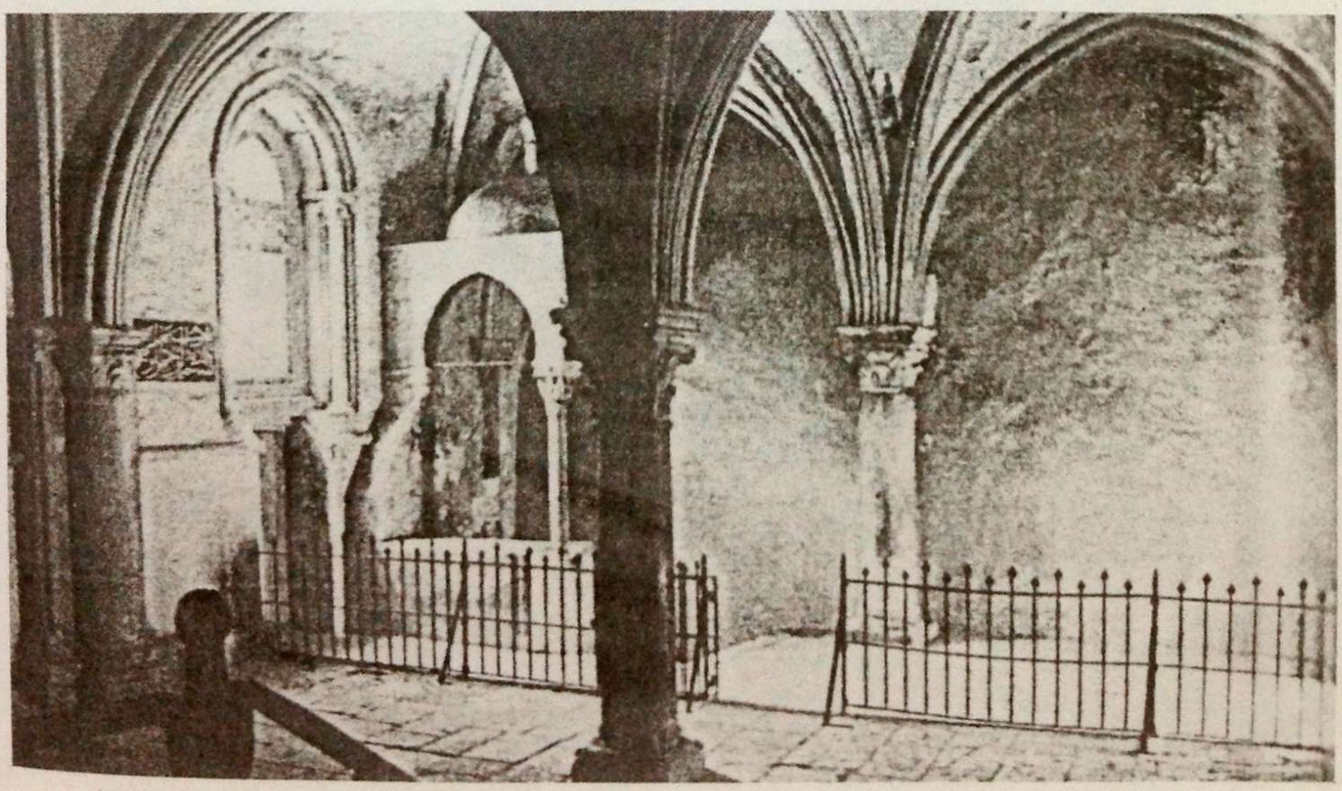
Obediência

1179. Para não perderes esta jóia da humildade, quando julgas que a praticas, advirto-te que seu exercício não se deve antepor à obediência, nem se regular pelo próprio ditame, mas pelo do superior. Se preferires teu próprio juízo ao de quem te governa, ainda que seja sob pretexto de humildade, virás a ser soberba, pois não só não te pões no último lugar, mas te elevas acima do juízo de quem é teu superior.

Daqui ficarás advertida do erro que podes cometer furtando-te, como São Pedro, em aceitar os favores e benefícios do Senhor. Com tal atitude, te privarás não só dos dons e tesouros que recusas, mas do maior deles, a própria humildade, aquele que pretendes conservar. Frustrar-se-á também a exaltação do nome do Senhor e o agradecimento que lhe deves pelos altos fins de suas obras.

Não te cabe sondar os seus ocultos e inescrutáveis desígnios, nem corrigi-los por tuas razões e pelos motivos que, em teu julgamento, te fazem indigna de receber tais favores, ou de realizar tais obras. Tudo isto é semente da soberba de Lúcifer, disfarçada em aparente humildade. Ele pretende te indispor à participação do Senhor, dos seus dons e amizade, como tanto desejas.

Seja-te pois, regra absoluta, que aprovando teus confessores e prelados os benefícios e favores do Senhor, os creias, aceites, estimes e agradeças com digna reverência. Não andes vacilando com novas dúvidas e temores, mas procede com fervor e serás humilde, obediente e mansa.



Jerusalém. Interior do Cenáculo. A atual sala gótica data de 1342 e é obra dos Franciscanos. As dimensões são as mesmas da sala do tempo de Jesus.

Maria recebe a sagrada Eucaristia.

CAPÍTULO 11

CRISTO CELEBRA A CEIA SACRAMENTAL, CONSAGRANDO NA EUCARISTIA SEU SAGRADO CORPO E SANGUE. MARIA SANTÍSSIMA COMUNGOU. OUTROS MISTÉRIOS DESSA OCASIÃO.

Receios da Escritora

1180. É cheia de temor que começo a tratar do mistério dos mistérios, a inefável Eucaristia e sua instituição.

Elevo o olhar da alma para receber a luz divina que me dirige e governa nesta obra, e participando na inteligência de tantas maravilhas sagradas, na mesma luz vejo e temo a minha insignificância.

Minhas potências se confundem e não encontro nem posso dar adequada explicação para o que vejo, ainda que seja muito menos de quanto entendo.

Apesar de ignorante nos termos e sem habilidade nas potências, falarei para não faltar à obediência, e para continuar a história do que, nestas maravilhas, realizou a grande Senhora do mundo, Maria santíssima.

Se não falar com a propriedade exigida pela matéria, sirvam-me de desculpa minhas condições e deslumbramento.

Não é fácil traduzir em palavras o que a vontade deseja entender apenas pelo sentimento, e gozar a sós o que não pode nem convém manifestar.

Preparativos da ceia sacramental

1181. Cristo, nosso bem, celebrou a ceia legal, reclinado no chão com os apóstolos, junto a uma mesa ou estrado, com seis ou sete dedos de altura acima do solo. Assim era o costume dos judeus.

Terminado o lava-pés, mandou preparar outra mesa alta, como agora usamos para comer. Encerrava assim as ceias legais e figurativas, para inaugurar o banquete no qual fundava a nova lei da graça. Daqui se originou o costume que se conserva na Igreja católica, de consagrar em mesa ou altar elevado.

Estenderam sobre a mesa uma toalha muito rica. Sobre ela colocaram um prato ou bandeja e um copo grande em forma de cálice, suficiente para conter o vinho necessário, conforme a vontade de Cristo, nosso Salvador, que com seu divino poder e sabedoria tudo prevenia e dispunha.

Foi divinamente inspirado que o dono da casa lhe ofereceu estes vasos tão ricos, ornados de pedras preciosas. Mais tarde, quando chegou a ocasião oportuna, os apóstolos os usaram para consagrar.

Jesus sentou-se à mesa, com os doze apóstolos e alguns outros discípulos. Pediu que lhe trouxessem pão delgado[1], sem fermento e o colocou no prato. Em seguida, vinho puro que pôs no cálice.

1 - Pão achatado, de pouca espessura; mais ou menos na forma de bolacha. (N.T.)

Enoc, Elias e os Anjos no Cenáculo

1182. Fez o Mestre da vida uma prática afetuosíssima a seus apóstolos. Suas palavras divinas, que sempre penetravam até o fundo do coração, desta vez foram raios inflamados no fogo da caridade que os abrasavam em sua doce chama. Manifestou-lhes novamente altíssimos mistérios de sua divindade, humanidade e da Redenção.

Recomendou-lhes a paz **(Jo 14, 27)** e união de caridade, deixando-a vinculada àquele sagrado mistério que se preparava para realizar. Prometeu-lhes que, amando-se uns aos outros, seriam amados pelo eterno Pai, assim como Este o amava. Deu-lhes compreensão desta promessa e que os escolhera para fundar a nova Igreja e lei da graça.

Renovou-lhes a luz interior sobre a suprema dignidade, excelência e prerrogativa de sua puríssima Virgem Mãe. De todos estes mistérios, São João foi o mais iluminado, pelo ofício a que estava destinado.

De seu retiro, em divina contemplação, a grande Senhora ia presenciando tudo o que seu Filho santíssimo fazia no Cenáculo. Com profunda inteligência, penetrava e entendia mais que todos os Apóstolos e anjos que ali assistiam, como disse acima,(2) em figura corpórea, adorando a seu verdadeiro Senhor, Rei e Criador.

Estes anjos trouxeram Enoc e Elias ao Cenáculo, do lugar onde estes se encontravam. Quis o Senhor que estes dois Pais da lei natural e escrita, estivessem presentes à maravilhosa fundação da lei evangélica, e participassem de seus admiráveis mistérios.

O céu no Cenáculo

1183. Estando todos reunidos, esperando, com admiração, o que faria o Autor da vida, apareceu no Cenáculo a pessoa do Eterno Pai e a do Espírito Santo, como apareceu no Jordão e no Tabor.

Os apóstolos e discípulos sentiram alguns efeitos desta visão, mas só alguns a viram, entre estes São João que sempre teve penetrante e privilegiado olhar de águia para os divinos mistérios.

Todo o céu trasladou-se ao Cenáculo de Jerusalém, pois assim magnificamente fundou-se a Igreja do Novo Testamento, e se estabeleceu a lei da graça para nossa eterna salvação.

Para entender os atos do Verbo humanado, lembro que Ele possuía duas naturezas, humana e divina, numa só pessoa, a do Verbo. Por isto, as ações de ambas as naturezas pertencem à mesma pessoa, Deus e homem. Dizendo que o Verbo humanado falava e orava a seu eterno Pai, não se entenda que falava com a natureza divina, pela qual era igual ao Pai **(Jo 10, 30)**, mas sim com a humana, pela qual era menor **(Jo 14, 28)**, porque consta como a nossa, de corpo e alma.

Deste modo é que no Cenáculo louvou ao eterno Pai, exaltando-lhe a divindade e infinito ser. Em seguida, orou pelo gênero humano, dizendo:

Oração de Cristo

1184. Meu Pai e Deus eterno, eu te confesso, louvo e exalto no ser infinito de tua incompreensível divindade. Nesta, sou um Contigo **(Jo 10, 30)** e o Espírito Santo, gerado desde toda a eternidade pelo teu entendimento **(Sl 109, 3)**, figura de tua substância **(Heb 1, 3)**, de tua indivisa natureza.

Quero consumar a obra da redenção humana que encomendaste à natureza que assumi no seio virginal de minha Mãe. Quero fazê-lo com a suma perfeição e plenitude de vosso divino

2 - nº 1163.

agrado, passando deste mundo à vossa destra. Levarei a Ti todos os que me deste (**Jo 17, 12**), sem que nenhum se perca, pelo quanto depender de vossa vontade e da suficiência de sua redenção.

Minhas delícias são estar com os filhos dos homens (**Prov 8, 31**), e na minha ausência ficarão sós e órfãos, se os deixar sem minha assistência e presença. Quero, meu Pai, deixar-lhes penhor certo e seguro de meu inextinguível amor e da recompensa eterna que lhes tenho preparado. Quero deixar-lhes lembrança imperecível do que por eles tenho feito e sofrido. Quero que encontrem em meus merecimentos, remédio fácil e eficiente da participação que tiveram no pecado de desobediência do primeiro homem, e lhes seja copiosamente restaurado o direito que perderam à felicidade eterna, para a qual foram criados.

Súplica a favor dos homens

1185. Como poucos se conservarão na justiça, é necessário que tenham recursos para a recuperar e aumentar. Recebam outros altíssimos dons e favores de tua inefável clemência, para se justificarem e santificarem por diversos meios e caminhos, durante sua perigosa peregrinação terrestre.

Nossa vontade eterna em criá-los do nada à existência, foi para lhes comunicar nossa divindade, perfeições e eterna felicidade.

Teu amor, que me impeliu a nascer passível e a humilhar-me por eles até a morte de cruz (**Filip 2, 8**), não se contenta nem se satisfaz, se não inventar novos modos de se comunicar aos homens, segundo sua capacidade e nossa sabedoria e poder.

Isto deverá ser com sinais visíveis e concretos, apropriados à natureza sensível dos homens. Ao mesmo tempo, produzam efeitos invisíveis, dos quais participem suas almas imateriais.

Súplica à misericórdia do Pai

1186. Para estes altíssimos fins de vossa exaltação e glória, peço, Senhor e Pai meu, em meu nome e no de todos os pobres e aflitos filhos de Adão, o vosso fiat. Se as culpas deles provocam vossa justiça, sua miséria e necessidade clamam por vossa infinita misericórdia.

Junto a ela interponho as obras de minha humanidade, unida com laço indissolúvel à minha divindade; a obediência com que aceitei ser passível até morrer; a humildade com que me sujeitei aos homens e a seus depravados julgamentos; a pobreza e trabalhos de minha vida; as afrontas, paixão e morte; o amor com que tudo aceitei pela tua glória, para que sejas conhecido e adorado por todas as criaturas capazes de tua graça e tua glória.

Fizeste-me, Senhor e Pai meu, irmão e cabeça (**Colos 1, 18**) dos homens e de todos os eleitos que conosco gozarão de vossa divindade para sempre. Como filhos, sejam Comigo herdeiros de teus bens eternos (**Rom 8, 17**); como membros (**1 Cor 6, 15**), participem do influxo da cabeça, que lhes quero comunicar, segundo o amor de irmão que lhes tenho. Quero, quanto está de minha parte, trazê-los Comigo à tua amizade e participação.

Batismo, Confirmação e Penitência

1187. Com este imenso amor, Senhor e Pai meu, providencio desde agora, que todos os mortais possam, com o sacramento do Batismo, ser plenamente regenerados em tua amizade e graça.

Possam recebê-lo, assim que venham ao mundo, e renasçam para o teu

amor. Não tendo ainda uso de razão, a vontade de outros adultos suprirão a sua. Desde logo sejam herdeiros de tua glória; fiquem marcados por filhos de minha Igreja, com um sinal interior que jamais se apagará; fiquem limpos da mácula do pecado original; recebam o dom das virtudes da fé, esperança e caridade, para agirem como filhos, conhecendo-te, esperando e te amando por Ti mesmo.

Recebam também as virtudes para dominar e governar as paixões desordenadas pelo pecado, e conheçam claramente o bem e o mal. Seja este Sacramento a porta de minha Igreja, e o que torne os fiéis capazes de receber os demais Sacramentos e novos favores e benefícios de vossa graça.

Disponho também que, em seguida ao Sacramento do Batismo, recebam outro (a Confirmação) para serem confirmados na santa fé que professaram e devem testemunhar e defender com fortaleza, chegando ao uso da razão.

Como a fragilidade humana facilmente esmorecerá na observância de minha lei, e minha caridade não suportará deixá-la sem remédio fácil e oportuno, quero que sirva para isto o Sacramento da Penitência. Reconhecendo, contritos, suas culpas, e confessando-as, os fiéis recuperem o estado de graça; continuem a adquirir méritos para a glória que lhes prometi, e Lúcifer e seus sequazes não fiquem triunfantes por os ter privado do estado e segurança que tinham recebido no Batismo.

Eucaristia, Unção dos enfermos, Ordem e Matrimônio

1188. Justificados os homens por meio destes Sacramentos, estarão em condições de fruir a máxima participação que, em meu amor e Comigo, podem ter no desterro de sua vida mortal. Isto acontecerá recebendo-me sacramentado, por inefável modo, sob as espécies de pão e vinho; nas do pão deixarei meu corpo e nas do vinho deixarei meu sangue. Tanto no pão, como no vinho estarei todo, real e verdadeiramente. Assim disponho este misterioso Sacramento da Eucaristia, para me dar em forma de alimento adequado às condições humanas e ao estado de viadores. Por eles faço estas maravilhas, e com eles ficarei, por este modo, até o fim dos séculos futuros **(Mt 28, 20)**.

Para quando os homens chegarem ao fim da vida, instituo o sacramento da Unção dos Enfermos, para os purificar, defender e ser também penhor da ressurreição de seus corpos marcados com este Sacramento.

Todos os sacramentos se ordenam a santificar os membros do corpo místico de minha Igreja, e nela deverá haver perfeita ordem, tendo cada qual o seu conveniente ministério. Visto isso, quero que os ministros destes Sacramentos sejam estabelecidos por outro Sacramento que lhes confira o supremo grau de sacerdotes, em relação a todos os outros fiéis. Este sacramento será o da Ordem que os assinale, distinga e santifique com particular excelência. Este sacerdócio, todos o receberão de Mim, mas através de um chefe, meu Vigário, representante de minha Pessoa, supremo Sacerdote, a cuja vontade entrego as chaves do céu, e deverá ser obedecido por todos na terra.

Para maior perfeição de minha Igreja, instituirei o último sacramento, o Matrimônio, para santificar o vínculo natural que se ordena à propagação humana. Deste modo, todos os graus na Igreja fiquem enriquecidos e adornados por meus infinitos merecimentos.

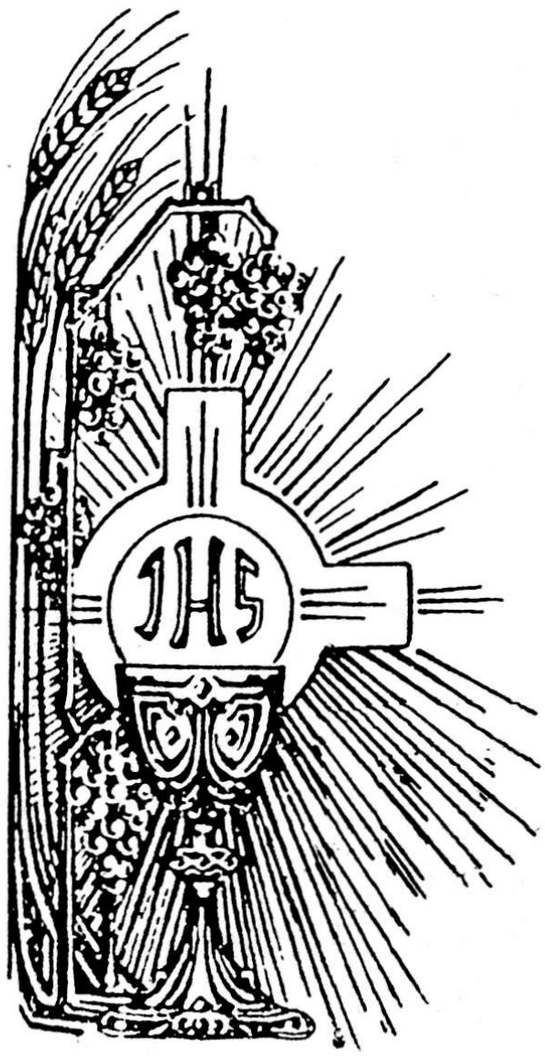
É esta, eterno Pai, minha última vontade, pela qual faço todos os mortais herdeiros de meus merecimentos que

deixo vinculados e depositados em minha nova Igreja.

Cooperação de Maria

1189. Esta oração foi feita por Cristo, nosso Redentor, na presença dos Apóstolos, mas sem demonstração exterior.

A Mãe santíssima, porém, que de seu retiro a presenciava e o acompanhava nela, prostrou-se em terra e ofereceu ao eterno Pai as petições de seu Filho. Nada podia acrescentar ao mérito das obras de seu Filho, mas como sua coadjutora, tomou parte nesta oração, como em outras ocasiões. Colaborava em atrair a misericórdia do eterno Pai ao ver seu Unigênito, não sozinho, mas sempre em companhia da Mãe. E o Pai aceitou as orações e súplicas de Filho e Mãe pela salvação dos homens.



Nesta ocasião, por ordem de seu Filho santíssimo, a Rainha fez outra coisa. Para entendê-la, é preciso advertir que Lúcifer esteve presente ao lava-pés dos apóstolos, como fica dito no capítulo passado. Pelo que viu Cristo, nosso bem, fazer, e por não lhe ter sido permitido sair do Cenáculo, sua astúcia deduziu que o Senhor preparava algum grande favor para os apóstolos. Ainda que o dragão se sentisse muito enfraquecido contra o Redentor, seu implacável furor e soberba quis sondar aqueles mistérios para intentar contra eles qualquer maldade.

Viu a grande Senhora este esforço de Lúcifer, e que seu Filho santíssimo remetia a Ela essa causa. Inflamada no amor e zelo da glória do Altíssimo, com poder de Rainha, ordenou ao dragão, e a todas suas quadrilhas, que imediatamente saíssem do Cenáculo e descessem às profundezas do inferno.

Maria repele os demônios

1190. O braço do Onipotente deu novo poder a Maria santíssima para esta façanha contra a rebeldia de Lúcifer, de modo que nem ele, nem seus demônios puderam resistir. Foram precipitados nas cavernas infernais, até que lhes fosse dada permissão para saírem e presenciarem a paixão e morte de nosso Redentor. Então, ficariam completamente vencidos e certos de que Cristo era o Messias Redentor do mundo, Deus e homem verdadeiro.

Daqui se entenda, que Lúcifer e os demônios estiveram presente à ceia legal e ao lava-pés dos apóstolos, e depois a toda a paixão. Não estiveram, porém, na instituição da sagrada Eucaristia, nem à sua recepção.

A grande Rainha elevou-se à mais elevada contemplação dos mistérios que aguardava, e os santos anjos cantaram-lhe

a glória de seu grande triunfo contra o dragão infernal. Ao mesmo tempo, Cristo, nosso bem, fez outro cântico glorificando e agradecendo ao eterno Pai, por lhe ter atendido os pedidos que fizera em benefício dos homens.

Instituição da Eucaristia

1191. Havendo decorrido o que tenho dito, Cristo, nosso Senhor, tomou em suas veneráveis mãos o pão que estava no prato. Interiormente, pediu ao Altíssimo que, naquele momento e depois na santa Igreja, estivesse real e verdadeiramente presente na hóstia, em virtude das palavras que ia pronunciar. Em seguida, elevou os olhos ao céu, com semblante de tanta majestade, que produziu aos anjos, aos apóstolos e à mesma Virgem Mãe, novo temor reverencial.

Pronunciou as palavras da consagração sobre o pão, transformando-o, por transubstanciação, em seu verdadeiro corpo. Depois tomou o cálice e consagrou o vinho em seu verdadeiro sangue.

No momento em que Cristo terminou de pronunciar as palavras, disse o eterno Pai: Este é meu Filho muito amado em quem tenho minha complacência e a terei até o fim do mundo; e Ele ficará com os homens, todo o tempo que durar seu desterro. O mesmo foi confirmado pela pessoa do Espírito Santo.

A humanidade santíssima de Cristo, na pessoa do Verbo, fez profunda reverência à Divindade no Sacramento de seu corpo e sangue.

Em seu retiro, a Virgem Mãe prostrou-se em terra e adorou seu Filho sacramentado, com incomparável reverência. O mesmo fizeram seus anjos custódios, e todos os anjos do céu. Depois deles, o adoraram Enoc e Elias respectivamente, por si e em nome dos antigos Patriarcas e Profetas das leis natural e escrita.

Primeiras adorações da Eucaristia

1192. Os apóstolos e discípulos, exceto o traidor Judas, crendo o grande mistério, cheios de fé o adoraram com profunda humildade e veneração, cada qual segundo a própria disposição.

Nosso grande Sacerdote Jesus Cristo, ergueu nas mãos seu próprio corpo e sangue consagrados, para ser adorado por todos os que assistiam esta primeira missa.

A esta elevação, receberam grande ilustração, sua Mãe puríssima, São João, Enoc e Elias. Conheceram, por especial modo, como nas espécies de pão estava Cristo inteiro, vivo e verdadeiro, pela inseparável união de sua alma santíssima com seu corpo e sangue; que estava presente a Divindade, e na pessoa do Verbo a do Pai e a do Espírito Santo; que, por estas uniões e inseparáveis concomitâncias encontravam-se na Eucaristia as três Pessoas, com a perfeita humanidade de Cristo, senhor nosso.

A divina Senhora conheceu tudo com mais profundeza, e os outros videntes, no grau de que eram capazes.

Conheceram também a eficácia das palavras da consagração e seu divino poder. Pronunciadas, com a intenção de Cristo, por qualquer sacerdote presente ou futuro, converteriam a substância do pão em seu corpo e a do vinho em seu sangue, permanecendo os acidentes sem sujeito e com novo modo de subsistir, sem desaparecer. Tudo isto, com certeza tão infalível, que antes faltará o céu e a terra do que a eficácia desta forma de consagrar, devidamente pronunciada pelo ministro e sacerdote de Cristo.

A presença de Cristo na eucaristia

1193. Nossa divina Rainha conheceu, por especial visão, como se encon-

trava o sagrado corpo de Cristo nosso Senhor oculto sob os acidentes do pão e do vinho, sem alterar esses acidentes, nem estes ao corpo, porque nem o corpo pode ser sujeito deles, nem eles podem ser forma do corpo.

Os acidentes permanecem com a mesma extensão e qualidades, antes e depois da consagração, ocupando o mesmo lugar que a hóstia. O corpo sagrado está de modo indivisível, inteiro, sem confusão entre suas partes. Está todo em toda a hóstia, e todo em qualquer parte dela, sem que a hóstia o amplie ou o reduza, nem o corpo faça o mesmo à hóstia. A extensão, porém, do corpo não tem relação com a extensão das espécies acidentais, nem a extensão destas com as do corpo santíssimo. Corpo e espécies têm diferentes modos de existência, e o corpo penetra a quantidade dos acidentes sem alterá-los.

Naturalmente falando, pediria diferente lugar e espaço, a cabeça, as mãos, o peito e o mais. Todavia, pelo poder divino, o corpo consagrado se põe, com sua extensão, num mesmo lugar. Não se sujeita ao espaço que naturalmente ocupa, é independente dessas leis naturais, pois sem elas pode ser corpo quantitativo. Também não fica num só lugar e numa só hóstia, mas em muitas ao mesmo tempo, ainda que sejam inumeráveis as hóstias consagradas.

Os milagres da transubstanciação

1194. Maria santíssima entendeu ainda que, embora o sagrado corpo não tivesse dependência natural dos acidentes, no modo como expliquei, contudo não se conservaria neles sacramentado, senão enquanto os acidentes de pão e vinho durassem sem se corromper. Assim o ordenou a vontade santíssima de Cristo, autor dessas maravilhas.

Esta determinação foi como que uma dependência, voluntária e moral, da existência milagrosa de seu corpo e sangue à existência incorrupta dos acidentes.

Quando eles se corrompem e destroem pelas causas naturais que os podem alterar - como acontece com o calor do estômago de quem recebe o Sacramento, ou por outras causas - então Deus cria de novo outra substância, no último instante em que as espécies estejam dispostas para receber essa transformação. Com esta nova substância, faltando já a existência do corpo sagrado, opera-se a nutrição do corpo que alimenta e se introduz a forma humana que é a alma.

Este prodígio de criar nova substância que assuma os acidentes alterados e corrompidos, é conseqüente à determinação da vontade divina, de não permanecer o corpo sagrado com a corrupção dos acidentes. É conseqüente também à natureza, porque a substância do homem que se alimenta, só pode aumentar com outra substância que se lhe acrescente, e os acidentes não podem continuar-se nesta substância.

Maria supre a ingratidão humana

1195. Todos estes, e outros milagres, a destra do Onipotente reuniu neste augustíssimo sacramento da Eucaristia. A todos a Senhora do céu e da terra entendeu e penetrou profundamente.

São João, os outros apóstolos e os Pais da antiga lei que ali se encontravam, também compreenderam, segundo a própria capacidade.

Vendo que este benefício tão grande era para todos, a Mãe puríssima conheceu também a ingratidão que os mortais mostrariam por mistério tão inefável, instituído para seu bem. Desde esse momento, encarregou-se de compensar e

suprir, com todas suas forças, nossa dureza e desagradecimento, dando Ela ao eterno Pai e a seu Filho santíssimo, as graças por maravilha tão rara a favor do gênero humano.

Esta atenção lhe durou toda a vida, e muitas vezes o fazia derramando lágrimas de sangue de seu ardentíssimo coração, para reparar nosso repreensível e grosseiro esquecimento.

Cristo comungando a Si mesmo

1196. Maior admiração me causa o que sucedeu ao mesmo Jesus, quando depois de elevar o santíssimo Sacramento para ser adorado pelos discípulos, partiu-o com suas sagradas mãos e comungou-se a Si mesmo, antes de todos, como primeiro e sumo sacerdote.

Reconhecendo-se, enquanto homem, inferior à Divindade que recebia em seu mesmo corpo e sangue consagrados, humilhou-se, retraiu-se e comoveu-se na parte sensitiva, manifestando duas coisas; primeira, a reverência com que se devia receber seu sagrado corpo; segunda, a dor que sentia na previsão da temeridade e audácia com que muitos chegariam a receber e tratar este altíssimo e eminente Sacramento.

Os efeitos que a Comunhão produziu no corpo de Cristo, nosso bem, foram divinos e admiráveis. Por alguns momentos, n'Ele redundaram os dotes da glória de sua alma santíssima, como no Tabor. Esta maravilha, porém, foi vista só por sua Mãe puríssima, e um pouco por São João, Enoc e Elias.

Este favor, foi o último, de repouso e gozo, que a humanidade santíssima recebeu em sua parte inferior, até sua morte.

A Virgem Mãe teve também especial visão de como Cristo recebeu-se sacramentado, e como esteve em seu divino peito, o mesmo que se recebia. Esta visão produziu grandiosos efeitos em nossa Rainha e Senhora.

Permanência eucarística na Virgem

1197. Ao comungar-se, Cristo fez um cântico de louvor ao eterno Pai, oferecendo-se sacramentado pela salvação humana. Separou uma partícula do pão consagrado e a entregou ao arcanjo São Gabriel, para que a levasse a Maria santíssima.

Este favor deixou os santos anjos como que satisfeitos e consolados, de que a dignidade sacerdotal, tão excelente, tocasse aos homens e não a eles. Só por levar nas mãos, em forma humana, o corpo sacramentado de seu verdadeiro Deus e Senhor, causou grande e novo gozo a todos eles.

A grande Senhora e Rainha esperava, entre muitas lágrimas, o favor da sagrada Comunhão, quando chegou São Gabriel acompanhado de inúmeros anjos. Recebeu-a da mão do príncipe celeste, sendo a primeira a comungar, depois de seu Filho santíssimo, imitando-o na humildade, reverência e santo temor.

O santíssimo Sacramento ficou depositado no peito de Maria santíssima sobre o coração, legítimo sacrário e tabernáculo do Altíssimo. Ali permaneceu todo o tempo desde aquela noite até depois da ressurreição, quando São Pedro consagrou na primeira missa, como direi adiante[3].

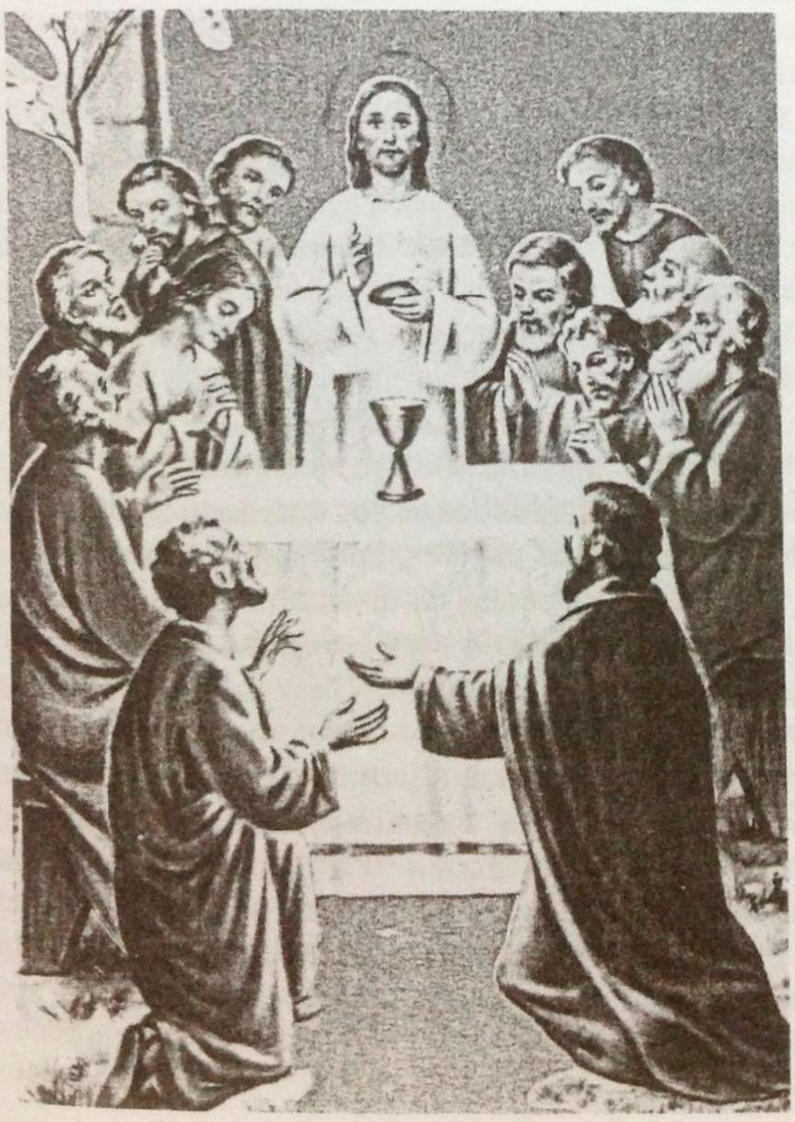
O Senhor todo-poderoso operou este prodígio, tanto para consolo da grande Rainha, como para cumprir, antecipadamente, a promessa que depois faria à sua Igreja, de estar com os homens até o fim dos tempos **(Mt 28, 20)**.

No prazo que mediou entre sua morte e a consagração de seu corpo e

3 - 3ª parte, nº 112.

sangue, sua humanidade santíssima não poderia estar na Igreja, por outro modo. Permaneceu este verdadeiro maná depositado em Maria santíssima, arca viva, juntamente com toda a lei evangélica, conforme estava figurado na arca de Moisés **(Heb 9, 4).**

Durante esse tempo, não se consumiram nem alteraram as espécies sacramentais no peito desta Senhora e Raïnha do céu, que agradeceu ao eterno Pai e a seu Filho santíssimo com novos cânticos, imitando as ações de graças que o Verbo divino fizera.



Sacerdócio dos Apóstolos. Comunhão de Enoc e Elias

1198. Depois que a divina Princesa comungou, nosso Salvador deu o pão consagrado aos apóstolos **(Lc 22, 17)**, mandando-lhes que o repartissem e o dessem uns aos outros. Com estas palavras, conferiu-lhes a dignidade sacerdotal que começaram a exercitar comungando pelas próprias mãos. Fizeram-no com suma reverência, derramando copiosas lágrimas e dando culto ao corpo e sangue de nosso Redentor.

Segundo a preeminência de antiguidade, receberam os poderes sacerdotais, e foram constituídos fundadores da Igreja do evangelho **(Ef 2, 20).**

Em seguida, por ordem de Cristo nosso Senhor, São Pedro deu a comunhão aos dois antigos Pais, Enoc e Elias. Com o gozo e efeitos desta comunhão, foram confortados novamente, para esperar a visão beatífica, até o fim do mundo, conforme determinou a vontade divina.

Os dois Patriarcas deram fervorosos louvores e humildes ações de graças ao Todo-poderoso por este favor, e foram restituídos a seu lugar, por ministério dos santos anjos.

O Senhor realizou este prodígio, para dar penhor e participação de sua Encarnação, Redenção e Ressurreição geral às leis antiga, natural e escrita, pois o sacramento da Eucaristia encerra em si todos estes

mistérios. Administrada aos dois santos Enoc e Elias, que estavam vivos em carne mortal, estendeu esta participação aos estados da lei natural e escrita.

Os demais que a receberam, pertenciam à nova lei da graça cujos pais eram os apóstolos. Assim o compreenderam Enoc e Elias, e em nome dos demais santos de suas leis, deram graças a seu e nosso Redentor, por este oculto benefício.

Judas e a comunhão

1199. Durante a comunhão dos apóstolos, aconteceu outro oculto milagre. O pérfido e traidor Judas, vendo que seu divino Mestre ia dar a comunhão aos apóstolos, não tendo fé, determinou não a receber. Se pudesse, esconderia o sagrado corpo para mostrá-lo aos pontífices e fariseus, vituperando o Mestre que dizia ser aquele pão o seu corpo. Isto poderia lhes servir de acusação contra Jesus. Caso não pudesse fazer isso, tencionava algum outro ultraje ao divino Sacramento.

A Senhora e Rainha do céu, por visão claríssima, via tudo o que se passava: a disposição interior e exterior dos apóstolos ao receberem a sagrada Comunhão, seus efeitos e afetos, e também os execráveis planos do obstinado Judas. Inflamou-se toda no zelo da glória de seu Senhor, como Filha, Esposa e Mãe. Conhecendo que era sua vontade que, naquela ocasião, usasse de seu poder de Mãe e Rainha, mandou a seus anjos que, sucessivamente, tirassem da boca de Judas o pão e o vinho consagrados, e o tornassem a colocar no prato e no cálice. Naquela ocasião, incumbia-lhe defender a honra de seu Filho santíssimo, impedindo que Judas o profanasse com a ignomínia que maquinava.

Os anjos obedeceram, e quando o péssimo Judas ia comungar, tiraram-lhe da boca, uma após a outra, as espécies sacramentais. Purificando-as do contato daquele imundíssimo lugar, colocaram-nas ocultamente entre as demais, e assim o Senhor encobriu ainda a honra de seu inimigo e obstinado apóstolo. Estas es-pécies foram depois recebidas pelos outros que comungaram depois de Judas, pela ordem de antiguidade, pois ele não foi nem o primeiro nem o último que comungou, e o ato dos santos anjos foi instantâneo.

Deu nosso Salvador graças ao eterno Pai, e com isto terminou os mistérios das ceias legal e sacramental, principiando os de sua paixão que descreverei nos capítulos seguintes.

A Rainha dos céus continuava atenta a todos, admirando-se, louvando e glorificando ao altíssimo Senhor.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

O tesouro da Eucaristia

1200. Oh! minha filha, se os que professam a santa fé católica abrissem os corações, pesados e endurecidos, para receberem a verdadeira compreensão do sagrado mistério e dom da Eucaristia! Oh! se desvencilhados e abstraídos dos afetos terrenos e controlando suas paixões, aplicassem a fé viva para entender, na divina luz, a felicidade de ter consigo o Deus eterno sacramentado, podendo-o receber e participar dos frutos deste divino maná celeste! Se, dignamente, conhecessem esta grande dádiva! Se estimassem este tesouro! Se saboreassem sua doçura! Se com ela participassem da virtude oculta de seu Deus onipotente! Depois disso, nada lhes restaria para desejar, nem temer em seu desterro!

Nos felizes tempos da lei da graça, não se devem lamentar os mortais de que as paixões e fragilidades os afligem, pois neste pão celeste têm à mão a saúde e a fortaleza. Nem se queixem das tentações e perseguições do demônio, pois com o bom uso deste inefável Sacramento o vencerão gloriosamente, se para isto dignamente o freqüentam.

Não atender a este mistério e não se valer de sua virtude infinita para todas as necessidades e trabalhos, é culpa dos fiéis, pois para seu remédio o ordenou meu Filho santíssimo. Em verdade te digo, caríssima, que Lúcifer e seus demônios temem de tal modo a Eucaristia, que aproximar-se de sua presença lhes causa maiores tormentos do que estar no inferno.

Muito embora entrem nos templos para tentar as almas, tem que se violentar e sofrer cruéis penas a troco de derrubar uma alma, e incitá-la a cometer um pecado, ainda mais nos lugares sagrados e na presença da Eucaristia. O ódio que nutrem contra Deus e as almas, os compele a se exporem ao tormento de se aproximar de Cristo, meu Filho, sacramentado.

Poder da Eucaristia

1201. Quando é levado em procissão pelas ruas, ordinariamente fogem a toda pressa. Não se atreveriam a se aproximar dos acompanhantes, se não fôra a esperança adquirida por longa experiência, de que vencerão alguns, fazendo-os perder a reverência pelo Senhor. Por isto, trabalham muito em tentar nos templos. Sabem quanta injúria se faz ao Senhor ali sacramentado, a espera de que os homens lhe correspondam o amor que tão gene-rosamente lhes demonstra.

Daqui entenderás, o poder que adquire sobre os demônios, quem dignamente recebe este sagrado pão dos anjos. Se os homens o freqüentassem com devoção e pureza, procurando conservar-se nestas disposições, de uma a outra comunhão, seriam temidos pelos demônios. Muito poucos, porém, tem este zelo, enquanto o inimigo fica alerta, espreitando e trabalhando para que se esqueçam, se esfriem e distraiam, e não se valham contra eles de arma tão poderosa.

Grava esta doutrina em teu coração. Sem mereceres, ordenou o Altíssimo, por meio da obediência, que cada dia participes deste sagrado Sacramento, recebendo-o. Esforça-te por permanecer no estado em que te pões para uma comunhão, até a outra. É vontade do Senhor e minha, que traves com esta espada as guerras do Altíssimo, em nome da santa Igreja. Combate seus inimigos invisíveis que, atualmente, afligem e entristecem tanto à Senhora das nações **(Trenos 1,1)**, sem haver quem a console, nem atentamente o considere. Chora por esta causa e parta-se o teu coração de dor.

O onipotente e justo Juiz acha-se indignado contra os católicos que irritam sua justiça, com pecados tão frequentes e desmedidos, apesar da santa fé que professam. Não há quem considere, pese e tema tão grande dano, nem recorra ao remédio que poderiam solicitar, com o bom uso do divino sacramento da Eucaristia, chegando-se a ele de coração contrito, humilhado e protegido por minha intercessão.

Recompensa do amor à Eucaristia

1202. Nos filhos da Igreja esta culpa é gravíssima, mas é ainda mais repreensível nos maus e indignos sacerdotes. A irreverência com que eles tratam o santíssimo Sacramento do altar, dá ocasião a diminuir nos demais católicos a estima que lhe devem. Se o povo visse os

sacerdotes se aproximarem dos divinos mistérios com temor e tremor reverencial, seriam levados a tratar e receber com igual devoção a seu Deus sacramentado.

Os que assim fazem, resplandecem no céu como o sol entre as estrelas. Os que trataram e receberam meu Filho santíssimo com toda reverência, gozarão especial luz e resplendor de glória, participação da mesma glória de sua Humanidade santíssima. O mesmo não terão os que não freqüentaram com devoção a sagrada Eucaristia. Além disto, serão vistos nos corpos gloriosos daqueles, uns brilhantes e mui formosos sinais ou divisas no peito, em testemunho de haverem sido dignos tabernáculos do santíssimo Sacramento.

Isto lhes servirá de grande gozo acidental, de júbilo e louvor para os anjos, e de admiração para todos. Receberão ainda outro prêmio acidental: verão e compreenderão, com especial inteligência, o modo como meu Filho santíssimo está na Eucaristia, e todos os milagres nela encerrados. Será tão grande este gozo, que só ele bastaria para alegrá-los eternamente, se não houvesse outro no céu. Quanto à glória essencial dos que, com a devida pureza e devoção, receberam a Eucaristia, igualará, e em muitos excederá, a alguns mártires que não a receberam.

Humildade na recepção da Eucaristia

1203. Quero também, minha filha que, de minha boca, ouças a apreciação que de Mim fazia quando, na vida mortal, ia receber meu Filho e Senhor sacramentado. Para melhor o entenderes, renova em tua memória tudo o que compreendeste sobre os dons, graças, obras e merecimentos de minha vida, conforme tenho te mostrado para o escreveres. Fui preservada em minha concepção, da culpa original, e naquele instante tive conhecimento e visão da divindade, conforme disseste muitas vezes. Recebi maior ciência do que todos os santos; no amor ultrapassei os supremos serafins; jamais cometi culpa atual; sempre exercitei heroicamente todas as virtudes, e a menor delas foi superior à suprema dos maiores santos, no cume de sua santidade.

O alvo de todas minhas obras foi altíssimo; os hábitos e dons sem medida ou falha; imitei meu Filho santíssimo com suma perfeição; trabalhei fielmente; sofri corajosamente e cooperei nas obras do Redentor, na medida que me tocava; jamais cessei de amar e de merecer aumentos de graça e glória, em grau eminentíssimo.

Julguei, no entanto, que todos estes méritos ter-me-iam sido pagos dignamente, só com o receber uma única vez seu sagrado corpo na Eucaristia, e ainda não me julgava digna de tão alto favor. Considera, agora, minha filha, o que tu e os demais filhos de Adão deveis pensar, quando se aproximam para receber este admirável Sacramento. Se, para o maior dos santos seria prêmio superabundante uma só comunhão, que devem fazer e sentir os sacerdotes e os fiéis que a freqüentam? Abre tu os olhos nas densas trevas e cegueira dos homens, e levanta-os para a divina luz, para conhecer estes mistérios.

Julga tuas obras insignificantes, teus méritos limitados, teus trabalhos levíssimos, e teu agradecimento muito insuficiente, para tão raro benefício, como possuir a santa Igreja, Cristo, meu Filho santíssimo sacramentado, desejoso de que todos o recebam para enriquecê-los. Se não tens digna retribuição para lhe oferecer por este bem e os outros que recebes, pelo menos humilha-te e apega-te com o pó e com toda sinceridade do coração, confessa-te indigna dele. Enaltece ao Altíssimo, bendize-o e louva-o, estando sempre preparada para o receber com fervorosos afetos, disposta a sofrer muitos martírios, para obter tão grande bem.

CAPÍTULO 12

A ORAÇÃO DO SALVADOR NO HORTO E SEUS MISTÉRIOS. PARTICIPAÇÃO DE SUA MÃE SANTÍSSIMA.

Jesus despede-se de sua Mãe

1204. Com as maravilhas e mistérios que nosso Salvador Jesus operou no Cenáculo, deixava preparado o reino que o eterno Pai, por sua vontade imutável, lhe havia dado.

Chegada a noite da quinta-feira da ceia, entrou na penosa batalha de sua paixão e morte, pela qual consumaria a redenção humana.

Saíu do aposento onde celebrara tantos mistérios, ao mesmo tempo que sua Mãe santíssima saía do seu. Encontraram-se o Príncipe das eternidades e a Rainha, e a penetrante espada da dor os feriu, traspassando-os de um modo que ultrapassa qualquer pensamento humano ou angélico. A dolorosa Mãe prostrou-se em terra adorando-o, como a seu verdadeiro Deus e Redentor.

Olhando-a com semblante, ao mesmo tempo majestoso, filial e terno, disse-lhe apenas estas palavras: Minha Mãe, estarei convosco na tribulação: cumpramos a vontade de meu eterno Pai e a salvação dos homens.

A grande Rainha ofereceu-se, de todo o coração, ao sacrifício e pediu-lhe a bênção. Tendo-a recebido, voltou ao seu retiro, onde concedeu-lhe o Senhor a visão de quanto fazia e acontecia com seu Filho santíssimo, para participar e cooperar em tudo, na forma que a Ela competia.

O dono da casa que estava presente à despedida, por divina inspiração, ofereceu à Senhora do céu sua casa, com tudo o que tinha, para dela se servir enquanto estivesse em Jerusalém. A Rainha aceitou, agradecendo humildemente.

Ficaram em sua companhia os mil anjos da guarda que sempre a acompanharam em forma visível para Ela, e também algumas das piedosas mulheres que havia trazido consigo.

Judas e Lúcifer

1205. Nosso Redentor e Mestre saiu do Cenáculo com os homens que haviam celebrado, com Ele, as ceias e seus mistérios. Muitos se despediram e, por diferentes ruas, dirigiram-se às suas ocupações.

Jesus, com os doze apóstolos, encaminharam-se para o monte Olivete, próximo e fora de Jerusalém, ao lado oriental.

O pérfido Judas que espreitava oportunidade para entregar o divino Mestre, supôs que lá passaria a noite em oração, conforme seu costume. Aquela ocasião pareceu-lhe muito própria para entregá-lo nas mãos de seus confederados, os escribas e fariseus.

Com esta depravada intenção, foi se retardando e afastando de seu divino

Mestre e dos outros apóstolos, sem que estes o percebessem.

No momento em que os perdeu de vista, partiu a toda pressa para a própria perdição. Ia com grande sobressalto, agitação e ânsia, testemunhos da maldade que ia cometer. Com esta inquietação de uma consciência insegura, chegou correndo e excitado à casa dos pontífices.

Durante o caminho, vendo Lúcifer a pressa com que Judas procurava a morte de Cristo nosso bem, e suspeitando o dragão que Jesus seria o verdadeiro Messias, (como fica dito no capítulo 10), saiu-lhe ao encontro na figura de um homem muito mau, amigo de Judas, a quem havia confidenciado sua traição.

Nesta figura, sem ser conhecido por Judas, Lúcifer lhe falou sobre aquela decisão de vender o Mestre: ainda que, a princípio, lhe parecera acertado pelas maldades que d'Ele lhe havia dito, pensando melhor no caso, achava mais conveniente não o entregar aos pontífices e fariseus. Afinal, não era tão mau quanto Judas pensava, nem merecia a morte. Além disso, poderia escapar por meio de milagres, e depois Judas teria que se haver com as conseqüências.

Judas e os fariseus

1206. Com este enredo, Lúcifer quis desfazer, com novos temores, as sugestões que antes insuflara no pérfido coração do discípulo traidor, contra o Senhor da vida.

Falhou, porém, esta sua nova malícia. Judas, que voluntariamente perdera a fé, e não tinha as mesmas suspeitas do demônio, quis aventurar antes a morte de seu Mestre, do que enfrentar a indignação dos fariseus, deixando-o com vida. Neste medo, e com sua abominável cobiça, não fez caso do conselho de Lúcifer, ainda que acreditou ser o homem que aparentava. Como estava sem a graça divina, não quis, nem pôde deixar-se persuadir pelo demônio, a retroceder em sua maldade.

Quando Judas chegou, estavam os pontífices a discutir, como iria o infiel discípulo cumprir a promessa de lhes entregar Jesus **(Mc 14, 44)**. Entrou o traidor e os informou que deixara o Mestre com os outros discípulos no monte Olivete. Parecia-lhe a melhor ocasião para prendê-lo naquela noite; que fossem com cautela, não acontecesse escapar-se pelas artimanhas que sabia fazer.

Alegraram-se muito os sacrílegos pontífices, e puseram-se a reunir pessoal armado para executar imediatamente a prisão do inocentíssimo Cordeiro.

O auge do bem e do mal

1207. Neste ínterim, estava o Senhor com os onze apóstolos a tratar da eterna salvação de nós todos, inclusive dos que tramavam sua morte. Inaudita porfia entre o cúmulo da malicia humana e a imensidade da caridade divina.

Desde o primeiro homem, começou no mundo este combate entre o bem e o mal. Mas, na morte de nosso Redentor chegaram ambos ao máximo que puderam atingir.

Ao mesmo tempo, um frente ao outro, agiram no sumo grau possível: a malícia humana tirando a vida e a honra de seu próprio Criador e Redentor; e o Salvador dando-a por eles, com infinita caridade.

Nesta ocasião, a nosso modo de entender, tornou-se necessário que a alma de Cristo, nosso bem, e sua divindade, concentrasse a atenção em sua Mãe puríssima. Entre todas as criaturas, era a única em quem encontrava a complacência, na qual seu amor repousava e sua justiça se

detinha. Nesta singular pura criatura, Ele via plena e dignissimamente aproveitada a paixão e morte que iria sofrer pelos homens.

Naquela santidade, sem medida, a justiça divina encontrava certa compensação da malícia humana. Na humildade e caridade fidelíssima desta grande Senhora, ficavam depositados os tesouros de seus merecimentos. Depois, como de cinzas inflamadas, renasceria a Igreja, nova fênix, em virtude dos mesmos merecimentos e morte de Cristo, nosso Senhor.

Esta complacência que a humanidade de nosso Redentor recebia da santidade de sua digna Mãe, dava-lhe como alento e coragem para vencer a malícia dos mortais. Considerava bem empregada a paciência em sofrer tais penas, por ver entre os homens sua Mãe santíssima.

Maria e os inimigos de Jesus

1208. A grande Senhora, do retiro em que se encontrava, ia presenciando tudo o que acontecia. Viu os pensamentos do obstinado Judas, o modo como se separou do grupo dos apóstolos e como Lúcifer lhe falou na figura daquele homem seu conhecido. Viu tudo o que se passou, quando se encontrou com os príncipes dos sacerdotes, e como se preparavam, com tanta pressa, para prender ao Senhor.

Nossa capacidade não pode explicar a dor que esta ciência produziu ao castíssimo coração da Virgem Mãe e os atos de virtude que Ela exerceu diante de tais maldades. Basta dizer, que em tudo agiu com plenitude de sabedoria, santidade e agrado da santíssima Trindade.

Compadeceu-se de Judas e chorou a perdição do perverso discípulo. Compensou sua maldade, adorando, confessando, amando e louvando o Senhor que ele vendia, com tão injuriosa e desleal traição. Estava pronta a morrer por ele, se fosse necessário.

Pediu pelos que estavam urdindo a prisão e morte de seu divino Cordeiro, como prendas que se havia de comprar e estimar com o preço infinito de tão precioso sangue. Assim os considerava e valorizava a prudentíssima Senhora.

Jesus chega a Getsêmani

1209. Prosseguiu nosso Salvador seu caminho, passando a torrente do Cedron (**Jo 18, 1**) para o monte Olivete e entrou no horto de Getsêmani, dizendo aos apóstolos: Esperai aqui, enquanto Eu me afasto um pouco para rezar (**Mt 26, 36**); orai também vós, para não entrardes em tentação (**Lc 22, 40**).

Deu-lhes este aviso o divino Mestre, para se manterem firmes na fé contra as tentações. Na ceia já os prevenira de que todos se escandalizariam naquela noite, (**Mt 26, 31**) com o que o veriam padecer; que Satanás os investiria para sacudi-los (**Lc 22, 31**) e desnorteá-los com falsas sugestões. Como estava profetizado (**Zac 13, 7**), o Pastor seria ferido e as ove-lhas se dispersariam.

Chamando São Pedro, São João e São Tiago (**Mc 14, 33**), retirou-se com eles mais para longe, donde não podia ser visto nem ouvido pelos outros.

Elevou os olhos ao eterno Pai, adorou-o e louvou-o como costumava. Interiormente fez uma prece, cumprindo a profecia de Zacarias (**Zac 13, 7**): Deu permissão à morte para se aproximar do inocentíssimo sem pecado, mandando à espada da justiça divina caísse sobre o Pastor e sobre o Homem unido ao mesmo Deus; executando nele todo seu rigor e ferindo-o até tirar-lhe a vida.

Para tanto ofereceu-se Cristo, nosso bem, ao Pai em satisfação de sua justiça e resgate de todo o gênero humano. Deu consentimento aos tormentos da paixão e morte, para atingirem a parte em que sua humanidade santíssima era passível. Desde esse momento, suspendeu o consolo e alívio que da parte impassível lhe poderia advir, para que seus sofrimentos chegassem ao máximo da dor.

O Eterno Pai tudo aprovou e concedeu, segundo a vontade da humanidade santíssima do Verbo.

A tristeza de Cristo

1210. Esta oração foi o consentimento que abriu a porta para o mar da paixão e da amargura entrar violentamente até a alma de Cristo, como dissera David **(Sl 68, 2)**. Começou então a afligir-se e a sentir grandes angustias, dizendo aos três apóstolos: Minha alma está triste até a morte **(Mc 14, 34).**

Como estas palavras e tristeza de nosso Salvador encerram muitos mistérios para nossa instrução, direi alguma coisa do que me foi mostrado e como o entendi.

Permitiu o Senhor que esta tristeza chegasse ao máximo. Dilatou miraculosamente sua capacidade natural, e exauriu todas as possibilidades da condição passível de sua humanidade santíssima. Entristeceu-se, não apenas na parte inferior da natureza humana, pelo natural instinto de viver, mas também na parte superior, vendo nos inescrutáveis decretos e juízos da divina justiça, a reprovação de tantos pelos quais havia de morrer.

Esta foi a causa de sua maior tristeza, como veremos adiante[2].

Não disse que estava triste por causa da morte, mas sim até a morte, porque a tristeza pela morte que o esperava tão próxima, foi menor do que a outra. Além da morte ser necessária para a Redenção, sua vontade santíssima estava pronta para vencer o natural apetite de viver. Queria também nos ensinar que, tendo, como viador, gozado da glória do corpo em sua Transfiguração, julgava-se como obrigado a sofrer, para pagar devidamente aquele gozo.

Ficamos instruídos desta doutrina, na pessoa dos três apóstolos, testemunhas da glória na Transfiguração e da tristeza no Getsêmani. Por este motivo foram escolhidos para presenciar ambos os mistérios, e assim o entenderam nesta ocasião, por especial luz que lhes foi dada.

Mistérios da tristeza de Cristo

1211. Permitir que esta misteriosa tristeza, tão profundamente o invadisse, foi como necessário para satisfazer o imenso amor de nosso Salvador Jesus por nós. Se não padecera a máxima intensidade desta tristeza, não ficaria saciada sua caridade, nem se conheceria, tão claramente, que ela era inextinguível pelas muitas águas das tribulações **(Cânt 8, 7).**

No próprio sofrimento, praticou esta caridade com os três apóstolos presentes, perturbados por saber que já chegava a hora em que o divino Mestre havia de padecer e morrer, como Ele mesmo havia declarado, por muitos modos e avisos.

Esta perturbação e covardia os envergonhava e não se atreviam a revelá-la. Por isto, o amantíssimo Senhor os animou, manifestando-lhes a própria tristeza pelo que ia sofrer até a morte. Vendo-o aflito e deprimido, não se envergonhariam das próprias penas e temores.

Esta tristeza do Senhor teve ainda outro mistério que dizia respeito aos três apóstolos, Pedro, João e Tiago. Dentre to-

2 - nº 1395.

dos os apóstolos, os três possuíam mais elevado conceito da divindade e excelência de seu Mestre, quer pela grandeza de sua doutrina, quer pela santidade de suas obras e poder de seus milagres. Admirava-os o domínio que o Mestre possuía sobre as criaturas.

Para confirmá-los na fé de que era homem verdadeiro e passível, foi conveniente que, pessoalmente, O vissem triste e aflito. Com o testemunho destes três privilegiados apóstolos, a santa Igreja ficaria instruída e preparada contra os erros que o demônio pretenderia nela semear, negando a verdade sobre a humanidade de Cristo, nosso Salvador.

Além disso, nós os demais fiéis, teríamos essa consolação, quando aflitos pelo sofrimento e atingidos pela tristeza.

Vigiai e orai

1212. Ilustrados, interiormente, os três apóstolos com esta doutrina, acrescentou o Autor da vida: Esperai aqui, velai e orai comigo **(Mt 26, 28).** Com isto ensinou-lhes a prática do que antes lhes advertira: que permanecessem com Ele cons-tantes em sua doutrina e fé, e não se desviassem para o lado do inimigo; que para conhecer a este e resistir-lhe, ficassem atentos e vigilantes, esperando que depois das ignomínias da Paixão, veriam a exaltação de seu Nome.

Distanciou-se o Senhor, um pouco, dos três apóstolos e prostrado com a face em terra, orou ao Pai eterno: Meu Pai, se for possível, passe de mim este cálice **(Mt 26, 39).**

Cristo, nosso bem, fez esta oração depois de haver descido do céu para sofrer e morrer pelos homens; depois de haver desprezado a ignomínia de sua paixão **(Heb 12, 2)**, abraçando-a voluntariamente sem aceitar o gozo para sua humanidade; depois de ter ido ao encontro, com ardentíssimo amor, das afrontas, das dores, dos tormentos e da morte; depois de haver mostrado tanto apreço aos homens, que os quis redimir com o preço de seu sangue.

Quando, pois, com sua divina e humana sabedoria, e com inextinguível caridade, ultrapassava tanto ao temor natural da morte, não parece ter sido só este o motivo de sua súplica. Assim o entendi, na luz que me foi dada sobre os ocultos mistérios desta oração de nosso Salvador.

A redenção e os réprobos

1213. Para manifestar o que entendo, advirto que nesta ocasião, tratava-se entre nosso Redentor Jesus e seu eterno Pai, o mais árduo negócio de que se encarregara: a redenção humana e o fruto de sua paixão e morte de cruz, para a oculta predestinação dos santos.

Nesta oração, Cristo nosso bem apresentou ao eterno Pai seus tormentos, seu sangue preciosíssimo e sua morte. De sua parte, oferecia-a por todos os mortais, como preço super-abundantíssimo para todos, e para cada um dos nascidos que existiram e haveriam de existir até o fim do mundo.

Da parte do gênero humano, apresentou todos os pecados, infidelidades, ingratidões e desprezos com que os maus inutilizariam sua afrontosa morte, por eles aceita e sofrida, e os que realmente seriam condenados à pena eterna, por não se terem aproveitado de sua clemência.

Morrer pelos amigos e predestinados, era agradável e como desejável a nosso Salvador. Morrer e sofrer, porém, pelos réprobos, era muito amargo e penoso, pois não havia sentido sofrer por eles a morte que não aproveitariam. A esta dor, Jesus chamou cálice, palavra que os homens empregavam para significar uma

grande pena e dificuldade. Assim a usou o próprio Cristo, quando perguntou aos filhos de Zebedeu, se poderiam beber o cálice que Ele mesmo havia de beber (**Mt 20, 22**).

Este cálice foi tanto mais amargo para Cristo, por conhecer que para os réprobos, sua paixão e morte não só seria inútil, mas ocasião de tropeço (**1 Cor 1, 23**), e redundaria em maior pena e castigo para eles, por a terem desprezado.

A agonia de Cristo

1214. Entendi, pois, que a oração de Cristo nosso Senhor, pedia ao Pai passasse d'Ele o amaríssimo cálice de morrer pelos réprobos. Já que era inevitável morrer, que ninguém, se fosse possível, se perdesse. A redenção que oferecia era superabundante para todos e, quanto era de sua vontade, aplicava-a para todos, para que a aproveitassem eficazmente, se era possível. Se não fosse possível, então resignava sua vontade santíssima à de seu eterno Pai.

Nosso Salvador repetiu esta oração três vezes, com intervalos (**Mt 26, 44**), orando longamente em agonia, como diz São Lucas (**22, 43**), segundo exigia a importância da causa que tratava.

A nosso modo de entender, levantou-se como que um conflito entre a humanidade santíssima de Cristo e a divindade. A humanidade, com íntimo amor pelos homens, irmãos seus pela natureza, desejava que todos conseguissem a eterna salvação. A divindade representava que, por seus altíssimos juízos, estava fixo o número dos predestinados, e conforme à equidade de sua justiça, não se deveria conceder o benefício a quem tanto o desprezava. Voluntariamente, faziam-se indignos da vida eterna, resistindo a quem lha procurava e oferecia.

Deste conflito resultou a agonia e a prolongada oração de Cristo, apelando ao poder de seu eterno Pai (**Mc 14, 36**), a cuja infinita majestade e grandeza todas as coisas eram possíveis.

A paixão pelos justos e pelos réprobos

1215. Esta agonia de nosso Salvador agravou-se, na medida da força da sua caridade e da resistência dos homens que não aproveitariam sua paixão e morte. Chegou a suar sangue, em tanta abundância, que escorria em espessas gotas até o solo (**Lc 22, 44**).

A súplica condicionada do Salvador não foi atendida, pelo que se referia aos réprobos, mas alcançou que os auxílios fossem grandes e frequentes para todos os mortais. Obteve que estes auxílios fossem multiplicados para aqueles que os aceitassem e não lhes pusessem impedi-

mento; que os justos e santos participassem, com grande abundância, da Redenção e lhe fossem aplicados muitos dons e graças, dos quais os réprobos se fariam indignos.

Conformando-se a vontade humana de Cristo com a divina, aceitou a Paixão por todos, respectivamente: para os réprobos como suficiente e para que lhe fossem dados auxílios suficientes, se os quisessem aproveitar; e, para os predestinados, como eficaz, porque eles cooperariam com a graça.

Assim ficou ordenada e como realizada a salvação do corpo místico da santa Igreja sob seu artífice e cabeça (**Col 1, 18**), Cristo, nosso bem.

São Miguel conforta o Redentor

1216. Para completar este divino decreto, estando o Salvador em sua oração de agonia, pela terceira vez enviou-lhe o Pai eterno o arcanjo São Miguel (**Lc 22, 43**). Veio confortá-lo e declarar, de modo sensível aos sentidos corporais do Redentor, o que este já sabia pela ciência de sua alma santíssima.

O anjo nada pôde dizer ao Senhor que Ele já não soubesse, nem podia produzir-lhe no interior outra disposição para esse fim. Contudo, como acima se disse[3], Cristo, nosso bem, havia suspendido o conforto que de sua ciência e amor podia redundar em sua humanidade santíssima. Deixando-a, enquanto passível, para sofrer ao máximo, como depois o disse na cruz[4].

No lugar deste alívio, recebeu algum com a embaixada do santo arcanjo através dos sentidos, ao modo de experiência, o que antes já sabia por outra ciência. A experiência foi diferente, atingindo os sentidos e faculdades naturais.

Em nome do Pai eterno, disse-lhe São Miguel que não era possível - como Jesus já sabia - que fossem salvos os que não o desejavam ser. À aceitação divina valia muito mais o número dos predestinados, ainda que fosse menor que o dos réprobos[5]. Entre os escolhidos, estava sua Mãe santíssima, digno fruto de sua redenção. Esta seria aproveitada pelos patriarcas, profetas, apóstolos, mártires, virgens e confessores, almas extraordinárias em seu amor, e que fariam coisas admiráveis para a glória do santo nome do Altíssimo. Nomeou o anjo alguns dentre eles, depois dos apóstolos, como foram os fundadores dos institutos de vida religiosa, com os predicados de cada um.

Outros grandes e ocultos mistérios referiu o anjo, que não é necessário explicar, nem tenho ordem para isso. Basta o que deixo escrito para continuar esta História.

Vigiai e orai

1217. Dizem os Evangelistas (**Mt 26, 41; Mc 14, 38; Lc 22, 42**) que nos intervalos desta oração, o Salvador vinha exortar os apóstolos a que velassem e orassem, para não entrar em tentação.

Assim procedeu o vigilantíssimo pastor, para ensinar aos prelados de sua Igreja, a forma do cuidado e governo que hão de usar com suas ovelhas. Se para cuidar delas, Cristo Senhor nosso deixou uma oração tão importante, está visto que os prelados devem antepor o bem de seus súditos a todos outros negócios e interesses.

3 - nº 1209. - 4 - Adiante nº 1395.

5 - Ficamos chocados com esta asserção: o número dos que se salvam é menor que o dos que se perdem. Talvez consideremos o fato muito materialmente em função de quantidade, enquanto Deus o considera em função de qualidade, como a frase explicativa. Um fruto sadio vale mais do que inúmeros podres. Um só justo vale mais do que todos os pecadores. Nesta perspectiva, é imensamente maior o bem que a redenção obtém,

Para entender o perigo que corriam os apóstolos, advirto que o dragão infernal, depois de ter sido expulso do Cenáculo, como disse acima,[6] permaneceu algum tempo prostrado nas cavernas do abismo, até que o Senhor lhe permitiu sair, pois sua malícia contribuiria à execução dos decretos do Senhor.

De um golpe, foram muitos investir Judas para impedir a venda do Mestre, como ficou acima declarado[7]. Não conseguindo dissuadi-lo, voltaram-se contra os apósto-los, suspeitando que no Cenáculo haviam recebido algum grande favor do Mestre. Lúcifer desejava investigar para o descobrir e aniquilar, se pudesse.

Viu nosso Salvador esta crueldade e furor do príncipe das trevas e seus ministros. Pai amantíssimo e Prelado vigilante, acudiu a prevenir seus filhinhos, súditos principiantes, os apóstolos. Despertou-os e lhes ordenou orar e vigiar para não entrarem na tentação que, ocultamente, os ameaçava e eles não advertiam.

O abatimento de Pedro, João e Tiago

1218. Voltou, portanto, onde se encontravam os três apóstolos que, por serem os preferidos tinham obrigação de estar alertas, à imitação de seu divino Mestre. Encontrou-os, porém, dormindo, vencidos pelo desânimo e tristeza que os fez cair naquela negligência de sono e indolência.

Antes de os despertar, Jesus ficou um pouco a olhá-los e chorou, vendo que, por negligência e tristeza, se encontravam sepultados e inertes naquela sombra da morte, enquanto Lúcifer se ativava tanto para os atacar.

Disse a Pedro: Simão, estás dormindo? Não pudeste velar uma hora comigo? Em seguida, disse a ele e aos outros: Vigiai e orai para não entrardes em tentação, pois os meus e vossos inimigos não dormem como vós.

Repreendeu São Pedro em particular, não só porque era o escolhido para chefe e prelado de todos, mas também porque, entre todos, havia se distinguido em protestar que morreria pelo Mestre e não o negaria, mesmo que todos os outros, escandalizados, o negassem e abandonassem.

Repreendeu-o também porque, com aqueles propósitos e oferecimentos mereceu, mais do que os outros, a graça da repreensão, pois não há dúvida que o Senhor corrige aos que ama. Os bons propósitos e desejos sempre lhe agradam, ainda que depois falhamos em cumpri-los, como aconteceu ao mais fervoroso dos apóstolos, São Pedro.

Pela terceira vez, voltou Cristo, nosso Senhor, a despertar os apóstolos, quando Judas já se aproximava para entregá-lo a seus inimigos, como direi no capítulo seguinte.

Participação de Maria na paixão de Cristo

1219. Voltemos ao Cenáculo, onde ficara a Senhora dos céus, retirada com as santas mulheres que a acompanhavam. Presenciava com suma clareza, na luz divina, todas as obras e mistérios de seu Filho santíssimo, sem nada lhe ser oculto.

Ao mesmo tempo em que o Senhor se retirou com os três apóstolos, Pedro, João e Tiago, retirou-se a divina Rainha com três companheiras a outro aposento. Deixando as outras, exortou-as a que orassem e velassem para não cair em tentação. Levou consigo as três Marias, nomeando Madalena como dirigente das outras.

Estando com estas três que lhe eram mais íntimas, suplicou ao eterno Pai,

6 - nº 1189 - 7 - nº 1205.

suspendesse para Ela todo alívio e consolo que pudesse impedir, na parte sensitiva e na alma, padecer o máximo com seu Filho, e à sua imitação; que em seu virginal corpo participasse das dores, chagas e tormentos que Jesus teria de sofrer.

Esta súplica foi atendida pela santíssima Trindade e a Mãe sentiu as dores de seu Filho santíssimo, como adiante direi[8].

Pela sua intensidade, poderia ter morrido muitas vezes, se o poder do Altíssimo, miraculosamente não o impedisse. Por outro lado, estas dores concedidas por Deus, foram como o sustentáculo e conforto de sua vida. Para seu ardente e incomensurável amor, teria sido mais violenta a pena de ver padecer e morrer seu Filho bendito, sem sofrer com ele as mesmas dores.

Nossa Senhora e as três Marias

1220. A Rainha escolheu as três Marias[9] para a acompanharem durante a Paixão, e para esta missão, foram mais iluminadas do que as outras mulheres, sobre os mistérios de Cristo.

Retirando-se com elas, a Mãe puríssima começou a sentir profunda tristeza e aflição, e lhes disse: Minha alma está triste, porque meu amado Filho e Senhor vai sofrer e morrer, e Eu não poderei morrer com Ele nos mesmos tormentos. Orai, amigas, para não cairdes em tentação.

Ditas estas palavras, distanciou-se um pouco e acompanhando a oração que nosso Salvador fazia no horto, fez a mesma súplica, de acordo com a sua participação, e conforme conhecia na vontade humana de seu Filho santíssimo.

Com os mesmos intervalos, voltou para exortar às três companheiras, pois viu que o demônio se enfurecia contra elas. Chorou a reprovação dos precitos, pois lhe foram revelados grandes mistérios sobre a eterna predestinação e reprovação das criaturas humanas.

Para imitar e cooperar em tudo com o Redentor do mundo, sofreu a grande Senhora suor de sangue semelhante ao de Cristo, e por disposição da santíssima Trindade foi-lhe enviado o arcanjo São Gabriel para confortá-la como São Miguel a nosso Salvador Jesus.

O santo príncipe lhe representou a vontade do Altíssimo, com as mesmas ponderações de São Miguel a seu Filho santíssimo, pois em Mãe e Filho eram iguais a súplica e o motivo da dor e tristeza que sofriam. Assim, na respectiva proporção, foram semelhantes no agir e entender.

Entendi nesta ocasião, que a prudentíssima Senhora prevenira alguns panos para o que na paixão de seu amantíssimo Filho iria acontecer. Começou por enviar seus anjos com uma toalha ao horto, para enxugar e limpar o suor de sangue do venerável rosto do Senhor. Assim fizeram os anjos, e o Senhor o aceitou, por amor de sua Mãe e para lhe dar o mérito desta piedosa ternura.

Quando chegou a hora da prisão de nosso Salvador, a dolorosa Mãe participou-a às três Marias. Todas desataram em amaríssimo pranto, principalmente Madalena, a mais ardente no amor e piedade.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A perda das almas aumenta a amargura da paixão de Cristo

1221. Minha filha, se tudo o que entendeste e escreveste neste capítulo, for

8 - nº 1236. - 9 - Maria Madalena, Maria de Cléofas e Maria Salomé. N. T.

atentamente meditado, servirá de chamada e aviso para ti e os demais mortais.

Atende, pois, e considera quanto é importante o negócio da predestinação ou reprovação eterna das almas, pois foi tratado com tanta seriedade por meu Filho santíssimo. Foi a dificuldade, ou a impossibilidade, de todos os homens se salvarem, que lhe tornou tão amarga a paixão e morte aceita pela salvação de todos. Naquela angústia, manifestou a importância e gravidade de tal empresa, multiplicando as súplicas e orações a seu eterno Pai. O amor pelos homens obrigou-o a suar, copiosamente, seu precioso sangue de inestimável preço, porque nem todos aproveitariam sua morte. Havia os réprobos, cuja malícia os tornaria indignos e incapazes de nela participar.

Meu Filho e Senhor justificou sua causa, tendo procurado a salvação de todos, sem medir e poupar seu amor e merecimentos. Justificada também está a causa do eterno Pai, com haver dado ao mundo este remédio. Colocou-o ao alcance das mãos de todos, para que cada qual escolhesse a morte ou a vida, a água ou o fogo **(Ecli 15, 17-18)**, sabendo a diferença que existe entre uma e outra coisa.

Os que se perdem são indesculpáveis

1222. Que desculpa pretenderão apresentar os homens, por haver esquecido sua própria e eterna salvação, quando meu Filho e Eu a desejamos e procuramos com tanto empenho de que a aceitassem?

Se nenhum mortal tem escusa de sua negligência e loucura, muito menos a terão, no juízo, os filhos da santa Igreja. Tendo recebido a fé nestes admiráveis mistérios, pouco se diferenciam, na vida, dos infieis e pagãos.

Sabe, minha filha, que não é em vão que está escrito: Muitos são os chamados e poucos os escolhidos **(Mt 20, 16)**. Teme esta sentença e renova em teu coração o cuidado e zelo de tua salvação, conforme estás obrigada, de acordo com a ciência que tens de tão altos mistérios. Mesmo que disto não dependesse a vida eterna e tua felicidade, deverias corresponder ao carinho com que te manifesto tantos e tão divinos segredos.

Dando-te o nome de filha minha e Esposa de meu Senhor, deves entender que teu oficio é amar e sofrer, sem outra atenção para qualquer coisa visível. Chamando-te para me imitar, deverás fazer como Eu, que sempre ocupei minhas potências nessas duas coisas, com suma perfeição.

Para a alcançares, quero que tua oração seja continua, sem interrupção, velando Comigo uma hora que é o tempo da vida mortal, pois, comparada com a eternidade, é menos que um hora e um instante. Nesta disposição quero que prossigas nos mistérios da Paixão, para os escrever, sentir e gravar no coração.

CAPÍTULO 13

A PRISÃO DO SALVADOR PELA TRAIÇÃO DE JUDAS. MISTÉRIOS DESSA PASSAGEM. ATOS DE MARIA SANTÍSSIMA.

O demônio instiga os inimigos de Cristo

1223. Enquanto nosso Salvador Jesus estava no Monte Olivete orando a seu eterno Pai e suplicando a salvação de toda linhagem humana, o pérfido discípulo Judas apressava sua prisão e entrega aos pontífices e fariseus.

Como Lúcifer, e seus demônios, não puderam dissuadir a perversa vontade de Judas e dos demais, do intento de tirar a vida de seu Criador e Mestre, sua antiga soberba mudou de tática. Aumentando a malícia, administrou ímpias sugestões aos judeus para que, com maior crueldade e infames injúrias, atormentassem a Cristo.

Andava o dragão infernal com muitas suspeitas, como tenho dito[1], que aquele homem, tão diferente poderia ser o Messias, verdadeiro Deus. Queria fazer novas experiências e tirar a prova desta suspeita, por meio das atrocíssimas afrontas contra o Senhor, sugeridas aos judeus e seus ministros. Comunicou-lhes também sua formidável inveja e soberba como escreveu Salomão **(Sab 2, 17)**, cujas palavras, nesta ocasião, se realizaram literalmente.

Supunha o demônio que, se Cristo não era Deus mas apenas puro homem, fraquejaria na perseguição e tormentos, e assim O venceria. Se era Deus, mostrá-lo-ia livrando-se por meio de novos milagres.

Judas conduz o bando inimigo de Jesus

1224. Com esta ímpia temeridade se atiçou também a inveja dos pontífices e escribas. A instância de Judas, depressa, reuniram muita gente: soldados gentios, um tribuno, muitos judeus. Guiados por Judas, abalaram-se para prender o inocentíssimo Cordeiro que os esperava, vendo os pensamentos e os planos dos sacrílegos pontífices, como Jeremias havia expressamente profetizado **(Jer 11, 19)**.

Todos estes ministros da maldade saíram da cidade, em direção ao monte Olivete, armados e prevenidos de cordas e cadeias. Iam com tochas acesas e lanternas **(Jo 18, 3)**, como Judas lhes havia aconselhado, temendo que seu Mestre amantíssimo, a quem julgava feiticeiro ou mágico, fizesse algum milagre para escapar. Agiam como se, armas e prevenções humanas pudessem alguma coisa contra o poder divino.

Se Jesus quisesse, poderia usar dele, como havia feito outras vezes antes de chegar a hora marcada para se entregar livremente à paixão, afrontas e morte de cruz.

A união faz a força

1225. Enquanto não chegavam, voltou o Mestre, pela terceira vez aos

1 - nº 999. 1129

discípulos, e encontrando-os adormecidos, disse-lhes: Bem podeis dormir e descansar, pois já chegou a hora em que vereis o Filho do Homem entregue nas mãos dos pecadores. Basta porém; levantai-vos e vamos que já se aproxima aquele que me vendeu e vai me entregar **(Mc 14, 41).**

O Mestre da santidade disse estas palavras aos três apóstolos mais privilegiados, sem repreendê-los com rigor, mas com suma paciência, mansidão e suavidade, pois estavam perplexos, sem saber o que responder **(Mc 14, 40).**

Os três levantaram-se e voltaram a se reunir com os outros oito, no lugar em que os tinham deixado, e que também dormiam vencidos pelo sono e grande tristeza.

Ordenou o divino Mestre que todos juntos, sob sua direção, saíssem ao encontro dos inimigos. Com isto ensinou-lhes a força que tem uma comunidade unida, para vencer o demônio e seus sequazes. O cordel triplicado, como diz o Eclesiastes **(4, 12)**, é difícil de se quebrar, e se alguém for mais forte que um só, dois lhe poderão resistir. Esta é a vantagem de viver em comunidade **(4, 9).**

O Senhor admoestou novamente os apóstolos, preparando-os para o que ia acontecer, e logo se ouviu o tropel dos soldados e servos que o vinham prender. O Redentor adiantou o passo para lhes sair ao encontro, e intimamente, com incomparável sentimento, majestosa coragem e suprema deidade, disse:

Paixão desejada por minha alma, dores, chagas, afrontas, penalidades, aflições e morte ignominiosa vinde, vinde, vinde depressa, que o incêndio de amor que tenho pela salvação dos mortais vos espera. Chegai ao mais inocente entre todas as criaturas. Ele conhece vosso valor, vos procurou, desejou, pediu e vos recebe voluntária e alegremente. Conquistei-vos com a ânsia de vos possuir e vos aprecio pelo que mereceis. Quero desagravar o desprezo em que caíste e vos reerguer a um posto e dignidade eminente.

Venha a morte para que, aceitando-a sem a merecer, dela triunfe **(Os 13, 14)** e mereça a vida para os que a receberam como castigo do pecado. Permito que meus amigos me abandonem, pois só Eu quero e posso entrar no combate **(Is 63, 3),** cuja vitória ganharei para todos.

O pecado de Judas

1226. Enquanto o Autor da vida dizia estas razões, adiantou-se Judas para dar aos seus esbirros o sinal combinado **(Mt 26, 48)**: o Mestre seria aquele a quem, saudasse com o ósculo da paz. conforme era costume; que o prendessem logo e não se enganassem prendendo outro.

O infeliz discípulo usou de todas estas cautelas, tanto por cobiça do dinheiro, do ódio que concebera contra seu divino Mestre, como também por medo. Pareceu ao desgraçado que, se Cristo, nosso bem, não morresse naquela ocasião, inevitavelmente teria que defrontar-se novamente com Ele. Temendo esta vergonha, mais do que a morte de sua alma e a de seu divino Mestre, desejava apressar o fim de sua traição e garantir a morte do Redentor nas mãos de seus inimigos.

Aproximou-se, pois, o traidor do mansíssimo Senhor, e como insigne artífice da hipocrisia, com fingida amizade, beijou-lhe a face dizendo: Deus te salve, Mestre **(Mc 14, 45).**

Com este gesto tão aleivoso, encerrou-se o processo da perdição de Judas e se justificou a causa de Deus. Desde esse momento, a graça e seus auxílios o foi abandonando sempre mais.

A temeridade e audácia do pérfido discípulo contra Deus, atingiu o auge da malícia. Negou em seu íntimo, e não

acreditou na sabedoria, incriada e criada, que Cristo, nosso Senhor, possuía para conhecer sua traição, e o poder que tinha para o aniquilar. Pretendeu esconder sua maldade, fingindo amizade de sincero discípulo, e isto para entregar a tão humilhante morte e tormentos a seu Criador e Mestre, de quem recebera tantos benefícios. Numa traição, reuniu tantos e tão formidáveis pecados que não há ponderação para calcular sua malícia: foi infiel, homicida, sacrílego, ingrato, desumano, desobediente, falso, mentiroso, ambicioso, ímpio e mestre dos hipócritas.

E tudo isto cometeu contra a pessoa do próprio Deus feito homem.

Judas resiste à misericórdia divina

1227. Da parte do Senhor ficou justificada a equidade de sua justiça e a sua inefável misericórdia, cumprindo-se de modo eminente as palavras de David **(Sl 119, 7)**: Eu era pacífico com os que aborreciam a paz e quando lhes falava me acusavam sem motivo.

Estas palavras se realizaram quando, ao ser beijado por Judas, o divino Mestre, amorosamente, lhe perguntou: Amigo a que vieste? E, por intercessão de sua Mãe santíssima, enviou ao coração do traidor discípulo nova e claríssima luz, com a qual entendeu a maldade atrocíssima de sua traição e o castigo que o esperava, se não se retratasse com sincero arrependimento. Se assim quisesse fazer, encontraria misericórdia e o perdão da divina clemência.

Judas entendeu que aquelas palavras eram como se Jesus lhe dissesse ao coração: Amigo, vê que te perdes e inutilizas minha liberal mansidão, com esta traição. Se quiseres minha amizade, não a negarei por isso, conquanto que te arrependas de teu pecado. Pondera tua temeridade, entregando-me com o ósculo de falsa paz e amizade. Lembra-te dos benefícios que recebeste de meu amor, e que sou Filho da Virgem da qual também foste tão estimado, entre meus apóstolos, e admoestado com conselhos de amorosa Mãe. Só por causa d'Ela, não deverias cometer a traição de vender e entregar o seu Filho, pois, Ela nunca te ofendeu. Sua benigna caridade e mansidão não merecem que lhe faças tão enorme ofensa. Mas, ainda que já a cometeste, não desprezes sua intercessão que, por ela te ofereço o perdão e a vida, pois muitas vezes Ela já me fez este pedido a teu favor. Tem certeza que te amamos, porque ainda tens oportunidade de esperança, e se não, merecerás que te abandonemos à eterna pena e castigo.

Esta semente, tão divina, não medrou no coração do infeliz discípulo, mais duro que diamante e mais desumano que de uma fera. Resistindo à divina clemência, caiu no desespero, como direi no capítulo seguinte.

Os dois esquadrões

1228. Dado o sinal, pelo ósculo de Judas, defrontaram-se o Senhor da vida e seus discípulos, com a tropa de soldados que vinha prendê-lo.

Frente a frente estavam os dois esquadrões mais opostos e diferentes que jamais houve no mundo. De um lado Cristo, Senhor nosso, Deus e homem verdadeiro, chefe de todos os justos; acompanhado de onze apóstolos de sua Igreja; assistidos por inumeráveis exércitos de espíritos angélicos que, admirados do espetáculo, o bendiziam e adoravam.

De outro lado vinha Judas, autor da traição, armado pela maldade e hipocrisia; com muitos ajudantes judeus e pagãos, para executá-la com a maior crueldade.

Neste esquadrão vinha Lúcifer, com grande número de demônios, instigando e ajudando Judas e seus aliados para, sem temor deitarem as mãos sacrílegas em seu Criador.

O Salvador, com admirável desejo de sofrer, com grande coragem e grandeza, lhes disse: A quem buscais? **(Jo 18, 4-5).** Responderam eles: A Jesus Nazareno - Replicou o Senhor: Sou Eu.

Com esta palavra de incomparável preço e felicidade para o gênero humano, declarou-se nosso Salvador e Redentor. Com ela deu-nos penhor seguro de esperança de salvação eterna, a qual dependia de Cristo se oferecer livremente à paixão e morte para nos redimir.

Sou Eu

1229. Não puderam os inimigos perceber o legítimo sentido, nem entender o mistério daquela palavra: Sou Eu.

Entenderam-no a Mãe santíssima, os anjos e, em parte, os apóstolos. Foi como dizer: Eu sou o que sou **(Ex 3, 14)**, conforme disse a meu profeta Moisés. Existo por mim mesmo, e todas as criaturas recebem de Mim seu ser e existência. Sou eterno, imenso, infinito, uma única substância e atributos. Fiz-me homem ocultando minha glória, para redimir o mundo pela paixão e morte que me quereis dar.

Tendo pronunciado aquela palavra com o poder de sua divindade, os inimigos não puderam resistir, e ao ouvi-la caíram todos para trás, com a cabeça no chão.

Não só os soldados, mas até uns cães que os acompanhavam e os cavalos que montavam, todos caíram, ficando no solo imóveis como pedras. Lúcifer, e seus demônios, também foram derribados e aterrados, sofrendo nova confusão e tormento.

Durante quase meio quarto de hora ficaram como mortos. Oh! palavras misteriosas na doutrina e invencível no poder!

Não se glorie em tua presença o sábio em sua sabedoria e astúcia, nem o poderoso em sua valentia **(Jer 9, 23)**; humilhe-se a vaidade e arrogância dos filhos de Babilônia. Uma só palavra da boca do Senhor, dita com tanta mansidão e humildade, confunde, aniquila e destrói todo o poder e arrogância dos homens e do inferno.

Entendamos também, os filhos da Igreja, que as vitórias de Cristo se alcançarão proclamando a verdade; dando lugar à ira divina **(Rom 12, 19)**; praticando sua mansidão e humildade de coração **(Mt 11, 29)**; vencendo pelo entregar-se com simplicidade de pombas, com paz e docilidade de ovelhas, sem a reação de lobos iracundos e carniceiros.

Jesus se entrega

1230. Nosso Salvador, e os onze apóstolos, ficaram a olhar o efeito de sua divina palavra, na prostração daqueles

ministros de maldade. Com o semblante entristecido, o Mestre contemplou o retrato do castigo dos réprobos, mas ouviu a intercessão de sua Mãe santíssima para deixá-los levantar, pois a divina vontade tinha determinado que assim acontecesse por meio da oração da Virgem.

Jesus orou ao Pai dizendo: Pai meu e Deus eterno, em minhas mãos pusestes todas as coisas **(Jo 13, 3)**, e em minha vontade a redenção humana que tua justiça pede. Quero, de plena vontade, satisfazê-la e entregar-me à morte, para merecer a meus irmãos a participação de teus tesouros e da eterna felicidade que lhes preparastes.

Por este oferecimento, o Altíssimo deu permissão para que toda aquela malta de homens, demônios e animais se levantassem, restituídos ao estado normal.

O Salvador perguntou-lhes segunda vez: A quem procurais? Responderam novamente: A Jesus Nazareno. Replicou o Senhor com toda mansidão: Já vos disse que sou Eu; se buscais a Mim, deixai ir a estes que estão Comigo **(Jo 18, 3-8).**

Com estas palavras, deu licença aos soldados e servos para o prender e executar sua determinação que, sem eles compreenderem, era sobrecarregar sua pessoa divina com todas nossa dores e enfermidades **(Is 53, 4).**

Reação de São Pedro

1231. O primeiro que, audaciosamente, se adiantou para prender o Autor da vida, foi um criado dos pontífices, chamado Malco.

Ainda que os apóstolos estivessem perturbados e aflitos pelo medo, São Pedro acendeu-se mais do que os outros, no zelo pela honra e defesa do seu divino Mestre. Puxou de uma espada que trazia, e desferiu um golpe sobre Malco, decepando-lhe uma orelha **(Jo 18, 10)**. O golpe pretendia ferimento maior, não fosse a providência do Mestre da paciência e mansidão em desviá-lo.

Não permitiu o Redentor, naquela ocasião, a morte de alguém, a não ser a sua com suas chagas, sangue e dores. Se a aceitassem, vinha dar a todos a vida eterna com o resgate do gênero humano.

Tampouco concordava com sua vontade e doutrina, que sua pessoa fosse defendida com armas ofensivas e que este exemplo ficasse em sua Igreja, para ela não se defender pelo mesmo sistema. Para confirmar o que havia ensinado, tomou a orelha cortada e a restituiu a seu lugar, mais perfeitamente que antes.

Depois repreendeu São Pedro, dizendo-lhe **(Jo 18, 11)**: Torna a embainhar tua espada, porque todos os que usarem dela para matar, por ela perecerão. Não queres que Eu beba o cálice que meu Pai me deu? Pensas que eu não lhe poderia pedir muitas legiões de anjos para me defender e logo Ele mas enviaria? Mas, então, como se cumprirão as Escrituras e profecias? **(Mt 26, 53).**

As armas da Igreja são espirituais

1232. Com esta amorosa correção, São Pedro, chefe da Igreja, ficou instruído que as armas para sua propagação e defesa deveriam ser espirituais; que a lei do Evangelho não ensinava combater e vencer com espadas, mas sim com a humildade, paciência, mansidão e caridade perfeita, armas que vencem o demônio, o mundo e a carne. Mediante estas vitórias, a virtude divina triunfa de seus inimigos e da potência e astúcia deste mundo.

Atacar ou se defender com armamentos, não é para os seguidores de Cristo nosso Senhor, e sim para os príncipes da terra proteger suas possessões terrenas. A

espada da santa Igreja é espiritual e atinge as almas, antes que aos corpos.

Voltou-se Cristo nosso Senhor a seus inimigos e servos dos judeus, e com grande majestade, lhes disse: Vindes prender-me como se fôra a um ladrão, com armas e lanças; todos os dias estava entre vós ensinando e pregando no templo e não me prendestes; esta, porém, é vossa hora e a do poder das trevas (**Mt 26, 55; Mc 14, 48; Lc 22, 53**).

Todas as palavras de nosso Salvador eram profundíssimas nos mistérios que encerravam, principalmente as que proferiu durante sua paixão e morte, mas não é possível compreendê-los todos, nem explicá-los.

Última advertência de Cristo

1233. Bem poderiam aqueles ministros do pecado abrandar-se e confundir-se com esta repreensão do divino Mestre. Tal não aconteceu, entretanto, porque eram terra maldita e inútil, sem o orvalho das virtudes e da verdadeira piedade.

Apesar disso, quis o Senhor ensinar-lhes a verdade até aquele instante. Sua maldade não teria desculpa, pois na presença da suma santidade e justiça, os pecados que estavam a cometer não ficaram sem correção, instrução e remédio, se o quisessem aceitar.

Ao mesmo tempo, ficaria conhecido que Ele sabia tudo o que deveria acontecer, e de livre vontade se entregava à morte e aos que lha preparavam.

Por estas razões e por outros fins altíssimos, disse Jesus aquelas palavras. Quis tocar-lhes o coração, como quem o penetrava e conhecia a malícia e ódio que lhe votavam e a causa de sua inveja. Repreendera os vícios dos sacerdotes e fariseus, ensinara ao povo a verdade e o caminho da vida eterna. Com sua doutrina, exemplo e milagres conquistava os humildes e piedosos e convertia muitos pecadores à sua amizade e graça.

Quem dispunha de poder para operar tudo isso publicamente, era lógico que também o tinha para não se deixar prender contra sua vontade. Não o haviam prendido no templo e na cidade onde pregava; menos ainda o poderiam prender em local desabitado.

Naquelas ocasiões não quis ser preso, até que chegasse a hora determinada por sua vontade; então deu essa permissão aos homens e aos demônios. Como chegara o momento de se entregar para ser maltratado e preso, disse-lhes: Esta é a vossa hora e a do poder das trevas.

Era como se dissesse: Até agora foi necessário que eu ficasse convosco para vos ensinar, pelo que não consenti que me tirásseis a vida. Chegou, porém, o momento de consumar, com minha morte, a redenção humana que meu eterno Pai me encomendou. Por isso, vos permito que me leveis preso e façais de Mim o que quiserdes.

Quais tigres desumanos, investiram contra o mansíssimo Cordeiro e o aprisionaram, atando-o com cordas e cadeias. Assim o levaram à casa do pontífice, como adiante direi[2].

Participação de Maria

1234. A tudo o que acontecia na prisão de Cristo, estava atenta sua Mãe puríssima, na clara visão em que as presenciava, mais do que se estivesse corporalmente presente. Com a inteligência, penetrava todos os mistérios das palavras e atos de seu Filho santíssimo.

Quando viu sair da casa do pontífice aquele esquadrão de soldados e servos, a prudentíssima Senhora previu as irreverências e desacatos com que tratariam seu Criador e Redentor. Para repará-los,

2 - nº 1257.

na forma possível à sua piedade, convidou seus anjos e a outros muitos para, com Ela, dar culto de adoração e louvor ao Senhor das criaturas, compensando as injúrias e ultrajes com que seria tratado por aqueles maus ministros de trevas.

Ao mesmo tempo, avisou às santas mulheres que oravam com Ela e lhes revelou que, naquela hora, seu Filho santíssimo dera permissão para o prenderem e maltratarem, o que iam fazendo com impiedade cruel.

Assistida pelos santos anjos e as piedosas companheiras, a fidelíssima Rainha fez admiráveis atos de fé, amor, religião, interior e exteriormente, adorando, louvando e exaltando a divindade infinita e a humanidade santíssima de seu Filho e Criador.

As santas mulheres a imitavam nas genuflexões e prostrações, e os anjos respondiam aos cânticos com que glorificava e confessava o ser divino e humano de seu amantíssimo Filho.

Ao passo que os filhos do mal o iam ofendendo com injúrias e irreverências, Ela o ia desagravando com louvores e veneração.

Ao mesmo tempo, aplacava a divina justiça para que não se indignasse contra os perseguidores de Cristo e não os destruísse, pois só Maria santíssima pôde impedir o castigo daquelas ofensas.

Maria pede novos auxílios para Judas

1235. A grande Senhora não só conseguiu aplacar a ira do justo Juiz, mas ainda pôde alcançar favores e benefícios para os mesmos que O irritavam, e que a divina clemência lhes desse bem por mal, quando eles davam a Cristo mal, em retribuição de todo o bem que lhes fizera, com sua doutrina e graça.

Esta misericórdia chegou ao máximo, sendo oferecida ao desleal e obstinado Judas. Viu a piedosa Mãe que ele entregara seu Filho com ósculo de falsa amizade; que aquela imundíssima boca, na qual havia pouco estivera o Senhor sacramentado, agora se permitia tocar diretamente a venerável face de seu Filho santíssimo. Traspassada de dor e vencida pela caridade, pediu ao Salvador desse novos auxílios para Judas. Se os aceitasse, não perderia quem tinha chegado à ventura de tocar, daquele modo, a face que os mesmos anjos desejam contemplar.

Por esta súplica de Maria santíssima, enviou seu Filho e Senhor ao traidor Judas, aqueles grandes auxílios, como fica dito[3], até o último instante de sua traição. Se o infeliz os tivesse aceito e começasse a lhes corresponder, esta Mãe de mise-ricórdia lhe teria obtido muitos outros e finalmente o perdão de seu crime. Assim o faz com outros grandes pecadores que, para Ela dão essa glória, e para si conquistam a vida eterna. Judas, porém, não entendeu esta ciência e tudo perdeu, como direi no capítulo seguinte.

Intercessão de Maria

1236. Quando a grande Senhora viu que, em virtude da palavra divina, todos os servos e soldados que vinham prender Jesus, caíram por terra, entôou com os anjos outro misterioso cântico, enaltecendo o infinito poder da Humanidade santíssima. Neste cântico, celebrou a vitória que Ele obteve em nome do Altíssimo, afogando no mar Vermelho a Faraó e suas tropas, (**Ex 15, 4**). Louvou seu Filho e Deus verdadeiro, porque, sendo o Senhor dos exércitos e das vitórias, queria entregar-se à paixão e morte para resgatar, pelo modo mais admirável, o gênero humano da escravidão de Lúcifer.

3 - nº 1227.

Em seguida, pediu ao Senhor que deixasse aqueles infelizes se levantar e voltar a si. Esta súplica lhe foi inspirada por sua liberalíssima piedade e fervorosa compaixão para com aqueles homens, criados pelo Senhor à sua imagem e semelhança. Quis também cumprir, com perfeição, a lei da caridade, em perdoar os inimigos e fazer bem aos que nos perseguem **(Mt 5, 44)**, doutrina ensinada e praticada por seu Filho e Mestre; finalmente, porque sabia que deviam ser cumpridas as profecias e Escrituras na obra da redenção humana.

Não obstante, tudo isto ser infalível, não exigindo que o pedisse Maria santíssima e que por seus rogos o Altíssimo se inclinasse a conceder esses favores; na infinita sabedoria e decretos de sua vontade eterna, tudo estava previsto e ordenado por esses meios e súplicas, sendo o modo mais conveniente à razão e providência do Senhor, em cuja explicação não é necessário deter-me agora.

No momento em que prenderam e amarraram nosso Salvador, sentiu a Mãe puríssima nas mãos as dores produzidas pelas cordas e cadeias, como se com elas fossem atadas e apertadas. O mesmo aconteceu com os golpes e maus tratos que o Senhor ia recebendo, pois este favor foi concedido à sua Mãe, como acima se disse[4].

Esta pena, fisicamente sensível, foi algum alívio para o sofrimento da alma, pois o amor lhe teria feito padecer mais, se não participasse, por aquele modo, das dores de seu Filho santíssimo.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A ciência de Cristo crucificado

1237. Minha filha, tudo o que vais escrevendo e entendendo pela minha doutrina, constituirá sentença contra os mortais, e contra ti se não superarem a mesquinhez, ingratidão e grosseria, meditando dia e noite na paixão, dores e morte de Jesus crucificado. Esta é a ciência dos santos **(Sab 15, 3)** ignorada pelos mundanos; é o pão de vida e entendimento que sacia e dá sabedoria aos pequenos, deixando vazios e famintos aos soberbos amadores do século.

Quero-te muito aplicada e sábia nesta ciência, com a qual te virão todos os bens **(Sab 7, 11)**. Meu Filho e Senhor ensinou o método desta oculta sabedoria quando disse: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao meu Pai senão por Mim **(Jo 14, 6)**.

Dize-me, pois, caríssima, se meu Senhor e Mestre se fez caminho e vida dos homens, por meio da paixão e morte que sofreu por eles, não é forçoso que, para andar neste caminho e professar esta verdade, se deva passar por Cristo crucificado, aflito, açoitado e desprezado? Vê, pois, a ignorância dos mortais que desejam chegar ao Pai sem passar por Cristo.

Sem haver padecido nem compadecido com Ele, querem reinar com o Senhor. Não se lembram de sua paixão e morte, nem para experimentá-la em alguma coisa, nem para agradecê-la sinceramente. Pretendem que ela lhes valha para, na vida presente e na eterna, só gozarem dos deleites e da glória, enquanto seu Criador padeceu acerbíssimas dores e paixão para nela entrar **(Lc 24, 26)**, deixar-lhes o exemplo e abrir-lhes o caminho da luz.

O preço da alegria é a cruz

1238. O descanso é conquistado pelo trabalho e não será compatível com ele a confusão de não haver trabalhado.

4 - nº 1219.

Não é verdadeiro filho, o que não imita seu pai, nem fiel servo, o que não acompanha seu senhor; nem discípulo, o que não segue o seu mestre. Também Eu não considero meu devoto, quem não se compadece do que meu Filho e Eu padecemos. O amor com que procuramos a salvação eterna dos homens nos obriga, ao vê-los tão esquecidos desta verdade e tão avessos a padecer, a enviar-lhes trabalhos e penalidades. Já que não os amam livremente pelo menos aceitem-nos e sofram-nos obrigados e por este modo entrem no caminho certo do descanso eterno que desejam.

Apesar de tudo isso, ainda não despertam. O cego amor e inclinação pelas coisas visíveis e terrenas, os retarda e embaraça, torna-lhes o coração insensível e lhes rouba toda memória, atenção e afetos com que poderiam elevar-se acima de si e das coisas transitórias. Daqui procede, que nas tribulações não encontram alegria, nem alívio nos trabalhos, nem consolo nas penas, nem gozo na adversidade, nem tranqüilidade alguma.

Têm aversão por tudo isso, nada querem que lhes seja penoso, como desejavam os santos que se gloriavam nas tribulações **(Rom 5, 3)**, como quem conseguia satisfação de seus desejos. Em muitos fiéis tal ignorância é ainda maior: alguns pedem ser abrasados no amor; outros suplicam o perdão de suas muitas culpas; estes que se lhes concedam muitas graças. Nada se lhes pode dar, porque não o pedem em nome de Cristo, meu Senhor, imitando-o e acompanhando-o em sua paixão.

A cruz, caminho da perfeição

1239. Abraça pois, minha filha, a cruz e fora dela não aceites consolação alguma em tua vida mortal. Pela Paixão, sentida e meditada, subirás ao cume da perfeição e adquirirás o amor de esposa. Imita-me muito nisto, segundo a luz que recebes e a obrigação que te confio. Bendize e enaltece a meu Filho santíssimo pelo amor com que se entregou à Paixão pela salvação humana. Pouco reparam os mortais neste mistério. Eu, porém, como testemunha ocular, te advirto que, na estima de meu Filho santíssimo teve o primeiro lugar sua ascensão à destra do Pai. Em seguida, nada estimou mais e desejou de todo o coração, do que padecer, morrer e entregar-se para isso a seus inimigos. Quero também que lamentes, com íntima dor de que Judas em suas maldades e traição, tenha mais seguidores do que Cristo. Muitos são os infieis, muitos os maus católicos, muitos os hipócritas que, com o nome de cristão, o vendem, entregam e novamente o querem crucificar. Chora por todos estes males que conheces e compreendes, para também nisto me seguir e imitar.

Agonia de Jesus no horto de Getsêmani.

CAPÍTULO 14

FUGA E DISPERSÃO DOS APÓSTOLOS. O QUE FEZ MARIA SANTÍSSIMA NESTA OCASIÃO. CONDENAÇÃO DE JUDAS. PERTURBAÇÃO DOS DEMÔNIOS.

Fuga dos Apóstolos

1240. Efetuada a prisão de nosso Salvador Jesus, como fica dito, cumpriu-se o que Ele dissera aos Apóstolos, durante a ceia: naquela noite, todos se escandalizariam de sua pessoa **(Mt 26, 31)** e satanás os investiria para peneirá-los como o trigo **(Lc 22, 31).**

Os apóstolos viram prender e amarrar seu divino Mestre. Verificaram que sua mansidão, palavras tão amáveis e cheias de poder, milagres, doutrina e ilibada vida, não tinham podido aplacar a violência dos servos, nem abrandar a inveja dos pontífices e fariseus.

Desnorteados, aflitos pelo medo natural, esquecendo o que deviam ao Mestre, começando a vacilar na fé, cada qual só pensava em se pôr a salvo do perigo que os ameaçava, em conseqüência do que estava a acontecer a seu Mestre e Chefe.

O esquadrão de soldados e servos concentraram toda a atenção em Jesus, contra quem estavam irritados. Enquanto encadeavam o mansíssimo Cordeiro, os apóstolos aproveitaram a ocasião e fugiram **(Mt 26, 56),** sem ser vistos e percebidos pelos judeus. Se o Senhor o tivesse permitido, sem dúvida teriam prendido a todo o colégio apostólico, ainda mais vendo-os fugir quais covardes culpados. Não convinha, porém, que então fossem presos e maltratados.

O Salvador manifestou este desígnio quando disse que, se procuravam a Ele, deixassem ir livres os seus companheiros **(Jo 18, 8),** e assim o dispôs pelo poder de sua divina providência.

Não obstante, o ódio dos pontífices e fariseus visava também os apóstolos, e se pudessem, acabariam com eles. Por este motivo, o pontífice Anás interrogou o divino Mestre sobre seus discípulos e sua doutrina **(Jo 18, 19).**

Ação do demônio

1241. Também Lúcifer, nesta fuga dos apóstolos, andou ora perplexo, ora enganado, ora redobrando sua malícia para diversas finalidades.

Desejava extinguir a doutrina do Salvador do mundo e a todos seus discípulos, de modo que deles não ficasse memória. Para tanto era conforme seus desejos, que fossem presos e mortos pelos judeus. Mas isto não lhe pareceu fácil conseguir. Procurou então incitar os apóstolos com sugestões, para fugirem e assim não presenciarem a paciência de seu Mestre durante a Paixão, nem fossem testemunhas do que nela sucederia.

Temeu o astuto dragão que este exemplo os confirmaria na fé, com que resistiriam as tentações que lhes lançaria. Pareceu-lhe que, se então começassem a vacilar, os derrubaria depois com novas perseguições que lhes suscitaria por meio dos judeus, sempre prontos para acossá-los, como a partícipes do Mestre que odiavam. Enganou-se o demônio com esta malígna suposição. Quando viu que os apóstolos estavam medrosos, covardes e desanimados, julgou que aquela disposição era a pior para o homem, e para ele, o demônio, a melhor ocasião para tentá-los. Acometeu-os, então, com violenta fúria, propondo-lhes grandes dúvidas a respeito do Mestre, e que o abandonassem e fugissem.

À tentação da fuga os apóstolos não resistiram, como a muitas falsas sugestões contra a fé, embora nesta também fraquejaram, uns mais, outros menos, porque todos não foram perturbados e escandalizados em igual medida.

Conflito íntimo dos apóstolos

1242. Separaram-se uns dos outros, fugindo para diferentes direções, pois todos juntos seria difícil se esconderem, o que então só procuravam. Só Pedro e João ficaram juntos, para seguir de longe a seu Deus e Mestre, e ver no que acabariam os fatos **(Jo 18, 15; Mt 26, 58).**

No íntimo dos onze apóstolos, porém, travava-se um conflito de suma dor e tribulação, que lhes triturava o coração e não lhes deixava consolo e descanso algum. De um lado, impunha-se a razão, a graça, a fé, o amor, a verdade; do outro, as tentações, suspeitas, temor, covardia e tristeza.

A razão e a luz da verdade repreendiam-lhes a inconstância e deslealdade em terem abandonado o Mestre, fugindo covardemente do perigo, não obstante haverem sido avisados, e terem prometido, pouco antes, de morrer com Ele, se fosse preciso. Lembravam-se de sua negligente desobediência e descuido em orar e se prevenir contra as tentações, como seu mansíssimo Mestre lhes havia mandado.

O amor que lhe devotavam, por sua amável conversação e agradável trato, por sua doutrina e milagres; a lembrança de que era verdadeiro Deus, os animava para voltarem a procurá-lo, expondo-se ao perigo e à morte, como fiéis servos e discípulos.

A isto acrescentava-se a lembrança de sua Mãe santíssima que deveria estar em grande sofrimento, necessitada de consolo e amparo. Queriam ir procurá-la para assisti-la, mas por outro lado, lutavam com a covardia e o temor da crueldade dos judeus e da morte na vergonha e perseguição.

Se fossem à presença da dolorosa Mãe, temiam que Ela os obrigasse a voltar junto ao Mestre, e se tal não acontecesse, não estariam em segurança, porque poderiam procurá-los onde Ela se encontrava.

Além destas dúvidas, os demônios lhes lançavam ímpias e terríveis sugestões ao pensamento: se se entregassem à morte, não passariam de suicidas; seu Mestre que não pudera salvar a Si, menos ainda poderia tirá-los das mãos dos pontífices; iam tirar a vida de Jesus e com isso terminariam os compromissos com Ele, pois, não O veriam mais; não obstante, a sua vida parecer corretíssima, ensinava algumas doutrinas muito duras e rigorosas, até então nunca vistas, motivo pelo qual os sábios da lei, os pontífices e todo o povo estavam indignados contra Ele; era insensato seguir um homem que ia ser condenado à morte infame e desonrosa.

São Pedro e São João

1243. Nesta luta íntima do coração dos fugitivos apóstolos, trabalhava Satanás para levá-los a duvidar da doutrina de Cristo, e das profecias que falavam de seus mistérios e paixão.

Perdendo a esperança de que o Mestre saísse com vida do poder dos pontífices, o temor deles degenerou em tristeza e melancolia profunda, acabando na decisão de fugir do perigo e salvar a própria vida.

Era tal sua covardia e medo que, naquela noite, nenhum lugar lhes parecia seguro e qualquer sombra ou ruído os apavorava. Aumentou-lhes o temor a traição de Judas que não voltara a se encontrar com nenhum dos onze, e talvez irritaria também contra eles a raiva dos pontífices.

São Pedro e São João, mais fervorosos no amor de Cristo, enfrentaram o medo e as sugestões do demônio, mais do que os outros, e ficando juntos resolveram seguir o Mestre a alguma distância. Para tomarem esta decisão, ajudou-os muito o conhecimento que São João tinha com o pontífice Anás **(Jo 18, 15)**. Este alternava o pontificado com Caifás que o exercia naquele ano, e em assembléia dera o conselho profético, de que importava morresse um só homem para que todo o mundo não perecesse **(Jo 11, 49)**.

O conhecimento entre São João e os pontífices fundava-se em que o apóstolo era tido por pessoa distinta, de linhagem nobre e, pessoalmente afável, cortês e de qualidades muito amáveis.

Nesta confiança, foram os dois apóstolos seguindo a Cristo nosso Senhor com mais coragem. Levavam a lembrança da grande Rainha do céu, penalizados de sua amargura, desejando encontrá-la para a ajudar e consolar quanto lhes fosse possível. Este pensamento preocupava principalmente o devoto evangelista São João.

Maria reza pelos apóstolos

1244. No Cenáculo, a divina Princesa via, por inteligência claríssima, não só a paixão e tormentos de seu Filho santíssimo, mas também tudo quanto acontecia com os apóstolos, interior e exteriormente. Olhava sua tribulação e tentações, seus pensamentos e resoluções, onde cada um se encontrava e o que fazia.

Sendo-lhe assim tudo conhecido, não se indignou a candíssima pomba contra os apóstolos, nem jamais lhes atirou ao rosto a deslealdade que haviam cometido. Pelo contrário, foi Ela o princípio e o instrumento de sua conversão, como adiante direi.

Desde esse momento começou a rezar por eles, e com amabilíssima caridade e compaixão de mãe, dizia: Singelas e escolhidas ovelhas, porque deixais vosso amantíssimo Pastor que de vós cuidava, dando-vos alimento de vida eterna? Por que, sendo discípulos de doutrina tão verdadeira, abandonais vosso Benfeitor e Mestre? Como esqueceis aquele trato tão doce e amoroso que cativava vossos corações? Por que escutais o mestre da mentira, o lobo carniceiro que deseja vossa perdição?

Oh! meu querido e pacientíssimo amor, que benigno e misericordioso vos faz o amor pelos homens! Estendei vossa piedade a este pequeno rebanho que o furor da serpente assustou e dispersou. Não entregueis às feras as almas que crêem em vós **(Sl 73, 19)**.

Grande paciência tendes com os que escolheis para vossos servos e grandes obras realizastes com vossos discípulos. Não se perca tanta graça e não re-

proveis aos que vossa vontade escolheu para fundamentos de vossa Igreja. Não se glorie Lúcifer de triunfar, em vossa presença, do melhor de vossa casa e família. Filho e Senhor meu, olhai a vosso querido

discípulo João, a Pedro e Tiago distinguidos por vossa predileção.

A todos os outros também, voltai os olhos de vossa clemência e abatei a soberba do dragão que, com implacável crueldade, os desorientou.

Maria e a Igreja

1245. Excede a toda capacidade humana e angélica, a grandeza de Maria santíssima nesta ocasião, pelos atos que realizou e pela santidade que manifestou aos olhos e beneplácito do Altíssimo.

Às dores corporais e espirituais que sofreu, participando dos tormentos de seu Filho santíssimo, sentindo os ultrajes dirigidos à sua divina pessoa, cuja dignidade Ela compreendia e venerava em sumo grau, acrescentou-se a dor da queda dos apóstolos, cuja gravidade só Ela sabia ponderar.

Via a fragilidade e o esquecimento que demonstraram dos favores, doutrinas, avisos e advertências de seu Mestre. Tudo em tão pouco tempo: depois da ceia, do sermão que nela lhes fez e da comunhão que lhes dera, com a dignidade de sacerdotes, na qual os deixava tão elevados e comprometidos.

Conhecia também o perigo de caírem em maiores pecados, pela astúcia com que Lúcifer e seus ministros de trevas trabalhavam por derrubá-los, enquanto eles, preocupados pelo medo dos homens, não advertiam na ação diabólica.

Por todas estas razões, a divina Mãe multiplicou suas súplicas até merecer-lhes o remédio de que seu Filho santíssimo os perdoasse, apressando seus auxílios, para logo voltarem à fé e à amizade de sua graça. De todos estes favores, foi Maria o instrumento eficaz e poderoso.

Enquanto se passavam estes fatos, a grande Senhora encerrou em seu coração toda a fé, santidade, culto e veneração ao Senhor. Toda a Igreja nela se concentrou, como em arca incorruptível, onde se guardou e conservou a lei evangélica, o sacrifício, o templo e o santuário.

Nesta ocasião, só Maria santíssima era toda a Igreja. Só Ela acreditava, amava, esperava, venerava e adorava o objeto da fé, por si, pelos apóstolos e por todo o gênero humano. Isto, de tal modo, que compensava, quanto era possível a uma pura criatura, as falhas e faltas de fé de todo o resto dos membros místicos da Igreja.

Fazia heróicos atos de fé, esperança, amor, veneração e culto da divindade e humanidade de seu Filho e Deus verdadeiro. Com genuflexões e pros-

trações o adorava, com admiráveis cânticos o bendizia, sem que a íntima dor e amargura de sua alma, desafinassem o instrumento de suas faculdades, montado e harmonizado pela mão poderosa do Altíssimo.

Não se aplicava a esta grande Senhora o que disse o Eclesiástico **(22, 6)**: a música na dor é importuna. Só Maria santíssima pôde e soube, em meio de suas penas, aumentar a doce harmonia das virtudes.

Judas

1246. Deixando os onze apóstolos nas condições que se disse, volto a contar o infelicíssimo fim do traidor Judas. Antecipo um pouco este sucesso, para deixá-lo em sua desditosa e lamentável sorte, e voltar à descrição da Paixão.

Chegou, pois, o sacrílego discípulo com o esquadrão que levava preso nosso Salvador Jesus, à casa do pontífice Anás e depois à de Caifás, que o esperavam, juntamente com os escribas e fariseus. O pérfido discípulo viu como o Mestre vinha sendo maltratado e atormentado com blasfêmias e golpes, tudo sofrendo com silêncio, mansidão e admirável paciência.

Começou, então, Judas a refletir sobre sua própria aleivosia e que era a causa de um homem inocente, benfeitor seu, ser tratado com tão injusta e imerecida crueldade. Lembrou-se dos milagres que o vira fazer, da doutrina que ensinara, dos benefícios que d'Ele recebera. Recordou também a piedade e doçura de Maria santíssima, a caridade com que havia procurado seu bem, e a maldade obstinada com que ofendera Filho e Mãe, por um vilíssimo interesse. Todos os pecados que havia cometido amontoaram-se diante dele, como um abismo sem fundo e o peso de um monte selvagem.

Remorsos de Judas

1247. A graça divina abandonara Judas, como se disse acima[1], depois do beijo com que tocara em Cristo. Ainda que estava entregue a si mesmo, por ocultos juízos do Altíssimo que o permitiu, fez aquelas reflexões pela razão natural e com muitas sugestões de Lúcifer que o acompanhava.

Ainda que Judas pensasse de modo verdadeiro, no que se disse, como estas verdades eram sugeridas pelo pai da mentira, unia-lhes outras proposições falsas, para levá-lo a deduzir, não a sua salvação e a confiança de obtê-la mas sim para chegar a crer na impossibilidade de a alcançar e acabar no desespero, como aconteceu.

Lúcifer despertou-lhe íntimo arrependimento dos pecados, mas errado em seus motivos e fins. Não se contristou por haver ofendido a verdade divina, mas pela desonra que sofria diante dos homens; pelo medo do que o Mestre, poderoso em milagres, lhe poderia fazer, sendo-lhe impossível escapar, em qualquer lugar do mundo, onde o sangue do Justo estaria sempre clamando contra ele.

Com estes e outros pensamentos que lhe lançou o demônio, encheu-se de vergonha, trevas e violento despeito de si próprio. Afastando-se de todos, esteve a ponto de se atirar do alto da casa dos pontífices, mas não o conseguiu. Saiu, então, e semelhante a uma fera, indignado contra si, mordia-se os braços, as mãos, dava socos na cabeça, puxava os cabelos e, rugindo, amaldiçoava-se como ao mais execrável e infeliz dos homens.

Suicídio de Judas

1248. Ao vê-lo arrasado, Lúcifer lhe sugeriu dirigir-se aos sacerdotes para

1 - nº 1226.

confessar seu pecado e lhes devolver o dinheiro. Assim o fez Judas, imediatamente, e gritando lhes disse aquelas palavras: Pequei, entregando o sangue do Justo **(Mt 27, 4)**. Eles, porém, não menos endurecidos, responderam-lhe que tivesse pensado nisso antes. A intenção do de-mônio era impedir a morte de Cristo, nosso Senhor, pelas razões que deixo ditas[2] e direi mais adiante.

Com esta repulsa dos príncipes dos sacerdotes, tão cheia de ímpia crueldade, acabou Judas de desesperar, convencendo-se de já não ser possível evitar a morte de seu Mestre. Outro tanto julgou o demônio, ainda que continuou suas diligências por meio de Pilatos. Mas, como Judas se tornara inútil para seus planos, aumentou-lhe a tristeza e despeito e o persuadiu que, para não enfrentar mais duras penas, se tirasse a vida.

Acolheu Judas este formidável erro, e saindo da cidade enforcou-se **(Mt 27, 5)** numa árvore seca, tornando-se homicida de si mesmo, depois de se haver feito deicida de seu Criador. A infeliz morte de Judas foi na mesma sexta-feira, pelo meio-dia, antes que morresse nosso Salvador. Não convinha que a morte do Senhor e nossa consumada redenção, caísse logo sobre a execrável morte do discípulo traidor, que, com desmedida malícia, O havia desprezado.

Judas e os maus cristãos no inferno

1249. Os demônios tomaram a alma de Judas e a levaram para o inferno, mas seu corpo ficou pendurado **(At 1, 8)**, e rebentando pelo meio derramou as vísceras. O fato serviu de assombro e pavor, horrível castigo da traição daquele péssimo e pérfido discípulo.

O corpo enforcado permaneceu assim três dias à vista de todos. Nesse tempo, quiseram os judeus tirá-lo da árvore e enterrá-lo às escondidas, pois aquele espe-táculo redundava em grande vergonha para os sacerdotes e fariseus que não podiam negar aquele testemunho de sua maldade.

Não conseguiram, contudo, de jeito nenhum tirar o corpo de Judas de onde se enforcara, até que passados os três dias, por permissão da justiça divina, os demônios o tiraram da forca e o levaram com sua alma ao profundo do inferno onde, em corpo e alma, ficaria eternamente pagando o seu pecado. Digno de espanto e temor é o que conheci sobre o castigo de Judas, que descreverei de acordo com o que me foi mostrado e mandado.

Entre as tenebrosas cavernas dos calabouços infernais, estava uma desocupada, muito grande e de maiores tormentos que as outras. Os demônios não tinham podido atirar ali nenhuma alma, ainda que a crueldade desses inimigos o houvesse procurado, desde Caim até aquele dia. Esta impossibilidade admirava o inferno que ignorava o segredo, até que chegou a alma de Judas a quem, facilmente, arrojaram e mergulharam naquele calabouço, antes nunca ocupado por qualquer dos condenados.

A razão era porque, desde a criação do mundo, aquela caverna de maiores tormentos e fogo, ficara reservada para os cristãos batizados que se condenassem, por não se terem aproveitado dos sacramentos, paixão e morte do Redentor e intercessão de sua Mãe santíssima.

Tendo sido Judas o primeiro a participar deste benefício com tanta abundância para sua salvação, e ingratissimamente os desprezou, foi também o primeiro a inaugurar o lugar e tormentos preparados para os que o imitarem e seguirem.

2 - nº 1130 e seg.

Vingança dos demônios

1250. Foi-me ordenado escrever este mistério, especialmente para exemplo e aviso dos cristãos, em particular dos sacerdotes, prelados e consagrados que tratam com mais frequência o sagrado corpo e sangue de Jesus Cristo, Senhor nosso, e por ofício e estado lhe são mais familiares.

Para não ser argüida, quisera encontrar palavras e razões com que despertar nossa insensível dureza ao ponderar este exemplo. Que ele nos sirva de advertência, para temermos o castigo que espera os maus cristãos, cada qual segundo seu estado de vida.

Os demônios atormentavam Judas com inexplicável crueldade, por não ter desistido de vender seu Mestre, cuja paixão e morte iria derrotá-los e arrancar-lhes o senhorio do mundo. O ódio que, por este motivo, conceberam contra nosso Redentor e sua Mãe santíssima, o executam, no modo que lhes é permitido, contra todos os que imitam o discípulo traidor e desprezam a doutrina evangélica, os Sacramentos da lei da graça e os frutos da Redenção.

É justo que estes malignos espíritos se vinguem nos membros do corpo místico da Igreja que, voluntariamente, se separaram de sua cabeça Cristo e se entregam a seus inimigos. Estes, com implacável soberba a odeiam e amaldiçoam e, como instrumentos da justiça divina, punem as ingratidões dos redimidos contra seu Redentor.

Que os filhos da santa Igreja considerem atentamente esta verdade. Se a tiverem presente, é impossível que não lhes toque o coração e não lhes dê juízo para evitar tão pavoroso perigo.

Dúvidas de Lúcifer

1251. Durante os acontecimentos da Paixão, Lúcifer e seus ministros de maldade andavam muito ansiosos e atentos, para acabarem de se certificar se Cristo nosso Senhor era o Messias e Redentor do mundo. Às vezes, diante dos milagres do Salvador, Lúcifer convencia-se; logo mais dissuadia-se, diante dos atos e da fraqueza humana que nosso Salvador assumiu por nós.

As suspeitas diabólicas, porém, cresceram muito, quando no horto sentiu a força daquela palavra do Senhor: Sou Eu **(Jo 18, 5).** Nesse momento foi fulminado e caiu com todos os outros, na presença de Cristo nosso Senhor. Fazia pouco tempo que saira do inferno acompanhado de suas legiões, onde, do Cenáculo, haviam sido precipitados, ainda que foi Maria santíssima quem os lançou aí[3]. Lúcifer observou, consigo e com seus ministros, que aquele poder e força de Filho e Mãe contra eles, era diferente e nunca experimentado antes.

Quando, no horto, lhe foi permitido se levantar, falou aos outros: Não é possível que este poder seja só humano; sem dúvida, este homem também é Deus. Se morrer, como estamos procurando, vai operar a Redenção, satisfará a Deus, ficando destruído nosso império e frustrado nosso plano.

Erramos desejando-lhe a morte. Agora, se não pudermos impedir que morra, provemos até onde chega sua paciência, e procuremos que seus mortais inimigos o atormentem com ímpia crueldade. Irritemo-los contra Ele; lancemo-lhes sugestões de desprezos, afrontas, ignomínias e tormentos contra sua pessoa. Forcemo-los a empregar sua ira em irritá-lo, e vejamos os efeitos que tudo isto irá produzir n'Ele.

Como propuseram assim fizeram os demônios, ainda que nem tudo conseguiram, como na descrição da paixão se vê, por ocultos mistérios que explicarei[4], e que já expliquei atrás. Provocaram os

3 - Como fica dito acima, nº 1198. - 4 - nº 1290, 1338, 1342.

verdugos para maltratarem o Senhor com alguns tormentos menos decentes à sua real e divina Pessoa, mas o Senhor só consentiu naqueles que quis e foi conveniente sofrer. Nestes, deixou que empregassem toda sua desumana sevícia e furor.

Intervenções de Maria

1252. Para impedir a insolente malícia de Lúcifer, interveio também a grande Senhora do céu, Maria santíssima, pois conheceu todos os esforços do infernal dragão. Com seu poder de Rainha, muitas vezes, impedia-o de atiçar os verdugos. Noutras, a divina Princesa suplicava a Deus não os deixasse executar as sugestões diabólicas e, por meio de seus santos anjos, as estorvava e desvanecia.

Quando, em sua grande sabedoria, entendia que era vontade de seu Filho santíssimo padecê-los, então cessava suas diligências e em tudo se cumpria a permissão da divina vontade.

A divina Senhora viu também tudo o que aconteceu com Judas; sua infeliz morte, o lugar e tormentos que recebeu no inferno; o assento de fogo que terá por toda a eternidade, como mestre da hipocrisia e precursor de todos os que haveriam de negar a Cristo nosso Redentor com a mente e com as obras. Todos os que abandonaram, como diz Jeremias (**17, 13**), o manancial de águas vivas que é o Senhor, ficando escritos e marcados na terra, foram excluídos do céu onde estão escritos os predestinados.

Tudo isto conheceu a Mãe de misericórdia, e chorou amargamente. Rezou ao Senhor pela salvação dos homens, suplicando-lhe os afastasse de tão grande cegueira, abismo e ruína. Contudo, conformava-se com os ocultos e justos juízos de sua Providência divina.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A insegurança humana

1253. Minha filha, estás admirada, e não sem motivo, do que entendeste e escreveste sobre a infeliz sorte de Judas e a queda dos apóstolos. Estiveram todos na escola de Cristo, meu Filho santíssimo, criados com o leite de sua doutrina, vida, exemplos e milagres. Foram privilegiados por seu dulcíssimo e manso convívio, por meus conselhos, intercessão e outros benefícios que recebiam por meu intermédio.

Digo-te, na verdade, que se os filhos da Igreja advertissem na atenção e admiração que este raro exemplo suscita, nele achariam salutar aviso e exemplo para temer o perigoso estado da vida mortal. E isto, por mais favores e benefícios que as almas recebam do Senhor, pois tudo parecerá menos do que vê-lo, ouvi-lo, conviver com ele, tendo-o por modelo vivo de santidade.

O mesmo diga-se a meu respeito: admoestei aos apóstolos, testemunhas de minha santa e inocentíssima vida; receberam grandes favores de minha piedade e lhes comuniquei a caridade, que do Senhor se derramava em Mim.

Se, na mesma presença de seu Senhor e Mestre, esqueceram tantos favores e a obrigação de lhes corresponder, quem será tão presunçoso, na vida mortal, que não tema o perigo de ruína, por mais benefícios que haja recebido? Aqueles discípulos eram apóstolos, escolhidos por seu divino Mestre, Deus verdadeiro. Apesar disso, um chegou a cair mais miseravelmente que todos os homens, e os outros desfaleceram na fé, fundamento de toda virtude. E tudo foi conforme à justiça e

inescrutáveis juízos do Altíssimo. Como, então, deixarem de temer os que não são apóstolos, nem trabalharam tanto quanto eles na escola de Cristo meu Filho santíssimo e seu Mestre, e nem merecem tanto minha intercessão?

Os maus cristãos são mais culpados que os demônios

1254. Da ruína e perdição de Judas e de seu justíssimo castigo, deixas escrito o que basta para se entender, a que estado os vícios e a má vontade podem chegar a arrastar um homem que se lhes entrega, desprezando os convites e auxílios da graça. Além do que escreveste, advirto-te que não só Judas, o discípulo traidor, mas também muitos cristãos, que com ele se condenam, padecem tormentos que excedem aos de muitos demônios, no mesmo lugar das penas que a estes foi destinado desde o princípio do mundo.

Meu Filho santíssimo não morreu pelos maus anjos e sim pelos homens; os demônios não puderam receber o fruto e efeito da Redenção, que os Filhos da Igreja usufruem realmente pelos Sacramentos. Desprezar a este incomparável benefício, é pecado mais dos cristãos do que do demônio, e por isto lhes corresponde nova e diferente pena por semelhante desprezo. Lúcifer e seus ministros enganaram-se, e só reconheceram a Cristo por verdadeiro Deus e redentor em sua morte. Este fracasso sempre atormenta e traspassa as potências daqueles malignos espíritos. Deste despeito concebem nova indignação contra os redimidos, e ainda maior contra os cristãos a quem são mais aplicadas a redenção e o sangue do Cordeiro.

Por isto, esforçam-se tanto os demônios em fazer que os fiéis esqueçam e percam a graça da Redenção, e depois no inferno se mostram mais furiosos contra os maus cristãos. Sem piedade alguma lhes infligiriam maiores tormentos, se a justiça divina não dispusesse, com equidade, que as penas fossem medidas pelas culpas. Não deixa isto à vontade dos demônios, mas controla-os com seu poder e sabedoria infinitas, pois até naquele lugar chega a bondade do Senhor.

Não confundir o sensível com o espiritual

1255. Desejo, caríssima, que a queda dos apóstolos sirva-te de advertência sobre o perigo da fragilidade humana.

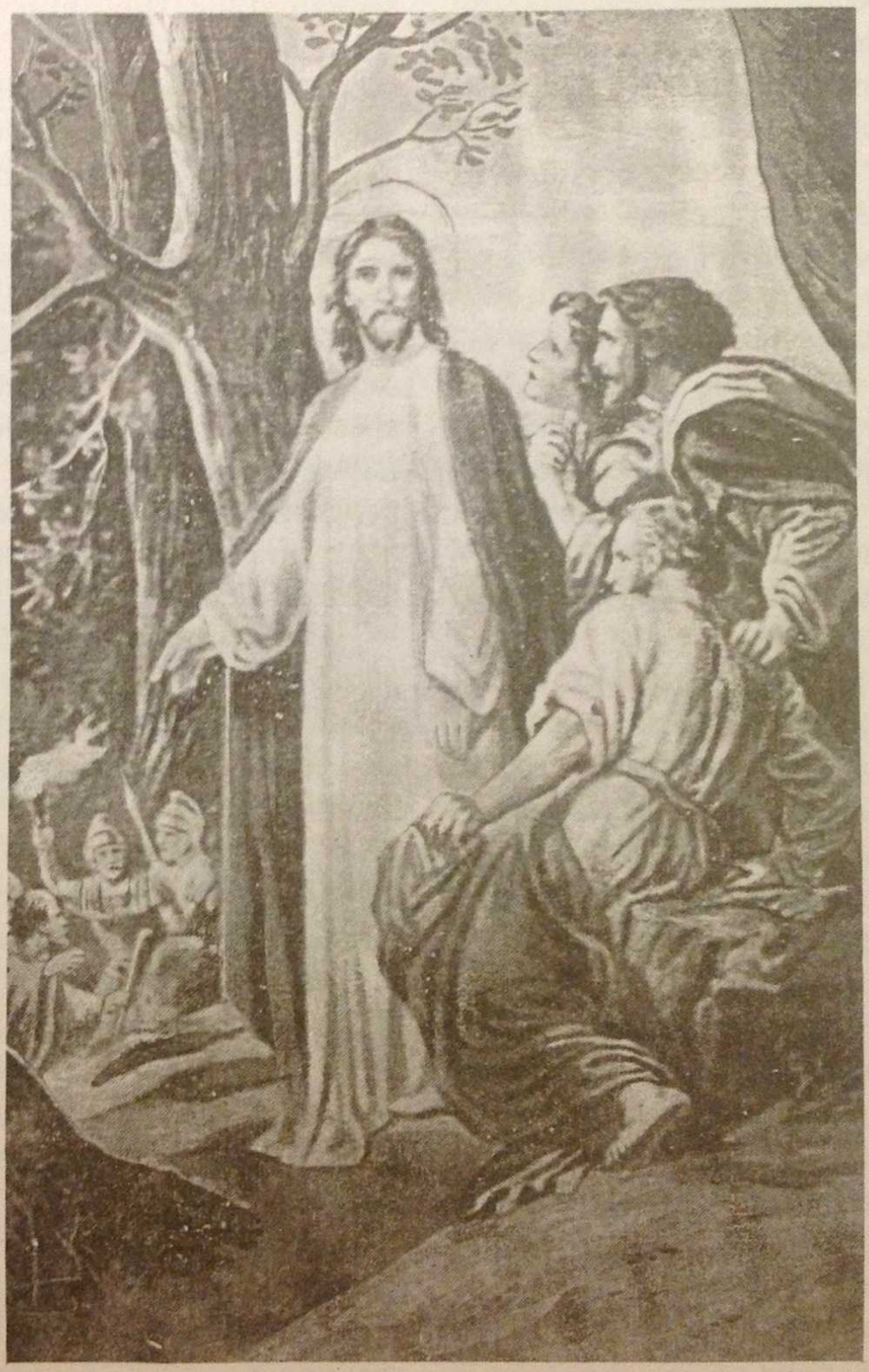
Mesmo recebendo favores e benefícios do Senhor, a natureza facilmente se acostuma a ser grosseira, negligente e desagradecida, como aconteceu aos onze apóstolos quando, incrédulos, abandonaram seu Mestre celestial e fugiram. Este perigo se origina dos homens serem tão materiais e inclinados a todo o sensitivo e terreno.

Estas inclinações, depravadas pelo pecado, e o costume de viver mais segundo a carne e as coisas sensíveis do que pelo espírito, levam a estimar e a tratar de modo terreno, até os próprios benefícios e dons do Senhor. Quando não os recebem por este modo, logo se distraem com outros objetos sensíveis. Perdem o rumo da vida espiritual, porque a exercitam como coisa sensível, com pouca estima do espiritual. Por esta inadvertência e grosseria caíram os apóstolos, apesar de muito favorecidos por meu Filho santíssimo e por Mim.

Presenciavam concretamente seus milagres, doutrinas e exemplos e, não obstante, serem justos e perfeitos, eram terrenos e afeiçoaram-se a esse lado sensível. Quando lhes faltou, perturbaram-se com

a tentação e nela caíram. Haviam compreendido pouco os Mistérios e o sentido espiritual do que tinham visto e ouvido na escola de seu Mestre.

Com este exemplo e doutrina, ficarás, minha filha, instruída para ser minha discípula espiritual e não te acostumares ao sensível, ainda que sejam favores do Senhor e meus. Quando os receberes, não te detenhas no que tem de material e sensitivo. Eleva tua mente ao espiritual que se percebe com luz e ciência interior e não com o sentido animal **(1 Cor 2, 14).** Se o sensível pode estorvar a vida espiritual, que dizer do que pertence à vida terrena, animal e carnal? Por isto, quero que esqueças e apagues de tuas potências toda imagem e lembrança de criaturas, para seres idônea e capaz de minha imitação e salutar doutrina.



Jesus é traído por Judas.

CAPÍTULO 15

JESUS É CONDUZIDO AO PONTÍFICE ANÁS. SOFRIMENTO DE SUA MÃE SANTÍSSIMA.

Advertência da escritora

1256. Da paixão, afrontas e tormentos de nosso Salvador Jesus, dever-se-ia falar com palavras tão vivas, eficazes e mais penetrantes que espada de dois gumes, até partir de dor o mais íntimo de nosso coração **(Heb 4, 12).**

Não foram comuns as penas que sofreu; não se encontrará dor semelhante à sua **(Trenos 1, 12)**; sua pessoa não era como a dos outros filhos dos homens; não sofreu por Si, nem por suas culpas, mas por nós **(1 Ped 2, 21)** e pelas nossas. É, pois, razão que as palavras para descrever seus tormentos e dores não sejam comuns e triviais, mas com termos fortes e expressivos as apresentemos aos nossos sentidos.

Mas, ai de mim, que não posso emprestar energia às minhas palavras, nem encontro as que minha alma deseja para manifestar estes segredos! Direi o que conseguir, falarei como puder e me for concedido, ainda que a pobreza de meu talento coarte e limite a grandeza da compreensão, e os termos inadequados não possam exprimir o conceito captado pelo coração.

Supra a insuficiência das palavras a força e vivacidade da fé que professamos como filhos da Igreja. Se os termos são comuns, seja extraordinária a dor e o sentimento; altíssimo o conceito; veemente a compreensão; profunda a ponderação; cordial o agradecimento e fervoroso o amor. Tudo será menos do que foi a realidade do acontecimento, e muito pouco, para quanto devemos como servos, amigos e filhos adotivos, por sua paixão e morte santíssima.

Jesus acorrentado e amarrado

1257. O mansíssimo cordeiro Jesus, atado e preso no horto, foi levado à casa dos pontífices, primeiro à de Anás **(Jo 18, 13)**. O turbulento esquadrão de soldados e servos ia avisado pelas advertências do discípulo traidor **(Mc 14, 44):** não se fiassem do Mestre e o levassem bem amarrado, porque era feiticeiro e podia escapar de suas mãos.

Lúcifer, e seus príncipes de trevas, ocultamente os irritavam e enstigavam a tratar o Senhor, ímpia e sacrilegamente, sem humanidade nem decôro. Sendo todos instrumentos dóceis à vontade de Lúcifer, de quanto lhes foi permitido, nada deixaram de executar contra a pessoa de seu próprio Criador.

Ataram-no com um corrente de grandes anéis de ferro, de tal modo que, depois de rodearem a cintura e o pescoço, com as extremidades, onde havia algumas argolas, encadearam também as mãos do Senhor que fabricou os céus **(Heb 1, 10)**,

os anjos e todo o universo. Assim presas as mão lhe ficaram não na frente, mas nas costas.

Esta corrente servia, na casa do pontífice Anás, para erguer a ponte levadiça de um calabouço. Com a finalidade de aprisionar o divino Mestre, tiraram-na de lá e a arrumaram com aquelas argolas e fechos semelhantes a cadeados. Ainda não ficaram satisfeitos nem seguros com este estilo de prisão nunca vista. Sobre as pesadas correntes, ainda amarraram duas cordas bem grossas. Uma, lançaram sobre o pescoço de Cristo nosso Senhor, cruzaram-na no peito, rodearam-lhe o corpo amarrando-o com fortes nós, e deixaram duas pontas livres para que dois soldados fossem puxando e arrastando o Senhor. A segunda corda serviu para lhe atar os braços, rodeando também a cintura em direção às costas onde estavam suas mãos. Daí pendiam duas extremidades que outros dois servos seguravam.

Partida do horto

1258. Assim se deixou atar e aprisionar o Onipotente e Santo, como se fôra o maior facínora dos homens e o mais fraco dos mortais. Sobrecarregou-se com as nossas iniquidades **(Is 53, 6)** e com nossa fraqueza e incapacidade para o bem.

Tendo-o amarrado no horto, atormentaram-no não só com as mãos, com as cordas e cadeias mas também com as línguas. Semelhantes a serpentes venenosas, lançaram a sacrílega peçonha em blasfêmias, contumélias e opróbrios incríveis, contra a Pessoa que os anjos e os homens adoram e exaltam no céu e na terra.

Partiram do monte Olivete com grande vozerio e tumulto, levando no meio o Salvador do mundo. Uns o puxavam pelas cordas da frente e outros pelas das costas amarradas nos pulsos. Com violência nunca imaginada, às vezes faziam-no caminhar às pressas, atropelando-o, outras puxavam-no para trás, detendo-o; arrastavam-no de um lado para o outro, conforme eram impelidos pela instigação diabólica. Muitas vezes o derrubaram por terra e, como tinha as mãos amarradas, caía sobre o rosto, ferindo-o e cobrindo-o de pó. Nestas quedas, arremetiam-no com golpes e ponta-pés, pisando sobre sua real Pessoa, magoando-lhe a face e a cabeça. Com algazarra e vaias, aplaudiam essas injúrias, fartando-o de opróbrios, conforme a dolorosa palavra de Jeremias **(Tren 3, 30).**

Dúvida e ira de Lúcifer

1259. Em meio desta ímpia ferocidade que Lúcifer acendera naqueles seus ministros, observava ele, com atenção, o procedimento de nosso Salvador cuja paciência pretendia irritar. Desejava chegar a saber se era puro homem, pois esta dúvida atormentava sua péssima soberba, mais do que todas suas grandes penas.

Vendo a mansidão, suavidade e paciência de Cristo entre tantas injúrias e maus tratos recebidos com semblante sereno, majestoso e impassível, enfureceu-se mais o infernal dragão. Como se fora um homem louco furioso, pretendeu pegar nas cordas que os verdugos seguravam, para ele e outros demônios puxarem com maior violência e desafiar, com mais crueldade, a mansidão do Senhor.

Maria santíssima que, do lugar onde se encontrava retirada, tinha clara visão de tudo o que ia acontecendo à pessoa de seu Filho santíssimo, impediu o intento diabólico. Quando viu o atrevimento de Lúcifer, usou do poder de Rainha e lhe ordenou não fazer ao Salvador o que intencionava. No mesmo

instante, o inimigo sentiu-se sem forças e não pode executar seu plano, pois não era conveniente que sua maldade interviesse, por aquele modo, na paixão e morte do Redentor.

Deu-se-lhe, porém, permissão para incitar seus demônios contra o Senhor, e a todos eles para provocar os judeus, fautores da morte do Salvador, pois estes dispunham de livre vontade para nela consentir ou não.

Assim o fez Lúcifer, e voltando-se para seus demônios lhes disse: Que homem do mundo é este que assim nos atormenta e aniquila com sua paciência? Nenhum, até agora, foi tão inalterável no sofrimento, desde Adão até hoje. Nunca vimos, entre os mortais, semelhante humildade e mansidão. Como pudemos sossegar, vendo no mundo exemplo tão raro e de tanta força para arrastar os outros? Se este é o Messias, sem dúvida abrirá o céu e fechará o caminho por onde levamos os homens aos nossos eternos tormentos, ficando vencidos e aniquilados nossos planos.

Se não for mais que puro homem, ainda assim não posso suportar que deixe aos outros tão grande exemplo de paciência. Vinde, pois, ministros de minha altiva grandeza, persigamo-lo por meio de seus inimigos que, obedientes ao meu império, conceberam contra Ele a furiosa inveja que lhes comuniquei.

Jesus na casa de Anás

1260. Ocultando o poder com que os poderia aniquilar, o Autor de nossa Salvação sujeitou-se a toda a desapiedada raiva que Lúcifer fomentou naquele esquadrão de judeus, para que nossa Redenção fosse mais copiosa.

Levado assim, preso e maltratado, chegaram à casa do pontífice Anás, a quem O apresentaram como malfeitor digno de morte. Era costume dos judeus apresentar assim amarrados os delinquentes que mereciam pena capital, sendo aquelas ataduras testemunhas do delito que merecia a morte. Assim levavam o Senhor, como que já sentenciado, antes que o juiz se pronunciasse.

Dirigiu-se o sacrílego sacerdote Anás a uma grande sala, onde se assentou, cheio de soberba e arrogância, no estrado que servia de tribunal.

Imediatamente, colocaram-se a seu lado o príncipe das trevas Lúcifer, e grande multidão de demônios entre os servos e soldados. Apresentaram-lhe Jesus e lhe disseram: Aqui está, Senhor, este malvado que, com seus feitiços e maldades, perturbou toda Judéia e Jerusalém; mas, desta vez, a arte mágica não lhe valeu para escapar de nossas mãos.

Interrogatório de Anás

1261. Estava nosso Salvador Jesus assistido por inumeráveis anjos que o

adoravam, admirados pelos incompreensíveis juízos de sua sabedoria (**Rom 11, 33**): o Mestre consentindo em ser apresentado como réu e pecador; e o iníquo sacerdote passando por justo e zeloso da honra do Senhor a quem, sacrilegamente, pretendia arrebatar juntamente com a vida.

Em silêncio, mantinha-se o mansíssimo Cordeiro sem abrir a boca, como disse Isaias (**53, 7**). O pontífice, com arrogante autoridade, lhe perguntou por seus discípulos (**Jo 18, 19**) e pela doutrina que pregava.

Fez esta pergunta, com intenção de tirar da resposta algum pretexto para o acusar. O Mestre da santidade, porém, que guia e emenda os mais sábios (**Sab 7, 15**), ofereceu ao eterno Pai aquela humilhação de ser apresentado como réu ante o pontífice, interrogado como criminoso e autor de falsa doutrina.

Respondeu nosso Redentor, com humilde e sereno semblante, à pergunta sobre sua doutrina: Sempre falei em público, ensinando e pregando no templo e na sinagoga onde concorrem os judeus, e nada disse às escondidas. Por que perguntas a Mim? Eles te dirão o que lhes ensinei. (**Jo 18,20-21**)

Como a doutrina de Cristo, nosso Senhor, era de seu eterno Pai respondeu por ela e por seu crédito. Remeteu-se aos seus ouvintes, porque sua resposta era esperada não para ser aceita, mas para ser usada como acusação. Além disto, a verdade e a virtude se impõem e se abonam por si mesmas, ainda entre os maiores inimigos.

A bofetada do criado

1262. Não respondeu pelos apóstolos, por não ser necessário na ocasião, nem eles estavam em condições de serem louvados por seu Mestre.

Apesar desta resposta ter sido tão cheia de sabedoria, e tão de acordo com a pergunta, um dos servos que assistiam ao Pontífice, com tremenda audácia, levantou a mão e deu uma bofetada no venerável rosto do Salvador, repreendendo-o: Assim é que respondes ao Pontífice? (**Jo 18, 22**).

Recebeu o Senhor este ultraje, rogando ao Pai por quem o fizera, estando pronto a oferecer o outro lado da face, se fosse necessário, para receber outra bofetada em cumprimento da doutrina que ensinara (**Mt 5, 39**).

Para que o estulto e atrevido ministro não ficasse ufano e sem confusão por tão inaudita maldade, replicou-lhe o Senhor com grande serenidade e mansidão: Se falei mal, declara-o e dize no que está o mal que me atribuis; e se falei como devia, por que me feres? (**Jo 18, 23**).

Oh! espetáculo espantoso para os espíritos celestes! Só de ouvir-te contar podem e devem tremer as colunas do céu e estremecer todo o firmamento! (**Jó 26, 11**). Este Senhor é aquele do qual disse Jó (**9, 4**): é sábio de coração e tão forte que ninguém lhe pode resistir, e ficar em paz; com seu furor subverte os montes antes que possam percebê-lo; move a terra de seu lugar, sacode suas colunas umas contra as outras; manda ao sol que não nasça e encerra as estrelas sob um selo; faz coisas grandes e incompreensíveis; ninguém pode resistir à sua ira, e diante dele, dobram os joelhos os que sustentam todo o orbe. Este mesmo é quem, por amor dos homens, suporta que um ímpio criado lhe fira a face com uma bofetada.

Primeira negação de Pedro

1263. A resposta humilde e irrefutável de Cristo ao sacrílego servo, envergonhou-o de sua maldade. Mas, nem

esta confusão, nem a que o pontífice deveria sentir permitindo que, em sua presença, se cometesse tal desacato, bastou para levá-lo a abrandar o tratamento que dava ao Autor da vida.

Neste ínterim, chegaram à casa de Anás, São Pedro e o outro discípulo que era São João. Este, sendo conhecido, entrou facilmente, enquanto São Pedro ficou fora, até que a pedido de São João, a porteira, criada do Pontífice, o deixou entrar **(Jo 18, 16)**. Queriam ver o que estava acontecendo ao Redentor.

Entraram os dois apóstolos no pátio da casa, exterior à sala do pontífice, e São Pedro aproximou-se do fogo que os soldados acenderam, porque a noite era fria. A porteira olhou atentamente São Pedro, desconfiada de que ele era um discípulo de Cristo, e aproximando-se lhe perguntou: Por acaso, não és um dos discípulos desse Homem? **(Jo 18, 17).**

Esta pergunta da criada, feita com certo desprezo e ofensa, envergonhou São Pedro. Acovardado, cheio de temor, respondeu: Não sou seu discípulo. Com esta resposta, afastou-se do grupo e saiu da casa de Anás. Depois, seguindo o Mestre foi a de Caifás, onde negou mais duas vezes, como adiante direi[1].

Compaixão de Maria

1264. Para o divino Mestre foi mais dolorosa a negação de Pedro, do que a bofetada do criado. À sua imensa caridade custava mais o pecado, do que os sofrimentos pelos quais pagava nossas culpas.

Na primeira negação, Cristo rezou ao eterno Pai por seu apóstolo, e dispôs que, pela intercessão de Maria santíssima, lhe fosse prevenida a graça e o perdão para depois das três negações.

A grande Senhora via de seu oratório tudo o que ia acontecendo, conforme fica dito. Como tinha em seu peito o propiciatório e o sacrifício, seu próprio Filho sacramentado, dirigia a Ele suas súplicas e amorosos afetos, exercitando heróicos atos de compaixão, agradecimento, culto e adoração.

Quando a piedosíssima Rainha viu a negação de São Pedro, chorou amargamente e não cessou de chorar, até entender que o Altíssimo não recusaria a Pedro os auxílios para se levantar de sua queda.

Sentiu também a Mãe puríssima, em seu virginal corpo, todas as dores, feridas e tormentos que seu Filho recebia no dele. Quando Jesus foi atado com as cordas e correntes, sentiu nos pulsos tantas dores, que o sangue lhe saltou das unhas, como se suas virginais mãos fossem atadas e apertadas. O mesmo aconteceu com as demais feridas.

Acrescentando-se a esta pena corporal a do coração, por ver seu Filho padecer, a Mãe amantíssima chorou sangue vivo, sendo o poder de Deus o artífice deste milagre. Sentiu também o golpe da bofetada recebida por Jesus, como se aquela mão sacrílega, houvera ferido ao mesmo tempo o Filho e Mãe juntos. Neste ultraje, nas blasfêmias e desacatos, chamou seus santos anjos, para com Ela exaltar e adorar seu Criador, em reparação dos opróbrios que recebia dos pecadores.

Com prudentíssimas palavras, cheias de amargura e dor, conferia com os anjos a causa de seu pranto e dolorosa compaixão.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA DO CÉU.

Ingratidão e esquecimento dos homens

1265. Minha filha, a divina luz que recebes sobre os mistérios de meu Filho

1 - nº 1278.

santíssimo e meu: a compreensão do quanto sofremos pela linhagem humana e a ingratidão com que nos retribuem tantos benefícios: - tudo isto é convite para realizares grandes coisas. Apesar de viveres em carne mortal, exposta a estas ignorâncias e fraquezas, a força da verdade que entendes, desperta em ti muitos afetos: admiração, dor, aflição e compaixão pelo esquecimento e pouca atenção dos mortais a tão grandes sacramentos, e pelos bens que perdem em sua frouxidão e tibieza.

Qual será, então, a ponderação que disso farão os anjos e santos? E qual será a que Eu terei na visão do Senhor, ao ver o mundo e os fiéis em tão perigoso estado e tremendo descuido, depois que meu Filho santíssimo sofreu e morreu? Agora, que dispõem do exemplo de nossa vida puríssima, e a Mim por Mãe e intercessora?

Na verdade, digo-te, caríssima, que só minha intercessão e o oferecimento ao Eterno Pai dos méritos de seu Filho e meu, podem suspender o castigo e aplacar sua justa indignação. É isto que o impede destruir o mundo e açoitar, rigorosamente, os filhos da Igreja que conhecem a vontade do Senhor e não a cumprem **(Jo 15, 15).**

Vejo-me, porém, muito desobrigada, por encontrar tão poucos, que se contristem comigo e consolem a meu Filho em suas penas, como disse David **(Sl 68, 21)**. Esta dureza será motivo de maior confusão para os maus cristãos no dia do juízo.

Conhecerão, naquele dia, com irremediável dor, que não apenas foram ingratos, mas até desumanos e cruéis com meu Filho santíssimo, comigo e consigo mesmos.

O mundanismo oposto a Cristo

1266. Considera, pois, caríssima, tua obrigação, e eleva-te acima de tudo e de ti mesma. Eu te chamo e escolho para me imitar e acompanhar, naquilo em que me deixam tão só, as criaturas que meu Filho santíssimo e Eu tanto beneficiamos. Pondera, quanto te for possível, o muito que custou a meu Senhor reconciliar os homens com o Pai **(Col 1, 22)** e merecer-lhes sua amizade. Chora e aflige-te de que tantos vivem esquecidos de tudo isso, enquanto outros trabalham, com todo afinco, para destruir e perder o que custou o sangue e a morte do mesmo Deus, e o que Eu, desde minha concepção, procurei e procuro solicitar e obter para sua salvação.

Desperta em teu coração dorido pranto, de que na santa Igreja haja tantos imitadores dos pontífices hipócritas e sacrílegos que, a pretexto de falsa piedade, condenaram a Cristo. A soberba, fausto e outras graves culpas, encontram-se autorizadas e entronizadas, enquanto a humildade, a verdade, a justiça e as virtudes são oprimidas e desprezadas. Só prevalecem a cobiça e a vaidade.

Poucos conhecem a pobreza de Cristo e menos ainda a abraçam. A santa fé encontra-se imobilizada e não se propaga, por causa da desmedida ambição dos poderosos do mundo. Nos católicos permanece morta ou inerte, e tudo o que deveria viver está morto, a caminho da perdição. Os conselhos do Evangelho são esquecidos, os preceitos transgredidos, a caridade quase extinta. Meu Filho, verdadeiro Deus, entregou sua face, com paciência e mansidão, àqueles que a feriam **(Tren 3, 30).**

Quem perdoa uma injúria para O imitar? O mundo criou leis opostas à sua e não apenas os infieis, mas os próprios filhos da fé e da luz as seguem.

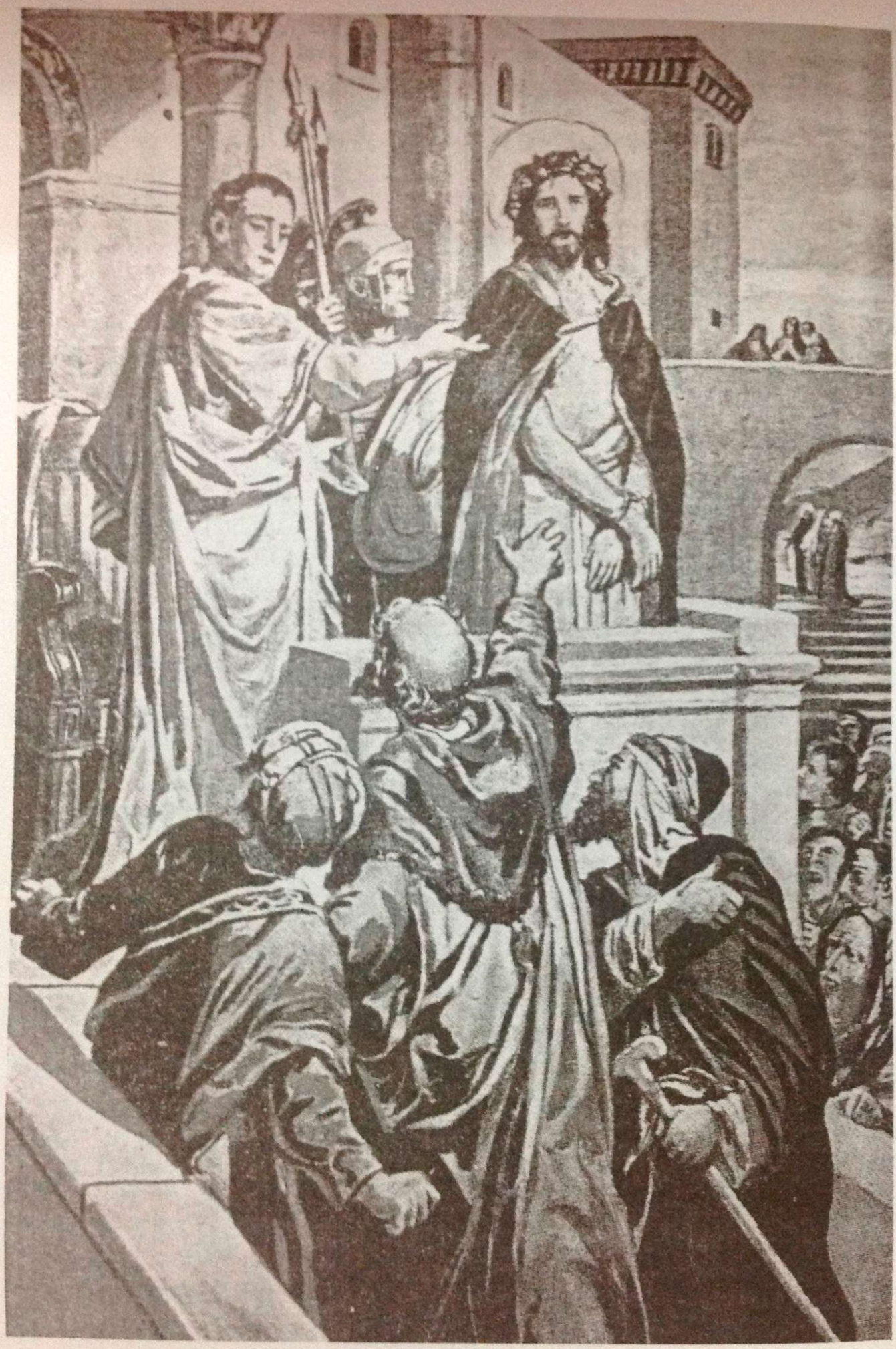
Reparação

1267. Ao teres conhecimento destes pecados, quero que imites o que Eu

fiz na Paixão e em toda minha vida, reparando-os com atos das virtudes contrárias. Pelas blasfêmias bendizia o Senhor, pelos perjúrios o louvava, pela descrença protestava-lhe a fé, e assim por todas as demais ofensas. Quero que pratiques isto no mundo em que vives e conheces. Foge também do perigo das criaturas. Sirva-te de exemplo a queda de Pedro, pois não és mais forte do que o discípulo e apóstolo de Cristo.

E, se alguma vez caíres por fragilidade, chora logo com ele e procura minha intercessão. Repara tuas faltas ordinárias, com a paciência nas adversidades. Recebe-as com alegre semblante sem alteração, sejam quais forem; tanto as de enfermidades como das criaturas; ou as espirituais causadas pela contradição das paixões **(Rom 7, 23)** e da luta contra os inimigos invisíveis e espirituais. Tudo isto podes e deves padecer e suportar com fé, esperança e grandeza de alma e de coração.

Advirto-te que não há exercício mais útil e proveitoso para a alma, do que o padecer. Ele esclarece, dá discernimento, desprende o coração humano das coisas terrenas; eleva-o ao Senhor que lhe sai ao encontro, porque Ele permanece com o atribulado para o libertar e amparar **(Sl 90, 15).**



Julgamento de Jesus

CAPÍTULO 16

NA CASA DE CAIFÁS, JESUS É ACUSADO E INTERROGADO. PEDRO NEGA-O DUAS VEZES. O QUE MARIA SANTÍSSIMA FEZ NESSA OCASIÃO.

Jesus é levado a Caifás

1268. Depois que nosso Salvador Jesus recebeu a bofetada e insultos na casa de Anás, este pontífice o remeteu, atado como estava, ao pontífice Caifás, seu genro que naquele ano, desempenhava o ofício de príncipe e sumo sacerdote (**Jo 18, 24**). Com ele haviam se reunido os escribas e anciãos do povo (**Mt 26, 57**) para julgar a causa do inocentíssimo Cordeiro.

A invencível paciência e mansidão que o Senhor das virtudes (**Sl 23, 10**) mantinha nas injúrias que recebia, deixava os demônios atônitos, cheios de confusão e raiva que não se podem explicar por palavras. Não penetravam os atos interiores da santíssima Humanidade, e nas exteriores, por onde nos demais homens rastream o coração, não viam no mansíssimo Senhor nenhum movimento de alteração. Não se queixava, nem sequer dava um suspiro para aliviar sua humanidade.

Esta grandeza de ânimo admirava e atormentava o dragão, como coisa nunca vista entre homens de condição passível e frágil. Com esta raiva, o inimigo irritava os príncipes, escribas e servos dos sacerdotes, para ultrajar e maltratar o Senhor com abomináveis opróbrios. Tudo quanto o demônio lhes inspirava, prontamente o executavam, se a divina vontade o permitia.

Chegada de Jesus na casa de Caifás

1269. Partiu da casa de Anás a canalha de ministros infernais e homens desumanos, levando pelas ruas nosso Salvador até a casa de Caifás, tratando-o sempre com implacável e ignominiosa crueldade.

Com escandaloso tumulto entraram na casa do Sumo Sacerdote. Este e todos seus comparsas receberam ao Criador e Senhor do universo com grande zombaria e riso por vê-lo sujeito ao seu poder e jurisdição, dos quais, lhes parecia, já não poderia se defender.

Oh! segredo da altíssima sabedoria do céu! Oh! estultice da ignorância diabólica e cega dureza dos mortais! Que distância imensa vejo entre vós e as obras do Altíssimo! Quando o Rei da glória, poderoso nas batalhas (**Sl 23, 8**), está vencendo os vícios, a morte e o pecado, com as virtudes da paciência, humildade e caridade, como Senhor de todas elas, então pensa o mundo que o venceu e sujeitou com sua arrogante soberba e presunção!

Que distância entre os pensamentos de Cristo nosso Senhor e os daqueles instrumentos da maldade! O Autor da vida oferecia a seu eterno Pai aquele triunfo

que sua mansidão e humildade obtinha sobre o pecado. Rogava pelos sacerdotes, escribas e ministros que o perseguiam, apresentando sua paciência, dores e a ignorância dos ofensores.

Igual oração fez, naquela mesma hora, sua Mãe beatíssima, rogando pelos inimigos seus e de seu Filho santíssimo. Acompanhava-o e imitava-o em tudo o que Ele ia fazendo, pois tudo lhe era mostrado, conforme repeti muitas vezes. Entre Filho e Mãe havia admirável e amabilíssima consonância, agradável aos olhos do eterno Pai.

As falsas testemunhas

1270. Encontrava-se o pontífice Caifás sentado em sua cátedra sacerdotal, aceso em mortal inveja e ódio contra o Mestre da vida.

Assistiam-no Lúcifer com todos os demônios que tinham vindo da casa de Anás. Os escribas e fariseus pareciam lobos sanguinários carregando a presa, o manso Cordeirinho. Todos se alegravam, como o invejoso quando vê arrasado quem o superava.

De comum acordo, procuraram testemunhas que, subornadas com dádivas e promessas, dessem falso testemunho contra Jesus nosso Salvador **(Mt 26, 59)**. Vieram os que estavam preparados, mas seus depoimentos não concordavam entre si **(Mc 14, 56)**, menos ainda podiam convir a quem era a própria inocência e santidade por natureza **(Heb 7, 26)**. Para sair do embaraço, chamaram outras duas falsas testemunhas **(Mt 26, 60)** que declararam: tinham ouvido Jesus dizer que possuía o poder para destruir aquele templo de Deus feito por mãos dos homens, e edificar outro em três dias **(Mc 14, 58)** não humanamente construído.

Este falso testemunho também não parecia suficiente, mesmo que nele pretendessem acusar nosso Salvador de usurpar o poder divino, apropriando-o a Si. Isto era verdade infalível, nunca podia ser falso, pois Jesus era verdadeiro Deus. O depoimento, porém, era falso porque o Senhor não havia proferido as palavras como as testemunhas referiam, entendendo-as do templo material. Dissera aquela frase quando, ao expulsar os vendilhões do templo, perguntaram-lhe os escribas e fariseus, com que poder procedia daquele modo **(Jo 2, 19)**. A resposta que lhes deu significava: destrui este templo, o de sua humanidade santíssima, e ao terceiro dia o ressuscitaria, como aconteceu em testemunho de seu poder divino.

O silêncio de Jesus

1271. Não respondeu nosso Salvador palavra alguma, a todas as calúnias e falsidades que depunham contra sua inocência. Vendo Caifás o silêncio e paciência do Senhor, levantou-se do assento e lhe disse: Então, nada respondes ao que tantos te acusam? **(Mc 14, 60).**

Nem a esta pergunta respondeu o Senhor, porque Caifás e os demais não estavam dispostos a lhe dar crédito. Pelo contrário, a capciosa intenção deles, era tirar das palavras do Senhor qualquer motivo de acusação. Queriam justificar-se perante o povo, para que este não chegasse a saber que condenavam o Senhor à morte sem justa causa.

Este humilde silêncio de Cristo nosso Senhor, que deveria abrandar o coração do mau sacerdote, enfureceu-o mais, porque poderia fazer falhar os planos de sua malícia.

Lúcifer, que manejava Caifás e todos os mais, estava muito atento a tudo o que o Salvador do mundo fazia, ainda que

a intenção deste dragão era diferente da do pontífice. Só pretendia irritar a paciência do Senhor, ou levá-lo a dizer alguma palavra, por onde pudesse conhecer se era Deus verdadeiro.

Jesus declara-se Filho de Deus

1272. Com este propósito, Lúcifer inspirou a Caifás, com grande sanha e autoridade, para fazer a Cristo aquela nova pergunta: Eu te conjuro pelo Deus vivo, que nos declares se és o Cristo, Filho de Deus bendito **(Mt 26, 63).**

Esta pergunta, partindo de um pontífice, foi audaz e cheia de temeridade e insipiência. Na dúvida de Cristo ser, ou não, Deus verdadeiro, tê-lo em sua presença preso como réu era formidável crime, pois aquele exame deveria ser feito por outro modo conforme à razão e justiça.

Entretanto, Cristo, nosso bem, ouvindo-se conjurar pelo Deus vivo, o adorou e reverenciou ainda que nomeado por língua tão sacrílega. Por causa desta reverência, respondeu: Tu o disseste, Eu sou. E vos asseguro que, um dia, vereis o Filho do Homem, que sou Eu, assentado à direita de Deus, vindo sob as nuvens do céu **(Mt 26, 64).**

Esta divina resposta abalou os demônios e os homens com diferentes efeitos. Lúcifer e seus ministros não a puderam suportar. Dela saiu uma força que os atirou ao mais profundo dos abismos, oprimidos pelo terrível tormento que lhe causou aquela verdade. Não teria se atrevido a voltar na presença de Cristo, nosso Salvador, mas a altíssima providência do Senhor permitiu que Lúcifer tornasse a duvidar: aquele Homem disse a verdade, ou mentiu para se livrar dos Judeus?

Nesta dúvida, se encorajaram novamente e voltaram às trincheiras. Na cruz é que o Salvador alcançaria o triunfo final sobre eles e sobre a morte, segundo a profecia de Habacuc, como adiante veremos[1].

Caifás condena Jesus

1273. O pontífice Caifás que pela resposta do Senhor, deveria se ter esclarecido e convertido ao bem, indignou-se. Levantou-se novamente e rasgando as vestes, em testemunho de zelo pela honra de Deus gritou: Blasfemou! Que necessidade há de mais testemunhas? Ouvistes a blasfêmia? Que vos parece?

Esta louca e abominável ousadia de Caifás é que foi verdadeira blasfêmia. Recusou a Cristo a filiação divina que, por natureza lhe pertencia e lhe atribuiu o pecado que por natureza, opunha-se a sua divina pessoa. Tal foi a loucura daquele iníquo sacerdote a quem por ofício incumbia conhecer a verdade e ensiná-la. Fez-se execrável blasfemo ao dizer que a própria santidade blasfemava.

Pouco antes havia profetizado, em virtude de sua dignidade, por moção do Espírito Santo que convinha um só homem morrer, para que toda a gente não perecesse **(Jo 11, 50)**. Por seus pecados, porém, não mereceu entender a verdade que profetizava.

Como o exemplo e julgamento dos príncipes e prelados têm muita influência sobre os inferiores e o povo, inclinados à lisônja e bajulação dos grandes, toda aquela perversa assembléia irritou-se contra o Salvador, Jesus, respondendo em altos gritos: é digno de morte; Morra; Morra! **(Mt 26, 66).**

Ao mesmo tempo, instigados pelo demônio avançaram contra o mansíssimo Mestre, descarregando sobre Ele seu furor diabólico. Deram-lhe bofetadas, feriram-no com golpes, arrancaram-lhe os cabe-

1 - nº 1423.

los, cuspiram em seu venerável rosto e davam-lhe socos no pescoço, espécie de insulto vil com que os Judeus tratavam os homens da mais baixa condição.

Participação de Maria

1274. Entre os homens jamais foram irrogadas ignomínias tão desmedidas e insultuosas como as que, nesta ocasião, dirigiram contra o Redentor do mundo. São Lucas **(22, 64)** e São Marcos **(14, 65)** dizem que lhe cobriam o rosto, e assim coberto o feriam com bofetadas e socos, dizendo-lhe: Profetiza agora, pois és profeta, adivinha quem te bateu.

Foi misteriosa a causa de lhe cobrirem o rosto. O júbilo com que nosso Salvador padecia aqueles opróbrios e blasfêmias - como logo direi - refletiu em sua face venerável enchendo-a de tal beleza e resplendor, que a todos aqueles obreiros da maldade produziu penosa admiração e confusão. Para se justificarem atribuíram aquele esplendor à feitiçaria e arte mágica, e tomaram a decisão de cobrir a face do Senhor com um pano imundo, como indigna de ser vista. O verdadeiro motivo era por que, aquela luz divina atormentava e enfraquecia a força de sua diabólica indignação.

Todas estas afrontas, ultrages e abomináveis opróbrios que o Salvador sofria, eram vistos e sentidos pela Mãe santíssima, com a dor dos golpes e das feridas, nas mesmas partes do corpo, e, ao mesmo tempo em que nosso Redentor as recebia. A única diferença era que, em Cristo nosso Senhor, as dores eram causadas pelos golpes e tormentos que o Judeus lhe infligiam, enquanto em sua Mãe puríssima as operava o poder do Altíssimo por vontade da mesma Senhora.

A intensidade das dores físicas e das angústias íntimas naturalmente levava-a quase a perder a vida, mas logo era fortalecida por virtude divina para continuar a sofrer com seu amado Filho e Senhor.

Atos interiores de Jesus. As bem-aventuranças

1275. Os atos interiores do Salvador, durante tão desumanas afrontas, não podem ser explicados, nem compreendidos pela capacidade humana. Só Maria os conheceu plenamente, para imitá-los com suma perfeição.

Na experiência de suas dores, via o divino Mestre a compaixão dos que haviam de imitá-lo e seguir sua doutrina **(Heb 5)**. Ocupava-se em abençoá-los e santificá-los na mesma ocasião em que, com seu exemplo, lhes ensinava o estreito caminho da perfeição.

No meio daqueles opróbrios e tormentos, e nos que depois se seguiram, confirmou para seus escolhidos e perfeitos, as bem-aventuranças que lhes havia proposto e prometido.

Viu os pobres de espírito **(Mt 5, 3)** que nesta virtude o imitariam e disse: Bem-aventurados sereis em vosso despojamento das coisas terrenas; com minha paixão e morte, hei de vincular o reino dos céus, como propriedade segura e garantida, à pobreza voluntária.

Bem-aventurados serão os que, com mansidão sofrerem e carregarem suas adversidades e tribulações. Além do direito que adquirem a meu gozo, por me terem imitado, possuirão a terra da vontade e dos corações humanos, com a aprazível conversação e suavidade da virtude.

Bem aventurados os que semearem com lágrimas **(Sl 125, 5)**, porque nelas receberão o pão do entendimento e da vida, colhendo depois, o fruto da alegria e gozo sempiterno.

Os bem-aventurados

1276. Bem-aventurados serão também os que tiverem fome da justiça e verdade. Eu lhes merecerei a satisfação e fartura que excederá a todos os seus desejos, assim na graça como na recompensa da glória.

Benditos os que se compadecerem, com misericórdia, daqueles que os ofenderem e perseguirem, como Eu o faço; ofereço-lhes o perdão, a amizade e graça, se a quiserem aceitar, e em nome de meu Pai prometo-lhes grande misericórdia.

Sejam benditos os limpos de coração que me imitam, crucificando a carne para conservar a pureza do espírito. Prometo-lhes a visão de paz e que cheguem à de minha divindade, por minha semelhança e participação.

Benditos sejam os pacíficos que, sem alegar direitos, não se opõem aos maus e os acolhem de coração singelo, sereno e sem vingança. Serão chamados meus filhos, porque imitaram a seu Pai celestial. Eu os concebo e gravo em minha memória e em minha mente, para adotá-los por meus.

Os que sofrem perseguição por causa da justiça, sejam bem-aventurados e herdeiros de meu reino celestial, porque padeceram Comigo; onde Eu estiver, quero que estejam eternamente Comigo **(Jo 12, 26).**

Pobres, alegrai-vos; recebei consolação os que estais ou estarão tristes; cantai vossa felicidade, pequeninos e desprezados pelo mundo; os que sofrem com humildade e paciência, padecei com íntima alegria **(Sl 65, 12)**, pois todos me seguis pelas sendas da verdade.

Renunciai à vaidade, desprezai o fausto e arrogância da falsa e mentirosa Babilônia; passai pelo fogo e pelas águas da tribulação, até chegar a Mim que sou luz, verdade e vosso guia para o eterno descanso e refrigério.

Participação de Maria

1277. Nestes atos tão divinos e em outras súplicas pelos pecadores, ocupava-se nosso Salvador Jesus, enquanto o

concílio dos malignos o cercava, semelhantes a cães raivosos, como disse Davi **(Sl. 21, 17)**, o investiam e carregavam de insultos, feridas e blasfêmias.

A Virgem Mãe o acompanhava em tudo o que fazia e padecia. Pelos inimigos, fez as mesmas orações e, nas bênçãos que seu Filho santíssimo deu aos justos e predestinados, constituiu-se a divina Rainha por sua Mãe, amparo e protetora. Em nome de todos, fez cânticos de louvor e agradecimento, porque aos pobres e desprezados pelo mundo, o Senhor dava

tão alto lugar em sua divina aceitação e agrado.

Por esta razão e por outras que conheceu nestes atos de Cristo nosso Senhor, com incomparável fervor escolheu novamente os trabalhos e desprezos, as tribulações e penas, para o restante da Paixão e da sua vida santíssima.

Segunda e terceira negação de Pedro

1278. São Pedro havia seguido Jesus da casa de Anás à de Caifás, ainda que de longe, por medo dos Judeus. Ia, porém, arriscando-se, arrastado pelo amor de seu Mestre e pela ansiedade de seu coração.

Entre a multidão que entrava e saía da casa de Caifás, não foi difícil ao Apóstolo entrar, ajudado também pela obscuridade da noite.

À porta do saguão, viu-o outra criada, porteira, como aquela da casa de Anás. Aproximando-se dos soldados que também ali se aqueciam ao fogo, disse-lhes **(Mc 14, 68)**: este homem é um dos que acompanhavam Jesus Nazareno.

A isto, um dos circunstantes acrescentou **(Lc 22, 58)**: Realmente és galileu e um deles. Negou-o São Pedro **(Mt 26, 72)**, afirmando com juramento, que não era discípulo de Jesus. Em seguida, afastou-se do grupo. Embora tenha saído do saguão **(Mc 14, 68)** não se retirou de todo, preso pelo amor e compaixão do seu Mestre, desejando ver no que acabavam os fatos.

Enquanto andava o Apóstolo, durante uma hora, rodeando e espreitando pela casa de Caifás, foi reconhecido por um parente de Malco, de quem cortara a orelha. Disse-lhe o homem **(Lc 22, 59; Jo 18, 26)**: Tu és galileu e discípulo de Jesus, eu te vi com Ele no horto.

Vendo-se descoberto, cresceu o medo de São Pedro, e começou a negar e a fazer imprecações, dizendo que não conhecia aquele Homem **(Mt. 26,72)**. Imediatamento cantou o galo pela segunda vez, cumprindo-se exatamente a sentença e aviso que seu divino Mestre fizera: naquela noite ele O negaria três vezes **(Mt. 26,34)**, antes que o galo cantasse duas.

Arrependimento de São Pedro

1279. O dragão infernal andava ansioso por derrubar São Pedro. Foi o próprio Lúcifer que inspirou, primeiro as criadas dos pontífices como mais levianas, e depois aos soldados, para que umas e outros perturbassem o Apóstolo com seus reparos e perguntas.

A São Pedro agitou com muitas e assustadoras imaginações, quando o viu em perigo e ainda quando começou a vacilar.

Dominado por essa tentação veemente, a primeira negação foi simples, a seguranda com juramento, e à terceira acrescentou anátemas e execrações contra si mesmo.

Por este modo, se damos atenção ao inimigo, de um pecado se cai noutro maior.

Ao ouvir, porém, o canto do galo, São Pedro se lembrou do aviso do divino Mestre **(Lc. 22,61)**, graça do olhar de sua liberal misericórdia.

Para receber este olhar, interveio a piedade da grande Rainha do mundo. Do Cenáculo, viu as negações, o modo e as causas que a elas levaram o Apóstolo: o natural temor e mais ainda a crueldade de Lúcifer.

A divina Senhora prostrou-se em terra e, chorando, rezou por São Pedro, alegando sua fragilidade e apresentando os mérios de seu Filho santíssimo. O mesmo Senhor despertou o coração de Pe-

dro e o repreendeu benignamente, mediane a luz que lhe enviou, para que conhecesse e chorasse sua culpa. No mesmo instante, saiu o Apóstolo da casa do pontífice, com o coração traspassado de dor e lágrimas por sua queda. Para chorá-la, amarga e livremente, dirigiu-se a uma gruta, agora chamada do Gallicanto, onde chorou de confusão e sincera dor. Dentro de três horas recuperou a graça e o perdão de seu delito, embora nunca tivesse sido privado dos bons impulsos e santas inspirações.

A Rainha do céu enviou um dos seus anjos para, ocultamente, o consolar e lhe inspirar esperança, a fim de que, por fraqueza nessa virtude, o perdão não lhe fosse retardado.

Foi o santo anjo com ordem de não lhe aparecer, pois havia pouco que o Apóstolo pecara. Assim o fez o anjo, sem que São Pedro o visse. Ficou o grande penitente confortado e consolado com as inspirações do anjo, e perdoado pela intercessão de Maria Santíssima.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA

A escola e ciência de Cristo

1280. Minha filha, o mistério dos opóbrios, afrontas e desprezos padecidos por meu Filho santíssimo, é um livro fechado que só com luz divina se pode abrir e entender. Assim o conheceste e te foi manifestado em parte, ainda que escreves muito menos do que entendes, por ser impossível traduzi-lo. O que, porém, se passa no segredo de teu coração, quero que nele fique gravado.

Neste modelo vivo e verdadeiro, aprende a divina ciência que a carne e o sangue não te podem ensinar, pois o mundo nem a conhece, nem a merece conhecer. Esta filosofia consiste em aprender e amar a felicíssima sorte dos pobres, dos humildes, dos aflitos, desprezados e desconhecidos pelos filhos da vaidade.

Esta escola foi estabelecida por meu amantíssimo Filho em sua Igreja quando, no monte, (**Mt. 5,2 em diante**), pregou e propôs a todos, as oito Bem-aventuranças. Em seguida, como catedrático que executa a doutrina que ensina, a pôs em prática na Paixão, quando renovou e viveu os capítulos desta ciência, conforme escreveste. Com tudo isso, ainda que os católicos a têm presente, e diante deles está aberto este livro da vida, são muito poucos os que entram nesta escola para estudá-la, enquanto são inumeráveis os estultos e nécios que a ignoram, porque não se dispõem para nela serem instruídos.

As bem-aventuranças não são praticadas

1281. Todos detestam a pobreza e vivem sedentos de riquezas, sem se convencerem de sua falácia. Infinitos são os que se deixam levar pela ira e vingança, desprezando a mansidão. Poucos choram suas verdadeiras misérias, e trabalham muito por obter as consolações terrenas. Raros os que amam a justiça e que não sejam injustos e desleais com o próximo. A misericórdia está extinta, a pureza de coração violada e obscurecida, a paz estragada. Ninguém perdoa ou padece, nem sequer pela justiça; pois merecendo justamente sofrer muitas penas e tormentos, injustamente fogem disso. Deste modo, caríssima, há poucos bem-aventurados que possam receber as bênçãos de meu Filho santíssimo e minhas. Muitas vezes te foi manifestado o desgosto e justa indignação do Altíssimo contra os seguidores da fé, porque, com o exemplo do

Mestre da vida, vivem quase como infiéis, e muitos são ainda mais culpados que estes. Desprezam, realmente, o fruto da Redenção que professam e conhecem. Na terra dos Santos, praticam impiamente a maldade **(Is. 26,10)** e se fazem indignos do remédio que, com maior misericórdia, lhe foi colocado nas mãos.

Humildade: disposição lógica à condição de pecadores.

1282. Quanto a ti, minha filha, quero que trabalhes por chegar a ser bem-aventurada, seguindo-me por imitação perfeita, segundo as forças da graça que recebes, para entender esta doutrina escondida aos prudentes e sábios do mundo **(Mt. 11,25)**. Cada dia te manifesto novos segredos de minha sabedoria, para que teu coração se inflame e estendas tuas mãos a grandes coisas. **(Prov. 31,19)**.

Já sabes que, desde o primeiro instante de minha conceição, fui cheia de graça, sem a mácula do pecado original e sem participar de seus efeitos. Por este singular privilégio, desde esse momento fui bem-aventurada nas virtudes, sem sentir repugnância e resistência para vencer, e sem me ver devedora de culpa pessoal para pagar. Apesar de tudo isso, a divina ciência me ensinou que, por ser filha da natureza pecadora de Adão, embora isenta do pecado, Eu deveria humilhar-me mais do que o pó. Meus sentidos eram da mesma espécie da dos outros mortais que cometeram a desobediência e ficaram feridos pelos maus efeitos que prejudicam a natureza humana. Só por este parentesco, achei que devia mortificá-los, humilhá-los e privá-los das satisfações de sua natureza. Procedia como filha fidelíssim,a que se considera envolvida na dívida de seu pai e irmãos. Ainda que nada deve, procura pagar e satisfazer a dívida, como se fosse sua. Fá-lo com tanto mais diligência, quanto maior é o amor que dediça à família. Não descansa até o conseguir, principalmente quando vê que o pai e os irmãos não têm possibilidade para a saldar.

Era o que Eu fazia por todo o gênero humano, chorando suas misérias e delitos. Por ser filha de Adão, mortificava em mim os sentidos e potências que ele usara para pecar.

Embora inocente, humilhava-me como envergonhada e culpada de seu pecado e desobediência. O mesmo fazia pelos demais homens, irmãos meus pela natureza.

Tu não podes me imitar nas mesmas condições, pois és participante na culpa. Por isto mesmo, estás mais obrigada a imitar-me no resto que, sem ela, eu fazia. Ser culpada, e ter que satisfazer a divina justiça, te há de compelir a trabalhar sem cessar por ti e pelo próximo e a te humilhar até o pó. O coração contrito e humilhado atrai a verdadeira piedade para usar de misericórdia **(Sl. 50,19)**.

CAPÍTULO 17

SOFRIMENTOS DO SALVADOR EM SUA PRISÃO NOTURNA. DOR DE SUA MÃE SANTÍSSIMA.

Exortação da Escritora

1283. Os sagrados Evangelistas não declararam onde e o que padeceu o Senhor da vida, depois da negação de São Pedro e dos insultos que o Salvador sofreu na casa de Caifás, até a manhã seguinte. Passaram em silêncio e só referem a nova reunião que foi feita para apresentá-lo a Pilatos, como se verá no capítulo seguinte.

Eu duvidava se devia escrever esta passagem e manifestar o que me foi dado a entender. Além disto, me foi mostrado que nem tudo será conhecido nesta vida, nem é conveniente ser dito a todos. No dia do juízo serão revelados aos homens, este e outros acontecimentos da vida e paixão de nosso Redentor.

Para o que posso manifestar, não encontro palavras adequadas a meus conceitos e ainda menos ao seu objeto, pois tudo é inefável e ultrapassa minha capacidade. Por obediência, entretanto, direi o que conseguir, para não ser repreendida por ter calado verdades que tanto confundem e condenam nossa vaidade e esquecimento.

Na presença do céu confesso minha dureza, pois não morro de confusão e dor, por haver cometido culpas que tanto custaram ao mesmo Deus que me deu o ser e a vida que tenho. Já não podemos ignorar a gravidade do pecado que produziu tal estrago no próprio Senhor da graça e da glória. Serei a mais ingrata, entre todos os nascidos, se desde hoje não odiar a culpa, mais do que à morte e ao mesmo demônio. A todos os católicos, filhos da santa Igreja, admoesto e intimo esta minha obrigação.

O calabouço

1284. Com os opróbrios que Cristo, nosso bem, sofreu diante de Caifás, a inveja do ambicioso pontífice e a ira de seus coligados e ministros, ficaram bastante cansadas, não porém satisfeitas. Como, entretanto, já passara de meia-noite, determinaram que, enquanto dormiam, ficasse o Salvador até a manhã, bem guardado e seguro para não fugir.

Mandaram-no prender, atado como estava, num porão que servia de calabouço para os maiores ladrões e fascínoras do país. Este cárcere era tão escuro que quase não tinha luz, e tão imundo e de mau cheiro, que poderia infeccionar a casa se não estivesse bem tapado. Fazia muitos anos que não o limpavam, tanto por ser muito fundo, como porque, servindo para encerrar tão grandes criminosos, não duvidavam em metê-los naquele horrível calabouço, como a gente indigna de qualquer piedade, mais feras do que homens.

Jesus é levado ao calabouço

1285. Executou-se o que o maligno concílio ordenou. Os servos levaram e encarceraram ao Criador do céu e da terra naquele imundo e profundo calabouço. Como continuava amarrado desde que viera do horto, puderam esses obreiros da iniquidade continuar, à vontade, os insultos que o príncipe das trevas lhes inspirava.

Levaram o Salvador puxando-o pelas cordas e quase arrastando-o, com desumano furor, descarregando-lhe golpes e execráveis blasfêmias.

Num canto do mais fundo desse porão, erguia-se do solo uma pedra ou ponta de penhasco tão duro, que não o tinham podido quebrar. Nesta pedra, semelhante a um pedaço de coluna, amarraram Cristo, nosso bem, com as extremidades das cordas, mas de modo cruel. Deixando-o de pé, o puseram em tal posição, que ficava meio dobrado, sem poder nem sentar-se, nem erguer-se de todo para se aliviar. Tal posição se lhe tornou novo tormento extremamente penoso.

Assim preso o deixaram e fechando a porta à chave, entregaram-na aos cuidados de um daqueles péssimos funcionários.

Instigação do demônio. Presença dos santos anjos

1286. A antiga soberba do dragão infernal não sossegava, querendo saber, com certeza, quem era Cristo. Tentando irritar sua imutável paciência, inventou outra nova maldade, servindo-se daquele depravado ministro e de outros. Pôs na imaginação do que guardava a chave do divino prisioneiro, o maior tesouro do céu e da terra, convidar a outros de seus amigos, semelhantes a ele nos costumes. Desceriam ao calabouço onde estava o Mestre da vida, e passariam com ele divertidos momentos; obriga-lo-iam a falar, profetizar e fazer coisas extraordinárias, pois O tinham por mágico e adivinho.

Com esta diabólica sugestão, convidou outros soldados e servos, e resolveram executar o plano. Enquanto se reuniam, a multidão de anjos que assistiam ao Redentor, em sua paixão, vendo-o amarrado naquela posição dolorosa, em lugar tão indigno e imundo, prostraram-se em sua presença, adorando-o por seu verdadeiro Deus e Senhor. Deram-lhe tanto mais profunda reverência e culto, quanto mais admirável era vê-lo deixar-se tratar com tais opróbrios, pelo amor que tinha pelos homens.

Cantaram-lhe alguns hinos e cânticos dos que sua Mãe santíssima compusera em seu louvor, como acima disse[1]. Em nome da mesma Senhora, os espíritos celestes lhe pediram: já que não desejava, pelo próprio poder, aliviar sua humanidade santíssima, permitisse que eles o desatassem, aliviassem daquele tormento e o defendessem daquela malta de inimigos que, instigados pelo demônio, preparavam-se para ofendê-lo novamente.

Os santos anjos e a Virgem

1287. Jesus não aceitou este obséquio dos anjos e lhes respondeu: Espíritos e ministros de meu eterno Pai, não é minha vontade receber agora, em minha paixão, alívio algum. Quero sofrer estes opróbrios e tormentos para satisfazer minha ardente caridade pelos homens, e deixar a meus escolhidos e amigos, exemplo para me imitarem e não desanimarem na tribulação. Que todos estimem os tesouros da graça que lhes mereci, copiosamente, por meio destas penas.

1 - nº 1277

Quero também justificar minha causa. No dia de minha indignação, seja evidente aos réprobos a justiça com que são condenados, por terem desprezado a acerbíssima paixão que sofri para salvá-los.

À minha Mãe direis que se console nesta tribulação até chegar o dia da alegria e do descanso. Agora, me acompanhe no que faço e padeço pelos homens, pois de seu compassivo sentimento e de tudo o que faz, recebo agrado e complacência.

Com esta resposta voltaram os santos anjos à sua grande Rainha e Senhora, consolando-a com sua embaixada sensível, ainda que, por outro modo, Ela conhecia a vontade de seu Filho santíssimo e tudo o que acontecia na casa do pontífice Caifás.

Quando viu a crueldade com que tinham amarrado o Cordeiro de Deus, a posição dura e penosa de seu corpo santíssimo, sentiu a Mãe puríssima a mesma dor em sua pessoa, assim como sentia os golpes, bofetadas e opróbrios que fizeram ao Senhor. Tudo ressoava, semelhante a miraculoso eco, no virginal corpo da cândida pomba, e a mesma dor feria Filho e Mãe, qual espada que traspassava a ambos. A diferença estava em que, Cristo sofria como Homem-Deus e único Redentor dos homens, e Maria santíssima como pura criatura e coadjutora de seu Filho santíssimo.

Intervenção da Virgem

1288. Quando Maria entendeu que o Salvador dava permissão para entrar no cárcere aquela vilíssima canalha de criados manejados pelo demônio, Ela chorou amargamente, prevendo os intentos sacrílegos de Lúcifer.

Manteve-se muito atenta para usar seu poder de rainha e não consentir se executasse contra a pessoa de Cristo nenhuma ação indecente, como tencionava o dragão, por meio da crueldade daqueles infelizes homens.

Certo é que todas eram indignas e de suma irreverência à pessoa divina de nosso Salvador. Em algumas, porém, poderia haver menos decência, e com estas o inimigo queria provocar impaciência no Senhor, já que com as demais não pudera irritar sua mansidão.

Foram tão inauditos e admiráveis, heróicos e extraordinários os atos da grande Senhora, nesta ocasião e em todo o decurso da Paixão, que não se pode referir nem louvar dignamente, ainda que escrevessem muitos livros só sobre este assunto. Forçoso é remete-lo à visão da divindade, porque nesta vida é impossível explicar.

Os olhos vedados

1289. Entraram, pois, no calabouço aqueles servos do pecado, decantando com blasfêmias a festa que se prometiam com a comédia e os escárnios que planejavam contra o Senhor das criaturas.

Aproximando-se, começaram por cuspí-lo asquerosamente e dar-lhe bofetadas com incrível mofa e desacato. Jesus não abriu a boca, não levantou seus soberanos olhos e conservou o semblante sempre sereno. Desejavam aqueles sacrílegos obrigá-lo a falar ou fazer qualquer ação ridícula ou extraordinária, para ter mais matéria para ludibriá-lo como feiticeiro. Chocados com sua inalterável mansidão, deixaram-se irritar ainda mais pelo demônio que os manejava.

Desataram o divino Mestre da pedra em que estava amarrado, vedaram-lhe os sagrados olhos com um pano, e o colocaram no meio do calabouço. Em seguida,

cada um por sua vez, feriam-no com socos, pancadas e bofetadas. Porfiando em se exceder no escárnio e blasfêmia, mandavam-no adivinhar e dizer quem estava a lhe bater.

Nesta ocasião, renovaram este gênero de blasfêmia, mais do que na presença de Anás, como referiram São Mateus **(26, 67)**; São Marcos **(14, 65)** e São Lucas **(22, 64)**. Nestas passagens, os Evangelistas subentenderam suscintamente quanto aconteceu depois.

Maria protege seu Filho

1290. Sob esta chuva de opróbrios e blasfêmias, o mansíssimo Cordeiro guardava silêncio. Lúcifer, sedento de que fizesse algum movimento contra a paciência, atormentava-se de a ver tão inalterável em Cristo, nosso Senhor. Com infernal idéia, pôs na imaginação daqueles seus escravos, que O despissem de todas as vestes e O tratassem com as palavras e ações forjadas em sua mente execrável.

Não se opuseram os soldados a esta sugestão e quiseram executá-la. Impediu este abominável sacrilégio a prudentíssima Senhora com orações, lágrimas e usando sua autoridade de Rainha. Pediu ao eterno Pai não concorresse com as causas segundas daqueles atos, e às mesmas potências dos verdugos mandou, que não usassem a natural capacidade de agir. Com esta ordem, aconteceu que aqueles esbirros nada conseguiram fazer de quanto o demônio e sua malícia lhes sugeria.

Algumas coisas logo esqueciam; para outras que tencionavam, não sentiam força e seus braços ficavam como imobilizados; quando desistiam, voltavam ao estado natural, porque o milagre não era castigá-los, mas só para impedir os atos mais indecentes. Quanto aos demais que o eram menos, ou de outra espécie de irreverência, o Senhor continuava a lhes permitir.

Maria defende a pureza de Jesus

1291. A poderosa Rainha ordenou aos demônios, que não incitassem mais os soldados àquelas maldades indecentes, em que Lúcifer queria persistir. Com esta ordem, ficou o dragão tolhido para quanto era da vontade de Maria santíssima. Não pôde continuar a irritar a estulta indignação daqueles depravados homens, e assim não puderam falar nem fazer coisa indecente, fora do que lhes foi permitido.

Apesar de sentirem em si aqueles efeitos tão extraordinários e insólitos, não mereceram conhecer o poder divino. Sentindo-se ora paralisados, ora livres e

sãos, tudo de improviso, atribuíam a que o Mestre da verdade e da vida era feiticeiro e mágico.

Neste erro diabólico, continuaram outros gêneros de zombarias e tormentos injuriosos à pessoa de Cristo, até perceberem que a noite já estava muito adiantada. Então, voltaram a amarrá-lo no penhasco e sairam, eles e os demônios.

Foi desígnio da divina Sabedoria, confiar no poder de Maria santíssima a defesa da honestidade e decoro de seu Filho puríssimo, impedindo Lúcifer e seus ministros de realizar o que planejavam.

Oração de Cristo na solidão

1292. Nosso Salvador ficou outra vez sozinho naquele calabouço, assistido pelos anjos, cheios de admiração pelos secretos desígnios do Senhor no que tinha desejado padecer. Por tudo, lhe deram profundíssima adoração e o louvaram, enaltecendo seu santo nome.

Fez o Redentor do mundo longa oração a seu eterno Pai, pedindo pelos futuros filhos de sua Igreja, pela propagação da fé, pelos Apóstolos, em particular por São Pedro que estava a chorar seu pecado. Rogou também pelos que o haviam injuriado e escarnecido, e acima de tudo pediu por sua Mãe santíssima e pelos que, à sua imitação, fossem afligidos e desprezados pelo mundo. Por todas estas intenções, ofereceu sua paixão e a morte que o esperava.

Acompanhou-lhe a oração a dolorosa Mãe, fazendo as mesmas petições pelos filhos da Igreja e por seus inimigos, sem alterar-se nem se indignar contra eles. Só ao demônio teve aversão, por ser incapaz da graça em sua irremediável obstinação. Com doloroso pranto, disse ao Senhor:

Dolorosos lamentos da Virgem Mãe

1293. Amor e bem de minha alma, Filho e Senhor meu, sois digno de que todas as criaturas vos reverenciem, honrem e louvem. Assim o devem fazer, porque sois a imagem do eterno Pai e figura de sua substância **(Heb 1, 3)**, princípio e fim de toda santidade **(Apoc 1,8)**.

Se elas servem à vossa vontade com submissão, como agora, Senhor e Bem Eterno, desprezam, vituperam, insultam e atormentam vossa pessoa, digna de supremo culto e adoração? Como se atreve a tanto a malícia dos homens? Como se ergueu tanto a soberba, até colocar sua boca no céu? Como pode tanto a inveja?

Sois o único e claro Sol de justiça, que ilumina e desterra as trevas do pecado **(Jo 1,9)**. Sois a fonte da graça que não se recusa a ninguém que a procure. Sois quem, por liberal amor, dais existência movimento, vida e conservação às criaturas **(At 17, 28)**, e tudo depende de Vós, enquanto Vós de nada necessitais.

Que viram, portanto, em vossas obras? Que encontraram em vossa pessoa para assim a maltratar e vituperar? Oh! atrocíssima fealdade do pecado que assim pudeste desfigurar a formosura dos céus e obscurecer o esplendoroso sol de sua venerável face! Oh! sanguinária fera que tão desumanamente tratas ao próprio Reparador de teus danos!

Entendo, porém, meu Filho e Senhor, que sendo o Artífice do verdadeiro amor, o autor da salvação humana, o Mestre e Senhor das virtudes **(Sl 23, 10)** - praticais, pessoalmente a doutrina que ensinais aos humildes discípulos de vossa escola. Humilhais a soberba, confundis a arrogância e para todos sois exemplo de salvação eterna.

E, se quereis que todos imitem vossa inefável paciência, compete-me ser

a primeira nesta imitação, pois fui quem vos administrou a matéria e vos vestiu da carne passível em que sois ferido, cuspido e esbofeteado.

Oh! se apenas Eu padecesse tantas penas, e Vós meu inocentíssimo Filho, delas fosseis poupado! Se isto não é possível, padeça Eu convosco até morrer. E vós, espíritos soberanos que admirados da paciência de meu Amado, conheceis sua deidade imutável, a inocência e dignidade de sua verdadeira humanidade, compensai as injúrias e blasfêmias que recebe dos homens. Dai-lhe magnificência e glória, sabedoria, honra, virtude e fortaleza **(Apoc 5, 12).**

Convidai aos céus, planetas, estrelas e elementos, para que todos o conheçam e confessem, e vede se, por acaso, há dor que iguale à minha. **(Tren 1, 12).**

Estas tão dolorosas palavras e outras semelhantes, dizia a prudentíssima Senhora, para desafogar um pouco a amargura de sua pena.

Paciência de Maria

1294. Incomparável foi a paciência da divina Princesa na paixão e morte de seu amantíssimo Filho e Senhor. Jamais lhe pareceu excessivo o que sofria. Na balança do amor, na qual media a dignidade e os tormentos de seu Filho santíssimo, considerava muito mais leve o que Ela padecia. Não se ressentiu, pessoalmente, contra todas as injúrias e desacatos feitos ao Senhor, mas os chorou e sentiu profundamente, por serem ofensas contra a divina Pessoa, e dano para quem os praticava. Rezou por todos, para que o Altíssimo os perdoasse e afastasse do pecado e do mal, esclarecendo-os com sua divina luz, a fim de conseguirem o fruto da Redenção.

DOUTRINA DA RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Inutilidade da redenção para os que se perdem

1295. Minha filha, diz o Evangelho **(João 5, 27)** que o Pai eterno deu a seu e meu Unigênito, o poder para julgar e condenar os réprobos no último dia do juízo universal. Isto foi muito conveniente. Os réus verão o supremo Juiz **(Apoc 1, 7)** por cuja divina retidão serão condenados. Vê-lo-ão naquela mesma forma de sua humanidade santíssima em que foram redimidos, e nela os tormentos e opróbrios que padeceu para resgatá-los da eterna condenação.

No próprio juiz verão a acusação, da qual não poderão se defender. Esta confusão será o princípio da pena eterna que mereceram por sua obstinada ingratidão. Então será demonstrada e conhecida a grandeza da piedosíssima misericórdia, com que foram redimidos e a razão da justiça, com que são condenados.

Grande foi a dor, acerbíssimas as penas e amarguras que padeceu meu Filho santíssimo, vendo que o fruto da Redenção não seria aproveitado por todos. Isto traspassou meu coração, quando o via atormentado, cuspido, esbofeteado, blasfemado e torturado com tão ímpios tormentos, que não se podem avaliar na vida mortal. Eu os conheci digna e claramente, e minha dor foi na medida desta ciência, do amor e reverência pela pessoa de Cristo, meu Senhor e meu Filho. Depois destas penas, porém, a maior foi ver que, apesar d'Ele sofrer tal paixão e morte pelos homens, tantos se condenariam, podendo dispor daquela infinita riqueza.

Mansidão

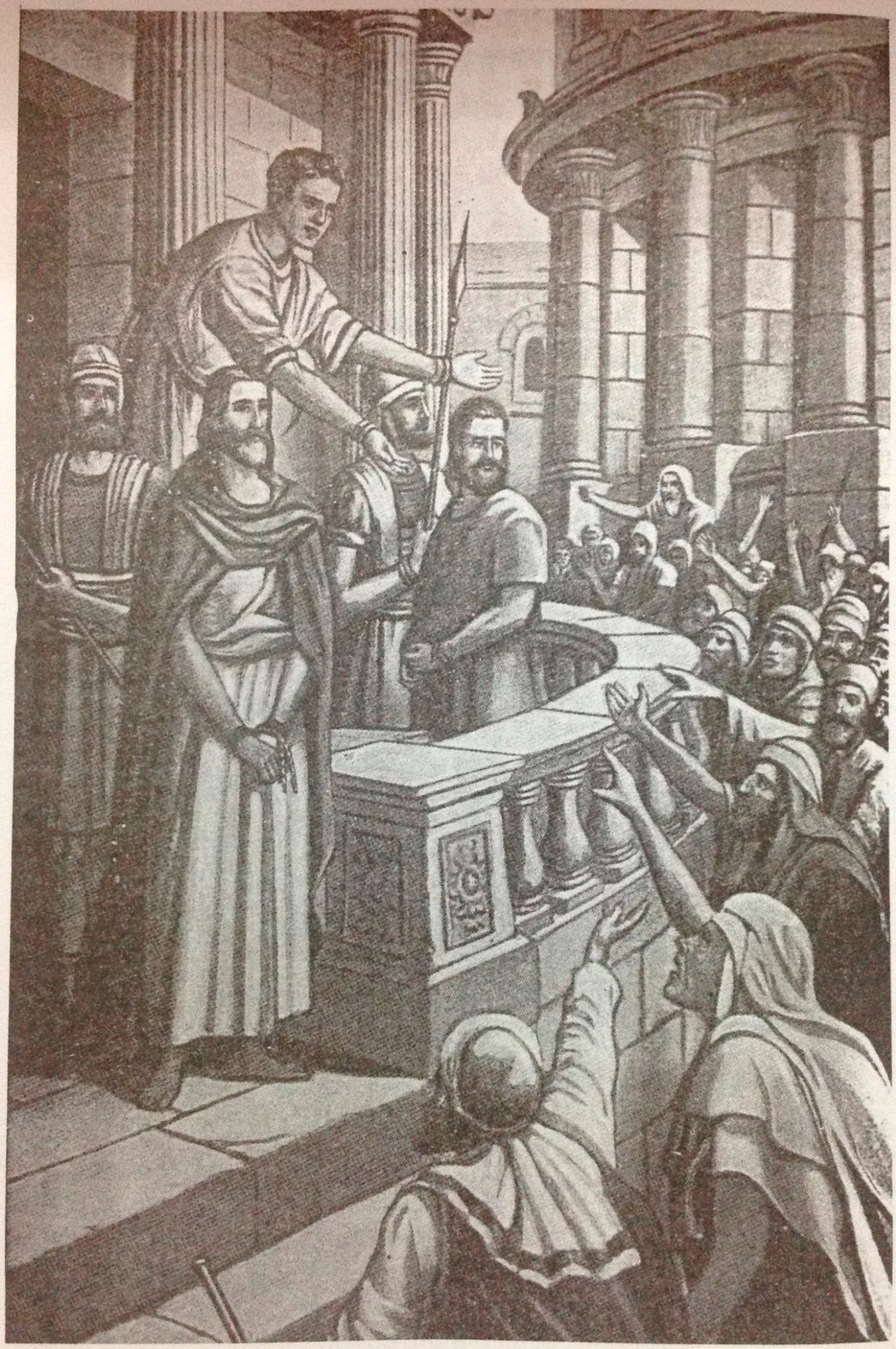
1296. Quero que me acompanhes e imites também nesta dor, e sintas esta deplorável desgraça. Entre os mortais não há outra, digna como esta, de ser chorada com o mais doloroso pranto.

Poucos há no mundo que advertem esta verdade, com a ponderação que merece. Meu Filho e Eu, porém, olhamos com especial agrado aos que nos imitam nesta dor e se afligem pela perdição de tantas almas. Procura tu, caríssima, distinguir-te neste exercício e nesta súplica, embora não saibas como a atenderá o Altíssimo. Sabe, todavia, que Elé prometeu dar a quem lhe pedir **(Lc 11, 9)**, e a quem o chamar abrirá a porta de seus tesouros infinitos. Para teres o que lhe oferecer, grava em tua memória o que padeceu meu Filho santíssimo, teu Esposo, daqueles vis e depravados homens. Lembra a invencível paciência, mansidão e silêncio com que se sujeitou à sua iníqua vontade.

Com este modelo, trabalha desde hoje para não te deixares dominar pela paixão da ira, nem outra qualquer herdada de Adão. Concebe em teu coração profundo desgosto pelo pecado da soberba, do desprezo e ofensa do próximo. Pede ao Senhor a paciência, mansidão, concórdia, e o amor aos sacrifícios e à cruz do Senhor.

Abraça-te a ela, carrega-a com piedoso afeto e segue a Cristo teu esposo **(Mt 16, 24)**, até alcançá-lo.

Jerusalém. Litóstroto (Jo. 19,13) lugar pavimentado de pedras, no lado ocidental da Torre Antônia. Aqui parece que se desenrolou o processo de Jesus diante de Pilatos.



Cristo ou Barrabás.

CAPÍTULO 18

PROCESSO DE JESUS NA MANHÃ DE SEXTA-FEIRA. É REMETIDO A PILATOS. MARIA SAI-LHE AO ENCONTRO COM SÃO JOÃO EVANGELISTA E AS TRÊS MARIAS.

Jesus é conduzido ao concílio dos chefes judeus

1297. Ao amanhecer da sexta-feira, dizem os Evangelistas (**Mt 27,1; Mc 15, 1; Lc 22, 66; Jo 18, 28**), reuniram-se os anciãos do governo, com os príncipes dos sacerdotes e escribas, respeitados pelo povo como representantes da doutrina e da lei. De comum acordo, iam fazer o julgamento de Cristo para condená-lo à morte, como todos desejavam, dando ao processo alguma aparência de justiça para se justificarem perante o povo.

O concílio foi reunido na casa do pontífice Caifás, onde Jesus se encontrava preso. Para interrogá-lo de novo, mandaram que o conduzissem do calabouço à sala do concílio.

Desceram os servos para trazê-lo amarrado, e ao soltá-lo do penhasco em que estava preso, disseram-lhe entre gargalhadas escarninhas: Vamos, Jesus Nazareno; pouco te valeram teus milagres para te defenderes. Aquelas artes com que dizias edificar o templo em três dias, agora não te ajudaram a escapar. Vais pagar tuas vaidades e abaixar teus arrogantes pensamentos. Vem, vem, que os príncipes dos sacerdotes e escribas te esperam, para dar fim a teus embustes e te entregar a Pilatos que acabará Contigo de uma vez.

Desamarraram o Senhor e levaram-no ao concílio, sem que Jesus abrisse a boca. De mãos atadas, não pudera limpar as salivas do rosto entumecido pelas bofetadas e maus tratos. Estava tão desfigurado e fraco que causou espanto, mas não compaixão, aos seus juízes. Tal era o ódio que contra o Senhor haviam concebido.

Jesus declara-se Filho de Deus

1298. Perguntaram-lhe novamente se era o Cristo (**Lc 22, 66**), que quer dizer o ungido. A intenção desta pergunta, como de todas as outras, era maliciosa; não pretendiam obter delas a verdade, mas sim transformar sua resposta em matéria de acusação.

O Senhor, que desejava morrer pela verdade, não se recusou dar resposta, mas deu-a de modo a não poderem desprezá-la, nem atribuir-lhe aparência alguma de falsidade que, absolutamente, não podia caber em sua inocência e sabedoria.

Formulou a resposta em termos, que se os fariseus tivessem alguma piedade, teriam também oportunidade para penetrar o mistério oculto em suas palavras.

E, se não tivessem nenhuma boa vontade, ficava claro que a culpa estava

em suas más intenções e não na resposta do Salvador.

Disse-lhes Ele (**Lc 22, 67 - 70**): Se Eu afirmo que sou quem me perguntais, não dareis crédito; se vos perguntar algo, tampouco me respondereis, nem soltareis. Digo-vos, porém, que depois disto, o Filho do Homem se assentará à destra do poder de Deus.

Replicaram os pontífices: Logo, és o Filho de Deus? - Respondeu o Senhor: Vós o dizeis, Eu o sou.

Foi como se lhes dissesse: É muito lógica a conclusão que tirastes de que sou o Filho de Deus: minhas obras e doutrina, vossas escrituras e tudo o que fazeis agora Comigo, testemunham que Eu sou o Cristo, o prometido na lei.

Jesus condenado pelos judeus

1299. Aquela maligna assembléia, entretanto, não estava disposta a aceitar a verdade divina. Embora os próprios juízes a pudessem deduzir de uma reta interpretação, não a entenderam, não lhes prestaram crédito e a infamaram por blasfêmia digna de morte.

Vendo que o Senhor confirmava o que antes confessara, disseram todos (**Lc 22, 71**): Que necessidade temos de mais testemunhas, se por sua própria boca Ele se acusou? - Imediatamente, de comum acordo, decretaram que era digno de morte e que fosse apresentado a Poncio Pilatos que governava a Judéia, em nome do Imperador romano, senhor temporal da Pa-lestina.

De conformidade com as leis do império romano, os crimes de sangue e a pena de morte estavam reservados ao Imperador, ao Senado, ou a seus ministros que governavam as províncias distantes. Não as deixavam aos povos naturais, porque em negócio tão grave como tirar a vida, queriam que fosse usada a maior circunspecção. Nenhum réu devia ser condenado, sem antes ser interrogado, dando-lhe tempo e oportunidade para se defender. Nesta forma de justiça, os romanos se ajustavam à lei natural da razão, mais do que outros povos.

No processo de Cristo, alegraram-se os escribas e fariseus de que a morte que lhe desejavam dar fosse decretada por sentença de Pilatos que era pagão. Servir-lhes-ia de desculpa perante o povo, dizendo que o Governador romano o condenara, e não o teria feito, se não fosse digno de morte.

Tanto quanto isto os obscurecia o pecado e a hipocrisia, como se não fossem os autores daquela maldade, e mais sacrílegos que os gentios. Mas o Senhor dispôs que esta malícia ficasse descoberta, justamente pelo proceder deles junto a Pilatos, como logo veremos.

Jesus é levado a Pilatos

1300. Os criados levaram nosso Salvador Jesus da casa de Caifás à de Pilatos. Apresentaram-no como réu digno de morte, atado com cadeias e cordas.

Jerusalém encontrava-se repleta de pessoas de toda a Palestina, vindas para a celebração da grande Páscoa do cordeiro e dos ázimos. Pelo rumor que já corria entre o povo, e pela fama do Mestre, acorreu grande multidão para vê-lo passar pelas ruas.

Diversas eram as opiniões do vulgo sobre o divino Prisioneiro. Alguns gritavam: morra esse malvado impostor que engana o mundo. Outros respondiam que sua doutrina e suas obras não eram tão más, pois fazia tanto bem a todos. Os que n'Ele acreditavam se afligiam e choravam, e toda a cidade se agitava.

Lúcifer, e seus demônios, observavam, atentamente tudo quanto acontecia. Com insaciável furor, sentia-se derrotado e atormentado pela invencível paciência e mansidão de Cristo nosso Senhor.

Aturdido pela própria soberba e indignação, Lúcifer suspeitava que aquelas virtudes, que tanto o torturavam, não podiam ser de puro homem. Por outro lado, presumia que deixar-se maltratar e desprezar tanto, ser acometido por fraqueza e desfalecimento do corpo, não podia ajustar-se ao verdadeiro Deus. Se o fôra, pensava o dragão, a natureza divina, e sua força comunicada à natureza humana, lhe daria capacidade para não desfalecer, nem consentiria no que lhe faziam.

Isto dizia Lúcifer, por ignorar o divino segredo de ter Cristo nosso Senhor suspendido os efeitos que, da divindade, poderiam redundar para a natureza humana, a fim de poder sofrer ao máximo, como acima ficou dito[1].

Com tais receios, o soberbo dragão mais se enfurecia para perseguir o Senhor, e chegar a saber quem seria Aquele que assim suportava tais tormentos.

Maria vai ao encontro de Jesus

1301. Já despontara o sol quando isso se passava. A dolorosa Mãe que tudo via, resolveu sair de seu retiro para seguir seu Filho santíssimo à casa de Pilatos e acompanha-lo até a cruz.

Quando a Rainha e Senhora saía do Cenáculo, chegou São João para lhe contar o que sabia. Ignorava então, o discípulo amado, a ciência e visão que tinha Maria santíssima de tudo o que acontecia com seu amantíssimo Filho.

Depois da negação de São Pedro, São João havia se retirado, observando à distância o que se ia passando. Reconheceu também que faltara, fugindo do horto. Chegando à presença da Rainha, a confessou por Mãe de Deus e, chorando, lhe pediu perdão. Expôs-lhe tudo o que sentia, e quanto fizera e vira, seguindo seu divino Mestre.

Julgou São João que convinha prevenir a aflita Mãe, para suavizar o choque do encontro com o Filho santíssimo. Descreveu-o com estas palavras: Oh! minha Senhora, que maltratado está nosso divino Mestre! Não é possível vê-lo sem partir o coração. As bofetadas, golpes e cusparadas desfiguraram de tal modo seu formosíssimo rosto, que está quase irreconhecível.

Ouviu a prudentíssima Mãe esta relação com tanta ansiedade, como se ignorasse o que acontecia, desfeita em pranto, transformada em amargura e dor. Ouviram também as santas mulheres que acompanhavam a grande Senhora, e ficaram com o coração traspassado pela mesma dor e assombro.

A Rainha do céu mandou que o Apóstolo João a acompanhasse com as devotas mulheres, e disse-lhes: Apressemos o passo para que meus olhos vejam o Filho do eterno Pai que tomou forma humana em meu seio. Vereis, caríssima, o que o amor pelos homens pôde fazer com meu Deus e Senhor, e quanto lhe custa redimi-los do pecado e da morte e lhes abrir as portas do céu.

Paciência e caridade da Virgem

1302. Saiu a Rainha do céu pelas ruas de Jerusalém, acompanhada de São João e outras santas mulheres. Nem todas ficaram sempre com ela, a não ser as três Marias e algumas das mais piedosas. Aos seus anjos da guarda pediu que a ajudassem, de modo que o atropelo do povo não impedisse d'Ela chegar onde se encontrava seu Filho

1 - nº 1209.

santíssimo. Obedeceram-lhe os anjos e a foram protegendo.

Ao passar pelas ruas, ouvia diferentes comentários sobre o tão lamentável caso de Jesus Nazareno. Os mais piedosos, cujo número era menor, compadeciam-se; outros diziam que O queriam crucificar; estes contavam por onde andava, levado como homem fascínora; aqueles, que ia maltratado; alguns perguntavam que maldades teria cometido, para receber tão cruel castigo. Finalmente, muitos, com admiração e duvidando na fé, diziam: Nisto que vieram acabar seus milagres? Sem dúvida, eram embustes, pois não soube se defender e escapar. - E, desses falatórios estavam cheias as ruas e praças.

No meio de tanta agitação, a invencível Rainha, ainda que cheia de incomparável amargura, mantinha-se constante, sem se alterar, rogando pelos incrédulos e malfeitores, como se não tivera outra preocupação mais do que lhes solicitar a graça e o perdão dos pecados. Amava-os com tão íntima caridade como se deles recebera grandes favores e benefícios. Não se indignou, nem se irou contra aqueles sacrílegos fautores da paixão e morte de seu amantíssimo Filho, nem sequer se agastou. A todos olhava com caridade e fazia o bem.

Grandeza de coração em Maria

1303. Alguns dos que encontrava pelas ruas, reconheciam-na como a Mãe de Jesus Nazareno e, movidos de natural compaixão lhe diziam: Oh! pobre Mãe! que infelicidade, que ferido e doloroso estará seu coração! Por que não guardaste melhor teu Filho? Por que lhe consentias andar pregando novidades entre o povo? Teria sido melhor que O tivesses impedido. Servirá, porém, de lição para outras mães aprenderem a educar seus filhos.

Tais razões, e outras mais terríveis, ouvia a cândida pomba e a todas dava, em sua ardente caridade, o lugar que convinha. Acolhia a compaixão dos piedosos, suportava a impiedade dos incrédulos, não se espantava com os ignorantes, e por uns e outros rogava ao Altíssimo.

Encontro de Jesus com Maria

1304. Por entre essa confusão de gente, os santos anjos guiaram a Imperatriz do céu até a esquina de uma rua, onde se encontrou com seu Filho santíssimo. Com profunda reverência, prostrou-se ante sua real Pessoa e o adorou com a mais alta e fervorosa veneração que jamais lhe deram, nem darão, todas as criaturas.

Levantou-se, e com incomparável ternura olharam-se Filho e Mãe, falando-se apenas com os corações traspassados de inefável dor.

A prudentíssima Senhora afastou-se um pouco para trás e foi seguindo a Cristo, nosso Senhor, dirigindo intimamente a Ele e ao eterno Pai tais palavras, que não cabem em língua mortal.

Dizia a aflita Mãe: Deus altíssimo e meu Filho, conheço o amoroso fogo de vossa caridade pelos homens. Ele vos obriga a ocultar o infinito poder de vossa divindade na carne e forma passível (**Filp 2, 7**) que de minhas entranhas recebestes. Reconheço vossa incompreensível sabedoria em consentir tais afrontas e tormentos e em entregar-vos, sendo o Senhor de toda a criação, para resgate do homem que é servo, pó e cinza (**Gn 3, 19**).

Sois digno de que todas as criaturas vos louvem e bendigam, confessem e exaltem vossa imensa bondade. Eu, porém, que sou vossa Mãe, como deixarei de querer que só a Mim fossem feitos tais

opróbrios, e não à vossa divina pessoa que sois a formosura dos anjos e o resplendor da glória de vosso eterno Pai?

Como não desejarei vos poupar tais penas? Como suportará meu coração ver-vos tão aflito, desfigurado vosso belíssimo rosto, e que só para o Criador e Redentor não haja compaixão e piedade, em tão amarga paixão? Se, contudo, não é possível que Eu vos alivie como Mãe, recebei minha dor e sacrifício de não o poder fazer, como a Filho e Deus santo e verdadeiro.

Jesus apresentado a Pilatos

1305. No interior de nossa Rainha do céu, ficou tão gravada a imagem de seu Filho santíssimo maltratado, desfigurado e preso, que durante toda a vida jamais se apagou de sua imaginação aquele quadro, como se continuamente o estivesse contemplando.

Chegou Cristo, nosso bem, à casa de Pilatos, seguido por muitos judeus do concílio e por inumerável povo. Apresentando-o ao juiz, os judeus permaneceram fora do pretório **(Jo 18, 28)** ou tribunal, fingindo-se muito devotos em não querer se contaminar, para poder celebrar a Páscoa dos pães rituais, bem purificados das impurezas legais. Estultíssimos hipócritas, não reparavam no imundo sacrilégio que lhes contaminava as almas homicidas do Inocente.

Apesar de pagão, Pilatos condescendeu com a cerimônia dos Judeus. Vendo que punham reparo em entrar no seu pretório, saiu, e conforme o estilo dos romanos, lhes perguntou: - Que acusação tendes contra este homem?

Responderam os Judeus: - Se não fosse grande malfeitor não o traríamos assim preso como o apresentamos. Era como se dissesse: - Averiguamos suas maldades e como somos tão cuidadosos da justiça e de nossas obrigações, não procederíamos contra Ele se não fosse um grande fascínora.

Apesar da resposta, replicou Pilatos: - que delitos cometeu? - Está provado, responderam os judeus, que perturba a nação, quer fazer-se nosso rei e proíbe que se pague tributos a Cesar **(Lc 23, 2)**; diz-se Filho de Deus e pregou nova doutrina a começar da Galiléia, prosseguindo por toda a Judéia até Jerusalém **(Lc 25, 5).**

- Pois tomai-o vós outros, disse Pilatos, e julgai-o conforme as vossas leis, porque não encontro causa para o julgar.

Replicaram os Judeus: - A nós não nos é permitido condenar alguém à morte, nem lhe aplicar essa pena **(Jo 18, 31).**

Oração de Maria para ser reconhecida a inocência de Jesus.

1306. A todo este inquérito achava-se presente, Maria santíssima com São João e as mulheres que a acompanhavam, pois os santos anjos a conduziram onde tudo pudesse ver e ouvir.

Sob o manto, chorava sangue em vez de lágrimas, pela força da dor que partia seu virginal coração. Nos atos de virtude, era um claríssimo espelho onde se refletia a alma santíssima de seu Filho, e nas dores e penas reproduzia-lhe os sofrimentos do corpo. Pedia ao Pai eterno lhe concedesse não perder de vista o Filho, o quanto fosse possível, pela ordem natural, até sua morte, e assim o conseguiu enquanto o Senhor não se encontrava preso.

Considerou a prudentíssima Senhora que convinha ser conhecida a inocência de nosso Salvador Jesus, entre as falsas acusações e calunias dos judeus, e que era condenado inocente. Com fervorosa oração, pediu que o juiz não fosse enganado e tivesse verdadeiro co-

nhecimento de que Jesus era entregue por inveja dos sacerdotes e escribas. Em virtude desta oração de Maria santíssima, Pilatos teve claro conhecimento da verdade, e se convenceu de que o Senhor era inocente e lhe fora entregue por inveja, como diz São Mateus (**27, 18**). Por esta razão, Jesus dialogou mais com ele, ainda que Pilatos não colaborou com a verdade que conheceu. Deste modo, não foi de proveito para ele, mas para nós e para provar a perfídia dos pontífices e fariseus.

Barrabás preferido a Jesus

1307. A raiva dos judeus desejava encontrar Pilatos de pleno acordo com eles, para logo pronunciar a sentença de morte contra Jesus. Ao verem que o governador punha tanta dúvida nisso, começaram a gritar ferozmente, acusando o Salvador de querer tomar o reino da Judéia; que para isso iludia e sublevava as populações (**Lc 23, 5**) chamando-se Cristo, que quer dizer ungido e rei.

Apresentaram a Pilatos esta maliciosa acusação (**Lc 23, 2**), com a intenção de o abalar com o zelo do reino temporal que estava incumbido de conservar sob o império romano.

Como, entre os judeus os reis eram ungidos, por isto acrescentaram que Jesus se dava o nome de Cristo ou ungido com a realeza, explicação necessária a Pilatos pertencente á gentilidade, cujos reis não eram ungidos.

Perguntou Pilatos ao Senhor (**Mc 15, 4-5**) -: Que respondes a estas acusações? Estando presente os acusadores, Jesus não respondeu palavra, pelo que admirava-se Pilatos de tal silêncio e paciência. Desejando, porém, examinar melhor a questão da realeza, retirou-se com o Senhor para dentro do pretório, livre da gritaria dos judeus.

Ali, a sós, perguntou-lhe (**Jo 18, 33**): Dize-me, és tu o Rei dos judeus? Pilatos sabia que Cristo não estava reinando, e sua pergunta visava saber se era rei por direito e se o tinha para reinar. Respondeu-lhe o Salvador (**Jo 18, 34 - 36**): - Perguntas isso de ti mesmo, ou alguém te disse, falando-te de mim? Replicou Pilatos: - Sou acaso judeu, para saber? Tua gente e teus pontífices te entregaram a meu tribunal; dize-me o que fizeste e o que há em tudo isso.

Respondeu o Senhor: - Meu reino não é deste mundo, pois se o fosse, é certo que meus súditos me defenderiam, para não ser entregue aos judeus, mas meu reino não é daqui. Acreditou o juiz, em parte, nesta resposta do Senhor e replicou: - Logo és rei, e tens reino? Cristo não negou e acrescentou (**Jo 18, 37**):

- Tu o dizes; sou rei e para dar testemunho da verdade é que vim ao mundo: todos os que procedem da verdade ouvem minhas palavras. Admirou-se Pilatos desta resposta e tornou a perguntar:- que coisa é a verdade? E, sem aguardar resposta, saiu outra vez do pretório e disse aos judeus: - Não encontro neste homem culpa para o condenar. Tendes costume de na festa da Páscoa, dar liberdade a um preso **(Jo 39)**:

Quem desejais que seja solto: Jesus ou Barrabás? Este era um ladrão e homicida que, naquela ocasião, estava detido por haver matado outro numa desavença.

Gritaram todos a uma só voz: - Solta Barrabás e crucifica Jesus! E insistiram neste pedido até conseguirem o que desejavam.

Pilatos reconhece a inocência de Jesus

1308. Muito se perturbou Pilatos com as respostas de nosso Salvador Jesus e com a obstinação dos judeus. De um lado, não queria cair no desagrado destes, coisa dificultosa, estando eles tão acirrados em pedir a morte do Senhor. Por outro, entendeu claramente que o perseguiam por inveja mortal **(Mt 17, 18)**, e as acusações com que agitavam o povo eram falsas e ridículas.

Quanto á pretensão de ser rei que imputavam a Cristo, ficara satisfeita com a sua resposta e atitude, tão pobre, humilde e paciente ante as calunias que lhe arremeçavam. Com a luz e auxilio que recebeu, reconheceu a verdade e inocência do Senhor, embora ignorasse o mistério e dignidade da pessoa divina.

O poder de suas palavras de vida, levou Pilatos a fazer grande conceito de Cristo. Suspeitou que n'Ele havia um segredo especial e por isto desejou soltá-lo com o expediente de O enviar a Herodes, como direi no capitulo seguinte. Estes auxílios, porém, não chegaram a ser eficazes porque o desmereceu, cometendo o pecado de se guiar por fins temporais e não pela justiça, seguindo mais as sugestões de Lúcifer[2], do que o conhecimento claro da verdade.

Tendo-a entendido, mostrou-se mau juiz, consultando a causa do inocente com seus declarados inimigos e falsos acusadores. Daqui, incorreu em maior delito agindo contra a consciência: condenou-o á morte e, antes disso , á desumana flagelação, como veremos, só para contentar aos judeus.

O pecado de Pilatos; a cegueira dos judeus

1309. Por estas e outras razões, Pilatos foi iníquo e injusto juiz condenando a Cristo a quem considerava apenas homem, mas inocente e bom. Apesar de tudo, seu delito foi menor, comparado ao dos sacerdotes e fariseus.

Estes agiam por inveja, crueldade e outros fins execráveis. O maior foi não reconhecer Cristo por verdadeiro messias e Redentor, homem e Deus, o prometido na lei que os hebreus criam e professavam.

Para sua condenação, permitiu o Senhor que ao acusarem o Salvador, lhe dessem o nome de Cristo e rei ungido, confessando nas palavras a mesma verdade que negavam e recusavam crer.

No entanto, deviam aceitá-la e entender que Cristo nosso Senhor era verdadeiramente ungido, não com a unção figurativa dos antigos reis e sacerdotes, mas sim com a unção que lhe falou David **(Sl 44, 8)**. Esta era diferente de tudo o mais, sendo a unção da divindade unida á natureza humana na pessoa de Cristo, Deus e homem verdadeiro. Em con-

2 - Como disse acima. nº 1134.

seqüência, sua alma santíssima possuia todos os dons de graça e glória correspondente á união hipostática.

A acusação dos judeus continha esta arcana verdade, embora, por sua perfídia, não a cressem e com inveja a interpretassem erradamente, culpando o Senhor de querer se fazer rei sem o ser. A verdade era o contrário: sendo Senhor de tudo, não queria mostrar que era rei, nem usar de poder de rei temporal, porque não viera ao mundo para mandar, mas sim para obedecer **(Mt 20, 28).**

Enorme era a cegueira judaica, porque esperando o Messias como rei temporal, acusavam a Cristo dessa pretensão. Parece que só queriam um Messias tão poderoso a quem não pudessem resistir. Então o aceitariam por força, e não por livre e reverente vontade como desejava o Senhor.

Perfeições de Maria e sentimento da escritora

1310. Nossa grande Rainha entendia profundamente a grandeza desses ocultos mistérios, e os meditava na sabedoria de seu castíssimo coração, realizando heróicos atos de todas as virtudes.

Nos demais filhos de Adão, concebidos e manchados com pecados, quanto mais crescem as tribulações e dores, também mais se perturbam e deprimem, alterando-se com ira e outras desordenadas paixões. O contrário acontecia com Maria santíssima que não tinha pecado, não estava sujeita a seus efeitos, e ainda era guiada, mais pela excelência da graça, do que pela natureza. As grandes perseguições e as muitas águas das dores e sofrimentos, não extinguiam o fogo de seu coração inflamado no amor divino **(Cant 8, 7)**, mas eram como combustíveis que mais o acendiam naquela divina alma. Pedia pelos pecadores, sumamente necessitados, porque a malícia dos homens atingira o cúmulo.

Oh! Rainha das virtudes, Senhora das criaturas e mãe dulcíssima de misericórdia! Quão dura e insensível sou de coração, pois a dor não o parte nem desfaz, pelo que meu entendimento conhece sobre vossas penas e as de vosso amantíssimo Filho! Se ainda conservo a vida, é razão que me humilhe até a morte! É ofender o amor e a piedade ver o inocente padecer tormentos e pedir-lhe favores, sem tomar parte em suas penas.

Com que cara e com que razão, nós as criaturas, diremos que amamos a Deus, nosso Redentor, e a vós minha Rainha e Mãe, se, enquanto vós bebeis o cálice amaríssimo de tão acerbas dores e paixão, nós nos recreamos com o cálice dos deleites de Babilônia?

Oh! se eu entendesse esta verdade! Se a sentisse e aprofundasse! Se ela penetrasse o íntimo de meu ser, vendo meu Senhor e sua dolorosa Mãe padecendo tão desumanos tormentos! Como poderei pensar que me fazem injustiça quando me perseguem, que me fazem agravo em desprezar-me, que me ofendem em me repelir? Como hei de me queixar que sofro, ainda que seja vituperada, desprezada e detestada pelo mundo?

Oh! grande capitã dos mártires, Rainha dos fortes, Mestra dos imitadores de vosso Filho: se sou vossa filha e discípula, como vossa benignidade me tem afirmado e meu Senhor me quis conceder, não recuseis acéitar meus desejos de seguir vossos passos no caminho da cruz. Se, por fraqueza, tenho faltado, alcançai-me, Senhora e Mãe, fortaleza e coração contrito e humilhado pela culpa de minha ingratidão. Pedi e obtende para mim o amor ao Deus eterno, dom tão precioso que só vossa poderosa intercessão

pode alcançar, e meu Senhor e Redentor merecer que eu o receba.

DOUTRINA QUE A GRANDE RAINHA DO CÉU ME DEU

1311. Minha filha, grande é o descuido e inadvertência dos mortais em considerar as obras de meu Filho santíssimo e penetrar, com humilde reverência, os mistérios que nelas encerrou para remédio e salvação de todos. Muitos ignoram isto, outros se admiram de que o Senhor consentisse em ser levado como criminoso e malfeitor: que o reputassem e tratassem como homem estulto e ignorante; e que, com sua divina sabedoria, não defendesse sua inocência, provando a malícia dos judeus e de todos seus adversários, quando com tanta facilidade o poderia fazer.

Nesta admiração, antes de tudo, devem-se venerar os altíssimos juízos do Senhor que assim dispôs a redenção humana, agindo com equidade, bondade e retidão como convinha a seus atributos. Não recusou a seus inimigos os suficientes auxílios para bem procederem, se quisessem cooperar com eles, usando a própria liberdade para fazer o bem. No que d'Ele dependeu, a todos desejou salvar **(1 Tim 2, 4)** e ninguém tem razão para se queixar da piedade divina que foi superabundante.

A humildade da cruz, remédio para a soberba

1312. Além disto, desejo, caríssima, que entendas o ensinamento contido nestes fatos, pois meu Filho santíssimo a todos realizou como Redentor e Mestre dos homens. No silêncio e paciência que praticou em sua paixão, tolerando ser reputado por iníquo e estulto, deixou aos homens uma doutrina tão importante, quanto pouco advertida pelos filhos de Adão. Como não consideram o contágio que receberam de Lúcifer pelo pecado, contágio que este sempre mantém no mundo, não procuram no médico a cura de sua enfermidade.

O Senhor, porém, por sua imensa caridade, deixou o remédio em suas palavras e atos. Considerem, pois, os homens concebidos em pecado **(Sl 50, 7)**, e vejam como se apoderou de seus corações a semente que o dragão neles semeou: a soberba, presunção, vaidade, estima de si mesmos, cobiça, hipocrisia, mentira e todos os outros vícios.

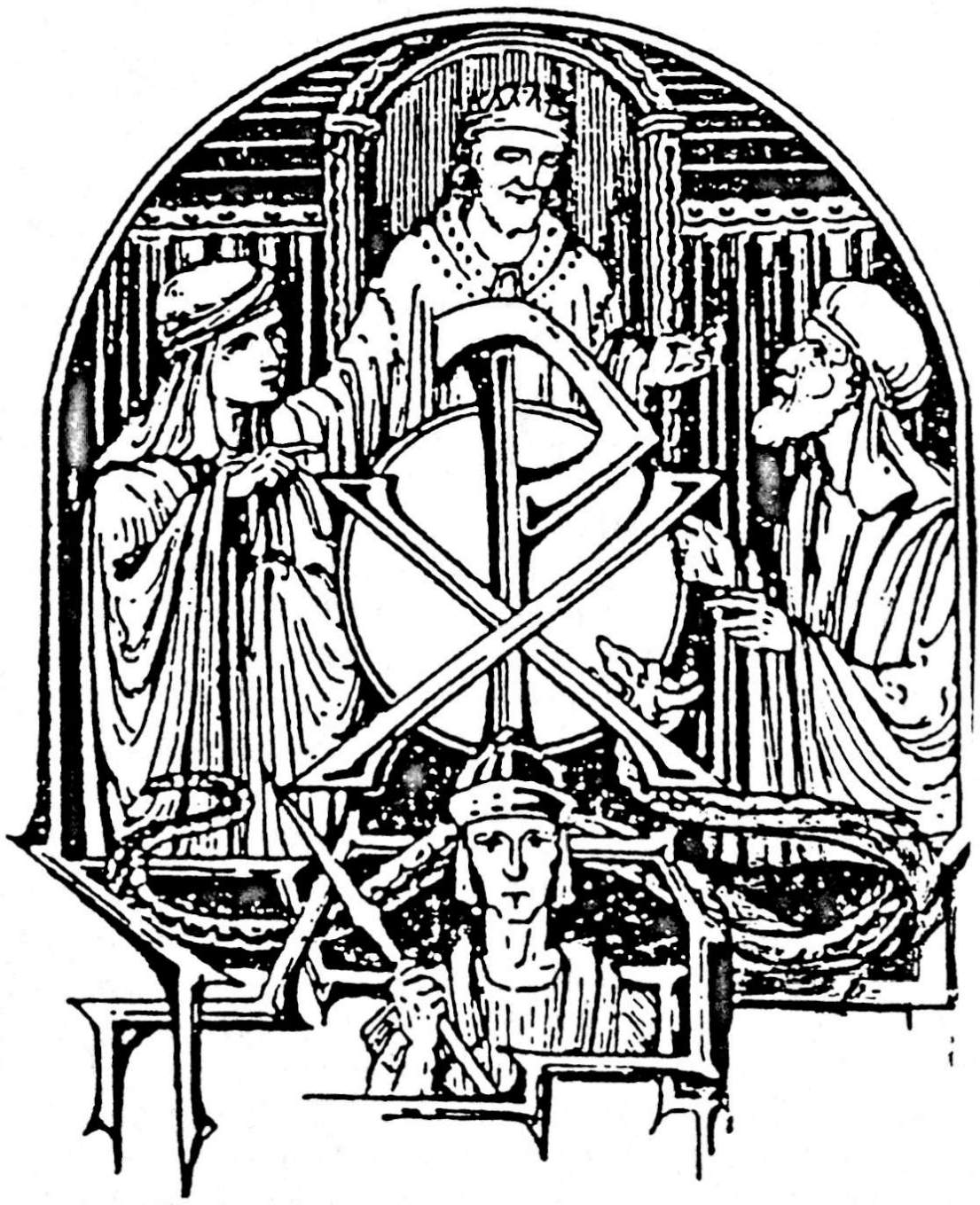
Geralmente todos querem avantajar-se na honra e vanglória, para serem preferidos e estimados. Os doutos que se consideram sábios, com jactância de sua ciência, querem ser aplaudidos e celebrados. Os ignorantes querer parecer sábios. Os ricos gloriam-se das riquezas e desejam ser considerados por causa delas. Os pobres querem ser ricos ou parece-lo, para ganhar a estimação daqueles. Os poderosos querem ser temidos, adorados e obedecidos.

Todos se adiantam nesse erro, e procuram parecer o que não são. Desculpam os próprios vícios, dão importância a suas virtudes e qualidades, e atribuem a si mesmos os bens que possuem, como se não os houvessem recebido. Recebem-nos, como se não fossem alheios e dados gratuitamente.

Em vez de os agradecer, fazem deles armas contra Deus e contra si. Em geral, andam todos inchados pelo mortal veneno da antiga serpente, e mais sedentos de o beber, quanto mais feridos e enfermos deste lamentável achaque. O caminho da cruz e da imitação de Cristo, pela humildade e sinceridade cristã, está deserto porque poucos são os que andam por ele.

Não se desculpar

1313. Foi para esmagar a cabeça de Lúcifer e vencer a soberba de sua arrogância, que meu Filho sofreu a paixão na paciência e silêncio, consentindo ser tratado como homem ignorante e néscio malfeitor. Mestre desta filosofia e médico que vinha curar a doença do pecado, não quis se desculpar, nem se defender ou justificar, nem desmentir os que o acusavam, deixando aos homens este vivo exemplo da maneira de proceder contra os intentos da serpente. N'Ele se realizou aquela doutrina do Sábio: Mais preciosa é, em seu devido tempo, a pequenez da estultice do que a sabedoria e glória **(Ecle 10, 1).** À fragilidade humana melhor é, em certos tempos, ser reputada por homem ignorante e mau, do que fazer vã ostentação de virtude e sabedoria. Inumeráveis são os que incorrem neste perigoso erro: desejando parecer sábios, falam muito e multiplicam as palavras como estultos **(Ecli 10, 14)**. Deste modo vêm a perder o mesmo que pretendem, porque assim revelam a própria ignorância. Todos estes vícios nascem da soberba arraigada em a natureza. Tu, porém, minha filha, guarda em teu coração a doutrina de meu Filho e minha. Detesta a ostentação humana, sofre, cala, e deixa que o mundo te repute por ignorante, pois ele não sabe onde se encontra a verdadeira sabedoria **(Bar 3, 15)**



CAPÍTULO 19

PILATOS REMETE JESUS A HERODES. ESTE O DESPREZA E REENVIA A PILATOS. MARIA ACOMPANHA JESUS.

Pilatos e Herodes

1314. Uma das acusações que os judeus e seus pontífices apresentaram a Pilatos contra nosso Salvador Jesus, foi que havia pregado e agitado o povo, a começar pela província da Galiléia. **(Lc 23, 5-6)**.

Isto levou Pilatos a perguntar se Cristo, nosso Senhor, era galileu. Como o informassem que ali nascera e crescera, pareceu-lhe encontrar razão para se exonerar da causa de Cristo, nosso bem, que reconhecia inocente. Deste modo se livrava dos enfadonhos judeus a insistirem para o condenar à morte.

Naquela ocasião, Herodes encontrava-se em Jerusalém para celebrar a Páscoa dos Judeus. Este era filho do outro Herodes que degolara os Inocentes **(Mt 2, 16)** perseguindo a Jesus recem-nascido. Tendo-se casado com mulher judia, abraçou o judaísmo fazendo-se israelita prosélito. Seu filho também seguia a lei de Moisés, e nessa ocasião viera da Galiléia onde era governador, para Jerusalém.

Pilatos e Herodes não estavam em boa amizade. Governavam as principais províncias da Palestina, a Judéia e a Galiléia. Fazia pouco tempo que Pilatos, por zelo da dominação romana, havia degolado alguns galileus, enquanto ofereciam sacrifícios, (como consta no capítulo 13 de São Lucas.) **(v. 1)**, misturando o sangue dos réus com o dos sacrifícios. O fato indignou Herodes. À guisa de satisfação, Pilatos determinou enviar-lhe Cristo nosso Senhor **(Lc 23, 7)**, como vassalo natural da Galiléia, para que examinasse e julgasse sua causa. Acreditava que Herodes lhe daria liberdade, reconhecendo-o inocente vítima da maligna inveja dos pontífices e escribas.

Maria acompanha Jesus

1315. Saiu Cristo, nosso bem, da casa de Pilatos para a de Herodes, amarrado como estava. Seguiam-no os escribas e sacerdotes que iam para acusá-lo perante o novo juiz, e muitos soldados e servos que o puxavam pelas cordas, abrindo caminho pelas ruas repletas de povo atraído pela novidade.

A soldadesca penetrava pela multidão; os ministros e pontífices, sedentos em derramar o sangue do Salvador naquele dia, apressavam o passo e levavam o Senhor pelas ruas quase a correr, com desordenado tumulto.

Saiu também Maria santíssima e seus companheiros da casa de Pilatos, para seguir seu amado Filho em todos os passos que lhe restava fazer até a cruz. Não teria sido possível à grande Senhora

seguir este caminho à vista de seu Amado, sem a colaboração dos santos anjos. Ia sempre próxima de seu Filho, para gozar de sua presença e participar mais plenamente de seus tormentos e dores.

Tudo conseguiu com seu ardentíssimo amor. Caminhando pelas ruas à vista do Senhor, ouvia também os insultos que os criados lhe dirigiam, os golpes que lhe davam e as murmurações do povo, com as diferentes opiniões que cada qual fazia ou contava de outros.

Jesus na presença de Herodes

1316. Quando Herodes foi avisado de que Pilatos lhe remetia Jesus Nazareno, muito se alegrou. Sabia que o Mestre era grande amigo de São João a quem mandara degolar **(Mr 6, 27)**, e estava informado de sua pregação. Com estulta e vã curiosidade, desejava que Jesus fizesse alguma coisa extraordinária que o divertisse **(Lc 28, 8).**

Chegou, pois, o Autor da vida à presença do homicida Herodes, contra quem estava clamando ao mesmo Senhor o sangue de São João Batista, mais do que o sangue do justo Abel **(Gn 4, 10)**. O infeliz adúltero, como se ignorasse os terríveis juízos do Altíssimo, recebeu-o levianamente, julgando-o algum mágico ou prestidigitador. Neste tremendo engano, começou a lhe fazer diversas perguntas, como para provocá-lo a fazer alguma coisa maravilhosa que desejava **(Lc 23, 9)** presenciar.

O Mestre da sabedoria e prudência, porém, não lhe respondeu palavra. Conservou-se sério e digno na presença do indigníssimo juiz que, por sua maldade, bem merecia o castigo de não escutar da boca de Cristo as palavras de vida eterna que ouviria se estivesse disposto a recebê-las com reverência.

Jesus tratado por louco

1317. Encontravam-se ali os príncipes dos sacerdotes e escribas, acusando continuamente nosso Salvador **(Lc 23, 10)**, com as mesmas acusações que tinham apresentado a Pilatos.

O Senhor não abriu os lábios, nem para responder ás perguntas, nem para se defender das acusações, porque Herodes por modo algum merecia ouvir a verdade; justo castigo que os príncipes e poderosos do mundo mais devem temer.

Indignou-se Herodes com o silêncio e mansidão de nosso Salvador, que frustrava sua tola curiosidade. Para dissimular a confusão, o iníquo Juiz, com todos seus comparsas, pôs-se a zombar do mestre inocentíssimo; desprezando-o tornou a enviá-lo a Pilatos. (ídem 11)

Rindo-se, com muito escárnio, da modéstia do Senhor, os criados de Herodes trataram-no de louco e deficiente mental, vestindo-lhe uma túnica branca. Era o sinal costumado para se precaverem dos alienados. Em nosso Salvador, porém, esta foi símbolo e testemunho de sua inocência e pureza. Assim dispos a oculta providência do Altíssimo, para que estes ministros da maldade, inconscientemente testificassem a verdade que pretendiam negar, ocultando malignamente outros prodígios que o Salvador havia operado.

Mudança da opinião popular

1318. Herodes mostrou-se agradecido a Pilatos, pela cortesia de lhe haver remetido a causa e a pessoa de Jesus Nazareno. Respondeu-lhe que não encontrava n'Ele culpa alguma e parecia-lhe apenas homem ignorante e de nenhuma consideração. Desde aquele dia, Herodes e Pilatos reataram boas relações **(idem 12)**, dispondo assim os ocultos juízos da divina sabedoria.

Voltou nosso Salvador a Pilatos, seguido de muitos soldados de ambos os governadores, com maior tropel, gritaria e alvoroço do povo.

Os mesmos que o haviam aclamado e venerado por Salvador e pelo Messias bendito do Senhor (**Mt 21, 9**), pervertidos pelo exemplo dos sacerdotes e magistrados, mudaram de opinião. Agora condenavam e desprezavam o mesmo Senhor a quem, pouco antes tinham prestado veneração e glória. Tanto assim pode o erro e o mau exemplo dos chefes sobre o povo.

Em meio desta ignominiosa confusão, ia nosso Salvador repetindo intimamente, com inefável amor, paciência e humildade, as palavras que dissera pela boca de David (**Sl 21, 9**): Sou verme e não homem; o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe. Todos os que me viram zombaram de Mim, falando e meneando a cabeça.

Verme e não homem, porque não fôra gerado como os demais, não sendo apenas homem mas Homem e Deus verdadeiro. Verme desprezível, porque assim foi tratado. A todos os vitupérios com que era alvejado, não opos resistência alguma, qual verme que todos pisam, desprezam e consideram vilíssimo. Todos os que avistavam nosso Redentor faziam comentários, abanando a cabeça e retratando o conceito e opinião que d'Ele tinham antes.

Maria encontra-se com Jesus

1319. Aos opróbrios e acusações que os sacerdotes fizeram ao Autor da vida, perante Herodes, e ás perguntas deste, não esteve corporalmente presente sua aflita Mãe. Viu-o por visão interior, porque estava fora do tribunal onde entrara o Senhor.

Quando, porém, saiu da sala encontrou-se com Ela. Olharam-se com íntima dor e compaixão recíproca, correspondente ao amor de tal Filho e Mãe. Constituiu novo instrumento para lhe partir o coração, aquele veste branca a taxá-lo de louco, embora só Ela, entre todos os homens, entendesse o mistério de inocência e pureza que aquele hábito significava.

Adorou-o com altíssima reverência e o foi seguindo pelas ruas, de volta para a casa de Pilatos, onde seriam cumpridos os desígnios divinos da nossa salvação.

Neste caminho de Herodes a Pilatos, a multidão desordenada, a pressa com que aqueles ímpios servos levavam o Senhor, atropelaram-no e o derrubaram mais de uma vez. Com suma crueldade, puxavam-no pelas cordas até rebentar o sangue de suas sagradas veias.

Não podendo facilmente se levantar, por levar as mãos atadas, o tropel de gente que não podia, nem queria se deter, o pisava e magoava. Feriam-no com muitos golpes e aguilhoadas, entre as gargalhadas dos soldados que, por ação do demônio, estavam totalmente despidos da natural compaixão, como se não fossem humanos.

Súplicas de Maria

1320. À vista de tão desmedida crueldade aumentou a compaixão e sentimento da dolorosa e amante mãe. Voltando-se para os santos anjos que a assistiam, mandou-lhes recolher o sangue que seu Rei e Senhor derramava pelas ruas, para que não fosse novamente pisado e conculcado pelos pecadores. Obedeceram-lhe os ministros celestiais.

Mandou-lhes também a grande Senhora que, se seu Filho e Deus verdadeiro viesse a cair outra vez, o acudis-

sem impedindo os malvados de pisar em sua divina pessoa.

Sendo em tudo prudentíssima, não quis que os anjos prestassem esse obséquio ao Senhor sem sua divina vontade. Ordenou-lhes que, de sua parte, lhe pedissem permissão, representando-lhe as angústias que, como Mãe, padecia, vendo-o tratado com aquela irreverência sob os pés imundos daqueles pecadores.

Para mais mover seu Filho santíssimo pediu-lhes, por meio dos mesmos anjos, que substituísse aquele ato de humildade de ser pisado por aqueles maus servos, no de obedecer ou ceder aos rogos de sua aflita mãe que também era sua escrava formada do pó.

Os santos anjos transmitiram a Cristo, nosso bem, estas súplicas de sua Mãe santíssima, não porque Ele as ignorasse, pois tudo conhecia e era Ele mesmo que as inspirava por sua divina graça. A grande Senhora, com altíssima sabedoria, entendeu que o Senhor desejava que, nessas ocasiões, agisse pela ordem natural. Assim praticava as virtudes, por diversos modos e operações, sem serem impedidas pela ciência e previsão do Senhor que tudo prevê.

Jesus é protegido pelos anjos de Maria

1321. Acedeu nosso Salvador Jesus aos desejos e pedido de sua Mãe beatíssima e deu licença aos anjos, ministros de sua vontade, para fazerem o que Ela desejava. No restante do caminho, até chegar à casa de Pilatos, não permitiram que o Senhor fosse atropelado, derrubado e pisado como antes. Continuou, porém, a permitir que os servos dos juízes e a cega maldade popular prosseguissem a insultá-lo com louca indignação.

Tudo via e ouvia sua Mãe santíssima, com invicto mas amargurado coração. O mesmo, na devida proporção, acontecia com as Marias e São João. Chorando inconsolavelmente, seguiam o Senhor na companhia da Mãe puríssima. Não me detenho a falar sobre as lágrimas destas santas e de outras piedosas mulheres que assistiam à Rainha, pois seria necessário desviar-me muito. Mais ainda se fosse falar a respeito do procedimento de Maria Madalena, mais do que as outras, ardente no amor e gratidão a Cristo nosso Redentor, conforme Ele disse quando a justificou: mais ama, quem de maiores culpas foi perdoado **(L. 7, 43)**.

Jesus volta a Pilatos

1322. Chegou Jesus, segunda vez, à casa de Pilatos e de novo começaram os judeus a pedir que o condenasse à morte de cruz.

Pilatos, que conhecia a inocência de Cristo e a mortal inveja dos judeus, sentiu muito que Herodes lhe devolvesse a causa, da qual desejava se eximir. Vendo-se obrigado, como juiz, a resolvê-la, procurou aplacar os judeus com diversos expedientes.

Um deles foi conferenciar secretamente com alguns ministros e amigos dos pontífices e sacerdotes, aconselhando-os a que pedissem a liberdade de nosso Redentor. Soltá-lo-ia depois de lhe dar algum corretivo e que não pedissem mais a liberdade do bandido Barrabás.

Esta diligência fizera Pilatos, quando voltaram a lhe apresentar Cristo nosso Senhor para que o condenasse. A proposta para que escolhessem entre Jesus e Barrabás **(Mt 27, 17)**, não foi uma vez só, mas duas ou três: uma, antes do Senhor ser levado a Herodes e outra depois; por isto os Evangelistas a referem

com alguma diferença, sem porém, contradizer-se na verdade.

Disse Pilatos aos judeus **(Lc 23, 14-15)**: apresentastes-me este homem, acusando-o de dogmatizar e perverter o povo; tendo-o examinado em vossa presença, nada ficou provado. Herodes, a quem o enviei, tampouco o condenou, apesar de vossas acusações. Por agora, portanto, bastará que seja castigado a fim de que se emende para o futuro. Tendo que soltar algum criminoso pela solenidade da Páscoa, soltarei a Cristo, se lhe quiserdes dar liberdade, e castigarei Barrabás.

Percebendo os judeus que Pilatos desejava muito soltar a Cristo Senhor nosso, toda a turba respondeu: Fora com o Cristo e liberdade a Barrabás!**(Lc 23, 18).**

Barrabás preferido a Cristo

1323. O costume de libertar, por ocasião da grande solenidade da Páscoa, um criminoso detido, introduziu-se entre os judeus, em memória e por gratidão da liberdade que, nesse dia, receberam seus pais, quando o Senhor os resgatou do poder do Faraó, afogando seus exércitos no mar Vermelho **(Ex 12, 29).**

Em memória deste favor, os hebreus faziam outro semelhante, perdoando os delitos do maior delinqüente, enquanto castigavam outros culpados. Entre os acordos que tinham com os romanos, uma das condições era que se guardasse este costume, e assim faziam os governadores.

Nesta ocasião, alteraram as circunstâncias do mesmo, segundo a apreciação que faziam de Cristo nosso Senhor. Tendo que soltar o mais criminoso, e confessando eles que Jesus Nazareno o era, deixaram a ele e preferiram Barrabás que consideravam menos mau. Tão cegos e pervertidos os mantinham os demônios com a própria ira e inveja, que em tudo erravam, até contra si mesmos.

A intervenção de Prócula

1324. Estando Pilatos no pretório a discutir com os judeus aconteceu que, sabendo-o sua mulher Prócula, enviou-lhe um recado dizendo-lhe:- Que tens tu a ver com esse homem justo? deixa-o, pois te faço saber que, por sua causa, tive algumas visões **(Mt 27, 19).**

Esta advertência de Prócula partiu da ação de Lúcifer e seus demônios. Vendo o que ia sucedendo com a pessoa de nosso Salvador e a inalterável mansidão com que sofria tantos opróbrios, ficaram mais perplexos e desatinados em sua raiva.

Sua altiva soberba não acabava de compreender, como poderia a divindade estar em quem consentia em tais e tantos insultos, sentindo na carne a conseqüência deles. Não chegava a entender se era, ou não, homem e Deus. Não obstante, julgava o dragão que ali havia algum importante mistério a favor dos homens, enquanto para ele e sua maldade, seria de muito prejuízo se não impedisse o sucesso de coisa tão nova no mundo

De acordo com seus demônios, enviou aos fariseus muitas sugestões para desistirem de perseguir a Cristo. Tais inspirações não aproveitaram, por terem o demônio por autor, sem a virtude divina, em corações obstinados e depravados.

Desanimados com o fracasso, dirigiram-se à mulher de Pilatos e lhe falaram em sonhos. Informaram-na que aquele homem era justo, sem culpa, e no caso de seu marido o condenar seria privado da dignidade que possuía, e a ela aconteceriam grandes dificuldades; que aconselhasse Pilatos a soltar Jesus e cas-

tigar Barrabás, se quisesse evitar a desgraça para sua casa e suas pessoas.

Pilatos lava as mãos

1325. Esta visão produziu em Prócula grande susto e medo.

Quando soube o que se passava entre os judeus e seu marido, enviou-lhe o recado que São Mateus refere **(27, 19)**; que não se envolvesse em condenar a morte a quem sabia ser inocente.

Temores semelhantes pôs também o demônio na imaginação de Pilatos, reforçados depois pelo aviso de sua mulher. Não passavam de receios mundanos e políticos, e como ele não cooperava com os verdadeiros auxilios do Senhor, este medo perdurou apenas até ser substituído por outro maior, como se viu pelos fatos.

Por ora, insistiu terceira vez com os judeus, como diz São Lucas **(23, 22)**, defendendo a inocência de Cristo, nosso Senhor, e afirmando que não achava nele crime algum digno de morte; que o castigaria e depois o soltaria. Efetivamente o castigou para ver se, com isto, ficariam satisfeitos, como direi no capítulo seguinte.

Não obstante, com grande clamor, os judeus insistiram que o crucificasse **(Lc 23, 23)**. Então Pilatos pediu que lhe trouxessem água e mandou soltar Barrabás. Lavou as mãos na presença de todos, dizendo: Não tenho parte na morte deste homem justo que condenais. Fica na vossa responsabilidade: em testemunho disto lavo minhas mãos, para que não fiquem manchadas com o sangue do Inocente **(Mt 27, 24)**.

Pilatos julgou que, com aquela cerimônia, justificava a si e responsabilizava aos chefes judeus e a todo o povo, da morte de Cristo nosso Senhor. Foi tão louco e cego o ódio dos judeus que, a troco de ver o Senhor crucificado, concordaram com Pilatos e invocaram sobre si e seus descendentes a culpa daquele delito. Proclamando a tremenda sentença e execração, gritaram: Que seu sangue cáia sobre nós e nossos filhos **(Mt. 27, 25)**.

Culpa dos judeus, e não menor a dos cristãos

1326. Oh! cegueira insensata e crudelíssima! Oh! temeridade jamais imaginada! A injusta condenação do Justo e o sangue do Inocente, a quem o próprio juiz declara sem culpa, quereis atrair sobre vós e vossos filhos, para que esteja clamando contra vós até o fim do mundo?

Oh! pérfidos e sacrílegos judeus, tão pouco pesa o sangue do Cordeiro que lava os pecados do mundo, e a vida de um homem que é também Deus verdadeiro? É possível que desejais descarregá-lo sobre vós e vossos filhos? Se ele fôra só vosso irmão, benfeitor e mestre, vossa audácia seria tremenda e execranda vossa maldade. Justo é o castigo que sofreis. O sangue de Cristo que, voluntariamente quisestes carregar sobre vós e vossos fi-lhos, não vos deixa descansar, nem sos-segar em todo o mundo. É lógico que vos oprima e esmague esta carga mais pesada que os céus e a terra.

Coisa dolorosa! Este sangue divino deveria cair sobre todos os filhos de Adão para lavá-los e purificá-los, pois para isto foi derramado sobre todos os filho da santa Igreja. Apesar disso há tantos que, com suas obras chamam sobre si a responsabilidade deste sangue, como os judeus o fizeram com obras e palavras. Estes, ignorando e não crendo que era sangue do Redentor, e os católicos sabendo e confessando que o é.

A lei dos ímpios

1327. Os pecados e as depravadas obras dos cristãos são língua a clamar con-

tra o sangue e a morte de Cristo nosso Senhor, e a carregá-lo sobre eles.

Seja Cristo ultrajado, cuspido, esbofeteado, levantado numa cruz, desprezado, posposto a Barrabás e morto. Seja atormentado, açoitado e coroado de espinhos por nossos pecados, que nós não queremos parte neste sangue, a não ser para que se derrame afrontosamente e nos seja imputado eternamente.

Sofra e morra o próprio Deus feito homem: e nós gozemos dos bens aparentes. Aproveitemos a oportunidade, usemos as criaturas (**Sab 2, 6-8**), coroemonos de rosas, vivamos alegres, valhamonos do poder, ninguém nos ultrapasse. Desprezemos a humildade, evitemos a pobreza, ajuntemos riquezas, enganemos os outros, não perdoemos ofensas, entreguemo-nos ao deleite dos torpes prazeres, que nossos olhos cobicem tudo quanto virem e o consigamos com nosso poder. Esta seja a nossa lei, sem qualquer outra consideração. Se com isto crucificamos a Cristo, que seu sangue cáia sobre nós e nossos filhos.

A imitação de Cristo é esquecida

1328. Perguntemos agora aos réprobos que estão no inferno, se foram estas as palavras de suas obras, como lhes atribui Salomão no livro da Sabedoria. E, porque falavam tão insanamente em seus corações, chamam-se e foram ímpios.

Que podem esperar os que inutilizam o sangue de Cristo e o chamam sobre si, não como quem o deseja para seu bem, mas sim por desprezá-lo e para lhe servir de condenação?

Quem, entre os filhos da Igreja, aceitará ser posposto a um ladrão facínora? Tão mal praticada anda esta doutrina, que já se admira quem consente em ser precedido por outrem, tão bom ou mais benemérito que ele. No entanto, não se encontrará alguém tão bom quanto Cristo, nem tão mau quanto Barrabás.

Não se podem contar os que, com este exemplo ante os olhos, se dão por ofendidos, ou se julgam infelizes, se não forem preferidos e melhorados na honra, nas riquezas, dignidade e em tudo o que tem ostentação e aplauso do mundo. Isto se solicita, se discute e se procura, nisto se ocupam os cuidados dos homens, todas suas forças e potências, desde que principiam a usar delas até que as perdem.

A maior lástima e pena é que não se livram deste contágio, os que por sua profissão e estado renunciaram ao mundo e lhe voltaram as costas. Mandando-lhes o Senhor que esqueçam seu povo e a casa de seu pai (**Sl 44, 11**), voltam a ela com o melhor de sua natureza humana: empregam a atenção e solicitude, a vontade e o desejo em tudo o que o mundo possui e ainda lhes parece pouco.

Caem na vaidade, e em vez de esquecer a casa de seu pai, esquecem a de Deus onde vivem. Não se lembram que nesta recebem os auxílios divinos para conseguir a salvação, a honra e estima que jamais tiveram no mundo, e a subsistência temporal sem preocupações.

Ingratos a todos estes benefícios, afastam-se da humildade que por seu estado devem professar. A humildade de Cristo nosso Salvador, sua paciência, as afrontas que sofreu, os opróbrios de sua cruz, a imitação de suas obras, a doutrina de sua escola; tudo é deixado aos pobres, aos abandonados, aos desamparados e marginalizados do mundo. Em conseqüência, os caminhos de Sião estão desertos e chorando (**Trenos 1, 4**), por haver tão poucos que venham à solenidade da imitação de Cristo nosso Senhor.

Culpa de Pilatos

1329. A insipiência de Pilatos não foi menor em pensar que, lavando as mãos e imputando aos judeus o sangue de Cristo, justificava-se perante sua consciência e diante dos homens, a quem pretendia satisfazer com aquela cerimônia cheia de hipocrisia e mentira.

Verdade é, que os judeus foram os principais atores e maiores culpados na condenação do Inocente, atraindo sobre si mesmos este tremendo crime, mas nem por isto Pilatos deixou de ser também culpado.

Conhecendo a inocência de Cristo Senhor nosso, não devia confrontá-lo a um ladrão homicida (**Lc 23, 25**), e castigá-lo para se emendar do que nada tinha a corrigir. Ainda menos deveria condená-lo, entregando-o ao capricho de seus mortais inimigos, cuja inveja e crueldade bem conhecia.

Não pode ser justo o juiz que, ciente da verdade e justiça, a coloca na balança com fins humanos do próprio interesse. Este peso arrasta a razão dos homens de coração covarde, Não tendo a competência e as virtudes que os juízes necessitam, não podem resistir à cobiça e ao respeito humano. Cegos pela paixão, faltam à justiça para não arriscar seu interesse temporal, como aconteceu a Pilatos.

Maria no julgamento de Jesus

1330. Esteve presente nossa grande Rainha na casa de Pilatos. Com a assistência de seus santos anjos, pôde ouvir as discussões do iníquo juiz com os escribas e pontífices sobre a inocência de Cristo, nosso bem, e a proposta da escolha entre Ele e Barrabás. Com admirável mansidão, qual retrato vivo de seu Filho santíssimo, ouviu todos os clamores daqueles tigres desumanos.

Não obstante sua honestíssima e inalterável modéstia, os gritos dos judeus atravessavam seu amargurado coração, como espadas de dois gumes. Mas os gemidos de seu doloroso silêncio ressoava no peito do eterno Pai, com maior agrado e doçura do que o pranto da formosa Raquel que, como diz Jeremias (**31, 15**), chorava sem consolo os filhos que não podia recuperar. Nossa formosíssima Raquel, Maria puríssima, não pedia vingança, mas sim perdão para os inimigos que lhe arrebatavam o Unigênito do Pai e seu.

Acompanhava e imitava todos os atos da alma santíssima de Cristo, agindo com tanta plenitude de santidade e perfeição, que nem o sofrimento suspendia suas potências, nem a dor lhe impedia a caridade, nem a tristeza arrefecia seu fervor, nem o tumulto distraia sua atenção, nem as injúrias e agitação do povo eram estorvo para estar recolhida consigo. Em tudo procedia com virtudes perfeitas em grau eminentíssimo.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Perigosa a queda de mais alto

1331. Minha filha, vejo-te admirada com o que entendeste e escreveste. Reparaste que Pilatos e Herodes não se mostraram tão desumanos e cruéis na morte de meu Filho, quanto os sacerdotes, pontífices e fariseus. Ponderas, sobretudo, que os primeiros eram juízes leigos e pagãos, e os segundos, ministros da lei e sacerdotes do povo de Israel que professavam a verdadeira fé. Quero responder a teu pensamento, com uma doutrina que

não é nova e já entendeste outras vezes. Apesar disso, quero que agora a relembres e não a esqueças durante toda tua vida. Adverte, pois, caríssima, que a queda de mais alta posição é extremamente perigosa e seu dano é irreparável ou de mui difícil remédio.

Eminente foi o lugar de Lúcifer no céu, pela natureza e dons de luz e graça, porque excedia em beleza a todas as criaturas. A queda de seu pecado o precipitou ao abismo da fealdade e miséria, e à maior obstinação do que todos os seus sequazes.

Os primeiros pais do gênero humano, Adão e Eva, foram estabelecidos em altíssima dignidade e sublimes dons, como saídos da Mão do Todo-poderoso. Sua queda os perdeu com toda sua posteridade, e seu remédio foi tão custoso como o ensina a fé. E foi por imensa misericórdia que eles e seus descendentes foram salvos.

Dificuldade para se reerguer

1332. Outras muitas almas subiram ao cume da perfeição, e tendo infelicissimamente daí caído, viram-se desesperadas de conseguir se levantar. Este dano origina-se na própria criatura, por muitas causas.

A primeira, é o despeito e grande vexame que sente, quem caiu de mais altas virtudes. Não apenas perdeu maiores bens, mas não confia em futuros benefícios, já que perdeu os passados. Não se promete maior constância nos que pode adquirir com novo esforço, do que nos adquiridos e esbanjados por sua ingratidão.

Desta perigosa desconfiança, segue-se a tibieza no proceder sem fervor, sem esforço, sem gosto e devoção. Tudo isto se extingue no desânimo, ao contrário da esperança que comunica ânimo e força para vencer muitas dificuldades, fortalece a fragilidade da criatura humana e a torna capaz de empreender magníficas obras.

Outra razão há e não menos terrível: as almas acostumadas aos benefícios de Deus, ou por ofício, como os sacerdotes e religiosos, ou pelo exercício das virtudes e favores como outras pessoas espirituais, ordinariamente pecam pelo desprezo dos mesmos benefícios e mau uso das coisas divinas. Freqüentemente em contato com elas, incorrem na perigosa grosseria de estimar pouco os dons do Senhor, e esta irreverência e pouco apreço impedem os efeitos da graça.

Não cooperando com ela, perdem o temor santo que desperta e estimula para bem agir e obedecer à divina vontade. Não se aproveitam oportunamente dos meios oferecidos por Deus, para sair do pecado e alcançar sua amizade e a vida eterna.

Este perigo é notório nos sacerdotes tíbios que, sem temor e reverência, frequentam a Eucaristia e outros sacramentos; nos doutos e sábios, nos poderosos do mundo que dificilmente se corrigem e emendam de seus pecados. Perderam o apreço e veneração dos remédios da Igreja: os santos sacramentos, a pregação e doutrina. Com estas medicinas salutares para outros pecadores e ignorantes, adoecem eles, os médicos da saúde espiritual.

A quem mais é dado, mais será pedido

1333. Este dano espiritual tem outros motivos que procedem do Senhor. Os pecados das almas que, por estado ou virtude, são devedoras a Deus, pesam-se na balança da justiça divina, de modo muito diferente dos de outras almas menos beneficiadas por sua misericórdia. Não obs-

tante os pecados de todos serem da mesma espécie, tornam-se muito diferentes pelas circunstâncias. Os sacerdotes e mestres, os poderosos e prelados e os que têm posição e título de santidade, causam grande mal com o escândalo de sua queda e dos pecados que cometem. Maior é a temeridade e audácia com que se opõem a Deus, a quem mais devem e melhor conhecem. Ofendem-no com maior luz e ciência, e por isto sua ousadia e desacato é maior do que a dos ignorantes. Por isto, os pecados dos católicos e, entre eles, os dos mais sábios e ilustrados, desobrigam mais a Deus, como se lê na sagrada Escritura.

Assim como está assinalado o termo da vida humana para cada um receber a recompensa eterna, também está determinado para cada qual o número de pecados para a paciência do Senhor tolerar, aguardando a conversão. Este número, porém, não é contado apenas pela quantidade, mas também segundo a espécie e peso de sua gravidade perante a divina justiça.

Deste modo, pode acontecer que para as almas que recebem maior conhecimento e benefícios do céu, a qualidade supra a quantidade; com menor número de pecados, serão abandonados e castigados, do que outros pecadores com maior número. Nem a todos pode acontecer o mesmo que a David e a São Pedro **(2 Rs 12, 13; Lc 22, 61)** porque nem todos, antes da queda, realizaram tantas boas obras às quais Deus tenha atenção. Tampouco o privilégio de alguns serve de regra para todos, pois nem todos são destinados para o mesmo ministério, segundo os ocultos desígnios do Senhor.

Quem está de pé, veja que não caia

1334. Com esta doutrina, minha filha, ficará satisfeita tua dúvida. Entenderás quão prejudicial e amarga é a ofensa ao Todo-poderoso, quando procede de almas redimidas pelo seu sangue, chamadas e conduzidas por Ele no caminho da luz. Entenderás também como de elevado estado pode uma pessoa cair em mais perversa obstinação, do que outras inferiores a ela.

Estas verdades ficam provadas no mistério da paixão e morte de meu Filho santíssimo. Os pontífices, sacerdotes e escribas e todo aquele povo, comparados aos gentios, estavam mais obrigados a serem fiéis a Deus. Por isto, seus pecados os levaram à obstinação, cegueira e crueldade mais abominável que aos mesmos gentios que ignoravam a verdadeira religião.

Quero também que esta verdade e exemplo te avisem de tão terrível perigo. Com prudência teme-o, e ao temor santo acrescenta a humilde gratidão e elevada estima pelos bens do Senhor. No tempo da fartura não te esqueças da penúria **(Ecli 18, 25)**. Considera em ti uma e outra, lembrando que levas um tesouro em vaso quebradiço **(2Cor 4, 7)** e o podes perder. Receber tantos benefícios não é merecê-los, e possuí-los não é direito de justiça senão graça e liberalidade de quem os dá. Se o Altíssimo te fez tão familiar sua, isto não é certeza para não caires ou para viveres descuidada, perdendo o temor e reverência.

Tudo há de estar em ti na medida das graças recebidas, porque também cresce o ódio da serpente que te espreita mais do que a outras almas. Ela sabe que o Altíssimo mostrou mais liberalidade contigo do que com muitas gerações e que, se fores ingrata a tantos benefícios e misericórdias, serias infelicíssima, sem desculpa e digna de rigoroso castigo.

CAPÍTULO 20

JESUS É AÇOITADO E COROADO DE ESPINHOS. PARTICIPAÇÃO DE MARIA SANTÍSSIMA.

Erros de Pilatos e ódio dos judeus

1335. Vendo Pilatos o obstinado ódio dos judeus por Jesus Nazareno, e não querendo condená-lo à morte, pois sabia ser inocente, pareceu-lhe que mandando açoitá-lo com rigor, aplacaria a fúria daquele ingratíssimo povo e a inveja dos pontífices e escribas. Talvez desistiriam de perseguir e pedir sua morte, se, por acaso, Cristo houvesse transgredido alguns dos ritos e cerimônias judaicas, ficando suficientemente castigado.

Pilatos fez esta suposição porque, durante o processo, lhe disseram que Cristo era acusado de não guardar o sábado e outras cerimônias. De fato, vã e estultamente disso acusavam a sua pregação, segundo consta no sagrado Evangelho **(Jo 9, 16)**. Contudo, Pilatos sempre raciocinava como ignorante.

O Mestre da santidade não podia cometer falta alguma contra a lei que viera aperfeiçoar e completar e não abolir **(Mt 5, 17)**. Mesmo que a calúnia fosse verdadeira, não a devia castigar com pena tão desproporcionada como a flagelação. Tinham os judeus, em sua lei, outros modos de se purificarem das transgressões com as quais, a cada passo, ofendiam a lei.

O maior erro desse juiz foi pensar que os judeus tinham alguma espécie de humanidade e natural compaixão. Seu ódio e furor contra o mansíssimo Mestre não era de homens que, naturalmente, costuma abrandar-se quando vêm o inimigo vencido e humilhado. Estes têm coração de carne e o amor de seu semelhante é natural e produz alguma compaixão.

Aqueles pérfidos judeus, porém, estavam possuídos e como transformados em demônios que, contra o mais humilde e aflito, mais se enfurecem. Quando o vêm completamente desamparado **(Ecl 4, 10)**, então dizem: persigamo-lo agora, porque não tem quem o defenda e o livre de nós.

Pilatos condena Jesus à flagelação

1336. Tal era a implacável sanha dos pontífices e dos seus confederados, os fariseus, contra o Autor da vida.

Lúcifer, perdendo a esperança de lhe impedir a morte, com espantosa malícia irritava os judeus para a executarem com desmedida crueldade.

Pilatos, entre a luz da verdade que conhecia e os motivos humanos que o aliciavam, seguindo a injustiça a que estes arrastam os chefes, mandou açoitar **(Jo 19, 1)** rigorosamente a quem declarava inocente.

Para executar esta sentença inspirada pelo demônio, foram designados seis funcionários da justiça. De grande força muscular, homens vis e sem piedade, acei-

taram com muito gosto o ofício de verdugos. O colérico e invejoso sempre se deleita em desafogar a ira, ainda que seja com atos desonestos, cruéis e vergonhosos.

Imediatamente, estes ministros do demônio, com outros muitos, levaram nosso Salvador Jesus ao lugar do suplício. Era um pátio ou saguão da casa, onde costumavam torturar outros delinqüentes, para forçá-los a confessar seus delitos.

Este pátio se encontrava numa construção não muito alta, rodeada de colunas. Umas sustentavam a cobertura e outras eram livres e mais baixas. A uma destas, de mármore, foi Jesus fortemente amarrado, porque sempre o julgavam mágico e capaz de escapar de suas mãos.

Jesus é despido

1337. Despiram nosso Redentor, tirando-lhe primeiro a veste branca, não com menor insulto do que quando o vestiram na casa do adúltero e homicida Herodes. Ao desatar as cordas e correntes que trazia desde a prisão no horto, maltrataram-no impiamente, abrindo as chagas que elas lhe haviam produzido nos braços e nos pulsos, por estarem muito apertadas.

Ficando com as divinas mãos livres, mandaram com insolente autoritarismo e blasfêmias, que o próprio Senhor tirasse a túnica inconsútil que levava. Era a mesma que sua Mãe santíssima lhe vestira no Egito quando, menino, começara a andar, conforme ficou narrado em seu lugar[1].

No momento, o Senhor só trazia essa túnica, pois quando O prenderam no Horto, tiraram-lhe o manto ou capa que costumava trazer sobre ela. Obedeceu o Filho do eterno Pai aos verdugos e começou a despir-se, para sofrer a humilhação de expor seu sagrado e honestíssimo corpo diante de tanta gente.

Parecendo aos verdugos que a modéstia do Senhor retardava muito a operação, acabaram de lhe arrancar violentamente a túnica. Ficou Jesus apenas com a peça interior que lhe servia de calção, a mesma que sua Mãe santíssima lhe vestiu no Egito com a túnica. Estas vestes haviam crescido com seu sagrado corpo, como também o calçado que lhe fizera a mesma Senhora. Nunca as tirou, a não ser as sandálias, durante a pregação que muitas vezes fazia descalço.

Jesus não foi totalmente despido

1338. Sei que alguns doutos presumiram e disseram que, para a flagelação e a crucifixão, nosso Redentor foi despido totalmente, permitindo Ele esta confusão para seu maior martírio.

Havendo eu, por ordem da obediência, indagado a verdade, foi-me declarado que a paciência do divino Mestre estava pronta para sofrer, sem resistir, qualquer opróbrio, conquanto não fosse indecente.

Os verdugos pretenderam afrontá-lo com a total nudez de seu corpo santíssimo e chegaram a tentar despojá-lo daquela peça que lhe ficara. Não o puderam conseguir. Em chegando a tocá-la, seus braços ficaram rígidos e gelados, como sucedeu em casa de Caifás, quando pretenderam desnudar o Senhor do céu, como fica dito no Capítulo 17[2].

Ainda que os seis algozes, sucessivamente, empregaram toda a força para isso, aconteceu-lhe o mesmo. Não obstante, depois, para açoitar o Senhor com mais crueldade ergueram um tanto essa roupa; permitiu-lhe o Salvador, não porém, que a tirassem de todo.

O milagre de se verem tolhidos

1 - nº 691.

2 - nº 1290.

para esse desacato, não comoveu nem abrandou o coração daquelas feras humanas. Com insânia diabólica, atribuiram-no à feitiçaria e arte mágica que imputavam ao Autor da verdade e da vida.

A flagelação

1339. Assim despido, na presença de muita gente, foi Jesus cruelmente atado pelos seis verdugos a uma coluna daquele edifício, a fim de o castigarem mais à vontade.

Por ordem, de dois a dois, o açoitaram com tão inaudita ferocidade que, humanamente, não se poderia cogitar, se Lúcifer não tivesse dominado o ímpio coração daqueles seus agentes.

Os dois primeiros açoitaram o inocentíssimo Senhor com cordas muito retorcidas, duras e grossas, empregando neste sacrilégio toda a raiva de sua indignação, e a força de seus músculos. Estes primeiros açoites cobriram todo o corpo deificado de nosso Salvador de grandes manchas roxas e vergões. Ficou entumecido, desfigurado, com o preciosíssimo sangue à flor da pele.

Cansados estes algozes, entraram em cena os dois seguintes. Com correias duríssimas continuaram a flagelação que abriu as esquimoses e vergões feitos pelos primeiros. O sangue divino rebentou, molhou todo o sagrado corpo de Jesus, salpicou as vestes dos sacrílegos esbirros e escorreu até o solo.

Retiraram-se estes verdugos para dar lugar aos terceiros que se serviram de novos flagelos de nervos de animais, quase tão duros como vime seco. Açoitaram o Senhor com maior crueldade, pois feriam nas próprias feridas que os primeiros tinham feito, e porque eram ocultamente instigados pelos demônios enfurecidos com a paciência de Cristo.

O Homem de dores

1340. Estando rasgadas as veias do sagrado corpo, e todo ele uma só chaga, não encontraram os terceiros verdugos nenhuma parte sã para abrir outras.

Persistindo nos desumanos golpes, rasgaram a imaculada e virginal carne de Cristo nosso Redentor, caindo no solo muitos pedaços. Em muitos pontos das costas os ossos ficaram a descoberto, manchados pelo sangue, alguns na extensão de um palmo.

Para apagar totalmente aquela beleza que excedia a de todos os filhos dos homens (**Sl 44, 3**), açoitaram-lhe o divino rosto, os pés e as mãos, sem deixar lugar por ferir, até onde puderam desafogar o furor e ódio que haviam concebido contra o inocentíssimo Cordeiro. O divino sangue correu pelo solo, acumulando-se em diversas poças.

Os golpes que lhe deram nos pés, nas mãos e na divina face, foram extremamente dolorosos, por serem estas partes mais nervosas, sensíveis e delicadas. A venerável face ficou entumecida e chagada até cegar os olhos pelo sangue e pelo inchaço. Além de tudo isto, cobriram-na de cusparadas imundíssimas que lhe lançaram juntamente com os golpes, fartando-o de opróbrios (**Trenos 3, 30**).

O número exato dos açoites recebidos pelo Salvador foi cinco mil cento e quinze, desde a planta dos pés até a cabeça. O grande Senhor e autor de toda a criatura, impassível por sua natureza divina, na condição de nossa carne ficou, por nosso amor, transformado em homem de dores, conforme a profecia de Isaias (**53, 3**), bem capacitado na experiência de nossas enfermidades, o último dos homens, reputado pelo desprezo de todos.

Maria e a flagelação

1341. A multidão que seguia Jesus Nazareno, nosso Salvador, encheu os saguões da casa de Pilatos e espalhou-se pelas ruas. Aguardavam o fim daquela novidade, discutindo e comentando, em desordenado tumulto, conforme o parecer de cada um, o que ia acontecendo.

No meio dessa confusão, era indizível a tribulação da Virgem Mãe ao ouvir os insultos e blasfêmias que judeus e gentios diziam contra seu Filho santíssimo. Quando o levavam ao lugar da flagelação, a prudentíssima Senhora afastou-se a um canto do saguão, com as Marias e São João que a assistiam e acompanhavam em sua dor.

Daquele lugar, teve visão claríssima de todos os açoites e tormentos que nosso Salvador padeceu; apesar de não os ver com os olhos do corpo, nada lhe foi oculto, e viu melhor do que se estivesse olhando bem de perto.

Não pode caber em pensamento humano, quais e quantas foram as dores e as aflições que, nesta ocasião, padeceu a grande Senhora e Rainha dos anjos. Conhecer-se-á, com outros mistérios, na Divindade, quando ali forem manifestados a todos a glória de Filho e Mãe.

Como se disse em outros lugares desta História, e se dirá ainda no decurso da Paixão do Senhor, Maria santíssima sentiu em seu corpo todas as dores que seu filho sofria com as feridas que recebia.[3] Sentiu, portanto, os açoites no seu virginal corpo, nas partes que correspondiam ao de Cristo. Não derramou sangue, a não ser o que vertia com as lágrimas, nem apareceram chagas no seu corpo; a dor, porém, a transformou e desfigurou tanto, que São João e as Marias quase não mais a conheciam.

Além das dores corporais, foram indizíveis as que sofreu em sua alma puríssima, pois aumentando a ciência, aumenta-se a dor **(Ecle 1, 18)**. Sem falar no seu amor natural de Mãe, e na sua suprema caridade por Cristo, só Ela soube e pôde compreender a inocência de Jesus, a dignidade de sua divina pessoa, a gravidade dos ultrajes que recebia da perfídia judaica e dos demais filhos de Adão que estava redimindo da eterna morte.

As vestes de Jesus

1342. Executada a flagelação, com insolente desacato, os verdugos desamarraram o Salvador da coluna e, em meio de novas blasfêmias, mandaram-lhe que tornasse a vestir a túnica. Um daqueles esbirros, incitado pelo demônio, enquanto açoitavam o mansíssimo Senhor, escondera suas vestes, para que continuasse despido, aumentando a afronta e irrisão de sua divina pessoa.

A Mãe do Redentor conheceu este maligno plano do demônio. Usando do poder de Rainha, ordenou a Lúcifer e a todos seus demônios que se afastassem daquele lugar. Imediatamente se retiraram, coagidos pela virtude e poder da grande Senhora. Em seguida, Ela mandou aos santos anjos recolocar a túnica de seu Filho santíssimo, onde Ele pudesse tomá-la para vestir o sagrado e dolorido corpo.

Tudo se realizou num momento. Os sacrílegos funcionários sem entender o milagre e o modo como se operava, o atribuíram à feitiçaria a à arte do demônio.

Nosso Salvador vestiu-se. Os Evangelistas **(Mc 14, 54; Lc 22, 55; Jo 18, 18)** dizem que fazia frio, o que aumentou os sofrimentos de Jesus. Ficara despido bastante tempo, e o sangue das feri-

3 - nº 1219, 1236, 1264 - O mesmo foi revelado à vidente de N. Sra. de todos os povos, na Holanda. A 1º de abril de 1951, diz Maria Ssma.: "...mantenho-me diante da cruz na condição de Sacrificadora, pois sofri com meu Filho espiritualmente, mas também corporalmente". (A Senhora de todos os Povos - Raoul Auclair. Tadução Brasileira de 1970).

das coagulara-se, comprimindo as chagas inflamadas. O frio diminuía a resistência para sofrê-las, ainda que o incêndio de sua infinita caridade dava-lhe força para desejar padecer ainda mais.

Sendo a compaixão tão natural às criaturas racionais, não houve quem se compadecesse de sua aflição e necessidade a não ser a dolorosa Mãe que, por todo o gênero humano, chorava e se compadecia.

A realeza de Jesus

1343. Entre os mistérios do Senhor, ocultos à humana sabedoria, causa grande admiração que a cólera dos judeus, homens sensíveis de carne e sangue como nós, não se aplacasse vendo Cristo, nosso bem, tão ferido pelos açoites; que objeto tão doloroso não os movesse à natural compaixão; que pelo contrário, a inveja ainda encontrou matéria para inventar novos modos de injúrias e tormentos contra quem já estava de tal modo maltratado.

Tão implacável era seu ódio, que logo excogitaram outro novo e inaudito gênero de suplício. Dirigiram-se ao pretório e na presença dos conselheiros, disseram a Pilatos: Este sedutor do povo, Jesus Nazareno quis, com seus embustes e vaidade, que o reconhecessem por Rei dos judeus. Para humilhar sua soberba e desvanecer sua presunção, queremos que nos permitas colocar-lhe as insígnias de sua imaginária realeza.

Consentiu Pilatos na injusta pretensão dos judeus, dando-lhes liberdade de fazerem o que entendessem.

Coroação de espinhos

1344. Levaram Jesus, nosso Salvador, ao pretório e o despiram de novo com a mesma crueldade e desacato. Vestiram-lhe uma roupa de púrpura, muito rasgada e suja, simulando uma veste real. Puseram-lhe na sagrada cabeça um maço de espinhos emaranhados à guisa de coroa **(Jo 19, 2)**. Eram ramos de espinhos muito agudos e duros. Apertaram-no, de tal maneira, que muitos penetraram até o crânio. Alguns atingiram os ouvidos e os olhos, tendo sido esta uma das maiores torturas padecidas pelo divino Mestre.

Por cetro real, puseram-lhe na mão direita um pedaço de bambu qualquer. Para completar a roupagem, atiraram-lhe sobre os ombros um manto de cor roxa, semelhante às capas que se usam na Igreja, porque esta veste também pertencia ao ornamento da dignidade real.

Com toda esta zombaria, os pérfidos judeus improvisaram rei de comédia a quem, por natureza e por todos os títulos, era o verdadeiro Rei dos reis e Senhor dos senhores **(Apoc 19, 16)**.

Reuniu-se toda a milícia, estando presentes também pontífices e fariseus, e colocando Jesus no centro, com desmedida irrisão e mofa o cobriram de blasfêmias **(Jo 19, 23; Mt 27, 29; Mc 15, 19).** Uns, ajoelhando-se diziam, zombando: Deus te salve, Rei dos judeus. Outros lhe davam bofetadas; estes, lhe tiravam das mãos o bambu e lhe batiam na cabeça dolorida. Aqueles lhe atiravam imundíssimas cusparadas, e todos o injuriavam e desprezavam com diferentes contumélias, inspiradas pela fúria diabólica.

Considerações da Escritora

1345. Oh! caridade incompreensível e sem medida! Oh! paciência nunca vista nem imaginada entre os filhos de Adão! Quem, Senhor e bem meu, pôde obrigar tua grandeza de verdadeiro e poderoso Deus no ser e nas obras, a se humilhar em padecer tão inauditos tormentos, opróbrios e blasfêmias? Pelo contrário, alguém entre os homens deixou de desmerecer que algo fizesses ou sofresses por ele? Quem tal pensara e acreditara se não conhecessemos tua bondade infinita?

Já que a conhecemos e, com a certeza da santa fé vemos tão admiráveis favores e maravilhas de teu amor: onde está nosso juízo? que nos aproveita a luz da verdade que confessamos? Qual inconciência é a nossa, pois à vista de tuas obras, açoites, espinhos, opróbrios e contumélias, procuramos, sem pejo nem temor, os deleites, as delícias, o descanso, as grandezas e vaidades do mundo?

Verdadeiramente grande é o número dos néscios **(Ecle 1, 15)**, pois a maior estultice e fealdade é conhecer a dívida e não pagá-la, receber o benefício e nunca o agradecer; ter diante dos olhos o maior bem, desprezá-lo e regeitá-lo em vez de o acolher; fugir da vida e ir ao encalço da eterna morte.

Não abriu a boca o inocente cordeiro Jesus, entre tais e tantos opróbrios. Tampouco se fartou a furiosa indignação dos judeus com a irrisão, escárnios, tormentos e desprezos feitos à digníssima pessoa do divino Mestre.

O "Ecce Homo"

1346. Supôs Pilatos que o doloroso estado de Jesus Nazareno comoveria o coração daquele ingrato povo. Mandou-o trazer do pretório ao balcão de uma janela onde fosse visto por todos, assim como estava: flagelado, desfigurado, coroado de espinhos e ridiculamente fantasiado de rei.

Dirigindo-se ao povo, disse Pilatos **(Jo 19, 5)**: Eis o Homem; vedes aqui o homem que tínheis por vosso inimigo. Que mais posso fazer com Ele, depois de o ter castigado com tanto rigor? Já não tendes que o temer. Não encontro n'Ele causa de morte.

Certíssima verdade a que dizia o juiz, mas com ela mesma condenava sua injustíssima impiedade. Ao homem que sabia e declarava justo e que não merecia a morte, havia mandado e consentido em torturar, de tal modo, que lhe poderia ter tirado a vida, uma e muitas vezes.

Oh! cegueira do amor próprio e maldade de transigir com os que dão ou tiram dignidades! Como seus motivos obscurecem a razão, distorcem a justiça e adulteram a maior das verdades, condenando o justo dos justos! Tremei, juízes que julgais a terra **(Sl 2, 10)**, atendei que o peso de vossos julgamentos e sentenças não sejam falsos, porque os julgados e condenados numa injusta sentença sois vós mesmos.

Como os pontífices e fariseus desejavam tirar a vida de Cristo, nosso Salvador, só a morte poderia lhes saciar e satisfazer o ódio. Por isto, responderam a Pilatos: Crucifica-o crucifica-o **(Jo 9, 6).**

Maria no "Ecce Homo"

1347. A bendita entre as mulheres, Maria santíssima, viu seu divino Filho quando Pilatos o mostrou, dizendo: Ecce Homo. Ajoelhou-se e adorou-o por verdadeiro Deus e Homem. O mesmo fizeram São João, as Marias e todos os anjos que serviam sua grande Rainha e Senhora. Como Rainha dos anjos e Mãe do Salvador, Ela assim lhes ordenara, além de conhecerem ser também essa a vontade de Deus.

Falou a prudentíssima Senhora com o eterno Pai, com os santos anjos e mais ainda com seu Filho amantíssimo, palavras de grande peso, de dor, compaixão e profunda reverência, concebidas em seu inflamado e castíssimo coração.

Com sua altíssima sabedoria considerou que, naquela ocasião em que seu Filho santíssimo estava tão insultado, escarnecido e desprezado, convinha manter o crédito de sua inocência, no modo mais oportuno. Com este propósito, renovou a divina Mãe as súplicas que acima disse[4]. Pediu para que Pilatos continuasse a declarar, como juiz, que Jesus não era digno de morte, nem malfeitor, como os judeus pretendiam fazer o mundo acreditar.

Novo interrogatório de Pilatos

1348. Em virtude desta oração de Maria santíssima, Pilatos teve grande compaixão ao ver o Senhor tão maltratado pelos açoites e opróbrios; pesou-lhe de que o houvessem castigado tão desapiedadamente. Esta comoção originou-se, em parte, de seu temperamento menos duro e mais compassivo, mas principalmente da luz que recebia por intercessão da grande Rainha e Mãe da graça que nele agia.

Esta luz sugeriu ao injusto juiz todo aquele diálogo com os judeus, na intenção de libertar Jesus, como refere São João **(19, 4)**, depois da coroação de espinhos. Pedindo eles que o crucificasse, respondeu Pilatos **(Jo 19, 6 e 7)**: Tomai-o vós e crucificai-o, porque eu não encontro justa causa para o fazer. Replicaram os judeus: Conforme nossa lei é digno de morte, porque se diz Filho de Deus.

Esta réplica atemorizou Pilatos. Imaginou que poderia ser verdade que Jesus era Filho de Deus, na forma que ele entendia a divindade. Por causa deste medo, retirou-se ao pretório onde falou a sós com o Senhor, perguntando-lhe donde era **(Jo 19, 9)**. Jesus não respondeu a este pergunta, porque Pilatos não estava em condições de entender a resposta, nem merecia ouvi-la.

Não obstante seu silêncio, Pilatos insistiu e disse ao Rei do céu: Não me res-pondes? Não sabes que tenho poder para te crucificar ou para te soltar? Com estas razões, Pilatos pretendeu obrigar Jesus a se desculpar e lhe responder o que desejava saber. Parecia-lhe que um homem tão maltratado e sofredor acolheria qualquer favor que o juiz lhe oferecesse.

Pilatos deseja soltar Jesus. Os judeus forçam-no a condená-lo

1349. O Mestre da verdade, porém, respondeu a Pilatos sem se excusar, e com mais explicação do que ele pedia. Disse-lhe: Tu não terias poder al-

4 - nº 1306.

gum sobre Mim, se não te fôra concedido do alto; por isto, é maior o pecado de quem me entregou em tuas mãos.

Esta única resposta era suficiente para tornar o juiz indesculpável em condenar a Cristo. Devia ter entendido que, sobre aquele Homem, nem ele nem Cesar tinham poder algum; que, por ordem superior, permitiu-se que fosse entregue à sua jurisdição, contra a razão e a justiça; por isto, Judas e os pontífices haviam cometido maior pecado que Pilatos em não soltá-lo; não obstante, também ele era réu da mesma culpa, embora não tanto quanto os outros.

Pilatos não chegou a entender estas verdades, mas impressionou-se muito com aquelas palavras de Cristo e se esforçou mais ainda para libertá-lo. Os pontífices, percebendo a intenção de Pilatos, ameaçaram-no com incorrer no desagrado do Imperador; perderia suas graças, se soltasse e não tirasse a vida a quem se arvorava rei.

Disseram-lhe **(Jo 19, 12):** Se soltares esse homem não és amigo de Cesar, pois quem se faz rei contradiz sua ordem e mandatos.

Assim falaram, porque os imperadores romanos não consentiriam que, sem sua permissão, alguém se atrevesse, em qualquer parte do império, a se arrogar o título e autoridade de rei. Se Pilatos o consentisse, transgredia os decretos de Cesar.

Esta maliciosa advertência e ameaça dos judeus muito o perturbou. Sentando-se no tribunal **(Jo 13)**, à hora sexta, para sentenciar o Senhor, insistiu mais uma vez: Aqui está vosso rei.

Fora, fora com Ele, crucifica-o! responderam todos.

Replicou Pilatos: Mas, hei de crucificar o vosso Rei? Responderam todos a gritar: Não temos outro rei, senão Cesar.

Jesus é condenado à morte de cruz

1350. Pilatos cedeu à malvada teimosia dos judeus. Em seu tribunal (que em grego se chama Lithóstrotos e em hebreu Gábatha) no dia de Parasceve, pronunciou a sentença de morte contra o Autor da vida, como direi no capítulo seguinte.

Os judeus saíram da sala com grande orgulho e alegria, publicando a condenação do inocentíssimo Cordeiro, a qual, sem o saberem eles, constituía a nossa salvação.

A dolorosa Mãe, de fora, tudo presenciou por visão. Quando os pontífices e fariseus saíram publicando a condenação de seu Filho santíssimo à morte de cruz, seu castíssimo coração foi partido pela cutelo da dor mais amarga que o traspassou sem piedade alguma. Excede a todo humano pensamento a dor que Maria santíssima aqui sofreu, e sendo impossível nela falar, remeto-a à piedade cristã. Também não é possível referir os atos interiores que praticou, de adoração, culto, reverência, amor, compaixão, dor e conformidade.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA E RAINHA DO CÉU.

Deus não é responsável pela maldade humana

1351. Minha filha, estás refletindo, com admiração, na dureza e malícia dos judeus e na facilidade com que Pilatos, conhecedor dos fatos, capitulou diante deles, para agir contra a inocência de meu Filho e Senhor.

Quero tirar-te desta admiração, com ensinamentos e avisos apropriados para andares com cuidado no caminho da

vida. Já sabes que as antigas profecias do mistério da redenção, e todas as santas escrituras eram infalíveis. Antes faltaria o céu e a terra do que seu cumprimento (**Mt 24, 35; At 3, 18**), como na mente divina estava determinado.

Para se executar a ignominiosa morte profetizada para meu Senhor (**Sab 2, 20; Jer 11, 19**), eram necessários homens que o perseguissem. O fato, porém, destes terem sido os judeus e seus pontífices, e Pilatos o injusto juiz que o condenou, foi suma infelicidade deles e não escolha do Altíssimo que a todos quer salvar (**1 Tim 2, 4**).

Quem levou estes ministros a tamanha ruína, foram suas próprias culpas e desmedida malícia. Resistiram à graça inefável de ter consigo o seu Redentor e Mestre, de tratar com Ele, ouvir sua pregação e doutrina, assistir seus milagres e receber tantos favores, como nenhum dos antigos pais receberam, apesar de muito os desejar (**Mt 13, 17**).

Com isto se justificou a causa do Senhor e ficou evidente como cultivou sua vinha com as próprias mãos, cumulando-a de benefícios. Em troca, ela lhe deu espinhos e abrolhos, tirou a vida ao Senhor que a plantara e não o quis reconhecer, como devia e podia, mais que os estranhos.

Cristo continua a sofrer nos membros de seu corpo místico

1352. Isto que aconteceu á Cabeça, Cristo meu Senhor e Filho, há de acontecer, até o fim do mundo, aos justos e predestinados, os membros de seu corpo místico. Seria deformidade que os membros não se assemelhassem á cabeça, os filhos ao Pai, e os discípulos ao Mestre.

Sempre serão necessários os escândalos, (**Mt 18, 7**); estando juntos no mundo, justos e pecadores, predestinados e réprobos, sempre haverá perseguidores, quem dê a morte e quem a padeça, quem mortifique e quem seja mortificado. Não obstante, estes ofícios são assumidos pela malícia ou pela bondade dos homens. Será infeliz aquele que, por sua culpa e má vontade, se presta para introduzir escândalos no mundo, fazendo-se instrumento do demônio.

Este trabalho começou na nova Igreja pelos pontífices, fariseus e Pilatos que lapidaram a Cabeça deste formoso corpo místico. No decorrer dos tempos, imitam e seguem os judeus e o demônio, aqueles que lapidam os membros deste corpo, os santos e predestinados.

A parte dos escolhidos

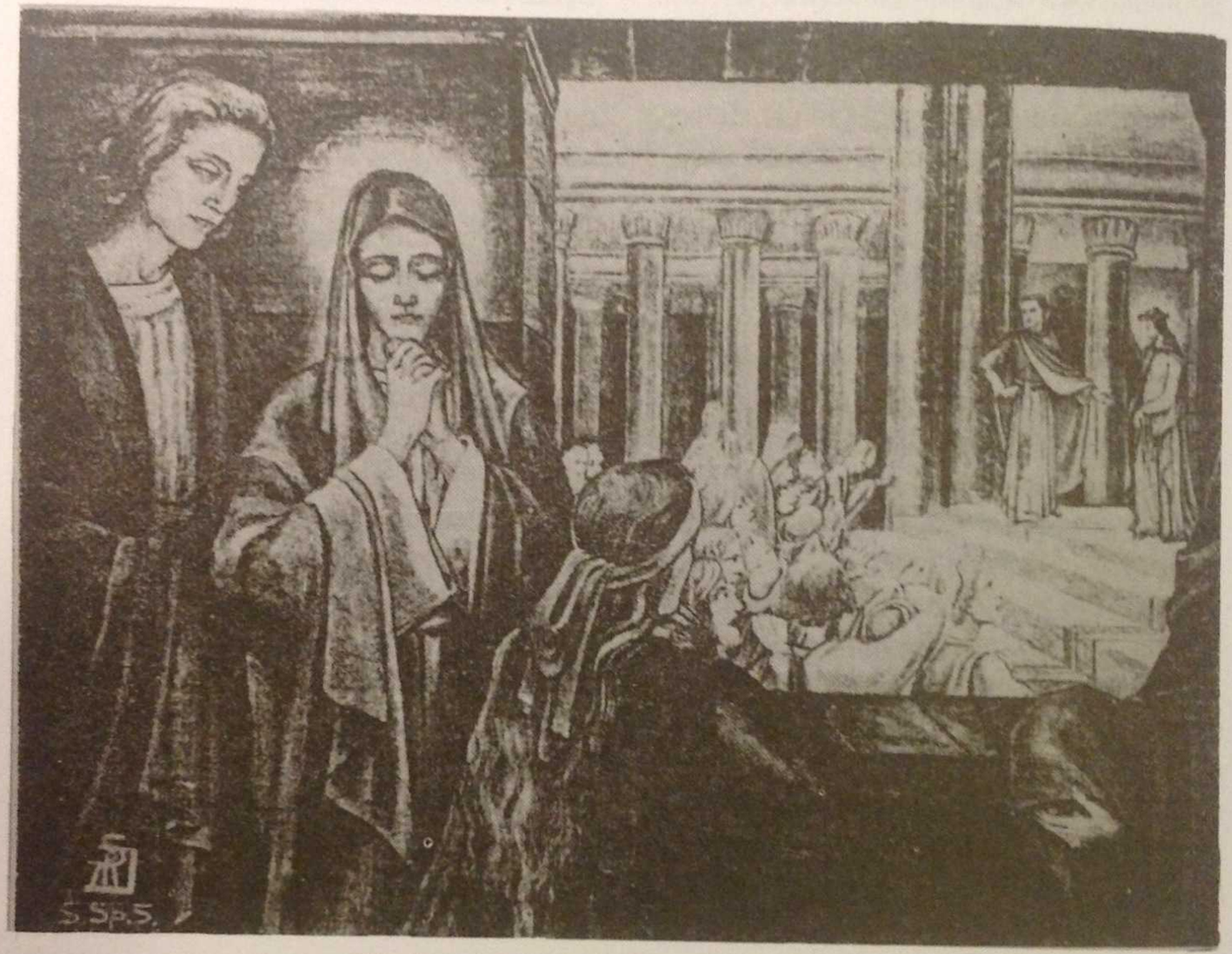
1353. Adverte, agora, caríssima, qual destes destinos queres escolher na presença de meu Senhor e minha. Se, teu redentor, Esposo e Cabeça, foi atormentado, aflito, coroado de espinhos e cumulado de ignomínias, não é conveniente nem possível que vivas nos regalos da carne, se queres ser membro deste corpo místico.

Deverás ser perseguida e não perseguir, oprimida e não oprimir; levarás a cruz, sofrerás o escândalo sem o causar; padecerás, sem fazer e padecer nenhum de teus próximos; antes, deves procurar sua salvação quanto te for possível, progre-dindo na perfeição de teu estado e vocação. Esta é a parte dos amigos de Deus e a herança de seus filhos na vida mortal. Nela consiste a participação da graça e da glória que, com tormentos, opróbrios e morte de cruz, lhes adquiriu meu Filho e Senhor.

Eu, também cooperei nesta obra que me custou as dores e aflição que entendeste, e cuja lembrança quero que

nunca se apague de tua memória. Poderoso era o Altíssimo para fazer seus predestinados grandes nas coisas temporais. Poderia dar-lhes riquezas, gozos e excelências, faze-los fortes como leões, submeter todos a seu invencível poder.

Não convinha, porém, levá-los por este caminho, a fim de que os homens não se enganassem, acreditando que sua felicidade consistisse na grandeza das coisas visíveis e terrenas. Se assim acontecesse, abandonariam a virtude, a glória do Se-nhor se obscureceria, e não fariam experiência do poder da graça divina, nem aspirariam ao espiritual e eterno. Quero que estudes e progridas todos os dias nesta ciência, praticando tudo que com ela entendes e conheces.



Maria e a condenação de Jesus.

CAPÍTULO 21

JESUS É CONDENADO POR PILATOS. CARREGA A CRUZ ATÉ O CALVÁRIO. É SEGUIDO POR SUA MÃE SANTÍSSIMA.

Jesus retoma suas vestes

1354. Decretou Pilatos a sentença de morte de cruz contra a mesma vida, Jesus nosso Salvador, para gosto e satisfação dos pontífices e fariseus. Tendo-a declarado ao inocentíssimo réu, retiraram Jesus para outro lugar da casa do juiz, e lhe tiraram o andrajo de púrpura que lhe haviam posto, como a rei da comédia.

Tudo encerrava mistério, ainda que os judeus o fizessem por malícia. Queriam que Jesus fosse levado ao suplício da cruz com suas próprias vestes, a fim de ser por todos reconhecido. Os açoites, escarros e coroa tinham-no desfigurado tanto, que só pela roupa poderia ser identificado.

Vestiram-lhe a túnica inconsútil que os anjos, por ordem de sua Rainha, lhe trouxeram. Os esbirros tinham-na atirado a um canto do outro aposento, onde lhe haviam despido, para lhe pôr a púrpura de irrisão. Nada disto notaram os judeus, nem lhe deram atenção, preocupados como estavam em apressar a morte de Jesus.

Jesus é mostrado ao povo

1355. Esta diligência dos judeus fez a notícia da condenação de Jesus Nazareno a morte, circular rapidamente por toda Jerusalém. Em tropel, o povo todo acorreu á casa de Pilatos para assistir a execução.

A cidade encontrava-se repleta de gente porque, além de seus numerosos habitantes, havia os peregrinos vindos de toda a parte para a celebração da Páscoa. Atraídos pela novidade, correram enchendo as ruas até o palácio de Pilatos.

Era sexta-feira, dia de parasceve **(Jo 19, 14)** que em grego significa preparação. Neste dia, os hebreus se preparavam para o dia seguinte, sábado, sua grande solenidade, no qual não faziam trabalhos servis, nem sequer cozinhar alimentos. Tudo era feito na sexta-feira.

À vista de todo esse povo, trouxeram nosso Salvador com suas próprias vestes, a divina face tão desfigurada pelas chagas, sangue e saliva, que ninguém o teria reconhecido. Apareceu segundo a palavra de Isaias, como leproso e ferido pelo Senhor **(Is 53, 4)**, e todo feito uma só chaga, pelo sangue e contusões. Das asquerosas salivas, os anjos o haviam limpado algumas vazes, por ordem da aflita Mãe. Logo, porém, renovavam-lhe o insulto , com tal excesso, que nessa ocasião estava todo coberto dessa imundície.

Á vista de tão doloroso quadro, ergueu-se do povo tal gritaria e alvoroço, que nada se ouvia nem entendia, a não ser

o eco do confuso clamor. No meio dessa agitação sobressaiam os gritos dos pontífices e fariseus. Com escandalosa alegria e escárnio, ordenavam aos presentes que se acalmassem e desocupassem a rua por onde deveria passar o divino sentenciado, e assim pudessem ouvir sua sentença capital.

O resto do povo estava perturbado e cheio de confusão, entre muitas opiniões. Havia os estrangeiros vindos de outros países, os que haviam sido beneficiados e socorridos pela piedade e milagres do Salvador, os que tinham ouvido e

Mãe e as Marias, um pouco afastados da multidão.

Quando o santo apóstolo viu o divino Mestre de quem era o discípulo amado, sua alma foi tão ferida, que chegou a perder o pulso e a empalidecer mortalmente. As três Marias desmaiaram. Só a Rainha das virtudes permaneceu invencível, e apesar da sua dor ultrapassar qualquer humano pensamento, seu magnânimo coração nunca desfaleceu. Não desmaiou, nem sofreu as imperfeições dos desalentos e delíquios dos outros.

aceitado sua doutrina, os seus aliados e conhecidos. Uns choravam com triste amargura, outros perguntavam que delitos cometera aquele homem para ser assim castigado, outros mantinham-se perplexos e mudos. O tumulto e a confusão era geral.

Maria santíssima e seus companheiros

1356. Dos onze apóstolos, apenas São João estava presente com a dolorosa

Em tudo foi prudentíssima, forte e admirável. Nos atos externos era tão comedida que, sem gritos nem soluços, confortou São João e as Marias. Pediu ao Senhor os fortalecesse para os ter como companheiros até o fim da Paixão. Em virtude desta oração, foram reanimados e consolados, continuando a assistir a grande Senhora do céu.

Entre tanta agitação e amargura, com soberana serenidade, derramava contínuas lágrimas, sem nenhuma atitude exasperada. Acompanhava seu Filho e

Deus verdadeiro; orava ao eterno Pai apresentando-lhe as dores da Paixão, unindo-se a tudo o que nosso Salvador fazia.

Conhecia a malícia do pecado, penetrava os mistérios da redenção humana, convidava os anjos, rogava por amigos e inimigos. Chegando ao ápice de seu materno amor e conseqüentemente de sua dor, ao mesmo tempo praticava todas as virtudes, com admiração do céu e sumo agrado da Divindade.

Não me sendo possível traduzir em meus termos os sentimentos e as palavras do coração e talvez dos lábios desta grande Mãe da sabedoria, remeto-o à piedade cristã.

Publicação da sentença de morte de Jesus

1357. Esforçavam-se os pontífices e os funcionários da justiça para acalmar o povo e conseguir silêncio. Queriam que fosse ouvida a sentença de Jesus Naza-reno, a qual iam ler publicamente na presença d'Ele. Silenciando a turba, e estando o Salvador em pé, como réu, começaram a lê-la em alta voz. Depois a foram repe-tindo pelas ruas e finalmente ao pé da cruz.

Este documento anda impresso em vernáculo, como já o tenho visto. De acordo com a inteligência que recebi, na substância é verdadeiro, salvo algumas palavras que lhe foram acrescentadas. Estas, não as repetirei, porque a mim foram declaradas as que, sem tirar nem acrescentar, aqui escrevo:

Teor da sentença de morte dada por Pilatos contra Jesus Nazareno, nosso Salvador

1358. Eu, Poncio Pilatos, presidente da Galiléia do sul, aqui em Jerusalém governador em nome do império romano, dentro do palácio da arqui-presidência, julgo, sentencio e declaro que condeno à morte a Jesus, pelo povo chamado Nazareno, natural da Galiléia, homem sedicioso, rebelde à lei de nosso Senado e do grande imperador Tibério Cesar.

Pela minha dita sentença, determino que sua morte seja na cruz, pregado com cravos como se costuma fazer aos réus; porque, reunindo aqui, todos os dias, muitos homens, pobres e ricos, não cessou de promover tumultos por toda a Judéia, dizendo-se Filho de Deus e Rei de Israel, ameaçando a ruína desta insigne cidade de Jerusalém, de seu templo, e do sacro Império; negando o tributo a Cesar e por se ter atrevido a entrar com ramos e triunfo, acompanhado de grande parte do povo, na mesma cidade de Jerusalém e no sagrado templo de Salomão.

Ordeno ao primeiro centurião, chamado Quinto Cornélio, que o leve vergonhosamente pela dita cidade de Jerusalém, amarrado como está, e açoitado por minha ordem. Sejam-lhe postas suas vestes, para ser reconhecido por todos e carregue a própria cruz em que há de ser crucificado: Vá por todas as ruas públicas, no meio de outros dois ladrões também condenados à morte por furtos e homicídios, e deste modo sirva de lição para toda a gente e para os malfeitores.

Também quero e mando, por esta minha sentença, que depois deste malfeitor ter sido levado pelas ruas públicas, sáia da cidade pela porta Pagora, atualmente chamada Antoniana. Um pregoeiro vá enunciando todas estas culpas nesta minha sentença expressas, e o levem ao monte chamado Calvário, onde se costuma executar e fazer justiça aos facínoras. Ali pregado na mesma cruz que carregar (como acima disse), fique seu corpo pendurado entre os ladrões citados. Sobre

a parte mais alta da cruz seja colocado o título nas três línguas agora mais usadas, a saber: hebréia, grega e latina; todas elas digam: "Jesus Nazareno Rei dos Judeus", para que todos vejam e entendam.

Sob pena de perda dos bens e da vida e de rebelião ao império romano, mando que ninguém, de qualquer estado e condição que seja, se atreva temerariamente impedir a dita justiça por mim ordenada, pronunciada, administrada e executada com todo rigor, segundo os decretos e leis romanas e hebréias. Ano da criação do mundo, cinco mil duzentos e trinta e três, dias vinte e cinco de março.

- *Pontius Pilatus Judex et Gubernator Galilaeae inferioris pro Romano Império qui supra propria manu.*

Cálculo de datas

1359. Conforme este cômputo, a criação do mundo foi em Março.

Desde o dia em que Adão foi criado até a Encarnação do Verbo, passaram cinco mil cento e noventa e nove anos. Acrescentando-se os nove meses que esteve no seio virginal de sua Mãe santíssima, mais os trinta e três anos que viveu, perfazem os cinco mil duzentos e trinta e três, mais os três meses que, conforme o cômputo romano, restam até o dia vinte e cinco do mês de Março. De acordo com este cálculo da Igreja romana, o primeiro ano do mundo contou apenas nove meses e sete dias, para começar o segundo ano, de primeiro de Janeiro em diante.

Entre as diferentes opiniões dos Doutores, entendi que a verdadeira é a da santa Igreja, consignada no Martirológio romano, como também a da Encarnação de Cristo nosso Senhor, de que falei no livro primeiro da segunda parte, capítulo 11.

Jesus recebe a cruz

1360. Lida a sentença de Pilatos, em alta voz, na presença de todo o povo, colocaram sobre os chagados ombros de Jesus, a pesada cruz na qual seria crucificado. Para poder levá-la, desataram-lhe as mãos, não, porém, o corpo. Conservaram-no amarrado e o iam puxando pelas cordas que, para maior crueldade, passaram-nas em duas voltas ao pescoço.

Tinha a cruz quinze pés de largura, grossa, de madeira muito pesada. Começou o pregoeiro a anunciar a sentença e toda aquela multidão confusa e turbulenta de povo, criados e soldados, com grande estrépito e gritaria, se deslocou em desordenada procissão pelas ruas de Jerusalém, da casa de Pilatos em direção ao Calvário.

Quando Jesus, o Mestre e Redentor do mundo, recebeu a cruz, olhando-a

com semblante cheio de júbilo, como se alegra o esposo com as ricas jóias de sua esposa, acolheu-a dizendo-lhe intimamente estas palavras:

Jesus saúda a cruz

1361. Oh! cruz desejada por minha alma, preparada e encontrada por meus desejos, vem, minha amada, receber-me em teus braços e nele, como em sagrado altar, receba o Pai o sacrifício da eterna reconciliação com o gênero humano.

Para morrer em ti, desci do céu e vivi em carne mortal e passível. Serás o cetro com o qual triunfarei de todos meus inimigos; a chave com que abrirei as portas do paraíso aos meus predestinados **(Is 22, 22)**; o sacrário onde os culpados filhos de Adão encontrem misericórdia; a fonte dos tesouros para enriquecer sua pobreza.

Em ti quero mostrar o valor das afrontas e opróbrios recebidos das criaturas humanas, para que meus amigos os abracem com alegria e os solicitem com amorosas ânsias, seguindo-me no caminho, que contigo, abrirei para eles.

Meu Pai e Deus eterno, Eu te confesso Senhor do céu e da terra **(Mt 11, 25)**, e por obediência a teu divino querer, levo sobre meus ombros a lenha do sacrifício de minha passível e inocentíssima humanidade, aceitando-o pela salvação eterna dos homens. Aceitai-o, meu Pai, como agradável à vossa justiça, para que de hoje em diante não sejam mais servos, porém, filhos e Comigo, herdeiros de vosso reino **(Rom 8, 17)**.

Participação e reparações de Maria

1362. A grande Senhora do mundo, Maria santíssima presenciava estes sagrados mistérios e atos, sem nada perder. De todos tinha compreensão mais elevada, do que os próprios anjos. O que não podia ver com os olhos corporais, conhecia com inteligência e ciência de revelação, manifestados nas operações interiores de seu Filho santíssimo. Nesta divina luz, conheceu o valor imenso que o santo madeiro da cruz recebeu em contato com a humanidade deificada de Jesus, nosso Redentor. Imediatamente, a Mãe prudentíssima adorou e venerou a cruz com o devido culto, o mesmo fazendo todos os espíritos celestes que assistiam ao Senhor e à Rainha.

Acompanhou também seu Filho santíssimo no afeto com que Ele recebeu a cruz, dirigindo-lhe palavras semelhantes, de acordo com seu papel de coadjutora do Redentor. O mesmo fez orando ao eterno Pai, reproduzindo seu modelo perfeitissimamente como sua viva imagem, sem a mínima falta.

Ao ouvir o pregoeiro publicar e repetir a sentença pelas ruas, compôs a divina Mãe um cântico de louvor à ilibada inocência de seu Filho e Deus santíssimo. Aos delitos que a sentença continha, parafraseava transformando-as em honra e glória do Senhor.

Os santos anjos acompanharam-na neste cântico. Alternando com eles o ia compondo e repetindo, enquanto os habitantes de Jerusalém blasfemavam de seu Criador e Redentor.

Sabedoria da Virgem

1363. Durante o tempo da paixão de Jesus, o grande coração da Mãe da sabedoria encerrava toda a fé, ciência e digno conceito, do que representava o fato de Deus sofrer e morrer pelos homens. Sem perder a atenção para tudo o que exteriormente era necessário fazer, meditava com sua sabedoria todos os mistérios

da redenção humana e como se iam realizando, por meio da ignorância dos próprios homens que deviam ser redimidos.

Com digna ponderação, considerava quem era que padecia, o que, de quem e por quem padecia. Sobre a dignidade da pessoa de Cristo nosso Redentor, suas naturezas divina e humana, com todas as perfeições e atributos de ambos, só Maria santíssima, depois do mesmo Senhor, teve a mais elevada e profunda ciência. Em conseqüência, só Ela, entre as puras criaturas, chegou a compreender o devido valor da paixão e morte de seu Filho e Deus verdadeiro.

A cândida pomba não só viu, mas também experimentou o que Ele padeceu, despertando santa inveja não só aos homens, como também aos anjos que não tiveram essa graça. Estes, porém, viram como a grande Rainha e Senhora sentia na alma e no corpo as mesmas dores de seu Filho santíssimo e a inexplicável complacência que disso recebia a santíssima Trindade. Com a glória e louvor que por isto deram a Deus, compensaram a dor que não puderam sofrer.

Algumas vezes, quando a dolorosa Mãe perdia de vista seu Filho santíssimo, sentia em seu virginal corpo e espírito a ressonância dos tormentos que infligiam ao Senhor. Sobressaltada exclamava: Ái de Mim, que martírio causam agora a meu amado Senhor! Em seguida, logo recebia conhecimento claríssimo de tudo o que faziam com Jesus.

Foi tão admirável e fiel em acompanhá-lo e imitá-lo na dor que, durante a Paixão, não aceitou alívio algum tanto corporal como espiritual. Não descansou, não comeu, não dormiu, nem procurou pensamentos que lhe desse refrigério espiritual, a não ser quando o Altíssimo lhe comunicava algum divino influxo. Então o aceitava, com humildade e gratidão, para recobrar novas forças e atender mais intensamente a seu Filho sofredor e motivo de seus tormentos.

Com igual ciência, compreendia a malícia dos judeus e dos algozes, a necessidade do gênero humano e sua ruína, e a ingratíssima correspondência dos mortais, por quem seu Filho santíssimo padecia. Tudo conheceu em grau eminente e perfeitíssimo, e de igual modo o sentiu mais do que todas as criaturas.

Começa a derrota dos demônios

1364. Outro oculto e admiravel mistério operou o Onipotente, nesta ocasião, por intermédio de Maria santíssima, contra Lúcifer e seus ministros infernais. Foi o seguinte: o dragão e seus demônios assistiam atentamente a tudo o que ia se passando na paixão do Senhor que eles não conseguiam identificar com certeza. No momento em que o Salvador recebeu a cruz sobre os ombros, sentiram os inimigos infernais novo abatimento e fraqueza.

Não conhecendo sua causa, a novidade deixou-os perplexos, cheios de tristeza, confusão e despeito. Estes irresistíveis efeitos levou o príncipe das trevas a recear, que aquela paixão e morte de Cristo nosso Senhor, pressagiava alguma irreparável catástrofe para seu império.

Não querendo sofrê-lo na presença de Cristo, resolveu o dragão fugir, com todos seus sequazes, para as cavernas do inferno. Quando, porém, ia executar este propósito, foi impedido por nossa grande Rainha e Senhora de toda criação.

Naquele momento, o Altíssimo a iluminou e revestiu de seu poder, dando-lhe conhecimento do que devia fazer. Dirigindo-se a Lúcifer e seus esquadrões, a divina Mãe, com autoridade de Rainha, os deteve na fuga, e lhes ordenou que fi-

cassem até o fim da paixão, e a fossem presenciando até o monte Calvário. Ao império da poderosa Rainha não puderam resistir os demônios, pois sentiram o poder divino que nela agia.

Submetendo-se a seu mandato, como acorrentados, foram seguindo o Redentor até o Calvário, onde a eterna Sabedoria determinara deles triunfar sobre o trono da cruz, conforme veremos adiante[2].

Não encontro comparação para dar idéia da tristeza e angústia que, desde esse momento, se apoderaram de Lúcifer e seus demônios. A nosso modo de entender, arrastavam-se para o Calvário como condenados ao suplício, arrasados pelo temor do inevitável castigo que os prostrava no desalento e tristeza. No mau espírito, esta pena foi na medida que competia à sua natureza, à sua malícia e ao dano que fez ao mundo, nele introduzindo a morte **(Sab 2, 24)** e o pecado, para cujo remédio o mesmo Deus ia morrer.

Vitória de Cristo sobre o demônio

1365. Prosseguiu nosso Salvador o caminho para o Calvário levando sobre os ombros, como disse Isaias **(9, 6)** seu império e principado, a santa cruz. Nela havia de remir e sujeitar o mundo, merecendo a exaltação de seu nome sobre todo o nome **(Filp 2, 9)** e resgatando toda a linhagem humana do tirânico poder **(Col 2, 15)** que o demônio conquistara sobre os filhos de Adão.

Isaías chamou a esta tirania, jugo e cetro de cobrador e executor que, com domínio e vexação, cobrava o tributo da primeira culpa.

Para vencer este tirano e destruir o cetro de seu domínio, e o jugo de nossa servidão, Cristo nosso Senhor carregou a cruz na mesma parte do corpo, onde se leva o jugo da servidão e o cetro real. Deste, despojava o demônio e o trasladava a seus ombros, para que os cativos filhos de Adão, desde aquela hora em que tomou a cruz, O reconhecessem por seu legítimo Senhor e verdadeiro Rei. Devem segui-lo pelo caminho da cruz **(Mt 16, 24)**, pela qual conquistou todos os mortais a seu império **(Jo 12, 32)**, fazendo-os vassalos e servos seus, comprados a preço de sua vida e de seu sangue **(1 Cor 6, 20)**.

Considerações da Escritora

1366. Mas, quão doloroso é o nosso ingratíssimo esquecimento! Que os judeus e os executores da Paixão ignorassem este mistério, escondido aos príncipes do mundo; que fugissem de tocar a cruz do Senhor, por a julgarem ignominiosa vergonha, foi culpa e muito grande. Não, porém, tanto como a nossa, quando já está revelado este mistério, e pela fé desta verdade condenamos a cegueira dos que perseguiram a Cristo nosso Senhor.

Se os culpamos porque ignoraram o que deviam saber, que culpa será a nossa que, conhecendo e crendo em nosso Redentor, o perseguimos e crucificamos **(Heb 6, 6)** por nossas ofensas, tanto quanto eles?

Oh! amado Jesus, meu amor, luz de meu entendimento e glória de minha alma! Não te fies, Senhor, em minha tardança e rudeza, para te seguir com minha cruz pelo caminho da tua. Toma por tua conta fazer-me este favor: leva-me, Senhor, após ti, e correrei ao perfume de teu ardentíssimo amor **(Cânt 1, 3)**, de tua inefável paciência, de tua eminentíssima humildade, e na participação dos desprezos, angústias, opróbrios e dores que sofreste.

Esta seja a minha parte e herança nesta mortal e pesada vida, esta minha glória e descanso, e fora de tua cruz e ig-

2 - nº 1412.

nomínias, não quero vida nem consolação, sossego nem alegria.

Como os judeus e todo aquele povo cego, nas ruas de Jerusalém, se arredassem para não tocar na cruz do inocentíssimo réu, o próprio Senhor ia abrindo caminho por onde passar. Sua gloriosa desonra era evitada como se fosse contaminação, conforme a considerava a perfídia de seus perseguidores.

Fora o espaço em que se achava Jesus, o resto das ruas estava apinhado pela multidão, confusa e barulhenta, sobressaindo entre a gritaria e os berros do pregoeiro que ia publicando a sentença.

Torturas do Redentor

1367. Os algozes, sem qualquer humana compaixão e piedade, conduziram nosso Salvador com incrível crueldade e desacato.

Uns puxavam as cordas para a frente, apressando-o; outros, para o maltratar, puxavam para trás, detendo-o. Com estas violências e o grave peso da cruz, obrigavam-no a dar muitos vai-e-vens e quedas no chão. Chocando-se contra as pedras, abriam-se-lhe as chagas, em particular a dos joelhos que recrudesciam todas as vezes que caía.

O peso da cruz abriu outra no ombro onde era levada. Nos vai-e-vens, umas vezes a cruz batia contra a cabeça, outras a cabeça contra ela, e a cada golpe os espinhos mais se enterravam na carne.

A estas dores, acrescentavam aqueles malvados ministros insultos e execráveis contumélias, imundíssimos escarros e poeira que lhe atiravam na divina face, cegando os olhos que, misericordiosamente, os fitavam. Assim, faziam-se indignos de tão benigno olhar.

Apressados e sedentos de lhe dar a morte, não permitiam ao Mestre mansíssimo tomar o menor alento. Como em tão poucas horas n'Ele haviam despejado aquela chuva de torturas, sua humanidade santíssima estava tão desfalecida e desfigurada que, ao vê-la, parecia estar a ponto de expirar sob tantas dores e tormentos.

Encontro de Maria e Jesus

1368. Confundida na multidão, a dolorosa Mãe saiu da casa de Pilatos, seguindo seu Filho santíssimo, acompanhada de São João, de Madalena e das outras Marias. Como o tropel da desordenada multidão os embaraçava para seguir Jesus de perto, a grande Rainha pediu ao eterno Pai lhe concedesse chegar ao pé da cruz e ficar corporalmente na companhia de seu Filho e Senhor. Conhecendo que assim lhe era concedido, ordenou também aos santos anjos que providenciassem como o conseguir.

Com grande reverência, obedeceram-lhe os anjos e com toda presteza guiaram sua Rainha e Senhora pelo atalho de uma rua, no fim da qual, encontraram-se Filho e Mãe, face a face. Reconhecem-se, renovando a dor que cada qual padecia, mas não se falaram vocalmente, nem os esbirros teriam dado tempo para isso.

A Mãe prudentíssima adorou seu Filho santíssimo e Deus verdadeiro, oprimido pelo peso da cruz. Interiormente lhe pediu que, não podendo Ela aliviá-lo do peso da cruz, nem permitindo Ele que os anjos o fizessem conforme ela desejaria, que movesse a compaixão daqueles homens a procurar alguém que O ajudasse levá-la.

Aceitou Cristo este pedido, e daí resultou a requisição de Simão Cirineu para levar a Cruz do Senhor (**Mt 27, 32**), como adiante direi. Os fariseus e os algozes adotaram esse expediente, uns movidos por alguma natural compaixão,

outros pelo receio de que o Salvador viesse a morrer antes de ser crucificado, tal era o seu desfalecimento.

Sentimentos de Maria

1369. Excede a qualquer compreensão e idéia, a dor que a cândida pomba e Virgem Mãe sentiu neste caminho para o monte Calvário, vendo e acompanhando o Filho que só Ela sabia dignamente conhecer e amar.

Ter-lhe-ia sido impossível não morrer, se o poder divino não a sustentasse conservando-lhe a vida. Nesta dor amarríssima, falou interiormente ao Senhor: Meu Filho e Deus eterno, luz de meus olhos e vida de minha alma, recebei Senhor o doloroso sacrifício de não poder vos aliviar do peso da cruz. Eu, filha de Adão, é quem a deveria levar e nela morrer por vosso amor, como vós quereis morrer, com ardentíssima caridade, pela raça humana.

Oh! amantíssimo mediador entre a culpa e a justiça! Como entretendes a misericórdia entre tantas injúrias e afrontas? Oh! caridade sem medida que, para mais se abrasar e difundir, permite os tormentos e opróbrios! Oh! amor infinito e ternissimo, quem me dera possuir o coração e a vontade de todos os homens, para que não pagassem tão mal ao que por todos sofreis! Oh! quem pudera fazer o coração dos mortais compreender quanto vos devem, pois tão caro vos tem custado o resgate de seu cativeiro e a reparação de sua ruína!

Outras razões ainda, prudentíssimas e sublimes, que não posso traduzir, dizia a grande Senhora do mundo.

Encontro com as piedosas mulheres

1370. Diz o evangelista São Lucas **(23, 27)** que entre a multidão do povo, seguiam o Senhor outras muitas mulheres a se lamentar e chorar amargamente. Voltando-se para elas, o amoroso Jesus, lhes disse: Filhas de Jerusalém, não choreis sobre Mim, mas chorai sobre vós mesmas e vossos filhos. Porque virão dias em que se dirá: Felizes as estéreis que nunca tiveram filhos para aleitar. E então, começarão a dizer aos montes - : caí sobre nós; e às colinas: soterrai-nos. Porque se assim é tratada a lenha verde, que será da seca?

Com estas misteriosas palavras, o Senhor deu valor às lágrimas derramadas por sua paixão santíssima, e de certo modo as aprovou, comprazendo-se nessa compaixão. Pelo que disse àquelas mulheres, quis ensinar-nos a finalidade que devem ter nossas lágrimas, para serem bem empregadas.

Aquelas compassivas discípulas de nosso Mestre, então ignoravam isso. Choravam suas afrontas e dores, e não a causa pela qual as padecia. Ainda assim, mereceram ser instruídas. Foi como se o Senhor dissera: Chorai sobre vossos pecados e os de vossos filhos, pois sofro por eles e não pelos meus, pois não os tenho nem me é possível os ter. Se a compaixão por Mim é boa e justa, mais desejo que choreis vossas culpas, do que as penas que por elas padeço.

Chorando por este motivo, lucrareis para vós e vossos filhos o preço de meu sangue e o fruto da redenção que este cego povo ignora. Virão dias - os do juízo universal e seu castigo - em que se terão por felizes as que não geraram filhos, e os precitos pedirão aos montes e colinas que os cubram, para não ver minha indignação.

Se em Mim, inocente, causaram tais efeitos suas culpas das quais me responsabilizei, que produzirão neles, tão secos, sem frutos da graça e sem nenhum merecimento?

Simão Cirineu ajuda Jesus

1371. Em recompensa de suas lágrimas e compaixão, aquelas ditosas mulheres receberam esses ensinamentos.

Cumprindo-se o que Maria santíssima pedira, decidiram os pontífices, fariseus e soldados, arranjar algum homem que ajudasse Jesus a levar a cruz até o Calvário.

Surgiu nessa hora Simão Cirineu, assim chamado por ser natural de Cirene, cidade da Líbia. Era pai de dois discípulos do Senhor, Alexandre e Rufo **(Mc 15, 21)**. A este Simão, os judeus obrigaram a levar a cruz, porque eles não queriam sequer tocá-la, como instrumento do castigo de um homem condenado como insigne criminoso. Com tais atitudes e cautelas, queriam disso convencer a todo o povo.

O Cirineu tomou a cruz e foi seguindo Jesus que continuava o caminho entre os dois ladrões. A Mãe ia bastante próxima, como desejara e pedira ao eterno Pai, a cuja vontade se conformava perfeitamente no martírio de seu Filho. Participando de seus tormentos tão de perto, por todos os sentidos, jamais teve movimento interior ou exterior, que a inclinasse a retratar sua vontade, para desejar que seu Filho e Deus não padecesse.

Assim imensa foi sua caridade e amor pelos homens, como sua graça e santidade em superar a natureza.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE RAINHA E SENHORA.

O verdadeiro discípulo de Cristo

1372. Minha filha, quero que o fruto da obediência pela qual escreves a história de minha vida, seja formar em ti uma verdadeira discípula de meu Filho e minha. Este é o primeiro escopo da divina luz que recebes sobre tão elevados e veneráveis mistérios e das admoestações que tantas vezes te repito: afasta, expulsa e desvia teu coração de qualquer afeto de criaturas, tanto para não os nutrir como para não os aceitar de alguma delas.

Por este afastamento vencerás os perigosos escolhos que o demônio te suscita, aproveitando-se de teu temperamento afetivo. Eu que te conheço, aviso-te e guio como Mãe e Mestra que corrige e ensina. Pela ciência do Altíssimo, conheces os mistérios de sua paixão e morte, e que nem todos são escolhidos e chamados para o único e verdadeiro caminho da vida, a cruz.

Muitos são os que dizem querer a Cristo, e poucos os que verdadeiramente se dispõem a imitá-lo, porque em chegando a sentir a cruz do sofrimento, atiram-na para longe e voltam para trás. A dor das tribulações é muito sensível e dura para a natureza humana; seu fruto espiritual é mais oculto, e poucos se orientam por ele.

Por isto, há tantos entre os mortais que, esquecendo a verdade, dão ouvidos à carne e sempre a querem muito regalada e a seu gosto. São ardentes amadores da honra e desprezadores das afrontas; cobiçosos da riqueza e execradores da pobreza; sedentos do prazer e medrosos da mortificação. Todos estes são inimigos da cruz de Cristo **(1 Filp 3, 18)** e com grande horror fogem dela. Como os que o crucificaram, consideram-na ignominiosa.

A marca dos predestinados

1373. Outro erro anda pelo mundo: muitos pensam que, sem padecer e sem trabalhar, seguem a Cristo seu Mestre. Dão-se por satisfeitos em não cometer grandes pecados. Remetem toda a perfeição a certa prudência e amor tíbio, com

que nada negam à própria vontade, evitando as virtudes custosas à natureza. Poderiam sair deste engano se advertissem que meu Filho santíssimo não foi apenas Redentor e Mestre; deixou no mundo, não só o tesouro de seus méritos, mas também a medicação necessária à enfermidade, da qual adoecera a natureza por causa do pecado.

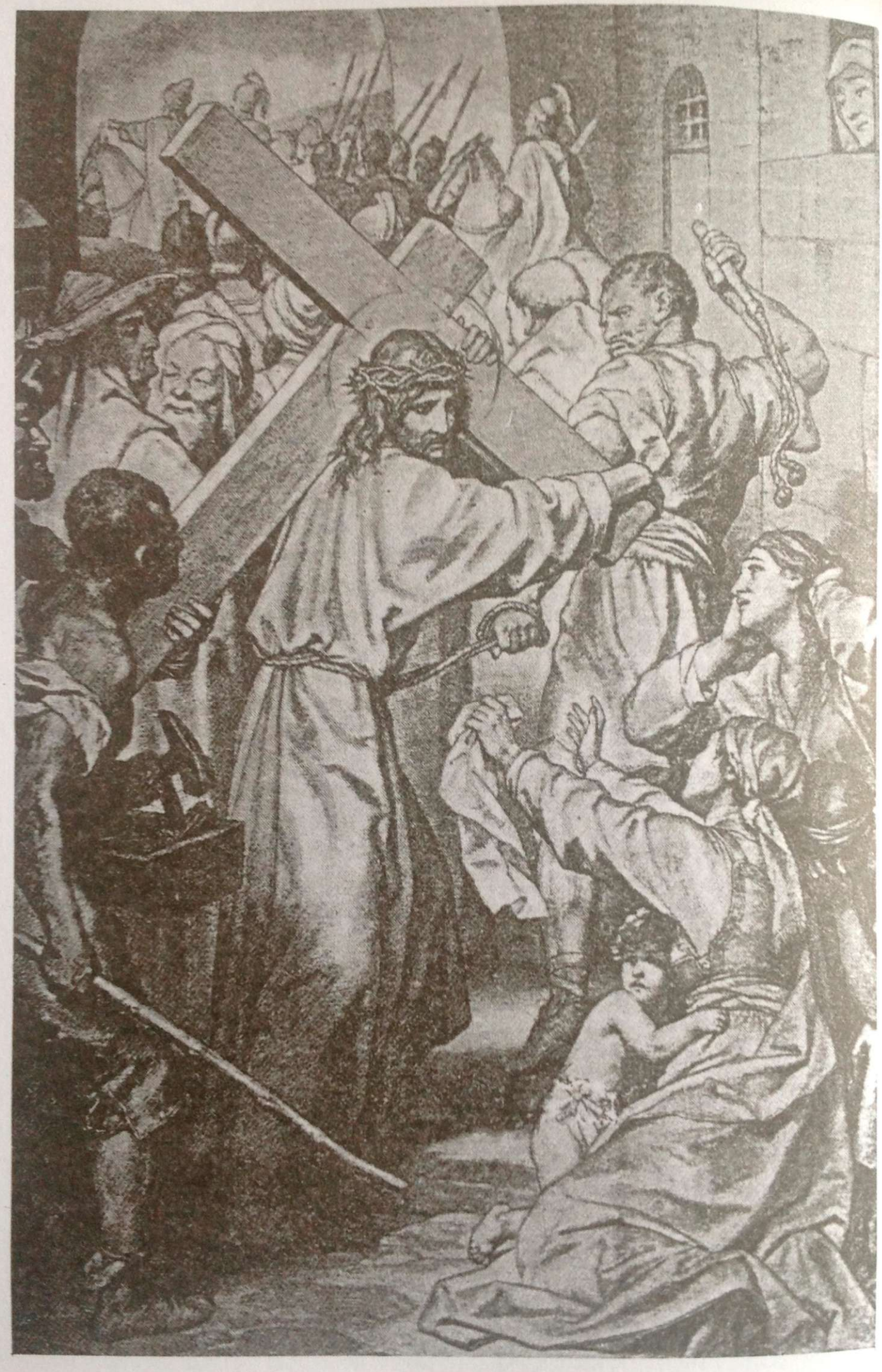
Ninguém mais sábio que meu Filho e Senhor. Ninguém pode entender a natureza do amor como Ele que é a própria sabedoria e caridade (**1 João 4, 16**), além de onipotente para cumprir toda sua vontade. Não obstante, podendo tudo o que queria, não escolheu vida cômoda e suave para a natureza, mas sim trabalhosa e cheia de sofrimentos. Não teria sido suficiente e perfeito magistério redimir os homens, sem lhes ensinar a vencer o demônio, à carne e a si mesmos. Esta magnífica vitória alcança-se com a cruz dos trabalhos, desprezos, mortificações e penitência, sinal e testemunho do amor e marca dos predestinados.

Sofrer com perfeição

1374. Conhecendo o valor da santa cruz e a honra que ela confere às ignomínias e tribulações, abraça, minha filha, tua cruz, levando-a com alegria no seguimento de meu Filho e teu Mestre (**Mt 16, 24**). Na vida mortal, tua glória sejam as perseguições, desprezos, enfermidades, tribulações (**Rom 5, 3**), pobreza, humilhação, e quanto for penoso e adverso à condição da carne mortal. Para que em todos estes exercícios me imites e agrades, não quero que procures nem aceites alívio e descanso em coisas terrenas. Não deves te ocupar com teus sofrimentos, nem revelá-los só para te aliviares. Menos ainda hás de encarecer ou exagerar as perseguições e moléstias que recebes das criaturas. Não se ouça de tua boca que é muito o que padeces, nem o compares aos sofrimentos dos outros.

Não digo que seja culpa receber algum alívio honesto e moderado, ou queixar-se do sofrimento. Mas, para ti, caríssima, este alívio será infidelidade a teu Esposo e Senhor, porque só a ti concedeu mais do que a muitas gerações. Tua correspondência no padecer e amar não admite falha, e não tem desculpa, se não for na plenitude da delicadeza e lealdade. Tão semelhante a Ele te quer este Senhor, que nem suspiro deverás conceder a tua fraca natureza, sem outro mais alto fim do que apenas descansar e receber consolação.

Se fores conduzida pelo amor, serás levada por sua força suave. Descansarás amando, e logo o amor da cruz te dará alívio, assim como entendeste que eu fazia, com humilde submissão. Para ti seja regra geral que toda consolação humana é imperfeição e perigo, e só deves aceitar a que te enviar o Altíssimo, por Si e por seus santos anjos. Estes mesmos carinhos de sua divina destra, hás de receber com atenção, de modo que te fortaleçam para mais padecer, abstraindo-te do saboroso que pode passar para a sensibilidade.



CAPÍTULO 22

CRUCIFIXÃO DE JESUS NO MONTE CALVÁRIO. AS SETE PALAVRAS QUE FALOU NA CRUZ. MARIA SANTÍSSIMA O ASSISTE COM IMENSA DOR.

Chegada ao Calvário

1375. Chegou nosso verdadeiro Isaac, Filho do eterno Pai, ao monte do sacrifício. Foi o mesmo onde precedeu o ensaio e a figura, no filho do Patriarca Abraão **(Gn 22, 9)**, e onde se executou, no inocentíssimo Cordeiro, o rigor que foi poupado ao antigo Isaac, sua figura.

Era o monte Calvário lugar imundo e desprezível como destinado ao castigo dos facínoras e condenados, de cujos corpos recebia mau cheiro e maior ignomínia. Nosso amantíssimo Jesus chegou tão fatigado que parecia todo transformado em dores e chagas, banhado em sangue e desfigurado.

A força da divindade, que deificava sua humanidade santíssima pela união hipostática o sustentou, não para aliviar seus tormentos, mas para lhe dar a força necessária, até seu imenso amor ficar satisfeito. Conservou-lhe a vida até o momento em que, na cruz, a morte recebeu permissão para lha tirar.

Chegou também a aflita Mãe, cheia de amargura, ao alto do Calvário, corporalmente muito próxima de seu Filho. Espiritualmente, porém, estava como fora de si, transportada em seu amado e no que Ele sofria.

Acompanhavam-na São João e as três Marias, seus únicos companheiros, para os quais pediu e alcançou do Altíssimo a grande graça de se acharem presentes e bem próximos do Salvador e sua cruz.

Cooperação de Maria no sacrifício de Jesus

1376. Entendia a Mãe prudentíssima como se iam realizando os mistérios da redenção humana. Quando viu que se preparavam para desnudar o Senhor e o crucificar, converteu seu espírito ao eterno Pai e orou assim: Senhor meu e Deus eterno, Pai do vosso unigênito Filho. Por eterna geração, Ele é Deus verdadeiro nascido de Deus verdadeiro que sois Vós. Pela humana geração, nasceu de minhas entranhas onde lhe dei a natureza de homem na qual padece. Alimentei-o com meu leite e, como ao melhor filho que jamais pôde nascer de outra criatura, amo-o como verdadeira Mãe, tendo direito natural sobre a humanidade santíssima de sua pessoa, direito que vossa providência nunca recusa a quem pertence.

Agora, ofereço este direito de Mãe e o entrego em vossas mãos, para que vosso e meu Filho seja sacrificado pela redenção da linhagem humana. Recebei meu Senhor a renovação de minha aceitável oferenda e sacrifício. Não daria

tanto, se Eu mesma sofresse e fosse sacrificada, pois meu Filho é verdadeiro Deus de vossa mesma substância, e imensa é minha dor e pena. Se eu morresse para ser conservada sua vida santíssima, seria para Mim grande alívio e satisfação dos meus desejos.

Esta oração da grande Rainha foi aceita pelo eterno Pai, com inefável agrado e complacência. Ao patriarca Abraão foi pedida apenas a representação do sacrifício de seu Filho **(Gn 22, 12)**, porque sua realidade e consumação o Pai eterno reservava para seu Unigênito.

Nem à Sara, mãe de Isaac, foi dado conhecimento daquela mística cerimônia, quer pela pronta obediência de Abraão, quer por não se fiar tal sacrifício do amor materno. Apesar de ser santa e justa, Sara poderia tentar impedir a execução da ordem do Senhor.

Não aconteceu o mesmo com Maria santíssima a quem o Pai eterno, sem receio algum, pôde confiar sua eterna vontade, para que, na devida proporção, cooperasse com Ele no sacrifício de seu Unigênito.

O vinagre com fel

1377. Quando terminou esta oração, a invicta Mãe entendeu que os ímpios esbirros tencionavam dar ao Senhor vinho misturado com fel, como dizem São Mateus **(27, 34)** e São Marcos **(15, 23)**.

Para infligir este novo tormento ao Salvador, os judeus se aproveitaram do costume vigente, de dar aos condenados à morte uma bebida de vinho forte e aromático. A finalidade era confortá-los para terem mais força de suportar as torturas do suplício. Esta piedade procedia do conselho deixado por Salomão nos Provérbios **(31, 6)**: Dái sidra aos tristes e vinho aos de coração amargurado.

Esta bebida, que para os demais justiçados podia trazer algum alívio, a pérfida crueldade dos ímpios judeus, pretendeu transformar em maior pena para nosso Redentor **(Amós 2, 6)**. Prepararam-na amaríssima, misturada com fel, para que não produzisse outros efeitos, senão apenas amargura.

Conheceu a divina Mãe esta desumanidade, e com maternal compaixão e lágrimas, suplicou ao Senhor, que a não bebesse. Condescendeu Jesus ao pedido de sua Mãe, e sem evitar de todo este novo tormento, provou a amarga poção, mas não a bebeu **(Mt 27, 34)**.

Jesus é despojado das vestes

1378. Chegara a hora sexta, que corresponde ao meio-dia, e os verdugos despiram o Salvador da túnica inconsútil e das outras vestes.

Como a túnica não tinha abertura, procuraram despi-la pela cabeça sem tirar a coroa de espinhos. Puxando violentamente, arrancaram a coroa com a túnica, com extrema crueldade. Abriram-se de novo as feridas da sagrada cabeça e em algumas ficaram as pontas dos espinhos que, sendo tão duras e aceradas, quebraram-se com a força dos verdugos ao arrancar a túnica e a coroa. Com ímpia crueldade, a repuseram na cabeça, abrindo chagas sobre chagas.

Além destas, reabriram todas as do corpo santíssimo. A túnica apegara-se a ele, e o arrancá-la, como diz David, foi recrudescer a dor de suas feridas **(Sl 48, 27)**.

Quatro vezes, durante a paixão, tiraram e puseram as vestes no Senhor. A primeira, para açoitá-lo na coluna; a segunda, para lhe por a púrpura de escárnio; a terceira, quando lha tiraram para lhe tornar a vestir a túnica; a quarta, no Calvário para ser crucificado. Nesta

última vez sofreu mais, porque as feridas eram mais numerosas, sua humanidade santíssima estava mais enfraquecida e no monte Calvário ficou mais desabrigada e exposta ao vento, que também teve permissão para a afligir com o frio.

Maria impede a nudez completa de Jesus

1379. A todas estas penas, ajuntava-se o constrangimento de estar despido na presença de sua Mãe santíssima, das devotas mulheres que a acompanhavam e da multidão. Ficou só com a peça que sua Mãe santíssima lhe pusera sob a túnica, quando criança, no Egito. Nem quando o açoitaram puderam os verdugos tirá-la, como fica dito, nem para o crucificar, e com ela foi ao sepulcro, como me foi dito muitas vezes[1].

Para morrer em absoluta pobreza, sem coisa alguma ter, de quantas era o próprio Criador e verdadeiro Senhor, por sua vontade, o Salvador morreria totalmente nu até sem aquela peça. Interveio, porém, a vontade de sua Mãe santíssima que lhe pediu conservá-la. Acedeu Cristo nosso Senhor, e com esta obediência filial satisfez a suma pobreza na qual desejava morrer.

Estava a cruz estendida no solo e os carrascos preparavam o necessário para crucificá-lo, assim como aos dois outros condenados. Neste interim, nosso Redentor e Mestre fez ao Pai a seguinte oração:

Oração de Jesus antes da crucifixão

1380. Eterno Pai e Senhor meu Deus, à tua incompreensível majestade de infinita bondade e justiça, ofereço meu ser humano com todas as obras que nele realizei por tua vontade: descendo do teu seio, assumindo esta carne passível e mortal, para nela redimir os homens meus irmãos.

Comigo ofereço-te, Senhor, minha Mãe queridíssima, seu amor, suas obras perfeitíssimas, suas dores e sofrimentos, seus cuidados e prudentíssima solicitude em me servir, imitar e seguir até a morte.

Ofereço-te a pequena grei de meus apóstolos, a santa Igreja e congregação dos fiéis que agora existe e existirá até o fim do mundo, e com ela a todos os filhos de Adão.

Tudo coloco em tuas mãos, seu verdadeiro Deus e Senhor onipotente. Quanto de mim depende, por todos quero padecer e morrer, desejando que todos sejam salvos, se de sua parte quiserem me seguir e aproveitar de minha redenção. De escravos do demônio passem a ser teus filhos, meus irmãos e coherdeiros pela graça que lhes mereci.

Ofereço-te especialmente, Senhor meu, pelos pobres, desprezados e aflitos, meus amigos que me seguirão pelo caminho da cruz. Quero que os justos e predestinados estejam escritos em tua memória eterna.

Suplico-te, Pai meu, suspendas o castigo e o açoite de tua justiça com os homens, e não sejam punidos segundo merecem suas culpas. Desde esta hora sê Pai deles como és meu Pai.

Rogo-te pelos que, com piedoso sentimento, assistem minha morte, para que sejam iluminados com tua divina luz; por todos os que me perseguem, para que se convertam à verdade; e acima de tudo, peço pela exaltação de teu inefável e santo nome.

A paixão de Cristo, reproduzida em Maria

1381. Conheceu a Mãe santíssima esta oração e súplicas de nosso Salvador

1 - nº 1338.

Jesus e o imitou orando ao Pai segundo lhe correspondia.

Nunca esqueceu a prudentíssima Virgem, nem omitiu o cumprimento da primeira palavra que ouviu da boca de seu Filho e Mestre recem-nascido: Assemelha-te a Mim, minha amiga[2]. O Senhor, igualmente, sempre cumpriu a promessa que lhe fizera: em retorno do novo ser humano que Ela deu ao Verbo eterno em seu virginal seio, Ele lhe daria outro novo e eminente ser da graça divina, acima de todas as criaturas.

A este privilégio pertencia a ciência e luz altíssima com a qual a grande Senhora conhecia todas as operações da humanidade santíssima de seu Filho, sem que nenhuma se lhe ocultasse. E, assim como as conheceu as imitou, de modo que sempre foi cuidadosa em atendê-las, profunda em penetrá-las, pronta na execução e forte e muito intensa nas operações.

Nisto não foi perturbada pela dor nem impedida pela tristeza; a perseguição não a embaraçou nem a amargura da Paixão lhe diminuiu o fervor. Esta constância da grande Rainha já teria sido admirável, se tivesse assistido à paixão e tormentos de seu Filho apenas com os sentidos e a compaixão interior como os outros justos. Não foi assim, porém. Única e singular em tudo, como se disse acima[3], sentiu em seu virginal corpo as dores físicas e espirituais que padecia Cristo em sua pessoa. Em conseqüência podemos dizer, que também a divina Mãe foi açoitada, coroada de espinhos, cuspida, esbofeteada; que levou a cruz às costas e nela foi cravada, porque sentiu todas estas e as demais torturas em seu puríssimo corpo. Ainda que de forma diferente, a semelhança foi a mais perfeita para que, em tudo, a Mãe se tornasse o vivo retrato de seu Filho.

2 - nº 480.

Além da dignidade e grandeza de Maria santíssima que deviam corresponder às de Cristo, com toda proporção possível, esta maravilha encerrou outro mistério: foi para satisfazer de algum modo, o amor de Cristo e a excelência de sua paixão, ficando reproduzidos em alguma pura criatura. Para tal privilégio, ninguém tinha tanto direito quanto sua Mãe.

Maria, conforto para Jesus

1382. Para assinalar na cruz o lugar dos buracos dos cravos, mandaram os verdugos, com imperiosa soberba - oh! formidável temeridade! - ao Criador do universo que se estendesse sobre ela. Sem resistência, obedeceu o Mestre da humildade.

Com desumana e cruel intenção marcaram os orifícios, não na medida do corpo, porém, mais distantes. Conheceu a Mãe da luz esta nova impiedade, que

3 - nº 1341.

foi uma das maiores aflições que sofreu seu castíssimo coração, em toda a Paixão. Entendeu a depravada intenção daqueles joguetes do pecado e anteviu o tormento que seu Filho santíssimo padeceria ao ser cravado na cruz. Não pode remediá-lo, porque o Senhor queria sofrer também aquela tortura pelos homens.

Quando o Salvador se levantou para que perfurassem a cruz, a grande Senhora chegou até Ele, adorou-o e tomando-lhe a mão beijou-a com suma reverência. Permitiram isto os verdugos, porque julgaram que a vista de sua Mãe afligiria mais o Senhor, não lhe poupando nenhuma dor das que lhe puderam infligir.

Enganaram-se, não entendendo o mistério. Em sua Paixão, não teve o Redentor motivo de maior consolo e gozo interior do que ver sua Mãe santíssima, a formosura de sua alma, retrato de Si mesmo, e nela o pleno aproveitamento do fruto de sua paixão e morte. Este gozo, de algum modo, confortou a Cristo, nosso bem, naquela hora.

Homens, instrumentos do diabo

1383. Feitos na santa cruz os três buracos, mandaram segunda vez que o Senhor se estendesse sobre ela para o pregarem. O sumo e poderoso Rei, artífice da paciência, obedeceu e deitou-se na cruz, estendendo os braços sobre o feliz madeiro, entregue a vontade dos fautores de sua morte.

Estava tão desfalecido, desfigurado e exangue que, se na impiedade ferocíssima daqueles homens houvesse algum lugar para a natural razão e humanidade, não era possível que a crueldade pudesse ainda encontrar o que fazer com a mansidão, humildade, chagas e dores do inocente Cordeiro.

Entretanto, não foi assim. Judeus e algozes - oh! temíveis e ocultíssimos juízos do Senhor! - estavam transformados no ódio mortal e obstinado dos demônios, despidos de sentimentos de homens sensíveis e terrenos, agindo com indignação e furor diabólico.

Jesus é cravado na cruz

1384. Tomando a mão do Salvador, um dos verdugos assentou-a sobre o orifício da cruz e outro a cravou, enfiando à marteladas, na palma do Senhor um grosso cravo de quinas. Romperam-se as veias e nervos, quebraram-se e deslocaram-se os ossos daquela mão sagrada que fez os céus e tudo quanto existe. Ao irem cravar a outra mão, ela não alcançava o orifício, pois além dos nervos se terem contraído, haviam distanciado o buraco por maldade, como acima se disse[4].

Tomaram, então, a corrente com que o mansíssimo Senhor estivera preso desde o horto e lhe prenderam o pulso na extremidade que terminava em algemas. Com inaudita crueldade, puxaram o braço até a mão alcançar o orifício, cravando-a com outro cravo. Passaram aos pés. Puseram-nos um sobre o outro e puxando com a mesma corrente, com muita força e crueldade, cravaram-nos juntos com o terceiro cravo, um pouco maior que os outros.

Ficou aquele sagrado corpo ao qual estava unida a divindade, pregado na santa cruz. Seus membros deificados, e formados pelo Espírito Santo, ficaram tão deslocados e fora de seu lugar natural, que se lhe poderiam contar todos os ossos (**Sl 21, 18**). Desarticularam-se os do peito, dos ombros e das costas, e todos se moveram de seu lugar, cedendo à violenta crueldade dos verdugos.

4 - nº 1382.

Reflexões da Escritora

1385. Não cabe em palavras, nem em nosso pensamento, a ponderação das dores de nosso Salvador Jesus neste tormento. Só no dia do juízo será compreendido, para justificar sua causa contra os réprobos e para que os santos o louvem e glorifiquem dignamente.

Agora, porém, que a fé nesta verdade nos permite e exige usar de juízo - se é que o temos - peço, suplico, rogo aos filhos da santa Igreja que consideremos, conosco mesmos, tão venerável mistério.

Meditemo-lo e pesemo-lo com todas suas circunstâncias, e encontraremos razões eficazes para odiar o pecado e não voltar a cometê-lo, sendo ele a causa de tanto sofrimento para o Senhor da vida. Contemplemos o coração da Virgem Mãe tão amargurado, o seu corpo puríssimo repleto de dores, e por esta porta da luz, entraremos no conhecimento do sol que nos ilumina o coração.

Oh! Rainha e Senhora das virtudes! Oh! Mãe verdadeira do humanado e imortal rei dos séculos! Verdade é, Senhora minha, que a dureza de nossos ingratos corações nos torna ineptos e muito indignos de sentir vossas dores e as de vosso Filho santíssimo nosso Redentor. Seja-nos concedido, por vossa clemência, este bem que desmerecemos. Purificai-nos e afastai de nós tão pesada ignorância e grosseria.

Se somos a causa de tais penas, que razão e que justiça há para que sejam só para vós e vosso Amado? Passe dos inocentes o cálice e seja bebido pelos réus que o mereceram.

Mas, ai de mim! Onde está o juízo, onde a sabedoria e a ciência? Onde a luz de nossos olhos? Quem nos privou do sentimento, e quem nos arrebatou o coração sensível e humano?

Se eu não houvera recebido, Senhor meu, o ser que tenho à vossa imagem e semelhança **(Sab 2, 23)**; se vós não me désseis vida e movimento **(At 17, 28)**; se todas as criaturas e elementos criados por vossa mão não me servissem **(Ecli 39, 30; Amós 4, 18)** e não me dessem tão seguro conhecimento de vosso imenso amor: só o infinito excesso de vos terem cravado na cruz com tão inauditas dores e torturas, me teria deixado satisfeita, cativa pelas cadeias da compaixão, do agradecimento, do amor e da confiança em vossa inefável clemência!

Mas, se tantas vozes não me despertam, se vosso amor não me aquece, se vossa paixão e tormentos não me tocam, se tais benefícios não me comprometem, que fim esperarei de minha loucura?

A cruz é virada para arrebitar os cravos

1386. Pregado o Senhor na cruz, para que os cravos não fossem arrancados com o peso do divino corpo, resolveram os algozes recurvar as pontas que tinham varado o sagrado madeiro. Começaram a levantar a cruz para virá-la, lançando contra a terra o Senhor crucificado.

Esta nova crueldade abalou os circunstantes e da turba, movida por compaixão, elevou-se grande clamor. A dolorosa e compassiva Mãe acudiu a tão desmedida impiedade, e pediu ao eterno Pai não a permitisse como os verdugos intentavam. Mandou aos santos anjos socorrer seu Criador e tudo se executou como a grande Rainha ordenou.

Virando os algozes a cruz, para que o corpo cravado caísse com o rosto em terra, os anjos a sustentaram rente ao solo cheio de pedras e lixo. Com isto o Senhor não tocou sua divina face nem no chão, nem nos pedregulhos.

Os verdugos dobraram as pontas dos cravos, sem perceber o prodígio que lhes foi ocultado. O corpo estava tão rente à terra e a cruz tão firmemente sustentada pelos anjos, que os malvados judeus acreditaram estar no duro solo.

Elevação da cruz

1387. Encostaram a cruz com o divino Crucificado à cavidade em que seria arvorada. Alguns com os ombros, outros com alabardas e lanças, elevaram a cruz fixando-a na abertura do solo. Ficou nossa verdadeira salvação e vida no ar, pendente do sagrado madeiro, à vista de inumerável povo de diversas raças e nações.

Não quero omitir outra crueldade que conheci terem usado com o Senhor quando o levantaram. Com as lanças e as outras armas o feriram, fazendo-lhe profundas feridas debaixo dos braços, pois fixaram os ferros na carne para levantá-lo com a cruz.

Recrudesceu o clamor da multidão com maiores gritos e confusão: os judeus blasfemavam, os compassivos se lamentavam, os estrangeiros se admiravam; uns convidavam a assistir o espetáculo, outros não o podiam olhar pela dor; havia os que o consideravam uma lição corretiva, outros o chamavam justo. Esta diversidade de opiniões e palavras eram flechas que se enterravam no coração da aflita Mãe.

O sagrado corpo derramava muito sangue pelas feridas dos cravos. Com a queda da cruz no buraco, estremeceu, abrindo-se novamente suas chagas. Ficaram assim mais abertas as fontes convidando-nos por Isaías **(12, 3)** a haurir delas, com alegria, as águas para apagar a sede e lavar as manchas de nossas culpas.

Ninguém tem desculpa se não se apressar em beber, pois são oferecidas sem custar prata ou ouro **(Is 40, 1)**, dadas gratuitamente, só pela vontade de as receber.

Os dois ladrões crucificados

1388. Em seguida, crucificaram os dois ladrões fixando suas cruzes à direita e à esquerda de nosso Redentor que ficou no meio, como se fosse o maior deles.

Não se ocupando os pontífices e fariseus com os dois bandidos, voltaram todo o furor contra o Impecável e Santo por natureza. Abanando a cabeça com escárnio e zombaria **(Mt 27, 39)**, atiravam pedras e poeira contra a cruz do Senhor e sua real pessoa, dizendo: Tu que destruís o templo de Deus e em três dias o reconstruís, salva-te agora a ti mesmo; salvou a outros e a Si mesmo não pode salvar.

Outros replicavam: Se é o Filho de Deus desça agora da cruz e acreditaremos nele **(Mt 27, 42)**. Os dois ladrões, a princípio, também zombavam de Jesus e diziam: Se és o Filho de Deus salva-te a ti e a nós **(Idem 44)**.

Estas blasfêmias dos ladrões foram para o Senhor de tanto maior sentimento, quanto mais próximos da morte se encontravam. Perdiam aquelas dores com as quais podiam satisfazer, em parte, seus delitos punidos pela justiça. Um pouco depois, assim fez um deles, aproveitando a oportunidade que jamais teve outro pecador no mundo.

Maria defende a honra de Jesus

1389. A grande Rainha dos anjos, Maria santíssima conheceu que os judeus, com sua pérfida e obstinada inveja, pretendiam levar ao extremo a desonra de Cristo crucificado. Desejavam que todos o blasfemassem, tendo-o pelo pior dos

homens, e que a memória de seu nome fosse apagada e esquecida na terra dos viventes, como profetizou Jeremias (**Jer 11, 19**).

O coração fidelíssimo da divina Mãe inflamou-se de zelo pela honra de seu Filho e Deus verdadeiro. Prostrada em adoração ante sua real pessoa crucificada, pediu ao eterno Pai que defendesse a honra de seu Unigênito com sinais, tão sensíveis, que a perfídia judaica ficasse confusa e sua maligna intenção frustrada.

Apresentada esta súplica ao Pai, com zelo e poder de Rainha do universo, dirigiu-se a todas as criaturas irracionais e disse: Criaturas inanimadas, criadas pela mão do Todo-poderoso, manifestai vós outras em sua morte, o sentimento que loucamente lhe recusam os homens dotados de razão. Céus, sol, lua, estrelas, e plantas detende vosso curso, suspendei vossas influências aos mortais.

Elementos, alterai vossas propriedades, agite-se a terra, partam-se as pedras e os duros penhascos. Sepulcros dos mortais, abri vossas secretas cavidades para confusão dos vivos. Véu do templo, místico, e simbólico, rasga-te em duas partes; com tua divisão mostra o castigo que os incrédulos merecem e testemunha a glória de seu Criador e Redentor, verdade que eles pretendem obscurecer.

A conturbação da natureza

1390. Pelas virtudes desta oração e poder de Maria, Mãe de Jesus crucificado, tinha disposto a onipotência do Altíssimo tudo o que aconteceu na morte de seu Unigênito.

Deus comoveu e esclareceu o coração de muitos circunstantes, quer durante os abalos da terra, quer antes disso, para que confessassem o crucificado Jesus por santo, justo e verdadeiro Filho de Deus. Assim fez o centurião e muitos outros, como dizem os Evangelistas (**Mt 27, 54; Lc 23, 48**), que desciam contritos do Calvário batendo no peito. Não eram só os que antes tinham ouvido e acreditado em sua doutrina, mas também muitos que não o haviam conhecido, nem visto seus milagres.

Por causa da oração da Virgem Mãe, também foi inspirado a Pilatos que não mudasse o título da cruz que haviam colocado acima da cabeça de Jesus nos três idiomas: hebreu, grego e latim. Apesar dos judeus terem reclamado (**Jo 19, 21-22**), pedindo-lhe que não escrevesse, Jesus Nazareno Rei dos judeus, mas sim, Este se disse Rei dos judeus, respondeu Pilatos: O que escrevi está escrito, e não quis mudar.

Todas as criaturas inanimadas, por vontade divina, obedeceram à ordem de Maria santíssima. Do meio-dia até às três da tarde, a hora nona em que expirou o Salvador, mostraram o sentimento e alterações narrados pelos Evangelistas (**23, 45; Mt 17, 51-52**): o sol se escondeu, os planetas alteraram seu influxo, os céus e a lua seus movimentos, os elementos se perturbaram, tremeu a terra e muitos montes se abriram; partiram-se as pedras umas contra as outras; os sepulcros se abriram e alguns defuntos saíram ressuscitados.

Tão insólita perturbação foi percebida em todo o orbe. Em Jerusalém os judeus ficaram atônitos e apavorados, mas sua inaudita perfídia e malícia impediu e lhes desmereceu, chegarem ao conhecimento da verdade que todas as criaturas insensíveis pregavam.

As vestes de Jesus

1391. Os soldados que crucificaram Jesus, nosso Salvador, tinham direito às vestes do justiçado, e trataram de repartir entre si a roupa do inocente Cor-

deiro. A capa ou manto que, por divina disposição, levaram ao Calvário, era a que Jesus tinha tirado quando lavou os pés dos apóstolos. Repartiram-na entre os quatro **(Jo 19, 23-24)**. A túnica inconsútil não quiseram rasgar, ordenando-o assim a divina providência do Senhor com grande mistério. Tiraram a sorte e ficou para quem ganhou, cumprindo-se literalmente a profecia de David no salmo 21, verso 19.

Os mistérios da túnica não ser rasgada, são explicados pelos santos e doutores. Um destes simbolismos representava que os judeus tinham rasgado com tormentos e feridas a humanidade santíssima de Cristo, a qual era como a capa que cobria sua divindade. Esta, porém, simbolizada pela túnica, não puderam atingir na Paixão, e quem tiver a felicidade de ser justificado pela sua participação, recebe-la-á e a gozará inteira.

Primeira palavra de Cristo crucificado: Pai, perdoai-lhes...

1392. O madeiro da santa cruz era o trono da majestade real de Cristo e a cátedra donde queria ensinar a ciência da vida. Estando nela e confirmando a doutrina com o exemplo, Ele disse aquela palavra que encerra o cume da caridade e perfeição **(Lc 23, 34)**: Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.

O divino Mestre chama "seu" o mandamento da caridade e amor fraterno **(Jo 15, 12)** e em prova desta verdade que nos ensinara **(Mt 15, 44)**, praticou-a na cruz. Não só amou e perdoou seus inimigos, mas ainda desculpou-os alegando ignorância, quando a malícia deles chegara ao extremo que os homens poderiam atingir, perseguindo, crucificando e blasfemando seu próprio Deus e Redentor.

Assim agiu a ingratidão humana depois de tanta luz, ensinamentos e benefícios, e assim agiu nosso Salvador Jesus, retribuindo com ardentíssima caridade os tormentos, espinhos, cravos, cruz e blasfêmias. Oh! amor incompreensível! Oh! suavidade inefável! Oh! paciência nunca imaginada pelos homens, admirável aos anjos e temível aos demônios!

Deste sacramento entendeu um pouco Dimas um dos ladrões. Ao mesmo tempo, auxiliado pela intercessão de Maria santíssima, foi esclarecido interiormente para reconhecer seu Redentor e Mestre, por essa primeira frase dita sobre a cruz. Movido por verdadeira dor e contrição de suas culpas, dirigiu-se ao companheiro dizendo: Nem tu temes a Deus, continuando a fazer o mesmo que estes blasfemos? Nós pagamos o que devemos, mas este que padece conosco não cometeu culpa alguma **(Lc 23, 40)**. Em seguida, diz ao Salvador: Senhor, lembra-te de mim quando chegares em teu reino **(Idem v. 42)**.

Segunda palavra de Cristo: Hoje estarás comigo no Paraíso

1393. Os frutos da Redenção começaram a se estrear neste felicíssimo ladrão, no Centurião e nos demais que testemunharam Cristo na cruz.

O mais afortunado, porém, foi Dimas que mereceu ouvir a segunda palavra do Senhor **(Idem v. 43)**: Em verdade te digo que hoje estarás Comigo no paraíso.

Oh! bem-aventurado ladrão, só tu ouviste a palavra desejada por todos os justos da terra! Não a puderam ouvir os antigos patriarcas e profetas que se julgaram muito ditosos em descer ao limbo e lá esperar, por longos séculos, o que tu ganhaste no instante em que, felizmente, mudaste de ofício.

Acabas de roubar bens alheios desta terra e logo arrebatas o céu das mãos de seu dono. Tu o roubas por justiça e Ele to dará de graça, porque foste o último discípulo de sua doutrina nesta vida, e o primeiro em praticá-la depois de a ter ouvido.

Amaste e corrigiste teu irmão, confessaste teu Criador, repreendeste os que o blasfemavam, imitaste-o no padecer com paciência, lhe suplicaste com humildade como a teu Redentor, para que no futuro não se lembrasse de tuas misérias. E Ele, como glorificador, recompensou, à vista, teus desejos, sem adiar o galardão que mereceu a ti e a todos os mortais.

Terceira palavra: Eis aí tua Mãe

1394. Justificado o bom ladrão, Jesus voltou seu amoroso olhar para a aflita Mãe que, com São João, estava ao pé da cruz. Falando a ambos, disse primeiro à sua Mãe **(Jo 19, 26-27):** Mulher, eis aí teu filho; e ao apóstolo: Filho, eis aí tua Mãe.

Jesus deu-lhe o nome de mulher e não de mãe, porque este nome era de carinho e doçura e com pronunciá-lo poderia receber certo conforto. Como acima se disse, na paixão Ele não quis nenhum consolo e alívio, e por isto renunciou até a pronunciar o nome de mãe.

Naquela palavra mulher, tacitamente quis dizer: Mulher bendita entre as mulheres **(Lc 1, 42)**, a mais prudente entre os filhos de Adão, mulher forte **(Prov 31, 10)** e constante, nunca vencida pela culpa, fidelíssima em amar-me, perfeita em servir-me, a quem as muitas águas de minha paixão não puderam enfraquecer **(Cânt 8, 7)** nem mudar.

Vou para meu Pai, e de agora em diante não posso mais te acompanhar; meu discípulo amado te assistirá e servirá como a mãe, e será teu filho.

Tudo isto entendeu a divina Rainha. O santo Apóstolo naquela hora a recebeu, sendo seu entendimento novamente iluminado para conhecer e apreciar a maior prenda que a Divindade criara depois da humanidade de Cristo, nosso Senhor. Com esta luz venerou-a e serviu-a durante o resto da vida de nossa grande Rainha como direi adiante.

Aceitou-o também a Senhora por filho, com humilde submissão. Desde esse momento prometeu-lhe obediência, sem que as imensas dores da paixão embaraçassem seu magnânimo e prudentíssimo coração que sempre praticava o máximo da perfeição e santidade, sem omitir ato algum.

Quarta palavra: Meu Deus, por que me desamparaste?

1395. Aproximava-se a hora nona do dia que, pela obscuridade e turbação, mais parecia confusa noite. Da cruz, o Salvador disse a quarta palavra, em voz alta e forte, que pôde ser ouvida por todos os circunstantes **(Mt 27, 46)**: Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?

Embora pronunciadas na língua hebraica, nem todos entenderam essas palavras; como as primeiras soam Eli, Eli, pensaram alguns que estava a chamar por Elias. Zombando do seu clamor, diziam **(Idem v. 49)**: Vejamos se Elias virá livrá-lo agora de nossas mãos.

O mistério destas palavras de Cristo foi tão profundo quanto oculto aos judeus e gentios, e os sagrados Doutores lhe tem atribuído muitos sentidos.

O que a mim foi manifestado é que, o desamparo de Cristo não procedeu da divindade se ter separado da humanidade santíssima, dissolvendo-se a união substancial hipostática e cessando a visão beatífica de sua alma. Destas duas uniões

a humanidade santíssima gozou desde o instante em que, pelo Espírito Santo, foi concebido no tálamo virginal e jamais cessaram. Esta doutrina é a verdadeira e católica.

É certo também que a humanidade santíssima foi desamparada pela divindade quanto a não defendê-la da morte e das dores da acerbíssima Paixão. O eterno Pai, entretanto, não o desamparou totalmente, pois zelou por sua honra e a testemunhou com a convulsão da natureza, que assim mostrou o sentimento pela morte de seu divino Filho.

De outro desamparo se queixou nosso Salvador, procedente de sua imensa caridade pelos homens: a perda dos réprobos, da qual se doeu na última hora, como na agonia do horto, onde sentiu tristeza até à morte, como ali se descreveu[5].

Oferecendo por toda a estirpe humana tão copiosa e superabundante redenção, sentiu o abandono dos condenados que não a aproveitariam e seriam separados d'Ele e da eterna felicidade, para a qual os criou e redimiu. Como este era o decreto da eterna vontade do Pai, amorosa e dolorosamente se queixou: Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste? Querendo dizer: privando-me da companhia dos que deveriam ser salvos mas se perderam.

Sentia sede de que os cativos filhos de Adão aceitassem a liberdade que lhes merecia e oferecia. Estava sedento e ansioso de que todos lhe correspondessem com a fé e amor que lhe deviam: que acolhessem seus méritos e dores, sua graça e amizade que, por Ele, podiam adquirir; que não perdessem a eterna felicidade que lhes deixava por herança, se a quisessem aceitar e merecer.

Esta era a sede de nosso Salvador e Mestre. Só Maria santíssima então a conheceu perfeitamente e, com íntimo afeto e caridade, convidou aos pobres e aflitos, aos humildes e desprezados, que viessem ao Senhor e mitigassem aquela sede o quanto pudessem, pois totalmente era impossível.

Os pérfidos judeus e verdugos, em confirmação de sua infeliz dureza, irrisoriamente ofereceram ao Senhor uma esponja embebida em fel e vinagre. Por meio de uma vara lha chegaram à boca **(Jo 19, 29)**, cumprindo-se a profecia de David **(Sl 68, 22)**: Em minha sede deram-me vinagre para beber.

Provou-o nosso pacientíssimo Jesus e bebeu alguns goles para significar que tolerava a condenação dos réprobos, mas a pedido de sua Mãe santíssima não continuou, porque a Mãe da graça seria a porta e medianeira para os que se aproveitariam da paixão e redenção.

Quinta palavra: Tenho sede

1396. Para maior prova, o Senhor logo acrescentou a quinta palavra **(Jo 19, 28)**; tenho sede. Não há dúvida, que as dores e angústias da paixão causaram sede mortal a Cristo, nosso bem. Não era, entretanto, ocasião para desta se queixar ou procurar mitigá-la, sem outro mais elevado sentido, sabendo-se o Senhor tão próximo de expirar.

Sexta palavra: Tudo está consumado

1397. Prosseguindo o mesmo mistério, o Salvador pronunciou a sexta palavra **(Jo 19, 30)**: Tudo está consumado.

Está consumada a obra que o céu me confiou, a redenção dos homens, a obediência ao eterno Pai que me enviou para sofrer e morrer pela salvação dos homens. Estão cumpridas as Escrituras, profecias e figuras do Antigo Testamento

e o curso da vida passível e mortal que aceitei no seio virginal de minha Mãe.

Fica no mundo meu exemplo, doutrina, Sacramentos e remédios para a doença do pecado. Está satisfeita a justiça de meu eterno Pai para com a dívida da posteridade de Adão.

Deixo minha Igreja enriquecida com todos os recursos para remediar os pecados que os homens cometerem, e toda a obra de minha vinda ao mundo é encerrada na suma perfeição, pela parte que me tocava como Redentor.

Para a construção da Igreja triunfante, fica lançada o seguro fundamento da militante, sem que ninguém o possa alterar nem mudar.

Estes são os mistérios contidos naquelas breves palavras: tudo está consumado.

Sétima palavra: Pai, em tuas mãos entrego meu espírito. Morte de Cristo

1398. Terminada e estabelecida a obra da redenção humana em sua última perfeição era conseqüente que, assim como, pela vida mortal, o Verbo humanado saira do Pai e viera ao mundo **(Jo 16, 28),** pela morte voltasse ao Pai e à imortalidade. Para isto, o Salvador disse a sétima e última palavra: Pai, em tuas mãos entrego meu espírito **(Lc 23, 46).**

Pronunciou estas palavras em voz alta e forte, sendo ouvido pelos presentes. Elevou os olhos ao céu, como quem falava com o eterno Pai. Ao último acento, entregou-lhe o espírito, e a cabeça tombou-lhe sobre o peito.

A força divina destas derradeiras palavras venceu e precipitou Lúcifer e todos os demônios às profundas cavernas do inferno, onde ficaram prostrados, como direi no capítulo seguinte.

A invicta Rainha e Senhora das virtudes penetrou profundamente estes mistérios mais do que todas as criaturas, como Mãe do Salvador e coadjutora de sua paixão.

Para que dela participasse totalmente, assim com sentira as dores dos tormentos de seu Filho santíssimo, padeceu e sofreu, permanecendo com vida, as dores do Senhor no instante da morte. Se Ela não morreu efetivamente, foi porque Deus milagrosamente lhe conservou a vida no instante em que deveria se seguir a morte. Este milagre foi o maior de todos com os quais foi sustentada no decurso da paixão.

Esta última dor foi mais intensa e viva. Tudo quanto padeceram os mártires e os justiçados, desde o princípio do mundo, não chega ao que Maria santíssima sofreu na paixão. Permaneceu a grande Senhora ao pé da cruz até ao entardecer, quando foi sepultado o sagrado corpo, como adiante direi. Em recompensa desta última dor, a Mãe puríssima ficou mais espiritualizada, no pouco que seu virginal corpo ainda percebia do ser terreno.

Oração de Cristo antes das sete palavras

1399. Os santos Evangelistas não escreveram outros mistérios ocultos que o Salvador realizou na cruz, nem nós, os católicos, temos deles mais do que prudentes suposições deduzidas da infalível certeza da fé.

Entre os que me foram manifestados nesta História, na parte sobre a paixão, está uma oração que Jesus dirigiu ao eterno Pai, antes das sete palavras referidas pelos Evangelistas. Chamo-a oração, porque a fez falando com o eterno Pai. Consistiu na última disposição e testamento que fez, como verdadeiro e sapi-

entíssimo Pai da família humana, a Ele entregue pelo seu eterno Pai.

A razão natural ensina que o chefe de alguma família, senhor de poucos ou muitos bens, não seria prudente administrador nem atento a seu oficio e dignidade, se à hora da morte não declarasse como desejava dispor os bens de sua família. Declarando-o, os herdeiros e sucessores conhecerão o que pertencerá a cada um, evitando litígios e recebendo, justa e pacificamente, o que herdaram.

Por este motivo, para morrerem despreocupados das coisas terrenas, fazem as pessoas do mundo o testamento. Até os religiosos se desapropriam de tudo, porque naquela hora, o peso das coisas terrenas e seus cuidados, estorvam o espírito para se elevar ao Criador.

Nosso Salvador nada possuía na terra, e ainda que possuísse, seu poder infinito não seria por isto embaraçado. Convinha, porém, que naquela hora dispusesse dos tesouros e dons espirituais que merecera para os homens, durante sua peregrinação terrestre.

O testamento do Redentor

1400. Na cruz, o Senhor fez o testamento destes bens eternos, determinando quem seriam os legítimos herdeiros e quais os deserdados, com as respectivas razões. Tudo estabeleceu de acordo com seu eterno Pai, justíssimo juiz de todas as criaturas. Nesse testamento estavam resumidos os segredos da predestinação dos santos e da reprovação dos prescitos. Por isto, foi testamento fechado e oculto aos homens.

Só Maria santíssima o entendeu, porque além de lhe serem patentes todas as operações da alma santíssima de Cristo, era sua herdeira universal, constituída Senhora de toda a criação. Coadjutora da Redenção, seria também a testamentária, por cujas mãos seria executada sua vontade. Como o Pai colocara todas as coisas na mão do Filho (**Jo 13, 3**), este as pusera todas nas mãos de sua Mãe. Esta grande Senhora distribuiria os tesouros pertencentes a seu Filho, por ser quem é e por tê-los adquirido com infinitos merecimentos.

Este conhecimento foi-me dado como parte desta História, para maior manifestação da dignidade de nossa Rainha e para que os pecadores recorram a Ela. É a depositária das riquezas que seu Filho e nosso Redentor ofereceu como penhor a seu eterno Pai. Todos os recursos de que necessitamos serão expedidos por Maria santíssima e Ela os distribuirá por suas piedosas e liberais mãos.

TESTAMENTO QUE NOSSO SALVADOR FEZ NA CRUZ, ORANDO A SEU ETERNO PAI.

Jesus agradece ao Pai

1401. Arvorado o madeiro da santa cruz no monte Calvário, o Verbo humanado nela crucificado, antes de proferir as sete palavras, assim falou interiormente, ao seu eterno Pai:

Meu Pai e Deus eterno, da árvore de minha cruz Eu te confesso e enalteço, louvando-te com o sacrificio de minhas dores, paixão e morte, porque pela união hipostática da natureza divina elevaste minha humanidade à suprema dignidade de ser Cristo, Deus-homem, ungido com tua mesma divindade.

Glorifico-te pela plenitude de todos os dons de graça e glória que, desde o instante de minha Encarnação, comunicaste à minha humanidade. Desde aquele momento, deste-me para sempre pleno e universal domínio de todas as criaturas,

na ordem da graça, e da natureza. Fizeste-me Senhor dos céus e dos elementos (**Mt 28, 18**), do sol, da lua e estrelas; do fogo, do mar, da terra e dos mares, e de quantas criaturas animadas ou inanimadas neles existem. Entregaste-me a disposição dos tempos, dos dias e das noites, dando-me senhorio e poder universal, à minha livre vontade. Fizeste-me Cabeça, Rei e Senhor dos anjos e homens (**Ef 1, 21**), para os governar, premiando aos bons e castigando os maus (**Jo 5, 22**). Para tudo me deste o poder e as chaves do abismo (**Apoc 20, 1**), desde o supremo céu até o profundo das cavernas infernais.

Puseste em minhas mãos a justificação eterna dos homens, seus impérios, reinos e principados; os grandes e pequenos, os pobres e os ricos. De todos os que são capazes de tua graça e glória, me fizeste Justificador, Redentor e Glorificador universal de todo o gênero humano (**1 Cor 1, 30**), Senhor da morte e da vida de todos os nascidos, da Santa Igreja e seus tesouros, das Escrituras, mistérios e Sacramentos, auxílios, lei e dons da graça.

Tudo puseste em minhas mãos (**Jo 13, 3**), ó Pai, e subordinaste à minha vontade e disposição; por isto eu te louvo e exalto, te confesso e glorifico.

Jesus operou e ofereceu a salvação para todos

1402. Agora, Senhor e Pai eterno, volto deste mundo à tua destra por meio de minha morte na cruz. Por ela, e por minha paixão, deixo cumprida a redenção humana que me encomendaste.

Quero, meu Deus, que a mesma cruz seja o tribunal de nossa justiça e misericórdia; nela cravado, quero julgar aqueles por quem dou a vida; justificando minha causa, quero dispor dos tesouros de minha vinda ao mundo, de minha paixão e morte, para que desde já fique estabelecida a recompensa para cada um dos justos e dos réprobos, conforme as obras de cada qual, conforme houverem me amado ou odiado.

A todos os mortais procurei e chamei à minha amizade e graça; desde o instante em que assumi a natureza humana, sem cessar trabalhei por eles: sofri trabalhos, fadigas, afrontas, ignomínias, opróbrios, açoites, coroa de espinhos, e estou padecendo morte acerbíssima de cruz; roguei por todos à tua imensa piedade; passei vigílias em oração, jejuei e caminhei ensinando-lhes a estrada da salvação. Quanto depende de mim e de minha vontade, para todos a quero, como para todos a mereci, sem exceptuar ninguém. Para todos, e para sempre, promulguei a lei da graça e fundei a Igreja onde serão salvos.

Maria, primeira e universal herdeira de Cristo

1403. Por nossa previsão e ciência conhecemos, Deus e Pai meu, que, por malícia e rebeldia, nem todos os homens querem a salvação eterna. Não aceitam valer-se de nossa misericórdia e do caminho que Eu lhes abri com minha vida, obras e morte. Desejam seguir seus pecados até a perdição.

Sois justo, Senhor e Pai meu, e retíssimo são os teus juízos (**Sl 118, 137**). É justo que, tendo-me feito juiz dos vivos e dos mortos (**At 10, 42**), dos bons e dos maus, dê aos justos o prêmio de me terem seguido e servido, e aos pecadores o castigo de sua perversa obstinação. Tenham aqueles parte Comigo e nos meus bens, enquanto os outros sejam privados de minha herança que não quiseram aceitar.

Agora, portanto, meu eterno Pai, em teu nome e meu, exaltando-te, disponho minha última vontade que é conforme à tua eterna e divina. Quero que, em primeiro lugar, esteja minha Mãe puríssima que me deu o ser humano. Constituo-a por única e universal herdeira de todos os meus bens de natureza, graça e glória, para que deles seja Senhora, com pleno domínio sobre todos.

Os bens da graça que, pessoalmente, como pura criatura, Ela puder receber, todos lhe concedo efetivamente, e os da glória lhe prometo para seu tempo. Quero que os anjos e os homens sejam seus, que sobre eles tenha inteiro domínio e senhorio; que todos lhe obedeçam e sirvam, e os demônios a temam e lhe estejam sujeitos. O mesmo façam todas as criaturas irracionais: os céus, astros e plantas, os elementos com todos as criaturas animadas que contém: aves, peixes e animais. De tudo a faço Senhora, para que todos a bendigam e glorifiquem Comigo.

Quero também que Ela seja depositária e dispensadora de todos os bens encerrados nos céus e na terra. O que Ela ordenar e dispuser na Igreja, com os homens, meus filhos, será confirmado no céu pelas três divinas Pessoas. Tudo quanto pedir para os mortais, agora e sempre, concederemos à sua vontade e disposição.

Herança dos anjos e dos demônios

1404. Aos anjos que obedeceram tua vontade santa e justa, declaro que lhes pertence o supremo céu como sua habitação eterna, e nela o gozo da clara visão e fruição de vossa divindade. Quero que a gozem, perpetuamente, em nossa amizade e companhia. Ordeno-lhes que reconheçam minha Mãe por sua legítima Rainha e Senhora; que a sirvam, acompanhem, assistam e a levem em suas mãos em todo o tempo e lugar, obedecendo à sua autoridade em tudo quanto quiser lhes ordenar.

Aos demônios, rebeldes à nossa vontade perfeita e santa, expulso-os e separo de nossa visão e companhia. Novamente condeno-os ao nosso aborrecimento e à privação eterna de nossa amizade e glória, e da visão de minha Mãe, dos santos e dos justos meus amigos. Doulhes por habitação sempiterna o lugar mais distante de nosso real trono, as cavernas infernais no centro da terra, com privação de luz, no horror de penosas trevas **(Jud 6).** Declaro que esta é sua parte e herança, escolhida pela soberba e obstinação com que se insurgiram contra o Ser divino e suas ordens. Naqueles calabouços tenebrosos serão atormentados com fogo inex-tinguível e eterno.

Herança da natureza humana

1405. Da natureza humana, com a plenitude de minha vontade, escolho, chamo e reservo todos os justos e predestinados que, por minha graça e imitação, hão de ser salvos, cumprindo minha vontade e obedecendo à minha santa lei.

A estes, em primeiro lugar, depois de minha Mãe puríssima, nomeio herdeiros de todas minhas promessas e mistérios, bênçãos e tesouros encerrados em meus Sacramentos e Escrituras; de minha humildade e mansidão de coração;das virtudes da fé, esperança e caridade; da prudência, justiça, fortaleza e temperança; de meus divinos dons e favores; de minha cruz, trabalhos, opróbrios, desprezos, pobreza e despojamento.

Esta seja sua parte e herança na vida presente e mortal. Para que eles ao escolhê-la, o façam com alegria, consti-

tuo-a penhor de minha amizade, pois Eu a escolhi para mim. Ofereço-lhes minha proteção e defesa, minhas inspirações santas, os favores e auxílios de meu poder, meus dons e justificação, segundo a disposição e amor de cada um. Serei para eles pai, irmão e amigo e eles serão meus filhos **(2 Cor 6, 18)**, meus escolhidos e amados. Por estes títulos, os nomeio herdeiros de todos meus merecimentos e tesouros, sem limitação alguma de minha parte.

Quero que participem de minha santa Igreja e Sacramentos e deles recebam quanto se dispuserem a receber; que possam recuperar a graça e bens, se a perderem, e voltar à minha amizade renovados e amplamente lavados pelo meu sangue. Que todos se valham da intercessão de minha Mãe e de meus santos, e que Ela os reconheça por filhos e os ampare como teus; que meus anjos os guiem, defendam, protejam e os levem nas mãos, para que não tropecem **(Sl 15, 11-12)**; mas, se caírem, ajudem-nos a se levantar.

Privilégios dos justos

1406. Quero também que estes meus justos e escolhidos sejam superiores, em excelência, aos réprobos e aos demônios, e que estes meus inimigos os temam e lhes fiquem sujeitos. Que todas as criaturas racionais e irracionais os sirvam; que os céus e planetas, os astros com suas influências, os conservem e dêem vida; a terra, os elementos e todos seus animais os sustentem; todas as criaturas que me pertencem **(1 Cor 3, 22)** e me servem, sejam deles e os sirvam como a meus filhos e amigos, **(Sab 16, 24)**; sua bênção seja o orvalho do céu e a fertilidade da terra **(Gn 27, 28)**.

Quero também ter com eles minhas delícias **(Prov 8, 31)**, comunicar-lhes meus segredos, conversar e viver intimamente com eles, na Igreja militante, sob as espécies de pão e vinho, como penhor infalível da eterna felicidade e glória que lhes prometo. Faço-os dela participantes e herdeiros, para que Comigo a gozem no céu em perpétua posse e gozo inamissível.

Herança temporal dos reprovados

1407. Aos prescitos e reprovados, apesar de terem sido criados para mais elevado destino, permito que sua parte e herança nesta vida mortal seja a concupiscência da carne **(1 Jo 2, 16)**, dos olhos e a soberba com todos seus efeitos; que comam e sejam saciados da areia da terra, de suas riquezas, da lama e corrupção da carne e seus deleites, da vaidade e presunção mundana.

Para adquirir esta propriedade trabalharam e nessa diligência puseram sua vontade e sentidos. Nela empregaram as capacidades, dons e benefícios que lhe demos; eles mesmos, voluntariamente, escolheram o que é falso, detestando a verdade que lhe ofereci em minha santa lei **(Rom 2, 8)**.

Renunciaram à que Eu gravei em seus corações e a que minha graça lhes inspirou; desprezaram minha doutrina e favores, ouviram os meus e seus inimigos, aceitaram seus enganos, amaram a vaidade **(Sl 4, 3)**, praticaram a injustiça, seguiram a ambição; deleitaram-se na vingança, perseguiram os pobres, humilharam os justos, zombaram dos simples e inocentes, apeteceram a própria exaltação e desejaram elevar-se sobre os cedros do Líbano (Sl 36, 35), na lei da injustiça que seguiram.

Herança eterna dos réprobos

1408. Tudo isto praticaram contra a bondade de nossa divindade, permanecendo obstinados em sua malícia. Renun-

ciaram ao direito de filhos que Eu lhes adquiri; por isto, os deserdo de minha amizade e glória. Como Abraão afastou de si os filhos das escravas, com alguns dons, e reservou sua principal herança para Isaac **(Gn 25, 5)**, o filho de Sara, a mulher livre: assim eu privo os prescitos de minha herança, concedendo-lhes os bens transitórios e terrenos que eles mesmos preferiram.

Separo-os de nossa companhia, da de minha Mãe, da dos anjos e santos, condenando-os aos eternos cárceres e fogo do inferno. Ali eternamente, sem esperança de libertação, terão a companhia de Lúcifer e seus demônios a quem voluntariamente serviram. Esta é, meu Pai, a sentença que pronuncio como juiz e cabeça dos homens e anjos **(Ef 4, 15; Col 2, 10)**, o testamento que disponho para minha morte e efeito da redenção humana.

A cada um remunero com o que por justiça lhe pertence, conforme as próprias obras e o decreto de tua incompreensível sabedoria, na equidade de tua retíssima justiça **(2 Tim 4, 8)**. Até aqui as palavras de nosso Salvador crucificado a seu eterno Pai.

Este mistério ficou selado e guardado no coração de Maria santíssima, como testamento oculto e fechado. Por sua intercessão e disposição, desde aquela hora iria sendo executado na Igreja, como até então viera sendo executado pela ciência e previsão divina, onde todo o passado e o futuro estão juntos e presentes.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

O espelho da Esposa de Cristo

1409. Minha filha, procura atentamente durante a vida, não esquecer os mistérios que nesse capítulo te foram manifestados. Eu, como tua Mãe e Mestra, pedirei ao Senhor que com sua virtude divina, grave em teu coração as espécies que te deu, para nele permanecerem fixas e presentes, enquanto viveres. Com esta graça quero que, perpetuamente, guardes em tua memória a Cristo crucificado, meu Filho santíssimo e teu Esposo, e nunca esqueças as dores da cruz e a doutrina que nela praticou e ensinou.

Neste espelho hás de compor tua formosura. Ela será tua glória interior como a da filha do príncipe **(Sl 44, 14)** para que atendas, procedas e reines como esposa do supremo Rei. Este honroso título obriga-te a procurar, com todo esforço, sua imitação e semelhança quanto te for possível, com sua graça. Este também deve ser o fruto de minha doutrina.

Por isto, quero que, desde hoje, vivas crucificada com Cristo e te identifiques a teu modelo, permanecendo morta à vida terrena **(2 Cor 5, 15)**. Quero que se extingam em ti os efeitos do pecado, e vivas somente pelas moções e efeitos da virtude divina. Renunciai a tudo que herdaste como filha do primeiro Adão, para te tornares herdeira do segundo, Cristo Jesus, teu Redentor e Mestre.

A falsa consciência

1410. Teu estado deve ser para ti estreita cruz, onde estejas cravada, e não ampla estrada com dispensas e interpretações que a farão espaçosa, larga e cômoda, mas não perfeita e segura. Este é o engano dos filhos da Babilônia e de Adão: procuram facilidades na lei de Deus, cada qual em seu estado. Regateiam a salvação de suas almas e querem comprar o céu bem barato, ou arriscar-se a perdê-lo, se lhes há de custar o sacrifício de se ajustarem ao rigor da divina lei e seus preceitos.

Daqui se origina a procura de doutrinas e opiniões que alarguem as sendas e caminhos da vida eterna. Não advertem que meu Filho santíssimo lhes ensinou que são muito estreitos **(Mt 7, 14)**, e que Ele os percorreu para ninguém pensar que pode ir por outros mais espaçosos e cômodos para a natureza e as inclinações viciadas pelo pecado. Este perigo é maior para os eclesiásticos e religiosos que, por estado, devem seguir a seu divino Mestre, ajustando-se à sua vida e pobreza, tendo eles para isto escolhido o caminho da cruz.

Pretendem que a dignidade ou a religião lhes traga mais comodidades temporais, honras, estima e aplauso do que poderiam ter em outro estado de vida. Para consegui-lo alargam a cruz que prometeram levar, com argumentos e falsas interpretações, de modo a viverem nela muito folgados e ao gosto da vida carnal. A seu tempo conhecerão a verdade daquela sentença do Espírito Santo: "Cada qual pensa que seu caminho é seguro, mas é o Senhor que pesa os corações humanos" **(Prov 21, 2).**

A cruz e os votos religiosos

1411. Tão longe te quero, minha filha, deste engano, que deves viver ajustada ao rigor de tua profissão e de quanto ela tiver de mais severo, de modo que não te possas acomodar nesta cruz, nem alargar qualquer parte dela, como quem está crucificada com Cristo. Deverás preferir a menor obrigação de tua profissão e perfeição, a qualquer comodidade temporal.

A mão direita deverá estar cravada pela obediência, sem reservar movimento ou ação, palavra ou pensamento que não seja governado por essa virtude. Não deverás ter gesto que proceda de tua própria vontade e sim da alheia. Não sejas sábia contigo mesma em alguma coisa **(Prov 3, 7)**, mas ignorante e cega para seres guiada pelos superiores. Aquele que promete, diz o Sábio **(Prov 6, 1)**, cravou sua mão e por suas palavras fica atado e preso. Cravaste tua mão pelo voto de obediência, e por este ato ficaste sem liberdade e poder de querer ou não querer.

A mão esquerda estará cravada com o voto da pobreza, sem reservar inclinação ou afeição a coisa alguma que os olhos costumam cobiçar. No uso e no desejo delas, deverás seguir perfeitamente a Cristo despojado e pobre na cruz.

O terceiro voto, de castidade, cravará teus pés, para que teus passos e movimentos sejam puros, castos e formosos. Não deverás consentir em tua presença palavra que distôe da pureza; não permitirás a teus sentidos, olhar, tocar ou guardar lembrança de criatura humana. Teus olhos e todos teus sentidos deverão estar consagrados à castidade e só deverão se ocupar com Jesus crucificado.

O quarto voto, de clausura, guarda-lo-ás com segurança no peito de meu Filho santíssimo, onde Eu quero que o protejas. Para que esta doutrina te seja suave e este caminho menos rude, considera em teu coração a imagem que contemplaste de meu Filho e Senhor. Coberto de chagas, tormento e dores e finalmente cravado na cruz, sem deixar em seu corpo parte alguma sem feridas e tormentos.

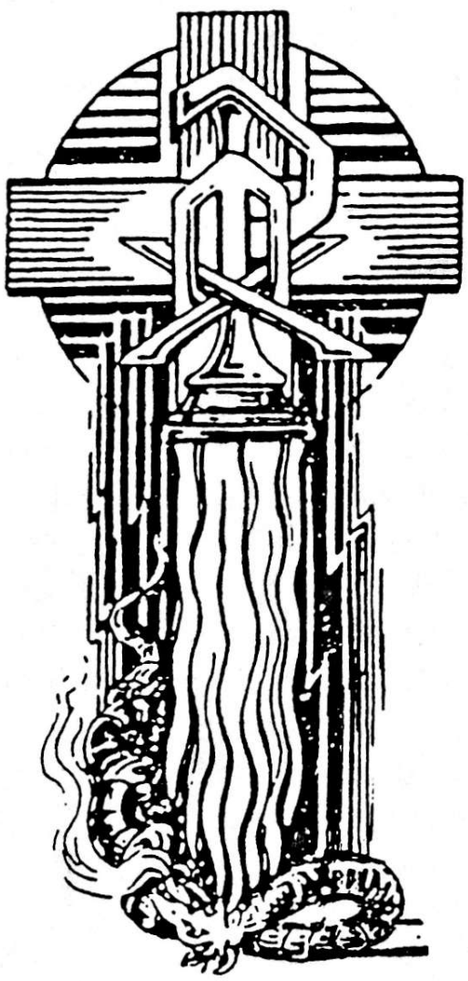
Ele e Eu éramos mais delicados e sensíveis que todos os filhos dos homens. Por eles padecemos tão acerbas dores, para que se animassem a não recusar outras menores, para seu próprio bem eterno e pelo amor de Quem tanto fez por eles. A Ele deveriam os mortais ser agradecidos, trilhando a senda dos espinhos, carregando a cruz na imitação e seguimento de Cristo **(Mt 16, 24)**. Assim alcançarão a eterna felicidade, pois este é o caminho direto para ela.

CAPÍTULO 23

O TRIUNFO QUE O SALVADOR OBTEVE NA CRUZ SOBRE O DEMÔNIO E A MORTE. PROFECIA DE HABACUC. CONCILIÁBULO NO INFERNO.

Equívocos dos demônios

1412. Os ocultos e veneráveis mistérios deste capítulo estão relacionados a outros muitos que, em todo o decurso desta História, descrevi ou apenas abordei. Um deles é, que Lúcifer e seus demônios, durante a vida de nosso Salvador, nunca puderam saber com certeza se o divino Mestre era verdadeiro Deus e redentor. Pela mesma razão, também não conheceram a dignidade de Maria santíssima.



Assim dispôs a providência da divina Sabedoria, para que mais convenientemente se executasse todo o mistério da Encarnação e Redenção do gênero humano. Ainda que Lúcifer sabia que Deus iria assumir a natureza humana, ignorava o modo e circunstâncias da Encarnação. Como julgou estas circunstâncias segundo sua soberba, flutuava em seus enganos. Ás vezes, vendo os milagres operados por Cristo, afirmava que era Deus. Logo depois negava-o, por vê-lo pobre, humilhado, aflito e fatigado.

Cegando-se neste contraste de luzes, continuou duvidando e investigando até a hora da crucificação. Nesta hora, compreenderia os mistérios de Cristo, ficando ao mesmo tempo certificado e vencido, em virtude da paixão e morte que ele mesmo havia procurado á humanidade santíssima do Senhor.

Dificuldade para escrever o mistério

1413. Este triunfo de Cristo, nosso Salvador, foi obtido de modo tão alto e admirável, que me vejo incapaz para explicá-lo, pois foi espiritual, oculto aos sentidos com os quais agora preciso de-

screvê-los. Para expô-lo e entendê-lo, quisera eu que nos comunicássemos á maneira dos anjos, com aquela simples locução e vista com que se entendem. Este seria o modo necessário para se manifestar e penetrar esta grande maravilha da onipotência divina. Direi o que puder, e a luz da fé levará a compreender mais do que significam minhas palavras.

Os demônios no Calvário

1414. No capítulo precedente[1] fica dito como Lúcifer e seus demônios quiseram fugir de Cristo, nosso Salvador, e se lançar no inferno, logo que o Redentor recebeu a cruz em seus sagrados ombros. Naquele momento, sentiram o poder divino que com mais força começava a oprimi-los.

Neste novo tormento, permitiu o Senhor perceberem que os ameaçava grande ruína com a morte que haviam maquinado contra aquele Inocente que era mais que puro Homem. Desejavam retirar-se e não continuar a instigar os judeus e verdugos como tinham feito até aquela hora.

O poder divino, porém, os deteve e os encadeou como a dragões ferocíssimos, coagindo-os, por meio da autoridade de Maria santíssima, a não fugirem e seguirem Cristo até o Calvário. A extremidade desta cadeia foi dada á grande Rainha para que, pelas virtudes de seu Filho santíssimo, os sujeitasse e agrilhoasse.

Ainda que muitas vezes forcejaram para escapar, consumindo-se de fúria, não puderam vencer a força com que a divina Senhora os detinha. Ela os obrigou a subirem o Calvário e a ficarem em torno da cruz. Ordenou-lhes que permanecessem imóveis até o fim dos sublimes mistérios que ali se operavam para o bem dos homens e ruína dos demônios.

Derrota dos demônios

1415. Sob este império, Lúcifer e suas quadrilhas infernais permaneciam esmagados de temor e pena, causada pela presença de Cristo nosso Senhor, de sua Mãe santíssima e do que os ameaçava.

Teriam sentido alívio em se precipitar nas trevas do inferno. Como não lhes era permitido, apegavam-se e espojavam-se uns contra os outros com violenta raiva, não de animais, mas de demônios e mais do que cruéis dragões. Pareciam um formigueiro agitado de vermes asquerosos e apavorados, á procura de um esconderijo.

Ali ficou completamente vencido o orgulho de Lúcifer. Desvaneceram-se seus altivos pensamentos de elevar seu trono acima das estrelas do céu **(Is 14, 13)** e absorver as águas puras do Jordão **(Job 40, 18)**! Que inerme e fraco estava aquele que, em tantas ocasiões presumira revolver todo o orbe! Que abatido e confuso, quem a tantas almas enganou com falsas promessas e ameaças! Que apavorado estava o infeliz Aman, diante do patíbulo que preparara para seu inimigo Mardoqueu **(Est 7,9)**! Que ignomínia a sua, quando viu a verdadeira Ester, Maria santíssima, pedindo o resgate de seu povo e a degradação do traidor, com o castigo e pena de sua grande soberba!

Ali, foi, vencido e degolado por nossa invencível Judite **(Jud 13, 10)**; ali Ela lhe esmagou a altiva cabeça. Desde hoje fica sabendo, ó Lúcifer, que tua soberba e arrogância é maior que tua força **(Is 16, 6; Jer 48, 29 sg)**. Em vez de esplendor, estás coberto de vermes **(Is 14, 11)**, e teu cadáver se consome pela podridão. Tu que agredias os povos, estás mais ferido que todos, amarrado e vencido. Já não temerei tuas fingidas ameaças, não escutarei tuas mentiras, pois te vejo derrotado, fraco e sem poder algum.

Os demônios e a primeira palavra de Cristo na cruz

1416. Já era tempo que esta antiga serpente fosse completamente vencida pelo Mestre da vida. Para que esta venenosa áspide não conseguisse tapar os ouvidos ao encantador **(Sl 57, 5)**, começou o Senhor a falar na cruz as sete palavras, dando permissão a Lúcifer e seus demônios para ouvi-las e entender os mistérios que encerravam. Com esta inteligência, queria o Senhor triunfar deles, do pecado e da morte, despojando-os da tirania com que tinham sujeitado toda a linhagem humana.

Pronunciou Jesus a primeira palavra, **(Lc 23, 34)**: Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem. Tiveram os príncipes das trevas compreensão certa que Cristo, nosso Senhor, falava com o eterno Pai, que era seu Filho natural, verdadeiro Deus, com Ele e o divino Espírito Santo. Que, em sua humanidade santíssima de perfeito homem unida á divindade, aceitava livremente a morte para redimir toda a raça humana. Que por seus merecimentos de infinito valor, oferecia o perdão total de todos os pecados aos filhos de Adão que se valessem da redenção, aplicando-a á própria salvação, sem excetuar os mesmos réus que o crucificavam.

Deste conhecimento, conceberam tanta raiva e despeito Lúcifer e seus demônios, que naquele instante quiseram se precipitar nas profundezas do inferno. Empregavam todas as forças para o conseguir, mas a poderosa Rainha os impedia.

Os demônios e a segunda palavra de Cristo na cruz

1417. Na segunda palavra que o Senhor dirigiu ao feliz ladrão **(Lc 23, 43)**: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso,- os demônios compreenderam o fruto da redenção na justificação dos pecadores e o fim último na glorificação dos justos. Entenderam que, desde aquela hora, os merecimentos de Cristo começavam a agir com nova força e virtude; que por eles se abriam as portas do paraiso fechadas pelo primeiro pecado e os homens entrariam para gozar a felicidade eterna e ocupar no céu os lugares que eles, os demônios, jamais recuperariam.

Conheceram o poder de Cristo, Senhor nosso, para chamar os pecadores, justifica-los e glorificá-los: as vitórias que em sua vida santíssima alcançara sobre eles, os demônios, com as eminentíssimas virtudes que praticara: humildade, paciência, mansidão e todas as demais.

A confusão e tormento de Lúcifer, ao conhecer esta verdade, não pode ser explicado por língua humana. Foi tanto, que sua soberba chegou a se humilhar, pedindo á nossa rainha Maria santíssima que lhe permitisse sair de sua presença e descer ao inferno. A grande Rainha, todavia, não lhe consentiu porque não chegara a hora.

Os demônios e a terceira palavra de Cristo na cruz

1418. Á terceira palavra que o amantíssimo Jesus falou á sua Mãe **(Jo 19, 26)**: Mulher eis ai teu filho,- conheceram os demônios que aquela divina Mulher era a verdadeira Mãe de Deus humanado; a mesma cuja imagem e sinal lhes tinham sido mostrados no céu, quando foram criados; aquela que lhes esmagaria a cabeça **(Gn 3, 15)**, como o Senhor dissera no paraíso terreal. Compreenderam a dignidade e excelência desta grande Senhora, superior a todas as criaturas e o poder que tinha sobre eles, como estavam experimentando.

Desde o princípio do mundo, ao ser criada a primeira mulher, os demônios haviam procurado, com sua astúcia, descobrir aquela grande Mulher cujo sinal viram no céu. Agora entenderam que não a tinham reconhecido. Foi inexplicável o furor desses dragões com esta decepção, que feriu sua arrogância mais do que tudo quanto o atormentava. Enfureciam-se contra si mesmos como leões sanguinários e contra a divina Senhora, mas sem nenhum proveito. Além disso tudo, entenderam que São João com o poder sacerdotal, era encarregado por Cristo nosso Salvador para ser como o anjo da guarda de sua Mãe. Este conhecimento serviu-lhes de ameaça contra a indignação que nutriam pela grande Senhora, e São João também assim compreendeu.

Lúcifer conheceu, não só o poder do Evangelistas contra os demônios, mas também o que era dado a todas os sacerdotes, pela participação na dignidade e poder de nosso Redentor. De igual modo todos os justos, ainda que não fossem sacerdotes, estariam sob especial proteção do Senhor e seriam poderosos contra o inferno. Tudo isto abatia a força de Lúcifer e de seus demônios.

A quarta palavra de Cristo na cruz, e os demônios

1419. A quarta palavra de Cristo nosso Salvador foi dirigida ao eterno Pai **(Mt 27, 46)**: Meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste?

Ao ouvi-la, os malignos espíritos compreenderam que a caridade de Cristo pelos homens era imensa e sem fim; que para satisfazê-la, misteriosamente fôra suspenso o influxo da divindade sobre sua humanidade santíssima. Este supremo rigor da paixão tornou a redenção copiosíssima, e sua amorosa queixa era pelos homens que o abandonariam e não seriam salvos, pelos quais estava disposto a sofrer mais, se o eterno Pai assim o ordenasse.

Esta felicidade dos homens em serem tão amados por Deus, aumentou a inveja de Lúcifer e seus ministros. Sentiram a onipotência divina disposta a usar com os homens aquela caridade sem limites. Este conhecimento quebrou o orgulho e malignidade dos inimigos e reconheceram-se fracos para se oporem àquela caridade, se os homens não a quisessem malograr.

A quinta palavra de Jesus na cruz, e os demônios

1420. A quinta palavra do Senhor **(Jo 19,28)**: Tenho sede, - consolidou mais seu triunfo sobre os demônios. Enfureceram-se de raiva e despeito porque era mais diretamente contra eles. Entenderam que lhes dizia: Se vos parece muito o que sofro pelos homens e o amor que lhes tenho, entendei que minha caridade ainda fica com sede, anelando por sua eterna salvação, sem que a tenham podido extinguir as muitas águas **(Cânt 8,7)** dos tormentos e dores de minha paixão. Se fôra necessário, mais padeceria para redimi-los de vossa tirania e torná-los fortes contra vossa malícia e soberba.

A sexta e sétima palavras de Jesus na cruz e os demônios

1421. Na sexta palavra do Senhor **(Jo 19, 30)**; Tudo está consumado - Lúcifer e os demônios acabaram de conhecer o mistério da Encarnação e da redenção humana, já perfeitamente concluída pela ordem da sabedoria divina.

Foi-lhes manifestado como Cristo, nosso Redentor, preenchera a obediência ao

Pai eterno; como cumprira as promessas e profecias feitas ao mundo, no tempo dos antigos Pais; que a humildade e a obediência de nosso Redentor havia reparado a soberba e desobediência que os anjos rebeldes perpetraram no céu, não querendo sujeitar-se e reconhecer o Deus-Homem por seu superior. Por isto, com suma sabedoria e equidade, eram vencidos e humilhados por aquele mesmo Senhor que haviam desprezado.

Era conseqüente que, por sua grande dignidade e méritos infinitos, Jesus Cristo executasse naquela hora o ofício e poder de juiz dos anjos e dos homens, como o eterno Pai lho havia outorgado **(Jo 5, 22).** Usando de seu poder, juntamente declarou e executou a sentença contra Lúcifer e seus demônios. Ordenou-lhes que, imediatamente, condenados ao fogo eterno, descessem ao mais profundo daqueles calabouços infernais.

Em seguida, pronunciou a sétima palavra **(Lc 23, 46):** Pai, em tuas mãos encomendo meu espírito. A poderosa Rainha, Mãe de Jesus, cooperou com seu Filho santíssimo e também ordenou a Lúcifer e seus aliados que, naquele instante, baixassem ao abismo. Com a força desta ordem do supremo Rei e da Rainha, deixaram os espíritos malignos o monte Calvário e foram precipitados até o mais fundo do inferno, com maior violência e rapidez do que um raio que faísca das nuvens.

Vitória de Cristo sobre a morte

1422. Triunfante do maior inimigo, Cristo nosso Salvador para entregar o espírito ao Pai, inclinou a cabeça **(Jo 19, 30)** para permitir à morte se aproximar. Com esta permissão venceu também a morte, que se enganou como o demônio.

A razão disto está em que a morte não poderia ferir os homens, nem ter poder sobre eles, se não fora o primeiro pecado, do qual ela é o castigo. Por isto disse o Apóstolo que as armas ou estímulo da morte é o pecado que abriu a ferida por onde ela entrou no mundo da linhagem humana **(Rom 5, 12).**

Como nosso Salvador pagou a dívida do pecado que não cometeu, quando a morte lhe tirou a vida sem ter esse direito sobre o Senhor, perdeu o direito que tinha sobre os demais filhos de Adão **(1 Cor 15, 55).** Desde essa hora, valendo-se da vitória de Cristo, nem a morte, nem o demônio poderiam alvejá-los como antes, a não ser que os homens voltassem voluntariamente a se sujeitar àqueles tiranos.

Se nosso primeiro pai Adão não tivesse pecado, e nós todos não tivéssemos pecado n'ele, não existiria a pena de morte, mas apenas uma passagem do estado feliz da inocência ao felicíssimo da eterna pátria.

O pecado, porém, nos tornou súditos da morte e escravos do demônio que nô-la procurou. Valendo-se dela, nos privou da graça, dons e amizade de Deus e do trânsito à vida eterna. Ficamos assim na servidão do pecado e do demônio **(1 Jo 3, 8)**, sujeitos a seu tirano e inimigo poder.

Cristo nosso Senhor destruiu todas estas obras do demônio. Morrendo sem culpa e satisfazendo as nossas, fez que a morte fosse apenas do corpo e não da alma; que nos tirasse a vida corporal e não a eterna, a natural e não a espiritual. Transformou-a na porta para entrar à felicidade eterna, a não ser que desejemos perder esta felicidade.

Assim pagou Jesus a pena e o castigo do primeiro pecado, deixando-nos a morte corporal, quando aceita por seu amor, como a reparação que de nossa parte podemos oferecer.

Deste modo, Cristo nosso Senhor absorveu a morte (**1 Cor 15, 54**), e a sua morte santíssima foi o bocado com que a enganou (**Os 13, 14**), lhe tirou a força e o ser, deixando-a vencida e morta.

Cântico de Habacuc

1423. Nesta vitória do Salvador, cumpriu-se a profecia de Habacuc contida no seu cântico e oração (**Hab 3, 2-4**). Tomarei apenas as palavras que bastam para minha explicação.

O Profeta teve conhecimento deste mistério e do poder de Cristo sobre a morte e o demônio. Com sagrado temor pediu a Deus que vivificasse sua obra, o homem, e profetizou que assim seria feito; quando mais irado, lembrar-se-ia de sua misericórdia; que a glória desta maravilha encheria os céus, e seu louvor a terra; seu resplendor seria como a luz; em suas mãos teria os cômos, os chifres que são os braços da cruz e nela se encontrava escondida sua fortaleza; a morte iria adiante de sua face, cativa e vencida, e diante de seus pés sairia o demônio e mediria a terra.

Tudo se realizou literalmente. Lúcifer saiu aviltado, com a cabeça esmagada pelos pés de Cristo e de sua Mãe santíssima que, no Calvário, o pisaram por sua paixão e poder. Porque desceu até o centro da terra que é o fundo do inferno, o mais distante da superfície, por isto diz que mediu a terra.

O resto do cântico pertence ao triunfo de Cristo, Senhor nosso na Igreja até o fim, e não é necessário repeti-lo agora.

É justo, porém, que todos nós entendamos: pela morte de Cristo nosso Salvador, Lúcifer e seus demônios ficaram atados e enfraquecidos para tentar as criaturas racionais, se elas, por culpas e voluntariamente não o houvessem desatado, encorajando sua soberba para voltar com novo ânimo a perder o mundo. Tudo se entenderá melhor pelo conciliábulo feito no inferno, e pelo que direi no restante desta História.

CONCILIÁBULO QUE LÚCIFER E SEUS DEMÔNIOS FIZERAM NO INFERNO, DEPOIS DA MORTE DE CRISTO NOSSO SENHOR.

O lugar dos maus cristãos no inferno

1424. A queda de Lúcifer e seus demônios do monte Calvário ao fundo do inferno, foi mais estrondosa e violenta, do que quando foram expulsos do céu. Aquele lugar é terra tenebrosa, coberta pelas sombras da morte, cheio de caliginosa confusão, misérias, tormentos e desordem, como diz o santo Job (**Job 10, 21**). Todavia nesta ocasião, aumentou sua desgraça e anarquia. Os condenados sentiram novo pavor e pena acidental, pela ferocidade e choque com que os demônios, furiosos de despeito, foram ali precipitados.

Certo é que eles não têm poder para, a seu capricho, colocar as almas em lugar de maior ou menor tormento. Isto é determinado pela divina justiça, de acordo com os deméritos de cada réprobo, sendo esta a medida de seus tormentos. Contudo, além desta pena essencial, permite o justo Juiz que possam padecer outras penas acidentais em certas ocasiões. Os seus pecados deixaram raízes no mundo. Por causa deles muitos outros se condenaram, e este efeito de seus pecados não reparados, é que lhes causam novas e sucessivas penas.

Os demônios atormentaram Judas com novas torturas, por ter vendido e procurado a morte de Cristo. Conheceram, então, que aquele lugar de tão tremendas

penas onde o haviam posto, como acima falei[1], era destinado para castigo dos que se condenassem com fé e sem obras, desprezadores da prática desta virtude e do fruto da redenção humana. Contra estes, os demônios nutrem maior ódio, assim como o conceberam contra Jesus e Maria.

Lúcifer convoca o conciliábulo

1425. Logo que Lúcifer teve permissão para se erguer da prostração em que ficou algum tempo, tratou de reanimar nos demônios nova soberba contra o Senhor.

Convocou a todos e, de lugar proeminente, lhes falou: A vós que, por tantos séculos, seguistes e seguireis meu justo partido para vingar os agravos que me foram feitos - a todos é notório o que acabo de receber deste novo Homem-Deus. Durante trinta e três anos me traiu e enganou, ocultando-me seu ser divino, encobrindo-me as operações de sua alma e obtendo sobre nós a vitória, através da morte com que tencionávamos destruí-lo.

Antes que assumisse a natureza humana eu o odiei e não me sujeitei em reconhece-lo por mais digno do que eu, e que todos o adorassem por superior. Por esta oposição fui convosco derribado do céu e revestido desta fealdade que tenho, indigna de minha grandeza e formosura.

Mais do que tudo isto, porém, me atormenta vêr-me tão vencido e oprimido por este Homem e sua Mãe. Desde o dia em que foi criado o primeiro homem, procurei-os com diligência para os aniquilar, ou então a todas suas criaturas, para que ninguém o aceitasse e seguisse por seu Deus, e que suas obras não resultassem em benefício dos homens. Estes têm sido meus cuidados e esforços.

Tudo foi em vão, pois me venceu com sua humildade e pobreza, me enfraqueceu com sua paciência e finalmente me arrebatou, com sua paixão e ignominiosa morte, a soberania que eu possuía sobre o mundo. Isto me atormenta de tal maneira que, se o derrubasse da destra de seu Pai onde já estará triunfante, e arrastasse todos os seus redimidos a este inferno, ainda não saciaria minha cólera, nem aplacaria minha raiva.

Lamúrias de Lúcifer

1426. É possível que a natureza humana tão inferior à minha, seja elevada acima de todas as criaturas? Que seja tão amada e agraciada por seu Criador, a ponto de a unir Consigo na pessoa do Verbo eterno? Que antes disto se realizar ela me fizesse guerra, e depois me vencesse com tanta confusão para mim? Sempre a considerei inimiga cruel, sempre me foi odiosa e intolerável!

Oh! homens tão favorecidos pelo Deus que eu odeio, e tão amados por sua ardente caridade! Como impedirei vossa felicidade? Como vos farei desgraçados como eu, pois não posso aniquilar o ser que recebestes? Que faremos agora, meus vassalos? Como restaurar nosso império? Como cobraremos forças contra os homens? Como vamos, agora, poder vencê-los?

Se os mortais não forem ingratíssimos e insensíveis, piores do que nós contra este Homem-Deus que com tanto amor os redimiu, é claro que, de hoje em diante, todos o seguirão à porfia. Todos lhe darão o coração e abraçarão sua lei suave; ninguém aceitará nossas mentiras; detestarão as honras que falsamente lhes oferecemos e amarão os desprezos; procurarão a mortificação da carne e conhecerão o perigo dos deleites; deixarão os tesouros e riquezas e amarão a pobreza

1 - nº 1249.

que seu Mestre tanto honra; e tudo quanto nós lhes oferecermos para prender seus apetites, eles desprezarão para imitar seu verdadeiro Redentor.

Com isto se aniquila nosso reino, pois ninguém virá conosco para este lugar de confusão e tormentos; todos alcançarão a felicidade que perdemos; todos se humilharão até o pó, sofrerão com paciência e ficarão frustradas minha indignação e soberba.

Lúcifer logrado

1427. Oh! infeliz de mim, quanto me atormenta meu engano! Se o tentei no deserto (**Mt 4, 1**), dei-lhe ocasião para, com aquela vitória, deixar aos homens e ao mundo lições para me vencer. Se o persegui, dei oportunidade para o ensinamento de sua humildade e paciência. Se convenci Judas para o vender, e aos judeus que com mortal ódio, o atormentassem e suspendessem na cruz, com estas diligências atraí minha ruína, o remédio dos homens e cooperei para que no mundo permanecesse aquela doutrina que procurei aniquilar.

Como pôde se humilhar tanto, sendo Deus? Como suportou tanta maldade dos homens? Como eu mesmo fui contribuir tanto para que a redenção humana fosse tão copiosa e admirável? Oh! que força tão divina, a deste Homem que assim me atormenta e enfraquece!

E aquela minha inimiga, Mãe d'Ele, porque será tão poderosa contra mim? Tal poder nunca houve em pura criatura, e sem dúvida é participação do poder do Verbo eterno a quem Ela vestiu de carne. O Todo-poderoso sempre me fez grande guerra por meio desta mulher tão odiosa à minha altivez, desde que a conheci em seu sinal.

Já que é impossível aplacar minha soberba indignação, não desisto de fazer perpétua guerra a este Redentor, à sua Mãe e aos homens. Vamos, demônios de meu séquito, chegou a hora de combater a Deus. Vinde estudar comigo os meios que usaremos, pois para isto desejo vosso parecer.

Reação diabólica contra a redenção

1428. A esta temerária proposta de Lúcifer, responderam alguns principais demônios animando-o com diversas sugestões para impedir o fruto da Redenção entre os homens.

Concordaram que não era possível atingir a pessoa de Cristo, nem diminuir o imenso valor de seus merecimentos, destruir a eficácia dos Sacramentos, ou falsificar e abolir a doutrina pregada por Cristo nosso Senhor. Não obstante, convinha que, em contraposição às novas causas, meios e favores que Deus ordenara para a salvação dos homens, se inventassem ali novos modos de a impedir, pervertendo os mortais com maiores tentações e falácias.

Alguns demônios de maior astúcia e malícia, disseram: Verdade é que os homens têm agora nova doutrina e lei muito eficiente; novos e eficazes sacramentos; novo modelo e mestre de virtudes; poderosa intercessora e advogada nesta singular Mulher. Apesar de tudo, as inclinações e paixões da carne e natureza humana são sempre as mesmas, e as coisas deleitáveis e sensíveis não mudaram. Por este meio, aumentando astúcias, destruiremos, quanto pudermos, o que este Deus-Homem fez por eles; far-lhes-emos violenta guerra, procurando atrai-los com sugestões, excitando suas paixões para que impetuosamente as sigam, sem atender a outra coisa. A condição humana, tão limitada, quando embaraçada com um objeto, não pode atender ao contrário.

Origem da heresias

1429. Com este planejamento, começaram a designar ofícios entre eles. Dividindo-se em quadrilhas, ficavam encarregados de, com especial astúcia, tentar os homens a determinados vícios.

Resolveram que procurariam conservar no mundo a idolatria, a fim de que os homens não chegassem ao conhecimento do verdadeiro Deus e da redenção humana. Se a idolatria viesse a se extinguir, sugeriram se inventassem novas seitas e heresias no mundo. Servir-se-iam dos homens mais perversos e de inclinações depravadas que as aceitassem e se constituíssem chefes e mestres de tais erros.

Ali foram forjados, na inteligência daquelas venenosas serpentes, a seita de Maomé, as heresias de Ario, de Pelágio, de Nestório, e quantas se tem conhecido no mundo desde a primitiva Igreja até agora, e outras que ainda reservam, e não é necessário nem conveniente referi-las.

Aprovou Lúcifer esta infernal idéia, porque se opunha à divina verdade e doutrina, ao fundamento da salvação humana, que consiste na fé divina. Aos demônios que fizeram tal sugestão e se encarregaram de procurar homens ímpios para suscitar esses erros, Lúcifer elogiou, agradou e os colocou a seu lado.

Outros planos diabólicos

1430. Outros demônios tomaram por sua conta perverter as inclinações das crianças, observando as que recebiam na geração e nascimento.

Outros, de levar os pais a negligenciar a educação dos filhos, quer por exagerado amor, quer por aversão, e que os filhos não amassem os pais. Houve os que se ofereceram para criar ódio entre os esposos e levá-los ao adultério, com desprezo da justiça e da fidelidade que se devem mutuamente.

Todos concordaram em semear entre os homens briguinhas, ódio, discórdias e vinganças. Para isto deviam movê-los com falsas sugestões, inclinações soberbas e sensuais, avareza, ambição de honras e dignidades, propondo-lhes razões aparentemente justas mas em contradição com todas as virtudes que Cristo nosso Senhor lhes ensinara. Acima de tudo, procurariam distrair os mortais da lembrança de sua paixão e morte, da Redenção e das penas e eternidade do inferno.

Todos os demônios foram de parecer que, por estes meios, os homens seriam levados a empregar suas potências e solicitude nas coisas deleitáveis. Não lhes restaria atenção, nem consideração para as espirituais e a própria salvação.

Planos de Lúcifer

1431. Ouvidas estas e outras sugestões dos demônios, disse Lúcifer: agradeço e aprovo vossos pareceres. Será fácil obter tudo isto dos que não professam a lei que este Redentor deu aos homens, mas dos que a aceitam e abraçam, será difícil empresa. Não obstante, contra ela e eles pretendo estrear minha sanha e furor, perseguindo acerrimamente aos que ouvirem a doutrina deste Redentor e o seguirem. Contra eles declaremos sangrenta guerra até o fim do mundo.

Nesta nova Igreja procurarei semear minha cizânia **(Mt 13, 25)**: ambições, cobiça, sensualidade, ódios mortais e todos os vícios de que sou cabeça. Se entre os fiéis se multiplicarem os pecados, com tal ingratidão e injúria irritarão a Deus que, justamente, lhes negará os auxílios da graça que seu Redentor lhes mereceu. Privando-se deste meio de sal-

vação, alcançaremos segura vitória sobre eles.

É necessário também que trabalhemos para os indispôr à piedade e a tudo o que é espiritual e divino; que não compreendam a importância dos Sacramentos, que os recebam em pecado, ou na falta deste, com nenhum fervor e devoção, pois sendo estes benefícios espirituais, é necessário recebê-los com boa vontade para produzirem fruto.

Desprezando a medicação, tarde recuperarão a saúde e resistirão menos às nossas tentações. Não compreenderão nossas ciladas, esquecerão os bens recebidos, não estimarão a lembrança de seu próprio Redentor, nem a intercessão de sua Mãe. Tão negra ingratidão os fará indignos da graça, e seu Deus e Salvador irritado lha negará.

Nisto quero que vós todos me ajudeis com grande esforço, não perdendo tempo nem ocasião de fazer o que vos mando.

Como é doloroso que verdades tão infalíveis e importantes como estas para nos mostrar o perigo e dele fugirmos com todas as forças, estejam tão apagadas da memória dos mortais, com tão irreparáveis danos para o mundo! O inimigo cruel anda astuto e vigilante; nós adormecidos, descuidados e lânguidos! Não admira que Lúcifer se tenha apoderado tanto do mundo; que muitos lhe dêem ouvidos, aceitem e sigam seus enganos; que poucos lhe resistam, por se esquecerem da eterna morte que com implacável indignação e malícia lhes procura.

Peço aos que isto lerem, não queiram esquecer tão formidável perigo. Se não o percebem pelo estado do mundo e suas calamidades, ou pelos danos que pessoalmente experimentam, conheçam-no ao menos, pelos abundantes e tão enérgicos remédios que nosso Salvador e Mestre deixou na Igreja. Ele não aplicaria tão copioso antídoto, se nossa dolência e perigo de morrer eternamente não fosse tão grande e tremendo.

Reflexões da Escritora

1432. Não é possível referir os ardis que, nesta ocasião, o dragão e seus demônios forjaram contra a santa Igreja e seus filhos, pretendendo tragar as águas deste Jordão (**Job 40, 18**). Basta dizer que o conciliábulo durou quase um ano após a morte de Cristo. Considere-se o estado do mundo antes e depois de ter crucificado nosso Mestre que provou a verdade de sua fé com tantos milagres, graças e exemplo de santos.

Se tudo isto não basta para levar os mortais ao caminho da salvação, bem se entende quanto Lúcifer conseguiu deles, e quão grande é a sua raiva, que podemos dizer com São João (**Apoc 22, 12**): Ái da terra, para onde desce satanás cheio de indignação e furor!

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU.

Derrota dos demônios

1433. Minha filha, pela divina luz, recebeste grande compreensão do glorioso triunfo que meu Filho e Senhor obteve na cruz contra os demônios, e como os deixou derrotados. Deves, porém, entender que ignoras muito mais do que conheceste sobre mistérios tão inefáveis. Vivendo em carne mortal, não tem a criatura disposição para penetrá-los como são em si mesmos.

A divina Providência reserva seu total conhecimento para recompensa do santos do céu, em sua visão beatífica onde

se entendem estes mistérios com perfeita penetração, enquanto para os réprobos, os mesmos mistérios servirão de tormento, no grau em que os conheceram no fim da vida. Basta, entretanto, o que entendeste para ficares avisada do perigo da vida mortal, e encorajada com a esperança de vencer teus inimigos.

Quero também que não te descuides com a nova indignação que o dragão concebeu contra ti, por causa do que escreveste neste capítulo. Ele sempre te odiou e procurou impedir que escrevesses minha vida, conforme tens visto. Agora, porém, sua soberba irritou-se de novo pelo que revelaste: a humilhação, derrota e ruína que sofreu pela morte de meu Filho santíssimo; o estado a que ficou reduzido, e os planos que arquitetou, com seus demônios, para vingar a própria derrota nos filhos de Adão, particularmente os da santa Igreja. Tudo isto fez recrudescer sua raiva, vendo que estas coisas se revelam aos que as ignoravam. Irás sentir esta indignação nos trabalhos que moverá contra ti, por diversas tentações e perseguições. Aliás, já começaste a perceber e experimentar a sanha cruel deste inimigo, mas te aviso para teres cuidado.

Os primeiros filhos da Igreja

1434. É com razão que estás admirada do que conheceste: de um lado, os méritos da redenção operada por meu Filho, a ruína e o enfraquecimento que produziu aos demônios; por outro, ver os demônios que continuam tão fortes a dominar o mundo com formidável ousadia. Ainda que a esta admiração te res-pondeu a luz que recebeste no que deixas escrito, quero dizer-te mais, para aumentares tua cautela contra inimigos tão cheios de malícia.

Quando os demônios conheceram o mistério da Encarnação e Redenção, sentiram-se fracassados. Viram que meu Filho santíssimo nascera pobre, humilde e desprezado; presenciaram sua vida, milagres, paixão e misteriosa morte, e tudo o mais que realizou no mundo para atrair a si os homens. Com tal conhecimento, Lúcifer e seus demônios esmoreceram e perderam a força para tentar os fiéis, como costumam fazer com os infieis.

Na primitiva Igreja, durou por muitos anos este terror dos demônios, e o temor que tinham dos batizados, seguidores de Cristo, nosso Senhor. Nestes resplandecia a virtude divina através da imitação e fervor com que confessavam a santa fé. Seguiam a doutrina do Evangelho, praticavam as virtudes com heróicos e fervorosíssimos atos de amor, humildade, desprezo das vaidades e dos bens aparentes do mundo. Muitos derramavam o sangue e davam a vida por Cristo nosso Senhor, e faziam obras excelentes e admiráveis pela exaltação de seu santo nome.

Hauriram esta invencível fortaleza da proximidade em que se achavam da Paixão e morte de seu Redentor, tendo mais presente o prodigioso exemplo de sua grandiosa paciência e humildade. Eram também menos tentados pelos demônios, que ainda não se tinham recuperado do opressivo terror em que os deixara o triunfo do divino Crucificado.

O resfriamento da caridade

1435. Esta imitação e viva imagem de Cristo, que os demônios viam naqueles primeiros filhos da Igreja, era tão temida por eles que nem sequer se atreviam deles se aproximar. Fugiam de sua presença, e isto acontecia com os Apóstolos e demais

justos que gozaram da pregação de meu Filho santíssimo. Praticando-a perfeitamente, ofereciam ao Altíssimo as primícias da graça da Redenção.

O mesmo sucederia agora, como se vê com os perfeitos e santos, se todos os católicos aceitassem a graça e colaborassem com ela, e não a deixassem vazia; se seguissem o caminho da cruz que Lúcifer tanto temeu, conforme deixas escrito, seriam também temidos por ele. Com a passagem do tempo, porém, logo começou a se esfriar a caridade, o fervor e a devoção em muitos fiéis. Esquecendo o benefício da Redenção, foram acolhendo as inclinações e desejos carnais. Amaram a vaidade e cobiça e deixaram-se enganar e fascinar pelas mentirosas fabulações de Lúcifer. Com isto ofuscaram a glória do Senhor e se entregaram a seus mortais inimigos. Com esta feia ingratidão, o mundo chegou ao infelicíssimo estado atual.

Os demônios ergueram sua soberba contra Deus, presumindo apoderar-se de todos os filhos de Adão, pelo esquecimento e descuido dos católicos. Sua ousadia chega a intentar a destruição de toda a Igreja, pervertendo a tantos para a negarem. Aos que nela permanecem os induz a não estimá-la, ou que não se aproveitem do valor do sangue e morte de seu Redentor.

A maior calamidade é que muitos católicos não chegam a perceber este dano, nem cuidam de o remediar. Bem poderiam presumir que chegou o tempo da ameaça de meu Filho, quando falou às filhas de Jerusalém (**Lc 23, 28**): as estéreis seriam felizes e muitos pediriam aos montes e colinas que caíssem sobre eles e os enterrassem, para não verem o incêndio de tão feias culpas, na lenha seca dos filhos da perdição, sem fruto e sem nenhuma virtude.

Neste mau século vives, minha filha. Para não seres envolvida na perdição de tantas almas, chora-a na amargura do coração, e nunca esqueças os mistérios da Encarnação, Paixão e Morte de meu Filho santíssimo. Quero que os agradeças, pelos muitos que os desprezam. Asseguro-te que só esta lembrança e meditação é de grande terror para o inferno. Atormenta e afasta os demônios, porque eles fogem e se separam dos que, com gratidão, lembram-se da vida e mistérios de meu Filho santíssimo.

CAPÍTULO 24

O GOLPE DE LANÇA NO LADO DE CRISTO. É DESCIDO DA CRUZ E SEPULTADO. O QUE FEZ MARIA SANTÍSSIMA ATÉ VOLTAR AO CENÁCULO.

Maria ao pé da cruz, recorre aos Anjos

1436. Diz São João Evangelista **(Jo 19, 25)** que junto à cruz estava Maria santíssima, Mãe de Jesus, acompanhada por Maria Cléofas e Maria Madalena. Embora haja referido esta particularidade antes que expirasse o Salvador, deve-se entender que a invicta Rainha ali permaneceu também depois. Em pé, apoiada à cruz, adorando seu Jesus morto e à divindade sempre unida ao sagrado corpo.

Mantinha-se a Senhora, constante e inalterável, em suas inefáveis virtudes, por entre as impetuosas vagas de dor que penetravam até o âmago de seu castíssimo coração materno. Com sua eminente ciência, conferia em seu íntimo os mistérios da redenção humana e a harmonia com que a sabedoria divina dispunha todos aqueles sagrados acontecimentos.

O maior sentimento da Mãe de misericórdia era produzido pela desleal ingratidão que os homens, com tanto prejuízo para si próprios, mostrariam a benefício tão raro e digno de eterno agradecimento.

Preocupava-se também pensando em como daria sepultura ao sagrado corpo de seu Filho santíssimo, e quem o desceria da cruz, de onde não desprendia seus divinos olhos. Nesta dolorosa solicitude, voltou-se para os anjos que a assistiam e lhes disse: Ministros do Altíssimo e meus amigos na tribulação; vós sabeis que não há dor semelhante à minha. Dizei-me, pois, como descerei meu Amado da Cruz, e como lhe darei honrosa sepultura, pois este cuidado compete a mim, sua Mãe. Dizei-me o que fazer, e ajudai-me com vossa diligência.

Resposta dos Anjos

1437. Responderam-lhe os santos anjos: Rainha e Senhora nossa, dilate-se vosso aflito coração para o que ainda lhe resta sofrer. O Senhor todo-poderoso escondeu aos mortais sua glória e poder, para se sujeitar à ímpia vontade dos cruéis malvados. Deseja consentir no cumprimento das leis estabelecidas pelos homens, uma das quais é não retirar os sentenciados da cruz, sem licença do juiz.

Prontos e capazes seríamos nós, para vos obedecer e defender nosso verdadeiro Deus e Criador. Sua destra, porém, nos detém, porque sua vontade é justificar plenamente sua causa. Derramará o sangue que lhe resta em benefício dos homens, para mais os obrigar a corresponder seu amor com que tão copiosamente os redimiu **(Sl 129, 7)**. Se

deste favor não se aproveitaram como devem, será terrível seu castigo. Sua severidade compensará a lentidão que Deus empregou até recorrer à vingança.

Esta resposta dos anjos aumentou a dor da aflita Mãe. Não lhe fôra manifestado que seu Filho santíssimo seria ferido com a lançada, e o receio do que sucederia ao sagrado corpo, encheu-a de nova tribulação e angústia.

O golpe da lança

1438. Viu o tropel de gente armada dirigindo-se ao monte Calvário. Crescendo-lhe o temor de que viessem infligir mais algum opróbrio ao Redentor morto, disse a São João e às Marias: Ái de mim, minha dor chega ao auge e se parte meu coração. Por ventura, não estão satisfeitos os verdugos e os judeus de terem morto meu Filho e Senhor? Pretenderão agora fazer nova ofensa contra seu sagrado corpo defunto?

Era véspera da grande festa sabática dos judeus **(Jo 19, 31)**, e para celebrá-la sem preocupações, pediram licença a Pilatos para quebrar as pernas dos três justiçados. Com isto acabariam de morrer e os corpos seriam tirados das cruzes naquela tarde, para lá não estarem no dia seguinte.

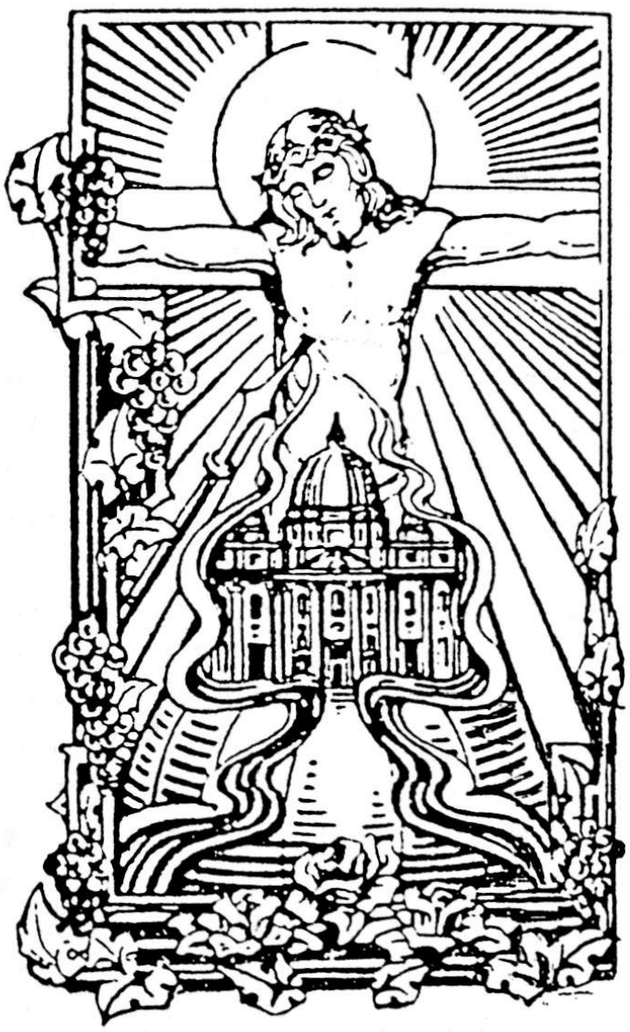
Com este intuito chegou ao Calvário aquele grupo de soldados. Aproximando-se dos crucificados, vendo que os dois ladrões estavam vivos, quebraram-lhes as pernas **(Jo 32)**, mas verificando que o Salvador já expirara, não lhe quebraram as pernas.

Assim se cumpriu a misteriosa profecia do Êxodo **(12, 46)**, contida no preceito de não se quebrarem os ossos do cordeiro figurativo que comiam na Páscoa.

Um dos soldados, entretanto, chamado Longinos, apoiando-se na cruz do Salvador, traspassou-lhe o lado com a lança. Da ferida saiu sangue e água **(Jo 19, 34-35)**, como afirma São João que viu e deu testemunho da verdade.

Dor de Maria

1439. Esta lançada que o sagrado corpo morto não pode sentir, sofreu-a sua



Mãe santíssima, sentindo a dor em seu castíssimo peito, como se recebera aquela ferida. Maior do que a dor corporal, foi a de sua alma santíssima, por ver a crueldade com que haviam aberto o lado de seu Filho morto.

Impelida por compaixão, esquecendo o próprio tormento, disse a Longinos: O Todo-poderoso te olhe com misericórdia, pela dor que causaste à minha alma.

Só a isto chegou seu protesto, ou para melhor dizer, sua mansidão piedosíssima, para nos deixar uma lição para quando fossemos ofendidos. No sentir da candíssima pomba, esta injúria a Cristo morto foi muito grave. No entanto, retribuía-a ao culpado com o maior dos benefícios: ser por Deus contemplado com misericórdia, prodigalizando ao ofensor bênçãos pelos agravos recebidos.

E assim aconteceu. Inclinado pela súplica de sua Mãe santíssima, o Salvador permitiu que algumas gotas daquele sangue e água do seu divino peito salpicassem o rosto de Longinos. Por este meio deu-lhe vista corporal, que quase não tinha, e ao mesmo tempo luz para sua alma conhecer o Crucificado que tão desumanamente havia ferido.

Com este conhecimento converteu-se e chorando seus pecados os lavou no sangue e água do lado de Cristo, reconhecendo-o por verdadeiro Deus e Salvador do mundo. Logo o testemunhou na presença dos judeus, para maior confusão e testemunho da perfídia e dureza deles.

O mistério das cinco chagas

1440. A prudentíssima Rainha conheceu o mistério da chaga produzida pelo golpe da lança. Compreendeu que daquele sangue e água saídos do peito aberto de seu Filho santíssimo nascia a nova Igreja, lavada e renovada, em virtude de sua paixão e morte.

O divino coração era como a raiz donde partiam os ramos que, por todo o mundo, se estenderiam repletos dos frutos de vida eterna. Meditou em seu coração o mistério daquela pedra ferida com a vara da justiça do eterno Pai (**Ex 17, 6**), para jorrar água viva e mitigar a sede de todo gênero humano, refrigeramdo e confortando a quantos dela fossem beber.

Considerou que as chagas dos pés, mãos e lado de Cristo eram cinco fontes abertas no paraíso da humanidade santíssima, mais copiosas e eficazes para fertilizar o mundo, do que as quatro do paraíso terrestre, distribuídas na superfície da terra (**Gn 2, 10**).

A grande Senhora celebrou estes e outros mistérios num cântico de louvor à glória de seu Filho santíssimo, depois que foi ferido pela lança. Ao cântico, ajuntou fervorosa oração para que todos os sacramentos da Redenção se realizassem em benefício de toda a linhagem humana.

Preocupação de Maria pela sepultura de Jesus

1441. A tarde daquele dia de Parasceve já se adiantava e a Mãe piedosíssima ainda não sabia como sepultar seu Filho Jesus. Dispunha o Senhor aliviar a tribulação de sua amorosa Mãe, através dos meios de sua providência: tocaria o coração de José da Arimatéia e Nicodemos (**Jo 19, 38**) para cuidarem do sepulcro e enterro de seu Mestre.

Ambos eram justos e discípulos do Senhor, embora não fizessem parte dos setenta e dois. Por temor dos judeus não se manifestavam, pois aqueles consideravam suspeitos e inimigos, todos quantos seguiam a doutrina de Cristo, nosso Senhor, e o reconheciam por Mestre.

Não fôra manifestada à prudentíssima Virgem estas disposições divinas sobre a sepultura de seu Filho santíssimo, e com a dificuldade de lhe achar solução por suas próprias diligências, crescia-lhe a dolorosa preocupação. Nesta aflição, levantou os olhos ao céu e disse: Eterno Pai e Senhor meu, pela dignação de vossa bondade e sabedoria infinita fui elevada do pó à dignidade altíssima de Mãe de vosso eterno Filho; com a mesma liberali-

dade de Deus imenso me concedestes criá-lo com meu leite, alimentá-lo e acompanhá-lo até a morte; agora, compete-me como a Mãe, dar honorífica sepultura a seu corpo, mas só posso desejá-lo, partindo-se-me o coração por não consegui-lo. Suplico-vos, Deus meu, disponhais com vosso poder os meios para Eu o executar.

Nicodemos e José de Arimatéia

1442. A piedosa Mãe fez esta oração depois que Jesus foi alanceado. Daí a pouco viu, encaminhando-se para o Calvário, outro grupo trazendo escadas e outros instrumentos. Pôde supor que viriam tirar da cruz seu inestimável tesouro, mas como não tinha certeza, temeu novamente a crueldade judaica e disse a São João: Meu filho, qual será a intenção desses que vêm com tantos preparativos? Respondeu o Apóstolo: Não temais, minha Senhora, é José e Nicodemos com seus criados, amigos e servos de vosso Filho santíssimo, meu Senhor.

José era justo aos olhos do Altíssimo **(Lc 23, 50-51)**, estimado pela classe nobre, membro do governo e do Conselho. Assim dá a entender o Evangelho, dizendo que José não consentira nos planos e atos dos homicidas de Cristo, a quem ele reconhecia por verdadeiro Messias. Ainda que até sua morte, José fôra seu discípulo oculto, na ocasião dela manifestou-se, sendo esta atitude efeito da eficácia da Redenção.

Vencendo o temor, que antes sentia da inveja dos judeus e sem se importar com o poder romano, resolutamente se dirigiu a Pilatos pedindo-lhe o corpo de Jesus **(Mc 15, 43)**. Queria tirá-lo da cruz, dar-lhe honrosa sepultura, afirmando que era inocente, verdadeiro Filho de Deus: e que esta verdade estava provada com os milagres de sua vida e morte.

Pilatos permite sepultar o corpo de Jesus

1443. Pilatos não se atreveu a recusar o que José pedia e lhe deu licença para dispor do corpo de Jesus, como quisesse. Com esta permissão, José se retirou da casa de Pilatos e chamou Nicodemos que também era justo, sábio nas letras divinas e humanas, como se colige do seu encontro noturno com Cristo, nosso Senhor, segundo narra São João **(Jo 3, 2)**.

Estes dois santos homens, corajosamente, resolveram dar sepultura a Jesus crucificado. José preveniu o lençol **(Mt 27, 59)** e sudário para o envolver, e Nicodemos comprou cem libras de aromas, com que os judeus costumavam ungir os defuntos de maior nobreza **(Jo 19, 39)**.

Com estes preparativos e outros instrumentos, dirigiam-se ao Calvário, acompanhados de servos e de algumas pessoas pias e devotas, nas quais também agia a graça do sangue que o divino Crucificado por todos derramara.

José e Nicodemos chegam ao Calvário

1444. Aproximaram-se de Maria santíssima que, traspassada de dor, continuava ao pé da cruz, na companhia de São João e das Marias.

À vista daquela divina, mas pungente cena, renovou a dor de todos, com tanta força e amargura que, em vez de saudar a dolorosa Mãe, José, Nicodemos e os demais se prostraram a seus pés ante a cruz, sem poder conter as lágrimas e suspiros. Nada diziam e só choravam convulsivamente, até que a invicta Rainha os er-

gueu, animou e confortou. Então, a saudaram com humilde compaixão.

A atenciosa Mãe agradeceu-lhes a piedade e obséquio que faziam a seu Deus, Senhor e Mestre, com dar sepultura a seu corpo, e em nome d'Ele lhes prometeu a recompensa do ato.

Respondeu-lhe José de Arimatéia: Já estamos sentindo, Senhora nossa, dentro de nossos corações, a doce e suave força do divino Espírito que nos moveu, com afetos tão amorosos, os quais não pudemos merecer, nem sabemos explicar.

Em seguida, José e Nicodemos tiraram as capas, encostaram as escadas na santa Cruz e subiram para desprender o sagrado corpo, estando muito perto a dolorosa Mãe amparada por São João e Madalena.

Pareceu a José que a dor da divina Senhora recrudesceria quando chegasse a tocar no sagrado corpo, e advertiu ao Apóstolo a afastasse um pouco para não presenciar a descida da cruz. São João, porém, que conhecia melhor o invencível coração da Rainha, respondeu que Ela assistira todos os sofrimentos do Senhor desde o princípio da paixão, e não O deixaria até o fim, porque o venerava como Deus e amava como Filho de seu seio.

Adoração da coroa de espinhos

1445. Apesar disso, suplicaram à Virgem houvesse por bem retirar-se um pouco, enquanto desciam da cruz o corpo do Mestre. Respondeu a grande Senhora: Caríssimos senhores, já que presenciei cravar na cruz o meu amado Filho, consenti que o veja dela despregar. Este ato tão piedoso, ainda que fira novamente meu coração, quanto mais visto e meditado, transforma-se em maior alento para a dor.

Começaram, então, a dispor a descida. Tiraram primeiro a coroa da sagrada cabeça, descobrindo as profundas feridas que nela abrira. Desceram-na com grande veneração e lágrimas, colocando-a nas mãos da amorosa Mãe.

Recebeu-a de joelhos, com admirável culto. Adorou-a, aproximou-a de seu virginal rosto, regou-a com abundantes lágrimas, e experimentou ao seu contato, parte das feridas que seus espinhos abriram. Pediu ao eterno Pai que aqueles espinhos consagrados com o sangue de seu Filho, fossem estimados com digna reverência pelos fiéis que, no futuro, viessem a possuí-los.

O corpo de Jesus é descido da cruz e adorado

1446. Imitando a Mãe, São João, Madalena, as outras Marias e piedosas mulheres e fiéis que ali se encontravam, também adoraram a coroa. O mesmo fizeram com os cravos: primeiro entregaram-nos a Maria santíssima que os adorou e em seguida todos os circunstantes.

Para receber o corpo de seu Filho santíssimo, a grande Senhora, de joelhos, estendeu os braços com o lençol aberto. São João sustentou a cabeça e Madalena os pés para ajudarem José e Nicodemos, e todos juntos com grande veneração e lágrimas, o depuseram nos braços da afetuosa Mãe. Esta passagem lhe causou tanta compaixão como consolo.

Ver desfigurado aquela formosura maior que a de todos os filhos dos homens **(Sl 44, 3)**, coberta de chagas, renovou as dores de seu castíssimo coração. Abraçá-lo junto ao peito lhe dava ao mesmo tempo dor e gozo, pois seu ardentíssimo amor repousava com a posse de seu tesouro.

Adorou-o com supremo culto e reverência, vertendo lágrimas de sangue.

Depois d'Ela o adoraram em seus braços a multidão de anjos que a assistiam, ainda que invisivelmente aos circunstantes.

Estes, sucessivamente, principiando por São João, também adoraram o sagrado corpo que descansava no regaço da Mãe sentada no solo.

Atitude de Maria

1447. Em todos estes atos, nossa grande Rainha procedia com tão divina sabedoria e prudência que admirava os anjos e os homens. Suas palavras eram de grande ponderação, dulcíssimas pela saudade e compaixão de seu finado tesouro, ternas pela mágoa, misteriosas pelo significado que continham. Ponderava sua dor, cuja motivo ultrapassava a todos quantos pudessem sentir os mortais. Movia os corações à compaixão e às lágrimas e esclarecia-os para conhecerem o sacramento tão divino que tratavam.

E, sem exceder nem faltar no que devia fazer, conservava entre a dor e a serenidade, humilde e majestoso semblante. Nesta diversidade tão ordenada, falava ao seu querido Filho, ao eterno Pai, aos anjos, aos circunstantes e a todo o gênero humano, para cuja redenção se entregara à Paixão e Morte.

Não me detenho mais em particularizar as prudentes e dolorosas palavras da grande Senhora nesta ocasião. Deixo à piedade cristã encontrar muitas, pois não me é possível estender-me em cada um destes mistérios.

Sepultamento de Jesus

1448. Como a tarde já se adiantava, São João e José suplicaram à dolorosa Mãe lhes permitisse cuidar do enterro de seu Filho e Deus verdadeiro. Consentiu a Mãe prudentíssima. Sobre o mesmo lençol foi ungido seu sagrado corpo com os ungüentos aromáticos (**Jo 19, 40**) trazidos por Nicodemos, gastando neste religioso obséquio todas as cem libras que comprara.

Assim ungido, o corpo deificado foi posto num féretro para ser conduzido ao sepulcro. A divina Senhora, solícita em tudo, convocou do céu muitos coros angélicos para, reunidos aos de sua guarda, acompanharem o sepultamento do corpo de seu Criador. Imediatamente desceram das alturas, em forma visível só para sua Rainha e Senhora. Anjos e homens ordenaram-se em procissão, sendo o corpo carregado por São João, José, Nicodemos e o Centurião que assistira a morte de Jesus, confessando-o por Filho de Deus. Seguiam-nos a divina Mãe acompanhada por Madalena, as Marias e outras piedosas discípulas. A elas se reuniram outros muitos fiéis que, depois da lançada, movidos por divina luz vieram ao Calvário.

Nessa ordem, dirigiam-se chorando e em silêncio, ao horto próximo, onde José tinha preparado um sepulcro novo, no qual ainda ninguém tinha sido depositado (**Jo 19, 41**). Neste feliz sepulcro colocaram o sagrado corpo de Jesus.

Antes de fechá-lo com a pedra, a religiosa e prudente Mãe o adorou novamente, com admiração de todos, anjos e homens. Imitando-a, uns e outros, todos adoraram o crucificado e sepultado Senhor e fecharam o sepulcro com a pedra que, como diz o Evangelho (**Mt 27, 60**) era muito grande.

Volta do sepulcro

1449. Fechado o sepulcro, no mesmo instante voltaram a se fechar os que tinham se aberto na hora da morte de

Cristo. Entre outros mistérios, ficaram como que, aguardando se, por acaso, lhes tocaria a sorte de receber seu Criador humanado defunto. Era o que lhe podiam oferecer, quando os judeus não o quiseram receber vivo e benfeitor seu.

Muitos anjos ficaram guardando o sepulcro, por ordem de sua Rainha e Senhora que ali deixava seu coração. Com o mesmo silêncio e ordem, as pessoas que tinham vindo do Calvário voltaram para lá. A divina Mestra das virtudes aproximou-se da santa cruz e a adorou com excelente veneração e culto. Seguiram-na neste ato São João, José e todos os que tinham assistido ao sepultamento.

Já era tarde e o sol se deitara. Do Calvário, a grande Senhora recolheu-se à casa do Cenáculo onde a acompanharam os que estiveram no enterro. Deixando-a com São João, as Marias e outras companheiras, os demais despediram-se com muitas lágrimas, pedindo-lhe que os abençoasse.

A humilíssima Senhora agradeceu o obséquio que prestaram a seu Filho santíssimo, e a Ela o favor que tinham feito. Despediu-os cheios de outros íntimos e ocultos benefícios e de bênçãos de sua amável benignidade e piedosa humildade.

Os judeus temem a ressurreição de Cristo

1450. Confusos e perturbados pelos fatos que iam sucedendo, os judeus foram à Pilatos no sábado pela manhã **(Mt 27, 62)**, e lhe pediram mandasse guardar o sepulcro. Porque Cristo, aquele sedutor - diziam - afirmara que depois de três dias ressuscitaria.

Poderia acontecer que os discípulos roubassem o corpo e depois dissessem que havia ressuscitado. Pilatos contemporizou com esta maliciosa cautela e lhe concedeu os guardas que pediram **(Mt 27, 65)** para vigiar o sepulcro. Os pérfidos judeus pretendiam esconder o sucesso que temiam - como depois provaram - subornando os guardas **(Idem, 28, 12)** para dizerem que Cristo nosso Senhor não ressuscitara, mas os discípulos é que tinham roubado seu corpo.

Como, porém, não há conselho que prevaleça contra Deus **(Prov 21, 30)**, por este meio se divulgou e mais se confirmou a Ressurreição.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A chaga do coração de Cristo

1451. Minha filha, a ferida que meu Filho santíssimo recebeu com a lançada no peito, só para Mim foi cruel e dolorosa. Seus efeitos e mistérios, porém, são suavíssimos para as almas santas capazes de saborear sua doçura. A Mim muito afligiu, mas para aqueles a quem se ordenou este misterioso favor, constitui grande consolação e alívio nas dores.

Para o entenderes e dele participares, deves considerar que, pelo ardentíssimo amor que meu Filho e Senhor teve aos homens, quis aceitar além das chagas dos pés e das mãos, também a do coração. Sendo este o centro do amor, aquela porta seria a entrada para as almas santas nele penetrarem. Participariam desse amor em sua mesma fonte e ali encontrariam seu conforto e refúgio.

Quero que, em teu desterro, procures só este abrigo e seja tua segura habitação sobre a terra. Ali aprenderás os predicados e leis do amor para me imitar. Entenderás como, em retribuição das ofensas

que recebes, deves devolver bênçãos a quem as fizer contra ti ou contra alguma coisa tua, assim como Eu fiz quando fui contristada com a ferida que meu Filho, já morto, recebeu no peito. Asseguro-te, caríssima, que não podes fazer ato mais valioso para alcançar a graça do Altíssimo. Não apenas para ti, mas também para o ofensor, é poderosa a oração que se faz perdoando as injúrias.

Comove-se o piedoso coração de meu Filho santíssimo, quando vê que as criaturas o imitam no perdoar e orar por quem as ofende, e deste modo, participam da excelentíssima caridade que Ele praticou na cruz. Grava em teu coração esta doutrina, para me imitar e seguir na virtude que mais estimei. Através daquela ferida do coração de Cristo, contempla teu Esposo e a Mim, e n'Ele ama terna e verdadeiramente a teus ofensores e a todas as criaturas.

Amáveis indústrias da providência divina

1452. Adverte também a providência, tão atenta e pontual, com que o Altíssimo acode oportunamente às necessidades das criaturas que o chamam com verdadeira confiança.

Assim fez comigo, quando me encontrei aflita e sem recursos para dar sepultura à meu Filho santíssimo, como o devia fazer. Para socorrer-me nessa necessidade, dispos o Senhor, o coração de José, de Nicodemos e de outros fiéis, com piedosa caridade e afeto para acudirem a enterrá-lo.

Foi tão grande a consolação que estes homens justos me proporcionaram naquela ocasião que, por essa caridade e minha oração, o Altíssimo os encheu de admiráveis influências de sua divindade. Sentiram-nas durante a descida do corpo da cruz e seu enterro, e desde aquela hora ficaram renovados e esclarecidos nos mistérios da Redenção.

É esta a ordem admirável da suave e forte providência do Altíssimo: para recompensar umas criaturas, envia trabalhos a outras. Move à piedade quem pode beneficiar o necessitado, para que o benfeitor, pela boa obra que pratica e pela oração do pobre que a recebe, seja remunerado pela graça que não mereceria por outros caminhos.

O Pai das misericórdias que inspira e move com seus auxílios o ato que se faz, paga depois como se o devesse premiar por justiça. Correspondemos a suas inspirações com nossa pequena cooperação no bem que, afinal, procede inteiramente de sua mão **(Tg 1, 17)**.

Deus exalta a inocência oprimida

1453. Considera também a retíssima ordem desta providência, na justiça com que recompensa os agravos recebidos com paciência. Meu santíssimo Filho morrera desprezado, desonrado e blasfemado pelos homens, e logo em seguida ordenou o Altíssimo que fosse honrosamente sepultado. Inspirou muitos a O confessarem por verdadeiro Deus e Redentor. Aclamaram-no santo, inocente e justo e na mesma hora em que acabaram de o crucificar afrontosamente, foi adorado e venerado com supremo culto como Filho de Deus.

Os seus próprios inimigos sentiram interiormente o horror e a vergonha do pecado que cometeram em persegui-lo. Ainda que nem todos aproveitaram essas graças, todas foram efeito da inocente morte do Senhor. De minha parte, também concorria para elas com súplicas, para que Ele fosse reconhecido e venerado pelos que o conheciam.

CAPÍTULO 25

MARIA DEPOIS DO SEPULTAMENTO DE CRISTO. CONSOLOU SÃO PEDRO E OS OUTROS APÓSTOLOS. VIU A ALMA DE SEU FILHO DESCER AO LIMBO DOS SANTOS PAIS.

No cenáculo

1454. A plenitude da sabedoria que iluminava o entendimento de nossa grande Rainha e senhora Maria santíssima, não admitia defeito e falta alguma. Suas dores não foram motivo para deixar de notar e atender a quanto era exigido pelo tempo e ocasião. Com esta divina providência, de tudo cuidava, praticando sempre o mais santo e perfeito em todas as virtudes.

Como fica dito acima[1], depois do enterro de Cristo, nosso bem, retirou-se à casa do Cenáculo. No aposento em que foi celebrada a ceia, falou com São João, as Marias e outras santas mulheres que haviam seguido o Senhor desde a Galiléia. Com profunda humildade e lágrimas, agradeceu-lhes a perseverança com que, até aquele momento, a tinham acompanhado durante a Paixão de seu amantíssimo Filho.

Em nome d'Ele, prometia-lhes a recompensa da constante piedade e afeição com que a tinham seguido, e se oferecia por serva e amiga de todas. Elas e São João reconheceram o grande favor que estavam a receber e lhe beijaram a mão pedindo-lhe a bênção. Suplicaram-lhe também que descansasse um pouco e comesse alguma coisa.

Respondeu a Rainha: Meu descanso e meu conforto será ver meu Filho e Senhor ressuscitado. Vós, caríssimas, tomai o que necessitardes, enquanto eu me retirarei a sós com meu Filho.

Humildade de Maria e João

1455. Logo se retirou, acompanhando-a São João. Estando ambos a sós, a Senhora pôs-se de joelhos e disse ao apóstolo: Não deveis esquecer as palavras que, na cruz, nos falou meu Filho santíssimo. Sua benignidade vos nomeou meu Filho e a Mim vossa Mãe. Vós, senhor, sois sacerdote do Altíssimo; por esta grande dignidade, é razão que vos obedeça em tudo o que tiver de fazer. Desde agora quero que me ordeneis, lembrando que sempre fui serva e toda minha alegria está em obedecer até a morte.

Enquanto dizia isto, a Rainha derramava muitas lágrimas. Chorando também, lhe respondeu o Apóstolo: Senhora minha e Mãe de meu Redentor e Senhor, sou eu que devo estar sujeito à vossa obediência, porque o nome de filho não diz autoridade e sim obediência e submissão à sua Mãe. Quem fez a mim sacerdote, vos fez a vós sua Mãe, e esteve sujeito à vossa vontade e obediência **(Lc 2, 54)**, sendo

1 - nº 1449.

Criador de todo o universo. Razão será que eu o esteja e trabalhe, o quanto me for possível, em corresponder dignamente ao ofício que me deu de servir-vos como filho. Para tanto eu desejara ser mais anjo que homem terreno.

Esta resposta do Apóstolo foi muito acertada, mas não bastou para vencer a humildade da Mãe das virtudes, que lhe replicou: Meu filho João, meu consolo será obedecer-vos como chefe, pois o sois. Nesta vida sempre deverei ter superior a quem submeter minha vontade e parecer; para isto sois ministro do Altíssimo e, como filho, me deveis este consolo em minha dorida soledade.

Respondeu São João: Faça-se, minha Mãe, vossa vontade, que nela está meu acerto. Sem mais replicar, a divina Mãe lhe pediu licença para ficar sozinha, meditando os mistérios de seu Filho santíssimo. Pediu-lhe também que prevenisse algum alimento para as mulheres que a acompanhavam e as consolasse. Às Marias, que desejavam continuar no jejum até ver o Senhor ressuscitado, permitisse cumprirem seu devoto propósito.

Maria em a noite de sexta-feira

1456. Foi São João, conforme a ordem da grande Senhora, confortar as Marias que, depois de se reanimarem, se recolheram e passaram aquela noite na dolorosa meditação da Paixão e mistérios do Salvador.

Com esta ciência tão divina, procedia Maria santíssima entre os vagalhões de suas angústias e dores, sem por isto esquecer a prática da obediência, humildade, caridade e pontual providência para tudo o que era necessário. Por atender à necessidade daquelas piedosas mulheres, não se esqueceu do que convinha à sua maior perfeição pessoal. Permitiu a abstinência das Marias, mais fervorosas e fortes no amor; atendeu à precisão das mais fracas, orientou o Apóstolo a respeito de sua pessoa e em tudo agiu como grande Mestra da perfeição e Senhora da graça. E, fez tudo isto, quando as águas da tribulação haviam inundado sua alma (**Sl 68, 2**).

Ficando a sós em seu retiro, soltou a impetuosa correnteza de seu sentimento doloroso e mergulhou, interior e exteriormente, na amargura do coração, renovando a memória de todos os tormentos e ignominiosa morte de seu Filho santíssimo; dos mistérios de sua vida, pregação e milagres; do valor infinito da redenção humana; da nova Igreja que deixava fundada com tanta formosura e riqueza de Sacramentos e tesouros de graça; da incomparável felicidade de todo o gênero humano, tão copiosa e gloriosamente redimido; da inestimável sorte dos predestinados a quem seria aplicada; da tremenda infelicidade dos réprobos que, voluntariamente, se fariam indignos da eterna glória que seu Filho santíssimo lhes deixara merecida.

Marias e os Apóstolos

1457. Na digna meditação de tão altos sacramentos, passou a grande Senhora toda a noite. Chorava, louvava e enaltecia as obras de seu Filho, sua paixão, seus juízos ocultíssimos e outros altíssimos mistérios da divina sabedoria e arcana providência do Senhor.

Mãe única da verdadeira sabedoria, entendia-os profundamente, comentando, às vezes com os anjos, outras vezes com o Senhor, tudo quanto a luz divina comunicava a seu castíssimo coração.

Na manhã do sábado, depois das quatro horas, apresentou-se São João, de-

sejoso de consolar a dolorosa Mãe. Ela ajoelhou-se e pediu que a abençoasse, como sacerdote e seu superior. O novo filho, pediu-lhe o mesmo, e assim abençoaram-se mutuamente.

Ordenou-lhe a divina Rainha que fosse à cidade, onde logo encontraria São Pedro que vinha procurá-lo. Que o acolhesse, consolasse e o trouxesse à presença dela. Que fizesse o mesmo com os demais apóstolos que fosse encontrando, animando-os com a esperança do perdão, e oferecendo-lhes a amizade da Mãe de Jesus.

Saiu São João e, após alguns passos, encontrou São Pedro choroso e envergonhado. Voltava da gruta onde havia chorado sua negação e, com grande confusão e timidez, ia à presença da grande Rainha. O Evangelista consolou-o e encorajou-o com o recado da divina Mãe.

Ambos procuraram os outros apóstolos e, encontrando alguns, foram todos juntos ao Cenáculo onde estava o socorro de todos.

Pedro entrou primeiro, sozinho, e atirando-se aos pés da Mãe da graça, disse-lhe com grande dor: Pequei, Senhora, porque diante de meu Deus, ofendi a meu Mestre e a Vós - Não pôde continuar, afogado pelas lágrimas, suspiros e soluços que lhe vinham do fundo do aflito coração.

Maria conforta São Pedro e os outros apóstolos

1458. Vendo Pedro prostrado em terra, a prudentíssima Virgem considerou-lhe a situação: penitente de sua recente culpa e chefe da Igreja, eleito por seu Filho santíssimo vigário seu. Não lhe pareceu conveniente prostrar-se Ela aos pés do pastor que pouco antes negara seu Mestre, mas sua humildade também exigia dar-lhe a reverência devida ao seu ofício. Para satisfazer a ambas obrigações, julgou que convinha prestar-lhe reverência, ocultando-lhe o motivo.

Para isto, pôs-se de joelhos, venerando-o com este ato, e para encobrir sua intenção, disse-lhe: Peçamos perdão de vossa culpa a meu Filho e vosso Mestre. Rezou e animou o apóstolo, fortaleceu-lhe a esperança recordando-lhe a misericórdia que o Senhor havia demonstrado pelos pecadores arrependidos.

Lembrou-lhe a obrigação que lhe cabia, como cabeça do colégio apostólico, de confirmar os outros com seu exemplo na constância e confissão da fé. Com estas e outras palavras, de grande força e doçura, confirmou São Pedro na esperança do perdão.

Em seguida, entraram os outros apóstolos e, prostrados também aos pés

de Maria santíssima, lhe pediram perdão da covardia com que abandonaram seu Filho santíssimo na paixão. Amargamente choraram seu pecado, aumentando-lhes o sentimento, a presença da Mãe repleta de dolorosa compaixão. Seu admirável semblante, porém, lhes produzia divinos efeitos de contrição das culpas e amor do Mestre.

A grande Senhora fê-los levantar e os animou, prometendo-lhes o perdão que desejavam e sua intercessão para o alcançar. Sucessivamente, começaram, então a contar o que lhes acontecera na fuga, como se a divina Senhora ignorasse os fatos. Apesar de tudo saber, Ela os ouviu com benevolência, aproveitando do que diziam para lhes tocar o coração e confirmá-los na fé do seu Redentor e Mestre, despertando neles seu divino amor.

Tudo conseguiu, porque saíram de sua presença afervorados e justificados, com novo acréscimo de graça.

O inferno

1459. Assim passou parte do sábado a nossa divina Rainha. Pela tarde, retirou-se novamente ao seu recolhimento, deixando os apóstolos renovados no espírito, cheios de consolação no Senhor, mas sempre entristecidos pela Paixão de seu Mestre.

No retiro dessa tarde, a grande Senhora aplicou a mente às obras que realizava a alma santíssima de seu Filho, depois que se separou do sagrado corpo. Desde esse momento, conheceu a bem-aventurada Mãe que a alma de Cristo, unida à divindade, descia ao limbo dos santos Pais. Foi libertá-los daquele cárcere subterrâneo, onde estavam detidos desde o primeiro justo que morreu no mundo, esperando a vinda do Redentor de todos os homens.

Para explicar este mistério, que é uma das verdades sobre a santíssima humanidade de Cristo nosso Senhor, pareceu-me conveniente declarar, o que me foi dado a entender sobre o limbo e onde está situado.

Digo, pois, que o globo terrestre tem o diâmetro - distância de uma superfície a outra, passando pelo centro - de duas mil e quinhentas e duas léguas. A metade até o centro, mede mil duzentas e cinquenta e uma. No centro, encontra-se o inferno dos condenados, como no coração da terra.

Este inferno é uma caverna ou caos de muitas tenebrosas estâncias, com diferentes penas, todas horríveis e tremendas. Formam um globo qual imensa caldeira, com boca ou entrada muito larga.

Neste pavoroso calabouço de confusão e tormentos, estão os demônios e os condenados e nele ficarão por toda a eternidade, **(Mt 25, 41)** enquanto Deus for Deus, porque no inferno não ha nenhuma redenção.

O purgatório e o limbo

1460. Num dos lados do inferno está o purgatório, onde as almas dos justos se purificam, quando nesta vida não acabaram de satisfazer suas culpas e dela não saíram tão purificados, quanto é necessário para chegar à visão beatífica.

Esta caverna também é grande, porém, muito menor que o inferno e, ainda que no purgatório haja grandes penas, não tem comunicação com o inferno dos condenados.

Em outro lado encontra-se o limbo com duas estâncias diferentes: uma para as crianças que morrem só com o pecado original e sem obras boas ou más do próprio arbítrio; a outra estância servia de permanência para as almas dos justos já

purificadas de seus pecados. Não podiam entrar no céu, nem gozar de Deus, até que se operasse a redenção humana e Cristo nosso Salvador lhes abrisse a porta (**Sl 23, 9**) fechada pelo pecado de Adão.

A caverna do limbo também é menor que o inferno, não se comunica com ele, nem tem penas dos sentidos como o purgatório. Lá chegavam as almas já purificadas no purgatório e só careciam da visão beatífica, privação em que consiste a pena de dano. Ali se encontravam todos os que haviam morrido em graça, antes da morte do Salvador.

Neste limbo, desceu sua alma santíssima unida à divindade, e isto significamos ao dizer que desceu aos infernos[2]. O termo inferno significa qualquer daqueles lugares inferiores, situados nas profundezas da terra, ainda que comumente ao dizer inferno, entendemos o dos demônios e condenados.

É o sentido que mais lhe atribuem, assim como por céu, entendemos o empírio onde estão e permanecerão para sempre os Santos. Depois do juízo final só o céu e o inferno serão habitados. O purgatório já não será necessário, e as crianças do limbo sairão para outra morada diferente.

A alma de Cristo desce ao limbo

1461. Chegou a alma santíssima de Cristo nosso Senhor ao limbo, acompanhada de inumeráveis anjos que ao seu Rei triunfador iam louvando e dando glória, poder e divindade.

Para representar sua grandeza e majestade, mandavam que se abrissem as portas (**Sl 23, 7-8**) daquele antigo cárcere, para que o Rei da glória, poderoso nas batalhas, Senhor das virtudes, as encontrasse franqueadas à sua entrada.

Em virtude desta ordem, partiram-se alguns penhascos do caminho, ainda que não fosse necessário para o Rei e sua milícia entrarem, pois eram espíritos subtilíssimos.

A presença da alma santíssima de Cristo transformou aquela obscura caverna em céu, enchendo-a de admirável resplendor. As almas dos justos que ali estavam foram beatificadas com a visão clara da Divindade. Num instante, passaram do estado de tão prolongada espera, à eterna posse da glória, e das trevas, à luz inacessível que agora gozam.

Reconheceram seu verdadeiro Deus e Redentor e lhe deram graças e louvores com novos cânticos, dizendo (**Apoc 5, 12**); Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber a divindade, a virtude e a fortaleza. Redemiste-nos, Senhor, com teu sangue (**Idem 5, 9**), de todas as tribos, povos e nações; fizeste-nos reino para nosso Deus e reinaremos. Teu é, Senhor, o poder, teu o reino e tua a glória de tuas obras.

O Salvador ordenou aos anjos que tirassem do purgatório todas as almas que lá estavam, e instantaneamente foram trazidas à sua presença. Para estreia da redenção humana, foram pelo Redentor absolvidas das penas que lhes faltavam padecer, e como as demais almas dos justos receberam a glória da visão beatífica.

Deste modo, naquele dia, ficaram vazios os cárceres do limbo e do purgatório.

Efeitos produzidos no inferno

1462. Só para o inferno dos condenados, esse dia foi terrível. Permitiu o Altíssimo que todos soubessem e sentissem a descida do Redentor ao limbo. Também os santos Pais e justos conheceram o terror que este mistério produziu aos condenados e demônios.

2 - Atualmente traduz-se "mansão dos mortos"(Nota da T.)

Estavam estes aterrados e oprimidos com a ruína que sofreram no monte Calvário, como se disse acima, nº1421. Ouvindo, no modo como falam e ouvem, a voz dos anjos que precediam seu Rei no limbo, assustados e espavoridos, quais serpentes perseguidas, escondiam-se colando-se às mais profundas cavernas infernais.

Aos condenados sobreveio nova confusão e despeito, conhecendo os enganos que os fizeram perder a Redenção que os justos aproveitaram. Judas e o mau ladrão, os mais recentes entre eles, muito mais culpados dessa infelicidade, sofreram maior tormento e maior raiva dos demônios contra eles.

Quanto dependesse deles, propuseram os malignos espíritos perseguir e atormentar mais os cristãos que professavam sua fé católica. Aos que a negassem e caíssem, dariam maior castigo, porque os julgavam merecedores de maior pena que os infieis a quem não fôra pregada a fé.

Visão da Virgem

1463. A grande Senhora do mundo, em seu retiro, teve conhecimento e especial visão de todos estes mistérios e outros segredos do Senhor que não posso declarar.

Ainda que esta notícia lhe causou admirável gozo na parte superior do espírito onde a recebia, esta consolação não se estendeu a seu virginal corpo e parte sensitiva, como naturalmente poderia acontecer. Quando sentiu que este júbilo ia atingir a parte inferior da alma, pediu ao eterno Pai que lhe suspendesse a redundância, porque não a queria gozar no corpo, enquanto o de seu Filho estivesse no sepulcro. Assim advertido e fiel foi o amor da Mãe prudentíssima por seu Filho e Senhor, como imagem viva, perfeita e exata daquela humanidade deificada.

Por esta atenta delicadeza, ficou repleta de gozo na alma e de dores e aflição no corpo, no modo como sucedeu em Cristo nosso Salvador. Nesta visão, fez cânticos de louvor exaltando o mistério deste triunfo e a amantíssima e sábia providência do Redentor que, amoroso Pai e Rei onipotente, quis descer pessoalmente a tomar posse daquele novo reino que o Pai lhe entregara.

Quis resgatá-los com sua presença, para que ali mesmo começassem a gozar da recompensa que lhes merecera. Por todas estas e outras razões que compreendia neste mistério, Maria santíssima se alegrava e glorificava o Senhor, como coadjutora e Mãe do vencedor.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Disposições para a contemplação unitiva

1464. Minha filha, presta atenção à doutrina deste capítulo, porque é a mais apropriada e necessária para o estado a que Deus te elevou, e para o que de ti espera, em correspondência de seu amor.

É o seguinte: entre as atividades e contatos com as criaturas, quer na qualidade de prelada ou súdita, governando, mandando ou obedecendo; por nenhuma destas ou de outras ocupações exteriores, deves perder a atenção e presença do Senhor na parte íntima e superior de tua alma. Não te distraias da luz do Espírito Santo que te assistirá nesta incessante relação. Meu Filho santíssimo deseja ver, no segredo de teu coração, aquelas sendas que permanecem ocultas ao demônio e onde não chegam as paixões.

Elas guiam ao santuário, onde só entra o sumo sacerdote **(Heb 9, 7)** e onde a alma goza dos secretos abraços do Rei e Esposo, quando, no dom total e no completo despojamento, ela lhe prepara o tálamo de seu repouso. Ali encontrarás propício o Senhor, liberal o Altíssimo, misericordioso o Criador, e amoroso o teu doce Esposo e Redentor. Não temerás o poder das trevas, nem os efeitos do pecado, ignorados naquela região de luz e verdade.

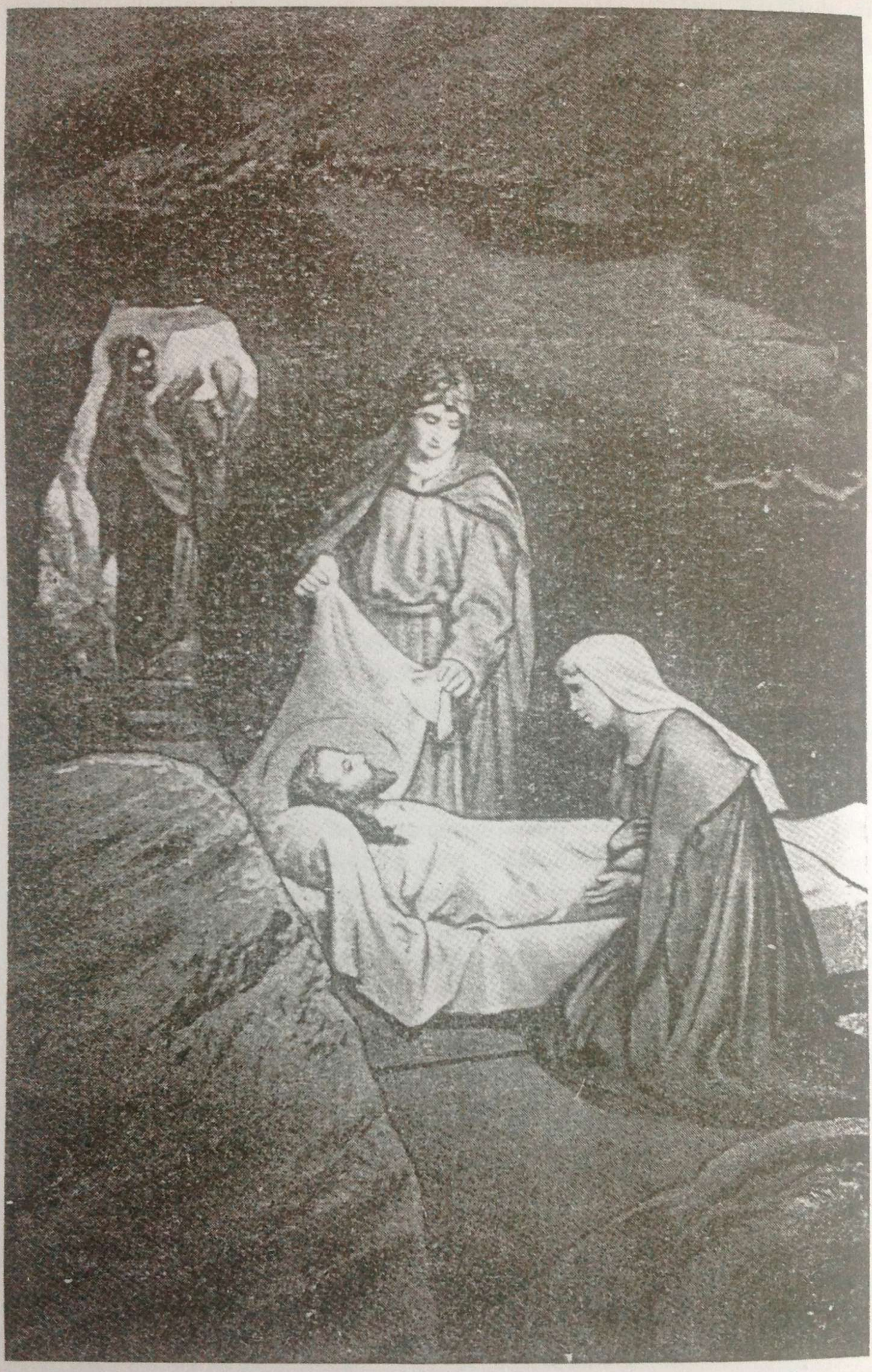
Estes caminhos, porém, são fechados pelo amor desordenado das coisas visíveis e pelos descuidos na obediência à divina lei; são embaraçados por qualquer apego e desordem das paixões; impede-os qualquer preocupação inútil, e ainda mais a inquietação e falta de serenidade e paz interior. Tudo na alma deve estar em solidão, na pureza e vazio do que não for verdade e luz.

Entrosamento entre ação e contemplação

1465. Já tens entendido e experimentado esta doutrina, e além disso, ela te foi mostrada, praticamente, como num claro espelho. Minha maneira de proceder nas dores, tristezas e aflições da paixão de meu Filho santíssimo: entre os cuidados ocupações e desvelo com que acudi aos apóstolos, ao enterro e às santas mulheres; nestas situações e em todo o resto de minha vida, viste como eu unia estes atos ao de meu espírito, sem que se chocassem ou atrapalhassem.

Para imitar-me neste modo de agir, é necessário não admitir no coração nenhum afeto ou atenção que te distraia desta união interior, seja no que for; nem o trato inevitável com as criaturas; nem as penalidades do desterro desta vida; nem as tentações e malícia do demônio. Advirto-te caríssima, que se não fores muito vigilante neste cuidado, perderás muito tempo, inutilizarás infinitos e extraordinárias graças.

Frustrarás os altíssimos e santos desígnios do Senhor, e contristarás a Mim e aos anjos, pois queremos que tua conversação seja conosco. Perderás a quietude do espírito, a consolação da alma, e muitos graus de graça e progresso no amor divino que desejas, e por fim, copiosíssima recompensa no céu. Tão importante é que me ouças e obedeças, no que te ensino com maternal benignidade. Reflete, minha filha, pondera e atende minhas palavras em teu interior, para as praticares, mediante minha intercessão e a divina graça. Adverte, também, a imitar-me no fiel amor com que recusei a consolação e alegria, para imitar a meu Senhor e Mestre. Louva-o por isto, e pelo favor que fez aos Santos do limbo, descendo sua alma santíssima ali, para resgatá-los e enchê-los de gozo com sua visão. Tudo foi benefício de seu infinito amor.



Sepultura de Jesus

CAPÍTULO 26

RESSURREIÇÃO DE CRISTO E APARIÇÃO À SUA MÃE SANTÍSSIMA, ACOMPANHADO PELOS SANTOS PAIS DO LIMBO.

O corpo de Cristo no sepulcro

1466. A alma santíssima de Cristo, nosso Salvador, permaneceu no limbo desde as três e meia da tarde de sexta-feira, até depois das três da manhã do domingo seguinte.

Nesta hora, voltou ao sepulcro, como príncipe vencedor, acompanhado pelos anjos e mais os santos que resgatou daqueles cárceres inferiores. Eram os despojos de sua vitória e prendas do seu glorioso triunfo, enquanto deixava punidos e derrotados seus rebeldes inimigos.

No sepulcro encontravam-se outros muitos anjos que o guardavam, venerando o sagrado corpo unido à divindade. Alguns deles, por ordem de sua Rainha e Senhora, tinham recolhido as relíquias do sangue derramado por seu Filho santíssimo, os pedaços de carne que as feridas desprenderam, os cabelos arrancados da cabeça e da barba e tudo mais pertencente ao adorno e perfeita integridade de sua humanidade santíssima. De tudo cuidou a Mãe da prudência e os anjos guardavam estas relíquias, cada qual feliz com a parte que recolhera.

Antes de qualquer coisa, foi mostrado aos santos Pais o corpo de seu Redentor, chagado, ferido e desfigurado, como o deixara a crueldade dos judeus. Adoraram-no todos os Patriarcas e Profetas, com os outros santos. Confessaram de novo que, realmente, o Verbo humanado tomou sobre Si nossas enfermidades e dores **(Is 53, 4)** e, sendo inocentíssimo, pagou com excesso nossa dívida, satisfazendo a justiça do eterno Pai pelo que nós deveríamos pagar.

Os primeiros pais Adão e Eva, viram o estrago produzido por sua desobediência, quanto custou sua reparação, a

imensa bondade e grande misericórdia do Redentor. Os Patriarcas e Profetas viram cumpridos seus vaticínios e suas esperanças nas promessas divinas. Experimentando na glória de suas almas o efeito da copiosa redenção, louvaram o Onipotente e Santo dos Santos que a realizara por modo tão maravilhoso de sua sabedoria.

Ressurreição e glória de Cristo

1467. Depois disto, à vista de todos aqueles santos, por ministério dos anjos foram restituídas ao sagrado corpo todas as partes e relíquias que tinham recolhido, deixando-o em sua natural integridade e perfeição. No mesmo instante, a alma santíssima do Senhor uniu-se ao corpo com glória e vida imortal. Em lugar do lençol e unções com que foi sepultado **(Jo 19, 40)**, vestiu-se dos quatro dotes da glória: claridade, impassibilidade, agilidade e subtileza.

Estes dotes no corpo deificado derivam-se da imensa glória da alma de Cristo nosso bem. Eram-lhe devidos, como por herança e natural participação, desde o instante de sua concepção. Desde este momento, sua alma santíssima foi glorificada e toda a sua humanidade inocentíssima estava unida à divindade.

Foram, porém, suspensos, para não refletirem no corpo e deixá-lo passível, a fim de merecer nossa glória, privando-se da de seu corpo, como em seu lugar fica dito[1]. Na ressurreição, estes dotes lhe foram restituídos por justiça, no grau e proporção correspondente à glória da alma e da sua união com a divindade.

Como a glória da alma santíssima de Cristo, nosso Senhor, é inefável para nossa curta compreensão, também é impossível explicar inteiramente, com palavras e comparações, a glória e dotes de seu corpo deificado. O cristal é obscuro perto de sua pureza. A luz que continha e irradiava excede à dos demais corpos gloriosos, como o dia à noite e mais do que mil sois à uma estrela. Se numa só criatura fosse reunida toda a beleza que existe, pareceria fealdade em sua comparação. Em toda a criação não existe semelhança para ela.

Ressurreição de outros justos

1468. A excelência destes dotes, na Ressurreição, excedeu muito à glória que tiveram na transfiguração e noutras ocasiões em que Jesus se transfigurou, como no decurso desta história dissemos[2]. Naquelas ocasiões, recebeu-a de passagem, em vista da finalidade para que se transfigurava. Agora, porém, a teve com plenitude e para gozá-la eternamente.

Pelo dote da **impassibilidade** ficou invulnerável a todo poder criado, pois nenhuma potência o podia alterar. Pela **subtileza**, a matéria grosseira e terrena ficou tão purificada que, sem resistência de outros corpos, podia penetrá-los como se fosse espírito incorpóreo. Assim transpôs a pedra do sepulcro, sem movê-la nem partí-la, o corpo que, por modo semelhante, saíra do virginal seio de sua Mãe puríssima. Pela **agilidade** ficou tão livre do peso da matéria que excedia à leveza dos anjos imateriais; por si mesmo podia, com maior rapidez do que eles, deslocar-se de um lugar para outro, como o fez nas aparições aos apóstolos e em outras ocasiões.

As sagradas chagas, que antes afeavam seu corpo santíssimo, permaneceram nos pés, mãos e lado, tão formosas e refulgentes que aumentavam sua graça e esplendor. Com toda esta beleza e glória, levantou-se do sepulcro nosso Salvador. Na presença dos Santos e Patriarcas, prometeu a toda a estirpe humana a ressurreição universal como efeito da sua e

1 - Acima nº 147.

2 - Acima nº 695, 851, 1099.

que, na mesma carne e corpo de cada um, os justos seriam glorificados.

Em penhor desta promessa e como reféns da ressurreição universal, o Redentor ordenou às almas de muitos Santos ali presentes, que se reunissem aos respectivos corpos e os ressuscitassem para a vida imortal. Instantaneamente executou-se o divino mandato, antecipadamente e ressuscitaram os corpos, refere São Mateus **(27, 52).**

Entre eles se encontravam Sant'-Ana, São José e são Joaquim, além de outros antigos Pais e Patriarcas que se distinguiram na fé e esperança da Encarnação e com maiores ânsias a desejaram e pediram ao Senhor. Em recompensa, foi-lhes adiantada a ressurreição e glória de seus corpos.

A ressurreição de Cristo reflete-se em Maria

1469. Oh! quão poderoso e admirável, quão vencedor e forte já se manifestava este leão de Judá, filho de Davi! Ninguém se levantou do sono com mais presteza, do que Cristo se libertou da morte **(Sl 3, 5)**. Ao império de sua voz, imediatamente se reuniram os ossos ressequidos e dispersos daqueles antigos defuntos. A carne, feita em pó, renovou-se e unindo-se aos ossos restaurou-lhes a existência, aperfeiçoando-a com os dotes da glória que da alma se comunicava ao corpo.

Num instante, encontraram-se aqueles santos ressuscitados na companhia de seu Redentor, mais claros e refulgentes que o sol, puros, formosos, translúcidos e rápidos para segui-lo em todo lugar. Com sua feliz sorte, garantiram-nos a esperança de que, em nossa própria carne, com nossos olhos, e não com outros, veremos o nosso Redentor, conforme profetizou Job **(19, 26)** para nosso consolo.

No cenáculo, a grande Rainha do céu tinha visão e conhecimento destes mistérios e neles participava. No mesmo instante em que a alma santíssima de Cristo entrou em seu corpo e lhe deu vida, correspondeu no da Mãe puríssima a comunicação do gozo que, como disse no capítulo passado[3], estava detido e como represado em sua alma, aguardando a ressurreição de seu Filho santíssimo.

Tão excelente foi este favor, que a deixou toda transformada de dor em gozo, de tristeza em alegria e de aflição em inefável júbilo e repouso.

Aconteceu, naquela ocasião, ir o evangelista São João visitá-la, como fizera no dia anterior[4], para a consolar em sua amarga soledade. Encontrou-a de repente, cheia de resplendor e sinais de glória, aquela que antes mal se conhecia pela tristeza. Admirou-se o santo apóstolo e tendo-a olhado com grande reverência, concluiu que o Senhor teria ressuscitado, pois a divina Mãe se renovara na alegria.

Preparação de Maria para a visita de Jesus

1470. Com este júbilo e tão divinos atos que a grande Senhora realizava na visão destes soberanos mistérios, começou a se preparar para a visita que estava muito próxima. Entre seus atos de louvores, cânticos e súplicas, sentiu outra alegria diferente da que já gozava: uma espécie de júbilo e conforto celestial que correspondia, por admirável modo, às dores e tribulações que sofrera na Paixão. Este favor era superior à natural redundância do gozo da alma ao corpo.

Depois destes admiráveis efeitos, recebeu um terceiro, de novo e divinos dons. Sentiu que lhe infundiam novo lume de qualidades que precedem à visão beatífica, em cuja explicação não me detenho, por já ter falado desta matéria na

3 - nº 1463. - 4 - Acima nº 1457.

primeira parte[5]. Aqui acrescento apenas que, nesta vez a Rainha recebeu estes favores com maior abundância e excelência que em outras ocasiões. Agora havia precedido a Paixão de seu Filho santíssimo e os méritos que a divina Mãe adquirira. Segundo a multidão de suas dores, correspondia a consolação que lhe comunicava seu Filho onipotente.

Maria recebe a visão de Cristo e da divindade

1471. Estando Maria santíssima assim preparada, entrou Cristo, nosso Salvador, ressuscitado e glorioso, acompanhado de todos os Santos e Patriarcas.

Prostrou-se em terra a sempre humilde Rainha e adorou seu Filho santíssimo. Jesus levantou-a e a aproximou a Si. A este contato, maior do que aquele que Madalena desejava ter com as chagas da humanidade de Cristo **(Jo 20, 17)**, recebeu a Virgem Mãe extraordinário favor que só Ela mereceu, por ser isenta de pecado. Embora não tenha sido o maior com que foi agraciada nesta ocasião, não teria podido recebê-lo, se não fosse confortada pelos anjos e pelo Senhor, a fim de que suas potências não desfalecessem.

Foi o seguinte: o corpo glorioso do Filho encerrou em Si o de sua Mãe puríssima, penetrando-se com Ela ou penetrando-o consigo; era como se um globo de cristal contivesse o sol, enchendo-se de seus esplendores e da beleza de sua luz.

Assim ficou o corpo de Maria santíssima unido ao de seu Filho por meio daquele diviníssimo contato. Este foi como a porta para entrar ao conhecimento da glória da alma e do corpo santíssimo do Senhor. Pelos degraus destes inefáveis dons, o espírito da grande Senhora foi se elevando ao conhecimento de ocultíssimos mistérios.

Ouviu uma voz que lhe dizia **(Lc 14, 10)**: Amiga, sobe mais alto.

Em virtude desta voz, ficou toda transformada e viu a Divindade, intuitiva e claramente, onde encontrou o repouso e a recompensa, ainda que de passagem, de todos seus sofrimentos e dores.

Aqui é forçoso silenciar. Absolutamente faltam palavras e talento para dizer o que se passou com Maria santíssima nesta visão beatífica, a mais sublime das que, até então, tinha recebido. Celebremos este dia com admiração e louvor, com amor e ações de graças, pelo que Ela nos mereceu. Felicitemo-la pela sua exaltação e alegria.

O sofrimento, medida do gozo

1472. A divina Princesa esteve algumas horas gozando do ser divino com seu Filho santíssimo, participando de sua glória como participara de seus tormentos. Em seguida, foi descendo da visão, pelas mesmas etapas pelas quais subira. Por fim, quedou reclinada sobre o braço esquerdo da humanidade santíssima, e por outro modo, agraciada pela destra de sua divindade **(Cânt 2, 6)**.

Teve afetuosíssimos colóquios com o Filho, sobre os altíssimos mistérios de sua Paixão e de sua glória. Nestas conferências, inebriou-se do vinho do amor que bebia, sem medida, em sua própria fonte.

Tudo quanto uma pura criatura pode receber, foi dado a Maria puríssima nesta ocasião. A nosso modo de entender, quis a equidade divina reparar o agravo - digo assim por não poder me explicar melhor - feito à uma criatura tão pura e sem a mancha do pecado, por haver padecido as dores e tormentos da Paixão que, como acima disse muitas vezes[6], eram os mesmos sofridos por Cristo, nosso Salvador. Neste mistério, o gozo correspondeu às penas que a divina Mãe sofrera.

5 - 1ª Parte, nº 623.

6 - nº 1236, 1264, 1274, 1278, 1341.

Diálogo da Virgem com os Santos e Anjos

1473. Depois do que fica dito, e sempre em altíssimo estado, dirigiu-se a grande Senhora aos santos Patriarcas e Justos que ali se encontravam. A todos reconheceu pessoalmente, e falou-lhes, alegrando-se e louvando ao Todo-poderoso pela liberal misericórdia com que os favorecera.

Por seus pais São Joaquim e Sant'Ana, por seu esposo José e pelo Batista, teve especial gozo e lhes falou em particular. Em seguida, com os Patriarcas, com os Profetas e os primeiros pais Adão e Eva. Todos juntos, prostraram-se ante a divina Senhora, reconhecendo-a por Mãe do Redentor do mundo, causa de sua salvação e coadjutora de sua redenção. Quiseram dar-lhe digno culto de veneração, dispondo-o assim a divina Sabedoria.

A Rainha das virtudes e Mestra da humildade, porém, antecipou-se e prostrada deu aos Santos a reverência que se lhes devia. Permitiu-o o Senhor porque, não obstante os Santos lhe serem inferiores na graça, eram superiores no estado de bem-aventurados. Já tinham recebido a glória inamissível e eterna, enquanto a Mãe da graça ainda se encontrava na vida mortal e peregrina, não tendo chegado ao estado de compreensora.

Na presença do Salvador, Maria santíssima continuou o diálogo com os Santos Pais e convidou-os, juntamente com todos anjos e santos que ali se encontravam, a louvarem o Triunfador da morte, do pecado e do inferno.

Cantaram-lhe novos cânticos, salmos e hinos de glória e exaltação, até chegar a hora em que o Salvador ressuscitado fez outras aparições, como direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A GRANDE SENHORA MARIA SANTÍSSIMA.

A bem-aventurança

1474. Minha filha, alegra-te pela impossibilidade de poder explicar, com palavras, o que interiormente conheces sobre os mistérios que escreveste. Para o Altíssimo é glória, e para a criatura triunfo, dar-se por vencida pela grandeza de mistérios tão soberanos como estes que, na vida mortal quase não se podem penetrar.

Eu senti as dores da paixão de meu Filho santíssimo e ainda que não perdi a vida, experimentei as dores da morte. A este gênero de morte correspondeu em Mim outra admirável e mística ressurreição, para mais elevado estado de graça e operações.

O ser de Deus é infinito, e ainda que a criatura dele participe muito, sempre fica mais para entender, amar e gozar. Para que agora, ajudada pela reflexão, possas perceber algo da glória de Cristo, meu Senhor, da minha e da dos Santos, discorrendo pelos dotes do corpo glorioso, quero que conheças a relação existente entre os dotes do corpo - **claridade, impassibilidade, subtileza, agilidade** - e os da alma **- visão, compreensão e fruição.**

Na terra construímos nossa glória do céu

1475. Estes dotes, crescem por qualquer ato meritório feito por quem está em graça, ainda que seja apenas mover uma palhinha ou dar um copo d'água **(Mt 10, 42)** por amor de Deus. Por qualquer destas insignificantes ações, a criatura adquire, para quando estiver na bem-aventurança, maior esplendor do que o de muitos sois.

Na **impassibilidade**, fica mais imune da corrupção humana e terrena, do

que poderiam conseguir as forças e diligências das criaturas, para afastar de si tudo quanto as pode prejudicar ou alterar.

Na **subtileza**, cresce o domínio sobre tudo quanto lhe possa resistir e adquire nova virtude sobre o que quiser penetrar.

No dote da **agilidade**, qualquer ato meritório confere maior capacidade de se movimentar do que possuem as aves, o vento e todas as criaturas ativas, como o fogo e demais elementos, quando atraídos ao seu centro natural. Pelo aumento que se merece nestes dotes corporais, entenderás o que recebem os dotes da alma, aos quais correspondem e dos quais derivam.

Qualquer mérito confere à **visão** beatífica maior claridade e conhecimento dos atributos e perfeições divinas, do que quanto alcançaram, nesta vida mortal, todos os doutores e sábios que a Igreja tem tido. Aumenta-se também o dote da **compreensão** ou posse do objeto divino. A posse e segurança com que abraça aquele sumo e infinito Bem, comunica ao justo nova segurança e descanso mais estimável do que se possuísse tudo quanto é precioso, rico, desejável e apetecível entre as criaturas, mesmo que tivesse tudo sem temor de o perder. Ao dote da **fruição**, o terceiro da alma, pelo amor com que o justo pratica aquele pequenino ato, se concede no céu, por recompensa, graus de amor fruitivo tão excelentes, que jamais poderiam ser medidos pelo maior afeto que os homens possam ter na vida ao que é visível. E, o gozo que dessa fruição resulta, não tem comparação com coisa alguma da vida mortal.

A glória dos Santos, de Cristo e de Maria

1476. Sobe, agora minha filha, em tua ponderação. Destes prêmios tão admiráveis, correspondentes a um ato realizado por amor de Deus, considera qual será a recompensa dos Santos que, por amor d'Ele fizeram tão heróicas e magní-ficas obras, e padeceram tormentos e mar-tírios tão cruéis, como se conhece na santa Igreja. Se isto sucede aos santos, puros homens, sujeitos a culpas e imperfeições que retardam o mérito, considera, com a máxima compreensão que puderes, qual será a glória de meu Filho Santíssimo. Sentirás quão limitada é a capacidade humana, ainda mais na vida mortal, para dignamente compreender este mistério e fazer adequado conceito de tão imensa grandeza.

A alma santíssima de meu Senhor estava unida substancialmente à divindade em sua divina pessoa. Pela união hipostática, era conseqüente que lhe fosse comunicado o infinito oceano da própria divindade, beatificando-a com o mesmo ser de Deus, por inefável modo. Esta glória que gozou, desde o momento de sua concepção em meu seio, não lhe foi dada por mérito, mas era conseqüência da união hipostática.

A glória de seu corpo puríssimo, porém, meu Filho a mereceu por tudo o que fez durante os trinta e três anos de sua vida mortal: nascendo em pobreza, vivendo em trabalhos, amando como viador, praticando todas as virtudes, pregando, ensinando, sofrendo, merecendo, redimindo a linhagem humana, fundando a Igreja e tudo o mais que a fé católica ensina. Esta glória de seu corpo corresponde à de sua alma, e tudo é inefável, de imensa grandeza e está reservado para se manifestar na vida eterna. Na devida proporção, e na correspondência com meu Filho e Senhor, o poder do Altíssimo operou em meu ser de pura criatura, magníficas obras e com isso esqueci logo os sofrimentos e dores da Paixão. O mesmo aconteceu aos Pais do limbo e acontece com os demais santos, quando recebem a recompensa na glória. Esqueci a amargura e tribulação que sofri, porque o sumo gozo desfez a pena. Nunca, porém, perdi de vista o que meu Filho padeceu pelo gênero humano.

CAPÍTULO 27

ALGUMAS APARIÇÕES DE CRISTO RESSUSCITADO ÀS MARIAS E AOS APÓSTOLOS. ATITUDE DE MARIA SANTÍSSIMA.

Aparição às mulheres

1477. Depois que nosso Salvador, glorioso e ressuscitado, visitou e encheu de glória sua Mãe santíssima, como amoroso pai e pastor foi reunir as ovelhas de seu rebanho que o escândalo da Paixão havia dispersado. Sempre o acompanhavam os santos Pais e demais justos que libertara do limbo e do purgatório, embora não fossem visíveis. Somente nossa grande Rainha os viu, conheceu e com eles falou, até a Ascensão de seu Filho santíssimo.

Quando Jesus não aparecia a outros, estava sempre com sua querida Mãe no Cenáculo, de onde a divina Senhora não saiu durante aqueles quarenta dias contínuos. Ali gozava da visão do Redentor do mundo e do seu séquito de Profetas e Santos.

Para se manifestar aos apóstolos, Jesus começou pelas mulheres, não por serem mais fracas, e sim mais fortes na fé e esperança de sua Ressurreição, pelo que mereceram ser as primeiras na graça de o ver ressuscitado.

As mulheres vão ao sepulcro

1478. O evangelista São Marcos **(Mc 16, 1)** anotou a atenção com que Maria Madalena e Maria José observaram onde o corpo de Jesus ficara sepultado. Com esta advertência, no sábado à tarde saíram do cenáculo com outras santas mulheres, para irem à cidade comprar mais ungüentos aromáticos. No dia seguinte, de madrugada, voltariam ao sepulcro para visitar, adorar e completar as unções do sagrado corpo de seu Mestre.

No domingo, madrugaram para cumprir seu piedoso propósito, ignorando que o sepulcro estava selado e vigiado por ordem de Pilatos **(Mt 32, 65)**. No caminho, objetavam apenas a dificuldade de encontrar alguém para lhes arredar a grande pedra do sepulcro que o fechava, conforme tinham visto. O amor, porém, animava-as a vencer este obstáculo, embora sem saber de que modo.

Saíram do cenáculo ainda noite, mas ao chegar ao sepulcro já amanhecera e despontara o sol, porque aquele dia adiantou as três horas que se escureceram na morte do Salvador. Graças a este milagre, concordam as versões dos evangelistas São Marcos **(16, 2)** e São João **(20, 1)**: um diz que as Marias vieram ao sepulcro ainda nas trevas, e o outro que já nascera o sol. Tudo é verdade: saíram muito cedo, antes do amanhecer, e nascendo o sol muito antes da hora normal, alcançou-as quando chegavam ao sepulcro, embora não tivessem parado no caminho.

Era o monumento uma pequena abóbada ou gruta, cuja porta se fechava com uma grande lousa. Dentro havia, a um lado, o sepulcro, um pouco elevado do solo, onde colocaram o corpo de nosso Salvador.

O terremoto e os anjos do sepulcro

1479. Pouco antes das Marias chegarem, para verificar a dificuldade que vinham discutindo de remover a pedra, deu-se um forte tremor de terra. Ao mesmo tempo um anjo do Senhor abriu o sepulcro e afastou a pedra **(Mt 28, 2)** que lhe tapava a entrada.

Com este grande estrondo e movimento da pedra, os guardas do monumento caíram desmaiados pelo susto. Ficaram como mortos **(Idem 4)**. Não viram o Senhor, nem ali já se encontrava seu corpo, porque já havia ressuscitado e saído do sepulcro, antes que o anjo tirasse a pedra.

Ainda que assustadas, as Marias não perderam a coragem e fortalecidas por Deus, chegaram e entraram no sepulcro. Perto da porta viram o anjo que revolveu a pedra, sentado sobre ela **(Mc 16, 5)**. Seu rosto era refulgente, as vestes brancas como neve **(Mt 28, 3)**, e lhes disse: Não tenhais medo; sei que procurais Jesus Nazareno. Não está aqui, ressuscitou. Entrai e vede o lugar onde o puseram.

As Marias entraram e viram o sepulcro vazio. Ficaram muito tristes, porque estavam mais preocupadas com o pensamento de ver o corpo, do que em acreditar no anjo. Logo viram outros dois sentados de um e outro lado do sepulcro, os quais lhes disseram **(Lc 24, 4-5)**: Por que procurais entre os mortos quem está vivo e ressuscitado? Lembrai-vos que Ele mesmo vos disse na Galiléia que ressuscitaria ao terceiro dia. Ide logo, dizei aos discípulos e a Pedro que vão à Galiléia onde o verão **(Mc 16, 7)**.

Os judeus e a Ressurreição

1480. A esta advertência dos anjos, as Marias se lembraram do que o divino Mestre havia dito. Certas de sua Ressurreição, voltaram a toda pressa e narraram tudo aos onze discípulos e aos outros seguidores do Senhor, mas muitos deles julgaram que elas deliravam **(Lc 24, 11)**. Assim vacilantes estavam na fé e esquecidos das palavras de seu Mestre e Redentor.

No ínterim em que as Marias, cheias de gozo e deslumbramento contavam aos Apóstolos o que tinham visto, os guardas do sepulcro recobraram os sentidos. Vendo-o aberto e sem o corpo defunto, foram dar conta do sucesso aos príncipes dos sacerdotes **(Mt 28, 11-14)**. Confusos, estes se reuniram para decidir o que poderiam fazer, a fim de falsear o prodígio tão evidente que não podiam esconder.

Lembraram-se de oferecer aos guardas muito dinheiro. Subornados, os guardas deviam dizer que, estando eles dormindo, os discípulos de Jesus tinham vindo e roubado o corpo do sepulcro. Os sacerdotes garantiram aos guardas, safá-los das complicações que esta mentira poderia lhes acarretar, e eles a publicaram entre os judeus.

Muitos foram tão estultos, que lhes deram crédito. Outros, ainda mais cegos e obstinados, o dão até agora, crendo no testemunho dos que confessaram estar dormindo quando viram o furto.

Pedro e João correm ao sepulcro

1481. Embora os discípulos e apóstolos não tivessem acreditado nas Marias, São Pedro e São João quiseram cer-

tificar-se com os próprios olhos e partiram a toda pressa para o monumento **(Jo 20, 3)**. Atrás deles, para lá voltaram também as Marias. São João chegou primeiro, mas não entrou. Da porta viu os sudários postos à parte **(Idem, 5)** e esperou que São Pedro chegasse. Este entrou primeiro, São João atrás e verificaram que o corpo não estava no sepulcro **(Idem, 8)**.

São João diz que então acreditou e teve certeza do que começara a crer quando vira a transformação da Rainha do céu, como fica dito no capítulo passado[1]. Voltaram os dois apóstolos, para contar aos outros o que, admirados, tinham visto no sepulcro.

As Marias lá permaneceram, fora do monumento, comentando com admiração tudo o que estava acontecendo. A Madalena, mais ardente e chorosa, tornou a entrar para examinar o sepulcro. Ainda que os apóstolos não viram os anjos, viu-os Madalena, a quem perguntaram **(Jo 20, 13)**: Mulher, por que choras? Respondeu ela: Porque levaram meu Senhor e não sei onde o puseram.

Com esta resposta, saiu para o horto onde se encontrava o sepulcro. O Senhor lhe apareceu, mas não o tendo reconhecido, ela julgou que fosse o hortelão. O Salvador também lhe perguntou **(Idem, 15)**: Mulher, porque choras? A quem procuras? Não o reconhecendo, Madalena sem atender a mais nada além do seu amor, respondeu como se falasse ao hortelão: Senhor, se o tirastes, dizei-me onde o pusestes que eu irei buscá-lo. Então, replicou o amoroso Mestre: Maria! deixando-se conhecer pela voz.

Aparição de Jesus à Madalena

1482. Quando Madalena conheceu que era Jesus, inflamou-se toda em amor e gozo, dizendo: Meu Mestre - e atirando-se a seus divinos pés quis abraçá-los e beijá-los como acostumada a este obséquio. O Senhor, porém, deteve-a dizendo-lhe: Não me toques, porque ainda não subi a meu Pai para onde irei. Volta e diz a meus irmãos que vou para meu Pai e vosso Pai.

Imediatamente partiu Madalena,

cheia de consolação e júbilo, e a pouca distância alcançou as outras Marias. Acabando de lhes referir como tinha visto Jesus ressuscitado e estando maravilhadas e emocionadas pela alegria, Ele apareceu a todas juntas, saudando-as: Deus vos salve! - Reconhecendo-o, diz o evangelista São Mateus **(28, 9)** - abraçaram seus sagrados pés e o adoraram.

O Senhor mandou-lhes novamente participar aos apóstolos o que elas tinham visto e lhes dissessem fossem à Galiléia

1 - nº 1469.

onde o veriam ressuscitado. Desapareceu o Senhor, e as Marias, apressando o passo, voltaram ao Cenáculo. Contaram aos apóstolos tudo o que a elas sucedera, mas eles continuavam duvidosos **(Lc 24, 11)**. Foram então comunicar a notícia à Rainha do céu.

Como se nada soubesse, ouviu-as com admirável carinho e prudência, ainda que estava a par de tudo, através de sua visão intelectual. Aproveitando a oportunidade do que diziam, confirmou-as na fé dos mistérios da Encarnação, Redenção e das Escrituras que deles tratavam. Não falou, porém, do que a Ela pessoalmente se referia, embora tenha sido a Mestra das fiéis e devotas discípulas, assim como o Senhor o foi dos apóstolos, para restituí-los à fé.

Aparição a São Pedro e aos discípulos de Emaús

1483. Os Evangelistas não explicam quando o Senhor apareceu a São Pedro. São Lucas **(24, 34)** faz uma referência, de passagem, mas foi depois de ter aparecido às Marias. Ao chefe da Igreja, Jesus apareceu, em particular, e antes do que a qualquer outro apóstolo. Foi no mesmo dia, depois que as Marias contaram que o tinham visto.

Em seguida, sucedeu a aparição que São Lucas narra longamente **(24, 34)**, aos dois discípulos que, naquela tarde, iam de Jerusalém para Emaús. Distava da cidade sessenta estádios,[1] equivalente a quatro milhas usadas na Palestina e quase duas léguas usadas na Espanha.

Um deles chamava-se Cléofas e o outro era o próprio São Lucas, e aconteceu assim: Depois de ouvir o que as Marias contaram, os dois discípulos saíram de Jerusalém. No caminho, continuaram a conversar sobre o sucesso da Paixão, comentando a santidade do Mestre e a crueldade dos judeus. Admiravam-se de que o Todo-poderoso houvesse permitido sofrer tais opróbrios e torturas um homem tão santo e inocente.

Um dizia: Quando foi vista tal suavidade e doçura? Acrescentava o outro: Quem jamais viu tal paciência sem uma queixa, e sem alterar a serena majestade do semblante? Sua doutrina era santa, sua vida ilibada, suas palavras de vida eterna, suas obras para o bem de todos. Então, que viram n'Ele os sacerdotes para lhe cobrarem tanto ódio?

Respondia o outro: Verdadeiramente, foi admirável em tudo. Ninguém pode negar que era grande profeta; fez muitos milagres, deu vista a cegos, curou enfermos, ressuscitou mortos, e a todos fez admiráveis benefícios. No entanto, disse que ressuscitaria ao terceiro dia depois de sua morte, que é hoje, mas não o vemos cumprido. - Replicou o outro: Também disse que o haveriam de crucificar **(Mt 20, 19)** e se cumpriu como disse.

Aparição de Jesus

1484. Enquanto assim conversavam, apareceu Jesus na figura de um viajante que a eles se ajuntou, e depois de os cumprimentar, perguntou-lhes **(Lc 24, de 16 em diante)**: Do que falais, assim entristecidos? - Respondeu Cléofas: Só tu és estrangeiro em Jerusalém para não saber o que lá aconteceu nestes dias? - Disse o Senhor: Pois, o que foi? - Replicou o discípulo: Não sabes o que os príncipes e sacerdotes fizeram com Jesus Nazareno, homem santo e poderoso em palavras e obras, e como o condenaram e crucificaram? Nós tínhamos esperança de que libertaria Israel ressuscitando dos mortos, mas já está a terminar o terceiro dia de sua

1 - 60 estádios equivalem a 12 quilômetros (N.T.).

morte e não sabemos o que aconteceu. Algumas mulheres dos nossos nos amedrontaram. Foram bem cedo, ao sepulcro, não encontraram o corpo e afirmaram ter visto anjos que lhes disseram que já havia ressuscitado. Alguns de nossos companheiros foram imediatamente ao sepulcro e viram que era verdade o que as mulheres contaram. Quanto a nós vamos para Emaús e esperar aí o resultado destas novidades.

Respondeu-lhes o Senhor: Na verdade, sois estultos e tardos de coração. Não entendeis que convinha o Cristo padecer todas essas penas e morte afrontosa para entrar em sua glória?

Jesus explica as Escrituras

1485. Prosseguindo, o divino Mestre lhes explicou os mistérios de sua vida e morte para a redenção humana. Começou pela figura do cordeiro que Moisés mandou sacrificar comer e com seu sangue marcar os umbrais das portas **(Ex 12, 7)**; ensinou o que simbolizava a morte do sumo sacerdote Aarão **(Nm 20, 29)**, a morte de Sansão **(Juiz 16, 30)** pelos amores de sua esposa Dalila, e muitos salmos de David **(Sl 21, 17-19; 15, 10)** nos quais profetizou a conjuração, a morte, o sorteio de suas vestes, e que seu corpo não sofreria corrupção.

Continuou com o que disse a Sabedoria **(Sb 2, 20)**, e mais claramente Isaias **(53, 2)** e Jeremias **(11, 19)** sobre sua paixão: que pareceria um leproso desfigurado, homem de dores; que seria levado ao matadouro como ovelha, sem abrir a boca. Zacarias **(13, 6)**, que o viu transpassado de muitas feridas, e outras passagens dos Profetas nas quais, claramente, são anunciados os mistérios de sua vida e morte. Com a eficácia deste raciocínio, os discípulos foram, aos poucos, recuperando o calor da caridade e a luz da fé que se lhes havia eclipsado.

Quando já se aproximava de Emaús, o divino Mestre deu a entender que prosseguia viagem. Eles, porém, insistiram que ficasse, pois já era tarde. Aceitou o Senhor, e convidado pelos discípulos, reclinaram-se para cear juntos, conforme o costume dos judeus. O Senhor tomou o pão, e como também costumava, abençoou-o, partiu-o e com o pão bento lhes deu o conhecimento infalível de que era seu Redentor e Mestre.

Incredulidade de Tomé

1486. Reconheceram-no porque lhes abriu os olhos da alma, mas nesse momento desapareceu aos do corpo e não o viram mais. Encantados e cheios de gozo, começaram a comentar o fogo da caridade que sentiam no caminho, quando o Mestre lhes explicava as escrituras.

Sem mais demora voltaram a Jerusalém **(Lc 24, 33)**, já de noite. Entraram na casa onde os outros apóstolos se haviam reunido por medo dos judeus, e os encontraram falando sobre as notícias da ressurreição do Salvador, e como já aparecera a São Pedro. Os dois discípulos acrescentaram a narração de quanto lhes sucedera no caminho, e de como O tinham reconhecido ao partir o pão, em Emaús.

Tomé estava presente. Apesar de ouvir os dois discípulos e mais São Pedro que confirmava o que diziam, assegurando que também ele vira o Mestre ressuscitado, Tomé permaneceu em sua teimosa dúvida, sem dar crédito ao testemunho de três discípulos, fora as mulheres.

Com certo despeito, fruto de sua incredulidade, saiu deixando a companhia dos outros. Daí a pouco, estando fechadas

as portas, o Senhor entrou e apareceu a todos. Estando no meio deles, disse: A paz esteja convosco. Sou Eu, não tenhais medo **(Lc 24, 36).**

Jesus aparece aos discípulos reunidos

1487. Este repentino aparecimento perturbou os apóstolos, com medo de estarem vendo um espírito ou fantasma. Disse-lhes o Senhor: Por que vos perturbais e por que acolheis esses estranhos pensamentos? Olhai meus pés e minhas mãos, sou Eu, vosso Mestre. Apalpai meu verdadeiro corpo e vede que os espíritos não têm carne e ossos como vedes que Eu tenho.

Tão espantados e confusos estavam os apóstolos que, vendo e tocando as mãos chagadas do Salvador, ainda não acabavam de crer que era a Ele que falavam e tocavam.

Para lhes dar maior prova, disse o Mestre amorosíssimo: Se tiverdes, dai-me algo para comer. Fora de si pela alegria, deram-lhe um pedaço de peixe assado e de um favo de mel. Comeu uma parte e repartiu a sobra entre eles, dizendo: Não sabeis que tudo o que se passou Comigo estava escrito em Moisés, nos Profetas, nos Salmos e sagradas Escrituras, e que tudo se devia cumprir, assim como estava profetizado?

Com estas palavras lhes abriu o entendimento e compreenderam que falava de sua Paixão, Morte e Ressurreição ao terceiro dia. Tendo-os assim instruído, acrescentou **(Jo 20, 21)**: "A paz esteja convosco. Como o Pai me enviou, assim Eu vos envio para ensinardes ao mundo a verdade, o conhecimento de Deus e da vida eterna, pregando a penitência dos pecados e a remissão deles em meu nome".

Em seguida, soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo; os pecados que perdoardes serão perdoados e os que não perdoardes não o serão. Pregai a todos os povos, começando por Jerusalém **(Jo 20,22)**". Com isto desapareceu o Senhor, deixando-os consolados, confirmados na fé e com poder de perdoar os pecados, poder que se vai transmitindo a todos os demais sacerdotes.

Tomé vê o Senhor e acredita

1488. Tudo isto aconteceu na ausência de São Tomé. Dispôs o Senhor que logo voltasse ao grupo de que tinha se afastado, e os apóstolos lhes contaram tudo o que se passara estando ele ausente. Apesar de os ver transformados de gozo, continuou incrédulo e obstinado, afirmando que não dava crédito ao que todos lhe afirmavam, se com seus olhos não visse as chagas, e se com a mão não tocasse a ferida do lado e as demais **(Jo 20, 25)**. Nesta pertinácia continuou o incrédulo São Tomé por oito dias até que o Senhor voltou e, estando as portas fechadas, apareceu no meio dos apóstolos entre os quais se encontrava o incrédulo.

Saudou-os como costumava, dizendo: A paz esteja convosco. Em seguida, chamou Tomé e o repreendeu com amorosa suavidade: Aproximai-vos, Tomé. Com vossas mãos tocai as chagas das minhas e a do meu lado, e não sejais tão incrédulo, mas submisso e fiel.

Tomé tocou as divinas chagas e foi, interiormente, iluminado para crer e também para reconhecer sua ignorância. Prostrando-se em terra, exclamou: Meu Se-nhor e meu Deus! Replicou Jesus: Porque me viste, Tomé, acreditaste. Bem-aventurados os que, sem me verem, hão de acreditar. Desapareceu o Senhor, ficando Tomé e os apóstolos cheios de luz e de alegria. Logo foram contar a Maria

santíssima tudo o que lhes havia acontecido, conforme faziam desde a primeira apa-rição.

Maria, os apóstolos e São Tomé

1489. Os apóstolos ainda não conheciam a grande sabedoria da Rainha do céu, muito menos, a notícia que tinha de tudo o que a eles acontecia, e dos atos de seu Filho santíssimo. Por isto, contavam-lhe tudo o que ia sucedendo e Ela os ouvia com suma prudência e mansidão de Mãe e Rainha.

Depois da primeira aparição, contaram-lhe alguns dos apóstolos a obstinação de Tomé; que não queria dar crédito ao testemunho de todos que tinham visto o Mestre ressuscitado; que durante aqueles oito dias em que permanecia em sua incredulidade alguns dos apóstolos se irritaram contra ele. Iam à grande Senhora e o acusavam de teimoso, agarrado as próprias idéias, homem grosseiro e bronco.

A piedosa Princesa ouvia-os com serenidade, e vendo que crescia o desgosto dos apóstolos, ainda imperfeitos, falou aos mais contrariados e os acalmou. Disse-lhes que os juízos do Senhor eram impenetráveis e que da incredulidade de Tomé, tiraria grandes bens para outros e glória para Si; que esperassem e não se perturbassem tão depressa.

Fez a divina Senhora fervorosíssima oração por Tomé, e por causa dela o Senhor apressou o remédio do incrédulo apóstolo. Logo que ele se convenceu, os outros foram participar à sua Mestra e Senhora que os confirmou na fé, admoestando-os e corrigindo-os. Ordenou-lhes que, com Ela, agradecessem ao Altíssimo por aquele favor, e que nas tentações mostrassem firmeza, pois todos estavam sujeitos ao perigo de cair. Com suavidade, disse-lhes muitas outras palavras de instrução, advertência, correção e doutrina, preparando-os para o que lhes restava trabalhar em a nova Igreja.

Aparição no mar de Tiberíades

1490. Outras aparições e sinais foram realizados por nosso Salvador, como supõe o evangelista São João **(20, 30)**. Foram escritas apenas as suficientes para a fé em sua Ressurreição.

Não obstante esta declaração, o mesmo Evangelista **(21, 1)** logo passa a narrar a aparição de Jesus, às margens do mar de Tiberíades, a São Pedro, Tomé, Natanael, aos filhos de Zebedeu e mais dois discípulos. Por ser tão misteriosa, eu não a quis omitir neste capítulo.

Depois do que aconteceu em Jerusalém, os apóstolos foram para a Galiléia, conforme o Senhor lhes ordenara, prometendo que ali o viriam. Encontrando-se sete, apóstolos e discípulos, perto daquele mar, disse-lhes São Pedro que, para ter com o que passar, iria pescar, o que sabia fazer por ofício. Os outros o acompanharam e passaram a noite lançando as redes, mas sem apanhar um só peixe.

Pela manhã, apareceu Jesus na praia, sem se dar a conhecer. A barca em que pescavam se aproximava, e o Senhor perguntou-lhes: Tendes alguma coisa para comer? Responderam eles: Nada. Replicou o Senhor: Lançai a rede para a direita da barca e encontrareis. Assim o fizeram, e a rede encheu-se de peixes, de tal modo, que não a conseguiam recolher.

Este milagre fez São João reconhecer Cristo nosso Senhor. Chegando-se a Pedro, disse: É o Senhor quem nos fala da margem. São Pedro, a esta palavra, também o reconheceu, e inflamado em seus costumeiros fervores, vestiu de-

pressa a túnica, pois estava sem ela, e se lançou ao mar andando sobre as águas, até onde se encontrava o Mestre da vida, enquanto os outros foram se aproximando na barca.

O primado de Pedro

1491. Saltaram em terra e viram que o Salvador já lhes preparara a refeição. Havia fogo e sobre as brasas um pão e um peixe. Jesus, porém, mandou-lhes que trouxessem dos que haviam pescado. Foi São Pedro e contou cento e cinquenta e três peixes. E, apesar de serem tantos não se rasgou a rede. Mandou-lhes o Senhor que comessem. Ainda que o Senhor se mostrava tão íntimo e afável, nenhum deles se atrevia a lhe perguntar quem era, pois o milagre e a majestade de sua presença lhes infundia grande temor reverencial.

Jesus repartiu entre eles o pão e os peixes, e quando acabaram de comer, dirigiu-se a São Pedro perguntando-lhe: Simão, filho de João, amas-me mais que estes? Respondeu São Pedro: Sim, Senhor, Tu sabes que te amo. Replicou o Senhor: Apascenta meus cordeiros. Perguntou-lhe outra vez: Simão, filho de João, amas-me? São Pedro tornou a responder: Senhor, tu sabes que te amo. Pela terceira vez, Jesus perguntou: Simão, filho de João, amas-me? Nesta terceira vez São Pedro se entristeceu e respondeu: Senhor, tu sabes todas as coisas, e sabes que te amo.

Respondeu-lhe Cristo nosso Senhor: apascenta minhas ovelhas. Por este diálogo, constituiu São Pedro cabeça e chefe de sua Igreja única e universal, dando-lhe a suprema autoridade de vigário seu sobre todos os homens. Para isto o examinou tantas vezes no amor, como se este amor fosse a condição única para torná-lo capaz da suprema dignidade, e só ele lhe bastara para dignamente desempenhá-la.

Maria em retiro

1492. Prosseguindo, o Senhor impôs a Pedro o peso do ofício que lhe dava, dizendo-lhe **(Jo 21, 18):** Em verdade te asseguro que, quando fores velho, não te cingirás como quando moço, nem irás onde quiseres, porque outro te cingirá e te levará onde não quiseres. - Entendeu São Pedro que o Senhor o prevenia da morte de cruz, com que o seguiria e imitaria.

Como amava tanto São João, desejava saber o que seria dele, e perguntou ao Senhor: Que determinas fazer deste que amas tanto? Respondeu-lhe Jesus: Que te importa sabê-lo? Se quero que ele fique assim até eu voltar ao mundo, isto é comigo. Tu, segue-me e não te preocupes com o que Eu quero fazer dele. Por causa destas palavras, nasceu entre os apóstolos o boato de que São João não morreria, mas o mesmo Evangelista adverte que Cristo tal não afirmou, como consta de suas palavras. Parece que ocultou, intencionalmente, o gênero de morte do Evangelista, reservando para Si o segredo.

De todos estes mistérios e aparições, recebeu Maria clara inteligência, mediante a visão de que muitas vezes tenho falado. Arquivo das obras do Senhor e depositária de seus mistérios na Igreja, guardava-os para meditá-los em seu prudente e castíssimo coração. Os apóstolos, em particular seu novo filho São João, sempre a informavam de quanto ia sucedendo. A grande Senhora continuava em seu retiro contínuo durante os quarenta dias depois da Ressurreição. Ali gozava da visão de seu Filho santíssimo, dos santos e dos anjos. Estes cantavam ao Senhor os hinos e louvores que a amorosa

Mãe compunha. De seus lábios, os anjos os colhiam para celebrar as glórias do Senhor das virtudes e das vitórias.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA MARIA SANTÍSSIMA.

Disposições espirituais para o convívio com Deus

1493. Minha filha, o ensinamento que te dou neste capítulo, será também a resposta ao desejo que tens de entender, por que meu Filho santíssimo apareceu, uma vez como viajante, outra como jardineiro, e por que não se dava a conhecer sempre à primeira vista.

Adverte, pois caríssima: as Marias e os Apóstolos eram discípulos do Senhor, e naquela época, comparados aos outros homens, os melhores e mais perfeitos. Apesar disso, no grau da perfeição e santidade, eram principiantes e menos adiantados do que deveriam ser na escola de tal Mestre. Deste modo, eram fracos na fé, e noutras virtudes menos constantes e fervorosos do que exigia sua vocação e os benefícios recebidos da mão do Senhor.

As menores faltas das almas favorecidas e escolhidas para a amizade e familiar convívio com Deus, pesam mais, aos olhos de sua justíssima equidade, que algumas culpas graves de outras almas não chamadas a esta graça. Por estes motivos, ainda que os Apóstolos e as Marias eram amigos do Senhor, não estavam preparados, por causa de suas faltas, fraqueza, tibieza e frouxidão no amor, para que o divino Mestre logo lhes comunicasse os efeitos celestiais de seu co-nhecimento e presença. Com paternal amor, falava-lhes antes palavras de vida, com as quais os preparava, esclarecendo-os e excitando-lhes o fervor.

Quando a fé e o amor se renovava em seus corações, então se dava a conhecer, e lhes comunicava a abundância de sua divindade e outros admiráveis dons e graças que os renovavam e elevavam acima de si mesmos. E, quando começavam a gozar destes favores, desaparecia, para que o desejassem de novo com mais ardentes anseios de sua deliciosa comunicação e trato. Este foi o mistério de aparecer disfarçado à Madalena, e aos discípulos no caminho para Emaús. Semelhante modo emprega com muitas almas que escolhe para seu íntimo trato e comunicação.

A imensa benignidade divina

1494. Conhecendo esta ordem admirável da Divina Providência, ficarás instruída e repreendida das dúvidas ou incredulidades em que tantas vezes incorreste, a respeito dos benefícios e favores que recebes da divina clemência de meu Filho santíssimo. Já é tempo de moderar os temores que sempre te assaltam, não aconteça passares de humilde a ingrata, de duvidosa a pertinaz e tarda de coração para lhes dar crédito.

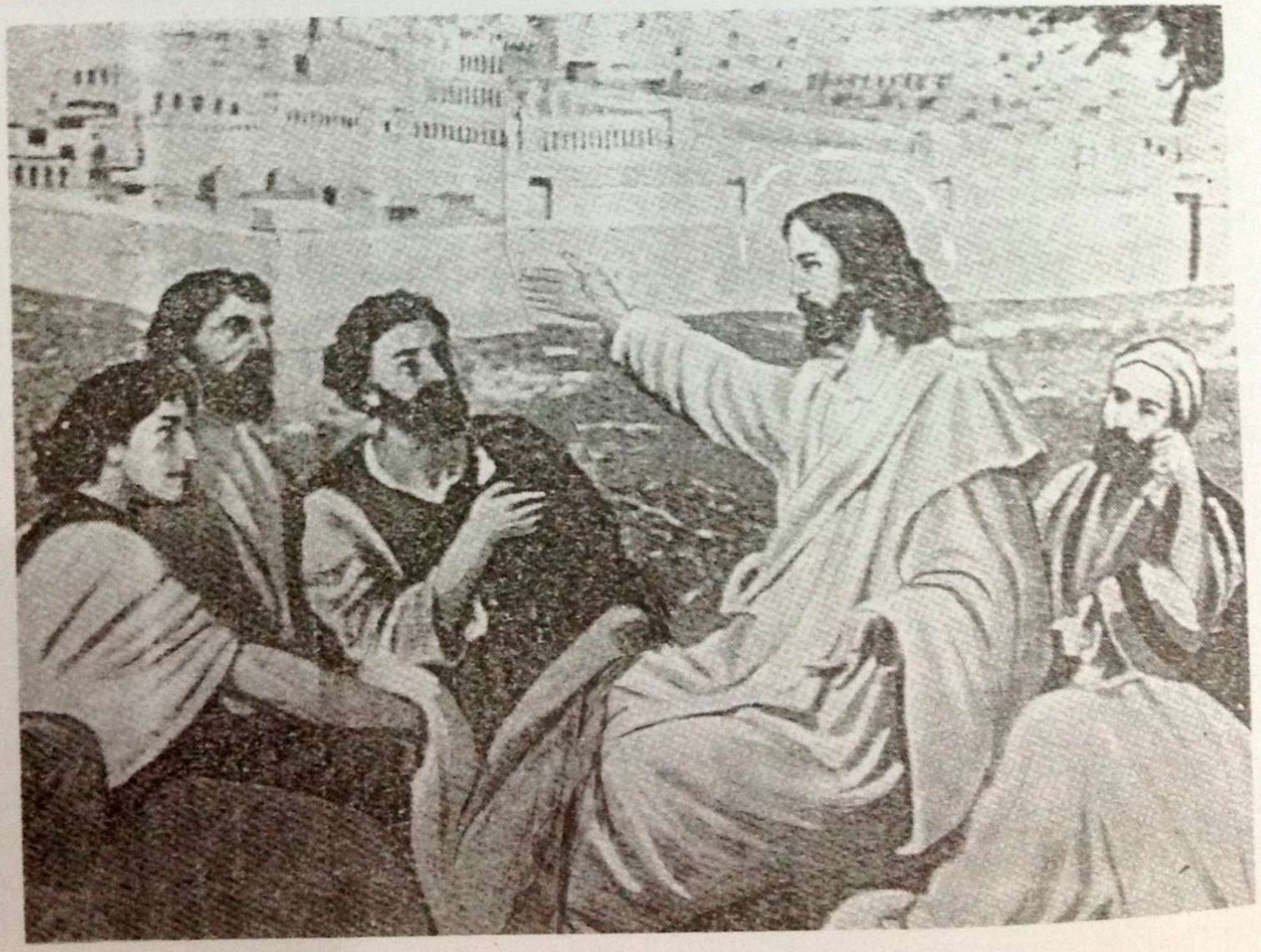
Servir-te-á também de doutrina, ponderar dignamente a prontidão da imensa caridade do Altíssimo, em responder logo aos humildes e contritos de coração **(Sl 33, 19)**; em assistir imediatamente aos que o desejam e procuram com amor **(Sab 6, 13)**; e aos que meditam e falam de sua paixão e morte.

Tudo isto entenderás pelo exemplo de Pedro, da Madalena e dos discípulos. Imita, pois, minha filha, o fervor da Madalena em procurar seu Mestre, sem deter-se com os próprios anjos, sem afastar-se do sepulcro com os outros, sem descansar um momento, até que o encontrou amoroso e suave. Ela mereceu isto, tam-

bém por me ter acompanhado em toda a Paixão, com ardentíssimo coração. O mesmo fizeram as outras Marias e por isto mereceram ser as primeiras no gozo da Ressurreição. Depois delas, foi a humildade e dor com que São Pedro chorou sua negação **(Mt 26, 75).** Inclinou-se o Senhor a consolá-lo; mandou-lhe especialmente as Marias para lhe anunciarem a Ressurreição **(Mc 16, 7),** e logo o visitou, confirmou na fé e o encheu de gozo e dons de sua graça.

Aos dois discípulos de Emaús, ainda que duvidavam, apareceu antes que aos outros, porque falavam sobre sua morte e se compadeciam dela. Asseguro-te, minha filha, que nenhum ato praticado pelos homens, com amor e reta intenção, fica sem grande recompensa paga à vista. Nem o fogo, em sua grande atividade, acende tão depressa e estopa bem disposta; nem a pedra, tirando-lhe o entrave, cai tão rapidamente ao seu centro; nem o mar, corre com tanto ímpeto, como a bondade do Altíssimo e sua graça se comunicam às almas, quando elas se dispõem e removem o óbice da culpa que detém, como à força, o amor divino. Esta verdade é uma das que mais admiração causam aos bem-aventurados que no céu a conhecem.

Louva-o por esta infinita bondade, e também porque dos males tira grandiosos bens. Assim fez com a incredulidade dos Apóstolos, da qual se serviu para manifestar o atributo de sua misericórdia com eles. Para todos tornou mais crível sua santa Ressurreição e mais evidente o perdão dos pecados. Perdoou aos apóstolos e, como esquecendo suas culpas, apareceu-lhes para buscá-los. Condescendente como verdadeiro pai, esclareceu-os e os instruiu conforme sua necessidade e pouca fé.



CAPÍTULO 28

MARIA, DEPOIS DA RESSURREIÇÃO DO SENHOR. MÃE E RAINHA DA IGREJA. APARIÇÕES DE CRISTO POR OCASIÃO DA ASCENSÃO.

Insatisfação da Escritora

1495. Em todo o decurso desta divina História, a grandeza e abundância dos mistérios me tornou pobre em palavras.

Na divina luz, muito é apresentado ao entendimento e pouco o que as razões conseguem traduzir. Esta desproporção e carência, sempre me produziu grande constrangimento, porque a inteligência é fecunda e a palavra estéril; o parto das razões não correspondem à gestação do conceito. Fico sempre com receio dos termos que emprego e muito insatisfeita com o que digo, porque é insuficiente, e não posso evitar essa falta preenchendo a distância entre o falar e o entender.

Encontro-me agora nestas condições, para explicar o que me foi dado a conhecer dos ocultos mistérios e altíssimos sacramentos realizados com Maria santíssima, durante os quarenta dias, entre a Ressurreição e ascensão ao céu de seu Filho e nosso Redentor.

Depois da Paixão e Ressurreição, o estado em que o poder divino a colocou foi novo e mais elevado. As obras foram mais ocultas, os favores proporcionados à sua eminentíssima santidade e à vontade de quem fazia, pois esta vontade era a regra por onde os media.

Se fosse escrever tudo o que me foi manifestado, seria preciso estender esta História em inúmeros livros. Pelo que eu disser, se poderá perceber um pouco de tão divinos sacramentos, para a glória desta grande Rainha e Senhora.

Maria e os Santos

1496. Já ficou dito acima, no começo do capítulo passado[1], que durante os quarenta dias depois da Ressurreição, Jesus permanecia no Cenáculo em companhia de sua Mãe santíssima. Quando se ausentava para fazer algumas aparições, voltava logo para junto d'Ela.

Qualquer juízo sensato compreenderá que, estando juntos os dois Senhores do mundo, gastariam aquele tempo em obras divinas e admiráveis que ultrapassam qualquer humano pensamento. O que destes mistérios me foi dado a entender, é inefável. Às vezes mantinham diálogos de incomparável suavidade e sabedoria.

Para a Mãe amantíssima, produziam uma espécie de gozo que superava qualquer júbilo e consolo imaginável, embora fosse inferior à visão beatífica. Noutras vezes, a grande Rainha, com os Patriarcas e Santos glorificados que ali estavam, ocupavam-se em louvar e enaltecer ao Altíssimo.

1 - nº 1477.

Recebeu Maria santíssima conhecimento de todas as obras e merecimentos desses santos: dos benefícios, favores e dons que cada um recebera do Onipotente; dos mistérios, figuras e profecias de que os antigos Pais foram protagonistas. De tudo estava tão instruída e tinha tão presente e fácil na memória para o contemplar, do que nós para recitar a Ave Maria.

A prudentíssima Senhora considerou as grandes razões que todos aqueles Santos tinham, para bendizer e louvar o Autor de todo o bem, não obstante já o fazerem na visão beatífica.

Ao falar com eles, a divina Princesa mostrou desejo de que eles dessem graças, louvassem e glorificassem o Senhor juntamente com Ela.

Louvores de Maria a Jesus

1497. Condescendeu com a Rainha, aquele sagrado coro de santos, e ordenadamente puseram-se a desempenhar este divino ofício. Todos eles formavam um coro, dizendo cada qual um verso, ao que, sozinha, respondia com outro a Mãe Soberana. Nestes alternados cânticos, a grande Senhora dizia tantos louvores por si só, quantos os Santos e anjos juntos. Estes também se reuniam àquele coral, novo e admirável para eles e para os demais bem-aventurados.

A sabedoria e reverência que a divina Princesa manifestava em carne mortal, excedia a de todos que estavam, libertos da carne, gozando a visão beatífica.

O que realizou Maria santíssima nesses dias, excedeu à capacidade e imaginação humana. Os elevados motivos de sua divina prudência, foram dignos de seu fidelíssimo amor. Compreendendo que seu Filho santíssimo permanecia no mundo, principalmente por causa d'Ela, para fazer-lhe companhia e consolá-la, determinou retribuir-lhe este amor no modo que lhe era possível.

Por isto, ordenou que, na terra, não faltasse ao Senhor os contínuos louvores que os santos lhe dão no céu. Participando pessoalmente neste culto de louvor a seu Filho, sublimou-os na perfeição e transformou a casa do Cenáculo em céu.

Coral celeste no Cenáculo

1498. Assim passou a maior parte daqueles quarenta dias, e neles foram compostos mais cânticos e hinos, do que todos os que nos deixaram os santos e profetas. Às vezes intercalavam os salmos de David e as profecias da Escritura, parafraseando-as e interpretando seus profundos e divinos mistérios. Então, distinguiam-se mais os santos Pais que os haviam profetizado, reconhecendo os dons que receberam da divina destra, quando lhes foram revelados tantos e tão veneráveis sacramentos.

Era também admirabilíssimo o gozo da Senhora, quando respondia à sua Mãe sant'Ana, a seu pai São Joaquim, a São José, ao Batista a aos grandes Patriarcas. Em carne mortal, não se pode conceder estado mais imediato à fruição beatífica, do que então gozou nossa grande Rainha e Senhora.

Outra grande maravilha sucedeu naquele tempo: as almas dos justos que morreram em graça, naqueles quarenta dias, iam ao Cenáculo e, se não tinham dívidas que expiar, eram ali beatificados.

Os que deviam ir ao purgatório esperavam ali sem ver o Senhor, algumas, três dias, outras, cinco ou mais. Durante esses dias, a Mãe de misericórdia satisfazia por elas, com genuflexões, prostrações ou outras penitências, e ainda mais com o ardentíssimo amor de caridade com

que orava por elas, aplicando-lhes como satisfação os infinitos méritos de seu Filho.

Com este socorro se lhes abreviava e aliviava a pena de não ver ao Senhor, pois a pena dos sentidos não a sofriam. Logo que eram beatificadas, reuniam-se ao coro dos santos, e em nome de cada uma, fazia a Rainha altíssimos cânticos ao Senhor.

Súplicas de Maria pelos fiéis

1499. No gozo inefável destes exercícios e alegrias, a Mãe piedosíssima não esquecia a miséria e necessidade dos filhos de Eva, exilados da glória. Mãe de misericórdia, voltando o olhar ao estado dos mortais, fez por todos ferventíssima oração.

Pediu ao eterno Pai, estendesse a nova lei da graça por todo o mundo, e multiplicasse os filhos da Igreja; que a defendesse e amparasse, e que o valor da Redenção fosse por todos aproveitado. Ainda que submetia o efeito desta súplica aos eternos decretos da vontade e sabedoria divina, quanto ao afeto, a amorosa Mãe desejava para todos a vida eterna, fruto da Redenção.

Além desta súplica em geral, rezou em particular pelos apóstolos, especialmente por São João e São Pedro; o primeiro, por lhe ser filho adotivo e o segundo, por ser chefe da Igreja. Pediu também por Madalena, pelas Marias e por todos os fiéis que então pertenciam à Igreja e pela exaltação da fé e do nome de seu santíssimo Filho Jesus.

Maria no trono da Santíssima Trindade

1500. Poucos dias antes da Ascensão do Senhor, estando sua Mãe santíssima no Cenáculo, num dos exercícios que descrevi, apareceu o Pai eterno e o Espírito Santo em trono de inefável resplendor, sobre os coros de anjos e santos que ali assistiam e outros espíritos celestes que vinham acompanhando as divinas Pessoas. A do Verbo humanado subiu ao trono, com as outras duas, e a sempre humilde Mãe do Altíssimo prostrou-se em terra, retirada a um canto, de onde adorou, com suma reverência, à santíssima Trindade e n'Ela, a seu Filho humanado.

O eterno Pai ordenou a dois dos supremos anjos que chamassem Maria santíssima. Obedeceram imediatamente e, com suavíssima voz, lhe comunicaram o desejo do Senhor. Ergueu-se do pó, com profunda humildade e veneração, e acompanhada pelos anjos chegou aos pés do trono, onde novamente se humilhou.

Disse-lhe o eterno Pai: Amiga, sobe mais alto (**Lc 14, 10**). Operando estas palavras o que significavam, foi pelo poder divino elevada e colocada no trono da real Majestade, com as três divinas Pessoas.

Aos santos produziu nova admiração, ver uma pura criatura elevada à tão excelsa dignidade. Compreendendo a equidade e santidade das obras do Altíssimo, deram-lhe nova glória e louvor, confessando-o Grande, Justo, Poderoso, Santo e admirável em todos os seus conselhos.

Maria, Mãe e Mestra da Igreja

1501. Disse o Pai a Maria santíssima: Minha filha, a Igreja que meu Unigênito fundou, a nova lei da graça que ensinou ao mundo e o povo que remiu, tudo entrego e recomendo a Ti.

Acrescentou o Espírito Santo: Esposa minha, escolhida entre todas as criaturas, comunico-te minha sabedoria e graça, para serem depositados em teu co-

ração os mistérios, obras, doutrina e quanto realizou no mundo o Verbo humanado.

O Filho, então, falou: Minha Mãe amantíssima, vou para meu Pai, e te deixo no meu lugar, para cuidares de minha Igreja; encomendo-te seus filhos, meus irmãos, como meu Pai a Mim os confiou.

Em seguida, as três divinas Pessoas dirigiam-se aos anjos, santos e demais justos, declarando: Esta é a Rainha de tudo o que é criado no céu e na terra.

É a Protetora da Igreja Senhora das criaturas, Mãe de piedade, Intercessora dos fiéis, Advogada dos pecadores, Mãe do amor formoso e da santa esperança **(Ecli 24, 24)**, poderosa para inclinar nossa vontade à clemência e misericórdia. Nela ficam depositados os tesouros de nossa graça, e seu coração fidelíssimo será as tábuas onde fica gravada a nossa lei. Nela se encerram os mistérios que nossa onipotência operou para a salvação da linhagem humana. É a obra prima de nossas mãos, a quem se comunica e repousa a plenitude de nossa vontade, sem qualquer obstáculo à corrente de nossas divinas perfeições.

Quem, de coração, a chamar não perecerá; quem alcançar sua intercessão, conseguirá a eterna vida. Quanto nos pedir, lhe será concedido e sempre faremos sua vontade, ouvindo seus rogos e desejos, porque se entregou inteiramente ao nosso beneplácito.

Ouvindo Maria santíssima estes favores tão inefáveis, humilhou-se, abaixando-se até o pó, na medida em que a destra do Altíssimo a exaltava sobre todas as criaturas humanas e angélicas. Como se fôra a menor de todas, adorando ao Senhor, ofereceu-se, com prudentíssimas palavras e ardentíssimos afetos, para trabalhar como fiel serva na santa Igreja, e obedecer pontualmente à divina vontade em tudo quanto lhe ordenasse.

Desde aquela hora, aceitou de novo o cuidado da Igreja, como amorosíssima Mãe de todos seus filhos. Renovou

as súplicas que até então fizera por eles, de modo que, pelo decurso de toda sua vida, foram incessantes e ferventíssimas. Veremos na terceira parte, onde se conhecerá mais claramente o que a Igreja deve a esta grande Rainha e Senhora, por todos os benefícios que lhes mereceu e obteve.

Por este favor e pelos que adiante direi, ficou Maria santíssima com uma espécie de participação no ser de seu Filho, que não encontro termos para explicar. Comunicou-lhe seus atributos e perfeições, em medida correspondente ao seu ministério de Mãe e Mestra da Igreja, suplente do próprio Cristo. Elevou-a à nova ciência e poder, com que nada lhe foi oculto, quer dos mistérios divinos, quer dos corações humanos.

Soube como e quando deveria usar o poder divino do qual participava sobre os homens, os demônios e todas as criaturas. Numa palavra, quanto pode caber em pura criatura, tudo recebeu e possuiu plena e dignamente nossa Rainha e Senhora.

Destes sacramentos, foi dada alguma luz a São João, para que conhecesse o grau em que devia apreciar e estimar o inestimável valor do tesouro que lhe fora confiado. Desde aquele dia, concebeu novo cuidado em venerar e servir a grande Senhora.

Últimas aparições de Jesus

1502. Outras maravilhas e favores operou o Altíssimo com Maria santíssima durante aqueles quarenta dias. Nenhum passou, sem se mostrar poderoso e santo em alguma graça especial, como querendo enriquecê-la de novo, antes de sua partida para o céu.

Esgotava-se o tempo determinado pela Sabedoria, para voltar a seu eterno Pai, depois de haver provado sua Ressurreição, com evidentes aparições e muitas provas, como diz São Lucas **(At 1, 3)**. Finalmente, determinou Jesus aparecer novamente a todo o grupo de apóstolos, discípulos e discípulas reunidos: eram cento e vinte pessoas. Esta aparição foi em Jerusalém, no Cenáculo, no mesmo dia da Ascensão, em seguida a que São Marcos refere, no último capítulo, verso 14, pois tudo aconteceu no mesmo dia.

Estando os apóstolos na Galiléia, segundo lhes ordenara o Senhor **(Mt 28, 10)**, viram-no às margens do mar de Tiberíades **(Jo 21, 1)**, conforme dissemos acima[2]; São Mateus conta que lhes apareceu no monte onde O adoraram **(Mt 28, 17)**; São Paulo declara que foi visto por quinhentos discípulos reunidos **(1Cor 15, 6)**. Depois destas aparições, voltaram a Jerusalém, dispondo-o assim o Senhor, para que estivessem presentes à sua admirável Ascensão. Estando os onze apóstolos juntos à mesa, entrou o Senhor, como dizem São Marcos **(16, 14)** e São Lucas nos Atos **(1, 4)**.

Comeu com eles, com admirável condescendência e afabilidade, moderando a resplandecente beleza de sua glória, para permitir que todos O vissem. Terminada a refeição, falou-lhes com grave mas benigna majestade, dizendo-lhes:

Promessas para o estabelecimento da Igreja

1503. Sabei, meus discípulos, que meu eterno Pai deu-me todo poder no céu e na terra **(Mt 28, 18)**. Dele quero fazer-vos participantes, para estabelecerdes minha Igreja em todo o mundo. Tendes sido incrédulos e de coração lento para acabar de crer em minha Ressurreição, mas já é tempo que, como fiéis discípulos meus, sejais mestres da fé para todos os homens. Pregando o Evangelho que de

2 - nº 1400.

mim recebestes, aos que crerem, batizai em nome do Pai, do Filho (que sou Eu) e do Espírito Santo **(Mt 28, 16-19)**. Os que crerem e forem batizados serão salvos, mas os que não crerem serão condenados **(Mc 16, 16)**.

Ensinai aos crentes a observarem tudo o que contém minha santa lei. Para confirmá-la, farão grandes sinais e prodígios **(Mc 16, 17-18):** expulsarão os demônios de onde estiverem; falarão línguas desconhecidas; curarão as picadas de serpentes e se tomarem mortal veneno, não lhes fará mal; darão saúde aos enfermos impondo as mãos sobre eles.

Estas foram as maravilhas que Cristo, nosso Salvador, prometeu para fundar sua Igreja com a pregação do Evangelho. Todas se realizaram com os apóstolos e fiéis da primitiva Igreja. Para sua propagação nas partes do mundo, onde ainda não se encontra, e para sua conservação onde já se estabeleceu, continuam os mesmos sinais, quando e como sua providência julga necessário, pois nunca desampara a santa Igreja, sua esposa diletíssima.

Aparição de Jesus aos cento e vinte discípulos

1504. Neste mesmo dia, por disposição divina, enquanto o Senhor se encontrava com os onze discípulos, foram-se reunindo na casa do cenáculo outros fiéis e piedosas mulheres, alcançando o número de cento e vinte. Desejou o divino Mestre que estivessem presentes à sua ascensão, instruindo-os como aos onze apóstolos, do que lhes convinha saber antes de sua subida ao céu, para depois se despedir de todos juntos.

Estando assim congregados na paz e caridade, na sala onde fôra celebrada a ceia, o Autor da vida manifestou-se a todos, e com aprazível semblante de amoroso pai, disse-lhes:

Últimas recomendações de Jesus

1505. Meus amados filhos, Eu subo para o Pai de cujo seio desci para salvar e redimir os homens. Por amparo, mãe, consoladora e advogada, vos deixo em meu lugar a minha Mãe, a quem deveis ouvir e obedecer em tudo. Assim como tenho dito que, quem vê a Mim vê a meu Pai **(Jo 14, 9)**, e quem me conhece, conhecerá a Ele também; agora vos asseguro que, quem conhecer minha Mãe, conhecerá a Mim; quem ouve a Ela, ouve a Mim; quem lhe obedece, obedecerá a Mim; ofender-me-á quem a Ela ofender, e me honrará, quem a Ela honrar. Todos vós, e vossos sucessores, a tereis por mãe, superior e chefe. Ela esclarecerá vossas dúvidas e resolverá vossas dificuldades; n'Ela me encontrareis sempre que me procurardes, porque n'Ela estarei até o fim do mundo, e agora o estou, ainda que de modo oculto para vós.

Isto disse Jesus, porque estava sacramentado no peito de sua Mãe, pela conservação das espécies que recebeu na ceia, até a consagração da primeira missa, como adiante direi[3]. Assim se cumpriu a palavra do Senhor dita naquela ocasião, como refere São Mateus **(28, 20)**: Estou convosco até o fim do mundo.

Acrescentou ainda Jesus: Tereis a Pedro por suprema cabeça de minha Igreja, onde o deixo por meu Vigário; obedecer-lhe-eis como a sumo pontífice. A João tereis por filho de minha Mãe, como Eu o nomeei do alto da cruz.

O Senhor olhava sua Mãe santíssima que estava presente, e lhe fazia compreender que se inclinava a ordenar a toda aquela assembléia, venerá-la com o culto

3 - 3ª Parte, nº 125.

que sua dignidade de Mãe pedia, e deixar este culto instituído na Igreja.

A humilíssima Senhora, porém, suplicou a seu Unigênito, não lhe dar mais honra do que a necessária para ser praticado tudo o que deixara recomendado, e que os novos filhos da Igreja não lhe prestassem maior veneração do que até aquele momento. Desejava que todo o culto se dirigisse diretamente ao Senhor, servindo à propagação do Evangelho e à exaltação de seu nome.

Concordou Cristo, nosso Salvador, com este prudentíssimo desejo de sua Mãe, reservando para tempo conveniente e oportuno, torná-la mais conhecida. Ocultamente, porém, não deixou de lhe fazer insignes favores, como diremos no resto desta História.

Sentimentos dos fiéis

1506. A amorosa exortação do divino Mestre, os mistérios que manifestou e as despedidas que começou a fazer, encheu a todos os corações de indizível comoção. Neles acendeu-se a chama do divino amor, com a viva fé dos mistérios de sua divindade e humanidade. A memória de sua doutrina e palavras de vida, a saudade de sua agradável presença e conversação, e o sentimento de se verem privados de tantos bens a um só tempo, provocou-lhes terno e sentido pranto do íntimo da alma.

Quereriam retê-lo e não podiam, porque não convinha; queriam se despedir e não acertavam.

Entre suma alegria e piedosa dor, intimamente pensavam: Como viveremos sem tal Mestre? Quem nos dirá palavras de vida de consolo como as suas? Quem nos acolherá com tão amoroso e aprazível semblante? Quem será nosso Pai e nosso amparo? Ficamos órfãos no mundo.

Alguns quebraram o silêncio exclamando: Oh! amantíssimo Senhor e Pai nosso! Oh! alegria e vida de nossas almas! Agora que te conhecemos por nosso Redentor, te ausentas e nos desamparas? Leva-nos, Senhor, contigo, não nos expulseis de vossa vista! Oh! esperança nossa, que faremos sem tua presença? Para onde iremos, se nos deixais? Para onde dirigiremos nossos passos, se não te seguimos como a nosso Pai, guia e Mestre?

A estas e a outras dolorosas exclamações, respondeu-lhes Jesus que não saíssem de Jerusalém e ficassem em oração até lhes enviar o Espírito Santo Consolador prometido pelo Pai, como no

Cenáculo havia dito aos Apóstolos. Depois disto, aconteceu o que direi no capítulo seguinte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

Louvor a Deus pela santidade de Maria

1507. Minha filha, é justo que, admirada pelos ocultos favores que Eu recebi da destra do Onipotente, desperte-se teu afeto para bendize-lo e dar-lhe eternos louvores por obras tão admiráveis. Ficam ainda muitas outras para as conheceres, fora da carne mortal.

Durante tua vida na terra quero que, desde hoje, tenhas por ofício próprio, louvar e exaltar o Senhor, porque sendo Eu formada da massa comum de Adão, me levantou do pó, manifestou em Mim o poder de seu braço (**Lc 1, 51**), e fez tão grandes coisas com quem não as pode dignamente merecer.

Para te exercitares nestes louvores do Altíssimo, repete muitas vezes, em meu nome, o cântico do Magnificat (**Lc 1, 46**), no qual as resumi brevemente. Quando estiveres sozinha o dirás prostrada em terra, com genuflexões, e mais do que tudo, com íntimo afeto de amor e veneração. Este exercício que te aconselho, ser-me-á muito agradável e aceito, e o apresentarei ao Senhor, se o fizeres como desejo.

Oportunidade do culto a Maria

1508. Como novamente te admiras, de que os Evangelistas não tenham escrito estas obras que o Senhor realizou comigo, repito o que outras vezes já te manifestei, pois desejo que os mortais não o esqueçam: Eu mesma ordenei aos Evangelistas, não escreverem sobre Mim mais excelências do que as necessárias, para fundar a Igreja nos artigos da fé e mandamentos da divina lei.

Mestra da Igreja, conheci pela ciência que o Altíssimo me infundiu para este ofício, que assim era conveniente em seus princípios. A exposição de minhas prerrogativas, por ser Mãe de Deus e cheia de graça, a divina Providência reservou para tempo oportuno e conveniente, quando a fé estivesse mais desenvolvida e estabelecida.

Durante os tempos passados, foram-se manifestando alguns mistérios pertencentes a Mim. A plenitude desta luz, porém, foi dada a ti, pobre e vil criatura, pela necessidade do infeliz estado do mundo atual. A divina piedade quer dar aos homens este meio tão oportuno, para todos buscarem o remédio e a salvação eterna, por minha intercessão. Sempre entendeste assim, e para a frente entenderás melhor ainda.

Não obstante, em primeiro lugar que-ro que te ocupes toda na imitação de minha vida e na contínua meditação de minhas virtudes e obras, para alcançares a vitória que desejas, sobre os meus e teus inimigos.

CAPÍTULO 29

A ASCENSÃO DE CRISTO AO CÉU. É ACOMPANHADO PELOS SANTOS QUE O ASSISTIAM. LEVA CONSIGO A MÃE SANTÍSSIMA PARA LHE DAR A POSSE DA GLÓRIA.

Testemunhas da Ascensão

1509. Chegou a felicíssima hora em que o Unigênito do eterno Pai, que pela encarnação descera do céu, deveria a ele subir com admirável e própria ascensão. Iria assentar-se à destra que lhe pertencia, como herdeiro de sua eternidade, engendrado de sua substância, em igualdade de natureza e glória infinita.

Subiu tanto, porque antes desceu até o ínfimo da terra, como diz o Apóstolo **(Ef 4, 9)**, tendo cumprido todas as coisas que, de sua vinda ao mundo, de sua vida, morte e redenção humana, estão escritas. Como Senhor de tudo, penetrou até o centro da terra e colocou o selo em todos os seus mistérios, com este de sua Ascensão. Deixou prometido o Espírito Santo que não viria, se primeiro não subisse aos céus **(Jo 16, 7)**. Com o Pai, de lá o enviaria à sua nova Igreja.

Para celebrar este dia tão festivo e misterioso, escolheu Cristo, nosso bem, por especiais testemunhas, as cento e vinte pessoas que se reuniram no Cenáculo, conforme disse no capítulo passado. Eram: Maria santíssima, os onze Após-tolos, os setenta e dois discípulos, Maria Madalena, Marta e Lázaro irmão de ambas, as outras Marias e alguns fiéis, homens e mulheres, até preencher o número de cento e vinte.

Jesus e os fiéis dirigem-se para o monte das Oliveiras

1510. Com este pequeno rebanho, saiu do Cenáculo nosso divino Pastor Jesus. Tendo a seu lado a bendita Mãe e à sua frente os demais, caminharam pelas ruas de Jerusalém até Betânia que dista menos de meia légua, chegando ao pé do monte das Oliveiras.

O cortejo dos anjos, e o dos santos tirados do limbo e do purgatório, seguiram o glorioso triunfador com novos cânticos de louvor, mas só Maria santíssima gozava desta visão.

Já fôra divulgada, por toda Jerusalém e Palestina, a Ressurreição de Jesus Nazareno, ainda que a pérfida malícia dos príncipes dos sacerdotes procurassem divulgar o falso testemunho de que os discípulos o haviam roubado **(Mt 28, 13)**, testemunho que muitos não aceitaram e não deram crédito.

Apesar de tudo, dispôs a divina Providência, que nenhum dos moradores da cidade, quer incrédulos, quer duvidosos, repassem naquela procissão que saía do Cenáculo, nem lhes impedissem a passagem. Nada perceberam, como incapazes de conhecer aquele mistério tão maravilhoso. Além disso, o divino Mestre ia invisível para todos, com exceção dos cento e vinte justos que escolheu para O verem subir ao céu.

Despedida de Jesus

1511. Com esta segurança que o poder do Senhor lhes preveniu, foram caminhando até o ponto mais alto do monte das Oliveiras.

Chegando ao lugar determinado, formaram-se três coros: um de anjos outro de santos e o terceiro dos apóstolos e fiéis que se colocaram em duas alas, entre as quais passou o Salvador. Logo, a prudentíssima Mãe prostrou-se aos pés de seu Filho, adorou-o como verdadeiro Deus e Redentor do mundo, com admirável culto e humildade e lhe pediu a última bênção.

Os demais fiéis, imitando-a, fizeram o mesmo. Entre soluços e suspiros perguntaram ao Senhor se, chegara o tempo de restaurar o reino de Israel (**At 1, 6-8**). Respondeu-lhes Jesus, que aquele segredo pertencia a seu eterno Pai e não lhes convinha saber. Por enquanto, era necessário que, depois de receber o Espírito Santo, pregassem em Jerusalém, na Samaria e em todo o mundo os mistérios da redenção humana.

Ascensão de Jesus. Maria o acompanha

1512. Terminadas as despedidas, o divino Salvador, com aprazível e majestoso semblante, juntou as mãos e por seu próprio poder começou a se elevar do solo, deixando nele os vestígios de seus sagrados pés. Com movimentos suavíssimos, foi subindo pela região do ar, levando após Si os olhos e os corações daqueles filhos primogênitos que, entre suspiros e lágrimas, o seguiam com o amor.

Como ao movimento do primeiro móvel se deslocam também as camadas inferiores do espaço, assim o Salvador levou após Si os coros celestiais dos anjos e dos Santos. Estes O acompanhavam glorificados, uns em corpo e alma e outros só na alma. Todos juntos, ordenadamente, se elevaram da terra seguindo seu Rei, Cabeça e Comandante.

O singular e oculto sacramento que a destra do Altíssimo operou nesta ocasião, foi levar consigo sua Mãe santíssima. No céu, lhe entregaria a posse da glória e do lugar que lhe tinha designado como a Mãe verdadeira, lugar que Ela, por seus méritos, adquirira e esperava receber no futuro. A grande Rainha já estava prevenida para este grande favor, pois seu Filho santíssimo lho havia oferecido durante os quarenta dias que lhe fez companhia, depois de sua milagrosa ressurreição.

Para que nenhuma criatura humana deste mundo conhecesse, por então, este sacramento, e para que o grupo dos Apóstolos e demais fiéis não ficassem sem a assistência de sua divina Mestra, permanecendo com eles em oração até a vinda do Espírito Santo, como se diz nos Atos dos apóstolos (**1, 14**) - fez o poder divino, por modo milagroso e admirável, que Maria santíssima estivesse em dois lugares: ficaria com os filhos da Igreja, acompanhando-os ao Cenáculo e permanecendo com eles; e no mesmo trono do Redentor do mundo subiu ao céu. Ali esteve três dias com o mais perfeito uso das potências e sentidos e, ao mesmo tempo, no Cenáculo, com menos exercício deles.

Explicações da Escritora

1513. Foi a beatíssima Senhora elevada com seu Filho santíssimo e colocada à sua direita, cumprindo-se o que disse David (**Sl 44, 10**), que a Rainha estava à sua direita, vestida de ouro e resplendores de glória, rodeada por

variedade de dons e graças, à vista dos anjos e santos que subiam com o Senhor.

Para que este admirável e grande mistério desperte mais a devoção, inflame a viva fé dos fiéis e os leve a exaltar o Autor de tão raro e jamais imaginado prodígio, aos que lerem este milagre advirto o seguinte: desde que o Altíssimo me declarou sua vontade de que eu escrevesse esta História, e me ordenou executá-lo, repetidas vezes, durante os longos anos que se passaram, Ele manifestou-me diversos mistérios e me descobriu grandes sacramentos dos que deixo escritos e adiante acrescentarei.

A grandeza da matéria exigia esta preparação. Não recebi tudo de uma vez, pois a limitação da criatura não é capaz de tanta abundância. Ao escrever, porém, me é renovada, por outro modo, a luz de cada mistério em particular. A inteligência deles me era dada principalmente nas festas de Cristo nosso Salvador, e da grande Rainha do céu. Especialmente este, de Jesus levar consigo sua Mãe puríssima ao céu no dia da Ascensão, ficando Ela também no Cenáculo por modo milagroso e admirável, eu o conheci sucessivamente em alguns anos, nos mesmos dias.

Razões para se acreditar no prodígio

1514. A segurança que traz consigo a verdade divina não deixa dúvida para o entendimento que a conhece e a vê no mesmo Deus, onde tudo é luz sem mistura de trevas **(1 Jo 1, 5)**, e se conhece o objeto e sua razão de ser. Todavia, para quem ouve a narração destes mistérios, é necessário apresentar à piedade razões e argumentos para o crédito do que lhe é obscuro. Por este motivo, fiquei em dúvida se deveria escrever o oculto sacramento desta subida de nossa Rainha ao céu. Por outro lado, seria grande falta omitir nesta História, maravilha e prerrogativa que tanto a engrandece.

A dúvida me surgiu na primeira vez que conheci este mistério. Agora que o escrevo, porém, não a tenho, depois que disse na primeira parte[1] que ao nascer a Princesa das alturas, criancinha, foi levada ao céu empíreo. Nesta segunda parte[2] escrevi que lhe sucedeu o mesmo duas vezes, durante os nove dias que precederam a Encarnação do Verbo, como preparação digna para tão alto mistério.

Se o poder divino fez com Maria santíssima estes favores tão admiráveis antes de ser Mãe do Verbo, preparando-a para o ser; muito mais crível é que o repetiria depois de já estar consagrada por sua divina maternidade. Trouxera-o em seu virginal seio, dando-lhe forma humana de seu puríssimo sangue; alimentou-o com seu leite e criou-o como verdadeiro Filho. Serviu-o trinta e três anos, seguindo-o e imitando-o em sua vida, paixão e morte, com fidelidade que nenhuma palavra pode explicar.

Razões dos privilégios de Maria

1515. Nestes favores e mistérios de Maria santíssima, são coisas muito diferentes, investigar a razão por que o Altíssimo lhos concedeu e a razão por que os conservou ocultos à sua Igreja, durante tantos séculos.

A primeira razão deve ser explicada e regulada pelo poder de Deus, pelo amor imenso que teve à sua Mãe, e pela dignidade com que a elevou acima de todas as criaturas.

Como os homens, na vida mortal, não chegam a conhecer cabalmente, tanto a dignidade de Mãe, como o amor que lhe teve e tem seu Filho e toda a beatíssima Trindade, tampouco podem compreender os méritos e santidade a que a elevou sua

1 - nº 331. - 2 - nº 72, 90.

onipotência. Por esta ignorância, limitam o poder divino em fazer por sua Mãe tudo o que pôde e foi tudo quanto quis.

Se a Ela só, se deu a Si mesmo por modo tão singular, como fazer-se filho de sua substância, era conseqüente na ordem da graça, fazer com Ela o que com nenhuma outra criatura, nem com toda a linhagem humana devia nem convinha fazer.

Os favores, benefícios e dons que o Altíssimo fez à sua Mãe santíssima, não deviam ser apenas singulares. Sua regra geral é que nenhum recusou de quantos lhe pôde conceder, para reverterem na glória e santidade da Senhora, depois da santidade e glória da humanidade santíssima de Cristo.

Oportunidade da revelação dos mistérios

1516. Quanto a manifestar Deus à sua Igreja estas maravilhas, concorreram outras razões da altíssima providência com que a governa e lhe vai dando novas luzes, segundo a oportunidade dos tempos e necessidades que nela surgem. O feliz dia da graça que despontou no mundo com a Encarnação do Verbo e a Redenção dos homens, tem sua manhã e meio-dia, como terá seu ocaso. Tudo é disposto pela eterna Sabedoria, como e quando convém.

Ainda que todos os mistérios de Cristo e sua Mãe estejam revelados nas divinas Escrituras, nem todos se manifestam ao mesmo tempo. Pouco a pouco, foi o Senhor afastando a cortina das figuras, metáforas e enigmas nas quais foram encerrados muitos mistérios e reservados para tempo oportuno, como os raios do sol ao saírem de sob a nuvem que os esconde.

Não é para admirar, que muitos raios desta luz sejam gradualmente comunicados aos homens. Os próprios anjos, desde a sua criação, conheceram em geral e em substância, o mistério da Encarnação, como o fim para o qual se ordenava o ministério deles junto aos homens. Não foram, porém, manifestados aos espíritos angélicos todas as condições, efeitos e circunstâncias deste mistério; muitas delas só as conheceram depois de cinco mil duzentos e mais anos, da criação do mundo. Estes novos conhecimentos particulares, causavam-lhes admiração e os levavam ao louvor e glorificação do Criador, como em todo o decurso desta História repeti muitas vezes.

Por este exemplo, respondo à estupefação que pode causar o mistério que aqui escrevo sobre Maria santíssima. Estava oculto, até que o Altíssimo o quis manifestar, como os demais que já escrevi e para a frente escreverei.

Argumentos para justificar o assunto

1517. Antes de eu possuir esta compreensão, ao conhecer o mistério do Salvador ter levado consigo sua Mãe santíssima na Ascensão, não foi pequeno meu pasmo, não tanto por mim, quanto pelos outros que o iriam saber.

O Senhor, então, entre outras coisas, fez-me lembrar o que São Paulo deixou escrito na Igreja, quando referiu seu arrebatamento ao terceiro céu **(2 Cor 12, 2)** que foi o dos bem-aventurados. Deixou em dúvida, se foi em corpo ou fora dele, sem afirmar ou negar nenhum destes modos, mas supondo que poderia ser qualquer um deles.

Entendi logo que, se ao Apóstolo, no princípio de sua conversão, aconteceu isso, de modo que pôde ser levado ao céu empíreo corporalmente, e sem antecedentes de méritos e sim de culpas; se conceder-lhe este milagre o poder divino, não traz perigo nem inconveniência para a

Igreja, como se há de duvidar que o Senhor faria este favor à sua Mãe, tão repleta de méritos e de inefável santidade?

Acrescentou-me ainda o Senhor que, se a outros santos, cujos corpos ressuscitaram na ocasião da Ressurreição de Cristo, foi-lhes concedido subir em corpo e alma com Ele; maior razão havia para conceder este favor à sua Mãe puríssima. Ainda que nenhum dos mortais o tivesse recebido, a Maria santíssima, de certo modo, era devido, por ter sofrido com o Senhor.

Era razoável que participasse no triunfo e gozo do Filho. Ao tomar posse da destra de seu eterno Pai, Jesus dava a posse da sua à Mãe que lhe administrara, da própria substância, a natureza humana na qual subia triunfante ao céu.

Como era conveniente que, nesta glória, Filho e Mãe não fossem separados, também o era que ninguém do gênero humano chegasse, em corpo e alma, à posse daquela eterna felicidade primeiro do que Maria santíssima, ainda que fossem seus pais, seu esposo São José e todos os outros. A estes e ao próprio Jesus teria faltado parte do gozo acidental daquele dia, se Maria santíssima não tivesse entrado com eles na pátria celestial. Mãe de seu Redentor, Rainha de toda a criação, não deveria ser posposta a nenhum de seus vassalos, neste favor e privilégio.

Entrada no céu

1518. Estas coerências me parecem suficientes, para que a piedade católica se alegre e console com a notícia deste mistério e de outros semelhantes, que direi adiante na terceira parte.

Voltando ao fio da História, digo que nosso Salvador levou consigo sua Mãe santíssima ao céu, cheia de esplendor e glória, à vista dos anjos e santos, com incrível júbilo e admiração de todos.

Foi muito conveniente que, na ocasião, os Apóstolos e demais fiéis ignorassem o que se passou. Se vissem sua Mãe e Mestra subir com Cristo, sua aflição e desconsolo seriam extremos, sem recurso e alívio, pois o maior que gozavam era saber que ficavam com a beatíssima Senhora e Mãe piedosíssima.

Apesar disto, foram muitos os seus suspiros, lágrimas e íntima dor, quando viram seu Redentor e Mestre amantíssimo ir se afastando na região do ar. Quando iam perdê-lo de vista, interpos-se uma refulgente nuvem entre o Senhor e os que ficavam na terra (**At 1, 9**), e assim desapareceu completamente. Nessa nuvem vinha a pessoa do eterno Pai, que desceu do supremo céu à região do ar, para receber seu Unigênito e a Mãe que lhe deu o ser humano no qual voltava.

Recebeu-os o Pai com um amplexo inseparável de infinito amor e gozo para os anjos que, em inumeráveis exércitos vinham do céu acompanhando a pessoa do eterno Pai. Em poucos momentos, atravessando os elementos e os orbes celestes, chegou esta divina procissão ao lugar supremo do empíreo.

Os anjos que subiram da terra, com seus reis Jesus e Maria, disseram aos que ficaram nas alturas, aquelas palavras de David (**Sl 23, 7**):

Exclamação dos Anjos

1519. Abri, príncipes, abri vossas portas eternas; levantem-se e estejam francas, para entrar em sua morada o grande Rei da glória, o Senhor das virtudes, forte e vencedor, que vem triunfante de todos seus inimigos. Abri as portas do soberano Paraíso e estejam sempre francas, que chega o novo Adão, redentor de toda a linhagem humana, rico em misericórdia (**Ef 2, 4**), com os tesouros de seus

próprios merecimentos, repleto com os despojos e primícias da copiosa redenção **(Sl 129, 7)** que, com sua morte, operou no mundo.

Já restaurou a ruína de nossa natureza e elevou a humana à suprema dignidade de seu próprio ser imenso. Agora volta como rei dos eleitos e redimidos **(2 Tim 4, 8)** que seu Pai lhe deu.

Sua liberal misericórdia deixa aos mortais o poder para, com justiça, adquirirem o direito que perderam pelo pecado. Observando sua lei, merecerão a vida eterna, como irmãos seus e coherdeiros dos bens de seu Pai.

Para maior glória sua e gozo nosso, traz consigo a Mãe de piedade que lhe deu a forma de homem, na qual venceu o demônio. Nossa Rainha vem tão bela e encantadora que deleita a quem a vê. Saí, saí, divinos cortesãos, vereis nosso Rei formosíssimo com o diadema com que sua Mãe o coroou **(Cânt 3, 11)** e Ela coroada com a glória que seu Filho de dá.

Chegada ao céu

1520. Com este júbilo, que excede o nosso pensamento, chegou ao céu empíreo aquela singular e ordenada procissão. Colocados em dois coros, anjos e santos, passaram entre eles Cristo nosso Redentor e sua Mãe beatíssima.

Todos, por ordem, lhes prestaram a respectiva e suprema veneração, cantando novos louvores aos Autores da graça e da vida. O eterno Pai assentou à sua destra, no trono da Divindade, o Verbo humanado, com tanta glória e majestade, que produziu especial admiração e temor reverencial a todos os habitantes do céu.

Com visão clara e intuitiva, conheciam a divindade de infinita glória e perfeições, encerrada e unida substancialmente em uma pessoa, à humanidade santíssima. Esta, aformoseada e sublimada à preeminência e glória resultante daquela inseparável união, glória que nem olhos viram, nem ouvidos ouviram **(Is 64, 4)**, nem jamais pode caber em pensamento criado.

Maria no céu

1521. Nesta ocasião, alcandorou-se a humildade e sabedoria de nossa prudentíssima Rainha. Entre favores tão divinos e admiráveis, permaneceu como o pedestal do trono real, abismada no conhecimento de sua natureza de pura e terrena criatura. Prostrada adorou o Pai, fazendo-lhe novos cânticos de louvor pela glória que comunicava a seu Filho, sublimando a humanidade deificada a tão excelsa grandeza e glória.

Para os anjos e santos foi novo motivo de admiração e gozo, ver a prudentíssima humildade de sua Rainha, de quem,

como de modelo vivo, copiavam, com santa emulação, as virtudes de adoração e reverência.

Ouviu-se, então, a voz do Pai que lhe dizia: Minha filha, sobe mais alto. Seu Filho santíssimo também a chamou: Minha Mãe, levanta-te e vem para o lugar que Eu te preparei, por me teres seguido e imitado. Disse o Espírito Santo: Esposa e amiga minha, recebe meus eternos abraços.

Neste momento, foi manifestado a todos os bem-aventurados o decreto pelo qual a beatíssima Trindade designava para a Mãe felicíssima, por toda a eternidade, a destra de seu Filho. Era a recompensa por lhe ter dado o ser humano com seu próprio sangue, e de o ter criado, servido, imitado e seguido com a maior perfeição possível à pura criatura. Nenhuma outra da natureza humana, antes da Rainha, tomaria posse daquele lugar e estado inamissível, no grau que lhe correspondia. Estava-lhe reservado por justiça, e ali seria colocada depois de sua vida, superior, em suma distância, a todo o resto dos Santos.

Maria quer voltar à terra por amor dos homens

1522. Em cumprimento deste decreto, Maria santíssima foi colocada no trono da beatíssima Trindade, à destra de seu Filho santíssimo. Compreenderam, Ela e os demais Santos, que lhe era dada a posse daquele lugar, não só para a futura eternidade, mas também para nele permanecer desde já, se o quisesse, não voltando ao mundo. A vontade das divinas Pessoas era de que ali permanecesse, mas por sua livre escolha. E, para que Ela escolhesse, foi-lhe manifestada novamente a situação da igreja militante na terra, a necessidade e soledade dos fiéis, cujo amparo se deixava à sua decisão.

A admirável providência do Altíssimo quis dar oportunidade à Mãe de misericórdia para ultrapassar-e a si mesma e empenhar o gênero humano com um ato de clemência e piedade semelhante ao de seu Filho que, para nos redimir, aceitou o estado passível, suspendendo a glória que pôde e devia receber em seu corpo. Nisto também foi imitado pela divina Mãe, para que em tudo Ela se tornasse semelhante ao Verbo humanado.

A grande Senhora, conhecendo perfeitamente o que lhe era proposto, levantou-se do trono e prostrada na presença das três Pessoas, disse: Deus eterno e todo-poderoso, meu Senhor; aceitar este prêmio que vossa dignação me oferece, será descanso para mim. Voltar ao mundo e trabalhar mais na vida mortal entre os filhos de Adão, ajudando os fiéis de vossa santa Igreja, será glória e agrado vosso, e benefício para meus filhos, os desterrados viadores.

Aceito o trabalho e por ora renuncio o descanso e gozo que de vossa presença recebo. Bem conheço o que possuo e recebo, mas o sacrifico ao amor que tendes aos homens. Aceitai, meu Senhor e Dono de todo meu ser, o meu sacrifício, e vossa virtude divina me guie na empresa que me confiaste. Propague-se vossa fé, seja exaltado vosso santo nome. Estenda-se vossa Igreja adquirida com o sangue de vosso e meu Unigênito, que Eu me ofereço novamente para trabalhar por vossa glória e ganhar as almas que puder.

Maria vê a Divindade intuitivamente

1523. Esta jamais pensada renuncia da piedosíssima Mãe e Rainha das virtudes, foi tão agradável à divina aceitação, que logo se viu recompensada. Foi preparada com a purificações e ilumi-

nações que outras vezes referi[3], para ver a Divindade intuitivamente, pois até aquele momento só a vira por visão abstrativa. Estando assim elevada, manifestou-se-lhe o Senhor em visão beatífica e foi cheia de glória e bens celestiais, que não se podem referir nem conhecer nesta vida.

Os dons de Maria são confirmados

1524. O Altíssimo renovou todos os dons que, até então, lhe havia comunicado. Selou-os e confirmou-os no grau que convinha, para reenviá-la como Mãe e Mestra da santa Igreja, e com o título que lhe dera de Rainha de toda criação, Advogada e Senhora dos fiéis. Como em cera branda se imprime o selo, em Maria santíssima, por virtude da onipotência divina, tornou-se a gravar o ser humano e a imagem de Cristo. Com este sinal voltaria à Igreja militante, onde seria jardim verdadeiramente fechado e selado (**Cânt 4, 12**) para guardar as águas da vida.

Oh! mistérios tão veneráveis quanto sublimes! Oh! segredos da Majestade altíssima, dignos de toda reverência! Oh! caridade e clemência de Maria santíssima, jamais cogitada pelos ignorantes filhos de Eva!

Não foi sem mistério, que Deus colocou nesta única e piedosa Mãe o socorro dos fiéis, seus filhos. Foi artífice para nos manifestar, nesta maravilha, aquele maternal amor que, talvez em outros muitos fatos, não acabaríamos de conhecer. Foi disposição divina que nem a Ela faltasse esta excelência, nem a nós esta dívida e exemplo tão admirável para nosso estímulo.

À vista de tal generosidade, a quem pareceria muito o que fizeram os santos e sofreram os mártires, privando-se de momentânea satisfação para conquistar o descanso, quando nossa Mãe amorosíssima se privou do verdadeiro gozo para voltar a socorrer seus filhinhos? Que desculpa terá nossa confusão quando, nem para agradecer este benefício, nem para imitar este exemplo, nem para empenhar esta Senhora, nem para conquistar sua eterna companhia com a de seu Filho - não queremos nos privar de um leve e falso deleite, que nos acarreta sua inimizade e a própria morte?

Bendita seja tal mulher, louvem-na os céus e chamem-na ditosa e bem-aventurada todas as gerações (**Lc 1, 48**).

Maria, mulher forte, Mãe da Igreja

1525. Terminei a primeira parte desta História com a interpretação do capítulo 31 das Parábolas de Salomão. Descrevi, com suas palavras, as excelentes virtudes desta grande Senhora, a única mulher forte da Igreja.

Com o mesmo capítulo posso encerrar esta segunda parte, porque na fecundidade dos mistérios contidos naquela passagem, o Espírito Santo tudo quis ali significar.

No grande mistério de que venho tratando, aqueles conceitos verificaram-se com maior excelência, por causa do estado tão sublime de Maria santíssima, depois da graça que venho referindo. Não me detenho em repetir o que falei no fim da primeira parte, e que serve de base para se entender muito do que poderia dizer aqui. Lá se diz como esta Rainha foi a mulher forte (**Prov 31, 10**) cujo valor e preço veio de longe, dos últimos confins do céu empíreo; da confiança que nela depositou a beatíssima Trindade: que não ficou decepcionado o coração de seu esposo, porque nada lhe faltou de quanto d'Ela esperava.

3 - 1ª Parte, nº 626 e segs.

Foi a nave do mercador a trazer do céu o alimento para a Igreja que plantou com o fruto de suas mãos; aquela que se cingiu de fortaleza, que fortaleceu o braço para fazer coisas grandes; estendeu suas palmas aos pobres e abriu suas mãos aos desamparados; a que saboreou e viu quão boa era esta negociação e seu prêmio na bem-aventurança; ela, que vestiu seus domésticos com vestes duplas; que não deixou apagar sua luz em a noite da tribulação, nem temeu o rigor das provações.

Para tudo isto, antes de baixar do céu, pediu ao eterno Pai o poder, ao Filho a sabedoria, ao Espírito Santo o fogo do seu amor, e a todas as três Pessoas sua assistência e a bênção. Estando prostrada ante o trono, abençoaram-na e a encheram de novas influências e participações da divindade. Despediram-na amorosamente, repleta de inefáveis tesouros de sua graça.

Os santos anjos e justos a enalteceram com admiráveis bênçãos e louvores e voltou à terra, como direi na terceira parte[4]. Ali também descreverei o que realizou na santa Igreja, durante o tempo que n'Ela viveu. Admirou o céu o quanto sofreu e trabalhou para que os homens conseguissem a felicidade eterna. Tendo conhecido o valor da caridade em sua origem e princípio, Deus, **(Jo 4, 16)** nela se abrasou, e seu pão dia e noite foi caridade.

Semelhante à laboriosa abelhinha, desceu da Igreja triunfante à militante, carregada das flores da caridade, para formar o doce favo de mel do amor de Deus e do próximo. Com ele alimentou os filhos recém-nascidos da primitiva Igreja e os criou robustos e consumados adultos na perfeição, para constituírem os fundamentos do alto edifício da Santa Igreja **(Ef 2, 20)**.

4 - 3ª Parte, nº 3.

Os anjos consolam os discípulos

1526. Para encerrar este capítulo, e com ele a segunda parte, voltarei à congregação dos fiéis que deixamos, tão chorosos, no monte das Oliveiras.

Não os esqueceu Maria santíssima em sua glória. Vendo a tristeza e pranto com que, quase absortos, estavam olhando para o céu onde seu Mestre e Redentor desapareceu, voltou a doce Mãe seu olhar para eles, da nuvem na qual subia. Vendo sua dor, amorosamente pediu a Jesus que consolasse aqueles pobres filhinhos que ficavam órfãos na terra. Inclinado pelos rogos de sua Mãe, o Redentor enviou dois anjos com vestes brancas e refulgentes que, em forma humana, apareceram a todos os discípulos e fiéis e lhes disseram **(At 1, 11)**:

Homens galileus, não fiqueis aí a olhar para o céu com tanta admiração. Este Senhor Jesus que se ausentou de vós e subiu ao céu, tornará a voltar com a mesma glória e majestade com que o vistes subir. - Com estas razões e outras que acrescentaram, consolaram os apóstolos, discípulos e os demais para que não desanimassem, e em retiro esperassem a consolação que lhes traria o Espírito Santo prometido pelo divino Mestre.

Sensibilidade e fé

1527. Advirto, porém, que se estas palavras dos anjos foram de conforto para aqueles homens e mulheres, serviram também de repreensão à sua pouca fé. Se ela fosse esclarecida e forte, unida ao puro amor de caridade, não era necessário nem útil ficarem tão suspensos a olhar para o céu; pois, não podiam ver seu Mestre nem detê-lo com aquele amor e saudade tão sensível que lhes prendia os olhos no ar, onde o haviam visto subir. Pela fé

poderiam vê-lo e procurar onde estava e com ela o encontrariam seguramente.

O mais era inútil e imperfeito modo de procurá-lo; pois, para obter que os assistisse com sua graça, não era mister vê-lo corporalmente e lhe falar. Não entender isto, era defeito repreensível para homens tão instruídos e perfeitos.

Durante muito tempo, os apóstolos e discípulos freqüentaram a escola de Cristo nosso bem, beberam a doutrina da perfeição em sua própria fonte, tão pura e cristalina, que já deveriam ser muito espirituais e capazes da mais alta perfeição. Tão infeliz, porém, é nossa natureza em servir aos sentidos e satisfazer-se com o sensível que, ainda ao mais divino e espiritual, quer amar e saborear sensivelmente. Acostumada a esta rudeza, custa-lhe muito dela se libertar e purificar, e pode se enganar quando lhe parece estar amando o melhor objeto com plena segurança e satisfação.

Para nosso ensinamento, fizeram experiência desta verdade os apóstolos, a quem o Senhor havia dito que Ele era a verdade, a luz e o caminho **(Jo 14, 6).** Por Ele chegariam ao caminho de seu eterno Pai, pois a luz não é somente para se mostrar, nem o caminho para se ficar nele parado.

Os discípulos voltam ao Cenáculo

1528. Esta doutrina, tão repetida no Evangelho, ouvida da boca de seu próprio Autor e confirmada com o exemplo de sua vida, poderia ter elevado o coração e o entendimento dos apóstolos à sua compreensão e vivência. Todavia, o gosto espiritual e sensível que gozavam na convivência do Mestre, a segurança com que justamente o amavam, lhes monopolizava as energias da vontade presa aos sentidos.Deste modo, não sabiam ultrapassar aquele estado, não percebendo que naquele gosto espiritual buscavam muito a si mesmos, atraídos pela inclinação ao deleite espiritual que vem pelos sentidos.

Se o Mestre, por Si mesmo, não os deixasse, subindo ao céu, teria sido difícil apartá-los de seu convívio corporal, sem grande amargura e tristeza. Nestas condições, não estariam idôneos para a pregação do Evangelho que deveriam propagar em todo o mundo, a custa de muitos trabalhos, de suor e da própria vida.

Tal ofício não era para homens imaturos e sim corajosos e fortes no amor; não para os apegados e saudosos do gozo sensível do espírito, mas dispostos a passar penúria e abundância, infâmia e boa fama **(2 Cor 6, 8)**, honras e desonras, tristeza e alegria. Nestas vicissitudes, de coração magnânimo e superior a todo o próspero e adverso, deveriam conservar o amor e o zelo da honra de Deus.

Depois desta repreensão dos anjos, voltaram com Maria santíssima do monte das Oliveiras **(At 1, 12)** ao Cenáculo, onde ficaram com Ela em oração, esperando a vinda do Espírito Santo, como veremos na terceira parte.

DOUTRINA QUE ME DEU A RAINHA DO CÉU MARIA SANTÍSSIMA.

A imperfeição humana constrange a bondade divina

1529. Minha filha, darás feliz conclusão a esta segunda parte de minha vida, ficando muito advertida e instruída da eficacíssima suavidade do divino amor, e de sua liberalidade imensa com as almas que não lhe opõem obstáculos. É mais de acordo com a inclinação do sumo Bem e sua vontade santa e perfeita, antes conso-

lar as criaturas do que afligi-las; mais recompensá-las do que castigá-las; mais confortá-las do que entristece-las.

Os mortais, porém, ignoram esta ciência divina. Desejam que da mão do sumo Bem lhes venham as consolações, deleites e prêmios terrestres e perigosos, antepondo-os aos verdadeiros e seguros. Este pernicioso erro, o amor divino corrige quando os emenda com tribulações, aflige com adversidades, instrui-os com castigos.

A natureza humana é tarda, grosseira e rústica. Se não for trabalhada, e se não se quebrar sua dureza, não dá fruto maduro, e com suas inclinações não fica bem disposta para o doce e amabilíssimo trato com o sumo Bem. Assim, é necessário exercitá-la e lapidá-la com o martelo dos trabalhos, e reformá-la no crisol da tribulação, para se tornar idônea e capaz dos dons e favores divinos, aprendendo a não amar os objetos terrenos e falazes onde a morte se esconde.

Amor à Igreja

1530. A Mim pareceu-me pouco o que trabalhara, quando conheci a recompensa que a bondade eterna me preparou. Assim dispôs sua admirável providência, para que Eu voltasse à Igreja militante, por minha livre vontade e escolha. Esta ordem vinha a ser de maior glória para Mim, de exaltação ao santo nome do Altíssimo, e amparo para a Igreja e seus filhos, pelo modo mais admirável e santo.

Pareceu-me obrigação privar-me, durante aqueles anos que vivi no mundo, da felicidade que teria no céu, e voltar a conquistar na terra novos frutos de obras agradáveis ao Altíssimo, pois tudo Eu devia à bondade divina que me ergueu do pó. Aprende, pois, caríssima, deste exemplo, a imitar-me com coragem e esforço, no tempo em que a santa Igreja se encontra tão desconsolada, cercada de tribulações, sem haver entre seus filhos quem a procure consolar.

Quero que generosamente trabalhes nesta causa, sofrendo, orando, pedindo e clamando do íntimo do coração ao Todo-poderoso por seus fiéis, oferecendo tua própria vida se for necessário. Asseguro-te, minha filha, que teu zelo será muito agradável aos olhos de meu Filho santíssimo e aos meus.

Seja tudo pela glória e honra do Altíssimo Rei dos séculos, imortal e invisível (**1 Tim 1, 17**) e de Maria, sua Mãe santíssima, por toda a eternidade.

Índice
5º Livro

Contém: a perfeição com que Maria Ssma. copiava e imitava as operações da alma de seu Filho amantíssimo. Como Ele a informava sobre a lei da graça, artigos da fé, sacramentos e dez mandamentos; a prontidão e perfeição com que a Virgem tudo praticava. A morte de São José. A pregação de São João Batista. O jejum e batismo de nosso Redentor. A vocação dos primeiros discípulos, e o batismo da Virgem Maria, Senhora nossa.

	Nºs.	Pág.
Capítulo 1 - Em Nazaré, o Senhor prepara Maria Ssma. com sofrimento espiritual. Objetivo dessas provações.	712 a 725	1
Capítulo 2 - Maria recebe novamente a visão da alma de seu Filho. Este começa a instruí-la na lei da graça.	726 a 736b	9
Capítulo 3 - Peregrinação anual da sagrada Família a Jerusalém em obediência à lei de Moisés.	737 a 745	15
Capítulo 4 - Viagem de Jesus, aos doze anos, com seus pais a Jerusalém. Fica no Templo sem eles saberem.	746 a 757	19
Capítulo 5 - Depois de três dias, o Menino Jesus é encontrado no Templo, discutindo com os doutores.	758 a 774	25
Capítulo 6 - Jesus continua formando em Maria a imagem e doutrina da lei evangélica. Visão que Maria recebeu.	775 a 784	33
Capítulo 7 - Explicação mais expressa sobre o modo e finalidade do Senhor ao instruir Maria Ssma.	785 a 794b	39
Capítulo 8 - Explicação do modo como a grande Rainha praticava a doutrina do Evangelho, ensinada por seu Filho Ssmo.	795 a 806	45
Capítulo 9 - Maria e os artigos da fé que a santa Igreja iria crer.	807 a 816	51
Capítulo 10 - Maria Ssma. recebe nova luz sobre os dez mandamentos.	817 a 829a	57
Capítulo 11 - Da inteligência que teve Maria Ssma. sobre os sete sacramentos que Cristo iria instituir, e os cinco preceitos da Igreja.	830 a 845	63
Capítulo 12 - Oração de Cristo e Maria pelos homens.	846 a 854	71
Capítulo 13 - Maria aos 33 anos de idade. Sustenta a família com o seu trabalho.	855 a 863	77
Capítulo 14 - Os últimos anos de S. José. Seus sofrimentos, enfermidades e como era servido pela Rainha do céu, sua Esposa.	864 a 872	83

Capítulo 15 - O feliz trânsito de S. José, assistido por Jesus e Maria. .....873 a 885.... 89

Capítulo 16 - Privilégios de S. José. .....886 a 894.... 95

Capítulo 17 - Vida de Maria depois da morte de São José. .....895 a 908.... 99

Capítulo 18 - Vivência entre Jesus e Maria antes da vida pública....909 a 919.... 107

Capítulo 19 - Cristo começa a preparar sua pregação, dando alguma notícia da vinda do Messias. Sua Mãe Ssma. o assiste Perturba-se o inferno. .....920 a 932.... 113

Capítulo 20 - Conciliábulo no inferno contra Cristo e sua Mãe Ssma. .....933 a 941.... 119

Capítulo 21 - Por ordem do Espírito Santo, S. João começa a pregar e envia à divina Senhora uma cruz que possuía. .....942 a 950.... 125

Capítulo 22 - Maria Ssma. oferece ao eterno Pai seu Filho para a redenção humana. Recebe uma visão clara da Divindade. Jesus d'Ela se despede para ir ao deserto. .....951 a 964.... 131

Capítulo 23 - Maria na ausência de seu Filho. Suas ocupações e colóquios com os santos anjos. .....965 a 973.... 139

Capítulo 24 - Jesus é batizado por S. João nas margens do Jordão. S. João pede ser batizado pelo Senhor. .....974 a 984.... 143

Capítulo 25 - Depois do batismo, Cristo dirige-se ao deserto onde vence nossos vícios com suas virtudes. Sua Mãe Ssma. o imita perfeitamente. .....985 a 994.... 149

Capítulo 26 - Cristo permite ser tentado por Lúcifer, depois do jejum. O Senhor o vence, e sua Mãe Ssma. tem notícia do que se passou. .....995 a 1008.. 155

Capítulo 27 - Jesus deixa o deserto, volta onde estava S. João, trabalha na Judéia até chamar os primeiros discípulos. Maria Ssma. o imita em tudo. .....1009 a 1016a 163

Capítulo 28 - Jesus chama os primeiros discípulos na presença do Batista e começa a pregação. O Altíssimo ordena que a divina Mãe O acompanhe. .....1017 a 1024. 167

Capítulo 29 - Volta de Cristo a Nazaré com os cinco primeiros discípulos. Batismo de Maria Ssma. .....1025 a 1032. 173

Índice
6º Livro

Contém: As bodas de Caná na Galiléia; como a Mãe do Redentor do mundo acompanhou-o na pregação; humildade da divina Rainha por ocasião dos milagres de seu Filho santíssimo; transfiguração de Cristo; sua entrada em Jerusalém; sua paixão e morte; o triunfo que obteve na cruz sobre Lúcifer e seus sequazes; a santíssima Ressurreição do Salvador e sua admirável ascenção ao céu.

	Nºs	Pág.
Capítulo 1 - Início da manifestação do Salvador pelo milagre nas bodas de Caná a pedido de sua Mãe Ssma.	1033 a 1043..	179
Capítulo 2 - Maria Ssma. o acompanha e colabora com o Salvador em sua pregação e, em tudo, procede com suma perfeição.	1044 a 1052..	185
Capítulo 3 - Humildade de Maria Ssma. nos milagres de Cristo. Ensinou-a aos Apóstolos.	1053 a 1065..	191
Capítulo 4 - Perturbação dos demônios ante os milagres de Cristo. Herodes prende e manda degolar S. João Batista.	1066 a 1078..	199
Capítulo 5 - Os favores que os Apóstolos de Cristo receberam pela devoção por sua Mãe Ssma. Por não a ter, Judas se perdeu.	1079 a 1098..	207
Capítulo 6 - Transfiguração de Cristo no Tabor com a presença de sua Mãe Ssma. Sobem da Galiléia para Jerusalém. A unção feita por Madalena em Betânia.	1099 a 1114..	219
Capítulo 7 - Oculto sacramento que precedeu a entrada triunfante de Jesus em Jerusalém e como foi recebido por seus habitantes.	1115 a 1127..	229
Capítulo 8 - Junta dos demônios no inferno. Reunião dos pontífices e fariseus em Jerusalém.	1128 a 1140..	237
Capítulo 9 - Jesus despede-se de sua Mãe para ir morrer. A Senhora pede-lhe participar da Eucaristia. Acompanha-o a Jerusalém com Madalena e outras piedosas mulheres.	1141 a 1155..	245
Capítulo 10 - A última ceia legal de Cristo. O lava-pés. Maria teve conhecimento de todos esses mistérios.	1156 a 1179..	253
Capítulo 11 - Cristo celebra a ceia sacramental, consagrando na eucaristia seu sagrado Corpo e Sangue. Maria Ssma. comungou. Outros mistérios dessa ocasião.	1180 a 1203..	265
Capítulo 12 - A oração do Salvador no horto e seus mistérios. Participação de sua Mãe Ssma.	1204 a 1222..	277
Capítulo 13 - A prisão do Salvador pela traição de Judas, Mistérios dessa passagem. Atos de Maria Ssma.	1223 a 1239..	287

Capítulo 14 - Fuga e dispersão dos apóstolos. O que fez Maria Ssma. nesta ocasião. Condenação de Judas. Perturbação dos demônios. ... .1240 a 1255.. 297

Capítulo 15 - Jesus é conduzido ao pontífice Anás. Sofrimento de sua Mãe Ssma. ..... .1256 a 1267.. 307

Capítulo 16 - Na casa de Caifás, Jesus é acusado e interrogado. Pedro nega-o duas vezes. O que Maria Ssma. fez nesta ocasião. .1268 a 1282.. 315

Capítulo 17 - Sofrimentos do Salvador em sua prisão noturna. Dor de sua Mãe Ssma. ..... 1283 a 1296.. 323

Capítulo 18 - Processo de Jesus na manhã de sexta-feira. É remetido a Pilatos. Maria sai-lhe ao encontro com S. João Evangelista e as três Marias. .....1297 a 1313.. 331

Capítulo 19 - Pilatos remete Jesus a Herodes. Este o despreza e o reenvia a Pilatos. Maria acompanha Jesus. .....1314 a 1334.. 341

Capítulo 20 - Jesus é açoitado e coroado de espinhos. Participação de Maria Ssma. ..... .1335 a 1353.. 351

Capítulo 21 - Jesus é condenado por Pilatos. Carrega a cruz até o Calvário. É seguido por sua Mãe Ssma. ..... .1354 a 1374.. 361

Capítulo 22 - Crucifixão de Jesus no monte Calvário. As sete palavras que falou na Cruz. Maria Ssma. o assiste com imensa dor. .1375 a 1411.. 373

Capítulo 23 - O triunfo que o Salvador obteve na cruz sobre o demônio e a morte. Profecia de Habacuc. Conciliábulo no inferno..1412 a 1435.. 391

Capítulo 24 - O golpe de lança no lado de Cristo. É descido da cruz e sepultado. O que fez Maria Ssma. até voltar ao Cenáculo..1436 a 1453.. 403

Capítulo 25 - Maria, depois do sepultamento de Cristo. Consolou S. Pedro e os apóstolos. Viu a alma de seu Filho descer ao limbo dos santos Pais. .....1454 a 1465.. 411

Capítulo 26 - Ressurreição de Cristo e aparição à sua Mãe Ssma. acompanhado pelos santos Pais do limbo. .....1466 a 1476.. 419

Capítulo 27 - Algumas aparições de Cristo ressuscitado às Marias e aos apóstolos. .....1477 a 1494.. 425

Capítulo 28 - Maria, depois da ressurreição. Mãe e Rainha da Igreja. Aparições de Cristo. .....1495 a 1508.. 435

Capítulo 29 - Ascenção de Cristo. É acompanhado pelos santos que o assistiam. Leva consigo a Mãe Ssma. para lhe dar a posse da glória. .....1509 a 1530.. 443